

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 68

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Janeiro 1

N. 380

EXPEDIENTE

A exemplo do que temos anteriormente feito, e no intuito de ampliar a circulação da nossa folha, resolvemos instituir os

PREMIOS

seguintes para as pessoas que se dignaram auxiliar-nos, obtendo assignaturas e enviando-nos o respectivo producto.

Assim, a quem tomar as assignaturas do *Reformador* offereceremos, como premio, um exemplar do excellente livro de Léon Denis, *Depois da Morte*, que acaba de ser exposto á venda pela Federação Spiritista Brasileira e tem encontrado a mais lisonjeira acceitação, pelo seu alto valor moral e doutrinario.

A quem nos enviar um pedido de 5 assignaturas, acompanhado igualmente da respectiva importancia, offereceremos um exemplar d' *O porque da vida*, tambem recentemente publicado e devido á penna d'aquelle eminente escriptor, o que constitue a melhor recommendação desse trabalho, aparentemente ligeiro, mas de uma profunda e salutar philosophia.

REFORMADOR

Ao entrar esta folha, com o presente numero, no seu decimo setimo anno de existencia, é-nos extremamente grato inscrever n'estas humildes columnas um publico testemunho de reconhecimento a todos os nossos confrades, d'esta capital, como dos Estados do nosso extenso paiz, que nos têm amparado com o seu concurso tanto de natureza moral como de ordem material ou pecuniaria, seja enviando-nos applausos á conducta que nos temos esforçado por manter nesta pequena tenda de trabalho e de combate, seja contribuindo com valiosos donativos, ou mantendo a sua contribuição annual, para que esta folha se tenha podido manter através de toda a sorte de difficuldades proprias de um empreendimento d'esta ordem, em que o desalento nos viria surprehender, se nos não amparassem tão solidos estímulos, e se, mais do que isso, não nos valesse a misericórdia do Altissimo que dignifica e fecunda a obra dos que, fracos embora, amam o trabalho e a perseverança e desejam servir a causa da verdade.

Imprevistos accidentes têm infelizmente determinado, repetidas vezes, interrupções no trabalho d'esta folha, ocasionando atrazos que, mais do que aos leitores que nol-a reclamam, nos têm affligido e contra os quaes pouco tem conseguido o nosso esforço, que, todavia, longe de esmorecer, mais se sente avigorado para vencel-os.

E o anno que findou não foi dos menos ferteis para nós em semelhantes embarcos. A longa enfermidade de um dos nossos companheiros que tem a seu cargo a maior parte d'esta tarefa, a sua ausencia temporaria fóra d'esta capital, produzindo uma certa desorganização no trabalho interno, irregularidades de ordem, por assim dizer, externa e que dizem respeito á impressão e ao trabalho material da folha, tudo isso contribuiu para essas soluções de continuidade no nosso apparecimento, cuja pontualidade nos preoccupa ha muito tempo, sem que, porém, infelizmente o tenhamos conseguido, de modo a satisfazer as justas exigencias dos nossos assignantes e as solicitações da nossa propria consciencia que, se contra alguma coisa se tem revoltado, é contra essas irregularidades que zombam da nossa boa vontade e de todo o nosso esforço no sentido de trazer o nosso jornal em dia e na altura da sua missão no terreno da propaganda.

Não ha, porém, difficuldades, não ha embarços que não possam ser vencidos por uma vontade que sabe ter a tenacidade e a perseverança dignas das grandes causas. E' isto o que nos encoraja: é esta secreta confiança que devemos ter na bondade de Deus por todas as suas creaturas e na influencia dos grandes e generosos espiritos do espaço, que não regateiam arrimo e protecção, invisiveis mas sensiveis, aos que trabalham de boa vontade e com fé, o que nos anima a proseguir na nossa tarefa, serenos e confiantes em que todas as difficuldades que nos têm vindo assaltar acabarão por desaparecer, e em muito pouco tempo teremos regularizado a nossa distribuição, melhorado o nosso serviço, em uma palavra, melhor correspondido á confiança dos nossos confrades e aos intuitos da obra de evangelização que aqui nos propuzemos.

Aos nossos collegas da imprensa spirita universal, comprehendidos n'esse numero os nossos compatriotas, todos os quaes têm connosco mantido uma cordial permuta, á que nos temos esforçado por corresponder na medida das nossas forças, enviamos os mais sinceros votos de felicidade, no desejo de que o seu trabalho se torne cada vez mais fecundo em bem da propaganda d'esta abençoada doutrina que é a nossa preocupação e o seu triumpho, todos os dias attestado.

Aos nossos confrades, a todos os nossos irmãos em humanidade, não desejamos senão que o novo anno, em cujo limiar penetramos hoje, lhes reserve a paz

de consciencia, o avigoramento da fé, o amor e a fraternidade, que as bênçãos do Céu santificarão, para que se realizem as divinas promessas de Jesus no seio d'esta pobre humanidade, tão assaltada de males, de soffrimentos e de angustias.

A todos, enviemos n'este dia, consagrado á fraternidade universal, uma palavra de affecto e de paz.

Congresso espiritalista

DE

LONDRES (*)

Estudo

SOBRE AS VIDAS SUCCESSIVAS

(MEMORIA APRESENTADA PELO SR. GABRIEL DELANNE)

do ser humano

(Continuação)

A MEMORIA PSYCHICA. — O mecanismo do pensamento, durante a vida, está ligado a um certo consumo do cérebro, como o attestam a elevação de temperatura das camadas corticaes durante o trabalho mental e o augmento dos residuos, excretados sob a forma de sulfatos e de phosphatos (Byasson, Skiff). O perispírito, sendo o substratum do organismo, sofre modificações concomitantes, de sorte que elle contém realmente, em forma de movimentos, todas as modalidades da actividade espirital. Assim uma placa photographica attingida pela luz guarda perpetuamente, por uma reacção chimica fixa e indelevel, o traço da excitação luminosa. Uma serie de imagens pode ser fixada n'essa placa; qualquer que seja o seu numero, as ultimas, superpondo-se sem cessar ás precedentes, não lhes apagarão os contornos, não se dará a destruição, o aniquilamento das primitivas imagens.

Esta analogia é ainda muito afastada, porque, na realidade, o perispírito não é uma substancia solida, de modo que pode registrar milhões de impressões com facilidade maior do que a placa com collodio, que é coagulada em um estado molecular estavel. O facto essencial é a conservação indelevel das sensações. Como diz o professor Richet (1): « do mesmo modo que na natureza nunca ha perda da força cosmica, mas sómente transformação incessante, assim nada se perde do que agita o espirito do homem. E', em um ponto de vista differente, a lei da conservação da energia. Os mares freem ainda em virtude do sulco deixado pelos navos de Pompeu, porque a ondulação da agua não se extinguiu; modificou-se, diffundiu-se, transformou-se em uma multidão de pequeninas ondas, que por sua vez se transformaram em calor, em

acções chimicas ou electricas. Da mesma sorte as sensações que chocaram o meu espirito, ha vinte, ha trinta annos, deixaram em mim o seu traço, posto que este me seja desconhecido. Quando mesmo eu não lhes possa evocar a recordação, de mim mesmo ignorada e inconsciente, posso affirmar que essa recordação não está extinta: é que essas antigas sensações, infinitas em numero e em variedade, exerceram sobre mim uma influencia absolutamente poderosa. »

A experiencia confirma esses ensinós, pois que se pode, em certos sensitivos hypnoticos, despertar successivamente todas as phases de sua vida anterior, mesmo quando inteiramente esquecidas no estado normal (2). Essa resurreição de um passado desaparecido para a consciencia ordinaria prova que nada se perde. Como, porém, pode elle renascer? Para comprehender o que se passa é necessario saber como e quando tem lugar a percepção.

Para que seja percebida uma sensação, ou, por outra, para que se torne ella um estado de consciencia, são indispensaveis duas condições: 1ª a intensidade; 2ª a duração.

A intensidade é um factor de caracter muito variavel; é necessario, entretanto, que a sensação tenha um minimum de força para que se dê a percepção. Nós não ouvimos os sons demasiado fracos, não sentimos os sabores que não têm uma certa importancia. E' porque as percepções não mantêm constantemente a mesma intensidade, que insensivelmente diminuem até ao ponto de já não serem sufficientemente intensas para se conservarem presentes ao espirito; ellas cahem então « abaixo do limiar da consciencia », na phrase do Sr. Ribot (3).

A duração. — O tempo necessario para que seja percebida uma sensação, ou, por dizer diversamente, para que o espirito tome conhecimento da sensação, foi medido pelas sensações visuaes, auditivas e tactis. Posto que os resultados sejam muito differentes, conforme os experimentadores, conforme as pessoas, conforme a natureza dos actos psychicos estudados, ficou pelo menos estabelecido que cada operação intellectual requer uma duração apreciavel, e que a pretendida rapidez infinita do pensamento não passa de uma metaphora. Isto posto, é claro que toda modificação sensorial cuja duração é inferior á que requer a acção psychica não pode despertar a consciencia, assignala-se sem que a alma seja d'isso adverteida.

Durante toda a nossa existencia as sensações e os pensamentos se fixam, pois, em nós com um poder que depende da intensidade e da duração das causas que determinam esses pensamentos e essas sensações; mas ellas não se conservam no campo da consciencia; desaparecem momentaneamente para ceder o lugar a outras; tornam-se, em uma palavra, inconscientes, á medida que diminuem a intensidade e a duração.

(2) Binet, *Les altérations de la personnalité*, pags. 237 e seguintes.

(3) Ribot, *Les maladies de la mémoire*, pags. 22 e seguintes.

(*) Ver os numeros de agosto, setembro, 15 de novembro e 1 e 15 de dezembro.

(1) Richet, *Origines et modalités de la mémoire*, Revue philosophique, junho de 1896.

Desde o nascimento, pois, a nossa alma cria em si uma reserva immensa de sensações, de volições, de pensamentos. Cada espectáculo que contemplamos, cada livro que lemos, cada conversação escutada deixa em nós uma impressão indelevel; as idéas ligam-se e encaixam-se em virtude da lei de associação que tanto tem lugar entre as sensações e as percepções como entre as idéas; o território em que se refugiam, sob a forma de movimentos, esses materiais sem numero, é o perispírito. E' ahí que se inscrevem todas essas aquisições, coexistindo sem se confundirem, sem se misturarem umas com as outras; ellas constituem a bibliotheca viva de cada ser sensível. Esse thesouro que se chama o inconsciente é uma especie de phonographo cinematographico natural que funciona sob a acção da vontade.

Quando o espirito quer haurir n'essa reserva, é obrigado, na maior parte das vezes, a fazer um esforço para se recordar. E' que é preciso que elle restitua a esses estados psychicos subconscientes o memerythmo vibratorio do momento em que se produziram, afim de os revivificar.

Como chegar ahí? A experiencia nos ensina que a attenção tem como resultado augmentar o poder de movimento em um musculo (4). Quando, por acto da vontade, concentramos o pensamento em uma recordação, lançamos em sua direcção uma série de influxos successivos que têm por objecto imprimir ás cellulas e, por consequencia, ao perispírito, o mesmo movimento vibratorio que elle possuía no momento em que foi conscientemente registrado, isto é, percebido. Essa repetição de uma excitação, determinando uma especie de congestão no órgão material, com hyperactividade funcional, produz, abaixo mesmo dos limites da consciencia, uma especie de attenção passiva; depois de uma série de excitações da mesma intensidade, das quaes as primeiras não eram sentidas, a reminiscencia torna-se nitida, ao passo que pouco antes não existia absolutamente. E' facil comprehender como do inconsciente psychico pôde-se passar ao inconsciente organico, mediante a mesma theoria.

A MEMORIA ORGANICA. — Deve-se ir buscar o verdadeiro typo da memoria organica n'esse grupo de factos que Hallett tão acertadamente denominou *acções automaticas secundarias*, em contraposição aos actos automaticos innatos. Essas acções automaticas secundarias, ou movimentos adquiridos, constituem mesmo o fundo da nossa vida quotidiana.

Assim a locomoção, que em muitas especies inferiores é uma propriedade innata, deve ser adquirida no homem, particularmente esse poder de coordenação que mantem o equilibrio a cada passo, pela combinação das impressões tactis e visuaes (5).

Pode-se, de um modo geral, dizer que os membros do adulto e os seus órgãos sensoriaes só funcionam tão rapidamente graças a essa somma de movimentos adquiridos e coordenados que constituem, quanto a cada parte do corpo, sua memoria especial, o capital accumulado sobre que elle vive e mediante o qual elle age, exactamente como o espirito vive e age por meio de suas experiencias passadas. A' mesma ordem pertencem esses grupos de movimentos de um caracter artificial que constituem a aprendizagem de uma tarefa manual, os jogos de destreza, os diferentes exercicios do corpo, etc. E' facil constatar pela observação que a memoria organica, a que nos serve na dança, na natação, na equitação, na dedilhação dos instrumentos de musica, na patinação, etc., assemelha-se em tudo á memoria psychologica, excepto n'um ponto: a ausencia de consciencia.

(4) Ferré, *Sensation et mouvement*, pags. 83 e seguintes.

(5) Ribot, *Les maladies de la mémoire*, pags. 6 e seguintes.

«Quando uma criança aprende a escrever, diz Lewes, é-lhe impossivel mover sósinha a mão; ella move ao mesmo tempo a lingua, os musculos da face e até mesmo do pé. Com o tempo, vem a supprimir os movimentos inuteis.»

Todos nós, quando pela primeira vez ensaiamos um acto muscular, despendemos uma grande parte de energia superflua, que aprendemos gradualmente a restringir até ao necessario. Com o exercicio, os movimentos apropriados se fixam com exclusão dos outros.

Formam-se no perispírito movimentos secundarios que, associando-se aos movimentos motores primitivos, tornam-se mais ou menos estaveis, conforme a repetição mais ou menos frequente dos mesmos actos, e, se estes são tão numerosas vezes reiterados que se possam produzir com uma rapidez sempre maior, chegam a empregar um tempo tão curto que o minimo exigivel — de intensidade e de tempo — para que o esforço seja percebido não é mais attingido; o acto tornou-se inconsciente.

SOMNAMBULISMO NATURAL OU PROVOCADO. — Vimos, pelas experiencias do Sr. de Rochas, que os passes magneticos têm por objecto desprender a alma e o perispírito do corpo, isto é, augmentar a energia radiante do perispírito, ou mais exactamente, permitir-lhe retomar uma parte do seu movimento vibratorio natural, daquelle que elle possui quando está completamente desprendido do corpo.

Facil é comprehender que todas as sensações percebidas durante esse desprendimento serão registradas pelo perispírito com um *tom* vibratorio differente do da existencia normal. Constituir-se-ha uma segunda memoria com minima de tempo e de duração de nenhum modo semelhantes aos da vida ordinaria, de sorte que, ao despertar, a alma do sensitivo não poderá recordar-se de todos os acontecimentos psychicos occorridos durante o seu estado somnambulo.

O desprendimento da alma, porém, está longe de ser sempre identico em um mesmo sensitivo. Ha innumerous graus n'essa exteriorização; d'ahi os successivos sonnos somnambulos denominados os estados profundos da hypnose, separados e caracterizados por memorias especiaes.

E' evidente que a memoria torna-se cada vez mais extensa á medida que augmenta a amplitude do movimento molecular perispiritual, de sorte que a ultima conhece todas as outras. Da-se o phenomeno inverso quando o sensitivo volta ao estado normal. O campo da memoria se restringe por conexão com as zonas successivas que repassam no inconsciente, á medida que a amplitude do movimento diminue.

Não é, por consequente, necessario, para a explicação desses varios estados de consciencia, imaginar personalidades desconhecidas entre si e agindo cada uma de per si, sem laço definido com as outras.

E' sempre a mesma individualidade que se manifesta, pois que ella possui, em seu maximum de potencia, todas as memorias fraccionarias. As differenças que se verificam no caracter que revestem essas personalidades somnambulas, são devidas ás sensações, ás idéas, aos julgamentos especiaes a cada uma d'ellas; mas é sempre com o fundo commun da individualidade que ellas são constituídas. Se me fesse licito pedir á chimica um dos seus termos, por emprestimo, eu diria que as diferentes personalidades somnambulas não são mais do que *estados isomericos da individualidade*.

A natureza nos offerece exemplos d'essas divisões absolutas na memoria. Os casos celebres da doente de Mac Nisch, de Felida, da senhorita R. L., de Luiz V, etc., são phenomenos espontaneos que as observações feitas nos hypnoticos explicam muito bem.

(Continúa)

NOTICIAS

Segundo communicação que gentilmente nos fez o seu digno presidente, nosso confrade Sr. Antonio L. Machado, temos a satisfação de noticiar o funcionamento do Grupo Spiritu Amor a Deus, instalado na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, onde bons serviços, moraes e doutrinaes, vai prestando essa valente agremiação á causa da nova doutrina.

Lemos no *Lumen*, de Barcelona:

No dia 5 de novembro de 1897, a Sra. Cram, estando com outras pessoas reunida ao redor de um aparador, receberam de seus guias espirituales, ella e as outras, a ordem de collocar as mãos uma sobre as outras e diminuir um pouco a luz. A Sra. Cram firmou sobre a mesa a palma da mão, seu marido collocou a sua sobre a della, e as outras pessoas successivamente as suas sobre as d'este. Depois sentiu ella cocegas na mão, e retirando-a, trouxe segura uma mecha de cabellos de seu fallecido pae.

Conta o *Psychische Studien* que, a 22 de março de 1832, dia do pasamento de Goethe, desde pela manhã até a hora em que o poeta expirou, ouviam todos em seu domicilio uma musica mysteriosa. Eram acordes que subiam tumultuosamente e depois desciam docemente, até que cessavam. Todos a ouviam, mas vinda de pontos differentes.

A nora do grande poeta mandou pedir aos visinhos que cessa-sem essa especie de canto que podia incommodar o moribundo, e de todos recebeu a resposta de que partilhavam muito das magoas da familia Goethe para se entregarem a qualquer divertimento. O canto cessou, logo que se effectuou o desprendimento.

Conta o *Spiritualistische Blätter* que o Sr. Von M. G., director de um circulo spirita de Berlin, é cego e medium vidente.

Uma vez deca ou elle estar presente a figura de um homem de cerca de 40 annos, apresentando na cabeça uma ferida que parecia produzida por arma de fogo. Acreditou-se a principio ser o espirito de um individuo que se havia suicidado alguns annos antes n'aquella mesma casa. A' medida, porém, que eram fornecidos novos detalhes sobre o fantasma, disse um medium falante, com quem, sem o poder fazer, o espirito desejava communicar-se, que os signaes eram todos de um seu irmão que se achava na America, mas que este ia muito bem nos seus negocios para tentar suicidar-se.

Oito dias depois recebeu o medium falante a noticia do suicidio de seu irmão, que havia tomado essa resolução desesperada por ter sido acometido de uma molestia incuravel.

O archeologo Walter descobriu, dois metros abaixo do solo, na margem do rio Arkansas, territorio indio da America do Norte, uma jazida de 90 hectares cheia de esqueletos em numero superior a 75.000.

Quasi todos os crâneos estavam perfurados por pontas de flechas ou fendidos por achas de guerra, parecendo esse local o theatro de uma grande batalha.

As universidades de Chicago e Maryland e o Instituto Smithsonian examinaram esses crâneos e acharam que pertencem á raça mayatlteca, que habitava as margens do Mississipi em uma epoca que sobe a 300 seculos (30.000 annos) antes da vinda do Christo.

Os mayas, passando pela estreita collina do Yucatan, invadiram o Mexico, expellindo os munt-hilders desde as baixas montanhas rochosas até ás praias do Mississipi.

Sua civilização apurou-se muito n'esses tempos já tão afastados, mas veio a succumbir sob os golpes da dos Nahuas,

nas proximidades do tempo do nascimento do Messias.

No *Rebus*, de S. Petersburgo, conta o seguinte o Sr. Jaroslavtzev:

Residia elle com sua mãe e uma irmã na provincia de Saratof (Russia), e seu irmão mais velho estava na Siberia, em ponto desconhecido, no desempenho de uma commissão. Com urgencia precisaram em Saratof da certidão de baptismo da joven, e todos os recursos para conseguir a foram infructiferos.

Telegrammas foram transmittidos para diversos pontos da Siberia, sem se conseguir resposta alguma. Em uma sessão spirita, em que se achava o narrador, um medium ficou sonambulizado e disse:

— Em tal compartimento da minha secretária, entre outros papeis, achareis a certidão que procurais.

Perguntou-se o nome do espirito que se manifestava e este deu o do irmão do Sr. Jaroslavtzev.

Grande foi a emoção da familia acreditando que o manifestante tinha deixado a vida corporal.

Achou-se o documento, e, pouco tempo depois, regressando da Siberia, o que fora acreditado morto contou que realmente elle sonhara uma vez ter recebido um telegramma n'esse sentido e haver dado a mesma resposta que o medium deu.

PAGINAS DE AKSAKOF

VII

Já eu disse que o valor de um testemunho depende muito do valor pessoal d'aquelles que o fornecem; chegou, pois, a occasião de traduzir a impressão eminentemente favoravel, por mim colhida, das quatro pessoas que deram uma affirmacão tão importante do facto extraordinario que nos occupa.

Encontrei no Sr. Seiling o homem de sciencia positiva, prompto a estudar todo phenomeno da natureza sem prejuizos e sem idéa preconcebida.

Elle é professor de tecnologia mecanica e de ensino geral de machins na Escola Polytechnica de Helsingfors; é, pois, um homem habituado, em virtude de sua profissão, á precisão mathematica, á medida exacta das coisas, á observação e ao estudo dos phenomenos da natureza, no ponto de vista mecanico.

Tambem fiquei admirado de ver no seu gabinete de trabalho o retrato do philosopho Mainlander; dizendo-lhe isso, elle me expoz a sua predilecção pelas doutrinas d'esse philosopho, doutrinas das quaes elle tinha feito um estudo especial que publicara sob o titulo *Ein neuer Messias* (Munich 1888).

Assim, mesmo pelo lado philosophico, a direcção das idéas do Sr. Seiling não podia de nenhum modo ser considerada como favoravel ao spiritismo, pois Mainlander, como pantheista e discipulo de Schopenhauer, é completamente opposto a toda a doutrina que aceite a persistencia do principio individual depois da morte. A coparticipação do Sr. Seiling nas sessões de spiritismo, pela primeira vez na sua vida, não foi, portanto, de forma alguma motivada por uma predisposição em favor d'esta doutrina e dos seus phenomenos; seu testemunho não foi influenciado por algum interesse próprio ou contra a sua realidade.

As Sras. Seiling e Tavaststjerna devem tambem ser consideradas como excellentes testemunhas; d'uma educação completa, d'um espirito positivo e reflectido, cada uma das suas palavras inspirava a mais completa confiança; ellas contavam friamente o que haviam visto e observado, e era bem evidente que não havia n'isso nem exaggeração, nem imaginação, nem opinião preconcebida.

Quanto á Sr. Hjelt, é necessario que os leitores façam a seu respeito um conhecimento mais amplo. Fiquei impressionado pela exactidão com que a Sra.

Hjelt descreveu a referida sessão. Seu conhecimento pessoal não fez mais do que exaltar a opinião que eu já havia formado a seu respeito. Tive o prazer de ver diante de mim a encarnação viva da inteligência humana, activa, pratica e sã; e esta impressão foi plenamente confirmada pelas informações que me foram ministradas sobre esta Sra. Foi ella quem introduziu na Finlândia a marcenaria pedagogica e quem abriu assim para as mulheres um novo campo de actividade — o do ensino dos trabalhos em madeira.

Fundou em 1885, em Helsingfors, uma instituição pedagogica de trabalhos em madeira, admitindo ali as crianças e os adultos dos dois sexos, tirados de todas as classes sociaes.

Além d'isso, fundou no anno passado, em Aggreby, perto de Helsingfors, uma usina a vapor para trabalhos no ebano. Este estabelecimento confecciona moveis,apparelhos de gymnastica, utensilios, etc.

Por ali se vê que a Sra. Hjelt não estava disposta, nem por natureza, nem por vocação, a deixar-se arrastar para o spiritismo antes de ter adquirido provas incontestaveis.

Considero sobretudo importante o facto d'essas quatro testemunhas já terem realizado antes diversas sessões com a Sra. d'Espérance, porque, quando se conhece o genero e o modo das manifestações á que se assiste, aprende-se a estudar seus lados fracos ou duvidosos e os pontos sobre os quaes deve ser concentrada toda a attenção para chegar-se a uma conclusão definitiva.

No dia seguinte fui visitar o general Toppelius, para lhe agradecer os seus amáveis obsequios para commigo, dando-me desde o principio os testemunhos concernentes a essas sessões, e para lhe fazer ainda algumas perguntas a respeito da Sra. d'Espérance, que, como se sabe, morou em sua casa. Lamentei profundamente que a sua esposa, a sua filha e o capitão Toppelius, os quaes tinham assistido á sessão, se achassem ausentes de Helsingfors. Lamentei, sobretudo, não ter encontrado o capitão Toppelius, filho do general, uma das mais importantes testemunhas do phenomeno de desmaterialização, como o attesta seu testemunho sobre esta questão.

FOLHETIM

(21)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



PRIMEIRA PARTE

XXI

A' entrada de Julio e de Martim fez-se um ligeiro silencio no salão onde o contagio da alegria já se apassara de todos os corações.

Os dois moços eram muito considerados pela alta sociedade, que os encontrava frequentemente, no lar, quando havia molestia, e nos salões, quando havia alegres e festivas reuniões.

Em poucos minutos tinha passado aquella ligeira perturbação do ruido e do movimento, e tudo e todos eram risos e... loucuras.

Julio foi, como sempre, o conquistador que passa em triumpho pelo meio dos povos submissos. Sómente, no seu caso, os triumphos eram alcançados sobre corações, já sabe o leitor de quem.

O moço, porém, continuava sempre a ser o estudante, insensível ás setas que todos os olhos, como de aljavas, lhe atiravam...

Jogava espirito, manejava a intriga entre os namorados, e ali está como se divertia n'um baile, sem sair do circulo em que giravam as lindas estrellas dos salões e seus adoradores.

Como era de rigor, solicitou de Elisa a graça de uma quadrilha, que lhe foi recusada, por já estarem inscriptos tantos, tantos, que toda a noite seria pequena para satisfazer os todos.

— Todos querem dançar commigo, Sr. doutor, e eu já me sinto aborrecida de tantas importunações.

D'ahi fui á casa do general Sederholm, de quem eu já havia antes feito o conhecimento.

Ha alguns annos, elle se tinha dignado fazer-me uma visita, levado pela admiração que lhe inspiraram as obras de A. J. Davis e pelo desejo de me agradecer o tel-as feito apparecer em lingua allemã.

O que ha de notavel no caso presente é que a Sra. d'Espérance foi a Helsingfors depois dos seus pedidos incessantes e repetidos. O general foi em pessoa a Gothenburgo, para induzi-la a ir. Mas a perspectiva de dar sessões no meio de pessoas desconhecidas, muito differentes e muito pouco versadas no spiritismo, não contribuia para que ella se resolvesse a dar uma decisão.

Além d'isso, essa ausencia de Gothenburgo, que devia tomar-lhe pelo menos um mez (o de outubro ou novembro) importava em serio prejuizo para os negocios da casa commercial que lhe estava confiada. A Sra. d'Espérance não podia decidir-se a accceitar esse convite, quando um acontecimento fel-a mudar de parecer. Ella escreveu-me então o que segue, em 26 de agosto de 1895:

«... Tivemos a satisfação, ha pouco tempo, de receber a visita do general Sederholm. Elle se nos tornou sympathico a todos e tivemos grande prazer com a sua visita, pequena embora como foi. Desejava elle algumas sessões, mas estas não puderam realizar-se então, pois ninguém se achava em casa e eu não me sentia bem. Elle nos enviou alguns livros por elle publicados sobre o assumpto espiritualista e que estavam escriptos em sueco.

« Foi para nós uma grande surpresa saber que elle tinha se aprofundado tanto n'esse assumpto e fiquei pezarosa e confusa por lhe haver recusado o meu concurso affin de que elle pudesse fazer mais amplas investigações quando aqui esteve. Sinto isso bastante e tratarei de o remediar, quando me for possível... »

Um pouco mais tarde, em 27 de setembro, a Sra. d'Espérance escreveu-me:

«... A epoca da minha visita a Helsingfors ainda não está fixada, e é-me muito difficil deixar de lá ir, pois sinto que não tenho direito de desprezar uma occasião favoravel de agir em beneficio da causa.

— Não tem razão, minha senhora. Quando surge no firmamento um astro, que ofusca o brilho de todos os outros, é natural, é mesmo rigorosamente logico, que todos só se preocupem com o brilhante presente do céu.

— Mas isto, Sr. doutor, é quando o astro novo ofusca o brilho dos que já são conhecidos.

— E é o caso vertente, minha senhora. Bem me diziam que o Sr. leva a vida a zombar de todas as moças que, inexper-tas mariposas, aproximam-se e tentam vibrar as cordas de seu coração insensível.

— E a Sra., um seraphim de Deus, des-cido á terra para nos ensinar o caminho do céu, ponde ver, ponde agasalhar em seu peito o simples pensamento de haver, entre os homens, um que seja capaz de ser indifferente á belleza, á graça, a todos os encantos — petalas da mais perfeita flôr caída das mãos do Creador?

— Custa a crer, Sr. doutor; mas todas affirmam.

— Ellas dizem assim, minha senhora, porque me vêm sempre rendido a seus pés. E' natural que só ligemos importancia ao que nos é difficil obter, e que tenhamos em pouca conta o que está á mão. A gallinha do nosso visinho é sempre mais gorda que a nossa.

Julio contava com a credulidade ingenua da creança, não porque quizesse fazer-lhe a conquista, mas porque fez capricho de dançar com ella.

Em toda idade, e em qualquer grau de elevação moral, o homem tem momentos de creança.

Aqui, porém, o nosso doutor, em vez da ingenuidade da creança, tinha de bater-se contra a mais refinada velhacaria da mulher.

Elisa fez, também, o plano de subjugal-o, e ali a temos empregando o meio mais eficaz, que é inflamar a vaidade, mostrando pouco caso pelo que nunca encontrou resistencia; tem-se na conta de inven-cível.

— Então, perguntou Julio, a concluir o dialogo: posso perder a esperança de obter o minimo favor seu?

— Faço justiça aos seus superiores mere-cimentos, Sr. doutor, e sinto-me orgulhosa de suas homenagens; quanto, porém, ao

Não sei quanto tempo permanecerei ainda aqui, mas sentiria realmente se, podendo lá ir, não fosse... »

Finalmente, a 11 de outubro:

«... Escrevi, ha um ou dois dias, ao Sr. Sederholm para lhe dizer que tinha sentido muito o facto de lhe haver recusado o meu concurso quando elle esteve aqui, mas que estava agora á sua disposição. Minha consciencia já me não deixava em repouso... »

Foi assim que succedeu ira Sra. d'Espérance a Helsingfors, sendo ella por isso recompensada com um artigo injuriosamente insultante que o general Sederholm publicou n'um jornal de Helsingfors, da maior circulação, onde elle dava claramente a entender que era a Sra. d'Espérance em pessoa que fazia o papel dos espiritos. O amor da verdade cegou o general de um modo tal, que elle esqueceu as noções mais elementares da cortezia, e atirou ao rosto d'uma senhora da mais alta distincção essa pesada injuria com o seu nome impresso em todos os jornaes, sem ter em consideração o facto de que a Sra. d'Espérance não faz profissão da sua mediunidade, e que, se foi a Helsingfors, foi porque havia sido solicitada pelo general affin de dar sessões particulares diante de algumas pessoas que se interessavam pelo assumpto. O que é verdade é que o Sr. Sederholm esperava uma coisa muito differente d'essas sessões. Enthusiasmado provavelmente pelas noticias chegadas da Suecia sobre as maravilhosas sessões que a Sra. d'Espérance acabava de dar em Christiania, elle esperava obter os mesmos resultados, sem considerar todos os trabalhos preparatorios que o circulo de Christiania se havia imposto para chegar a esses resultados.

Nada de mais complicado, de mais tenebroso, de mais enganador, que esses phenomenos de materialização! Só uma longa observação, em condições excepcionaes, nos força a admitir a sua realidade. Mas a existencia do fac o está ainda longe da sua explicação. E' preciso um estudo ainda mais longo e, em geral, uma grande experiencia pessoal em spiritismo, para constatar que a *mystificação* ali nos segue passo a passo, desde o mais simples estalido até ao phenomeno complicado da materialização. Se as illusões

que deseja, ou finge desejar, nada lhe posso conceder, porque não desejo passar por uma das suas conquistas.

— Esta menina, pensou Julio, é matreira como uma velha professora de enredos do coração! Em tão pouca idade já é provecta na arte! Quanto é digna de veneração a mulher que ainda guarda a innocencia da infancia, e de causar asco a menina que já tem adquirido a malicia da maior idade!

Enquanto Julio meditava sobre o caso, novo para elle, e lia consigo mesmo o horoscopo d'aquella creatura tão bella e tão degenerada, e via nella uma nova Messalina, a atirar para os abysmos da desgraça todos quantos, attrahidos por seus encantos, não tivessem olhos de ver a negra Circe na encantadora fada, Martim, na sala de fumar, prendia a attenção dos que formavam circulo, por lhe ouvirem os elevados conceitos.

Por acaso, fatalidade, ou providencia, foi ter á selecta reunião o commendador Muniz, que não era illustrado, mas possuia uma intelligencia capaz de se prender ás irradiações de um grande talento.

E o commendador ficou preso ás do joven medico.

Ouviu, em religioso silencio, a palavra fluente do moço, que ora chorava e ora ria, como a do ultimo representante dos povos bascos, discorrendo sobre as nossas misérias sociaes.

— E' moço de brilhante futuro; convem-me perfeitamente, monologou, em pensamento, o rico capitalista, que não perdeu tempo com discussão, e foi direito ao alvo, convidando Martim a vir ao salão, para apresentar-lhe sua filha, em sua opinião, a moça mais bella que o sol cobria.

Martim riu interiormente d'aquella meio vituperio; e de muito bom grado acompanh-o pae da tão gabada filha, quasi que contando com um logro, por lhe ter vindo á mente a fabula da coruja e seus pintainhos.

Sua surpresa foi, por isso, muito maior, vendo se em face da moça, cuja irradiante belleza captivou-o, por deslumbramento.

— Elisa, apresente-te o Sr. doutor Martim, talento superior, que lhe augura o mais esplendoroso futuro. Quero que o acolhas com a maior cordialidade.

e as decepções têm sido e são ainda a partilha constante da sciencia humana no estudo dos phenomenos *physicos* da natureza, devemos reconhecer que ha muito mais illusões no dominio das investigações *psychicas*. Durante seculos tem-se acreditado no levantar e no pôr do sol; mas ha quanto tempo comprehendem-se isso? A mesina coisa succede em spiritismo...

Vemos esses phenomenos ha meio seculo, e sem duvida elles serão observados ainda por muitos seculos; mas quando serão elles comprehendidos? Os spiritas experimentados, quanto mais o são, tornam-se cada vez mais reservados sobre a theoria e principalmente sobre a doutrina do spiritismo. Mas os neophytos, os simples de coração, os desherdados da sorte, as victimas das attribuições e dos soffrimentos, que elle nos traz, o acolhem de braços abertos. Estavam, igualmente, neste caso particular as necessidades do coração que levaram o general Sederholm a essas sessões. Elle procurava uma consolação, mas não queria se occupar com uma pesquisa sobre o proprio phenomeno. O illustre general esperava ver apparecer sua filha recentemente morta, quando, em vez d'ella, apenas appareceu o *duplo* (corpo astral ou perispiritual condensado) do medium com o nome da menina. As communicações escriptas, coisa tão commum, tão quotidiana em spiritismo, estão cheias de personificações analogas; mas elle não julgou necessario d'smascarar como enganadores os mediums que as haviam escripto. Uma mystificação escripta, ou uma falsa apparencia, nos incommoda menos que uma mystificação sob forma humana.

Parece que o general não estava de modo algum ao facto do que tem sido observado e publicado pelos spiritas sobre a philosophia das materializações que, o mais das vezes, representam o *duplo* do medium. A forma materializada pode ter a mesma apparencia que o medium, e isso não constitue uma prova de fraude por parte d'este. O general ignorava isto! Movido por um sentimento desculpavel, mas também por uma indignação imperdoavel no ponto de vista de uma pesquisa seria e prudente, elle se apressou a lançar o artigo que atacava a honra da Sra. d'Espérance. Esse artigo

— E' grande o prazer que sinto, Sr. doutor, por fazer tão honroso conhecimento.

— E eu, minha senhora, agradeço a seu nobre pae ter-me proporcionado a felicidade de encontrar-me, na terra, com um dos mais bellos exemplares do céu.

— Fiquem ali a esgrimir finezas, que eu vou a desempenhar as obrigações do dono de casa.

Esgrimiram, com effeito, os dois por algum tempo, podendo quem estivesse de fora reconhecer que o moço investia com ardor, proprio de quem está encantado, e que a moça, fria e indifferente, aparava os golpes apaixonados com a habilidade rara da que deseja agradar, mas não quer ser presa.

Julio assistiu, sem ser visto, a toda a scena, e tremeu pelo amigo, cujo caracter franco e leal julgava dos corações pelas physionomias.

Tremeu, e com razão, porque aquella alma apaixonada já se tinha aberto, ás escancaras, aos philtros da belleza que lhe fora apresentada, quasi que com a declaração formal de dever ser sua.

— Pobre amigo! pensava Julio, enquanto Martim rodopiava em delirante valsa com a linda fada da festa. Pobre amigo! não tens no coração, todo cheio de amor, um atomo da malicia precisa para se poder viver na sociedade, para se cerrar os ouvidos ao canto da sereia, para procurar a mulher, não em sua face ostensiva, mas nos intrincados meandros de sua alma occulta! Esta menina, pobre amigo, fará a desgraça do mais endurecido coração que se lhe prender, quanto mais do teu, que é tão nobre quanto sensível, tão sensível quanto intransigente! Esta menina é a vibora que te ha de envenenar com sua peçonha, se não fugires á sua alma impudica, fascinado por seu revestimento angelico!

E Julio viu Martim, toda a noite, girando como satellite em torno d'aquella astro, e só com grande difficuldade ponde arrastal-o para fora d'aquella antro de sua perdição.

— Estou loucamente apaixonado, Julio.

— Bem o sei, Martim...

— Oh! nunca encontrei uma mulher tão bella!

(Continua).

excitou em Helsingfors o mais vivo protesto d'aquelles que tiveram occasião de observar os factos em completa contradicção com as accusações do general; mas o protesto se localizou em Helsingfors, ao passo que a calumnia se espalhava, sem repêça, pelo mundo inteiro. Na minha entrevista com o general, tive occasião de me convencer da sua incompetencia sobre o assumpto.

Quando lhe expliquei em algumas palavras os factos de materialização, e quando lhe contei meu encontro com Katie King, isso lhe fez o effeito de uma revelação. E, entretanto, elle declarou ter lido a minha obra *Animisme et Spiritisme*! Dahi fui á casa do general Gallindo, que eu já conhecia ha alguns annos. Elle foi meu companheiro de viagem para Gothenburgo, em 1890. Também foram um interesse do coração, uma necessidade de consolo e soccorro nas tristes provas da vida, que o levaram ao spiritismo. Elle assistiu n'essa epoca a algumas das minhas sessões com a Sra. d'Espérance, mas não achou ali o que procurava.

Como elle se interessava sempre pelo assumpto, tomou parte naturalmente nas sessões de Helsingfors.

Conhecendo-o como um observador sceptico, mas de um honesto scepticismo, pedi-lhe que me puzesse ao corrente do que se passara, o que elle fez; mas elle não viu nada de satisfactorio por falta de luz e mesmo por causa da obscuridade completa que a Sra. d'Espérance teve a fraqueza de autorizar, attendendo assim ao pedido dos assistentes, para dar maior intensidade aos phenomenos, os quaes, seja dito desde logo, não eram em coisa alguma favorecidos pelos elementos discordantes de toda a especie de neophytes. Quando interroguei o Sr. Gallindo sobre a referida sessão, elle me respondeu que lá estava demasiado escuro para que pudesse ver alguma coisa.

Como elle externava também algumas duvidas, pedi-lhe que me desse o seu testemunho por scripto, sem nenhuma reserva; elle, porém, não o fez.

(Continúa).

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

• E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.

João, VI, v. 63.

• A letra mata, e o espirito vivifica.

(Paulo, 2ª epistola aos Corintheos, c. III v. 6)

LUCAS

CAPITULO II — V. 21-24

CIRCUNCISÃO — PURIFICAÇÃO

V. 21. Chegara o oitavo dia, em que o menino devia ser circumcidado: foi chamado Jesus, que era o nome que o anjo lhe dera antes que tivesse sido concebido no seio de sua mãe — 22. E, achando-se terminado o prazo da purificação de Maria, segundo a lei de Moysés, levaram-no a Jerusalem — 23, segundo o que está scripto na lei do Senhor: Todo o varão primogenito será consagrado ao Senhor. — 24. e para darem o que devia ser offerecido em sacrificio, segundo a lei do Senhor, duas rolas ou dois filhotes de pombas.

N. 40. «Estes factos são um ensinamento para aquelles que se revoltam contra o jugo que a religião impõe, NO SENTIDO de que querem destruir a lei em vez de a cumprirem, quando, para a humanidade, uma era transitoria, nova, se inicia, nos tempos preditos.»

«Vedes os "paes" de Jesus conformarem-se com a lei estabelecida e a ella ser o "menino" submettido.»

«Não provequeis, nunca, o escandalo, isto é, não escandalizeis nunca vossos irmãos, libertando-vos, de repente, do jugo que elles supportam.»

«Quando deveis reconstruir um monumento com o concurso dos materiaes do

que está prestes a desmoronar-se, vós não fazeis rebentar a mina, porque esses materiaes despedaçados seriam arremetidos longe e occasionariam graves accidentes; não; vós tirais cada pedra com cuidado, eliminando as que são más, deitando-as fora; e, quando a vossa escolha está feita, pondeis-vos á nova obra, substituindo as pedras que o tempo reduziu a pó por pedras novas, boas e solidas, que devem sustentar os angulos.»

«Com a renovação moral, acontece o mesmo: cumpre não destruir de um golpe as crencas, calcar aos pés os preconceitos; cahindo sobre vós os destroços ferir-vos-hiam; é necessario deslocar os um a um, conservar com cuidado as pedras verdadeiras que devem sustentar o edificio, e rejeitar todas as falsas que tendessem a fazel-o aluir.»

«As pedras verdadeiras, que deveis conservar, são a fé em vosso Deus, a submissão á sua lei, em qualquer lingua que seja explicada, sob qualquer fórma que seja apresentada; assim, seja qual for o culto em que tenhais nascido, se elle vos ensina a pratica do amor e da caridade, as pedras são verdadeiras; conservai-as.»

«Mas rejeitai, pouco a pouco, sem abalos, sem violencia, tudo o que vier fóra da lei divina, que está toda, unica e exclusivamente, n'estes dois mandamentos que encerram toda a lei e os prophetas: o amor a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a si mesmo, por todos os meios e sob todas as formas, em toda contingencia, na ordem material, moral e intellectual; — do proximo, seja elle quem for, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo. E', segundo estes mandamentos, que deve ser, e será dado a cada um segundo suas obras.»

«Os clericaes, qualquer que seja a seita á que pertençam (todo culto tem, em seu clero, um pessoal tenaz, obstinado, e seus adherentes), vão gritar anathema contra esta profissão de fé que vem do Christo e que solapa todas as seitas; porque não está longe um tempo em que, seguindo esta lei divina, os homens, sejam quaes forem os cultos exteriores que agora ainda os separam e os dividem, marcharão, unidos e irmãos, sob a mesma bandeira, trazendo como exergo: Amor e Caridade.»

«Mas, digam o que disserem, anathematizem, que podem elles com os seus dogmas, as suas tradições e as suas ceremonias contra a vontade de Deus e a obra progressiva do seu Christo?»

«Falam á alma? Em geral (julgamos as massas e não fazemos nenhuma applicação): não; porque os homens sahem de suas respectivas igrejas tão maus como nellas haviam entrado.»

«Não falam, pois, senão aos sentidos; mas os sentidos se embotam e enfraquecem; e então que resta? Em geral (repetimol-o: julgamos as massas e não fazemos nenhuma applicação), automatos que se ajoelham, rezam, psalmodiam a horas fixas, homens e creanças sem crencas, velhos sem esperanças, que trazem, ao sahir, todos os vícios que levam ao entrar, sejam quaes forem (quer tenham origem no orgulho ou no egoismo com todos os seus derivados; — a avareza, a preguiça, a colera, a intemperança, o sensualismo, a luxuria, a maledicencia, a calumnia, a incredulidade, o materialismo, a intolerancia, o fanatismo).»

«Oh! são essas as pedras falsas que se devem rejeitar; porque o edificio desaba sobre todas as mentiras que o sustentam.»

«A fé em Deus, a pratica da caridade, são essas as UNICAS pedras angulares; trazei-as resistentes e perfeitas.»

N. 40 bis. Como, no v. 21, devem ser traduzidas e comprehendidas, em espirito e em verdade, estas palavras referentes a Jesus: «Antes que tivesse sido concebido no seio de sua mãe?»

«Antes que elle se tivesse entregue ás mãos de Maria, sua mãe aos olhos dos homens.»

«Estas palavras humanas do v. 21 foram a consequencia d'essas crencas que DEVIAM — já vol-o explicámos (n. 14) —

ter curso e que o tiveram, a saber: que aos olhos dos homens, Jesus foi, durante a sua missão terrestre, o fructo da concepção humana, tendo Maria por mãe e José por pae, e, depois do cumprimento d'essa missão, o fructo de uma concepção denominada «divina», «miraculosa», no seio de «uma virgem», no seio de Maria e pela operação do Espirito Santo.»

(Continúa).

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

por

Gabriel Delannec

QUARTA PARTE

CAPITULO IV

HYPOTHESE

(Continuação)

Cada escola colloca-se, pois, em um ponto de vista muito exclusivo e não pode resolver completamente o problema.

O spiritismo, com a luz que projecta sobre essas questões tão controvertidas, pode servir de synthese a taes diferentes concepções.

Eis como:

Tendo o principio vital uma existencia sufficientemente demonstrada, nós a aceitamos como causa da vida vegetativa. Resta fazer bem comprehender de que modo se exercem as acções automaticas que se produzem no corpo humano. A noção do perispírito vai fazer-nos comprehender como o duplo fluidico pode ser considerado o regulador da vida organica, o que, n'um certo limite, dá razão aos organicistas. Os animistas, finalmente, podem aliar-se-nos, tendo em vista o modo por que explicamos a acção da alma sobre o corpo.

Resta-nos apenas a dizer de que maneira pode o perispírito ter adquirido todas as qualidades necessarias ao funcionamento de uma maravilha como é o corpo humano. E' necessario que estabeleçamos por que processo pode essa organização fluidica dirigir as diferentes categorias de acções organicas de que a vida se compõe.

No nosso modo de ver, quanto mais se eleva o espirito, mais se purifica o seu involucro; podemos, pois, em sentido inverso, dizer que, quanto mais grosseiro é esse involucro, menos adiantado é o espirito; dahi a conclusão de que a alma humana, antes de animar um organismo tão perfeito como o corpo do homem, deve ter passado pela fiera animal.

Não pretendemos que o principio intelligente tenha sido obrigado a atravessar a phase vegetal, porque nas plantas não encontramos signal algum de sensibilidade nitidamente accusado.

Os movimentos de certas dionéas, como a mimosa pudica, vulgarmente denominada sensitiva, não são sufficientes para estabelecer essa propriedade nas raças vegetaes. Tomaremos, pois, o ponto de partida das evoluções do principio intelligente entre os mais rudimentares animaes.

Sabemos, pelo estudo da geologia, que nem sempre existiu na terra o principio vital. Ensina-nos esta sciencia que, em uma epoca indeterminada da sua duração, não passava a terra de uma massa de materia inorganica, submettida simplesmente ás leis physico-químicas que regem o mundo mineral. E' a epoca azoica.

Quando o nosso globo soffreu todas as modificações materiaes de que era susceptivel, appareceu a vida, isto é, a força organizadora, e desde esse momento assistimos a uma serie de maravilhosas transformações. Os organismos procedem uns dos outros, a partir do simples para o composto. Desde a materia do protoplasma até ás mais elevadas formas, ha uma escala ininterrupta de seres, uma sequencia de elos que ligam a mais infima creatura ao homem, suprema expressão dos typos que se têm, na terra, succedido.

Essa longa elaboração reclamou milhares de seculos, e o mundo, á medida que envelhecia, tornava-se cada vez mais apto para receber seres mais perfeitos.

Darwin tentou explicar essa continua progressão pelas leis naturaes. Horkel adoptou e desenvolveu o systema do sabio inglez, e, posto que o transformismo ainda não esteja universalmente admittido, adoptamos as suas theorias, porque ellas nos parecem, graças á magestosa lentidão que accusam, em harmonia com o «natura non fecit saltum» dos naturalistas e conformes com a idéa que concebemos da potencia creadora.

Vimos já effectuar-se uma primeira transformação: a natureza bruta succede a natureza organizada, graças á appareição do principio vital; a este succede o principio animico. A planta vive, mas não possui a sensibilidade nem o poder de deslocar-se. O animal, ao contrario, não só vive, mas sente e se move. E' a partir d'esse momento que podemos emprender o estudo da evolução intellectual.

Se admittirmos que a alma e seu involucro tenham passado pela fiera animal, conceberemos immediatamente de que modo se devem ter passado as coisas. Notamos que o animal possui o instincto, isto é, uma força que com segurança o dirige para fazel-o evitar o que lhe é prejudicial. Como nasceu essa força?

No animal, toda acção é o resultado de um previo julgamento que implica vontade, consciencia, raciocinio e intelligencia. Não podemos encontrar o germe d'essas faculdades na materia; eis porque as attribuímos ao espirito; o instincto é uma propriedade perispiritual que tem como causa a alma, mas que d'ella differe essencialmente. Para fazer comprehender essa differença, tomemos um exemplo.

De que modo a creança aprende a ler?

Ella deve, antes de tudo, compenetrar-se da forma das letras. Nos primeiros tempos confunde os A e os O, os N e os U, os B e os D, os P e os Q; ella tem que entregar-se a muitas comparações para reconhecer-lhes os caracteres distinctivos. Cada vez que profere um julgamento, que diz que um A é um A, que um O é um O, ella deve fazer a si propria o raciocinio do porque d'esse julgamento. Com o exercicio, porém, esse julgamento se torna cada vez mais rapido, de sorte que, dado esse primeiro passo, pode-se proceder com ella ao estudo das syllabas. E' preciso que agora aprenda a distinguir NA de AN, OU de UO, IE de EI, — novas comparações; depois são essas difficuldades por sua vez vencidas. Aborda-se então o conhecimento das palavras e depois o das phrases.

Quanto tempo, quantos esforços, quanto estudo não são necessarios para que chegue a ler correntemente! Entretanto ali chega ella e, por fim, aprende immediatamente uma phrase pela simples inspecção do texto, como certos jogadores fazem instantaneamente a addição de cinco ou seis dominós que têm diante de si. Chegada a esse ponto, já não ha mesmo conhecimento dos actos preliminares pelos quaes teve ella de passar para adquirir a intelligencia da phrase. Não se apercebe mais de que soletta, de que julga da forma das letras e da sua respectiva posição nas syllabas, etc.; parece-lhe que comprehende de golpe o que lê.

E como aprende ella a traçar as letras com a penna, a reunir as, para com ellas formar palavras, a ter cuidado na orthographia?

Esses movimentos são a principio voluntariosos, feitos com plena consciencia; depois, por fim, chega a escrever sob o dictado, sem mesmo prestar attenção ás palavras que se pronunciam; a mão obedece, de alguma sorte por si mesma, aos sons que lhe ferem o ouvido.

E' de um modo analogo que o perispírito adquire insensivelmente todas as suas qualidades funcçionaes. Como não se destroe com a morte do corpo, como possui uma existencia tão real como o espirito, accumula em seu seio todos os esforços e todas as aquisições do espirito. E' graças á sua perpetuidade que deve o espirito poder voltar á terra mais bem provido que da precedente vez.

(Continúa)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 68



Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Janeiro 15

N. 381

EXPEDIENTE

A exemplo do que temos anteriormente feito, e no intuito de ampliar a circulação da nossa folha, resolvemos instituir os

PREMIOS

seguintes para as pessoas que se dignaram auxiliar-nos, obtendo assignaturas e enviando-nos o respectivo producto.

Assim, a quem tomar 10 assignaturas do *Reformador* offereceremos, como premio, um exemplar do excellente livro de Léon Denis, *Depois da Morte*, que acaba de ser exposto á venda pela Federação Spiritista Brasileira e tem encontrado a mais lisonjeira acceitação, pelo seu alto valor moral e doutrinario.

A quem nos enviar um pedido de 5 assignaturas, acompanhado igualmente da respectiva importancia, offereceremos um exemplar d'O *porque da vida*, tambem recentemente publicado e devido á penna d'aquelle eminente escriptor, o que constitue a melhor recommendação desse trabalho, apparentemente ligeiro, mas de uma profunda e salutar philosophia.

Congresso espiritualista

DE

LONDRES (*)

Estudo

SOBRE AS VIDAS SUCCESSIVAS

(MEMORIA APRESENTADA PELO SR. GABRIEL DELANNE)

A evolução animica

Perdoai-me, meus senhores, se pareceu que me tivesse afastado do assumpto com que tenho a honra de vos occupar a attenção; acredito, todavia, que estas discussões, muito longas talvez, foram de utilidade para bem definir o territorio em que nos achamos collocado.

Constatámos que a alma acha-se indissoluvelmente ligada a uma substancia que contém, em forma de movimentos, todas as aquisições de sua vida intellectual e todo o mecanismo automatico da vida vegetativa e organica. E' chegado o momento de indagar de onde vem ella e como poud adquirir as suas propriedades funcionaes.

Os philosophos spiritualistas contemporaneos muito pouco se têm occupado da origem da alma; se o seu futuro lhes tem interessado, o mesmo não parece dar-se quanto ao seu passado. Os dois problemas parece, entretanto, que estão de pé e se equivalem em mysterio. Os theologos empregaram maior zelo em elaborar essa questão; ella interessava de perto á propria base sobre que repousa o christianismo: a transmissão do peccado original. As suas opiniões estão

bem pouco de accordo e podem se reduzir a duas principaes.

Uns admittem que Deus, fonte unica e immediata das almas, cria, a cada concepção, uma alma especial para o corpo que se gera. Pretendem outros que todas as almas procedem do primeiro homem, como todos os corpos, e do mesmo modo se propagam, isto é, por geração.

Esta opinião parece a do maior numero. Tertuliano, S. Jeronymo, Luthero, dois philosophos, Malebranche e Leibnitz, filiaram-se a essa doutrina.

Não sou precisamente d'essa opinião, porque parece que a propria razão se recusa á hypothese de que a alma possa ser procreada, como muito bem o demonstrou um philosopho spiritualista e mesmo christão, Wollstone, em seu *Esboço da religião natural*:

« Deveriam claramente indicar, diz elle, o que se entende por um homem que tem a faculdade de transmitir a alma, porque não é facil de comprehender como o pensamento, como uma substancia pensante, podem ser gerados como os ramos, nem que se possa servir d'essa expressão, mesmo no sentido metaphorico. Seria necessario que nos dissessem se essa geração procede de um dos paes ou dos dois conjunctamente. Se é de um só, de qual d'elles? Se é de ambos, segue-se d'ahi que um ramo será sempre produzido por dois troncos differentes, do que não existe exemplo algum em toda a natureza, posto que seja muito mais natural fazer essa supposição a respeito das vinhas e das plantas do que dos seres intellectuaes que são substancias simples e sem composição alguma. »

Se a alma não provém dos paes, é que preexiste ao nascimento, — isto nos conduz a uma conclusão obtida mediante o exame das propriedades do perispirito, — e se ella incarna uma vez, não existe objecção logica a que ella o tenha podido fazer anteriormente, um numero de vezes indeterminado. Se, por consequente, podemos encontrar na natureza uma hierarchia continua entre os seres vivos, nada impede de suppôr que a alma tenha galgado todos os degraus d'essa escada de Jacob.

A complexidade do organismo humano, que resume todas as formas inferiores, não nos deve illudir acerca da sua origem. *Natura non fecit saltus*, diz Aristoteles, e as modernas descobertas lhe têm dado razão. Nada se apresenta em estado completo sem haver passado por phases transitorias; e o espirito humano seguiu provavelmente o mesmo processus de desenvolvimento continuo, que não tem por objecto dotar o ser de novas propriedades, mas simplesmente isolar, dispôr em serie, as que elle contém no estado de potencia.

No ponto de vista physiologico, recorro ainda a Claude Bernard (1) para fundamentar a minha affirmação.

« Se considerarmos, diz elle, um animal collocado no alto da escala, o homem, por exemplo, verificaremos que possui todos os movimentos que observamos nos seres menos perfectos do que elle. Assim, elle possuirá fibras musculares e

um systema nervoso no seu mais completo estado de desenvolvimento; mas terá tambem movimentos sarcodicos e cilios vibratéis, órgãos de certos movimentos intimos de que elle não tem consciencia. E' licito, portanto, dizer que o animal superior representa e resume todos os que o precedem na escala das perfeições successivas. No fundo, porém, elle não é realmente nem mais elevado, nem mais perfeito; não possui funcções essenciaes mais do que os outros, que as não possuem tambem, e apenas essas funcções estão n'elle melhor isoladas e se manifestam com uma especie de ostentação: eis tudo. »

E, n'outra parte, acrescenta elle:

« O animal inferior possui todas as propriedades essenciaes que se encontram nos mais elevados graus da escala dos seres; elle, porém, as possui em estado confuso e, por assim dizer, em todas as partes do corpo. O animal mais elevado é simplesmente aquelle em que todas as funcções se acham, tanto quanto possível, isoladas umas das outras. »

« Do homem ao macaco, diz o Sr. Ch. Richet (2), do macaco ao cão, do cão ao passaro, do passaro ao reptil, ao peixe, ao mollusco, ao verme, ao mais infimo ser, collocado nos ultimos limites do mundo organico e do mundo inanimado, não ha passagem alguma brusca. Dá-se sempre uma insensivel gradação. Todos os seres se tocam, formando uma cadeia de vida que só parece interrompida, em consequencia da nossa ignorancia das formas extinctas ou desaparecidas. »

Não só é impossivel fazer do homem, no reino animal, um ser á parte, mas, ainda, entre os animaes e os vegetaes não se pode precisar o limite; não se encontra a demarcação profunda em que se acreditou outr'ora como em um artigo de fé. Certamente o bom senso vulgar distinguirá, logo á primeira vista um carvalho, que é uma planta, de um cão, que é um animal. Se, porém, se quer ir mais longe, de modo a attingir os derra-deiros limites da vida, e examinar os seres menos proximos de nós do que o cão ou o lagarto, não se encontrarão mais caracteres que sejam proprios do animal e que falem á planta.

Em todos os seres vivos o protoplasma é a base physica da vida. Tudo o que é organizado é constituido pela primeira forma que o protoplasma reveste, isto é, pela cellula. E' a aggregação das cellulas que gera os tecidos das plantas e dos animaes.

Todas as funcções vitaes devem, pois, ser semelhantes, e é isso effectivamente o que se dá. Destruição e criação organicas, digestão, respiração, somno, sexualidade, acção dos anesthetics, tudo attesta a unidade fundamental dos organismos e das funcções, a despeito da visivel diversidade das formas. Do conjunto d'estes factos positivos, os quaes abrangem todas as grandes e essenciaes manifestações da vida, resulta claramente que não ha dois planos de vida, um que fosse proprio aos animaes, o outro differente e opposto, que fosse especial aos vegetaes; não ha mais que um unico plano, para

uns como para outros. A rigorosa e exacta conclusão das observações da physiologia geral é a unidade da vida nos animaes e nos vegetaes.

ORIGEM E FILIAÇÃO DAS ESPECIES.

Uma das maiores conquistas d'este seculo, tão opulento em grandiosas descobertas, foi o estabelecimento da theoria da evolução, que nos permite remontar, pelo pensamento, até essas remotas epochas, perdidas na noite das idades, que presenciaram a eclosão da vida no nosso globo. Devemos admittir, sem que possamos ser increpados de nos enfeudar a uma hypothese exclusiva, que os trabalhos de Lamarck, de Darwin, de Wallace, de Hœckel e dos sabios contemporaneos modificaram profundamente as antigas idéas acerca das nossas origens. Já não acreditamos n'esses milagres de especies a apparecerem subitamente na terra, sem antecedentes. As entranhas do solo exhumaram os archivos ancestraes da humanidade. Qualquer que tenha sido o modo empregado pela natureza para diversificar as formas, é certo que ella procedeu lentamente em sua selecção e que caminhou gradualmente do simples para o composto, até attingir os seres vivos actuaes.

Não é meu intuito discutir as objecções que têm sido levantadas contra esta theoria: basta, quanto ao objectivo que me proponho, constatar que, no passado, encontramos series continuas que nos permitem ligar-nos ás manifestações primordiales da vida. Não se pode, com effeito, ver, nas especies actuaes, creações arbitrarías sem ligação com as que as precederam, porque Pasteur demonstrou que nenhum facto conhecido era explicavel pela geração espontanea. Sabemos igualmente que a ultima conclusão das sciencias da natureza é que todos os seres vivos derivam uns dos outros *pela reprodução*. Os geologos, finalmente, nos ensinam que não se produziram cataclysmos geraes durante os diversos periodos geologicos; que, ao contrario, houve *entre elles continuidade absoluta*. Ora a paleontologia nos ensina que as especies que povoam actualmente a terra não existiam outr'ora.

« Os factos, diz o Sr. Perrier (3), nos forçam, pois, a admittir que as formas actualmente vivas, por differentes que sejam das antigas formas, d'ellas provém por uma ininterrupta continuidade de gerações; a realidade do transformismo está, por isso mesmo, indestructivelmente demonstrada e não pode ser contestada senão no caso de nos collocarmos fóra do terreno da sciencia. »

Cada um de nós, physicamente, é obrigado, remontando á serie ascendente dos seus progenitores, a ligar-se, por uma filiação que não admitte hiatos, ao protoplasma primitivo.

Todas as manifestações da intelligencia, activas ou latentes, desde os simples reflexos primitivos até ás mais altas modalidades da actividade psychica, se observam nos seres vivos com uma gradação crescente, mediante insensíveis nuanças, da monera até ao homem.

Somos mesmo obrigados, logicamente,

(*) Vos os numeros de agosto, setembro, 15 de novembro, dezembro e 1 de janeiro.

(1) C. Bernard, *Les tissus vivants*, pags. 700, 22, 102.

(2) Ch. Richet, *L'homme et l'intelligence*, pags. 398 e seguintes.

(3) *Revue Scientifique*, 27 de outubro de 1897.

a procurar no reino vegetal os debutes da evolução animica, porque a forma que as plantas tomam e conservam na duração de sua vida, implica a presença de um duplo perispiritual a presidir às mudanças e a manter a fixidade do tipo.

« A natureza, diz o Sr. Vulpian (4) não estabeleceu linha de demarcação perfeitamente nítida entre o reino vegetal e o reino animal. Os animaes e os vegetaes se continuam mediante uma insensível progressão, e foi com razão que foram elles reunidos sob o nome commum de reino organico. »

A comparação do papel desempenhado pelo perispiritual a um electro-iman de multiplos polos, cujas linhas de força desenhasssem, não só a forma exterior do individuo, mas tambem o conjunto de todos os systemas organicos, parece passar do dominio da hypothese para o da observação scientifica. Segundo uma communicação feita á Academia das Sciencias, em 12 de maio de 1898, o Sr. Stanowitch apresentou a essa assembléa desenhos, tomados do natural, que mostram que os tecidos são formados de accordo com linhas de força nítidamente visiveis.

Um d'elles reproduz o aspecto de um ramo de pinheiro, com dois nós, que desempenham o papel e produzem as mesmas perturbações, nos campos em que se encontram, que um polo electrico ou magnetico introduz em um campo da mesma natureza; o outro demonstra que a differenciação se produziu de conformidade com as linhas de força; um terceiro representa a secção de um ramo de carvalho, alguns centimetros acima de uma ramificação. Ahi se vê, até nos seus menores detalhes, o aspecto de um campo electro-magnetico formado por duas correntes rectilíneas cruzadas, no mesmo sentido e sensivelmente da mesma intensidade.

Essas observações parece estabelecer a existencia de um duplo fluid co vegetal, analogo ao que no homem se observa.

Ha, effectivamente, nos seres vivos alguma coisa que não é explicavel pelas leis physicas, chimicas ou mecanicas; essa alguma coisa é a forma que elles affectam. E não só as leis naturaes não explicam as formas dos individuos, mas todas as observações nos induzem a pensar que a força plastica que edifica o plano estrutural e o tipo funcional d'esses seres, não pode residir n'esse conjunto movel, fluente, em perpetua instabilidade, como é o corpo physico.

Como quer que seja, quanto ao valor d'essas observações sobre o debute do ser pensante, a serie animal vai nos mostrar o progresso continuo de todas as manifestações animicas.

(Continúa)

(4) Vulpian, *Leçons sur le système nerveux*, pag. 39.

NOTICIAS

Segundo communicação pessoal que nos fez o seu digno presidente, nosso confrade Sr. Julio Lion, actualmente n'esta Capital, temos o prazer de noticiar a fundação do Grupo Spiritista « Estudo », em Juiz de Fora, o qual se tem constituido um nucleo forte de propaganda da nossa doutrina.

Compõe-se a sua actual directoria dos Srs. Julio Lion (pre-idente), Francisco José da Silva Bastos (secretario) e José S. Martinho da Silva (thesoureiro), tendo sido já devidamente registrados e archivados os seus estatutos no Registro Geral de Hypothecas d'aquella cidade, para o seu legal funcionamento.

A sede do grupo acha-se installada á rua S. Sebastião n. 5.

Só nos resta desejar aos trabalhadores de boa vontade que não lhes falem a luz e a misericórdia do Altíssimo para

que a sua missão se torne fecunda em beneficios para a causa da propaganda que em boa hora emprehenderam.

O nosso venerando confrade, Sr. conde de Carapebus, residente em Paris, teve a bondade de enviar-nos um numero da *Revue des Nouveautés Médicales*, alli publicada, na qual vem inserto o *comple-rendu* de algumas sessões realizadas em Monfort-l'Amaury, com o concurso do celebre medium Eusapia Paladino, acompanhado de gravuras que são a reprodução dos clichés photographicos obtidos das referidas experiencias.

Como symptoma do interesse que n'aquella capital vai despertando no corpo medico o estudo dos novos phenomenos, é digna de nota essa publicação, feita por um jornal de medicina official; e quanto ao interesse com que a classe medica d'alli vai acompanhando as manifestações do novo espiritalismo, temos d'isso as mais solidas garantias na honrabilidade do nosso informante, não sendo de somenos valor esse movimento, pelos resultados praticos que pode trazer á causa da propaganda e divulgação da verdade, que é a nova revelação.

Mais de espaço aqui daremos a referida publicação, e para terminar, com os nos- os agradecimentos ao dedicado confrade que de tão longe não se esquece dos operarios que aqui mourejam n'esta humilde tenda, seja-nos licito inscrever esta phrase que traduz toda a confiança que depositamos na victoria final da nossa causa :

Ca marche ...

No *Banner of Light*, de 2 de julho, publica o Sr. Earl Mable importantes communicações do outro mundo, as quaes trasladamos, resumindo-as, para as nossas columnas.

A 8 de maio ultimo havia grande excitação nos Estados Unidos por ignorar-se o paradeiro da esquadra hespanhola, pouco antes sahida das illas de Cabo Verde, affirmando uns que ella seguia o rumo da India e outros que se aproximava da costa septentrional dos Estados Unidos, para atacar as cidades do littoral. Elle foi commissionedo por um dos diarios de New-York para consultar a respeito alguns mediums.

Dirigiu-se primeiro á Sra. Elizabeth Sheldon, importante medium de Chicago, e perguntou-lhe :

— Qual o paradeiro da esquadra hespanhola, que ha poucos dias sahiu de Cabo Verde ?

— Antes de responder-vos, disse o medium, deixai-me adiantar alguma coisa de mais geral. Eu vejo aproximar-se com rapidez o fim de duas nações terrenas, bem violentas e cruéis : a Hespanha e a Turquia. Afogadas no proprio sangue, ellas morrerão. O que se está passando é para a Hespanha o começo do fim. A Turquia seguiu-a-ha. A acção da America na Hespanha vai despertar no animo das nações civilizadas o desejo de fazer o que a Inglaterra, com quanto desejasse, não teve a força de fazer com a Turquia, nos ultimos annos. Agora vos respondo que vejo a esquadra hespanhola em pleno mar, navegando, não rapidamente como quem se dirige a um determinado ponto, mas lentamente, como quem só procura ganhar tempo. As ordens que o almirante recebeu foram que não se arriscasse, sustentasse a honra da Hespanha, navegasse para o occidente ou se conservasse nas costas da península, defendendo o littoral, como achasse melhor. Não vos posso dizer o ponto preciso; vejo-a no meio do oceano, evitando as vistas da terra, em vez de dirigir-se para ella.

Dirigiu-se depois a outro medium, á Sra. Slosson, e fez-lhe a mesma pergunta acima, obtendo a seguinte resposta :

— Se eu fosse marinheiro, vendo o quadrante de um dos navios, vos daria a posição exacta da esquadra hespanhola. O capitão Proctor, velho marinheiro, está ahi e diz que o almirante hespanhol

não deseja encontrar o almirante Sampson; que depois do feito de armas de Manila houve um conselho, em que ficou resolvido evitar-se a batalha peito a peito, desmortejar o inimigo na perseguição, só ferir-o de improviso, quando fosse possivel; com alguns navios seguros atacar os portos do norte do inimigo, conservando-se o resto da frota nas proximidades de Cuba ou Key-West. Agora a esquadra se dirige para um grupo de illas, que creio serem as Canarias, onde chegará na segunda ou terça-feira, para receber carvão, que lhe falta absolutamente. Ella não vai á India com receio de desordens em Porto Rico. O presidente Lincoln tambem está aqui e confirma o que diz o capitão Proctor, accrescentando que não haverá intervenção estrangeira, principalmente depois do desastre de Manila; que essa guerra não será longa, concorrendo para apressar-lhe o termo a falta de carvão e generos alimentícios que os hespanhoes sentirão em breve, juntamente com o desgosto da tropa; que, por isso, nada tinha-se a recear nos Estados Unidos, e que d'aqui a trinta ou sessenta dias a guerra estará terminada.

Uma grande maioria dos homens que se dedicam ao estudo das antiguidades e mesmo muitos historiadores do passado, concordam que a historia certa e authenticada dos egypcios não vai além do anno 5000 antes da era vulgar, data em que se deu o triumpho da classe guerreira com Menés, relegando para o dominio das fabulas e lendas os nomes e as historias de Osiris, Isis, Set e Horus, reis-sacerdotes que governaram o paiz antes do periodo iniciado por Menés, e que os egypcios tinham considerado como divindades tutelares.

Assim diziam e dizem os investigadores de que falamos acima: esses nomes não são mais do que symbolos das forças e phenomenos naturaes personalizados.

Pois bem, o archeologo Sr. Amelineau acaba de descobrir em Luxor os tumulos dos reis-sacerdotes, Osiris, Set e Horus. Foram homens como nós, viveram na terra, morreram e, por seus serviços foram considerados heróes ou deuses.

Telepathia

Um notavel exemplo de telepathia vem narrado nos jornaes allemães, occorrido com o rei Otton da Baviera, já ha alguns annos internado, como louco, no castello de Furstenreid. Ha poucos mezes, foram encontral-o chorando amargamente; e sendo interrogado sobre o motivo do seu pranto, respondeu :

— Ella está soffrendo muito, e seus soffrimentos me matam.

Elle se referia a uma joven por quem se havia apaixonado alguns annos antes.

Alguns dias depois elle exclamou :

— Está fóra de perigo. Está salva!

Verificou-se que essa dama estivera realmente muito mal, ao ponto de se desesperar de sua cura, e que tinha apresentado muitas melhoras, quando o louco o annunciara.

No *Uebersinnliche Welt*, de Munich, o Dr. C. von Arnhard conta factos importantes passados nas sessões do medium conhecido pelo nome de *Mulher mascarada*. Resumamos :

Muitas photographias têm sido tiradas durante essas sessões, reproduzindo as phases diversas dos phenomenos obtidos. Em uma das vezes a chapa não accusou a presença de um só dos assistentes. Uma photographia tirada em pleno ar e que devia reproduzir um grupo composto do medium, uma outra dama e o Dr. Volk sentado em frente a ellas, não revelou mais que a cadeira do Dr. Volk e uma columna de vapor, branco e luminoso, no lugar que as damas occupavam, estendendo-se para os dois lados e quasi occultando as arvores e os arbustos.

Revista Spiritista

Chegamos sempre tarde para cumprir o nosso dever a respeito d'este sympathico collega da Bahia, e ainda agora não nos explicamos por que conjuncto de circunstancias só ultimamente nos veio ás mãos o seu numero de 15 de agosto que assignala o seu terceiro anniversario, tão brilhantemente festejado alli, segundo lemos na sua referida edição.

Chegamos sempre tarde, é certo. Mas estamos tão habituados á sua generosidade, que não hesitamos em invocal-a uma vez mais para este involuntario retardamento, e d'aqui nos associamos com a maior cordialidade ás manifestações de affecto e regosijo que lhe foram n'aquelle dia prodigalizadas, e que signifícam um justo reconhecimento dos serviços que, em tão curto tirocinio, tem o collega prestado á causa da propaganda da nova doutrina, em cujo terreno se tem hobreado com os mais distinctos n'esta sagrada lica.

PAGINAS DE AKSAKOF

VIII

Para completar o meu inquerito, não me restava senão fazer uma visita a algumas testemunhas, e especialmente ás que faziam parte das cinco que haviam examinado a cadeira. Eram os Srs. Hertzberg e Boldt.

Graças á benevola apresentação do Sr. Seiling, estes dois Srs. fizeram-me a gentileza de vir ter commigo ao hotel.

O Sr. e a Sra. Seiling, as Srs. Hjelt e Tavaststjerna tiveram a amabilidade de vir ter commigo e, assim reunidos, examinámos ainda os pró e os contra d'esse facto tão extraordinario.

A pedido meu, o Sr. Hertzberg mostrou-me em uma cadeira o modo por que havia tacteado o lugar em que se achava a Sra. d'Espérance, no momento da desmaterialização. Elle moveu as mãos por todo o assento, mesmo até ao espaldar; como, duvidoso, fizesse eu esta pergunta: « O que é?! estais certo de haver passado as mãos até ao espaldar? », elle me respondeu :

— Sim, exactamente como acabo de vol-o mostrar.

— E fostes vós quem deu de beber á Sra. d'Espérance durante o phenomeno ?

— Sim.

— Vistes-lhe a cabeça, os braços, o rosto, como se elles pertencessem a uma pessoa que estivesse sentada na cadeira ?

— Sim, certamente; mas, para vos ser franco, devo dizer-vos que não observei o facto com a attenção critica que elle merecia; imaginai que eu estava n'esse momento sob a impressão (comprehender-se-ha facilmente) de que tudo isso não podia ser serio.

— E não vos assegurastes d'isso, passando a mão por detraz da cadeira, para ver se lá não se achava alguem ?

— Bem pensei que deveria tel-o feito, mas, justamente pela razão indicada, não o fiz.

N'uma longa conversa que tive ainda com o Sr. Hertzberg, elle me forneceu interessantes detalhes sobre as sessões da Sra. d'Espérance, ás quaes elle havia assistido. Diversos phenomenos eram tão extraordinarios como positivos, pois elle tinha conseguido verificar a simultaneidade dos phenomenos e da presença do medium. Outros lhe pareceram duvidosos, por exemplo, quando elle conseguiu, com a propria mão, verificar a ausencia do corpo do medium na cadeira

onde deveria achar-se. Entretanto, ajuntou elle que certas reflexões o forçavam a concluir que isso podia não ser uma prova de fraude por parte do medium.

O Sr. Boldt não pôde dar-me um testemunho certo, pois não tinha tactado a cadeira senão apressada e parcialmente. Tudo o que elle pôde dizer-me foi que coisa alguma lhe parecera irregular quanto á posição do medium na cadeira.

Não pude encontrar o Sr. Lennbom, mas pedi ao Sr. Hertzberg, que o apresentara n'essa sessão, que o induzisse a dar-me um testemunho por escripto.

No dia seguinte entrei em S. Petersburgo, muito contente com o resultado do meu inquerito e felicitando-me por ter podido, não obstante o meu estado moribundo, pô-lo em execução.

Que conclusão devo tirar de tudo o que precede?

Para responder a esta questão, resumamos as razões invocadas pró e contra a autenticidade do phenomeno.

— A principal objecção é que foi a *propria* Sra. d'Espérance quem dirigiu as mãos que apalparam a cadeira, e que por isso o exame não foi livre.

Incontestavelmente é seria esta objecção. Mas colloquemo-nos por um momento no lugar da Sra. d'Espérance e admittamos a autenticidade do phenomeno. Poderemos achar-nos durante esse tempo n'um estado normal? O improvisto, a anomalia do phenomeno e o temor deveriam ter impressionado o seu espirito, com um horror e uma perturbação indizíveis; era uma questão de vida ou de morte. Compreendamos tambem o estado de excitação nervosa e de terror por que a Sra. d'Espérance declara ter passado e que realmente « n'esse instante ella não sabia o que fazia ». E, se por um lado tomarmos em consideração a dor terrível experimentada pela Sra. d'Espérance ao menor contacto « n'aquillo que podia muito bem ser uma parte do seu corpo » (dôr essa que a fez comparal-a á dos nervos que, estando a descoberto, eram tocados brutalmente), e, por outro lado, a situação delicada e difficil para uma Sra. que convida homens a se aproximarem e verificarem a desappareição dos seus joelhos e das suas pernas, acharemos muito natu-

ral que a Sra. d'Espérance tenha se servido das mãos para conduzir as dos assistentes que deviam apalpar o lugar onde ella se achava sentada. Tem-se dito que ella ainda se achava com bastante presença de espirito para comprehender toda a importancia do phenomeno, e tanto assim que ella o fez verificar.

Esta objecção se destroe em face da affirmacão cabal de duas testemunhas, os Srs. Seiling e Hertzberg, dizendo que, embora suas mãos tivessem sido seguras pela Sra. d'Espérance, puderam examinar toda a superficie da cadeira, mesmo até o espaldar.

A segunda objecção é que nenhuma das testemunhas se assegurou, pelo tacto ou pela vista, de que não havia ninguém atraz da cadeira do medium, durante a desappareição das pernas.

A objecção é seria, mas está completamente refutada pelos testemunhos contestes de *seis* pessoas, das quaes duas, (os Srs. Seiling e Hertzberg) asseguraram ter visto muito bem a Sra. d'Espérance na cadeira enquanto procediam ao exame, e uma (o capitão Toppelius) affirma que não sómente viu toda a parte superior do corpo do medium na cadeira, mas tambem que tocou-a com as duas mãos desde o encosto até abaixo « descendo dos dois lados ». Que se pode pretender de mais evidente?

Temos ainda os testemunhos de tres observadores, as Sras. Seiling, Hjelt e Tavaststjerna que certificam ter visto o medium, durante toda a sessão, *na cadeira*, e especialmente durante a desmaterialização; que, além disso, observaram que o vestido pendia verticalmente da cadeira, e que elle em seguida se tinha novamente enchido, sem que o medium, se mexesse do lugar. Os testemunhos dos que nada d'isso viram, não podem, portanto, em caso algum, deprimir o valor dos testemunhos tão certos e explicitos dos que o viram.

A terceira objecção poderia ser que uma tal desappareição da metade d'um corpo, vivendo onde tinham desapparecido, por um quarto d'hora, a carne, os ossos, o sangue, é uma impossibilidade, uma anomalia, um absurdo. Como teria podido a outra metade do corpo viver, falar, beber agua em tal estado, etc. etc.?

Ha homens, rarissimos, que, tratando com uma d'estas, têm a intuição da besta de Vandel-Verde; a maioria, porém, a quasi totalidade dorme tranquilla á sombra e ao frescor da lethal manceuilha.

Elisa, já o sabemos, era um d'esses abysmos cobertos de flores, e Martim era um d'esses ingenuos dispostos, muito naturalmente, a se precipitarem na voragem, procurando colher as flores.

— Oh! nunca encontrei uma mulher tão bella; foram as palavras que lhe irromperam do peito entumecido, quando se achou a sós com seu amigo e companheiro.

— E foi por sua belleza que te apaixonaste?

— Que fosse, Julio! O que é a mulher senão o ideal da perfeição? E o que é a perfeição senão a belleza?

— Então, a perfeição da mulher é a belleza?

— Sei onde queres chegar; mas Elisa possui a belleza da alma.

— Estudaste a bem?

— Oh! o brilhante luz em meio das trevas.

— E quantos têm comprado brilhantes falsos por verdadeiros?

— Tu me julgas tão bronco?

— Não julgo nada, Martim; o que te asseguro é que aquella moça é um dos tumulos caídos de que falou o Redemptor.

— Ora! ora! Isto é demais em relação á Elisa.

— Dizes isto, Martim, porque tua alma é simples como a flor do prado. Eu troquei apenas cumprimentos com Elisa, e senti, como por intuição, que a moça é um d'esses espiritos frivolos ao mesmo tempo que volúveis, que não dão valor ao bem, que não dão valor á honra, que já conhecem todas as misérias humanas e que só aspiram da vida o gozo, segundo seus caprichos de occasião.

— E reconheste tudo isso n'um momento, porque tua alma é maliciosa, é penetrante, é vidente, como a de um physiologista amestrado!

— Para Elisa, fui mesmo physiologista, não amestrado, porém intuitivo.

— Historias! Antipathizaste com a moça; e ali está toda a tua intuição.

— Martim, por tua felicidade, não te

Comprehendendo perfeitamente a força d'essa objecção e tudo o que ha de extraordinario physiologicamente em admittir um tal phenomeno. Mas, no ponto de vista vulgar, todos os factos do spiritismo são impossibilidades e, como por ali se repete, em opposição directa ás leis eternas da natureza. Os movimentos espontaneos dos objectos, a appareição momentanea de uma mão plastica... são, portanto, puros absurdos, meras impossibilidades. A isso o spiritismo nada pode replicar, a não ser que taes factos são constatados por milhares de pessoas e que é necessario estudal-os.

Para o caso presente, a unica objecção seria a que o facto é unico. — Elle é verdadeiro, e seria para desejar que fosse possível ser estudado ainda varias vezes.

(Continua).

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II — V. 25-35

CANTICO DE SIMEÃO

V. 25. Ora, havia em Jerusalem um homem justo e temente a Deus, chamado Simeão, que vivia na expectativa da consolação de Israel; e o Espirito Santo estava n'elle; — 26, tinha-lhe sido revelado pelo Espirito Santo que elle não morreria sem que primeiro tivesse visto o Christo do Senhor. — 27. Impellido pelo espirito, veio ao templo; e como o pae e a mãe do menino Jesus ali o levavam afim de cumprir a respeito d'elle o que a lei ordenara; — 28, tomou-o nos

prendas aquella mulher, que far-te-ha o mais desgraçado dos homens.

— E's tu, Julio, que te levantas, como ave agoureira, em meio das alegrias de minha alma?

— Não sou ave agoureira, Martim: sou uma especie de teu anjo da guarda, que te adverte do perigo.

— Mas o perigo é todo imaginario.

— Não é como dizes. Mesmo que Elisa seja uma belleza d'alma, como dissesse, a roda em que nasceu e creou-se não vai com teus sentimentos. O orgulho e a vaidade da riqueza, as grandezas a que está habituada, o veneno que contamina a alta sociedade, sob o nome de *liberdade de salão*, que permite a uma moça, solteira ou casada, sustentar conversa que offenderia o pudor de sua propria creada, tudo — tudo o que constitue a atmosfera do *high-life*, é incompativel contigo. Cada um no seu circulo, meu Martim. Para uma moça de salão, um rapaz de salão; entendem-se; para um moço de principios austeros, como tu, uma moça nascida e creada em um meio modesto, em que o pudor feminino não é uma especie de peteca em jogos de espirito, em que as virtudes esmaltam o amor terno da filha, o amor casto da esposa, o amor sublime de mãe. Podes, acaso, Martim, viver em paz, na santa paz, que é a maior felicidade do casal, ligando-te a uma mulher que vive mais para o mundo, com suas vanglorias, do que para ti; que é mais dos outros do que tua; que, finalmente, ou ha de arrastar-te ao turbilhão d'esses vícios, que fazem o brilho dos salões, ou viver, em casa, contrariada, irritada e indisposta contra ti? Ah! meu caro amigo; faze calar, por um momento, teu coração e deixa que fale a tua razão. Elisa não é mulher que abdique, porti, a realza d'esse mundo corrompido, em que entrou hoje, e do qual já possui todos os vícios. Seria uma união hybrida a tua com essa mocinha: tu, a castidade, e ella, a impudicia! Queres? Faze-o; mas faze-o com a certeza de que partes, para sempre, a cadeia de venturas que Deus te concedeu.

Julio acabou chorando, e Martim, dominado por aquella logica de ferro, que bebia forças na sciencia do coração humano, cur-

bracos e lançou a Deus dizendo: 29. « E' agora, Senhor, que deixarei morrer em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra; — 30, pois que meus olhos viram o Salvador que vós nos dais, — 31, e que destinaes para ser exposto á vista de todos os povos, — 32, como a luz que illuminará as nações, e a gloria de Israel vosso povo ». — 33. O pae e a mãe de Jesus achavam-se imersos na admiração das coisas que d'elle se diziam. — 34. Simeão abençoou-os e disse á Maria, sua mãe: « Este menino é para a ruína e a resurreição de muitos em Israel e para ser exposto á contradicção dos homens. — 35. E a vossa alma mesmo será traspasada como por uma espada, afim de que os pensamentos occultos no coração de muitos sejam descobertos. »

N.º 41. « Simeão, homem justo e temente a Deus, vivia na expectativa do Messias predito e prometido. »

« Estas expressões: « *o Espirito Santo estava n'elle*, — « *tinha-lhe sido revelado pelo Espirito Santo*, — « *impellido pelo espirito*, » eram, vós o sabeis, uma maneira de falar hebraica. »

« Já o explicámos (n.º 9): tudo o que era resultado de uma inspiração incomprehendida pelos judeus, era, *a seus olhos*, obra do *Espirito Santo*, isto é, *no seu ponto de vista*, o espirito do proprio Deus animando e inspirando os homens. »

« Simeão recebeu de seu anjo da guarda a inspiração (o que vós chamais, em vossa linguagem humana, o presentimento) de que não morreria sem que primeiro tivesse visto o Christo do Senhor; — por effeito d'essa inspiração houve intuição, convicção da sua parte. »

« Igualmente pela inspiração que recebeu de seu anjo da guarda, foi impellido a ir ao templo onde, esclarecido por essa inspiração, tomou nos braços o menino Jesus, proclamando-o o salvador esperado e pronunciou as palavras do canticó. »

« As palavras propheticas de Simeão inspirado não se cumpriram e não se devem cumprir ainda? »

« Jesus foi exposto no Golgotha, para o presente então, e para o futuro até á consummação dos seculos, *à vista de todos os povos como a luz que devia e deve ainda illuminar as nações* — *as illuminou e illuminará ainda*. Não foi exposto á vista de todos os povos pelos seus Apóstolos e discipulos até aos vossos dias? Não o vai ser ainda, e *cada vez mais*, nos tempos da era nova que começa, pelo « *espirito de verdade* » o

vou a fronte e chorou tambem, e ficou imerso em profundo meditar.

Lá, no intimo do seu ser, dava-se uma batalha tremenda: o coração impulsionado pela paixão, contra a razão, esclarecida pelas considerações do amigo.

Este, em morno silencio, esperou que a crise se resolvesse naturalmente, espontaneamente.

— Tens razão! Elisa não é a desejada de minha alma; é um sonho que devo esquecer. Tens razão! Mas eu não posso esquecer a feiticiera senão fugindo. Fugirei, antes que o incendio devore tudo, até o meu proprio livre arbitrio, até o meu simples bom senso. Julio, vou deixar-te, vou passar uns tres annos na Europa.

— Feliz inspiração! Parte o mais depressa possível, e Deus abençoe tua resolução.

Enquanto isto se passava em casa dos dois moços, cuja vida serena era a felicidade de ambos, em casa do commendador Muniz dava-se alguma coisa que nos interessa saber.

Elisa estava contrariada por ver que Julio, a quem quiz prender por seus desdens, nenhum caso fez, nem d'ella, nem do seu expediente, tratando-a com a mais glacial indiferença.

Isto feriu sua vaidade, principalmente porque, mal poz os olhos no bello moço, sentiu-se arrastada para elle.

Foi ella quem cahiu na armadilha preparada para o moço!

Entretanto, desde já o digo, aquelle arrastamento não tinha a força de uma paixão ou mesmo de um sentimento amoroso, pois que, se era ardente a natureza da moça, seu coração era frio.

Era capaz de calcar o pudor e a honra, pela vangloria de apresentar, subjugado a seus encantos, o desejado de todas as outras; mas tudo isto fazia sem o minimo impulso do coração.

Sua contrariedade, pois, era filha de sua alma frivola e de sua ambição vaidosa de fazer do moço seu mais submisso adorador.

(Continua).

FOLHETIM

(22)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAS

PRIMEIRA PARTE

XXII

A mulher foi creada esphinge — esphinge eterna da humanidade.

Quem já descobriu um escaphandro para descer a explorar o fundo d'esse oceano que se chama o coração feminino, onde se volvem e revolvem, com as ondas, mansas ou convulsionadas, tantas especies de seres desconhecidos, mais innumeraveis que as estrellas do céu?

O homem mais hypocrita trai-se a cada momento, e por fim se descobre.

A mulher possui a sciencia innata de parecer e não ser, e de ser e não parecer.

E' de grande profundidade a lição que nos dá a Biblia: foi a mulher, e não o homem, quem entendeu a linguagem da serpente.

Não vão acreditar que eu detesto o bello sexo e que julgo todas as mulheres dignas de execração. Não. Ellas são esphinges, porque sua alma, e principalmente seu coração, não se abrem á nossa percepção, como se abre a flor aos beijos dos ventos; mas essas esphinges podem ser más, de entenderem a linguagem da serpente, e podem ser boas, de receberem, como Maria, a visita dos anjos da Fé, da Esperança e da Caridade.

A questão é distinguir a de uma e a de outra especie. Impossivel, principalmente quando ellas são da especie má, e precisam fingir bondade para illudir os incautos.

até que a luz de que elle é a personificação, reine sobre todos?»

«Estas palavras de Simeão, falando de Jesus: «e que vós destinais para ser... a gloria de Israel» são, segundo o espirito, em seu sentido occulto, em espirito e em verdade, relativas ao sentimento de orgulho que experimentará a nação judaica, pensando que foi escolhida para receber esse penhor «do redempção.»

«Esta parte do cantico applica-se aos seculos futuros, aos tempos posteriores não somente á epoca em que fala Simeão, mas também á vossa; é comprehensivel: quando a claridade tiver sido espalhada por toda a terra, os judeus serão felizes por terem sido o primeiro facho a que ella foi ateada; e, ainda que tenham começado por pô-la debaixo do alqueire, nem por isso deixarão de experimentar um vivo sentimento de reconhecimento: o tempo virá; é preciso esperar.»

«Estas palavras de Simeão: «Este menino é para a ruína e a resurreição de muitos em Israel e para ser exposto á contradicção dos homens» são, também em seu sentido occulto, segundo o espirito, em espirito e em verdade, uma allusão ás controvérsias religiosas quanto a Jesus, sua origem e sua natureza, sua appareição e sua passagem pela terra, sua posição spirita em relação a Deus, ao vosso planeta e á vossa humanidade, aos seus poderes, á sua autoridade e, sobretudo, á opposição que foi feita á sua moral pela maior parte dos mais proeminentes em Israel; controvérsias religiosas que se estabeleceram no presente então, depois no futuro até aos vossos dias, e duram ainda.»

«Para os mais proeminentes em Israel, Jesus foi uma causa de ruína; porque tiveram que expiar o seu orgulho, a sua cobiça, a sua ambição e todas as suas más paixões.»

«Não somente para o povo de Israel, mas também para muitos outros, Jesus foi, e será, por mais algum tempo, uma causa de ruína: «Todos aquelles que repellem a sua verdadeira lei, a sua verdadeira palavra,—contida nestes dois mandamentos: O amar a Deus sobre todas as coisas e o amor ao proximo como a si mesmo, por toda a parte e sempre na ordem material, moral e intellectual, acharão, n'elle, a pedra contra a qual se devem vir despedaçar.»

«Jesus é, em tal caso, a pedra de escandalo contra a qual se chocam elles.»

«Aquelle que repelle a verdadeira lei de Jesus, porque não a comprehendeu bem, muitas vezes porque não lhe foi bem ensinada, não pode ser julgado culpado no mesmo grau que aquelle que, tendo o sentido intimo d'ella, o DESNATURA para os outros AFIM de OS MANTER sob o seu jugo.»

«Para aquelles que marchavam nas trevas e se dirigiam, com alegria, para a luz, Jesus foi, e será uma causa de «resurreição». Resuscitaram;—resuscitaram NO SENTIDO DE QUE, deixando de se conservar no estado de degradação que os afastava do «céo» a que vós aspiraes, entraram na via do progresso que a elle rapidamente conduziu; estavam, pois, «mortos», não tendo a sua existencia outra saída senão o sepulchro, «resuscitaram», tendo transposto as portas do «túmulo» para se lançarem em demanda do seu Creador com todos os esforços do seu amor, da sua fé e da sua perseverança.»

«Estas palavras de Simeão á Maria: «E a vossa alma mesma será traspasada como por uma espada, afim de que os pensamentos occultos no coração de muitos sejam descobertos,» são uma allusão á «morte» de Jesus, a qual foi, humanamente, uma grande dor para Maria e que deu lugar á profissão de fé, como á deserção de muitos.»

«Acabamos de dizer, a «morte» de Jesus, a qual foi, humanamente, uma

grande dor para Maria; porque ella estava convencida do futuro brilhante «do filho de Deus» — «Salvador do mundo», — mas soffreu humanamente, visto as crenças que devia ter e teve, da «morte» do «filho» que tinha acalentado em seus braços, seguido em seus progressos, admirado e adorado em suas obras.»

(Continúa).

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUARTA PARTE

CAPITULO IV

HYPOTHESE

(Continuação)

Os organismos dos animaes primitivos são effectivamente muito simples; aproximam-se da natureza das plantas. O principio animico poucas funções tem apenas a preencher; elle se habitua á vida activa, mas é preciso não acreditar que elle seja inerte, porque desde os seus primeiros passos na vida animal o germen intelligente experimenta sensações. Elle quer, por exemplo, evitar ou apanhar um objecto, mas o movimento não segue immediatamente sua vontade; elle deve para isso desenvolver um esforço e vencer certas resistencias que provêm de uma disposição perispiritual das moléculas, pouco favoravel ao movimento. Esse movimento acaba, entretanto, por se propagar, seguindo a linha de moléculas cuja vibração apresenta comsigo menos divergencia.

E' assim que se supera nos primeiros tempos a inercia das moléculas perispiritaes, sob a influencia da vontade nascente. Dahi resulta que o mesmo movimento, quando desejado uma segunda vez, experimenta menos resistencia, exige menos esforços e, com o tempo, á força de repetições, acaba por fazer-se com o menor esforço possivel, com um esforço de tal modo fraco que não é mais sentido.

Logo, o movimento, a principio penoso torna-se depois facil, depois natural e, finalmente, machinal.

Eis de que modo se pode conceber que pouco a pouco, depois de milhares de passagens do principio intelligente na serie animal, o perispirito chegou a fixar em si essas leis que nos apparecem sob a forma de instincto, mas que foram lentamente conquistadas por elle, mediante existencias successivas.

Assim, pois, pode-se dizer de um modo geral que o movimento é voluntario quando sabe-se como e porque se o faz; que é habitual quando se o faz sem saber como; instinctivo, quando se o faz sem saber porque; reflexo ou automatico quando se o faz sem saber.

O habito se adquire pelo exercicio, isto é, pela repetição voluntaria de uma serie de actos que acabam succedendo-se cada vez mais rapidamente e com um dispendio menor de força. O habito modifica o organismo até nos ovulos e espermatozoides. A modificação dos paes se encontra nos filhos em forma de necessidade, a principio, de instincto depois. Ao mesmo tempo que o animal se aperfeiçoa, os instinctos progridem e servem para dirigil-o; é assim que se formam as leis da materia animada. A medida que o espirito envelhece, isto é, que se reincarna, adquire qualidades novas e torna-se cada vez mais apto para habitar corpos mais aperfeiçoados.

Chegada á humanidade, a alma fixou no seu involuero todas as leis automaticas destinadas a regular esta maravilhosa machina chamada corpo humano.

Todas as funções animaes se exercem com regularidade, e a alma, desprendida das pelias mais grosseiras da materia, emerge da matriz que a envolvia e deve ser a senhora absoluta da materia que a dominava até então.

Um facto pareceria contradizer a theoria que sustentamos. E' que se nota entre o macaco o mais aperfeiçoado e o selvagem, mesmo o mais embrutecido, diferenças enormes que parece indicarem um limite claramente estabelecido entre o homem e o animal.

Para explicar essa anomalia no ponto de vista physico, a anthropologia nos ensina que existe uma serie de animaes, chamados anthropoides, que são os intermediarios entre a humanidade e a animalidade. Não ha, portanto, solução de continuidade na grande cadeia dos seres. No ponto de vista moral, que é o mais importante, as sabias investigações dos Srs. Boucher de Perthes, du Mortillet, Lartet, Gaudry e tantos outros, estabeleceram que, em certo momento do periodo quaternario, os caracteres humanos e simios se encontravam reunidos nos anthropoides d'essa epoca longinqua.

A apophyse dentaria, isto é, a excrescencia sobre a qual se inserem os musculos que favorecem a linguagem, não existia ainda, e entretanto todos os caracteres do esqueleto provam que o individuo assim constituído era já um homem.

A medida que esse ser progrediu, aperfeiçoando-se seus orgãos com os esforços que elle empregou para communica com seus semelhantes, a apophyse formou-se, e esse animal-humano poudo falar.

Não se poderia imaginar a duração de tempo para operar-se essa transformação; mas tudo induz a crer que ella foi enorme. O homem não falante é o que se encontra no grau superior terciario, e apesar das vivas discussões que levantou a qualificação de homem que se lhe deu, pode-se em todo caso considerá-lo como um precursor, pois que elle talha pedras para o seu uso.

Qualquer que seja a opinião que se faça sobre o homem da epoca pliocena, está absolutamente demonstrado, e é certo, que o homem, tal como existe actualmente, appareceu na epoca quaternaria, o que lhe assegura ainda uma respeitavel antiguidade, pois que calculos baseados sobre a deterioração das rochas edereas demonstram que ha 450.000 annos que os gelos desapareceram, e que o homem era contemporaneo, senão precursor, da epoca glacial!

Se o principio intelligente dos animaes é obrigado a passar por formas intermediarias para chegar á humanidade, os macacos sendo os representantes directos dos anthropoides, e tendendo sua raça cada dia a desaparecer, pergunta-se: quando elles não existirem mais, como chegarão as almas animaes ao nosso grau humano?

Esta objecção é muito sensata e nos atesta que não se deve limitar á terra as evoluções do principio intelligente. Nós fazemos parte do universo, e nada prova que o principio animico seja obrigado, chegando á nossa terra, a seguir toda a serie de especies que existem na sua superficie.

Na epoca quaternaria podia se dar que as almas animaes se transformassem, passando por gradações insensíveis, em almas humanas; mas na nossa epoca isso já não é possivel, porque não se encontram traços de intermediarios intellectuaes entre o homem e o macaco. E' preciso, portanto, admitir que a alma animal, chegada ao apice da escala das formas por que tinha de passar, é levada a um mundo, onde, pouco a pouco, adquire as qualidades que differenciam o homem do animal, isto é, o conhecimento de si mesmo, a perfectibilidade e o sentimento do bem e do mal.

Notar-se-ha que não fizemos nenhuma supposição sobre a criação do principio

intelligente, porque estas questões acham-se tão obscuras, tão pouco estudadas até agora, que não se poderia formular uma opinião sobre taes assumptos. A passagem da alma na escala animal nos parece racional, mas ha ainda muitos pontos a esclarecer e nós não podemos formular esta hypothese senão sob as mais formaes reservas.

Para entrar no terreno solido dos factos, podemos affirmar que ha mais de 300.000 annos que o homem existe na terra; que elle desprende-se lentamente das faixas da bestialidade para elevar-se aos mais altos píncaros da vida intellectual. Que espectáculo e que ensino nos apresentam os nossos avós miseraveis, morando nas cavernas e correndo nús á procura do alimento! A custo distinguam-se dos outros animaes, mais fortes e tão ferozes como elles. Mas o homem traz na fronte o sello da sua superioridade; possui a intelligencia, e é ella que o vai tirar d'esse repulsivo estado para fazel-o senhor da criação inteira. E' a lei do progresso que se manifesta e que nos eleva da inferioridade do ser ás espheras radiantes onde tudo é amor, justiça e fraternidade.

FIM DA QUARTA PARTE

(Continúa).

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spirita Brasileira, á rua da Alfandega n. 342, 2º andar:

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	5\$000
O CÉO E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
ORRAS POSTUMAS, por Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	1\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.).....	2\$000
SPIRITISMO E POSITIVISMO, drama, por José Balsamo, brochura (300 grams.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsamo, brochura (200 grams.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	1\$000
HISTORIA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE SOB O PONTO DE VISTA SPIRITA, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (750 grams.).....	4\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	\$300
LA CASA EMBRULADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES e OUTROS SABIOS, brochura (200 grams.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS e OS MUNDOS REALES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	3\$000
COLLEÇÕES ANNUAES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.).....	3\$000
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE LA MAGIE PRATIQUE, por Papus, volumosa brochura com gravuras (1.200 grams.).....	23\$000
RETRATOS DE ALLAN KARDEC EM PONTO GRANDE.....	7\$000
RETRATOS DE KARDEC EM PONTO PEQUENO.....	2\$000

Remessa de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams, além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos. Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 68

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Março 1

N. 384

Congresso espiritualista

DE

LONDRES (*)

Estudo

SOBRE AS VIDAS SUCCESSIVAS

(MEMORIA APRESENTADA PELO SR. GABRIEL DELANNE)

A reencarnação humana

RECORDAÇÕES DAS EXISTÊNCIAS PASSADAS. — Se a alma já habitou na terra antes do nascimento corporal, porque a recordação das vidas anteriores não existe em cada um de nós? A resposta a esta interrogação me parece bem simples: é porque não são preenchidas as condições que presidem á renovação da lembrança.

Não ha necessidade de formular hypothèses a esse respeito; basta simplesmente constatar o que se produz na vida habitual. E' de observação constante que os sonhos geralmente não deixam traços, ao despertar; que muitos períodos da nossa existência actual se apagam tão completamente da consciencia que se torna impossível fazel-os reviver por acto da vontade. Entretanto essas recordações não estão perdidas e pode-se de novo encontral-as integralmente no somno somnambulico, quando se restitue o perispírito ás mesmas condições dynamicas que elle possuia no momento em que teve logar a percepção.

O Sr. Pitre e sua escola, os doutores Bourru e Burot, o Sr. Pierre Janet collocaram esse facto fóra de contestação, e não ha magnetizador que não saiba que o esquecimento, ao despertar, é um dos caracteres mais constantes do somnambulismo. Immerso novamente no segundo estado, o sensitivo readquire o conhecimento do que disse e fez durante os seus precedentes sonhos magneticos.

Existem, por conseguinte, series de memorias que coexistem no mesmo sensitivo e que se ignoram completa e absolutamente. Em taes condições, é facil comprehender que, se a hypothese das vidas successivas é verdadeira, a revocação da lembrança de uma incarnação anterior é geralmente impossível, porque o movimento vibratorio do involucro perispiritual unido á materia durante a vida actual differe muito sensivelmente do que era em uma vida anterior, para que os minima de intensidade e duração necessarios á renovação d'essas lembranças, accumuladas pelas precedentes vidas, possam ser atingidos. Essa immensa reserva de materiaes psychicos constituiria a base da nossa individualidade moral e intellectual; formaria essa trama primitiva da intelligencia, mais ou menos rica, sobre a qual cada vida borda novos arabescos. Todas essas aquisições, porém, não se podem manifestar senão por essas tendencias primitivas que cada um traz ao nascer e que, sob um termo

geral, se denomina: o caracter. Desde então a mais perfeita inconsciencia deve existir por occasião do nascimento, e é precisamente o que se dá.

Mas não ha regra sem excepções. Do mesmo modo que se tem observado, em certos sensitivos, a conservação da lembrança ao acordar, assim também se podem encontrar individuos que se recordam de haver já vivido. Em alguns esse despertar de antigas sensações ocorre naturalmente.

Aqui, não obstante o desejo de ser o mais succinto possível, não posso passar em silencio os casos, relativamente numerosos, de que tenho conhecimento e que parece apoiarem vigorosamente a theoria da reencarnação. Essa crença em uma evolução continua do principio intelligente foi, com pequenas variantes, a da India, dos sacerdotes do Egypto, dos Druidas (1) e de uma parte dos philosophos gregos. Pythagoras, affrontando a ironia de seus contemporaneos, tinha o costume de dizer publicamente (2) que se recordava de ter sido Hermetismo, Euphorbio e um Argonauta.

Juliano, o apóstata, recordava-se de haver sido Alexandre da Macedonia. Empedocles (3) — também affirmou que, quanto a elle, «recordava-se mesmo de ter sido rapaz e rapariga». Como, porém, nada sabemos das circumstancias que poderiam determinar essas affirmações, passaremos aos escriptores dos nossos dias que relatam factos da mesma ordem.

Entre os modernos, o grande poeta Lamartine declara, na sua *Viagem ao Oriente*, ter tido reminiscencias muito nitidas. Eis aqui o seu testemunho:

«Eu não possuia, na Judéa, nem Biblia nem roteiro á mão, ninguém para me dizer o nome dos logares e o nome antigo dos valles e montanhas; entretanto reconheci immediatamente o valle de Therebithio e o campo de batalha de Saul. Quando fomos ao convento, os padres me confirmaram a exactidão das minhas previsões: os meus companheiros não o podiam crer. Assim também, em Sephora, eu havia apontado com o dedo e designado pelo nome uma collina dominada por um castello em ruinas, como o logar provavel do nascimento da Virgem. No dia seguinte, ao pé de uma arida montanha, reconheci o tumulo dos Macchabeus, e o affirmava sem o saber. Excepção feita dos valles do Libano, etc., quasi nunca encontrei na Judéa um logar ou uma coisa que não fossem para mim como que uma recordação. Teremos, pois, vivido duas ou mil vezes? Não é a nossa memoria mais do que uma imagem desbotada que o sopro de Deus faz reviver?»

(1) Alexandre Polyhistor. — Fragmento 138 na compilação dos fragmentos dos historiadores gregos, editor Didot, 1849. Cesar, *Commentario da guerra das Gallias*, liv. VI, cap. XIX, edit. Le-maire, 1819. Strabão, *Geographia*, livro IV, cap. IV, par. 4. — Deodoro de Sicilia, *Biblioteca Historica*, liv. V, cap. XXVIII. S. Clemente d'Alexandria, *Strom.*, 4. I, cap. XV.

(2) Herodoto, *Historia*, I, II, cap. CXXIII. Diogenes Laercio, *Vida de Pythagoras*, paragraphos 4 e 23.

(3) Fragmentos, vers. 11 e 12. Diogenes Laercio, *Vida de Empedocles*, paragraphos 9 e 12.

Essas reminiscencias não podem ser devidas a revocações de lembranças provenientes de leituras, porque a Biblia não faz a descripção exacta das paisagens em que se desdobram as scenas historicas; relata simplesmente os successos. Podem-se attribuir essas intuições tão exactas e precisas a uma clarividencia durante o somno? Não está absolutamente demonstrado que o Sr. de Lamartine fosse somnambulo; mas, admitida mesmo essa hypothese, como teria elle feito para conhecer os nomes exactos de cada um d'esses logares? Se foram espiritos que lh'os indicaram, porque se recorda elle sómente d'essas paisagens e absolutamente nada dos seus invisiveis instructores? E' preciso nunca fazer intervirem os espiritos desde que não é demonstrada a sua presença, e me parece que é este o caso.

O conde de Rêsie, em sua *Historia das sciencias occultas*, tomo II, pag. 292, diz:

«Podemos citar o nosso proprio testemunho, assim como as numerosas surpresas que nos tem feito experimentar, muitas vezes, o aspecto de alguns logares, em diferentes partes do mundo, cuja vista nos despertava ao mesmo tempo uma antiga recordação, uma coisa que não nos era desconhecida e que, entretanto, viamos pela primeira vez.»

No jornal *La Presse*, de 20 de setembro de 1868, um romancista popular, Ponson du Terrail, não obstante adversario do spiritismo, escrevia que se recordava de ter vivido sob Henrique III e Henrique IV; e, em suas recordações, o grande rei em nada se assemelhava ao que d'elle lhe diziam seus paes. Eu poderia também lembrar que Theophilo Gautier e Alexandre Dumas affirmaram repetidas vezes a sua crença, bascadas em recordações intimas, em vidas passadas (4); prefiro, porém, chegar sem interrupção ás narrativas que em si mesmas trazem as provas de sua authenticidade.

Em um artigo biographico sobre Méry, publicado, quando ainda vivo, no *Journal Littéraire* de 25 de setembro de 1864, o autor affirma, sem que tenha sido contestado, que esse escriptor acreditava firmemente ter já vivido muitas vezes; que elle se recordava das menores circumstancias de suas precedentes existencias e que as detalhava com uma força de certeza que impunha a convicção. Assim, diz o biographo, elle affirmava ter feito a guerra das Gallias e haver combatido na Germania com Germanicus. Reconheceu, d'essa vez, sitios em que acampou outr'ora; em certos valles, campos de batalha em que n'outro tempo pelejara. Elle então se chamava Minius. Entra aqui um episodio que parece estabelecer com segurança que essas recordações não são simplesmente miragens da imaginação do celebre romancista. Cito textualmente:

«Um dia, em sua vida actual, achava-se elle em Roma e visitava a biblio-

(4) Ver *Le spiritisme à Lyon*, n. 40, *Les pionniers de la lumière*. O mesmo jornal, n. 72, cita um artigo da *Gazette de Paris*, de 19 de abril de 1872, que traz uma conversação entre Alexandre Dumas e Méry, em que ambos affirmam ter vivido muitas vezes.

theca do Vaticano. Foi ali recebido por moços, noviços de longos habitos pardos, que se puzeram a falar-lhe no mais puro latim. Méry era bom latinista, em tudo o que se refere á theoria e ás coisas escriptas, mas não havia ainda experimentado conversar familiarmente na lingua de Juvenal. Ouvindo esses romanos de hoje, admirando esse magnifico idioma, tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da epoca em que estava em uso, pareceu-lhe que um véo lhe cahia dos olhos; pareceu-lhe que elle proprio havia conversado, n'outro tempo, com amigos que se serviam d'essa linguagem divina. Phrases completas e irreprehensíveis cahiam-lhe dos labios; achou immediatamente a elegancia e a correccção; falou, finalmente, latim como fala francez. Tudo isso não se podia fazer sem um aprendizado, e se elle não tivesse sido um subdito de Augusto, se não houvesse atravessado esse seculo de todos os esplendores, não se teria improvisado uma sciencia impossível de adquirir em algumas horas.»

Tem razão o autor. E' preciso distinguir cuidadosamente esse facto das hyperesthesias da memoria, muitas vezes observadas no somnambulismo e na doença. Nesses estados especiaes o sensitivo repete ás vezes tiradas completas, ouvidas outr'ora no theatro ou lidas n'outro tempo e profundamente olvidadas no estado normal. Mas uma conversação sustentada n'uma lingua inusitada, sem hesitações, sem rebuscamentos, no pleno gozo de suas faculdades, supõe evidentemente, para a enunciação e traducção das idéas, o funcionamento de um mecanismo inactivo por muito tempo, mas que se desperta no momento propicio, sob a estimulação dos seus esforços. Não se improvisa uma linguagem, mesmo quando se lhe conheçam as palavras e as regras grammaticaes. Resta a parte mais difficil: a da traducção oral das idéas. Esta depende dos musculos do larynge e das localizações cerebraes e não se pode adquirir senão pelo habito. Se a essa resurreição mnemonica se accrescentam as recordações precisas de logares outr'ora habitados e agora reconhecidos, ha fortes presumpções para admittir as vidas multiplas como a mais logica explicação d'esses phenomenos. Elles, de resto, são menos raros do que se têm querido fazer supôr. Vou ainda citar alguns exemplos tirados da collecção da *Revue Spirite*.

Um spirita da primeira hora, o professor Damiani, dirigiu, em 1º de novembro de 1878, ao editor do *Banner of Light*, de Boston, uma carta em reposta a certas polemicas a respeito da reencarnação; d'ella extraiu a seguinte passagem:

«Seja-me permitido dizer porque penso não me ter enganado em minhas visões espirituaes. Antes de ser reencarnacionista, e quando eu era adversario d'essas theorias como o que mais o fosse, diferentes mediuns, que se não conheciam, instruíram-me acerca das minhas reencarnações.

«Ri-me d'isso immensamente, na epoca em que qualificava de historias essas revelações. Quando, porém, depois de haver esquecido essas circumstancias, tendo

(*) Ver as nossas edições desde agosto de 1898.

decorrido muitos annos, entrei na posse do dom da visão espiritual; quando me vi, a mim mesmo, no meio das famílias de minhas passadas existências, vestido com os costumes do tempo e dos povos que outros videntes me haviam descripto, oh! para mim, ver importou no dever de acreditar.»

Esta declaração me parece convincente, pois que emana de um observador inerte, que não se torna crente senão de accordo com a sua verificação pessoal. Que causa poderia determinar as afirmações concordes de mediums desconhecidos entre si e que, todavia, se acham de accordo no relatar os mesmos factos?

Se as vidas anteriores deixam em nós traços indeleveis, é possível a certos sensitivos ler essas inscrições hieroglyphicas, essas veneráveis runas, escriptas em uma lingua que só a faculdade psychometrica permite decifrar. As descrições dos videntes devem ser semelhantes, pois que se apoiam em documentos positivos; d'ahi, provavelmente, essa unanimidade que o professor Damiani constata e que verifica logo que n'elle se desenvolveu esse poder.

A *Revue Spirite* de 1860 (pag. 206) traz estampada a carta de um official de marinha que se recorda de ter vivido e haver sido assasinado na epoca da Saint-Barthélemy. As circumstancias d'essa existencia acham-se profundamente gravadas em seu ser, e elle conta factos que demonstram não serem essas reminiscencias devidas a um capricho do seu espirito: «Se eu vos dissesse, escreve elle, que contava sete annos quando tive este sonho: que, fugindo, fui attingido em plenas costas por tres punhaladas; se vos dissesse que essa saudação que se faz sob as armas, antes de bater-se, eu a fiz á primeira vez que empunhei um florete; se vos dissesse que cada preliminar mais ou menos graciosa que a educação ou a civilização introduziram na arte de matar-se, me era conhecida antes de qualquer educação nas armas, etc... Essa sciencia instinctiva, anterior a toda educação, deve ter sido adquirida n'alguma parte. Onde, se não se vive mais que uma vez?»

Conta o Sr. Lagrange, em uma carta dirigida á Revista (5) em 1880, que conhecia em Vera-Cruz um menino de sete annos, chamado Julio Alfonso, que curava pela imposição de suas mãosinhas ou com o auxilio de remedios vegetaes cuja receita elle dava. Quando se lhe perguntava onde as buscava elle, respondia que, quando elle era grande, era medico. Essa faculdade extraordinaria manifestou-se aos quatro annos, e muitas pessoas, a principio scepticas, se declararam depois convencidas.

Pode-se, n'este caso, pretender que a creança era simplesmente medium. Efectivamente ella ouve os espiritos; mas sabe distinguir perfeitamente o que se lhe revela do que ella tira do seu proprio intimo; essa certeza de que era medico antes d'esta vida não lhe foi inculcada por seus guias: é innata.

Cita o Sr. Bouvéry (6), segundo o *Lotus bleu*, o caso do Sr. Isaac G. Foster, cuja filha, chamada Maria, morreu em Ill, condado de Ellingham.

Teve elle, alguns annos mais tarde, uma segunda filha, que nasceu em Dakota, cidade em que viera residir depois da morte de Maria. A nova filha recebeu o nome de Nellie, mas persistiu obstinadamente em se chamar Maria, dizendo que era o verdadeiro nome por que a chamavam outr'ora.

«N'uma viagem feita em companhia de seu pae, ella reconheceu a antiga residencia e muitas pessoas que nunca tinha visto, mas que a primeira filha, Maria, conhecia perfeitamente. A uma milha da nossa antiga habitação, diz o Sr. Foster, encontra-se o edificio da es-

cola que Maria frequentava; Nellie que a não tinha visto, fez-me d'ella uma descripção exacta e exprimi-me o desejo de a tornar a ver. Levei-a, e, uma vez lá, dirigiu-se ella directamente á secretária que sua irmã occupava, dizendo-me: «alli está a minha.» Dir-se-hia um morto que voltasse do «túmulo», accrescenta o pae. E a expressão exacta; porque, se se pode imaginar que, em somnambulismo, a creança tenha visto esse paiz, ninguém teria podido indicar-lhe as pessoas que Maria conhecia; e todavia Nellie não se engana a esse respeito: designa-as com exactidão.

Eu poderia alongar esta lista; mas, como escasseia-me o tempo para discutir convenientemente todos os casos, prefiro passar a uma outra serie de documentos concernentes sempre á volta da alma a este mundo.

(Continúa)

NOTICIAS

No *The Free Man*, de Maine, Norte America, a Sra. Julia O'Donnell diz, sobre a chiromancia, o seguinte:

A chiromancia é uma sciencia tão velha e real como a Biblia. Os Hindús praticavam-na muitos seculos antes da era christã. Ella foi ensinada por Anaxagoras, 432 annos antes do Christo, e occupava a attenção dos mais famosos philosophos gregos, homens immortalizados por suas obras e pensamentos. Entretanto, ainda hoje se pergunta se ella constitue uma sciencia. Vimos um moderno lexicographo defini-la como uma especie de fraude muito praticada pelos ciganos. Com o advento do seculo XX havemos de vel-a considerada, não como um embuste de ciganos e saltimbancos, mas occupando o lugar que lhe compete entre as sciencias, como as mathematicas e a astronomia. Segundo as leis da physiologia, a mão está intimamente relacionada com o cerebro, e é um dos mais maravilhosos orgãos do nosso systema.

O mote antigo, repetido pelo immortal Emerson, «conhecer-se a si mesmo» é a maior conquista á que o homem pode aspirar. Conhecer os outros não é coisa menos importante. Conhecendo-nos, nós nos saberemos dominar e dirigir nosso destino; conhecendo os outros, evitaremos muitos enganos e desillusões.

Um conhecimento rudimentar da sciencia já nos poderá habilitar ao julgamento de uma pessoa estranha. A forma e a grandeza do pollegar, por exemplo, dão-nos a indicação do caracter. Poucos ramos de estudo trarão mais proveito ao homem que a chiromancia.

Gall descobriu os signaes indicativos de nossas inclinações e instinctos na forma das bossas do orgão cerebral, e Lavater nos traços do rosto; mas os signaes denunciadores de nossa mentalidade e intelligencia, de nossa espiritualidade e mais delicadas forças, devem antes ser procurados na configuração da mão. Anaxagoras diz: «A superioridade do homem se manifesta em sua mão.»

Eu poderia citar innumeradas autoridades que dedicaram a existencia a esse estudo.

Mesmer conhecia os mysterios da chiromancia, quando curava os doentes pela imposição das mãos. O fluido astral (magnético) desprendido das pontas dos dedos é um poderoso agente de cura. Uma pessoa que nada absolutamente conheça de hypnotismo, pode por elle obter notaveis curas.

A enfermidade chamada mal do rei era curada pela imposição das mãos muito antes de Mesmer; notavelmente a do Dr. Johnson pela rainha Anna.

«Todas as sciencias têm os seus mysterios, diz o prof. Henry Drummond, nenhuma, porém, os apresenta mais impenetraveis que a sciencia da vida.»

Será prudente escarnecer de uma theoria por não se ver logo sua applicação

pratica? Será dar mostra de intelligencia condemnar o que se não estudou? Ainda nada conhecemos do modo por que se gera e age a electricidade; só percebemos os seus effectos. A Biblia anima as prophcias e narra factos; e no meio dos acontecimentos nós descobrimos o nosso destino e os fins da Suprema Força.

OS SONHOS DE AGASSIZ

Do *Banner of Light* extrahimos o seguinte que nos demonstra que, quanto esse illustre sabio fosse adverso ao spiritismo, confessava que os sonhos ajudavam-no, ás vezes, em seus estudos.

Estava elle estudando um fossil, cuja especie não podia determinar, quando viu em sonho apparecer-lhe a figura do peixe a que o esqueleto pertencia. A lembrança, porém, lhe fugia quando despertado, e elle voltava aos seus primeiros pensamentos. Voltou o sonho, e elle ainda lhe não deu importancia. Sonhou terceira vez, mas então, ao despertar, encontrou sobre a sua mesa, traçado no papel, o esboço da figura do animal, indicando-lhe os logares de tres ossos que faltavam no esqueleto. Elle separou um fragmento de pedra que adheria ao fossil e encontrou os logares dos ossos que faltavam.

O professor Agassiz, mesmo depois d'isso, negava a evidencia da nossa comunicação com os espiritos, mas, sem explicar como, admittia a d'esses sonhos que tinham até a faculdade de desenhar!

PAGINAS DE AKSAKOF

X

5.^a Pergunta: Quando Yolanda sai repentinamente fóra do gabinete, vós o sabeis?— Existe uma relação, um laço qualquer, entre ella e vós?— Quando ella soffre o tacto de um dos assistentes, ou quando ella propria o toca, sentis isso?

Resposta:— Quando Yolanda está fóra do gabinete, eu o sei, mas isso pode provir do facto de eu tel-a visto sair.— Quando ella se desmaterializa fóra do gabinete, sinto que me torno mais forte, e concluo d'ahi que ella partiu; não posso, porém, dizer que o sei, como se fosse isso uma certeza. Quando se desmaterializa fóra, não sei se ella desapareceu completamente ou se entrou no gabinete sem que eu a tivesse visto. Tudo o que sinto, quando ella se acha fóra do gabinete, é um temor nervoso sobre o que vai ella fazer, exactamente como se ella escapasse aos meus cuidados, e fico receoso de que vá fazer uma coisa que não deve. Nunca penso em mim propria, mas somente n'ella, do mesmo modo como se eu tivesse uma creança confiada aos meus cuidados. O mesmo, porém, não se dá com os outros fantasmas; esses parece não me dizerem respeito e com elles não me importo. Sinto-me curiosa a respeito d'elles, mas não me inquieto.

Pode ser que a minha inquietação quanto á Yolanda provenha do facto de ella ás vezes ter-se perturbado.

Assim, por exemplo, quando o Sr. George Jackson (100 High Street, Birmingham) esteve aqui, desde a primeira sessão, assistiu a uma d'essas perturbações; quando Yolanda projectou os véos que a envolviam, elle acreditou que lh'os tinha dado e tentou introduzi-los no bolso; apesar da sua presteza em fazel-o, parecia-lhe isso um facto de importancia. Mas isso não era agradável á Yolanda, e ella começou a mostrar-se descontente. Os outros assistentes disseram ao Sr. Jackson que abandonasse os véos, mas elle não comprehendia o suoco e continuava a guardal-os.

Por fim Yolanda pareceu ficar encolerizada e bateu o pé. O Sr. Jackson comprehendeu então que havia commetido uma falta, e deu os véos á Yolanda. Eu a via distinctamente á entrada do gabinete, mas não podia ter idéa alguma

do que lhe havia succedido; via-a somente bater o pé e puxar pelos véos. Quando Yolanda está fóra e toca a alguém ou a quem a toca, sinto-o sempre.

Não sei quando ella toca um objecto, como, por exemplo, um livro, uma mesa; mas, quando ella agarra alguma coisa, sinto os meus musculos se contrahirem, como se fossem as minhas mãos que houvessem agarrado esse objecto. Quando ella modelou a mão na parafina derretida, experimentei uma sensação de queimadura (1). Quando houve sessões em casa do Sr. Hedlund, lembro-me de que uma noite elle abriu ao meio a cortina do gabinete; pareceu-me que, n'esse momento, Yolanda collocou o pé sobre um cavalleto de pintura, porque senti immediatamente uma dór no meu pé; Yolanda, porém, nada sentiu. Mais tarde a dór passou, e só voltou no fim da sessão.

Ha alguns annos, em Newcastle, ella tinha uma rosa na mão, e um espinho lhe entrou no dedo; no mesmo momento senti a picada no meu dedo. Em seguida ella foi pedir a um dos assistentes que lhe tirasse o espinho, mas, como não a comprehendessem, ella veio ter commigo para que eu lh'o arrancasse.

Excepto o soffrimento (quando, ás vezes, algum foi causado a Yolanda), não sinto que exista entre ella e mim um laço qualquer que attinja a minha personalidade. Sinto que não perco coisa alguma a não ser o meu sentimento corporal; sei que não tenho perdido, nem a força de pensar, nem a de julgar, quando Yolanda ali está, pois que minha razão é, ao contrario, mais lucida que em outra qualquer occasião. Embora ella tome algumas parcelas do meu corpo, sei, entretanto, que ella não se apodera dos meus sentidos intellectuaes.

6.^a Pergunta:— Estivestes alguma vez em estado de ver Yolanda quando ella se acha na camara, longe do gabinete?

Resposta:— Vi-a tocar o orgão fóra do gabinete. Ella havia levantado, por acaso, um pouco a cortina. N'outras occasiões tambem eu a vi do lado de fóra; durante as sessões em casa do Sr. Hedlund, vi-a muitas vezes enquanto ella experimentava a luz para saber qual a que eu podia supportar; ella prendia as cortinas pela parte superior, de modo que eu pudesse vel-a. Tambem a vi quando ella ia examinar a camara. Quando eu tinha a curiosidade de vel-a, (e isso me succede ás vezes), faltava-me a força para abrir as cortinas.

Já vi, pelo menos, seis vezes Yolanda completamente fóra do gabinete; um dia, em Newcastle, ella veio ter commigo, fóra do terceiro compartimento do gabinete, atravessando a camara. Vi-a sair; então perdi-a de vista e nada mais soube a não ser quando ella veio para perto de mim, á distancia de alguns pés. *Fui com ella*, e ella collocou o braço em torno de mim e ajudou-me a caminhar até ao orgão.— N'outras occasiões, ella se materializou ao meu lado, fóra do gabinete; então pude vel-a tão bem como os assistentes.

7.^a Pergunta:— Notastes durante a sessão, mudanças, transformações no vosso estado corporal e intellectual que correspondessem ás manifestações?

Resposta:— Segundo a formação dos fantasmas, sua dissolução e seus movimentos, tenho impressões corporaes, como, por exemplo, um sentimento de vacuo e paralyisia; as sensações passam logo que o fantasma desaparece. Mas succede o contrario no meu estado intellectual; o poder das minhas impressões é muito mais vivaz na primeira phasé do que quando estou no meu estado normal, durante o qual não se produzem materializações nem fantasmas.

(1) Isto se passou em uma das minhas sessões. Preparei parafina derretida com agua quente a fim de obter um molde da mão de Yolanda.

(5) *Revue Spirite*, anno de 1880, pag. 361.

(6) *Le spiritisme et l'anarchie*, pag. 140.

Sei e sinto tudo o que se passa fóra do circulo. Vi que estaveis ausente (2), sei quando uma pessoa transita em qualquer parte na casa, e mesmo muito mais nitidamente que nas circumstancias ordinarias. Ouvi soar o relógio da torre da igreja; podia ouvir os silvos dos vapores no porto, bem como o ruido dos trens que subiam e desciam, o que me seria impossível no meu estado normal.

8.^a Pergunta:— Entendeis o que dizem os assistentes entre si, e especialmente quando se fala com Yolanda?

Resposta:— Entendo os assistentes e me parece tambem saber o que elles pensam: quando alguém fala com Yolanda, seja em que lingua fór, me parece saber o que se quiz dizer.

Não os conheço pelo que elles fazem, mas pelo que elles pensam.

9.^a Pergunta:— Yolanda vos toca algumas vezes? Que especie de sensação experimentais então?

Resposta:— Quando toco Yolanda sinto como se tocasse a mim propria; mas, como sinto que ali ha quatro mãos, concluo que ellas não são as minhas. Sabado, quando ella tomou as minhas duas mãos, uma para segurar a guitarra, outra para dedilhar as cordas, tive a sensação de que eu mesma estava tocando as minhas mãos. As mãos d'ella estavam mais frias que as minhas: eis a unica differença notavel.

(Continúa)

(2) Isto se refere ao incidente seguinte:—N'uma sessão, quando tudo estava prompto, a Sra. d'Espérance no gabinete, as cortinas fechadas, cada um no seu lugar, a meia-luz regulada, mas não estando ainda a porta fechada á chave, aproveitei-me d'isso para sahir um momento da camara sem fazer o menor ruido. Logo que voltei, me disseram que a Sra. d'Espérance havia exclamado: «Não se pode ainda começar porque o Sr. Akankof está ausente.» Devo acrescentar a declaração de que o medium estava sentado no gabinete, com as costas voltadas para mim, por causa da posição da sua cadeira: só a cortina nos separava, mas a minha cadeira se achava collocada ao lado esquerdo do gabinete, um pouco atrás da cadeira do medium, e de modo tal que elle não me podia ver, mesmo se por acaso houvesse uma fenda na cortina.

FOLHETIM

(25)

CASAMENTO E MORTALHA

POE



PRIMEIRA PARTE

XXV

Por todos os caminhos se vai á Roma, e o que parece mais longo é, ás vezes, o mais curto.

Aquelle incendio que parecia dever ser, tomado como a expressão de um amor sentido, uma barreira invencivel entre a moça e o doutor Martim, foi a mais forte razão para a aproximação dos dois.

E' que Deus escreve certo por linhas tortas.

O commendador, antes do baile do Casino, já tinha falado á filha em ir para a Europa, dando-lhe a entender que queria unil-a ao distincto moço que na Europa se achava.

E Elisa, presa pela esperança de fazer a conquista de Julio, recusou-se formalmente a ambos os propositos de seu pae.

Foi longa e calorosa a discussão, não cedendo a moça uma pollegada de terreno, não desistindo o pae nem uma linha de seus propositos.

O baile trouxe uma completa mutação de scena, não da parte do commendador, mas nas disposições de sua filha.

Como é muito commum, o amor que não assenta em verdadeira incandescencia de affectos, que é a simples forma, que não a essencia d'aquelle sublime sentimento, esse amor, se tal nome merece, que é mais evaporação da carne do que emanação da alma, desde que não é correspondido, transforma-se em odio — odio implacavel, que só pede vingança.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathens, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve;

as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2.^a epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

MATHEUS

CAPITULO II—V. 1-2

ADORAÇÃO DOS MAGOS

(Continuação)

«Não dizemos que foi uma realidade, pois que, pelo contrario, vamos explicar-vos a natureza d'essa luz que elles tomaram por uma estrella.»

«Certos espiritos fortes que, em seu orgulho, creem saber tudo e são ainda bem ignorantes, negando a acção e os effeitos spiritas, a acção e os effeitos de mediumidade, pretenderam que essa «estrella» era uma fabula astrologica: sem duvida alguma, aquelles que não comprehendem senão os effeitos mathematicos e que pesam tudo com o peso que sustentam em suas mãos, devem falar assim.»

«A luz que scintillava, sob forma de estrella, aos olhos dos magos, nada tinha de commum com os astros que povoam a immensidade: Não pode o anjo da guarda mostrar-se ao homem sob a forma luminosa que julgar conveniente? — O olho obscurecido da materia está em estado de distinguir a luz que se escapa de um centro fluidico, DA luz que envolve os mundos brilhantes por sobre as vossas cabeças?»

O amor de Elisa era aquillo, e aquillo, diante da explicação de Julio, fez-se odio, e pedia vingança.

A moça ainda esperou, como é natural ao coração humano, que não accieita o que o contrario senão quando a evidencia se impõe, que Julio, cuja mudança tanto ferira seu amor proprio, viesse cahir-lhe aos pés, pedindo-lhe perdão.

E, n'este caso, sua alma seria de uma sobrançeria esmagadora, e, só em pensar n'esta hypothese, já ella fruía as delicias do nectar dos deuses.

Esperou, porém, em vão, por mais de oito dias e esta circumstancia, de lhe falhar a victima para o sacrificio, foi oleo atirado á fogueira.

— Feliz idéa! exclamou em meio das extorsões de sua raiva — feliz idéa! Meu pae quer que eu case com o amigo, por quem sinto repugnancia, tão feio o acho; mas este casamento será a tortura do inferno para o miseravel, que só então avaliará o que perdeu. Demais, isto de amor é sonho. O casamento é uma viagem pela vida, e nem sempre viajam juntos dois amantes, ou amigos, ou mesmo conhecidos. Casando-me, pois, com o doutor Martim, dar-lhe-hei minha riqueza em troca de minha liberdade;erei sua mulher em publico, e é o que basta. Feliz idéa! Os homens consideram a mulher escrava pelo casamento; eu mostrar-lhes-hei que ella é senhora pelo casamento. Os homens pensam, e Julio mais que todos, que são chamma a attrahir a mulher e a lhe crestem as flores do coração, em satisfação de suas vaidades; eu lhes provarei que a chamma, a que cresta e calcina corações, só a mulher a possui. Julio, Julio, tens sido até hoje vaidoso colibri, pousando de flor em flor, haurindo o aromatico nectar de todas ellas! Pois bem; encontrei, afinal, a que, em vez de nectar, dar-te-ha fel que amargar-te-ha a existencia, e dar-te-ha veneno que amofinar-te-ha a alma para as alegrias da vida. Esta flor sou eu, Julio; sou eu, que, como um phantasma,erei sempre em tua mente, nos dias de tuas glorias, nas noites de teu dormir, nas horas de teu sonhar.

Que insania! Pobre menina!

A modestia, a simplicidade, a candura e a docilidade, associadas á ternura nos affectos e ao pudor angelico nos sentimentos, são a força, a grandeza, a sublimidade da mulher.

«Deveis comprehender, spiritas, o effeito do perispírito, e sobretudo do perispírito d'um espirito superior, tornado luminoso aos olhos dos homens por um ajuntamento, uma concentração de fluidos e uma modificação, sob a forma de estrella. Não era uma estrella o que viam os magos: tudo, na immensidade, está submettido á lei de harmonia universal: uma estrella, portanto um mundo. Não devia afastar-se do centro de gravitação que lhe era imposto, PARA viajar, no espaço, como uma lanterna na mão d'um conductor.»

«Todo effeito intelligente tem, vós o sabeis, uma causa intelligente. Os magos eram guiados por um espirito superior encarregado de os conduzir para prestarem homenagem ao salvador da humanidade; manifestou-se fluidicamente d'uma maneira luminosa, sob forma de estrella, tal como os magos a designaram.»

«A estrella brilhou aos seus olhos, mas os seus olhos eram de carne: não conhecéis os effeitos de optica? Vêdes, á distancia a que se acham, os mundos que vos cercam, taes como são? A distancia, o afastamento, a luz scintillante, sob forma de estrella atravessando o ar ambiente que os rodeava, a forma e as dimensões affectadas não podiam bastar para illusionar homens que, por mais sabios que fossem relativamente ao seu seculo, estavam muito longe dos vossos conhecimentos actuaes e não possuíam nenhum dos vossos instrumentos tão aperfeiçoados e que o devem ser tanto ainda?»

«Certos espiritos fortes pretenderam tambem ironicamente que «os magos não viajavam senão de noite», não se vendo as estrellas em pleno dia.»

«Não, os magos viajavam, de preferencia, de dia, porque, como vós, descansavam de noite para darem ao somno o tempo necessario.»

«Não sabem os proprios sabios, que descobriram e empregam telescopios solares, que as estrellas se vêem tão bem, em certas condições de raios, durante a claridade do sol como de noite?»

Tu não podes ter nenhum d'esses esmaltes, porque o meio em que vives e a educação que recebeste te fazem orgulhosa, vaidosa, pretenciosa e caprichosa.

Tu não podes ser terna, nem guardar o pudor dos anjos, porque tua alma, triste alveloa dos rios, em vez de banhar-se nas limpidas aguas que correm por leito de branca areia, enchafurdou-se nas represas que cobrem o paul das immundicies.

E' paul, pobre creança, essa vida de salão, cujo unico objectivo é ostentar grandezas, é jogar espirito até em assumptos do maior recato para uma moça; é enredar-se nas intrigas ridiculas e desmoralizadoras de namoricos que cheiram a depravação.

O salão, o chamado high-life, é uma escola de perdição, onde aprende-se, sob formas delicadas, todos os vicios dos alcances.

Só almas privilegiadas que trazem de existencias passadas, como gravadas no bronze a fogo, as virtudes que são o ornato da mulher digna de ser mãe de familia, passam incolumnes por meio da incontinencia dos salões.

Tambem os paes, que amam suas filhas e as querem para as honras da terra e para as glorias do céo, não devem educal-as para o grande mundo, em cuja atmosphera respira-se o virus da corrupção.

Tambem as moças, que comprehendem a vida da familia em toda a sua sublime magestade e que attentam á sua propria felicidade e á honra do seu nome, não devem procurar a companhia do casto leito e do santo lar, n'aquelle meio putrido, coberto de lentejoulas, verdadeiro «tunulo caído.»

Desgraçado de ti, Martim, cujo nobre caracter, cuja alma angelica, como o alecrim nascido á beira de um charco, foram recurvados pelo tufão, até molhar nas aguas lodosas as singelas petalas nutridas do mais puro ar!

Desgraçado, sim; porque a mulher que encheu de doces affectos teu grande coração, só possui do teu ideal, que é o de todo o moço de tua elevação, o que ha n'elle de mais accidental: a belleza do corpo.

Quando passar a fascinação, e te reconheceres ligado a uma moça de salão, tremers, desesperarás, morrerás de dor e de vergonha.

Tudo, porém, tem sua razão de ser, e o facto d'aquelle cerrar da razão, tão lucida,

«A esses podiamos dizer: Era impossível dispor a vista dos magos de maneira a que pudessem perceber um pallido clarão apezar do brilho do dia? Prodigios, tão extraordinarios, mas que admittis sem contudo comprehendel-os bem, não dispõem os olhos humanos a preencherem funções de microscopio?»

«Mas ponhamos a questão em seus verdadeiros termos: A estrella que conduziu os magos não era, repetimol-o, um dos mundos que povoam o firmamento, mas, como vol-o explicámos ha um instante, apenas uma concentração dos fluidos luminosos, sob a forma de estrella scintillante, e modificando as suas claridades de tal sorte que os magos, mediums videntes, pudessem distinguir a sua luz; era um effeito de optica chamado a fazer scintillar, a seus olhos, esse clarão viajor, como as estrellas por uma noite pura.»

«Nós vimos para vós com o fim de vos ajudarmos a explicar o que se denomina mysterio na linguagem humana, mas para vos ajudarmos só e só no que é verdadeiramente incomprehensivel para vós; servi-vos de vossa sciencia e de vossa razão no que ellas podem resolver.»

«Os magos foram conduzidos primeiro a Jerusalem, porque deviam seguir o itinerario traçado pela vontade do Senhor.»

«Herodes devia ser avisado do «nascimento» do «rei dos Judeus», convocar a assembléa dos principes dos sacerdotes, dos escribas ou doutores do povo, que deviam, consultando as prophcias, designar Bethlem de Judá, onde precisamente «o menino», que os magos procuravam, «nasceria», como logar onde devia nascer o Christo, — esse anunciado chefe que devia conduzir o povo d'Israel.»

«Tudo tem a sua razão de ser: o «nascimento» de Jesus, «menino» isolado n'uma classe pobre, devia ter uma repercussão que preparasse a sua apparição entre os homens e os acontecimentos que, em consequencia d'essa passagem dos magos em Jerusalem e de sua visita a Bethlem, deviam cumprir-se.»

ante os desvarios do coração, tão bom, tem certamente a sua, que, porventura, ser-nos-ha dado conhecer.

Elisa seria o casamento talhado para Martim?

Enquanto eu medito sobre esta hypothese, eila que se dirige para o gabinete do pae, repetindo: feliz idéa!

Longe estava o commendador Muniz de esperar a filha, que sahira arrufada, e muito menos de recebê-la entusiasta de seu plano, que se lhe tornara monomania.

— Por cá a esta hora, minha Elisa?!

— Venho prevenil-o de que devemos partir, no primeiro paquete, para a Europa.

— A fazer...

— A fazer-lhe eu o gosto de ligar-me ao moço que o Sr. teve a bondade de namorar por mim.

— O que dizes, filha dos meus pensamentos?!

— Digo-lhe e repito: accito o doutor Martim por esposo; mas isto sem demora, ouviu?

— Ouvi, e rejubilo-me de ouvi-lo.

— Pois, então, a caminho; senão, mudo de rumo.

— Não, não mudes, que eu só demorar-me-hei aqui o tempo preciso para pôr em ordem meus negocios.

— Dou-lhe para isto oito dias, no fim dos quaes estarei embarcada, ou não embarcarei mais.

— Dentro de oito dias deixaremos o Rio de Janeiro; pelo que cumpre-te começares as tuas despedidas.

— Sahir a fazer despedidas é muito burquez. Sr. meu pae, e eu não estou no caso de imitar o vulgacho.

— Como fazer, então?

— Um baile de despedida, tão esplendido que nos faça lembrados na ausencia, que faça todos desejarem nossa volta.

— Será como queres, e hoje mesmo encommendarei os cartões de convite e falarei ao Carceller sobre o serviço.

— Olhe que não quero uma antigualha como o do Merity.

— Oh! mas o do Merity custou-lhe doze contos!

— E' a nossa unidade; multiplique por cinco.

— Está bom, está bom; serás contente com o teu baile.

(Continúa)

«Já vol-o dissemos (n.º 3 e 35): Os magos tinham ainda mais curiosidade de verificar um facto duvidoso do que confiança na palavra do anjo.»

«Devemos AGORA explicar-vos o sentido e o alcance d'estas palavras:

«Os magos acreditavam na existência e na manifestação dos espiritos; comunicavam com elles, como vós, spiritas, pelas vias mediúnicas; mas os ensinamentos eram proporcionados ao desenvolvimento da intelligencia e às necessidades da época; — as mediunidades existiam entre elles como entre vós; a cada um ellas eram distribuídas, quer segundo a sua organização, quer segundo o seu grau de adiantamento, de estudo e de experimentação.»

«Tinham o conhecimento magnético e do somnambulismo, no desprendimento da alma no estado somnambulo e durante o sono, da faculdade, para a alma, n'esse estado de desprendimento, de comunicar com os espiritos, quer sob a influencia magnetica, quer em sonho durante o sono.»

«A lembrança ao despertar deixou-lhes a duvida: era um sonho, isto é, uma revelação spirita de factos que lhes eram preditos e deviam cumprir-se, ou uma chimera, uma falsa visão?»

«Não foi senão quando viram «a estrella» e a viram pôr-se em marcha, que a duvida se dissipou, e que, guiados por «ella», vieram a Jerusalem, onde «ella» parou.»

«A duvida penetrara-os ainda quando, segundo a resposta dos príncipes dos sacerdotes, dos escribas ou doutores do povo, Bethlehem lhes foi indicado como lugar onde devia estar esse enviado do GRANDE SER, es-e enviado celeste nascido do rei dos Judeus», esse chefe que devia conduzir o «povo d'Israel.»

«Por isso ficaram transportados de extrema alegria, quando, depois de terem recebido as ordens de Herodes, viram apparecer «a estrella» e a viram recommençando a marchar adiante d'elles.»

«Não foi senão depois que «a estrella» se deteve sobre a casa e que encontraram n'esta «o menino» com Maria, que a sua fé foi completa e que, prostrando-se, adoraram «o menino» como sendo esse enviado do GRANDE SER, desido á terra affim de regenerar a raça humana; — e, abrindo seus thesouros, offereceram-lhe, como presentes, ouro, incenso e myrrha.»

N.º 44 A' vista d'estas palavras: «Tudo está submettido á lei de harmonia universal; uma estrella, portanto um mundo, não devia afastar-se do centro de gravitação que lhe era imposto, para viajar no espaço como uma lanterna na mão d'um conductor», QUAES SÃO OS ELEMENTOS, O FIM E O DESTINO do que se chama, na linguagem humana, as «estrellas cadentes?»

«Isto sai do plano do trabalho que vos fizemos emprender: as estrellas cadentes não são mundos collocados em seu centro, mas fluidos condensados e inflamados buscando o ponto attractivo ao qual devem ligar-se para acabarem a sua combinação e formarem planeta.»

«Repetimo-vos que isto sai do vosso plano; não iremos, pois, mais longe; far-vos-hemos observar SOMENTE: 1.º que nas palavras que acabais de recordar, nós vos falavamos dos mundos formados e occupando o seu centro de gravitação; 2.º que estas palavras não estão em desacordo com o deslocamento que cada planeta deve (como vol-o explicaremos mais tarde, falando-vos da marcha ascensional do vosso para o progresso) operar em suas peregrinações progressivas, porque os seculos podem, segundo as leis immutaveis da natureza, fazer o que o espaço medido d'uma viagem humana não permitiria sem perturbação; 3.º que «as estrellas cadentes», ou aggregados de fluidos inflamados, buscando o seu centro, operam a sua evolução com a rapidez do pensamento, ao passo que «a estrella» dos magos marchou, adiante d'elles, em marcha lenta e regular de homens em viagem, executando, como sendo o seu guia, um acto intelligente.»

(Continúa).

O SPIRITISMO ANTE A SCIECIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO I

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

(Continuação)

A Fechner cabe a gloria de ter coordenado os trabalhos contemporaneos e de os ter completado com as suas proprias investigações. Esta parte da physica physiologica tomou o nome de psychophysica, e ultimamente o professor Delboeuf, da Universidade de Liège, publicou um volume em que a lei de Weber é modificada segundo recentes experiencias.

E' para esta ordem de idéas que devemos encaminhar o spiritismo. E' necessario, agora que a existência da força psychica é incontestavel, medir a sua acção sobre o homem e a que pode ella exercer á distancia. A philosophia grandiosa dos espiritos repousa sobre as bases da mais rigorosa logica; é preciso, portanto, estudarmos as leis physicas que tornarão irrefutaveis as nossas experiencias. Infelizmente existem entre os mediuns os mais deploraveis prejuizos. Uns figuram-se que estão investidos de uma sorte de sacerdocio que deve collocar os acima dos seus contemporaneos, e consideram como attentados á sua dignidade qualquer medida tendo por fim verificar o seu poder. Outros — ajuntamos que são pouco numerosos — consideram a mediunidade como uma faculdade que lhes permite ganhar facilmente a vida e constituem-se mediuns como se fariam carneiros ou padeiros.

E' para desejar que os spiritas serios reajam contra essas tendencias que são contrarias ás instrucções dos espiritos, e que Allan Kardec reprovava energicamente. Lafontaine disse: mais vale um inimigo franco do que um amigo desastrado. E' sobretudo no spiritismo que isto é verdadeiro. Formou-se uma classe de fanaticos que querem excluir toda medida preventiva tendo por fim pôr-se em guarda contra um embuste possivel. Elles consideram os investigadores serios como falsos irmãos, e por mais um pouco lhes fariam mal. Essa pobre gente não comprehende que é de um interesse capital não dar-se a menor suspeita; sem isto, adeus convicções que se pretenda gerar. Com o desastrado zelo fazem peor mal á doutrina do que os mais encarnicados detractores. Não é somente em França que isso se dá; acontece o mesmo na Inglaterra. Eis o que diz a esse respeito no *Banner of Light* M. Hudson Tuttle, sob a epigraphe *O sacerdocio dos mediuns*:

«O *Banner*, no seu numero de 26 de fevereiro de 1876, contem um artigo, assignado por T. R. H., que chega ás mais erroneas conclusões. O peor é que esse senhor diz publicamente o que muitos pensam consigo mesmos. Foi com vezes repetido que os phenomenos espirituas tinham por fim convencer os incredulos.

«Para convencer é preciso que os phenomenos possam se dar, e que se tenha a prova sem perturbar as leis que presidem á sua manifestação. Ora, o autor do artigo citado, em opposição a toda a sciencia, diz: «não está longe o dia, em o espero, em que os mediuns terão em geral uma independencia sufficiente para negar a todos o direito de exigir uma prova qualquer quanto aos seus poderes diversos». — E' a primeira vez que vemos attribuir aos mediuns um poder demasiado sagrado para admittir a controversia. Onde nos levaria isso? Ao culto dos mediuns. Deve-se, como entre os antigos levitas, crear uma classe especial que se collocará acima das leis que regem a generalidade dos homens, e devemos, de olhos fechados, accoitar tudo que lhes aprouver cha-

mar de espirital? Mas o papa se torna pygmeu ao lado do colosso que se quer assim erigir acima do julgamento de todos. Collocar uma venda nos olhos da razão e fazer dos espectadores bonecos de que o medium puxaria os fios, seria querer o fim do spiritismo em pouco tempo. Ousamos avançar que as provas strictamente scientificas, impostas pelo professor Crookes, e a rectidão das suas observações fizeram mais para impressionar o mundo sabio do que todas as cartas de louvores de um numero qualquer de investigadores ordinarios.

«Não ha spiritas que não falem com legitimo orgulho das investigações do celebre professor.

«Estudei alguma coisa dos phenomenos espirituas, e ninguém me accusará de procurar systematicamente fazer mal á causa que me proporcionou os melhores momentos da minha vida, nem querer impôr codigos contra las ao fluido espirital. E' porque amo o espiritalismo que queria vel-o despido de toda mentira, liberto de toda accusação de falsidade.

«O professor Crookes, como todos sabem, collocou uma gaiola em torno dos instrumentos de musica, que, no entre tanto, tocaram arias; este facto prova sufficientemente que o poder espirital pode agir atravez das gaiolas. Porque desde então não collocar sempre uma gaiola semelhante em torno dos instrumentos? Porque deixar um pretexto aos que se precisa convencer? E porque, sobretudo, qualificar de falso irmão aquelle que propoe medidas de exame tão seguras?

«Quando um medium se esquivia a uma prova que a minha propria experiencia, aliada á dos outros, sabe não prejudicar as manifestações, apes o me a p r um termo a qualquer especie de pratica com elle.

«Confesso não comprehender porque o *medium honesto* resistiria a certas condições de provas que se lhe quer impôr. Seguramente nada lhe poderia ser mais importante do que a completa elucidação da causa que elle defende; a causa não pode senão ganhar com isso, e elle deve acollher sollicitamente a honra de collocar qualquer observação no terreno absoluto. E quando mesmo se tenha verificado uma vez as manifestações do medium, não é uma razão para que outras manifestações sejam admittidas como verdadeiras, se as mesmas precauções de exame não forem observadas.»

Eis o que é falar bem, e desejamos que todos os spiritas pensem do mesmo modo. E' preciso que enfrentemos os prejuizos do nosso tempo, muito inclinado a nos considerar allucinados, e deixar aos scepticos toda facilidade de se convencerem, não lhes fazendo ver senão phenomenos absolutamente irrefutaveis. Com essas condições faremos adeptos; se não se submeterem a isso, para que a propaganda?

Devemos dizer que a grande maioria dos spiritas pensa como nós, e que estas reflexões não visam senão um grupo restricto de espiritos atzados que temem dar um golpe mortal na doutrina desvendando um embuste. Devemos, ao contrario, ser mais rigorosos do que qualquer outro, e é porque os phenomenos existem que se deve vigiar com cuidado os charlatães que tentassem imital-os.

A mediunidade se nos apresenta em condições de tal modo authenticas, que a duvida não é permitida a quem quer seriamente estudar; mas se o investigador tem a infelicidade de encontrar no principio das suas pesquisas um impostor, conclue falsamente que o spiritismo não é mais do que um methodo de exploração. Não devemos nos expôr aos criticos sob nenhum ponto de vista; eis porque Allan Kardec sempre pregou o exame o mais absoluto. Dito isto, voltemos á mediunidade e ao seu estudo.

(Continúa)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livreria da *Federação Spirita Brasileira*, á rua da Alfandega n.º 342, 2º andar:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.).....	58000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	58000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	58000
O Céu e o INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	58000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	58000
OBRAS POSTUMAS, por Allan Kardec, brochura.....	38500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	28000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	15000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.).....	28000
SPIRITISMO E POSITIVISMO, drama, por José Balduino, brochura (300 grams.).....	28000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balduino, brochura (200 grams.).....	28000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no <i>Reformador</i> sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	18000
HISTORIA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE SOB O PONTO DE VISTA SPIRITA, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (750 grams.).....	48000
OS ASTROS, estudos da Crenção, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.).....	28000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	3300
LA CASA EMBREJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	18000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	18000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES e OUTROS SARTOS, brochura (200 grams.).....	38000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	68000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	68000
OS MUNDOS IMAGINARIOS e OS MUNDOS REALES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	58000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	38000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	58000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	38000
COLLECCOES ANNUAES DO <i>Reformador</i> , desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.).....	38000
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE LA MAGIE PRATIQUE, por Papus, volumosa brochura com gravuras (1.200 grams.).....	238000
RETRATOS DE ALLAN KARDEC EM PONTO GRANDE.....	78000
RETRATOS DE KARDEC EM PONTO PEQUENO.....	28000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams., além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos. Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

OBRAS SPIRITAS

Acabam de chegar e acham-se á venda na *Livreria da Federação Spirita Brasileira*, á rua da Alfandega n.º 342, 2º andar, as seguintes importantes obras de publicação recente em lingua portugueza:

DEPOIS DA MORTE, por Leon Denis, brochura (500 grams.).....	38500
IDEM, cartonado (500 grams.).....	48500
O PORQUE DA VIDA, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, por Leon Denis, brochura (150 grams.).....	15500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Leon Denis (folheto).....	5500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Sauvage, cartonado (500 grams.).....	38000

Acham-se tambem á venda as seguintes notaveis obras, ultimamente publicadas:

LES MIRACLES ET LE MODERNE SPIRITUALISME, por Alfred Russel Wallace, celebre naturalista e membro da Sociedade Real de Londres — 1 vol. de 382 pags. in-4º, com o retrato do autor, e encadernado.....	138000
ÉPIQUE DE LA VIE DE TIBERE, obra mediunica dictada pelo espirito do conde de Rochester a Mlle. W. K. — 1 vol. de 186 pags. in-4º, encadernado.....	78000
L'ÉVOLUTION ANIMIQUE, por Gabriel Delanne, 1 vol. de 308 pags. in-8º, brochado.....	78000
CHRISTIANISME ET SPIRITISME, por Leon Denis, 1 vol. de 415 pags. in-8º, brochado.....	78000

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

ASSIGNATURA ANNUAL
 Brazil 6\$000
 PAGAMENTO ADIANTADO
 PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
 CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
 Estrangeiro 7\$000
 PAGAMENTO ADIANTADO
 PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
 CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 68

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1898 — Março 15

N. 385

Congresso espiritalista

DE
 LONDRES (*)

Estudo

SOBRE AS VIDAS SUCCESSIVAS

(MEMORIA APRESENTADA PELO SR. GABRIEL DELANNE)

A reencarnação humana

(Continuação)

REINCARNAÇÕES ANTICIPADAMENTE ANUNCIADAS. — Conheço os dois seguintes factos occorridos com o Sr. Bouvier, excellent magnetizador, director do jornal *La Paix Universelle*, que se publica em Lyon.

Um sensitivo que elle tinha por costume adormecer e que, n'esse estado, goza da faculdade de ver os espiritos, disse-lhe um dia, espontaneamente, que a alma de uma religiosa desejava falar-lhe. O Sr. Bouvier lhe perguntou quem era ella e o que desejava. Ella declarou o nome, indicou o convento, situado em Rouen, em o qual habitava e disse que voltaria depois de sua morte, que seria proxima. Tanto o sensitivo como o Sr. Bouvier ignoravam absolutamente a existencia d'esse estabelecimento religioso e d'elle nunca tinham mesmo ouvido falar. Algum tempo depois a mesma religiosa se apresentou e disse que havia deixado o seu corpo terrestre, o que foi ulteriormente reconhecido exacto, mas que voltaria a se incarnar em casa da irmã do sensitivo; que pertenceria ainda ao sexo feminino e que não viveria mais que tres mezes. Todos esses factos se realizaram com absoluta exactidão.

Um segundo caso de incarnação foi predito ao Sr. Bouvier por um espirito, o qual annunciou que iria se incorporar, sob a forma feminina, em uma familia muito conhecida do director de *La Paix Universelle*, a qual estava longe de esperar a vinda de um filho, que, de resto, ninguém desejava. O espirito disse que não seria feliz, porque o não haviam de amar. Tudo isso se deu, infelizmente, nas condições annunciadas.

A clivencia magnetica do sensitivo do Sr. Bouvier não pode ser attribuida a appareição d'essa religiosa que elle nunca conhecera na terra, porque o exercicio d'essa faculdade tem sempre a sua razão de ser em uma certa relação entre as partes interessadas. Se, portanto, pode-se admitir que a irmã do sensitivo seja a causa indirecta da previsão, a intervenção da religiosa não é explicavel senão pela sua intenção de retomar um organismo terrestre.

No segundo exemplo, nenhum laço existe absolutamente entre o somnambulismo e os pae da criança; o espirito que se reincarnou é precisamente o autor do phenomeno, porque o sensitivo não era spirita e não podia se auto-suggestionar a esse respeito, do mesmo modo que não podia receber suggestão do Sr. Bouvier que estava muito longe de esperar taes manifestações.

(*) Ver as nossas edições desde agosto de 1898.

O principe Emilio de W., em data de 18 de dezembro de 1874, escreveu de Vevey, na Suissa, a *Revue Spirite*, para assignar um caso interessante relativo á reencarnação: tratava-se do seu segundo filho, de 3 annos de idade. Algum tempo antes do seu nascimento os espiritos haviam annunciado que essa criança devia possuir grandes dotes mediúnicos, porque em sua ultima existencia, que tivera lugar na Inglaterra, occupava-se muito em desenvolver esses poderes, mediante as praticas da magia e da astrologia; tendo, porem, commettido abusos, fôra levado á fogueira.

«Ha algumas semanas, diz o principe, estava o menino a brincar e a tagarelar no meu gabinete, quando ouço-o falar da Inglaterra, da qual, que o saiba, nunca se lhe havia falado. Fico de ouvido attento e pergunto-lhe se sabe o que é a Inglaterra. Responde-me elle: «sim, sim; é um paiz onde estive ha muito, muito, muito tempo.»

P. — Eras então pequeno como agora?
 R. — Oh! não! Eu era maior do que tu e tinha barba comprida.

P. — Eu e a mamã estavamos lá também?

R. — Não; eu tinha outro papá e outra mamã.

P. — E o que fazias tu?

R. — Brincava muito com o fogo, e uma vez queimei-me tanto que morri d'isso.»

Poder-se-hia, talvez, n'essa ingenua narrativa, ver uma transmissão inconsciente do pensamento do pae ao filho; mas as respostas da criança parece bem emanarem da sua propria intelligencia e se terem acordado momentaneamente, para em seguida desaparecer, como acontece muitas vezes em identicas circumstancias.

No intuito de apoiar a theoria da reencarnação sobre solidas provas experimentaes, os jornaes spiritas francezes abriram uma devassa sobre os phenomenos que se referem a essa ordem de idéas. Desde 1 de janeiro d'este anno, constata-se que os testemunhos chegam mais numerosos do que se poderia suppr.

No numero de abril da *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* eu reproduzi um processo verbal formulado em Lyon, segundo o qual um medium de incorporação predisse o nascimento de uma criança do sexo feminino que devia, em consequencia de circumstancias relativas á sua vida passada, apresentar na fronte uma cicatriz. Nasceu effectivamente uma menina com o signal annunciado.

O *Progrès Spirite*, em seus numeros de 5 de fevereiro e 20 de março de 1898, cita tres attestações que demasiado longo seria reproduzir integralmente, mas que demonstram que os espiritos voltam á terra. Já não são mais somnambulos que estão em jogo, porem mediuns typtologos ou escreventes, de modo que para a explicação não cabe a intervenção da clivencia, a menos que se queira attribuir a aos espiritos desincarnados. Mas surge então uma outra difficuldade: é preciso suppr que esses seres invisiveis nos enganam voluntariamente, que mentem scientemente para sustentar um erro.

Esta conjectura me parece pouco razoavel, uma vez que se refere a espiritos que têm, em muitas circumstancias, dado prova de altas qualidades moraes, e eu prefiro admitir como verdade o que elles annunciam e o que se verifica, a crer em um subterfugio universal e inverosimil.

Chego a um genero de prova que poderá ser muito discutido, mas que se não pode razoavelmente passar em silencio, pois que, sobre dez spiritas que creem na reencarnação, cinco não chegaram a essa conclusão senão baseados nas affirmações de seus guias.

ESPIRITOS QUE AFFIRMAM TER VIVIDO MUITAS VEZES NA TERRA. — Pode-se objectar, contra esta ordem de provas, que todos os espiritos que se manifestam não se recordam de uma vida anterior á ultima; mas, se se quizer tomar em consideração que o despertar das antigas recordações é connexo a um certo grau vibratório do perispirito e que este se acha ligado ao desenvolvimento da espiritualidade do ser, facilmente se comprehenderá que, sendo de uma moralidade inferior a media dos homens desincarnados, o seu perispirito ainda grosseiro não pode fazer resuscitar, ante a vista interior, o panorama de suas passadas existencias. Mas, do mesmo modo que se pode renovar integralmente a lembrança em certos sensitivos somnambulos, assim os espiritos superiores, que possuem um poder magnetico proporcional ao seu grau de evolução moral, têm o poder sufficiente para, quando é necessario, despertar as recordações latentes.

Contentar-me-hei com citar um exemplo d'esse genero, tomado á *Revue Spirite* de 1866 (pags. 175 e seguintes), porque parece confirmar perfeitamente a opinião acima emitida. Trata-se do espirito de um medico muito estimado, o Dr. Cailleux; refere elle, tendo por intermediario o medium Morin, que, posto que houvesse, ha bastante tempo, sahido do estado de perturbação, encontrou-se um dia n'um estado semelhante a uma especie de somno lucido. Diz elle:

«Quando o meu espirito soffreu uma especie de entorpecimento, achava-me eu de a'guma sorte magnetizado pelo fluido dos meus amigos espirituaes; d'isso devia resultar uma satisfação moral que, dizem elles, constitue a minha recompensa e, ao demais, um encorajamento para marchar no caminho que segue o meu espirito ha já um bom numero de existencias.

«Achava-me, pois, adormecido por um somno magnetico-espiritual; vi o passado formar-se em um presente ficticio; reconheci individualidades desaparecidas no correr dos tempos, ou antes, que não tinham sido senão um unico individuo. Vi um ser começar uma obra medica; um outro, mais tarde, continuar a obra que havia ficado esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Cheguei a ver, em menos tempo do que o que emprego para vol-o dizer, de idade em idade, formar-se, crescer e tornar-se sciencia o que, no começo, não era mais do que os primeiros ensaios de um cerebro occupado com estudos para o allivio da humanidade soffredora. Vi tudo isto e, quando chegado ao ultimo d'esses seres que suc-

cessivamente haviam trazido um complemento á obra, reconheci-me então. Ah! tudo se desvaneceu e eu voltei a ser o espirito ainda retardatario do vosso pobre doutor.»

Poder-se-ha ver n'essa narrativa uma allucinação espiritual da alma do Dr. Cailleux? É possível, posto que improvavel, porque os espiritos adiantados não enganam mais do que n'este mundo os homens de bem. Não se trata, n'este exemplo, nem de experiencias, nem de investigações tentadas por seus guias: mostram ao espirito o seu passado por uma introspecção que lhe permite sondar conscientemente as profundas camadas do seu ser. Se se reflectir que isso foi obtido ha trinta e dois annos, quando se ignorava o meio de produzir a resurreição das recordações antigas pelo hypnotismo ou pelo magnetismo, poder-se-ha ver provavelmente n'esse facto uma analogia favoravel á creença nas vidas successivas.

Conclusão

MEUS SENHORES,

Esforcei-me por mostrar n'este trabalho, muito resumidamente, porque cada ordem de phenomenos citada reclamaria consideraveis desenvolvimentos, que:

- 1.º — O ser vivo não é realmente senão uma forma em que passa a materia;
- 2.º — A conservação d'essa forma é devida ao principio intelligente revestido de uma certa substancialidade;
- 3.º — Tanto em relação ao animal como em relação ao homem, a conservação d'essa forma tem lugar depois da morte;
- 4.º — As modificações moleculares d'esso involucro são indestructiveis;
- 5.º — A repetição dos mesmos actos, physicos ou intellectuaes, tem como resultado tornal-os faceis, depois habituaes, depois reflexos, isto é, automaticos e inconscientes (não sendo os instinctos senão habitos milhões de vezes seculares);
- 6.º — A serie dos seres organizados é physicamente continua, tanto actualmente como no passado;
- 7.º — As manifestações do instincto, depois, mais tarde, da intelligencia, em todos os seres vivos são graduaes em seu conjuncto e intimamente ligadas ao desenvolvimento dos organismos;
- 8.º — O homem resume e synthetiza todas as modalidades anatomicas e intellectuaes que existiram na terra;
- 9.º — Os factos de observação estabelecem a reminiscencia de estados anteriores nos animaes e a recordação das precedentes vidas no homem;
- 10.º — Finalmente, certos espiritos predizem sua volta a este mundo e outros affirmam as vidas successivas.

Eu teria podido também fazer uma enumeração d'esses prodigios que, na mais tenra idade, attestam faculdades tão superiores, mesmo á de homens muito instruidos, que nos deixam estupefactos: um Miguel Angelo, um Salvator Rosa, revelando-se subitamente com talentos improvisados; Sebastião Bach ou Mozart, compondo ou executando sonatas quando

as creanças da sua idade apenas conhecem os primeiros rudimentos da musica; Pico da Miranda ou Pascal, dando prova de um genio que não teriam podido adquirir n'este mundo, assim como Bartolier que morre aos 19 annos e deixa obras que attestam conhecimentos encyclopedicos.

Todos esses factos, de resto, entram na questão mais geral da desigualdade intellectual dos homens que apparece na terra.

Sabemos, certamente, que a alma não é engendrada pelo corpo; que a hereditariedade é completamente estranha a essas diferenças profundas que separam um Victor Hugo ou um Pasteur dos miseráveis representantes da humanidade que vegetam n'uma intensa bestialidade, taes como os botoceados, os actas ou os fueganos. Sem mesmo ir até a oppôr esses extremos, não vemos na mesma familia irmãos educados em condições identicas terem disposições innatas radicalmente dissemelhantes?

Todos esses problemas são insolúveis se se não admitte a theoria das vidas successivas, porque nem a sciencia, nem as religiões, nem as philosophias espirituallistas têm podido fornecer uma explicação racional d'essas anomalias. Estou longe de supor, senhores, que os factos que enfilei são bastante numerosos e conclusivos para determinar uma convicção *verdadeiramente scientifica*; tenho, porém, a mais absoluta certeza de que são o esboço ainda imperfeito da demonstração experimental das nossas origens.

Estamos apenas nos primeiros balbucios da psychologia integral, d'essa sciencia que estudará a alma sob todas as suas modalidades terrestres e supra-terrestres, no seu passado como no seu futuro. Compreendendo-se facilmente a extrema reserva que se é obrigado a manter quanto ás conclusões; mas se cada um dos domínios percorridos pelo espirito em sua evolução acha-se ainda mal explorado, não se acham elles totalmente desconhecidos; e o futuro, rectificando as vistas talvez arrojadas ou incompletas que formulamos, confirmará em seu conjunto esta theoria que já podemos logicamente expor, baseando-nos unicamente sobre phenomenos de observação.

Não ignoro as criticas que têm sido feitas á theoria da evolução; mas as descobertas de cada dia vêm trazer-lhe novos pontos de apoio, e, se a completarmos com a da passagem da alma através de todas essas formas graduadas que representam o conjunto dos seres vivos, poderemos, attribuindo á alma o que o sabio quer que diga respeito ao corpo, dizer com Herbert Spencer (1): «o cerebro humano—(e o perispiritual, dizemos nós)—é um registro organizado de experiencias infinitamente numerosas, realizadas durante a evolução da vida, ou antes, durante a evolução d'essa serie de organismos, que foi percorrida, antes de chegar ao organismo humano. Os esforços das mais uniformes e frequentes experiencias foram legados—(nós diremos, foram conduzidos)—capital e interesses, e attingiram lentamente esse alto grau de intelligencia que é o cerebro da creança. A creança, em sua vida ulterior, a exercer, augmenta-lhe talvez a força ou a complexidade e lega-a—(ou volta)—com pequenas addições ás gerações futuras. Assim, acontece que o europeu herda vinte ou trinta pollegadas cubicas de cerebro mais que o papua. Assim, acontece que faculdades, como a da musica, que apenas existem em algumas raças inferiores, tornam-se congenitas nas raças superiores. Assim, acontece que d'esses selvagens incapazes de contar o numero dos proprios dedos e que falam uma lingua em que não ha senão os nomes e os verbos, sahem, com o andar do tempo, os nossos Newton e os nossos Shakespeare.»

(1) Herbert Spencer, *Principles of psychology*, 2.^a edição, pags. 208 e segs.—Rübot, *Essais sur la psychologie anglaise contemporaine*, pags. 310—312.

Essa evolução intellectual foi ensinada por philosophos que viram-se coagidos pela logica a enxergar em todos os seres uma cadeia cujos elos é impossivel separar. O que era uma simples intuição philosophica n'esses grandes pensadores que se chamam Charles Bonnet, Dupont de Nemours, Ballanche, Constant Savy, Esquiros, Jean Reynaud, Pezzani, Flammarion, torna-se, com o spiritismo, uma verdade demonstravel pela experiencia. Temos plenamente consciencia da grandeza d'essa concepção palinogenetica que á acção miraculosa da antiga creença deista substitue a lei do progresso cumprindo-se sob o impulso da Intelligencia Infinita, por meio d'esses factores irresistíveis que se chamam o espaço e o tempo.

A astronomia, a geologia, a paleontologia, estudando as cinzas do passado, nos descerraram os seus arcanos. Sabemos que essa multidão de seculos que precedeu a humanidade tinha por fim chegar a esse resultado da creatura intelligente, livre e responsavel que é o homem, pois que elle apparece como o pinaculo d'essa longa marcha progressiva. Sabemos que elle não é para sempre condemnado a este habitat terrestre, que ha, conforme a palavra de Jesus, muitas moradas no reino do pae, e, conforme a sciencia moderna, uma infinidade de «terras do ceo».

Acreditamos firmemente que a immortalidade se acha diante de nós, e a immensidade d'essa palavra ajuda-nos a comprehender que o tempo passado não é mais que uma quantidade infinitesimal em relação ao nosso futuro insondavel. A terra é o ninho que havemos de abandonar quando tivermos feito aquisição de azas ou, para falar sem metaphora, quando nos tivermos sufficientemente libertado d'esses sudarios terrestres que são os nossos instinctos, os nossos vícios e más paixões.

É um facto de experiencia spirita que os espiritos atzados não podem abandonar a nossa atmospheria; é certo, porém, que o poderão um dia, porque não ha reprobos; todos são destinados, pela Suprema Justiça, á felicidade final para que foram creados.

Permitti-me, ao terminar, senhores, que externar o meu voto por que esta momentosa questão das vidas successivas, tão importante em suas consequencias, seja imparcialmente estudada em todos os centros de investigações, afim de que a unificação do ensino spirita possa se operar no mundo inteiro.

As nossas divergencias doutrinaes são secundarias; jamais seriam ellas capazes de prejudicar os sentimentos de profunda estima e fraternal benevolencia que experimentam os spiritas francezes e italianos por todos os partidarios da nossa causa.

Unamos, pois, os nossos esforços, sem preocupações de fronteiras, afim de colaborar na obra da libertação intellectual dos nossos irmãos terrestres. Fazamos penetrar em todos os corações a consoladora certeza da immortalidade; provemos que os seres que amamos não se acham mortos e que ainda nos podem testemunhar sua ternura. Diffundamos esta nobre doutrina de redempção, e o seculo XX assistirá á eclosão da aurora da nova era—a de uma humanidade regenerada a encontrara felicidade na pratica da justiça, da concordia, da fraternidade e do amor.

FIM

NOTICIAS

O *Psychische Studien* de Leipzig, conta os seguintes factos:

Durante a guerra da Criméa, em 1855, dez mil russos batiam-se denodadamente na Asia Menor contra um corpo de 35 mil turcos, contando com uma derrota inevitavel á vista da diferença do numero, quando, sem motivo apparente, estes abandonaram suas posições e, cheios de terror, fugiram em completa debandada,

do que os russos se aproveitaram para perseguil-os, causando-lhes grandes prejuizos.

Indagando-se depois do motivo desse subito terror, todos unanimemente informaram ter visto pairando no ar, por cima da artilharia russa, a figura de uma virgem trajada de branco, abraçando uma cruz donde se espargiam raios de brilhante luz.

O outro facto é narrado pelo Sr. Wittig.

Havia no norte da Prussia um castello que passava por ser frequentado pelos espiritos. Nas mais graves occasiões, sempre ali se mostrava um espirito com a figura de um anão, alegre e vestido de branco quando ia dar-se algum acontecimento feliz; agitado e com roupas vermelhas quando o incendio ou a guerra se avizinhassem; trajando luto quando a morte ia ferir alguém da familia. Todos os famulos do castello viam-no e ficavam aterrados.

O *Petit Parisien* conta um facto importante, que vem augmentar o creciddissimo numero dos que já possuímos, nos demonstrando que os chamados irracionais não são privados dos affectos que mais nobilitam a raça humana.

Do alto de escarpada rocha, em Bayona, lançaram ao mar os filhinhos de uma cadella, que, soltando lastimosos gemidos, atirou-se em busca delles. Vendo-a em luta com as ondas, os pescadores foram busca-la, mas, apenas em terra, ella atirou-se de novo, e, vendo que ainda queriam salva-la, mergulhou para morrer com seus filhos, não apparecendo mais.

Uma menina de tres annos de idade, filha do Sr. Antonio Fernandes, residente no Ceará, dizia constantemente, cheia de terror, a seus pais estar sempre ao pé della uma mulher que queria queimar-a. Attribuiram o facto a uma allucinação e não lhe deram maior importancia. Desgracadamente, porém, os temores da menina se verificaram, pois ella afinal foi victima das chammas.

Esse facto nos demonstra que, tudo o que soffremos, e grande parte do que nos succede na vida é previsto e representa provações pedidas pelo espirito, ao incarnar-se.

PAGINAS DE AKSAKOF

X

(Continuação)

10.^a Pergunta: — Tocais Yolanda quando o quereis e tanto quanto o desejais? É muito natural que procureis assegurar-vos de que existe realmente um corpo diante de vós.

Resposta: — Jamais procuro tocar Yolanda quando ella não está perto de mim e quando não me pede que eu faça alguma coisa por ella.

Senti-a no sabbado (5 de julho de 1890) quando, estando ella muito atemorizada, lançou-se sobre mim. Senti todo o seu corpo, as palpações do seu coração, o sopro da sua respiração, ou antes, julguei ter notado o bater do seu coração. Eu não podia comprehender a causa do seu temor; era o som da guitarra o que a agitava a tal ponto! Seus dedos estavam humidos, e quando ella os collocou na minha face, parecia estarem sujos de terra, e d'ahi pude concluir que ella tinha estado mexendo na planta (1); eu sentia a areia.

(1) Sessão de 25 de junho de 1890, durante a qual uma planta foi materializada por Yolanda.

Quando procuro tocar Yolanda, é sempre no começo da sessão; mais tarde, não tenho por isso nenhuma curiosidade, nenhum interesse.

Quando estendo a mão para tocá-la, não sinto coisa alguma, isto é, sinto como se ali nada houvesse. Entretanto, bem vejo que ali ha alguma coisa ou alguém quando as cortinas estão abertas; mais tarde, quando ella se desmaterializa bastante, perceo todo o interesse; quando ella me toca, eu posso senti-la.

Não me lembro de ter achado Yolanda sobre os meus joelhos; na maior parte das vezes ella senta-se no chão, aos meus pés, e deita a cabeça nos meus joelhos; depois levanta-se diante de mim e parece caminhar entre mim e as cortinas; embora não haja mais que um espaço de tres ou quatro pollegadas, ella pode passar por ali, e, entretanto, não sinto coisa alguma. Quando ella se colloca aos meus pés ou sobre os meus joelhos, eu não sinto peso algum.

Não obstante isso, sabbado 5 de julho, senti o peso completo do seu corpo; habitualmente, porém, ella parece não ter peso algum.

Não me lembro se Yolanda tem passado por traz de mim, porém *Ninia* (2) o fazia muitas vezes, e então ella como que se entranhava na parede do gabinete, o que parecia não lhe fazer mal; Yolanda nunca o faz.

Uma pessoa viva, do porte de Yolanda, não teria podido mover-se como ella, entre mim e as cortinas, sem que eu o percebesse.

11.^a Pergunta: — Vistes alguma vez Yolanda se materializar ou desmaterializar entre a fenda das cortinas (como já o vimos conjuntamente uma vez)? Que sentis então?

Resposta: — Jámais vi Yolanda se desmaterializar; mas eu suspeitava d'isso após a sensação que tinha da volta das minhas forças. Quando eu estava em Christiania, lembro-me perfectamente de ter tido a sensação de falta de ar respiravel na camara; e, por duas ou tres vezes, como eu o aspirasse fortemente, entendi os assistentes exclamarem: «Agora ella (a apparição) se esvaiu!» — Uma vez eu o fiz nessa intenção e ouvi a Sra. Fidler dizer: «N'este momento ella se esvaiu de novo!»

12.^a Pergunta: — Quando, no fim da sessão, Yolanda está prompta a retirar-se, sentis alguma coisa de particular em vosso corpo? — Que sentis antes e depois da sessão?

Resposta: — No fim da sessão, penso sempre que um bom banho me faria bem, pois não me sinto muito á minha vontade.

A razão d'isso é, segundo supponho, que Yolanda absorve, para se materializar, uma certa quantidade de substancias dos assistentes; estas recadem sobre mim em parte e produzem-me um sentimento de indisposição. Actualmente, tomo sempre um banho antes das sessões; mas até então tomava-o depois, e não creio que me tenha feito mal, embora não esteja bem certa d'isso.

Sempre antes das sessões, mesmo com oito ou nove horas de antecedencia, experimento uma sensação de formigamento em todo o meu corpo; quando sei que vai realizar-se uma sessão, sinto picadas nos pés, exactamente como se eu segurasse uma bateria electrica; não tenho mais interesse por coisa alguma; algo me impede de pensar n'isso. Prefiro, portanto, não saber que se projecta uma sessão.

Após as sessões, tenho habitualmente náuseas, seguidas de vomitos; isso provém de eu ter absorvido alguns dos elementos dos assistentes (3) que Yolanda

(2) Uma menina que se materializava nas sessões da Sra. d'Espérance.

(3) Recentemente a Sra. d'Espérance contou-me que após as experiencias em Christiania (1893), ficou surprehendida por não sentir-se incommodada; os assistentes se haviam absteido de alcool e fumo.

colhe para se materializar. Durante o dia, antes da sessão, abstenho-me, tanto quanto possível, de alimentos.

13.^a Pergunta: — Tentastes alguma vez reter, com as mãos, Yolanda ou seus véos? Era natural que procurásseis obter um pedaço d'esse tecido.

Resposta: — Justamente, n'outro dia, quando tomei a tesoura para lhe cortar uma mecha de cabellos, não conseguí segurar-a; ella era mais forte que eu. A não ser isso, jamais procurei detel-a. Quando ella me apertou os punhos, deixando-me na impossibilidade de movel-os, eu estava desejosa de experimentar a sua força.

14.^a Pergunta: — Alguma vez vistes Yolanda face a face?

Resposta: — Quando ella estava commigo, fóra do gabinete, seu busto estava sempre velado, de modo que eu não podia vel-a então; mas, em Newcastle, vi-a no meio da camara quando a cortina se abriu e a luz cahiu em cheio sobre ella; vi-lhe então as espaldas e os braços tão distinctamente como se houvesse visto os de uma outra pessoa. Vi a dama franceza, e percebia-a como se me estivesse mirando n'um espelho, de tal modo ella se parecia commigo.

15.^a Pergunta: — Era pelo rosto, pelas mãos ou por outras semelhanças corporaes e intellectuaes, que vos reconheciis n'ella?

Resposta: — Nunca observei semelhança commigo nos traços physionomicos de Yolanda, ou antes, nunca tive occasião de verificar isso.

16.^a Pergunta: — Nunca sentistes como se estivesseis em Yolanda, como se vossa consciencia estivesse ligada a ella? Por outra: tendes constantemente a consciencia de estar separada d'ella e serdes sempre vós mesma, em vosso logar, no gabinete? Podeis pensar e julgar o que se passa em torno de vós?

Resposta: — Quando ella me toca, a sensação é toda semelhante á que eu experimento tocando-me a mim mesma.

Não sinto como se fosse uma parte d'ella; mas sinto, ao contrario, como se ella fosse uma parte de mim.

O facto de Yolanda se achar em algum outro logar, não me impede de saber que me acho no meu proprio logar no gabinete. E' um facto claro e veridico, e ninguém me poderá jamais abalar esta certeza, pois estou firme n'ella e é mais que uma simples crença. Mas, embora o saiba, me reconheça aqui e saiba que essa parte, que de mim mesma sai e respira, pareça escapar á minha verificação, parece-me, entretanto, ser alguma coisa que me pertenceu e que está á disposição de um outro.

Eu não poderia dizer exactamente o que tenho perdido; entretanto sei que não perdi alguma coisa do meu ser e, todavia, sei que o novo ser me pertence.

Considero Yolanda como uma individualidade separada de mim; estou absolutamente certa de que ella possui sua propria individualidade pessoal, seus proprios sentidos, sua propria consciencia, separada de tudo o que me pertence.

(Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO I

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

(Continuação)

A proposito da tentativa de explicação scientifica que apresentamos, não faltará quem nos observe que não apoiamos as nossas demonstrações senão sobre hypothèses, e que, desde então, ellas não podem bastar para determinar a convicção nos incredulos.

Responderemos que o terreno pelo qual enveredamos não foi ainda reconhecido, e que nos é forçoso recorrer a hypothèses; teremos, porem, cuidado de as fazer taes que nenhuma experiencia as possa desmentir. E' sómente com essas condições que uma theoria é acceitavel.

Conformamo-nos, alem d'isso, com as praticas dos sabios, que estão reduzidos aos systemas para explicar os mais simples phenomenos da natureza, os que se passam aos seus olhos, e cujas condições de produção podem variar á vontade. Não se deve esquecer, com effeito, que as compilações de physica ou chimica não dão senão relações entre as diferentes substancias, sem fazer conhecer a natureza intima d'esses corpos. Fala-se sem cessar da materia, sem poder definir exactamente qual é a sua verdadeira constituição. A força é um proteu de formas multiplas cuja essencia intima é ainda um mysterio. Finalmente, verificamos correlações ou diferenças entre um certo numero de factos, e d'ahi deduzimos leis, mas sem conhecer nem a verdadeira natureza dos corpos sobre os quaes se exercem nem o que são essas leis em si.

O estudo das sciencias é, em geral, muito longo, porque é preciso amontoar um grande numero de observações antes de descobrir as relações que as ligam entre si, isto é, antes de notar as leis que as regem; mas o estudo dos factos spiritistas é complicado por uma outra razão. Não se deve esquecer que estamos aqui em terreno differente do das sciencias puramente materiaes. N'estas pode-se inverter as condições experimentaes, porque, sendo inertes as materias sobre as quaes se opera, os resultados não mudam enquanto as circumstancias são as mesmas. Não acontece o mesmo com o spiritismo; é preciso sempre distinguir as individualidades que intervêm na manifestação; essa influencia é muito variavel, e a maior parte do tempo independente da nossa vontade. E' ainda uma difficuldade que se vem ajuntar ás que já enumerámos.

Por mais ardua que seja a nossa tarefa, é preciso emprehendel-a, porque é pelo estudo que chegaremos ao conhecimento dos estados da materia que ainda estamos longe de suspeitar.

Os espiritos nos ensinavam, ha trinta annos, a unidade da materia, e o mundo scientifico estava pouco inclinado a adoptar essa idéa; hoje ella tornou-se geral, o que é de bom agouro para o perispírito que, esperamos, será em breve reconhecido como uma das partes essenciaes do homem.

Vimos que o estado de espirito é differente do de incarnado; elle experimenta, n'essa nova vida, sensações que não sente com o corpo, vê a natureza sob um aspecto differente, e seus sentidos, mais aperfeiçoados, mais delicados, são capazes de ser influenciados por vibrações mais subteis que as que agem ordinariamente sobre nós.

A sensibilidade é desenvolvida no espirito pela natureza fluidica do seu involucro, que possui uma constituição molecular muito rarefeita, mas, entretanto, uma forma determinada.

E' isso devido á alma que é um centro de forças, representando o mesmo papel para com o corpo como o eixo dos turbilhões de fumaça na experiencia de Helmholtz. A comparação é exacta, porque verificamos que o espirito pode, á vontade, tomar a forma que lhe convem. E' preciso, portanto, admitir que a causa da aggregação perispiritual reside no espirito actuando sem cessar pela vontade.

As propriedades do perispírito são perfeitamente explicaveis segundo o que estudamos precedentemente.

O involucro da alma é invisivel, porque o seu movimento vibratorio molecular é demasiado rapido para que as suas ondulações sejam perceptíveis á vista; mas, se por um meio qualquer se diminue esse movimento, o ser torna-se visivel, não só para um medium, como para todos os assistentes.

— E' verdade; porém desde que o fiz dominado por um sentimento, que é a melhor prova de dedicação, creio que não sou merecedor d'estas durezas.

— Ah! eu sou um espirito tão independente que não admitto no homem que me ama outro sentimento que não seja submissão aos meus caprichos.

— Se me tivesse dito isto, eu não a teria incommodado com os meus despeitos.

— Teria sido assim. Sr.; mas expor-me-hia a elles quando lhe pertencesse.

— E conta encontrar alguém que não os tenha?

— Não sei; mas se meu marido os tiver, en ser-lhes-hei tão indifferente, como se pode ser para as folhas secas que o vento leva.

— E se eu me submettesse á sua lei?

— E' tarde; já lhe conheço os sentimentos e prefiro enganar-me com outro.

O signal de uma valsa cortou o dialogo, por vir o par de Elisa reclamar-a.

— Tudo perdido! veio dizendo-se Julio do baile para a casa. Desci á indignidade sem o menor proveito! Martim será a victima d'esta mulher!

— Começa minha vingança, pensava Elisa, rodopiando automaticamente pelo braço do seu cavalheiro. Elle me ama ardentemente, e ha de ser desgraçado com a minha perda, tanto mais que seu melhor amigo é que será o seu verdugo. Eu bem disse que era a flor em que havias de beber o lethal veneno. meu voluvel colibri. Sim; hei de vingar-me cruelmente deste vaidoso, que presume ser o foco de luz em que todas as bellas hão de queimar as azas. Hei de trazel-o de rastos a meus pés, sorvendo elle o calice amarguroso de meus desdêns — e eu o oxymel de suas humilhações. Os dois amigos serão meu escabello, e jogarei com elles como com dois titeres. E eu serei a rainha dos salões a desejada de todos os leões do bom gosto e da boa sociedade.

Ignorava a misera menina que é por essa porta falsa que se desce dos salões illuminados aos escuros prostibulos, das azas da fama ao desprezo de si mesmo, depois de ter provocado o da gente seria.

Felizes ventos levaram a familia Muniz ás plagas do velho mundo.

(Continúa)

FOLHETIM

(26)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

JOÃO DE ALMEIDA

PRIMEIRA PARTE

XXVI

No dia 7 de setembro de 18... toda a alta sociedade da corte estava em reboliço por causa do baile, que devia ter logar em casa do commendador Muniz — baile que se annunciava como o *non plus ultra* em seu genero.

Julio foi distinguido com um cartão de convite, em que se dizia que a familia Muniz, tendo de partir para a Europa, reunia seus amigos, para fazer-lhes as despedidas.

— Partir para a Europa! scismava o moço, sem largar da mão o cartão, que o queimava como ferro em brasa. Vai, pois, dar-se o encontro de Martim com Elisa! E' mais perigoso do que se elle estivesse aqui; porque lá não terá quem modere os assomos de sua paixão! Todo o meu plano por terra — e desastrosamente! Eu fui um desazado! Eu devia ter continuado a fingir amar a Elisa, até que Martim tivesse cicatrizada a ferida. Agora, o que fazer? O commendador convenceu a filha, despeitada commigo — e ali está explicada a razão d'esta inopinada viagem. Se eu pudesse embarçal-a, seria a salvação de Martim; mas como, se a moça já sabe que não lhe tenho amor?

O rapaz cahiu prostrado, como se tivesse recebido golpe violento no alto da cabeça.

— Vou — não vou — devo ir — não devo ir. Meu Deus! O que hei de fazer por meu pobre Martim? Se eu fosse explicar por scena de ciúme o que se passou no baile do Merity? Talvez pegasse. E' — é o unico recurso que me suggere a mente no intuito de des-

manchar esta viagem, cujo fim é envolver o meu querido Martim na tunica do Centauro, que lhe ha de pôr a moça, a cujos pés roja aquelle Hercules. Vou — devo ir — e Deus me inspire. Mas, que indigno papel volvo a representar! Um homem de bem nunca deve descer do plano illuminado pelos puros e claros raios de sua consciencia; e a minha, por mais que me sangre o coração, recolhe suas luzes quando medito em semelhante artificio. E' que o fim não justifica os meios! Não — não justifica; bem o sei e melhor o sinto; porém hei de eu cruzar os braços, quando vejo meu caro irmão, pelo coração, prestes a rolar pelo plano inclinado que vai dar ao abysmo, ao sepulchro de todas as suas glorias, de todas as suas felicidades na vida? Mulher fatal! Tu cravas o punhal envenenado em dois corações cheios dos effluvios do bem e do bello! Porque não havias de ser a virgem pura dos sonhos dourados do meu Martim? Porque, visto que és a torpe Dalila do Sansão da nobreza e da honra, não lhe fugirás, para não sentires o cruel remorso de arrastares á miséria e talvez ao crime aquelle vulto magestoso de homem, que só tem, como Achilles, um ponto vulneravel? Mulher fatal! que me collocas na contingencia impossivel de abandonar o doce amigo a seu doloroso destino, ou de me deshonrar a meus proprios olhos! Oh! a deshonra é peor que a morte — peor que o inferno, quando somos nós mesmos os que a praticamos, que a confessamos a nós mesmos!

Nestes tormentos, de que minha grosseira penna mal pode traduzir a agudeza, levou Julio todo o dia, até que chegou o momento de decidir-se por ir ou não ir, que para elle valia por abandonar o amigo á maior desgraça ou abandonar-se a seu proprio vilipendio.

Como um louco — e louco, de loucura transitoria, foi elle, n'aquelle momento — ergueu-se, resolutos, deixando escapar dos labios estas palavras, que lhe cahiram n'alma como gottas de ferro derretido: cale-se a consciencia — e fale o coração!

O anjo de azas cõr de neve, que vela por nós com a solicitude com que a mais terna das mães vela pelo filhinho adormecido no leito da dôr, o anjo da guarda de Julio deixou cahir dos olhos duas lagrimas de pezar, perolas bemditas, que rolaram pelos paramos infinitos do infinito espaço.

Os filhos da luz, que já são, elles mesmos, luz, attrahem-nos para si, pelo carreiro

que seguiram, e sentem agudo espinho em seu purissimo amor, sempre que nos vêem sentir, pensar ou agir menos correctamente; porque o menor desvio nosso retarda nossa ascensão, tolhendo a purificação do nosso ser.

A loucura já era senhora dos salões do commendador Muniz, quando, como um ladrão, esgueirando-se por entre a multidão, penetrou Julio, e foi marchando, corpo sem alma, até esbarrar com Elisa.

O habito da boa sociedade chamou-o aos deveres da civilidade, e o moço, com os ademanos do perfeito cavalheiro, mas sem poder occultar o desconcerto que lhe ia pelo intimo, parou diante da diva da festa e dirigiu-lhe suas saudações.

— Vim dizer-lhe o adeus da despedida, minha senhora.

— Agradeço-lhe a fineza, Sr. doutor, tanto mais quanto sei que lhe foi isto um pesado sacrificio.

— Não no sentido em que fala, minha senhora; mas sim no de ter de soffrer sua ausencia, que vale para mim em ver apagar-se a luz de minha alma.

— Sua alma sem esta luz verá melhor o caminho da gloria e da felicidade que o esperam.

— Não é assim. Pelo eclipse que um momento de despeito determinou, eu avalio o que será a perda completa do astro que a produz.

— Não creio em suas palavras, Sr. doutor; e se pudesse crer n'ellas, eu me sentiria feliz por saber que a perda do astro a que se refere lhe causa pezar.

— E' cruel até este ponto?

— Não sou cruel; mas também não sou ingenua.

— Então, minha culpa não tem remissão?

— Nenhuma culpa lhe reconheço; pois que, embora muito o considere, nunca fiz do seu amor condição de minha felicidade.

— N'este caso, sou importuno falando-lhe uma linguagem que em nada lhe interessa.

— Um cavalheiro de sua distincção nunca é importuno, salvo se quizesse obrigar-me a acceitar sentimentos a que não posso responder.

— Jamais ousarei fazel-o, D. Elisa; prefiro chorar commigo minhas illusões perdidas.

— Lastimo que assim seja; mas ha de confessar que, se alimentei por um momento suas illusões, foi o senhor mesmo quem as fez murchar em flor.

No estado normal o espirito pode se deslocar na nossa atmosfera e á superfície do globo sem que coisa alguma possa impedir-lhe a marcha; sua natureza lhe permite atravessar a nossa materia grosseira, como a luz passa através dos corpos diaphanos, em uma palavra, elle pode ir á toda parte sem encontrar obstaculo material.

Segundo o grau de adiantamento do espirito, os fluidos que compõem o seu involuero são mais ou menos puros, e sua acção é augmentada ou diminuida na razão do seu estado mais ou menos radiante.

E' evidente que os fluidos grosseiros, materiaes, que se aproximam dos gazes terrestres, são menos aptos para as operações da vida espirital do que os dos espiritos superiores que são de alguma sorte quintessenciados.

A influencia do moral sobre o physico é mais verdadeira ainda no espaço do que na terra.

Aqui podemos viciar o nosso involuero ao ponto de ser improprio para as funções da vida; do mesmo modo as más paixões, fixando no perispírito fluidos grosseiros, prejudicam o adiantamento da alma e, por consequencia, o seu estado de bem estar.

O que dizemos applica-se indistinctamente a todos os espiritos, de sorte que o mundo espirital é em todos os pontos comparavel ao nosso; mas a hierarchia se estabelece sobre uma unica base: a do adiantamento moral.

Supponhamos agora que um espirito queira se comunicar, e procuremos comprehender os phenomenos successivos que vão se desenrolar. Podem se apresentar duas alternativas: ou o espirito sabe se comunicar ou não sabe. Se está no primeiro caso e as suas intenções são boas, um espirito mais instruido o dirige e lhe mostra a maneira de agir; se, ao contrario, é para fazer mal, na maior parte das vezes elle não pode agir porque não encontra nenhum espirito superior que queira ajudal-o nessa tarefa.

O espirito, sabendo communicar-se, é ainda obrigado a procurar um medium, isto é, um ser humano cuja constituição seja tal que possa ceder uma parte do seu fluido vital.

Quando o espirito o encontra, eis como opera: por sua vontade, o espirito projecta um raio fluidico sobre o perispírito do medium, penetra-o com o seu fluido, estabelecendo assim uma communicação directa entre elle e o incarnado. E' por meio d'esse laço que o fluido vital do homem é atrahido pelo espirito. Essa dupla corrente fluidica pode ser comparada aos phenomenos da endosmose, isto é, a permuta que se produz entre dois liquidos de densidades diferentes, através de uma membrana. Aqui os liquidos são substituídos por fluidos e a membrana pelo corpo.

Estabelecida a communicação, o espirito pode agir sobre o medium produzindo effeitos diversos que se traduzem pela visão, audição, escripta, typtologia, etc. São essas diferentes manifestações que vamos estudar detalhadamente nos capitulos seguintes.

Em summa, vê-se que são precisas umas tantas circumstancias reunidas para obter-se uma communicação, motivo por que não são de admirar os insuccessos que acompanham quasi sempre as primeiras tentativas.

Eis quaes são as condições indispensaveis:

1º— E' preciso que o espirito evocado possa ou queira vir ao chamado do evocador; 2º uma evocação sincera feita com o fim de se instruir e não divertir-se ou aproveitar d'ella materialmente; 3º que o espirito evocado esteja tambem animado do desejo de fazer o bem; 4º que elle saiba agir no sentido de se manifestar; 5º que encontre um medium apto a reproduzir o seu pensamento, ou fornecer-lhe os fluidos necessarios, que va-

riam segundo o genero das manifestações a obter; 6º finalmente, que nenhuma acção exterior contrarie o espirito nas suas manipulações. Isto sobretudo é muito importante, porque é um verdadeiro magnetismo espirital que se opera, e sabe-se quanto nas acções magneticas as vontades estranhas podem prejudicar o bom resultado do phenomeno. Não falaremos do estado de saúde do medium, das influencias exercidas pelos agentes physicos: luz, calor, electricidade, etc., porque ignoramos de que modo actuam, mas não deixam de ter uma grande influencia que será util no futuro determinar com precisão.

Como se vê, é preciso um concurso de circumstancias favoraveis para entrar em relação com o mundo espirital, e os reveses numerosos a que se está exposto, não observando estas prescrições, mostram que o phenomeno está longe de depender do acaso e deve ser estudado com muito methodo se se quer descobrir as suas leis. Não é, portanto, fazendo spiritismo no fim de um jantar, depois de se ter bebido, que se está nas condições requeridas e não se deve estranhar se os espiritos recusam manifestar-se quando se os quer exhibir como animaes curiosos, á guisa de sobremesa, aos seus convidados.

CAPITULO II

OS MEDIUNS ESCRIVENTES

Os mediuns escreventes são aquelles que nos transmitem, pela escripta, os pensamentos dos invisiveis; são, sem duvida, os mais uteis instrumentos de communicação com os espiritos. Esta faculdade é a mais simples, a mais commoda e a mais completa de todas. E' para ella que devem tender todos os esforços dos neophytos, porque lhes permite corresponder com os espiritos de um modo regular e seguido. Devem affeição-se tanto mais a ella, quanto por esse meio os espiritos revelam sua natureza e o grau da sua perfeição ou inferioridade. Pela facilidade que lhes é offerecida de se exprimirem, podem nos fazer conhecer seu pensamento intimo, collocando-nos assim nas condições de julgal-os e apreciar-os segundo o seu valor proprio. E' indispensavel estudar pacientemente esta faculdade, porque é ella a mais susceptivel de desenvolver-se pelo exercicio.

Podem-se apresentar tres generos bem differentes, que é indispensavel distinguir no ponto de vista das manifestações. Os mediuns podem ser: mecanicos, semi-mecanicos, ou intuitivos.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos ovangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

MATHEUS

CAPITULO II—V. 13-18

FUGA PARA O EGYPTO.—MORTICINIO DAS CRIANÇAS

V. 13. Quando partiram os magos, um anjo do Senhor appareceu em sonho a José e disse-lhe: «Levanta-te; toma o menino e sua mãe, e foge para o Egypto, e fica lá até que eu te diga que partas; porque Herodes procurará o menino para

o mandar matar».—14. José, tendo-se levantado, tomou o menino e sua mãe durante a noite e retirou-se para o Egypto.—15. onde ficou até á morte de Herodes, afim de que esta palavra que o Senhor dissera, pelo propheta, fosse cumprida: «Chamei meu filho do Egypto».—16. Então Herodes, vendo que tinha sido enganado pelos magos, entrou em grande colera, e mandou matar em Bethlem e em todas as regiões circunvisinhas todos os meninos de dois annos de idade ou de menos d'isso, segundo o tempo acerca do qual se informara exactamente dos magos.—17. Viu-se então cumprir-se o que tinha sido dito pelo propheta Jeremias.—18. Um grande clamor se propagou em Rama; ouviram-se gemidos e gritos lamentosos; Rachel chorando seus filhos e não querendo receber consolação, porque já não existiam elles.

N. 15. Segui os factos, vereis sempre n'elles o dedo de Deus dirigindo os acontecimentos e preparando a vinda do justo.

« Os magos tinham indicado a Herodes um tempo tal que elle foi levado a ordenar que destruíssem todos os meninos até á idade de dois annos. »

« Tinham um dado sobre a idade approximativa que podia ter o menino, pela época em que a revelação spirita lhes tinha sido feita, a época fixada para a sua partida e o tempo que tinham gasto em fazer a sua viagem; conjecturaram assim que o menino devia ter perto de dois annos. »

« Se Herodes ordenou que destruíssem todos os meninos de dois annos e de menos d'isso, de tal modo que todos aquelles mesmos que acabassem de nascer fossem alcançados, foi porque, não tendo tornado a ver os magos e receando algum erro, preferiu sacrificar um numero maior de victimas a deixar escapar aquelle que queria ferir. »

« A apreciação dos magos era, nós vol-o dissemos, approximativa; não podiam, pois, ministrar uma informação positiva; e essa incerteza preparava os acontecimentos que deviam seguir-se. »

« Foi pelo aviso a elle dado, em sonho, pelo anjo do Senhor, depois da partida dos magos de Bethlem, que José foi enviado ao Egypto, com Maria e o menino. »

« Quanto aos meninos sacrificados á crueldade de Herodes, não foram victimas perdidas; o Senhor, em sua previdente bondade, permitira a incarnação de espiritos quasi purificados, cujo fim, prematuro aos olhos dos homens, devia terminar as provações em a vossa terra como lugar de expiação. »

« Os paes d'essas victimas, innocentes aos vossos olhos, tiveram tambem o seu quinhão no progresso; porque foram experimentados pela dor; era, para elles, uma provação necessaria; tudo está sempre PREVISTO na sabedoria do Senhor. »

MATHEUS

CAPITULO II—V. 19-23

REGRESSO DO EGYPTO

V. 19. Tendo morrido Herodes, o anjo do Senhor appareceu, em sonho, a José, no Egypto,—20, e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe e volta para a terra d'Israel, porque aquelles que procuravam o menino para lhe tirarem a vida morreram».—21. José, tendo-se levantado, tomou o menino e sua mãe e veio para a terra d'Israel.—22. Mas, sabendo que Archelau reinava na Judéa, no lugar de Herodes, seu pae, receou ir lá, e, depois d'um aviso que recebeu em sonho, retirou-se para a Galiléa,—23, e veio morar n'uma cidade chamada Nazareth, afim de que esta predição dos prophetas fosse cumprida: «Elle será chamado Nazareno».

N. 16. « Ao primeiro aviso do anjo, José queria fixar-se em Jerusalem ou em seus arredores. O receio de attrahir a attenção sobre «o menino» apossou-se d'elle. »

« O anjo appareceu-lhe de novo em sonho; e, avisado por elle, retirou-se para Nazareth, na Galiléa. »

« Insistiremos, quanto a vós, sobre este assumpto, afim de vos fazermos comprehender bem que nada do que acontece se realiza sem a vontade do Senhor e vos fazermos ver que, para attingir um fim humano, são sempre meios humanos que elle emprega; podia enviar José immediatamente a Nazareth; mas o espirito

do homem não se teria detido nesse facto; é, pois, para cumprir uma prophécia que Deus, depois de ter enviado José a um lugar afastado de sua residencia, o desvia de seu caminho e o faz vir para Nazareth; é Deus quem inspira a José, pae, aos olhos dos homens, de Jesus, estes receios por «seu filho»; é Deus, sempre Deus, quem conduz pela mão aquelle que devia franquear á humanidade o caminho dos céos. »

(Continúa)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spirita Brasileira, á rua da Alfandega n. 342, 2º andar:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	5\$000
O CÉO E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
OBRAS POSTUMAS, por Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Leon Denis, brochura (500 grams.).....	3\$500
IDEM, cartonado (550 grams.).....	4\$500
O PORQUE DA VIDA, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, por Leon Denis, brochura (150 grams.).....	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Leon Denis (folheto).....	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Saucage, cartonado (300 grams.).....	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsano, brochura (200 grams.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	1\$000
OS ASTROS, estudos da Crenção, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	\$300
LA CASA EMBRUJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES E OUTROS SÁBIOS, brochura (200 grams.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS E OS MUNDOS REALES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHÈSE, por Frederico Jofret, brochura, (200 grams.)..	2\$000
COLLECÇÕES ANNUAES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.).....	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams, além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR



ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 68

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Março 31

N. 386

1869—1899

A família spirita, constituída em grupos, em associações unidas pelos laços da fraternidade e da solidariedade em uma causa que é a sua aspiração commum, mas disseminada por quasi toda a superficie do globo, comemora hoje o 30º anniversario da desincarnação d'aquelle para cujo espirito sobem, no incenso da prece, os votos de gratidão pelo extraordinario legado que a sua perseverança, a sua tenacidade, o seu lucido preparo para obra de tamanha grandeza, lhe instituíram como um deposito precioso e, mais do que isso, como uma doce consolação e um poderoso estímulo no meio das luctas e das vicissitudes d'esta vida amargurada.

Ha 30 annos, abandonou a forma que o tornava visível aos olhos dos seus discipulos e companheiros, para se lhes tornar apenas objectivo no affecto que lhe votavam, e, mais se acrysolou com essa dolorosa ausencia, aquelle grande espirito do nosso mestre, de Allan Kardec, o apostolo e o fundador da nova revelação, e n'esse lapso de tempo a sua obra, graças á solidez da estrutura em que elle collaborou com pulso firme, caminhou tanto, avançou tanto nos corações e nos espiritos, que a elle proprio surprehenderia se a esse processo de diffusão e de propaganda não estivesse elle sempre presente, auxiliando com solicitude o trabalho dos seus continuadores, associado ás hostes do bem e da verdade, que com elle collaboram n'essa tarefa invisível, mas constante, de preparar e fecundar cada vez mais o terreno para a fructificação das novas idéas.

Graças a esse trabalho, de que não podemos duvidar os que acreditamos na intervenção dos espiritos na obra da humanidade, tanto mais que d'ella nos vêm successivamente as provas, colhidas na observação e no estudo, é que a propaganda da doutrina spirita tem caminhado de um modo verdadeiramente triumphal, e que em torno d'ella todas as hostilidades se têm abatido, ora esmagadas pela propria consciencia de sua inutilidade, ora vergastadas pelas fulgurações da verdade contra a qual são impotentes todas as investidas.

Um largo trabalho de vulgarização se tem realizado, e o espirito humano, pouco a pouco emergido da desoladora noite em que o materialismo e a descrença o haviam envolvido, pode enfim aspirar as auras da libertação do seu engano e hau-

rir na nova revelação as inspirações para a marcha que lhe está traçada através dos tempos sem limite.

O mais difficil está feito. A parte mais rude d'essa gigantesca tarefa encetada pelo mestre foi realizada pelos sapadores da primeira hora. Desbravado o caminho, offerecido o combate aos motejadores que pretendiam suffocar pelo ridiculo a tentativa dos corajosos libertadores, vencida a indiferença do maior numero, lançada a sementeira no terreno arado pela perseverança e pela dedicação dos primeiros apostolos, notavelmente do primeiro entre os primeiros — Allan Kardec —, cumpre aos que assumiram a responsabilidade de continuar a obra do grande missionario velar pela abundante floração d'essa grande seara, para que os fructos correspondam á excellencia da semente e á extensão dos cuidados que naturalmente exige.

De mais facil execução é essa parte da tarefa; entretanto — não nos illudamos — não se acha ella de todo isenta de perigos. Se foi vencida a resistencia visível que á diffusão da nova crença oppunham as sociedades materializadas pela desthronização da fé; se aos esforços dos trabalhadores de boa vontade se deve em grande parte o interesse e, até certo ponto, a sympathia com que os mais eminentes vultos do scientismo official já hoje encaram a nossa doutrina, de modo a assegurar-lhe pelo menos o respeito que se deve ás coisas serias, o que já representa um largo passo no terreno da conquista, é preciso não esquecer que um perigo, porventura maior do que esse que apontámos acima e que quasi desapareceu, ameaça o spiritismo na pessoa dos seus apostolos.

Não é que nos entibie o animo o receio de ver perecer a obra ha meio seculo apenas encetada; porque a nova revelação é uma parte d'essa verdade que tem sua origem no Creador e que é por isso mesmo imperecível. Mas é que, se fomos negligentes na observancia d'aquelle preceito que tão solicita e constantemente nos é recommendado pelos nossos guias, no sentido de «orar e vigiar», isto é, se nos deixarmos seduzir pelas miragens de um facil triumpho, mais confiados no provavel esforço alheio do que na porção do que cada um tem o dever de prestar á causa á que hypothecou a sua dedicação; se nos não lançarmos resolutamente á obra de a nós mesmos nos combatermos nas nossas paixões, na nossa negligencia ou indiferença; se, reconhecendo-nos va-

cillantes e fracos, não pedirmos para aquelle fim, na unção da prece, as forças que do alto nos não serão recusadas, desde que as solicitemos com humildade e fé, expôr-nos-hemos ao grave risco de faltar aos nossos deveres, facilitando o accesso ás más influencias que nos espreitam através das no-sas fraquezas, e exporemos a obra que nos está confiada, não a um fracasso, que não é possível por isso que — dissemo-lo — ella faz parte das eternas verdades, mas a um retardamento mais ou menos longo nos seus effeitos e nas suas consequencias. E ai dos que assumirem tão grave responsabilidade!

Porque, — não nos illudamos — no momento actual da propaganda, vencidas as correntes humanas que lhe tomavam o passo, uma resistencia mais perigosa se oppõe aos esforços dos que trabalham por continuá-la. Um trabalho surdo, minaz, imperceptível apenas para os que não sabem ver, se realiza na sombra.

O momento afigura-se decisivo. O seculo XX ainda não bruxoleia sequer aos primeiros clarões da alva que o verá nascer, e já a humanidade se alvoroça, em uma grande maioria dos seus membros, por entrar na posse d'essa herança da verdade prometida pelo Pae a todos os seus filhos. A lucta entra, pois, na sua phase terminal. E' o combate da luz contra as trevas, combate decisivo em que, se de um lado se empenham todos os grandes e luminosos espiritos que velam sobre a nossa pobre terra, do outro pelem todos os desgraçados, todos os infelizes que de tal modo se identificaram com o mal que não se resignam a abandonar á conquista da luz companheiros com que têm necessidade de enriquecer as suas phalanges de destruição.

Uns e outros, habitantes do espaço, fluctuando na nossa atmosphaera, projectam as suas influencias sobre os humanos, cujo livre arbitrio, precioso dom que o Creador conferiu a todas as suas creaturas, assegura a cada um a somma exacta de responsabilidade com que entrará na submissão a qualquer das oppositas suggestões.

Mas para que essa suggestão se dê é indispensavel o concurso d'essa lei de similitude á que toda a natureza está submettida, o que quer dizer que aquelles que, pelos seus pensamentos e pelos seus actos bons, se collocarem nas condições de atrahir as boas influencias, serão por ellas suggestionados e mais se robustecerão na sua fé e na sua elevação moral, ao

passo que os outros, os infelizes que se abandonarem ás proprias suggestões de suas paixões inferiores attrahirão as perniciosas influencias que se encarregarão de os enlaçar e subjugar em seus tentáculos invisíveis mas poderosos.

D'ahi essa necessidade de purificação, que cada um deve começar por praticar em si mesmo, *vigiando*, isto é, fiscalizando todos os seus menores impulsos, para combater os que exorbitarem da lei de amor e de fraternidade, afim de que possa ensinal-a e applical-a aos outros. Se não nos procurarmos identificar com a moral em todos os nossos actos, com que titulos nos proporemos ensinal-a aos nossos irmãos?

E nunca, como agora, se impoz mais imperiosa esta necessidade; porque — repetimol-o — nunca como agora se apresentou temerosa a lucta aos que se impuseram a missão de evangelizar em nome da verdade.

Uma pressão dolorosa e funesta se faz sentir na nossa atmosphaera, e os seus effeitos ja não podem ser dissimulados. Ha uma deserção furtiva e silenciosa nas fileiras dos novos operarios que, embora vejam substituidos os claros por combatentes que todos os dias se apresentam espontaneamente na liça, não se podem, todavia, subtrahir a esse confrangimento d'alma que inspira o desfalecimento de muitos que suppunham dos mais fortes. Não será licito attribuir uma parte d'essas deserções á conspiração que nas trevas é urdida contra a nova doutrina pelos inimigos da luz, que assim se vão senho-reando da fraqueza, da indiferença, da tibieza de muitos que lhes franqueiam, por esse modo, accesso á alma?

Urge, por conseguinte, estar alerta, e ha muito sentiamos a necessidade de dar este brado de alarma. E' forçoso que os combatentes se unam para offerecer os derradeiros combates. Temos fé na victoria da nossa causa; mas para isso é necessario que os que lhe juraram fidelidade se mantenham fieis na defesa do seu estandarte.

Felizes dos que assim tiverem sabido cumprir o seu dever! Esses serão dignos de voltar a liça, sob o mando supremo d'aquelle chefe inesquecível e glorioso, cujo advento nos é predito para o começo do seculo vindouro, d'aquelle cuja libertação solemnizamos hoje, não com hymnos de triumpho que seriam prematuros, mas com a sinceridade do affecto e do reconhecimento, que não excluem este appello que, ao historiar as nossas dolo-

rosas vicissitudes, endereçamos ao seu grande espirito para que continue a velar pela sua obra que a nossa fraqueza ameaça comprometer por muito tempo.

N'este dia, em que toda a familia spirita, qualquer que seja a latitude em que se encontrem as parcelas que a constituem, vibra, como um largo coração unisono a pulsar, n'um mesmo sentimento de gratidão e de affecto, seja-nos licito, traduzindo com franca lealdade o estado dos espiritos entre nós, enviar-lhe, com um voto de reconhecimento á felicidade que lhe devemos, depositario da nova revelação tão sabiamente por elle organizada, enviar-lhe — repetimos — uma supplica em favor dos que, vacillantes sob o grosseiro revestimento da carne que os opprime, não tem sabido tornar-se dignos d'essa obra que elle — o mestre — edificou com aquelle espirito de sabedoria que é a mais robusta segurança da sua immortalidade no coração dos seus discipulos como na memoria da posteridade.

NOTÍCIAS

Concluída, em a nossa edição de 15 de março, como viram os leitores, a publicação do excellente trabalho apresentado ao Congresso Espiritualista de Londres pelo nosso eminente confrade Sr. Gabriel Delanne, encetaremos no proximo numero de 15 de abril a publicação da memoria que o nosso irmão o professor Alfredo Alexander apresentou ao mesmo Congresso, no qual se occupa elle da historia e do desenvolvimento do spiritismo no nosso paiz.

Federação Spirita Brasileira

Uma dupla commemoração realiza hoje a Federação Spirita Brasileira, em sua sede á rua da Alfandega n.º 342, 2º andar.

O dia 31 de março, que assignala o facto da desincarnação do nosso mestre Allan Kardec, ha trinta annos, na capital da França, coincide agora com o dia consagrado á paixão de Jesus, o Divino Mestre, e a Federação, reunindo em uma mesma commemoração, affectuosa e grata, a libertação dos grilhões da carne do apostolo da nova revelação e o drama que no Calvario se desenrolou ha dezenove seculos, procura d'esse modo collocar-se á altura da sua missão, convidando todos os spiritas a se reunirem, em um mesmo impulso de fraternidade, afim de prestar o devido culto a esses grandes e luminosos espiritos, dos quaes a purissima sublimidade de um não offusca a grandeza do outro, que se fez depositario e evangelizador da sua elevadissima doutrina.

A commemoração que hoje faz a Federação Spirita Brasileira é relativa, pois, a Jesus Christo, o Divino Pastor das almas, e a Allan Kardec, o continuador da sua moral purissima, o missionario da nova revelação.

Terá começo a sessão ás 2 horas da tarde.

De Paranaguá, Estado do Paraná, chegam-nos as mais gratas noticias relativamente á marcha do spiritismo alli, onde já se contam hoje cerca de 400 spiritas, ao passo que em 1891 apenas se contavam 8 adeptos da nova revelação, o

que attesta uma accelerada decuplicação do numero de crentes, sendo de esperar que esse numero continue sempre em progressão crescente.

O Centro Consofo dos Afflictos, que alli funcionava, foi substituído, desde agosto de 1897, pelo Centro S. Mathews, sob a presidencia do nosso laborioso confrade João Moaes Pereira Gomes, que era igualmente director do extinto centro.

A nova agremiação funciona ás quartas e sextas-feiras ás 7 1/2 horas da noite, atraindo sempre numerosa concurrencia que, no maior recolhimento, assiste aos trabalhos dirigidos por aquelle nosso confrade.

Conta *Le Progrès Spirite* o seguinte: Victor Scheffel teve um amigo, atacado da tísica, que, ao morrer, se lhe tornou visível em *toilette* de baile, mas coberto de sangue, dando-lhe uma pancada na sobre o hombro, precisamente em um baile onde esse amigo não poudo ir por causa da sua enfermidade. As circunstancias são as seguintes:

O enfermo tinha pedido a Scheffel que fizesse uma importante comunicação á sua amiga Margarida, recomendando-lhe que lhe não fizesse a corte, antes de sentir no hombro uma leve pancada, devesse elle embora, para isso, ter de sair do tumulo. Estava Scheffel no baile, fazendo a corte á Margarida, quando viu o fantasma, e pouco depois foi chamado para ir ver seu amigo, que elle já encontrou morto.

A mãe do finado contou a Scheffel que seu amigo, sentindo-se melhor, se preparava para ir ao baile, quando uma hemoptyse fulminante prostrou-o. Suas ultimas palavras foram: «Eil-o sentado ao lado della, dizendo-lhe...». Estendeu a mão, como querendo bater, e cahiu morto.

CENTRO S. FRANCISCO DE PAULA

Segundo comunicação que nos foi gentilmente endereçada, sabemos ter sido installado no dia 12 de janeiro preterito, na cidade de Paranaguá (Paraná), um grupo spirita sob a denominação com que epigraphamos esta noticia, para o fim de estudar a doutrina spirita e pôr em pratica os seus ensinamentos moraes, tendo sido uma bella festa a sessão inaugural.

Presidiu-a, na qualidade de director da nova agremiação, o nosso prestimoso confrade João Moaes Pereira Gomes, achando-se ainda presentes os irmãos: Joaquim Antonio de S. Thiago, capitão Honório Decio da Costa Lobo, Antonio Simplicio da Silva, Chrispim Gonçalves de Araujo, Manoel T. Martins de Souza, Antonio Tavares de Miranda, D. Maria Amelia de Miranda e Silva, D. Maria Candida da Silva, D. Maria dos Anjos Blanc e D. Gloria Ferreira, alem de outras pessoas em numero de vinte.

D'entre as pessoas citadas, muitas são mediuns de diferentes effeitos, taes como D. Maria Amelia, medium mechanico, D. Maria Candida, desenhista, D. Maria dos Anjos, psychographico, e D. Gloria, vidente, enquanto os nossos confrades Decio, Moaes e Simplicio o são psychographicos.

Receberam-se bellas communicações por varios mediuns, tendo os trabalhos corrido na mais perfeita ordem. Pode-se, entretanto, citar como o mais curioso phenomeno obtido durante a sessão o desenho de uma roseira, com 2 rosas desabrochadas e seis botões, obtido pelo medium D. Maria Candida.

O novo centro funciona todas as segundas-feiras, ás 7 1/2 horas da noite.

Ao terminar, congratulamo-nos com os trabalhadores de boa vontade, particularmente com o nosso confrade João Moaes, pelo incremento que aos seus esforços vai devendo em Paranaguá a causa da propaganda spirita, e fazemos votos por que o seu trabalho, fructificando em abundancia, possa ser abençoado pelo Senhor da vinha a quem devemos tudo.

COLLABORAÇÃO

Outros Tempos

Vai mergulhando o seculo XIX no seio da eternidade do tempo, e o seu caso, digamol-o a bem da verdade, não tem as sombras negras que pejavam o seu nascente. Herdeiro de todo o racionalismo estreito e arido do seculo XVIII, viu a luz, o seculo que finda em meio de convulsões horrorosas em que o sangue humano era fartamente derramado para proveito das ambições de alguns. A historia da humanidade escreve-se segundo o plano traçado pelo Todo Poderoso e se consolida com a experiencia e com a dor. Os individuos, como as collectividades, não surgem armados da sabedoria que só se adquire á custa propria. Muito aprendeu a especie n'estes cem annos que expiram, não resta a menor duvida. E que aproveite a lição aos que nos succederem.

Seculo de racionalismo especulativo e de critica impiedosa, de interesse pratico e de egoismo feroz, vemol-o agonizar fitando os primeiros alhores de uma nova era, banhada na luz suavissima dos Evangelhos. Não precisamos ser prophetas, para augurar ao seculo XX a gloria de ser o iniciador da legitima doutrina de Jesus, tão empanada, desde a sua primeira phase, pelas interpretações grosseiras de seitas sem elevação de vistas.

Os individuos, como as collectividades, aprendem á sua custa, dissemos nós, e nenhuma aprendizagem foi mais dolorosa do que esta de fazer brilhar o espirito que vivifica atravez da letra que mata.

O santo ensinamento do Martyr do Golgotha a tudo resistiu, porque é a verdade, e esta é eterna.

As tempestades das paixões humanas que formaram grupos, partidos, legiões, não lhe alteraram a serenidade divina, antes prepararam um céu mais limpo, para que não lhe perdessemos uma só das bellezas infinitas. No abysmo do tempo afundaram-se os que tentaram empanar-lhe o brilho, embora apenas conseguissem fazer sentir a necessidade de sua affirmação pelo contraste com o erro.

O seculo que expira foi de um positivismo cruel e impiedoso e não foi esta a sua menor gloria. Os homens que o precederam tinham feito do seu orgulho um altar á deusa Razão, e enquanto lhes durou esta excitação dos sentidos, julgaram-se aptos para dispensar a Causa Primeira. Caro lhes custou a audacia; baldos de fé, os pobres atomos, sem a energia da lei moral revelada que os prendia, como o movimento que dá formas á materia, não tardou muito a se sentirem em verdadeiro desequilibrio, arrastados no turbilhão de seus proprios instinctos, sem bussola e sem norte.

Como rajadas de vento vindas das zonas frias, o septicismo o mais enervador começou a enregelar-lhes os musculos que, por momentos, julgavam poder aquecer ao calor das luctas de interesse, de um mercantilismo prosaico, lucta ingrata que devia transformar os irmãos em Christo em inimigos irreconciliaveis. A boa fé quasi desapareceu de todo da face da terra, para dar lugar á desconfiança mutua e ao choque de ambições mal encobertas.

As mais rudimentares noções do dever foram postas á margem, como embarços ás cobiceas desenfreadas. A moral, sem o seu apoio eterno no imperativo divino, não podia mais constituir um dique aos desejos de toda natureza e a propria familia, esta cellula organica da sociedade, foi abalada em seus fundamentos, sendo assim o todo atacado de mal mortal, em cada um de seus elementos constitutivos.

Não queremos aqui reproduzir o quadro desolador da serie de calamidades geraes que atormentaram estes ultimos cem annos, oriundas todas do esquecimento das doutrinas evangelicas.

Seja-nos sómente permitido dizer que a humanidade já cançou, já reconheceu

que tinha vindo caminho errado, que deixara atraz o verdadeiro roteiro traçado a golpes de luz pelo filho de Maria. Em todos os pontos do globo que habitamos, accende-se de novo o facho do Evangelho, e, coisa notavel, o combustível empregado é esse mesmo positivismo, são esses mesmos processos experimentaes, com que a Sciencia julgou poder destronar o Altissimo e que apenas serviram para sua maior gloria.

De experiencia em experiencia, as investigações humanas ultrapassaram o campo do visível e foram arrancar ao invisível as provas irrecusaveis da existencia da alma, derrotando em toda a linha o materialismo grosseiro. E esta a obra do espiritalismo moderno, do spiritismo scientifico.

Deus escreve direito por linhas tortas.

OLIM.

PAGINAS DE AKSAKOF

XI

17.ª Pergunta:— Quando sentis que Yolanda é realmente uma individualidade differente ou independente de vós, podeis indicar os caracteres moraes ou intellectuaes d'essa individualidade? — Quando vos sentais, no gabinete, pensais em Yolanda? Desejais que ella venha?

Resposta:— Ella tem tantas vontades e é tão caprichosa como uma criança, parecendo-me mesmo que tem o desenvolvimento correspondente a uma joven de 13 a 14 annos, sem grande intelligencia mas simplesmente curiosa. Ella parece ter sido educada n'um meio civilizado; comprehende e aprende facilmente; o traço mais notavel do seu caracter é a curiosidade.

A principio, quando se achou entre nós, parecia não saber o que era uma cadeira e experimentava o modo porque se deveria servir d'esse movel; sentou-se sobre o espaldar da cadeira e cahiu, ao passo que sabia o modo de se utilizar do papel e do lapis.

Tinha grande curiosidade por tudo o que lhe traziam; comprehendia o uso dos vestidos e das joias e sabia enfeitar-se.

Yolanda jamais me demonstrou affeição, a mim ou a qualquer outra pessoa; ella brinca livremente com os meninos do Sr. Fidler, porque está habituada a elles e não por affeição.

Supponho que ella acha prazer em occupar-se com alguma coisa. Se succede que eu lhe peça uma coisa ou outra, por exemplo, flores, ella m'as dá, porem um tanto enfadada, ao que parece.

Quando é uma outra pessoa que lhe faz esse pedido, ella o satisfaz com melhor vontade; no entanto, sendo eu que o faça, não sómente ella não deseja satisfazer-me, mas até, ao que parece, me encara com um ar de desconfiada, como se eu tivesse alguma vigilancia a exercer sobre ella.

Parece-me que Yolanda faz as coisas porque deseja ser louvada e considerada intelligente. E' preciso que ella tenha feito progresso durante estes dez annos, pois Walter (1) explicou que ella havia aprendido as primeiras letras do alphabeto, porém que ainda lhe restava muito a aprender.

Nunca procuro pensar em alguma coisa quando me acho no gabinete, e tambem nunca desejo que Yolanda venha. Não sei se ella virá, mas sómente que alguém virá. Evidentemente, se nada succedesse, eu me aborreceria; é por isso que, julgo eu, devo ter o desejo da sua vinda.

18.ª Pergunta:— Quando outros fantasmas apparecem, sentis que elles são uma parte de vós mesma, ou que elles são estranhos e independentes do vós?

Resposta:— Não experimento com os outros fantasmas o que sinto com Yolanda; sem ter olhado, sei se é Yolanda

(1) Espirito guia que se manifestava mediante escripta.

ou outra figura; não sei de que provém isso; apenas sinto a diferença.

Quando a aparição chamou «Carlos!» fiquei curiosa de saber o que isso era, sem nenhum outro interesse. Sentia que Yolanda era parte e que eu estava no meu estado normal; justamente na ocasião em que vos falei, eu sentia a diferença, e então o fantasma chamado Carlos appareceu.

19.^a Pergunta:— Yolanda alguma vez se manifestou por algum outro modo em sessão que não fosse a de materialização?

Resposta:— Não sei que Yolanda se tenha manifestado alguma vez a não ser nas sessões de materialização. Os outros espiritos que se manifestam nas sessões deram provas de sua presença em outras ocasiões.

Lembro-me de que uma tarde, quando eu vivia ainda na Inglaterra, tendo uma creança sobre os joelhos, e estando eu e ella a cantar, ouvimos uma voz nos acompanhar. A creança perguntou: «és tu que cantas, Ninia?»— Ella respondeu: «Sim.»— A creança subiu a escada a correr, e, como não a achasse, exclamou: «Estás em baixo?»— E a voz respondeu ainda: «Sim.» Ella correu por toda parte a procurá-la, até que ficou fatigada. Ouvia a voz por toda parte na casa.

20.^a Pergunta:— Dizei-me quaes foram as vossas impressões sobre a resposta dada por Walter, em 16 de junho de 1890, resposta que considerais uma coisa completamente nova, como uma revelação. Quero falar da vossa desaparição total, quando olhei bruscamente para dentro do gabinete.

Resposta:— Antes da sessão de 16 de junho de 1890, eu tinha a convicção absoluta de que parecia não haver mudanças visíveis no meu corpo. Sentia bem que, durante as sessões, uma mudança se operava, mas acreditava que isso não pudesse ser observado por outra que não fosse eu. Eu podia sempre, pelo que sei, ver, sentir e ouvir, ou melhor deverei dizer que, quando estou no gabinete, meu ouvido é muito mais apurado que em qualquer outra ocasião, porque então percebo o tic-tac de uma pendula na camara ao lado ou no pavimento inferior, posso ouvir o ruído da cidade, por exemplo, as badaladas dos relógios

nas igrejas, e ouço o tic-tac dos relógios de algebeira dos assistentes. E' certo que os meus sentidos ficam mais apurados que habitualmente. Posso sentir os pensamentos, ou antes, tenho a sensação de percebê-los; ultimamente tentei fixar os pensamentos assim sentidos e percebidos de modo a poder repeti-los, mas não fui bem succedida.

Se eu soubesse que tinha sido algumas vezes transformada, como Walter parece crer, eu jamais teria ousado dar sessões diante de pessoas que não tivessem cabal comprehensão d'esse estado de coisas.

A's vezes, passei com Yolanda fóra do gabinete, de modo que os assistentes podiam ver-nos ambas ao mesmo tempo.

Em muitas occasiões pude ver Yolanda diante de mim, ajoelhada, tocando o meu vestido ou dando-me um copo d'agua. Falei-lhe, toquei-a e d'esse modo pude convencer-me perfeitamente de que eramos duas individualidades diferentes. A primeira vez que notei em mim uma grande mudança, comprehendendo que era real essa mudança, foi nas sessões de photographia do Sr. Hedlund onde um espirito-homem me tocou; fiquei tão amedrontada que até tentei levantar-me e fugir para fóra do gabinete; mas percebi que não podia mover-me.

Os assistentes observaram o espirito que eu mencionei e o viram dissipar-se pouco a pouco; ao mesmo tempo eu sentia que voltavam-me as forças e a sensibilidade.

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES DO SR. AKSAKOF

Eu não poderia completar melhor estas interessantes communicacões do que chamando a attenção dos leitores para a descripção tão simples e viva dada pela Sra. d'Espérance sobre o que ella conhece, pensa e sente durante uma sessão de materialização, estando sentada fóra do gabinete, á vista dos assistentes, e que ella publicou no jornal *The Medium* (anos de 1892 e 1893) sob o titulo:— *O que sente um medium quando os espiritos se materializam.*

Não posso deixar de reproduzir aqui uma passagem que está em relação directa e especial com o assumpto d'este artigo e que descreve um outro caso ex-

cellente d'esse estado de desdobramento em que se acha o medium, conservando a consciencia. A Sra. d'Espérance fala por si mesma, e é de notar que tudo isto foi escripto antes do facto succedido em Hel-singfors.

«Então apparece uma outra figura pequena e delicada com os braços abertos. Alguem se levanta na extremidade do circulo, vem, e os dois se abraçam. Dá gritos inarticulados: «Anna! O' Anna! Minha filha! Minha cara filha!»— Então, uma outra pessoa se levanta e lança os braços em torno do espirito; em breve succedem-se soluços, exclamações entremeadas de bençãos. Sinto o corpo mover-se d'aqui, d'alli; tudo se torna negro diante dos meus olhos. Sinto o braço de alguem em volta do meu corpo, um coração bater de encontro ao meu peito. Tenho a sensação de que alguma coisa se passa. Ninguem está ao pé de mim; ninguem me liga attenção. Os meus olhos se fixam sobre essa figura branca e delicada nos braços de duas mulheres enternecidas.

Deve ser meu o coração que ouço bater tão nitidamente; mas ha braços que me rodeiam; jamais senti um contacto tão nitido. Começo a espantar-me. Que sou eu? Sou a branca appareição, ou sou a que está sentada na cadeira? Serão minhas as mãos que estão em torno do pescoço da velha dama? Serão minhas as mãos que estão na minha frente sobre os meus joelhos? Serei eu o fantasma, ou como deverei chamar aquella que está sentada na cadeira? Certamente os meus labios foram beijados; o meu rosto está todo molhado das lagrimas que correm abundantemente pelas faces das duas boas mulheres. Mas como pode ser isso? E' um sentimento terrivel o da perda da sua propria identidade. Desejo apertar uma das suas mãos que estão collocadas sobre os meus joelhos; inutil!—e tocar alguem para saber exactamente se eu sou eu ou somente um sonho; se Anna sou eu, e se de algum modo me perdi na sua identidade.

Sinto os braços tremulos da velha dama, seus beijos, suas lagrimas, as caricias da irmã, e acho-me em mortal angustia. Quanto tempo durará isso? Quanto tempo ali ficaremos juntas? Finalmente, o que succederá? Eu serei Anna ou Anna será eu?

Em breve senti duas pequenas mãos

dias de felicidade. aquelles annos que passavam sem se sentir, aquelle viver da vida do paraizo? Oh! tudo, tudo, a voragem consumiu, e quem soprou a voragem fui eu — eu só! Maldito... oh! não digas isto, minha alma, que mentes a ti mesma, pois que sabes que a dor é esmolá do Pae aos que lhe devem, e com ella lhe pagam o que devem! Mas, meu Deus!... não, não tenho razão; outros, em numero quasi infinito, choram lagrimas mais ardentes do que as minhas!

Se todos, em suas afflicções, em vez de levantarem os olhos para os que riem, baixassem-nos para os que gemem, bem poucos seriam os desesperos, e a resignação salvaria quasi toda a humanidade.

Avante, peregrino do infinito, toma tua cruz e segue até depoi-a no cimo da montanha do soffrimento, onde as lagrimas se transformam em perolas de amor e de felicidade.

E Martin, arrancado a seus pensamentos, sentia-se commovido, mas aliviado.

Tinha saciado a saudade, que é sede da alma, tinha visto, como um sonho, o seu Julio e a sua Martha, e até tinha-lhe parecido rumorar-lhe aos ouvidos uma voz, doce e melodiosa, como o som da flauta, ao longe e a horas mortas.

E aquella voz, que lhe entrava pelo coração com a doçura do mel do Hydaspe, segredava-lhe alguma coisa de que elle não tinha consciencia, mas que lhe causara uma certa animação.

Durante a viagem, Martin muitas vezes encarou de frente a causa que a determinara e sentia, a pensar na bella moça, enlevo de mescla com terror.

Em Paris, onde fixou residencia para fazer seus estudos de medicina, o entreteimento com a sciencia foi-lhe, a pouco e pouco, dissipando tanto o enlevo como o terror e restabelecendo o imperio d'alma sobre si mesma, quasi ao ponto de ter paz de espirito.

A imagem de Elisa já não era constante diante de seus olhos, já não fazia seu coração pulsar tumultuosamente, já não o envolvia no negro crepe da tristeza.

Só nas horas de meditação, que eram as do descanso de penoso estudo, o moço,

deslisarem sobre as minhas mãos paralyzadas; isso me deu de algum modo um pouco de animo; e, com um sentimento de viva felicidade, sinto que sou ainda eu propria e que a pequena Joute (2), aborrecida sem duvida de ficar esquecida atraz das tres figuras e sentindo-se isolada, buscava a sociedade.

Como me fez bem esse contacto, mesmo da mão de uma creança! Minhas duvidas, sobre aquillo que eu era ou sobre o meu estado, passaram. Enquanto sinto isso, o fantasma branco de Anna desaparece no gabinete, e as duas damas voltam aos seus logares, chorosas, bastante agitadas, mas muito felizes. » (*The Medium* — 1893, pag. 146.)

(Continúa)

(2) Outro espirito de menina que se materializava nas sessões da Sra. d'Espérance.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.»

(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2.^a epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II—V. 41-52

Jesus, no templo, entre os doutores.—

Explicação, pela nova revelação, de sua vida humana apparente, desde a sua APPARIÇÃO, na terra, chamada «o seu nascimento», até á epoca de sua vinda a Jerusalem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos;— e desde essa epoca até aquella em que co-

volvendo o pensamento ao Rio de Janeiro, encontrava-se com a feiticeira que o transformara com seu olhar de Circe.

E, n'essas horas, Elisa já não era o ente inviolavel, que não podia ser suspeitado, mas sim uma mulher bella, adoravel, porém sujeita ás fraquezas humanas como qualquer outra.

E, então, calavam na alma do distincto moço os assissados conceitos do bom amigo Julio, que crescia, a seus olhos, até parecer-lhe um anjo ou um deus protector.

Se Martin, em vez de entregar-se ao estudo, que fazia-o recluso do mundo, tivesse procurado o mundo, com seus prazeres honestos e distracções innocentes, que fazem esquecer as feridas da alma e mesmo até as do corpo, com certeza sua cura seria radical e a exclamação de Julio «estás salvo» seria um brado prophético nunca mais desmentido.

Metade, porém, pelo estado morbido de sua alma, e metade pelo desejo ardente de aproveitar o tempo enriquecendo seu espirito, o pobre moço enveredou por aquelle caminho, que só muito lentamente levallia ao poço de Silóe.

Foi destino ou mau fado, providencia ou acaso? Só o tempo rasgará o véo que encobre aos olhos dos homens os mysterios da vida humana, tão simples e tão complicados.

Em todo o caso, Martin teve uma folga, que seu amigo Julio não teve, julgando-se livre, pela ausencia, da fascinação que o subjugara, enquanto que o outro vivia sob a pressão do maior reccio, pelo que lhe dissera o commandador e pela resolução d'este de ir em busca do fugitivo.

— Pode ser que eu erre, mas estou crente de que todo o trabalho se perderá, porque conheço a natureza fraca e impressionavel de Martin, e porque sei que a ulcera mal cicatrizada facilmente se reabre sob o império da mesma causa que a produziu.

Tambem, quem nos garante que a moça não se converterá ao bem, em contacto com aquelle espirito alevantado?

Tudo será como deve ser.

(Continúa)

FOLHETIM

(27)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAN

PRIMEIRA PARTE

XXVII

Martin partiu com a alma dividida por dois sentimentos, qual d'elles mais arraigado, qual mais empenhado em soffocar o outro.

De um lado o amor — amor vehemente, que lhe irrompera como lavas, resultantes da conflagração das materias inflammaveis que se chocam no ardente seio da terra.

E' a perfeita imagem dos sentimentos affectivos, mau grado seu, conculcados no fundo do coração do moço, e que, por força de uma expansão abrupta, verdadeira conflagração, fizeram aquella explosão que tanto amolinava o espirito clarividente do doutor Julio.

Do outro lado, o conhecimento perfeito de que tal amor ser-lhe-hia fatal, donde a resolução de combatel-o até arrancal-o pela raiz.

Era o coração em lucta com a razão, os dois polos do equilibrio, que é a summa lei da vida—a lei do mundo e a lei do universo.

Razão e coração, unidos, constituem uma força que nos leva pelo carreiro do bem e da verdade; desunidos, são ventos contra correntes, que fazem o pobre navio doudejar e, muitas vezes, afundar-se nos abysmos do oceano.

Nem a razão deve guiar para onde ao coração repugna, nem o coração deve arrastar-nos por caminhos que a razão condemna. Quer dizer que todos os nossos sentimentos devem ser pesados e raciocinados, e que o peso e o raciocinio devem ser feitos attendendo á naturalidade e boa natureza dos sentimentos; ou mais claro: sentimento esclarecido, esclarecimento sentido.

A alma concorre para isto com o corpo: dá a razão e o corpo dá o coração; e como o que é espirital sobreleva ao que é corporal, a razão cabe a primazia na dupla função que constitue o equilibrio da vida.

Martin rompeu-o desgastadamente, e agora eil-o a lutar e a soffrir por de novo estabelecer-o, mas já lutando e soffrendo equilibrado, porque conhecia a necessidade de lutar e estava firme no proposito que o fizera ir pedir auxilios a plagas desconhecidas.

Muito lhe custou deixar o doce conchego d'aquelle pequeno lar, onde, como em branca nuvem, aspirava as brisas perfumadas do Eden, onde, como a creança em macio berço, era embalado pelas caricias da mãe Martha, onde, como dois gemeos, pensava, sentia, agia, sempre e em tudo, acorde com o pensamento, o sentimento e a acção do seu terno amigo e adorado irmão, Julio.

Oh! que saudades, quando, sentado ao pé da amurada do navio, á hora do pôr do sol, que é a das vagas e indefinidas meditações, enfiava o pensamento por aquelles espaços sem fim, e sem alma que sentisse as tristezas da sua!

Em leve desprendimento, deixava alli o corpo extatico, e voava, nas azas do pensamento, ao ninho seu amado, onde encontrava Julio sentado á janella, triste e meditativo (Julio chorando?) e a velha Martha chorando (pudera rir?) ao canto da cozinha, sem fogo, com o fogão mal limpo, com a louça espalhada, como se tivesse fugido d'alli o genio da ordem e da limpeza que sempre teve assento alli.

— Todos tristes, e eu com elles! Todos chorosos, e eu com elles! Onde se afundaram aquellas horas de alegria, aquelles

meçou, sob a apparencia de um homem de trinta annos, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão.

V. 41. — Seu pae e sua mãe iam, todos os annos, a Jerusaleem, pela festa da Páscoa; — 42, e, quando elle chegou á idade de doze annos, ali foram, segundo o costume que tinham, no tempo da festa; — 43. Tendo passado os dias d'essa festa, quando regressaram, o menino Jesus ficou em Jerusaleem, sem que seu pae nem sua mãe dessem fô; — 44, e, pensando que elle estivesse no meio da multidão, caminharam durante um dia e procuraram-no entre os seus parentes e conhecidos; — 45. E, não o encontrando, voltaram a Jerusaleem, para ali o procurar; — 46. Tres dias depois acharam-no no templo, sentado no meio dos doutores, escutando-os e interrogando-os; — 47, e todos os que o escutavam, estavam cheios de surpresa pela sua sabedoria e respostas; — 48. Quando, pois, o viram, ficaram tomados de assombro, e sua mãe disse-lhe: «Meu filho, porque procedeste assim comnosco? Aqui estamos, vosso pae e eu, que vos procuravamos, estando muito tristes»; — 49. E elle lhes disse: «Porque é que me procuraveis? Não sabeis que é necessario que eu esteja occupado no que diz respeito ao serviço de meu pae?»; — 50. Mas elles não comprehenderam o que elle lhes dizia; — 51. E foi-se depois com elles; e veio para Nazareth; e lhes era submisso; ora, sua mãe conservava, em seu coração, todas estas coisas; — 52. E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens.

N. 47. «Os factos falam por si mesmos: ERA NECESSARIO que Jesus ficasse em Jerusaleem.»

«A sua existencia devia ser e é dividida em tres phases distinctas que podeis apreciar: O «NASCIMENTO» COMPORTANDO, pelos factos e circumstancias que o precedem, o acompanham e o seguem, até á appareição no templo entre os doutores, as PROMESSAS da redempção SEGUNDO a interpretação dada ás prophcias da antiga lei;»

«A appareição no templo, preparando a affirmacão, nos tempos adequados, da existencia de Jesus, preparando a era do progresso, pela sua presença entre os doutores, sob a apparencia de um menino de doze annos, no dia da solemnidade da Páscoa, quando a multidão viera, de todas as partes, a Jerusaleem;»

«A predica, que descerra o caminho em que os homens deviam e devem entrar.»

«Era necessario, nos pontos de vista do passado, do presente e do futuro, que a existencia de Jesus fosse ASSIM dividida.»

«Era NECESSARIO que elle ficasse em Jerusaleem para ali marcar a segunda phase d'essa existencia.»

«Já o dissemos: os factos falam por si mesmos.»

«Os que nada sabem, que confessam nada saber da «infancia» de Jesus, accusam, em sua presumptuosa ignorancia, de inverosimilhança moral, esses factos de que não comprehendem, e não sabem explicar, nem o motivo nem o fim, na grande obra preparatoria da regeneração humana.»

«Ainda não tinham procurado esquadrihar a vida, privada e ignorada, de Jesus; e aquelles que, para humanizarem todos os seus actos, tentaram esquadrihar-a, não explicaram como, tão exposto aos olhares publicos, elle podia ASSIM subtrahir-se-lhes: como de sua vida humana, SÓMENTE alguns factos «humanos» tenham ficado, como os únicos que ficaram são os que, mediums historiadores, os evangelistas rememoraram, cada um em seu plano, segundo a sua parte de narração, apropriada sob a influencia mediumnica aos factos, aos tempos e ás intelligencias, servindo o presente e preparando o futuro.»

«Falando de Jesus na epoca da sua appareição no templo entre os doutores, e desde o seu «nascimento», foi-vos dito: «E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens;» estas palavras são o reflexo das impressões e apreciações humanas.»

«Jesus crescia aos olhos dos homens; mas, aos olhos de Deus, era sempre o mesmo: espirito, espirito dedicado, executando a sua tarefa. «Vós sabeis, e devemos repetil-o de novo: segundo o estado das intelligencias e as necessidades da epoca, para preparar os tempos futuros e o advento da era nova e actual do spiritismo, a origem do «menino» não devia ser ainda, e ainda por muito tempo, conhe-

cida; NÃO DEVIA sel-o senão pela revelação nova que nós vos trazemos hoje, em nome do espirito de verdade e por ordem do Senhor, agora que os tempos preditos são chegados.»

«Vós o sabeis tambem, já vol-o dissemos, Jesus DEVIA ser, aos olhos dos homens: PRIMEIRO um homem tal como vós, revestido da libré material humana assim e da mesma maneira que os prophetas da antiga lei; — DEPOIS, após o cumprimento de sua missão terrestre, e pela divulgação da revelação que o anjo fizera á Maria e a José, e até então secreta, e pelas interpretações humanas dadas a essa revelação, interpretações que preparavam o reino da letra transitoriamente necessario como condição e meio de progresso, um Deus «miraculosamente incarnado»; — AO MESMO TEMPO um homem tal como vós, quanto ao invólucro corporal, e, quanto ao espirito, um Deus; um Homem-Deus.»

(Continúa).

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO I I

OS MEDIUNS ESCRIVENTES

Mediumnidade mecanica

A mediumnidade mecanica é caracterizada pela passividade absoluta do medium durante a communicacão. O espirito que se manifesta age indirectamente sobre a mão, pelos nervos que a ella correspondem; dá a esta um impulso completamente independente da vontade do medium, ella caminha assim sem interrupção por tanto tempo quanto tenha o espirito a dizer, e não pára senão quando elle acaba.

Os movimentos da pessoa que recebe a communicacão são puramente automaticos. O que parece estabelecer esse facto é que vimos muitas vezes mediums d'esta natureza sustentarem uma conversação enquanto sua mão escrevia machinalmente.

A inconsciencia, n'este caso, constitue a mediumnidade mecanica ou passiva, e não pode deixar duvida alguma sobre a independencia do pensamento de quem escreve. Os movimentos são algumas vezes violentos e convulsos, a maior parte das vezes calmos e medidos.

Os sobresaltos bruscos observados podem provir da imperfeição ou inexperiencia do espirito que se manifesta.

Até aqui não tem sido dadas senão explicações muito vagas sobre o modo d'essa communicacão, e as que foram apresentadas não podem fazer comprehender certas particularidades do phenomeno.

Acabamos de ver que a mediumnidade mecanica consiste em escrever communicacões sob a influencia dos espiritos, sem ter consciencia d'isso, e sem ter conhecimento d'ellas senão quando cessa a influencia espirital. Como se produz essa acção e, se o medium é verdadeiramente passivo, porque certas palavras, certas phrases da communicacão são identicas ás que emprega o medium no estado ordinario?

Parece que ha aqui um ponto obscuro que exige ser esclarecido.

Para responder a estas observações, permanecendo no terreno das analogias scientificas, acreditamos que se pode conceber o phenomeno como uma acção reflecta do cerebro do medium sob uma influencia espirital.

Para desenvolver esta idéa, é preciso lembrar alguns factos physiologicos que apoiam esta hypothese. Para isto lancemos um rapido golpe de vista sobre o systema nervoso do homem e sobre algumas das suas funcções. Este estudo preli-

miar é indispensavel, porque sabemos que esse systema é o orgão pelo qual o espirito se liga ao corpo; elle serve de conductor aos fluidos perispiritaes, como o fio telegraphico á electricidade; é elle que transmitta á alma, pelos sentidos, todas as impressões vindas do exterior; é, portanto, pelo estudo do seu funcionamento que chegaremos a fazer uma idéa da manifestação dos espiritos no caso particular que nos occupa.

O systema nervoso da vida de relação, o unico que nos interessa, comprehende duas partes distinctas: as massas centraes, ou arvore cerebro-espinhal, e os filetes periphericos ou nervos. As massas centraes desdobram-se em muitas subdivisões; as duas principais são o cerebro, que tem na sua base as camadas opticas e o cerebello, e a medulla espinhal que se liga ao cerebro pela medulla alongada. Os nervos partem da medulla espinhal e da parte inferior do cerebro e vão ramificar-se e abrir-se em todas as partes do corpo. São elles que transportam ao centro as excitações recebidas na periphéria, com uma velocidade de 30 metros por segundo, e que transmittem aos membros as vontades do espirito.

Na medulla espinhal notam-se duas especies de cellulas nervosas; umas pequenas estão em communicacão com as raizes dos nervos sensitivos; as outras mais grossas com as raizes dos nervos motores. Expliquemos agora o que entendemos por uma acção reflexa simples.

Chama-se acção reflexa uma acção nervosa que se produz sem intervenção da consciencia, nem do seu orgão, o cerebro. No homem, citaremos, como exemplo de reflexos, as pulsações do coração e as operações da digestão. Para comprehender o mecanismo d'estas acções façamos uma experiencia.

Se cortar-se a cabeça de uma rã e irritar-se uma das patas com um acido, observaremos que immediatamente esta pata se contrahê. O que se passa? Quando irritamos a pata, os nervos sensitivos que alli se acham transmittem ás pequenas cellulas da medulla a excitação recebida; estas por sua vez influenciam as grossas cellulas dos nervos motores com as quaes communicam, de sorte que a excitação volta ao seu ponto de partida sob a forma de incitação motriz e determina a contracção.

Vemos, portanto, que a medulla é um verdadeiro centro, independente, necessario e sufficiente, para produzir certos movimentos muito bem coordenados.

O sabio M. Maudsley chama centros sensorio-motores as differentes agglomerações de materia parda, situadas na medulla alongada e na base do cerebro, o que quer dizer que esses centros são capazes de produzir acções reflexas sobre os orgãos dos sentidos.

Por outro lado, sabemos que a vontade é um irritante vital por excellencia; demonstramos com Claude Bernard sua efficacia. Verificado bem isso, vejamos o que se produz no caso da mediumnidade mecanica.

Os espiritos, por sua vontade, tiram dos mediums o fluido vital que lhes é necessario para estabelecer a harmonia entre o seu perispirito e o do medium. Opera-se uma fusão e uma permuta dos dois fluidos. Ellos formam uma especie de atmospheria fluidica que envolve o cerebro do medium e que termina no seu proprio perispirito por uma especie de cordão fluidico. Ha, portanto, a partir d'esse momento, um intermediario entre elles e o incarnado, e é por meio d'esse conductor que elles transmittem ao seu cerebro os seus pensamentos e suas vontades, de sorte que, para dictar uma communicacão, elles não têm mais do que querer. A atmospheria fluidica de que falamos pode ser comparada á camada electrica que se accumula lentamente em um condensador. O medium representa o papel de instrumento e o espirito o de operador.

(Continúa)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spiritista Brasileira, á rua da Alfândega n. 342, 2º andar:

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 gramm.).	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 gramm.).	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 gramm.).	5\$000
O CÉO E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 gramm.).	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 gramm.).	5\$000
OBRAS POSTHUMAS, por Allan Kardec, brochura.	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 gramm.).	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 gramm.).	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Leon Denis, brochura (500 gramm.).	3\$500
IDEM, cartonado (550 gramm.).	4\$500
O PORQUE DA VIDA, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, por Léon Denis, brochura (150 gramm.).	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Sauvage, cartonado (300 gramm.).	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 gramm.).	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsamo, brochura (200 gramm.).	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 gramm.).	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marcello Evertton Quadros, brochura (200 gramm.).	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 gramm.).	\$300
LA CASA EMBREJADA, por Luz del Alma, brochura (150 gramm.).	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 gramm.).	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES E OUTROS SABIOS, brochura (200 gramm.).	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 gramm.).	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 gramm.).	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS E OS MUNDOS REAES, por C. Flammarion, encadernado (700 gramm.).	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 gramm.).	3\$000
LUMEX, por C. Flammarion, encadernado (600 gramm.).	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 gramm.).	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Jofrei, brochura, (200 gramm.).	2\$000
COLLECÇÕES ANNUAES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 gramm.).	3\$000

Remessa de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 gramm., além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD - Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Abril 15

N. 387

EXPEDIENTE

MUDANÇA DE SÉDE

A Federação Spiritista Brasileira, por conveniência de melhor instalação do que a que tivera até agora, acaba de transferir a sua séde para a rua do Rosario, n. 141, sobrado, onde igualmente se acha installada a sua livreria e a redacção do «Reformador».

Para alli, pois, deve ser, d'ora em diante, dirigida toda a correspondência.

Congresso espiritualista

DE

LONDRES (*)

O Spiritismo no Brazil

PELO

PROFESSOR ALFRED ALEXANDER

(Rio de Janeiro)

Em um trabalho remetido, em 1893, ao Congresso de Sciencias Psychicas de Chicago dei uma breve noticia dos progressos do spiritismo no Brazil. Alli disse que, desde 1855 ou 1856, o conhecimento do movimento provocado pelos golpesinhos de Rochester echoou no Rio de Janeiro, onde alguns brasileiros de alta posição social fizeram experiencias particulares. Suas sessões, porém, sendo privadas, só podiam provavelmente ter influencia sobre os privilegiados que a ellas assistiam. Os fundamentos do spiritismo popular foram assentados por outros homens de mais audacia. Na Bahia o Dr. Telles de Menezes é apontado como um activo missionario da nascente causa, ao mesmo tempo que, na capital, um litterato de consideravel merito, o Dr. Mello Moraes, abertamente confessava sua crença na possibilidade da nossa comunicação com o mundo espirital. Foi, talvez, indirectamente, devido á attitudé assumida pelo ultimo, que nos setenta annos que se seguiram, appareceram as primeiras sociedades spiritistas do Rio.

Pela propria organização as conversões ao kardecismo se foram tornando cada vez mais numerosas, creando-se depois um centro, chamado *Federação Spiritista Brasileira*, para supprir a falta de investigadores e dar uma direcção uniforme á propaganda, ao mesmo tempo que appareciam no Rio de Janeiro e na Bahia jornaes advogando a causa da nova doutrina.

Depois o movimento se propagou com crescente rapidez, e o spiritismo está hoje implantado na maioria das principaes cidades do Brazil. Por informações de boa mente fornecidas pela secretaria da Federação, pode-se dizer que, em toda a Republica, funcionam cincoenta e seis sociedades publicas, além das reuniões, na capital e nos Estados, para a propaganda por meio de conferencias, feitas por

pessoas não filiadas directamente ao centro. Pode-se affirmar que o numero dos spiritistas confessos se eleva no Brazil a dez ou onze mil. Os novos recrutas d'esse pequeno mas activo exercito sahem principalmente das classes menos illustradas, e são todos, sem excepção, discipulos de Rivail, manifestando suas opiniões em nove periodicos, dos quaes tres são publicados no Rio de Janeiro. Mais ou menos essas publicações consideram o seu assumpto sob o ponto de vista religioso e dogmatico. O espirito critico n'elles brilha por sua ausencia. Elles fazem muitas transcripções da *Revue Spirite* e do *Banner of Light*, e pouco se occupam dos casos que se dão entre elles mesmos. A materia que enche suas columnas parece ser, de preferencia, a que mais agrada á maioria dos seus leitores.

Além dos que frequentam assiduamente as sessões, existe o circulo mais amplo dos que aceitam os pontos capitais dos ensinios spiriticos, mas não tomam activo interesse na propaganda. Existe tambem, entre estes, a zona dos curiosos ou *dilettanti* que colheram suas idéas nas suas conversas com os crentes, nos artigos dos jornaes ou em algum livro da litteratura. Devemos tambem fazer menção de um grupo de brasileiros bem educados que preferem dar sua attenção ao occultismo parisiense antes que ao spiritismo. As theorias francezas são muito aceitas no Brazil, ao passo que as inglezas e norte-americanas são quasi desconhecidas.

Para conseguir uma opinião firmada sobre a crença no spiritismo, fizemos 346 consultas a empregados publicos, profissionaes, jornalistas, pensadores e outros. As respostas obtidas se encerram nas quatro classes: Sim — Não — Alguma coisa — Nada conheço. Fazendo o confronto das respostas obtidas, devendo notar-se que nenhum individuo de crença spiritista confessa entrou na consulta, chegou-se ao seguinte resultado: 111 pessoas responderam *Sim*, 96 *Alguma coisa*, 61 *Não conheço* e 68 *Não*.

Se considerarmos como affirmativas as duas primeiras classes e como negativas as duas ultimas, acharemos que existe a proporção de 160 brasileiros com a crença ou tendencia para crer no spiritismo, para 100 que o desconhecem ou negam-no. Uma das listas, remetida á Imprensa Nacional, porém, e não inspecionada mesmo pelo collector, contém 53 assignaturas de impressores e gravadores, cuja maioria, por seu contacto com os kardecistas nas horas do trabalho, se tornou spiritista, não devendo sua opinião ser contada. Feita a deducção, teremos 77 — *Sim*, 81 — *Alguma coisa*, 59 — *Não conhece*, e 66 — *Não*; o que dá a proporção de 1,26:1 para as respostas affirmativas. Podemos dizer que, em duzentas e vinte pessoas da classe media do Brazil no Rio de Janeiro, cento e vinte estão dispostas a aceitar favoravelmente a doutrina spiritista ou se interessam pelos phenomenos spiritistas.

Fazendo-se a mesma deducção, as listas mostram que para cada 100 respostas negativas ha 128 affirmativas entre os empregados publicos, 124 entre os profissionaes, 83 entre os jornalistas e 124 nas outras classes. A proporção obtida para os profissionaes está firmada em um nu-

mero insufficiente de assignaturas, devendo provavelmente ser muito maior.

Em relação ás idades das pessoas interrogadas, se acha, admittindo os primeiros totaes, que, até 31 annos, 197 contra 100 responderam affirmativamente; de 31 a 50, 187 contra 100, e dos 50 para diante 140, o que mostra que a maior percentagem das respostas favoraveis vem da juventude.

Aos olhos do crente brasileiro, Allan Kardec é o fundador real do spiritismo moderno. A philosophia de suas obras lhes offerece uma explanação completa e satisfatoria do modo de obrar da Providencia e da evolução da alma humana. Como actores, nós voltamos aqui de tempos a tempos, até completarmos nossa experiencia e de nós banirmos todos os nossos defeitos. Então passaremos a um outro planeta mais adiantado, onde nos aguarda uma outra serie de vidas em melhores e mais felizes condições. Assim, de incarnação em incarnação e de mundo em mundo, nós atravessamos as idades em busca da perfeição. Esse dogma, não convem esquecer, é a chave-mestra do spiritismo kardecista. O crente acha consolo, no meio das fadigas e soffrimentos, na convicção de estar expiando faltas que elle esqueceu, pagando dividas contrahidas em suas outras vidas.

Ainda que o brasileiro kardecista seja realmente orthodoxo, elle se mostra profundamente imbuído de seus caracteristicos naturaes e de suas tendencias religiosas.

Os nossos spiritistas sul-americanos são mais emocionaes do que criticos. Aceitando a nova doutrina, elles não rejeitam de todo suas antigas superstições. A grande maioria d'elles foi catholica romana antes de ser spiritista e, por isso, acredita que os santos são seus directores espirituales e favorecem-n'os com suas comunicações directas. Em suas reuniões domina um accentuado tom religioso, dirigem-se preces aos bons espiritos, á Virgem Maria, ao seu presidente espirital. Apesar d'isso os kardecistas assumem, contra a igreja que os creou, uma attitudé bellicosa, que assás se patenteia em suas publicações. Essa animosidade deve em parte ser attribuida ao facto de ali, como em toda parte, o clero condemnar o spiritismo como uma arte diabolica.

Posto que não haja tribunas nas salas de sessão no Brazil, ha contudo pregadores. Grande parte das sessões é consumida com a leitura e exposição de trechos de obras como o *Livro dos Espiritos* e o *Livro dos Mediuns*. Os phenomenos que depois se produzem, limitam-se aos de transe e escriptura automatica. Além d'isso recebem animações, advertencias e conselhos dos protectores do grupo, começando então o que elles chamam a obra de caridade; que consiste na instrução dos espiritos trazidos pelos guias, fazendo-lhes ver que já não estão presos a um corpo terreno e desilludindo-os da supposição de ainda viverem na terra. As personalidades apresentadas pelos mediuns em transe encerram-se entre dez ou doze typos caracteristicos que se repetem, com ligeiras variações, de tempos a tempos. E' o materialista que vem sustentar seus frivolos argumen-

tos contra a existencia da alma; o suicida soffrendo as agonias subjectivas de uma morte violenta. A's vezes se manifesta um personagem grosseiro e loquaz que insulta os assistentes ou diz-lhes pesadas graçolas; outras é um obsessor vingativo que exprime o desejo de matar ou inutilizar o medium. Outras vezes acreditam que o medium é o instrumento de um padre ou frade que, de envolta com as vaidades mundanas, parece ter deixado seus conhecimentos da lingua latina. O santo, o apostolo, Allan Kardec, o archanjo Ismael, que preside os destinos do Brazil, deixam as altas esferas que habitam, para explicar os ensinios da Escripura Sagrada e interpretar-os de conformidade com as doutrinas das reincarnações e dos fluidos. Dirigindo-se a esses personagens, usam de um estylo emphatico, empregando os verbos e os pronomes na segunda pessoa do plural, o que produz o mesmo effeito que o «eu» ou «tu» no inglez.

Varios kardecistas, que possuem a faculdade da escripta automatica, empregam-na na obtenção de diagnosticos e prescripções medicas, sendo os que mais successos têm obtido, muito procurados e podendo no decurso de um anno attender a milhares de pacientes. Seus serviços são geralmente gratuitos. Sendo-lhes apenas fornecidos o nome e a idade do enfermo, depois de um momentaneo estremecimento, o medium escreve uma descripção geral das enfermidades que mais communmente, n'este clima e n'aquella estação do anno, affectam ás pessoas do sexo e idade indicados. Os remedios aconselhados são quasi sempre homeopathicos e, sendo frequentemente efficazes, concorrem para firmar a fé.

Ha contudo muitos casos na mediumnidade curativa, é de justiça dizer, em que o diagnostico não vem certo. Essa phase do spiritismo apresenta alguns factos notaveis. Pela acção dos mediuns muita gente tem conseguido a cura de enfermidades que haviam resistido á pericia dos medicos, e a perfeição dos diagnosticos automaticos excede, ás vezes, as possibilidades de um simples acaso ou de deducções feitas inconscientemente pelo medium. A maioria das conversões ao kardecismo é devida a essas curas spiriticas.

Devemos tambem fazer menção das sessões feitas para a cura de obsessões. As manias, na opinião dos kardecistas, são produzidas por adversas influencias espirituales; pelo que os suppostos espiritos obsessores são evocados com o auxilio de um medium, empregando-se argumentos para induzil-os a desistir de sua perseguição.

Dois ou tres casos bem succedidos são sempre allegados por haverem coincido com essas sessões. A animosidade do perseguidor é sempre explicada por offensas que lhe foram feitas em outras incarnações.

Além das prescripções homeopathicas, os passes são tambem empregados pelos suppostos possuidores do poder curativo, mas sómente um homem tem attrahido a geral attenção por seus successos no chamado tratamento magnetico das enfermidades. E' o Dr. Eduardo Silva, subdito britannico de Gibraltar e residente na

(*) Ver as nossas edições de agosto de 1898.

cidade de S. Paulo. Se as positivas declarações dos pacientes e testemunhos oculares são uma prova de verdade, deve-se concordar que, apesar de numerosos insucessos, extraordinárias curas têm coincido com a sua pratica. Em sua sala, o subscriber d'estas linhas viu um caso em que as pestanas de um sujeito tomaram a sua posição normal. Ouvi a noticia dada pelo conhecido industrial de São Paulo, Sr. Craig, de haver elle soffrido por muito tempo de uma enfermidade da bexiga, conseguindo por meio d'esses passes lançar fora afinal um grande calculo. O Sr. Manfredo Meyer, capitalista da mesma cidade, declarou ter sido, tambem pelo mesmo meio, curado completamente de antiga ferida maligna, que havia resistido á acção de todos os meios usualmente empregados. Com o mesmo tratamento um grande kisto cebaceo desapareceu inteiramente da face de uma negra, que foi photographada por tres vezes, representando o primeiro retrato o estado original da paciente, e os outros dois as phases de progresso e terminação da cura. Um tumor inguinal interno de que, havia já muito mezes, soffria uma mulher italiana, foi, segundo ella propria, deslocado, apenas ella recorreu ao Dr. Eduardo Silva, e em curto prazo supurou e foi curado. Cançeros, lepras, paralisias, casos de cegueira, conforme o testemunho popular, cederam occasionalmente a esses passes magneticos. Dando desconto ao exaggero e equivoço a que tal evidencia está sujeita, resta muita coisa que exige uma séria investigação. Não é facil determinar a natureza do agente que opera nos processos de homens como Schlatter, Zuavo Jacob e Eduardo Silva. A acção branda e suggestiva dos passes pode bem explicar os casos relativos a desordens nervosas; mas poderá fazel-o igualmente, mesmo com a agua magnetizada, a respeito de males de outras naturezas?

E' possivel que, na serie das vibrações ethereas, existam algumas de effeito teletherapico e que possam ser produzidas por organismos especialmente dotados. As coincidencias d'essas curas com as praticas dos mediums e curadores populares attrahem muito a attenção dos medicos, e pode-se dizer que um futuro não muito distante ha de testemunhar o reconhecimento official dos psychicos therapeuticos. Então farão menos experiencias de drogas, e acreditarão mais no poder da alma viva sobre o corpo que ella habita.

Os spiritas imaginam que elles são os possuidores de duas verdades de alta importancia: a da communicação real, ainda que imperfeita, com o mundo espirital e, como corollario, a sua sobrevivencia á crise da morte.

E', por isso, impossivel absterem-se com todo o cuidado das falsas concepções de sua propria subjectividade. A facilidade de errar é grande. As idéas preconcebidas se reflectem largamente nos phenomenos psychicos. As manifestações nas sessões adaptam-se ao modo de sentir dos frequentadores, de modo que as mensagens genuinas do além são adulteradas em sua recepção.

Não é somente o discipulo de Allan Kardec que se deixa illudir por sua sombra nesse nevoeiro astral; o theosophista pode tambem attribuir suas proprias impressões subjectivas a uma acção de Mahatmas, o occultista ser o proprio creador de larvas e elementares, e as pessoas supersticiosas exteriorizar as fantasticas produções de sua imaginação, quando o materialista, diante de taes phenomenos, nada distingue além da morbidez do *subjecto* que elle estuda.

E' facil de ver-se como essas idéas enganosas, uma vez aceitas, receberão sua confirmação nas subsequentes experiencias e se firmarão immediatamente na forma dogmatica.

Para evitar as illusões oriundas d'essa fonte é necessaria uma discriminação mais acurada que a que até hoje têm feito os spiritas brasileiros. Em muitos casos o automatismo do medium parece absoluta-

mente distincto da informação que elle transmite. Considerado em si mesmo, o medium transmite mensagens sem indicar com certeza a fonte d'onde procedem. As communicações podem, certamente, ter sua origem no «eu» sublimado do automatista, nos pensamentos expressos ou nas suggestões mentaes das almas dos assistentes, ou ainda, isto mais raramente, nas idéas vindas telepathicamente de pessoas distantes ainda vivas. Não ha razão para supôr-se que phenomenos physicos constituam uma excepção á regra geral; por experiencia propria o autor d'este trabalho tem obtido algumas ligérras provas de que as mensagens reflectem no-sos sentimentos, são um echo de nossas erroneas conjecturas.

(Continua)

NOTICIAS

GRUPO 6 DE MARÇO

Recebemos a seguinte communicação á que com prazer damos publicidade:

Sr. Redactor do *Reformador*.—Completoando as notas que vos enviei em janeiro de 1898 e que foram benevolmente publicadas por esse dedicado órgão, communico-vos que em 6 do corrente este humilde grupo entrou no seu terceiro anno de trabalho. De 6 de março de 97 a 28 de fevereiro de 98, foram effectuadas cincoenta e uma sessões, e de 6 de março de 98 a 28 de fevereiro de 99, quarenta e nove, frequentadas por limitado numero de irmãos, seis a oito, convictos da doutrina spirita. A sua directoria compõe-se de um presidente (doutrinador) e de um secretario, não tendo thesoureiro por ser o grupo familiar. As occupações do grupo foram: I.—Receitas medicas. II.—Estudo do «Livro dos Espiritos», sendo esse estudo auxiliado pelas obras de Camillo Flammarion, Léon Denis, Max, e Sayão. III.—Doutrinação de espiritos. IV.—Instruções do Guia. Trabalharam dois mediums somnambulos, sendo um tambem escrevente semi-mecanico; dois escreventes, sendo um receitista e um vidente; graças á misericordia divina os trabalhos correram na melhor ordem. Recebemos manifestações dignas de estudo sob o ponto de vista moral, philosophico e historico, que opportunamente submeterei á consideração da Federação Spirita Brasileira, pois o nosso dedicado e activo irmão Henrique Horneyll a isso nos habilitou, como secretario do grupo.

Capital Federal, em 12 de março de 1899.—AMÉRICO FERREIRA DE ALMEIDA, presidente.

Aos leitores do *Reformador* não terá decerto escapado a leitura do artigo que, em nossa ultima edição, publicamos na secção reservada aos nossos collaboradores, cujo numero é infelizmente ainda muito reduzido, posto que sempre franca esteja essa secção a todos os nossos confrades que se disponham a auxiliar-nos n'esta ardua tarefa, enviando-nos originaes, sobre cujo merecimento não abrimos mão do nosso incontestavel direito de analyse, mas que serão sempre bem acolhidos toda vez que se trate de elucidar um ponto de doutrina ou de estudar a em seus lineamentos geraes.

Hoje temos a satisfação de publicar um segundo artigo do mesmo collaborador, sob cujo pseudonymo *Olim* occultat-se um brilhante jornalista da nossa terra, de quem muito temos a esperar, assim se disponha elle a prestar-nos o seu concurso, aprofundando os seus estudos da nova doutrina em que, sem ser nem hospede nem veterano, tem entretanto revelado o mais lisonjeiro aproveitamento.

Para esse artigo, epigraphado *O peor cego*, julgamos dever convidar a attenção dos leitores.

Federação Spirita Brasileira

Sem outras pompas que não fossem as do affecto cultural que se evolava dos corações recolhidos, n'um impulso convergente de gratidão e de reconhecimento em que se inspirava aquella assembléa de fies, realizou a Federação Spirita Brasileira, na sexta-feira 31 de março preterito, a dupla commemoração da paixão de Jesus e do 30.º anniversario da desincarnação do nosso mestre Allan Kardec.

A solemnidade, que começou ás 2 horas da tarde, foi dirigida pelo nosso venerando presidente Dr. Bezerra de Menezes, que, depois de se pronunciar, em uma oração tão concisa na forma quão substancial em sua essencia, sobre o motivo da festa, passou a ler a passagem dos Evangelhos relativa ao acto que se commemorava.

Reavivado na memoria dos presentes, mediante aquella leitura evocativa, o episodio cruento da tragedia que, ha dezenove seculos, teve por palco o aspermo Calvario, revocada nos corações a funda emoção á que nenhum se subtrai ante aquella tocante narrativa das agonias do Divino Suppliciado, restava que, como aproveitamento dos seus sublimes ensinamentos, se tratasse de pôr em pratica, ao menos, aquella, dentre todas as virtudes, por elle exalçada como a mais perfeita expressão da maxima sublime que, mais do que nos ensinou, elle nos exemplificou com uma abnegação de que só era capaz a sua pureza immaculada: «amai-vos uns aos outros».

O amor, portanto, que se traduz no apoio mutuo que se devem irmãos verdadeiramente identificados n'essa fraternidade cujas origens se embebem no seio do infinito, para que, solidarios na fraqueza que tão baixo os trouxe, possam ser tambem um dia solidarios na ascensão, o amor, dizemos, devia ser o corôamento natural d'essa festa, que não tinha, de resto, outro motivo.

Foi, pois, em nome da fraternidade que, em seguida, se tratou, mediante um trabalho pratico, graças ao concurso de um dos nossos mediums, de pôr em pratica o divino preceito, repartindo com um nosso irmão do espaço um pouco d'essa luz que nos trouxe o Evangelho e que é o unico alento das almas decahidas.

Ainda essa parte do trabalho, o mais digno complemento da commemoração feita aos dois grandes e luminosos espiritos, correu na mais absoluta ordem e no meio do recolhimento geral da grande assembléa que enchia, a regorgitar, a sala da Federação.

E assim como começou e correu, assim terminou, imponente na sua simplicidade e no severo recolhimento dos assistentes, a festa com que a Federação Spirita Brasileira commemorou o 31 de março.

Conforme promettemos na nossa passada edição, começamos hoje a publicação do excellent trabalho que o nosso confrade professor Alfred Alexander apresentou ao Congresso Espiritualista de Londres.

Damos esse trabalho no lugar proprio, na primeira pagina.

Na cidade de Castro, segundo communicação que nos foi gentilmente feita, acaba de fundar-se o Centro Spirita Allan Kardec, nova aggregração que se propõe o estudo da doutrina fundada por aquelle cujo nome tomou por bandeira e por inspiração. Ao mesmo tempo, como a mais bella observancia da maxima «sem caridade não ha salvação», foi igualmente fundada uma caixa destinada á assistencia aos necessitados.

A primeira directoria da novel associação ficou assim constituida: *presidente*, Francisco de A. Andrade; *secretario*, Gustavo Pimentel; *thesoureiro*, Horacio Cercal; *1º orador*, Dr. Jeronymo Cabral; *2º orador*, João Bernardes Mossurunga.

Aos trabalhadores de boa vontade enviamos os mais cordiaes votos por que as arduas responsabilidades, que vêm de assumir, se tornem em uma missão fecunda em beneficios para a causa da verdade e do bem, de que acabam de tomar a investidura de apóstolos.

COLLABORAÇÃO

O peor cego

Quem procurar uma explicação para os esforços extraordinarios que empregam certos sabios em destruir os velhos e respeitaveis legados das gerações que se foram, em tudo quanto diz respeito á moral, não achará outra senão o orgulho.

Darwin, expondo as suas theorias, resultado de vinte e cinco annos de trabalhos, experiencias e observações incessantes, talvez nunca imaginasse que seria o ponto de partida de doutrinas absurdas, sem ponto de apoio solido.

Elle, o investigador consciencioso, não tinha com certeza a pretensão de haver encontrado a ultima palavra sobre a natureza, e os seus biographos mesmo confessam que Darwin era dotado de sentimentos religiosos. Isso, entretanto, não poz obstaculo aos que o leram, na fama de tudo demolir, sem materiaes solidos para uma construcção nova.

Já um velho proverbio oriental affirmava que os ignorantes e os sabios deixam-se facilmente guiar pela verdade, contra a qual apenas se rebella a meia-ciencia. Eis porque Darwin, o fundador do transformismo, não aboliu a necessidade de uma Causa Suprema, que os mediocres julgaram-se no direito de supprimir.

Deus era para elles o grande obstaculo; não por incommodal-os, mas pela impertinencia de lhes ser superior, mas pela audacia de não cahir sob a alçada da Razão, dessa potencia que devia ser o ponto de partida de tudo quanto vive nesta poeira de astros, de que é o nosso planeta um dos menores grãos.

E essa razão podia comprehender o infinito, embora não pudesse explicitar-o senão pelo processo material das multiplicações ou divisões sem fim, devia ser a sua soberana.

Acima della, nada!

Um ponto, entretanto, ficara do pé e n'este se entrincheiraram os espiritalistas, convictos de que d'alli, d'aquelle reducto inexpugnável não podiam ser desalojados: esse ponto é o eu. Todavia os reformadores, animados por suas conquistas sobre as leis da evolução que acabavam triumphalmente de expôr, embora sem dar-lhes o eterno *porque*, embriagados pelo fumo da imaginaria victoria, tentaram o assalto. E, desde o começo do seculo até hoje, não têm desanimado diante das successivas derrotas. E' verdade que nada adiantaram ao que já era corrente nos velhos tempos de Aristoteles; o seu ponto de vista é o eterno ponto de vista sensual: «*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*». Nada ha no entendimento sem ter passado pelos sentidos.

Os estudos do grande Hume foram renovados com um ardor extraordinario, as novas descobertas physiologicas sobre o systema nervoso cerebro-espinhal e sym-

pathico, aproveitados com acodamento; o determinismo occupou o lugar do livre arbitrio, a responsabilidade teve de curvar-se diante da anthropologia...

Eram outros os horizontes da humanidade que, tanto na actividade physica, como na actividade moral, devia ouvir somente a palavra da sciencia. O medico julgou-se no direito de escrever sobre o corpo e sobre a alma, que passou a ser synonymo de funções cerebraes, o direito andou ás tontas, porque lhe retiraram a sua fonte de inspiração,—a moral divina; os homens começaram a andar ás apalpadelas, sem roteiro e sem guia... a miragem da felicidade foi substituída pela da justiça... em seculos muito remotos, quando a sociologia descobrisse as leis que regem a marcha dos povos. Estava tudo subordinado ao processo da experiencia directa, da observação immediata, do facto palpavel e tangivel. Mas,—oh, mysterio da sabedoria divina!—o proprio facto veiu derrotal-os por completo, e desta vez para sempre. Ali está elle, diante de todos, a qualquer hora, em qualquer parte do globo, desafiando a sciencia.

As mesas girantes, os phenomenos de penetrabilidade da materia, as manifestações telepathicas, as communicações com o mundo invisivel, são factos e factos reaes diante dos quaes já se curvaram verdadeiros sabios, os que preferem ser sinceros a ser charlatães, os que entendem que não devem recusar o seu testemunho á evidencia. E tornaram-se tão communs, tão corriqueiros, que a sabedoria official foi obrigada a encaral-os de frente; encarou-os; mas o orgulho protestou e as explicações por mystificação, allucinação, effeitos de força nervosa, foram tentadas, mas litteralmente repellidos. As manifestações tinham um caracter de visivel intelligencia e o principio de Allan Kardec: «todo effeito intelligente tem uma causa intelligente» continua victorioso. E continuam as experiencias feitas por homens do mais elevado criterio, isentos de toda a suspeita e todas ellas augmentam o cabedal da nova doutrina.

Que fazem agora os positivistas, os deterministas, os phenomenistas, os intellectualistas?

FOLHETIM

(28)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

M. A. S.

PRIMEIRA PARTE

XXVIII

Corre ligeiro o tempo para os felizes da terra e, até, para os do espaço que nem sequer o medem; mas arrasta-se com a lentidão da zorra para os que têm penas no coração ou profundos cuidados n'alma.

Felizes da terra, disse eu; mas onde estão e quem são os felizes da terra?

Subi e descei, descei e subi a escala humana, desde o mais obscuro individuo até ao mais alto personagem, e não encontrei um ser humano que viva contente com suas condições, que tenha satisfeitas suas ambições, que possa conscienciosamente dizer: eu só tenho motivos para rir, eu não conheço o amargo d'essas lagrimas que deram os que têm dor no coração ou cuidados n'alma.

Quando não temos, em nós mesmos, motivos de soffrer (hypothese irrealizavel), soffremos pelos que nos são caros; e quando nos faltam esses motivos (hypothese ainda mais irrealizavel), procuramol-os, creamol-os, imaginamol-os, para que se cumpra a lei do soffrimento universal na terra.

Um dos mais profundos pensadores do nosso seculo, o padre Manoel Theodor de Almeida, concretizou n'uma feliz expressão o resultado da mais severa observação da natureza humana, em todos os tempos e em todos os pontos do globo:

Fingem que não sabem de coisa alguma e continuam a formular systemas.

Mas o que é exacto é que a sciencia delles cada vez mais perde terreno.

E n'isso se prova, como sempre, o que disse o Divino Mestre:

«Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-ha, e terá em abundancia; e ao que não tem, tirar-se-lhe-ha até o que parece que tem». S. Matheus—vers. 29—cap. XXV.

O peor cego é o que não quer ver.

OLIM.

PAGINAS DE AKSAKOF

XII

CONCLUSÕES

Ao começar esta memoria, eu disse que o phenomeno a que era ella especialmente consagrada tinha por fim projectar uma viva luz sobre diversos pontos ainda obscuros e confusos dos phenomenos de materialização. Limitar-me-hei a indicá-los em algumas palavras, sem entrar em detalhes mais amplos:

1) O facto, tão frequente, da semelhança do medium com a forma materializada acha sua explicação natural. Como essa forma é somente o desdobramento do corpo do medium, é natural que tenha todos os traços d'este.

Recentemente ainda, durante as nossas sessões em Milão, com Eusapia Paladino, tive occasião de constatar essa semelhança quanto ás mãos, e mencionei em meu livro *Animisme et Spiritisme* um caso em que a semelhança dos pés foi constatada por meio de moldagens em parafina. Quanto ao que concerne a *physionomie*, temos as photographias do Sr. Crookes, nas quaes a semelhança de Katie King com o seu medium não pode ser posta em duvida. Por conseguinte (o que é importante para a experimentação e para a critica), é evidente que essa perfeita semelhança não é uma prova absoluta de fraude por parte do medium. Foi assim que o general Sederholm pôde muito bem se enganar quando concluiu que a Sra. d'Espérance é que fazia o papel dos espiritos.

«Feliz, é o que é menos desgraçado».

D'este estudo de uma profundeza abyssal, deduz-se, como do fumo a existencia do fogo, que a terra é, por obra da Suprema Vontade, mundo de dor, de soffrimento, de expiação.

E, como é de simples observação que a dor começa a manifestar-se desde o berço innocente, deduz-se, com o mesmo rigor logico, que a humanidade já vem a esta vida inquinada de culpa, que a faz soffrer desde o periodo da innocencia.

Nem se leve isto á conta do chamado «peccado original», lenda fantastica com que se embalou a humanidade no seu berço, visto que Deus disse e está registrado nas sagradas letras: «nem o pae paga pelo filho, nem o filho pelo pae; mas cada um por suas proprias obras».

Os que soffrem, pois, desde o berço, dão testemunho irrecusavel de que os que vêm a este mundo de soffrimento são os que têm culpas passadas a resgatar pelo soffrimento.

Eis, então, justificados os proloquios da boa velha mãe Martha sobre existencias anteriores dos dois moços seus amados, e, conjunctamente, a missão que trouxeram de resgatar, cada um d'elles segundo a natureza de suas faltas, os erros de passadas existencias.

Ou isto é verdade ou a vida é um sonho.

Foi firmado n'esta sublime lei, que revela o amor infinito do Pae, dando a seus filhos desviados do caminho da felicidade o meio de rehavel-a e de seguir por elle ás alturas dos bemaventurados; foi firmado n'estas verdades, que já lhe eram crenças, que Julio encarou com animo viril tudo o que pudesse acontecer ao caro amigo.

Se o soffrimento é o remedio amargo que cura o mal da morte, porque não acceital-o com ambas as mãos?

E o moço, pensando assim, limpou a atmosphera pesada que quasi asphyxiava-o, e voltou ao seu constante bom humor, sem deixar de rogar a Deus pelo bom e querido amigo.

Foi longa a lucta, mas decisiva a victoria!

A mãe Martha é que não queria saber de nada, não achava consolo em nada, e levava os dias a chorar e a rezar.

2) Melhor ainda:—Pode qualquer agarrar a forma materializada, segural-a e certificar-se de que apenas tem em seu poder o proprio medium, em carne e osso; e isso não é ainda uma prova de fraude por parte do medium. Effectivamente, conforme a nossa hypothese, o que se deve passar quando detemos á força o duplo do medium, materializado a tal ponto que não resta senão um *simulacro invisivel* do corpo do medium, sentado atraz da cortina?

E' evidente que esse simulacro essa particula minima, subtil e etherea, será immediatamente absorvida pela forma já completamente materializada, á qual não faltou mais que esse resto invisivel.

Ha perto de vinte annos, o Sr. Harrison, editor do *Spiritualist*, de Londres, exprimiu-se, sobre esse processo, do seguinte modo: «E' claro que as duas formas devem reunir-se o que a parte menor se precipitará sobre a maior.» (*The Spirit*, 1876, pag. 236) Mas não sei como a coisa se passará, se o medium estiver «seguro», com os pés e as mãos solidamente atados. Segundo a theoria, esses laços com os nós, perfeitamente lacrados etc., deveriam conservar-se intactos e presos á cadeira do medium. Seria uma bella experiencia! Mas não conheço caso semelhante, porque, na pratica spirita, nunca se considerou necessario recorrer-se ao constrangimento, quando se está certo de que a participação do medium é nulla. (1)

3) A hypothese em questão nos explica a difficuldade, que sempre existiu, de ver ao mesmo tempo a figura perfeitamente materializada e o medium; porque, como já disse, uma completa materialização exige do outro lado uma completa desmaterialização, resultando d'ahi a invisibilidade do simulacro que supomos existir no lugar do medium. A mesma coisa se passa com relação ás photographias do medium e da forma materializada, que são extraordinariamente rarefeitas. Parece que essa difficuldade resulta do facto de não se saber

(1) Pódo-se, entretanto, consultar, para casos analogos produzidos com os mediums Jean e Emile Schrappe e a Sra. Deumler, a revista *Psychische Studien* (junho 1889, p. 258, out. 1892, p. 433; set. 1892, p. 436).

Em vão procurava Julio distrahir a pobre velha; sua resposta era sempre:

—Diga-me o que quizer, a verdade é que meu filho foi-se e que eu não sei o que é feito d'elle.

—Como não sabe, mãe Martha? Pois não lhe tenho dito que elle está em Paris, a grande cidade onde todo o mundo vai apreciar o bom e o bello?

—Bom e bello! Bom e bello só conheço a presença de meu filho, a fazer a alegria do meu coração.

—Então você, mãe Martha, queria a presença d'elle, embora lhe viesse d'ahi uma desgraça?

—Não, isso não; mas olhe, Sr. Julio, quem tem de pagar a Deus, só pode ser feliz pagando, e só paga soffrendo o que fez soffrer. Elle, o nosso querido, foi mulher infiel ao marido que a estremeceia e que, em desespero, cortou o fio da existencia.

Martha disse estas palavras n'aquelle estado que Julio já conhecia.

—Meu Deus! exclamou o moço, que se cumpra a vossa justiça, toda amor e misericordia; mas que o meu caro Martin não aggrave suas faltas, em vez de resgatal-as, commettendo o maior dos crimes: o suicidio, a que arrastou um seu semelhante.

—Não, disse como a responder-lhe. A reparação limita-se ao soffrimento. Nunca será exigido um crime para pagar outro igual. Se elle o commetter, será por sua fraqueza, não porque assim lhe seja exigido, para cumprimento da lei.

Julio levou muito tempo a pensar n'aquelles conceitos que n'outros tempos far-lhe-hiam rir e zombar de quem lhes prestasse attenção.

—Martin casará; é preciso que case com a filha do commendador, para soffrer o que a outrem fez; mas aquelle nobre character, aquella alma que põe a honra acima da vida, poderá ter forças para supportar a ignominia?

O futuro do amigo, triste e vergonhoso futuro, estava traçado aos olhos de sua alma; mas o termo d'essa via dolorosa? Era um ponto negro, negro de não permittir um raio infinitesimal de luz.

E desde esse momento, Julio não pensou senão em salvar o amigo, não mais procurando embaraçar-lhe o casamento com

onde existe a possibilidade de guardar o equilibrio necessario na distribuição dos elementos materiaes entre as duas formas.

4) Como o demonstra a experiencia, esse processo da desmaterialização e da rematerialização não abange somente os corpos organicos, mas tambem os inorganicos, resultando d'ahi que os laços e sinetes com que se prende o medium não offerecem garantia alguma. E' aqui que é opportuna a seguinte hypothese sobre o modo por que se dá o facto:

«Ou bem que os laços são desmaterializados, ou bem que o medium o é.» Temos um exemplo notavel no caso da Sra. Compton, que já citei detalhadamente no primeiro capitulo. Temos ainda um exemplo analogo na experiencia do Sr. Crookes narrada pelo Sr. Blackburn. O pescoço, a cintura, as mãos e os braços de Miss Cook foram presos pelo Sr. Crookes com quatro cordões de linho a quatro pontos de uma escala portatil, e os nós cosidos e lacrados. No fim de cinco minutos, o medium sahi do gabinete, livre de todos os laços, os quaes jaziam intactos por terra (*The Spiritualist*, 1874, tomo II p. 285). Tambem posso citar uma experiencia pessoal que obtive com o medium Léon Montet, que eu havia ligado com o maior cuidado e que, n'um instante, ficou livre de todos os laços, sem que o menor dos nós houvesse sido forçado. (*Psychische Studien*, janeiro 1882, pag. 1).

5) Sendo incontestaveis estes factos, a mesma hypothese explica tambem a penetração da materia pela materia e os transportes que são tão conhecidos na mediumnidade. Elles se ligam evidentemente aos que são mencionados acima. E' ocioso citar aqui exemplos. Chamo a attenção dos leitores para o meu livro *Animisme et Spiritisme* e para a minha experiencia com o anel de ferro que passou aavez do braço do medium Williams, mencionada no *Psychische Studien* de fevereiro de 1876. Baseando-se na mesma hypothese, o Sr. Harrison entrou em alguns detalhes, quanto á explicação dos factos de transportes e da penetração da materia, no seu artigo «Theoria que encerra a explicação de algumas manifestações spiritas.» (*The*

Elisa, porém concertando planos para dissipar-lhe o animo de modo que o golpe fatal não o tomasse de surpresa.

Escreveu as palavras da velha mãe Martha, datou e lacrou o papel, e guardou-o em sua escrivaninha.

—Ainda que me custe romper para sempre esta amizade, que é ar vital de minha alma, eu hei de preparar-lhe o espirito para receber corajosamente a desgraça que lhe é aqui annunciada.

Tomada a resolução, sentiu se como aliviado da pesada carga que parecia esmagal-o.

Não se passa, porém, pelo fogo sem ao menos sapecar-se; e o moço, por obra d'aquellas dolorosas impressões que se aninharam em seu intimo, perdeu, em parte, aquella indifferença com que zombava de todos os accidentes da vida. Já tinha horas de amargas reflexões sobre esses accidentes. E o tempo não mais lhe corria ligeiro, como d'antes, mas já lhe parecia arrastar-se com a lentidão da zorra. E' que chegara-lhe a vez de ter penas no coração e profundos cuidados n'alma!

Passaram-se tres mezes, passaram-se seis, passaram-se nove, passou-se um anno, sem que Martin escrevesse duas linhas dando noticias suas.

Parecia incrível, mas Julio sabia muito bem que o seu amigo preferia a morte á necessidade de escrever uma carta.

Entretanto o caso era excepcional. Era; mas tambem deve ser levado em conta o estado excepcional em que se achava o moço.

—Martin não me escreve senão quando se julgar curado, disse Julio para explicar a mãe Martha o silencio do rapaz.

—Então, elle nunca mais escreverá, respondeu a velha; porque aquelle mal não tem cura.

—Porque dizer isto?

—Porque sentimento que entra n'aquella alma, não ha força capaz de lh'o arrancar.

—Seja como for, não devemos estranhar que elle não nos escreva.

—E é melhor mesmo que assim faça.

(Continúa)

Spiritualist, 1876, I, pag. 205), onde elle cita a minha experiencia com Williams.

6) A solidariedade do medium e da apparição torna-se evidente e perfeitamente comprehensivel.

Observou-se, por diversas vezes, que as impressões physicas experimentadas pela forma materializada repercutem no medium. D'isso temos os primeiros indícios, e os mais communs, nas experiencias das cores transportadas sobre as apparições do mãos e ás quaes me referi no livro *Animisme et Spiritisme*. Também ali citei o caso interessante de um golpe de faca vibrado sobre um braço materializado e cuja dor foi sentida pelo medium. Nas sessões da Sra. d'Esperance também se observou, por diversas vezes, que as picadas feitas nas mãos materializadas eram sentidas pelo medium.

Eu proprio estive presente a uma sessão, durante a qual a forma materializada mergulhou as mãos na parafina derretida, exclamando o medium ao mesmo tempo que isso o queimava!

Temos enfim um caso unico nos annaes do spiritismo, narrado por cinco testemunhas, e que esclarece essa solidariedade do modo mais extraordinario. N'uma sessão com o Sr. Monck, em presença e á vista dos assistentes, formou-se, sahindo do lado esquerdo do medium, uma figura masculina. O medium permaneceu visivel durante todo o tempo e a luz era boa.

A forma se materializou completamente, e a sua physionomia, as mãos e os pés foram examinados á plena luz do gaz; além d'isso, ella levantou, cada um por sua vez, os assistentes do seu logar.

Isto, seja dito de passagem, prova que a hypothese da desmaterialização quasi completa do medium, correspondendo á materialização completa de uma figura, como expliquei mais acima, não é absolutamente geral, como já anotei em logar conveniente, pois, neste caso, o medium permaneceu corporalmente visivel e tangivel.

Emfim, citarei textualmente o seguinte:

« Propuzeram uma experiencia unica, isto é, que a forma bebesse um copo d'agua. O result do foi que, enquanto o espirito materializado *bebía diante de nós essa agua de um modo visivel*, ouvindo-se o mesmo tragal-a, *essa mesma quantidade d'agua era logo rejeitada pela boca do medium*; isto confirma as provas analogas antigas, isto é, que ás vezes, senão sempre, reina uma communnidade de gosto e de sensações entre as formas psychicas e os mediums por meio dos quaes ellas se produzem » (2).

E' tradicionalmente conhecido que os espectros tem medo da espada, e, mesmo nos casos mais recentes, encontramos certos factos em apoio d'esta crença. Assim, na obra de Glanvil intitulada *O demonio de Tedworth* (seculo XVII), lemos que o criado do Sr. Mompesson (na casa do qual «o demonio» não deixava ninguém em repouso), sendo perseguido á noite pelo espectro, o ameaçou com a espada, dando isso em resultado a sua fuga. Uma vez o espectro quiz tirar-lhe a espada (3), uma lueta começou, mas, logo que o criado tornou-se senhor da espada, o espectro desapareceu. «Notou-se que elle procurava sempre evitar a espada». (S. Glanvil) *Saducismus triumphatus*, edic. 1688, pgs. 325-326).

O marquez de Mirville, na sua obra *Des esprits et de leurs manifestations fluidiques*, citando varios incidentes do primeiro caso de Cideville succedido em 1851, conta, entre outras coisas, que o espectro, que se suppunha estar no local onde produzia ruidos como de pancadas, procurava sempre evitar a ponta da espada quando esta era dirigida contra elle.

O referido marquez cita diversas passagens de autores antigos em apoio da tradição que menciona.

(2) *The Spiritualist*, 1877, II, pgs. 287.

(3) O mesmo me succedeu com um lapis que me foi retirado com força, do lado das costas de Eusapia, durante as experiencias em Milão.

Segundo certas observações agora feitas no novo e tão mysterioso dominio do hypnotismo, a sensibilidade da superficie da pelle é transportavel a uma certa distancia e pode formar uma especie de camada sensivel em volta do hypnotizado; este não sente então absolutamente nada quando se lhe produz uma picada directamente na pelle, mas, se a picada visa a camada de ar, a uma certa distancia do corpo, elle sente-a. Estes phenomenos estão baptisados actualmente com o nome de *exteriorização da sensibilidade* (4).

Vimos que a mesma coisa se produz nos phenomenos de materialização, os quaes podem ser considerados como o desenvolvimento completo da exteriorização. E' assim que se dão as mãos a experimentação e a tradição.

7) Finalmente, o mysterio da materialização recebe, senão uma solução, ao menos uma sorte de explicação. Isso não é mais um milagre, uma criação momentanea da materia, de formas organicas humanas tiradas do nada, por assim dizer; é uma transformação, uma transmutação d'uma forma organica existente n'uma outra. Isto ainda é maravilhoso, mas não é miraculoso. A doutrina espiritalista ganhará com isso, porque ella tende a provar que o corpo não é somente o resultado do jogo das forças chimicas, mas sim o producto d'uma força organizadora, persistente, que pode modelar a materia á sua vontade.

O corpo que conhecemos apparece como um revestimento material, apenas temporario.

A supremacia do espirito sobre a materia torna-se evidente.

(Continúa)

(4) Vide as obras: *Les Etats profonds de l'hypnose*, por A. de Rochas, d'Aiglon; *La force vitale*, pelo Dr. Baraduc; *Extériorisation anímique complète du corps et du psychique*, pelo mesmo autor.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos

e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64).
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II—V. 41-52

Jesus, no templo, entre os doutores.—

Explicação pela nova revelação, de sua vida humana apparente, desde a sua APPARIÇÃO, na terra, chamada «o seu nascimento», até á época de sua vinda a Jerusalem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos;—e desde essa época até aquella em que começou, sob a apparencia de um homem de trinta annos, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão.

(Continuação)

«Sendo-vos agora revelada a origem spirita de Jesus, pois que sou a hora do advento do reino do espirito que vivifica e que vem substituir o «da letra» que, agora, «mata», o que ficou occulto até este dia deve ser descoberto; o que ficou secreto deve ser conhecido; temos a missão de vos dizer qual foi a vida humana apparente de Jesus, desde o momento de sua apparição no vosso planeta, chamada, na linguagem humana «o seu nascimento», até á época em que appareceu no templo entre os doutores;—o que se tornou durante os tres dias que ficou em Jerusalem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos;—qual foi a sua vida humana apparente desde essa época até aos tempos

em que, nas margens do Jordão, entrou publicamente em missão, tendo a apparencia de um homem de trinta annos.»

«Tudo foi simplesmente apparente na vida de Jesus, «humana» aos olhos dos homens, mas em condições taes que houve illusão para elles, como para Maria e José, devendo todos crer em sua «humanidade», quando, não obstante, elle revestia e revestia um perispirito tangivel, como já vol-o explicámos, um corpo puramente perispirítico e, assim, inacessivel ás necessidades, ás precisões de vossa existencia material.»

«Estando Jesus, menino em apparencia, no seio de Maria, o leite era desviado pelos espiritos superiores que rodeavam Jesus, graças a uma acção fluidica e por um meio muito simples: o leite, em vez de ser absorvido pelo «menino», que d'elle não tinha necessidade, era restituído á massa do sangue por uma acção fluidica de que Maria era a sede inconsciente.

«Não vos admiréis de que o leite fosse assim restituído á massa do sangue: admittis que o chimico possa, pela synthese, compôr, e, pela analyse, decompôr á sua vontade um liquido qualquer, restituído a cada parte heterogenea a natureza que lhe é propria?—Admittis igualmente que a acção fluidica operada pelos espiritos superiores que possuem todos os segredos de vossa organização e de vossa vida humanas, possa decompôr assim o leite formado e restituír cada parte á sua origem?»

«Que incredulos encolham os hombros com desdém, os factos nem por isso deixarão de existir; e a experiencia já adquirida pelos trabalhos de synthese e de analyse, exercidos pela chimica sobre a materia, não basta para vos explicar o facto que porá em evidencia a experiencia que não tardareis a ter da propriedade dos fluidos?»

«Que um magnetizador, no interesse de um doente, QUEIRA deter a circulação do leite e a sua emissão, o leite não se deterá?—E quereis que nós tenhamos sobre vós uma influencia menor que a vossa?»

«Não vos admiréis tão pouco de que Maria tivesse leite, se bem que não tivesse soffrido a maternidade humana e fosse virgem.»

«A maternidade não é uma condição absoluta para produzir o leite, que não é outra coisa senão uma decomposição do sangue, decomposição que pode ser provocada por diversas causas que não temos, aqui, de enumerar; ha, a este respeito, exemplos frequentes, não só na humanidade, mas entre os animaes. A virgindade não é elemento ponderavel em semelhante caso; não vos detenhais nisso; são factos conhecidos.»

«Em Maria a decomposição teve logar, porque o sangue, por effeito do magnetismo espirital e por uma acção fluidica, foi lactificado; depois, por occasião da amamentação apparente, o leite formado era decomposto, e cada parte era, já vol-o explicámos, restituída á massa de sangue.»

«A amamentação da infancia não era então o que é hoje: a mãe nutria a creança com o seu leite enquanto este nella se formava, o que conduzia geralmente a creança entre dois e tres annos, idade em que, sobretudo nesses climas, já ella corria sózinha ha muito tempo.»

«Recordai-vos de que os homens d'esse tempo e sobretudo d'esse paiz estavam longe de ter os vossos costumes; que a vida passava-se tanto no exterior como no interior das habitações; que os meninos, logo que começavam a andar, iam correr, aos bandos, onde muito bem lhes parecia, ou separavam-se, segundo o seu caracter ou os seus gostos;—no intervallo d'essas ausencias, andavam e comiam fructos ou mel selvagens, não sendo já o leite a sua alimentação exclusiva; e a amamentação humana reentrava nas condições da natureza, cessando quando a creança sabia, quasi, já não precisar d'elle.»

«Tudo, deveis comprehendel-o, devia, durante esse periodo da apparição de Jesus, em presença da natureza perispirítica d'essa apparencia corporal humana, executar-se nas condições mais faceis;

tudo devia concorrer, e concorreu, para esse fim, de modo que o que devia ser se desse.»

«Jesus foi creado como todos os meninos precoces da sua idade, falando e andando muito mais cedo ainda que os outros meninos, sendo, aos olhos dos homens, como de Maria e de José, de uma precocidade maior.»

«Antes que a época da amamentação ordinaria tivesse findado, Jesus ia, ao PRINCIPIO, com os outros meninos, ou só, para os campos; depois, pouco a pouco, só, separava-se d'elles, afastava-se dos olhares e nunca pedia comida ao voltar para casa; julgavam que elle tivesse vivido, como o faziam os seus pequenos companheiros, de fructos ou de mel selvagens; e, sendo Maria desviada de se preocupar com os cuidados maternos a dar ao menino, não procuravam alimental-o differentemente; sem comprehender o motivo, Maria não era, para seu filho, a mãe humana que prevê todas as necessidades e as satisfaz; sentia instinctivamente que elle não tinha necessidade d'essa vigilância, e não preenchia, junto d'elle, senão muito poucos dos deveres que a maternidade impõe ás mulheres; d'onde não se deve concluir que ellá fosse mãe indifferente, mas somente que, guiada por seus espiritos protectores e amigos, abstinha-se de cuidados e de demonstrações inuteis; d'ahi, podeis deduzir que, ainda muito creança, Jesus, livre como os usos do paiz o permittiam, estava muitas vezes ausente do tecto paterno humano; desaparecia, ás vezes, no momento em que Maria preparava a refeição, e deixava passar a hora; e quando Maria e José o procuravam e esperavam, dizia-lhes: «Não tendes necessidade de vos inquietar e de me procurar.» A's solicitações que lhe dirigiam para tomar com elles a refeição, respondia: «De nada tenho necessidade»; admittia-se sempre que elle se tinha alimentado de fructos ou de mel selvagens.»

«Foi assim que Jesus começou a ausentar-se, desde que isso foi possível, segundo os usos do paiz, a um menino de uma precocidade muito superior á de todos os outros, e que as suas ausencias foram, pouco a pouco, e successivamente, cada vez mais longas, afim de a ellas habituar seus «paes», e de que se não occupassem com a sua alimentação humana.»

«Já vol-o dissemos e o repetimos: os espiritos protectores de Maria dispunham-na a entrar nas vistas de Jesus; ella sentia, como José collocado sob as mesmas influencias, que elle tinha outras aspirações, outras tendencias que não as dos que o rodeavam, sem, por isso, admittirem que elle não fosse o que parecia ser.»

«Aos olhos dos homens: os actos exteriores de Jesus não tinham senão um cunho de singularidade; amava a solidão; e os seus habitos eram, para elles, quasi selvagens, porque não privava com os meninos de sua idade.»

«Aos olhos de seus paes: a sua alimentação era frugal; não o vendo delinhar, pensavam que elle gostava de viver de fructos e de mel selvagens, como muitos pastores; pensavam que elle podia viver assim, que as raras occasiões que elle tinha de obter assim alimentos, podiam bastar-lhe; notai que não vos dizemos que elle procurasse obtel-os; somente vos dizemos que seus paes o acreditavam.»

«Notai igualmente que falando-vos das refeições que Maria suppunha serem feitas por «seu filho», não vos dizemos que fossem reguladas como as vossas; porque as ausencias de Jesus não eram regulares e periodicas.»

«Este modo de existencia não admirava a Maria quando ella cogitava NA ORIGEM, a seus olhos, como aos de José, MIRACULOSA de seu filho.»

«O seu coração e o de José estavam de tal modo impressionados, e estavam cheios de uma fé tão viva, junta á sua elevação moral, que eram muito accessiveis ás inspirações dos espiritos superiores que lhes inspiravam o pensamento e a vontade de não se preocuparem com este modo de existencia.» (Continúa).

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD —Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Maio 1

N. 388

EXPEDIENTE

MUDANÇA DE SÉDE

A Federação Spiritista Brasileira, por conveniência de melhor instalação do que a que tivera até agora, acaba de transferir a sua séde para a rua do Rosario, n. 141, sobrado, onde igualmente se acha installada a sua livreria e a redacção do «Reformador».

Para allí, pois, deve ser, d'ora em diante, dirigida toda a correspondencia.

As sessões d'aquella sociedade terão lugar ás sextas-feiras.

Congresso espiritualista

DE
LONDRES (*)

O Spiritismo no Brazil

PELO
PROFESSOR ALFRED ALEXANDER

(Rio de Janeiro)

O exame intimo tende a mostrar que as communicações dos agentes externos desencarnados estampam-se instantaneamente no cerebro do sensitivo, traduzindo-as este, em palavras, imagens visuaes ou affectos motores. E' nesse processo que existe o perigo de virem as associações mentaes, juntar-se, ou, modificar a communicação original. E' racional, por isso, no actual estado dos nossos conhecimentos a respeito, attribuir a causas proximas todas as manifestações que não encerrarem uma prova intrinseca de virem de um agente externo. A generalidade dos kardecistas brasileiros, contudo, acceita o automatismo como uma demonstração sufficiente da manifestação de um espirito.

Vê-se no Rio de Janeiro, nas sessões spiritistas, os santos e os apóstolos subscreverem trechos extrahidos dos dictionarios poéticos. Grandes nomes são acceitos, sem exame, sancionando as doutrinas apresentadas como orthodoxas. A critica benevola, que é molestada pelo pensamento de que a fé cega pode produzir illusões, acceita qualquer excusa plausivel offerecida por essas patentes aberrações do automatismo. Alguma explicação do apparecimento de grandes nomes nas communicações psychographicas se encontra na obra instructiva de Mrs. Sara A. Underwood. A guia allí fornecida pode nos servir aqui.

Supponho que as pessoas sympathizam com as mais subidas manifestações da alma, podem, em sentimento, ser elevadas até ás espheras espirituaes onde ellas prevalecem e que, em virtude de alguma lei occulta, lhe possam ser fornecidos, nomes typicos, sem que, contudo, isso indique a presença real, como origem do trabalho obtido.

Out, a duvida que se levanta no estudo do spiritismo, não só no Brazil mas em outros paizes, pode semelhantemente re-

ceber uma hypothetica solução. E' assaz possivel, a despeito da falta de provas sufficientes de identidade, que muitos dos manifestantes em nossas sessões sejam authenticos. Se, porém, as individualidades apresentadas são o que ellas dizem ser, como é que ellas, depois de um lapso de mezes e annos, se mostram ainda assediadas pelo horror subjectivo das scenas que precederam ou acompanharam a sua morte? Ou, para exemplificar, como é que dois jovens que falleceram depois da revolta, manifestaram-se como estando ainda commandando seus canhões, e uma moça que morreu queimada, como se ainda as chammas envolvessem-na?

Em resposta, cremos que, no caso dos sonnambulos, a memoria dos acontecimentos passados é, ás vezes, tão viva que produz a illusão na experiencia presente, havendo de sua parte tendencia para obrar e falar de accordo com as impressões revividas. Ha pouco ainda, Mrs. Piper, um dos mais notaveis mediums contemporaneos, declarou que os espiritos, quando em communicação com as almas incarnadas, ficam tambem em um estado anormal semelhante ao do sonnambulo. E' muito possivel que, voltando ás condições planetarias, suas reminiscencias terrenas se apresentem tão vivas que tenham a apparencia da actualidade.

O Spiritismo vai modificando para melhor o caracter da maioria de seus crentes. Ha, certamente, carneiros pretos entre os kardecistas; ha megalomanos e alegres; ha mediums que se acobardam e soffrem por isso; ha adeptos que falam como evangelistas nas sessões, mas que fóra d'ellas fazem o mesmo que os outros. No geral, porém, um mais profundo sentimento de responsabilidade nasceu da convicção de uma vida de além-túmulo. O desinteresse nas relações sociaes, a resignação nas tribulações da vida, a compaixão pelos infelizes, são as qualidades mais especialmente desenvolvidas pela nova crença. O kardecista pensa no pobre e toma parte em associações destinadas a alliviar-lhe as penas. Assim, em Niteroy, na praia oriental da bahia do Rio de Janeiro, existe uma sociedade beneficente que, conquanto não figure nominalmente como formada de spiritistas, tira toda a sua vida e todo o seu vigor dos seus membros adeptos da doutrina.

A Associação *Charitas*, como a denominam, tem prestado serviços que a tornam credora de uma menção especial. Os fundos são principalmente fornecidos por familias que vão recolhendo em um cofre os remanentes de suas despesas diarias. Sommas consideraveis são assim arrecadadas mensalmente, as quaes são logo applicadas em auxilio dos necessitados. As viúvas e orphãos, os velhos e os enfermos, os pobres envergonhados pelo descostume de esmolar, são soccorridos por varios modos, sem terem de corar recebendo um auxilio de amigos. Os nomes dos soccorridos não constam dos livros, onde só são representados por numeros. Pelo thesoureiro, Sr. Sousa Lobo, é repellida com indignação a idéa que ordinariamente se faz da caridade. Elle sustenta, com o Sr. Bellamy, que todos os homens têm direito á vida, e que a liberalidade que patroniza é, ao mesmo tempo, insolente e tola. A lei fundamen-

tal da Associação recommenda que a pratica da caridade se conforme com os ensinos do Christo.

Mesmo fóra das fileiras dos spiritistas, a influencia da crença, renovada e racional, na immortalidade se torna perceptivel. O catholico, que se contraria ouvindo a simples menção dos phenomenos psychicos, é por isso impellido a espiritalizar-se mais no interesse da sua propria igreja.

Homens do mundo, que olhavam com desprezo o kardecismo popular, já se vão inquietando com a evidencia da sobrevivencia depois da morte, que os faz penetrar em regiões mais scientificas. Os proprios materialistas comecam a comprehender que não estão de posse da maior instrucção.

O positivismo de A. Comte que, logo depois da proclamação da Republica, parecia haver substituido o catholicismo romano, como religião official, decahiu nos ultimos annos rapidamente, occupando hoje a posição de uma seita insignificante. Ainda que não se deva lançar em sua conta todas as desordens, porque recentemente tem passado o Brazil, é preciso lembrar que a sua predominancia coincidiu com o dia da dissolução social, da ambição egoistica, da lucta civil e da vingança cruel. O Brazil apresenta ao mundo um objecto de estudo, que se completará, quando mais claras noções do destino do homem fizerem melhor comprehender suas responsabilidades.

E' facil de conhecer-se que, nos grupos, ou sessões brasileiras, as opiniões dos frequentadores largamente determinam o caracter das manifestações. O observador consciencioso não poderá deixar de comprehender logo, que em tal fonte nunca beberá provas satisfatorias da volta do espirito e, frequentando as sessões, elle deve tomar antes para objecto de seus estudos os assistentes do que aquillo que ellas lhe possam fornecer. Felizmente a evidencia do Spiritismo no Brazil não se firma, realmente, nessa base insufficiente. Os phenomenos espontaneos são, entre nós, tão abundantes que é difficil encontrar-se uma familia que não cite uma historia de *almas do outro mundo*. Já demos exemplos typicos de allucinações coincidentes, na noticia apresentada ao Congresso de Sciencias Psychicas. Não precisamos repetil-as.

Prestaremos melhor serviço expondo a importancia de certas experiencias spiriticas admiraveis e exemplos de telekinesis, cuja realidade não poderá deixar de ser reconhecida, perante qualquer theoria completa de phenomenos psychicos que se possa formular. Tambem devemos apresentar algumas provas recentes de avisos e de identidade espirituaes. Em falta de attestados firmados e formalmente reconhecidos, affiançamos que as seguintes narrativas são feitas á vista de depósitos directas e testemunhos fleis, tendo nós tido o cuidado de afastar tudo o que não estava bem justificado.

Nestes ultimos dozoito ou vinte annos, uma onda de telekinetica influencia espraçou-se sobre o Rio de Janeiro, attingindo sua maxima altura nos nove primeiros annos e decrescendo depois. Os que acompanharam os trabalhos do Congresso de Chicago, devem lembrar-se do que ali

foi lido sobre os extraordinarios phenomenos psychicos occorridos nas casas do coronel Corte Real e Sr. Manoel de Souza Dias, na residencia do primeiro dos quaes, peças de apparelho foram reunidas em salas fechadas, as cortinas das janellas arrancadas de seus logares por agentes invisiveis, e tres pesados reposteiros desprendidos dos laços que os prendiam e corridos vagarosamente em plena luz e diante de duas lanterninhas; e, na escola dirigida pelo ultimo, uma chaga foi cica-trizada instantaneamente pela imposição de mãos; as notas agudas de um piano foram acompanhadas pelos sons tirados de uma campainha aerea, ouvidas pelo executor e visitantes que se achavam na sala; e um menino, Jovino Dias, foi, aos olhos de seus paes assustados, tirado arrebatadamente de seu leito e lançado em um outro assaz distante do primeiro.

Para a maioria da classe instruida essas historias não são ainda muito agradaveis; pois sente que a sua acceitação é um regresso ao grande numero de superstições já de ha muito banidas. As provas, porém, se vão accumulando e, para os que estudam o psychismo, é evidente que esses factos ainda repudiados vão calando, cada vez mais, no espirito publico. Já minhas experiencias pessoais d'essa natureza tem sido recentemente attestadas por pessoas que, sem receio, manifestam sua crença n'essas verdades. Suas allegações devem ser apresentadas com alguns detalhes, pelos quaes os informantes foram forçados a reconhecer a supernormalidade das occurrencias testemunhadas, sendo bastante interessante o desenlace de suas narrações.

Em 1893 a casa do Sr. Eduardo Leandro Ballard, inspector das florestas na Serra de Jacarapaguá, proxima do Rio, esteve sujeita a continuas inquietações pelas pedras que cahiam sobre ella e outros factos estranhos, que não podiam ser attribuidos á agencia humana ordinaria. Nesse tempo a casa, situada na floresta, tinha muitos moradores, occupando sete ou oito rapazes um longo dormitorio no andar superior e o resto da familia o pavimento inferior. No começo da escada que levava ao segundo andar, havia uma porta que abria para a sala de jantar. Quasi todos os factos se deram no pavimento superior, cujas portas e janellas eram sempre conservadas cerradas durante a noite. Esse *lithobolia*, ou apedrejador, annunciou pela primeira vez a sua presença entre as 11 e 12 horas da noite; mas, com o augmento da força das manifestações, ellas foram transpondo esses limites de tempo e passaram a produzir-se a qualquer hora da noite. O tempo de sua maior intensidade dizem ter sido de 14 dias successivos.

Segundo o Sr. Ballard e seus dois filhos, Eduardo e Alberto, apenas os rapazes se recolham e apagavam a luz os seixos e os pedaços de calça, colhidos fóra da casa, vinham cair-lhes nos leitos ou rolar pelo chão do aposento. Nos primeiros tres dias, isso só se dava quando não havia luz, e os projectis eram poucos e de pequenas dimensões; mas o phenomeno passou a dar-se em plena luz, e as pedras augmentaram tanto em numero e dimensões, que pella manhã eram reunidas em montes não pequenos.

(*) Ver as nossas edições desde agosto de 1898.

Mesmo quando os rapazes, não podendo dormir, passavam a noite a jogar o lotto, deixavam de ser atacados por seu perseguidor. No começo, contudo, ninguém estava disposto a crer que houvesse em tal occorrença alguma coisa de sobrenatural. Acreditavam antes que alguns dos moços que ali dormiam juntos estivesse querendo divertir-se á custa dos seus companheiros. Todos elles tornavam-se suspeitos uns aos outros.

Para evitar o embuste, ou por medo real, elles reuniram seus leitos em um dos extremos do dormitório e, á noite, antes de se despirem, todos se submetteram a um exame em seus bolsos, mostrando-se cada um desejoso de provar que não tinha parte na brincadeira. Dois delles, os Srs. Guimarães e Guedes, foram mais especialmente suspeitados, até que vio-se que os phenomenos se produziram na ausencia delles do mesmo modo que estando elles presentes.

Então o Sr. Ballard e seu filho mais velho, Eduardo, ambos os quaes repelião a idéa de uma intervenção espiritual, tomaram a peito descobrir o supposto farsante. O alojamento superior não era forrado; o telhado foi examinado com todo o cuidado pelo lado externo, e verificou-se ser impossível passar uma mão por entre as telhas, que também não apresentavam indício algum de haver sido deslocadas. Em uma noite de plenilunio todo o pessoal empregado na floresta foi secretamente distribuído, formando um cordão ao redor da casa. Da elevação do terreno que occupavam, elles viam todo o telhado e podiam verificar se as pedras vinham de fóra. Não obstante, nesse tempo mesmo os projectis cahiram no interior do edificio.

Em outra occasião o Sr. Eduardo subiu a escada e, tendo collocado todos os rapazes em um dos extremos do dormitório e apagado a luz, conservou-se voltado para elles e com os braços abertos. As pedras começaram a cahir, vindas do extremo desoccupado do aposento, zunindo-lhe aos ouvidos, mas sem tocá-lo, passando-lhe sobre os hombros, e vindo cahir-lhe aos pés, como se subitamente tivessem mudado de direcção no ar, ou indo bater nos vidros das janelas sem offender alguns dos presentes. Nesse tempo um certo Carlos Oldham, que tinha servido como despenheiro a bordo de um navio e passava por homem resoluto e intelligente, foi nomeado uma especie de *factotum* na floresta. Elle procurou o Sr. Ballard e, notando que não havia provas contra os rapazes, pediu para passar a noite com elles e ver se assim se descobria a verdade.

Obtido o consentimento, elle passou a noite velando no pavimento superior, servindo-se de uma lanterna furtafogo para observar perfeitamente o que se passasse. Pela manhã disse elle ao Sr. Ballard que não havia cerrado os olhos durante a noite, conservando-os fixos sobre os rapazes. Apesar de tudo isso as pedras cahiram sempre, e Carlos Oldham, apesar de sua reputação de perspicacia, foi obrigado a confessar que não comprehendia o facto. Elle continuou a vigiar em noites seguidas, porém com o mesmo resultado negativo.

Do mesmo modo, o Dr. Christovão José dos Santos, amigo do Sr. Ballard que se havia rido á farta da historia da revolução espiritual, quiz passar uma noite na casa endemoninhada, contando com certeza desvendar o mysterio. Ao amanhecer, elle estava transformado e com pressa de retirar-se, reconhecendo a realidade dos factos, para os quaes não se lhe apresentava explicação alguma, e confessando que não desejava repeller a experiencia.

Enquanto esses factos estupendos sobressaltavam a casa, a esposa do Sr. Ballard estava com a saúde alterada, precisando muito de paz e tranquillidade de espirito para restabelecer-se. Os proprios rapazes se mostravam, sem excepção alguma, intimidados e fatigados com essas continuas vigílias e sobresaltos. O terceiro filho do Sr. Ballard, Jeremias, cahiu em tal estado nervoso que,

quando se davam as manifestações, elle começava a tremer e vinha refugiar-se entre suas irmãs que não eram perseguidas pelos projectis. Seu organismo ficou tão profundamente abalado por esses sustos que, até á sua morte, produzida pela varíola em 1896, elle nunca mais recuperou a saúde e o vigor espirital primitivos. Como diz o Sr. Ballard, é difficil supôr-se que qualquer dos rapazes, por maiores desejos que tivesse de mystificar os outros, pudesse, naquellas circumstancias, continuar por tanto tempo na pratica de tal inconveniencia. Seria, realmente, uma falta de respeito de que, em sua opinião, nenhum delles era capaz. Todas as evidencias, pois, militavam a favor da realidade desse phenomeno de *lithobolia*.

Às vezes succedeu cahir o projectil nas chifaras de café, de modo tal que era impossível attribuir-se o facto a qualquer dos presentes. Uma vez uma pedrinha veio bater na colher com que uma joven estava mexendo o seu café. O Sr. Eduardo Ballard que, com sua mãe, havia testemunhado sempre a queda das pedras no andar superior, perguntou uma vez ao supposto agente invisível, porque, em vez de pedras, não jogava dinheiro. Iam elles descendo a escada, quando uma moeda de cobre veio dar-lhes nas costas, depois de haver tocado no hombro de sua mãe.

Podia essa moeda ter sido tirada das vestes penduradas nas paredes do dormitório; mas o sr. Eduardo certificou-se de que d'ali ninguém a jogara graças ao testemunho de alguns dos jovens que foram passivos espectadores do phenomeno. Um dos rapazes, chamado Alberto Cruz, referia-se, com pouco caso, a essas manifestações, quando um sabonete, vindo pelo ar, bateu-lhe no pescoço, com a força bastante para ali deixar um signal. Ainda em uma noite, elle sentio-se dominado em seu leito e começou a gesticular com tal violencia que, não conhecedores dos phenomenos medianimicos, seus companheiros se assustaram. A pedido d'elles para que o espirito se retirasse, os movimentos convulsivos cessaram, e o joven, desperto em seu leito, mostrou, por algum tempo, não saber onde estava nem o que se tinha passado.

O Sr. Guimarães, mencionado já como tendo sido suspeito no começo, acabou por perder a paciência e uma noite protestou contra esses factos incommodos que não o deixavam descansar. Elle foi punido, quando estava em seu leito, sentindo um grande espinho ferir-o no pé e vendo, como todos os outros, para aborrecel-o ainda mais, seus sapatos que estavam no chão, ir pelo ar lançar-se em uma bacia de agua servida. A sala achava-se então illuminada e todos viram que não fora pessoa alguma viva quem transportara os sapatos.

Aconteceu, algumas vezes, outros objectos mudarem de posição pelo mesmo meio mysterioso, como o candieiro deixado sobre a mesa ir apparecer dentro de uma bacia; uma camisa, que estava em um extremo do dormitório, ser encontrada no outro; uma cadeira ir pousar sobre a cabeça de uma pessoa que dormia em seu leito, etc. Não ha provas directas de serem taes incidentes produzidos por uma causa supernormal; mas, em taes circumstancias, surge a presumpção de serem elles devidos á mesma especie de agencia que opera em outros phenomenos melhor evidenciados.

Uma noite, reunidos todos os membros da familia na sala de jantar, empenhou-se a conversação, achando-se o dormitório de cima completamente deserto.

Depois de algum tempo dois dos rapazes quizeram retirar-se; mas, ao abrir a porta, ficaram surpresos vendo o candieiro, que haviam deixado apagado sobre a mesa do dormitório, achar-se, acceso, no patamar. Por essa occasião o Sr. Eduardo, querendo ir verificar o facto, viu apagar-se a luz, achando-se, porém, o morráo ainda assaz quente para senão poder crer em alguma allucinação. O Sr. Eduardo, que era um dos mais scepticos membros da familia, esquadrinhou todos

os recantos da camara de cima para descobrir a pessoa que lhes pregava essas peças, e afinal teve de concluir que ali não operava um mystificador commum. O Sr. Ballard, porém, apesar de attestar os factos, não mostrou por elles um interesse directo. Elle, contudo, aborrecia-se com o facto d'essa vigília que, como um roubador de tempo precioso, lhe fazia perder tantas horas em noites seguidas, e incommodou-se ainda mais quando mexeram com o seu collete que alli, á vista de todos, estava pendurado á parede. Elle inclinou-se a crer que os meninos tomavam parte nisso, e collocou a peça fóra do alcance delles; o facto, porém, repetiu-se, e uma tarde elle verificou que o phenomeno se mostrava com maior intensidade e reproduzia-se mais depressa, quando a sala estava cheia de gente.

(Continúa)

NOTICIAS

O Electroide on o Fluido Universal

Em Setembro de 1896 o Sr. Franz Rychnowski, distincto engenheiro polaco, director do instituto de Lemberg, (Austria) publicou no *Lumière* um pequeno artigo, annunciando a descoberta que fizera de um fluido particular, a que deu o nome de *Electroide*. Nada mais se fallou disso até que, agora no *Psychische Studien*, o Sr. W. Lang apresenta uma exposição methodica dos numerosos, variados e realmente maravilhosos modos de acção do tal fluido.

O Electroide é obtido pela electrolisis; infelizmente não está ainda divulgado o meio pelo qual o Sr. Rychnowski o obtem, apenas sabe-se que emprega um poderoso dynamo, e um tanque relativamente pequeno, para fóra do qual o fluido se escóia lentamente, quando o apparelho funciona, por meio de um tubo de borracha, ás vezes substituído por uma peça de vidro ou de metal. Não ha fio condutor.

A natureza do fluido não está bem determinada. Elle apresenta pontos de semelhança e divergencia com a electricidade e penetra o vidro. Suppõe-se que elle tem sua origem no Sol, existe na atmosphera, é absorvido e irradiado por todos os seres vivos e é mais energico em tempo secco. Na sombra ou á fraca claridade da luz vermelha, elle mostra, a apparencia luminosa de raios violeta-pálida. No tubo de Geissler produz phosphorescencia, e em globos de vidro origina como que um vapor azulado, animado de movimento rotatorio. Tem propriedades curativas, obrando como estimulante ou calmante, sobre o systema nervoso, conforme o tempo de duração da applicação e a intensidade da corrente. Auxilia o desenvolvimento das plantas e destróe a bacteria.

Os effeitos photo-chimicos que elle produz, são curiosos. Dirigido em forma de corrente sobre pequenos objectos, elle os ergue, occasionando phenomenos de movimento; exerce uma poderosa acção sobre os metaes, aquecendo-os a ponto de levar alguns á fusão. Desvia a agulha magnetica, mesmo á distancia de muitos metros, e parece provado que neutralisa e mesmo destróe a acção da gravitação. O fluxo do fluido dá lugar a uma corrente de ar frio que agita levemente as cortinas do apparelho; produz um som muito leve como um sussurro, e derrama na atmosphera um forte cheiro de ozona que facilmente se comunica á agua.

Que fonte inexgotavel de explicações para tantos phenomenos cuja intrepreatação tem dado lugar a tantas luctas?

Das obras do notavel medium norte-americano Hudson Tuttle, o *Progrès Spirite* de Paris extrahiu o seguinte:

« Em uma bella e calma tarde de inverno eu cahí em extase e ouvi cochicharem-me ao ouvido: « Vou mostrar-vos a philosophia da morte. » Pareceu-me que deixava meu corpo, continuando a viver,

mas independente das formas physicas, comquanto a ellas adherente por um erodão.

O espirito tomou-me da mão, e, da camara, passamos para o espaço. As estrelas ostentavam-se brilhantes na abobada gelada, e a lua inundava o horizonte com sua argentea luz. Silenciosa, envolta em seu manto cinzento, a Terra, como que fatigada, repousava.

Parecia-me que só nós dois viviamos em tão sombria paisagem. Continuamos a viajar até chegarmos a uma morada principesca.

Uma só janella fracamente illuminada denunciava a existencia de um enfermo n'essa sumptuosa residencia.

Nenhum som annunciou a nossa chegada; a janella nos dava passagem franca; entrámos.

Sobre um leito dos mais macios repousava uma bella menina em quem já se manifestava a mulher. A molestia tinha-lhe consumido o corpo, a ponto de já poder seu espirito ir ás portas do mundo espirital, para d'ali contemplar a materia expirante, communicando-lhe uma irradiação divina.

As rosas tinham desaparecido de sua face, mas seus olhos reflectiam ondas de angelico amor, pois viam os espiritos brilhando ao seu redor, percebiam a terna expressão de uma avó e de uma irmã prestes a recebê-la.

Ao lado da enferma sua mãe estava curvada sob o peso de intoleravel dôr e aos pés do leito o orgulho de seu pai era vencido pelo infortunio. Era uma scena desoladora, porque a morte é um monstro horrível que nos rouba os mais caros amores, nol os escondendo para sempre, quando não conhecemos a verdadeira philosophia do mundo spirita, tão grande em seus effeitos.

Uma brilhante irradiação desprendia-se do rosto da joven moribunda. Ella estende a mão como para apertar uma outra, e seus labios deixam escapar uma expressão: « Como é bello tudo isso! Eu sigo... » e... partiu.

A fórma abandonada repousava sempre no leito sumptuoso, mas a luz do espirito não existia mais ali.

Era um quadro lugubre e sombrio; mas qual o processo pelo qual o espirito se havia libertado de sua prisão terrena? Foi simples e bello. O todo espirital se retirou lentamente das extremidades, concentrando-se no cerebro. Durante esse tempo, do alto da cabeça se elevou uma especie de auréola que gradualmente augmentava. Bem de pressa tornou-se clara e distincta e eu notei que apresentava a fórma exacta da do corpo abandonado. Ella se foi, cada vez mais elevando, até que o bello espirito se nos mostrou, apenas preso por um tenue fio fluidico, que foi se adelgaçando gradualmente até quebrar-se. O espirito deixou o seu templo para sempre. Novas faculdades lhe eram dadas, novas sensações lhe eram reservadas na esphera espirital. »

COLLABORAÇÃO

Pretenciosos e inoffensivos

Acceptar o nosso planeta, como a expressão suprema da vida universal é ou negar a existencia do Creador ou fazer uma idéa muito mesquinha de sua grandeza. A primeira hypothese só pode nascer do orgulho do homem, enfatuado pelo pouco que conhece e ainda assim imperfeitamente, das leis da natureza.

Por uma miragem tomam certos sabios a realidade e através da propria vaidade só a elles mesmos vêm, imaginando ver a razão de tudo. O circulo de sua apreciação não pode conter senão o que lhes fornecem os sentidos, e a abstracção infinita se lhes afigura simples associação de ideas, solicitadas por sua contiguidade ou por sua semelhança. Com tão fracos elementos que, seja dito de passagem, são do dominio da metaphysica tão espezinhada e tão desdenhada, pensam ter achado a razão final, o porque das coisas, a chave de todos os problemas

de nossa origem, de nossa missão, de no-so destino. Somos apenas a synthese das virtualidades do planeta; a ultima palavra da evolução animal, o degrau superior da grande escada da vida que tem a sua base nas rudimentares manifestações vivas dos vegetaes.

Essa marcha ascensional do inferior para o superior termina no homem; alem d'elle nada. ... o vacuo, o infinito inutil, feito unicamente para nossa contemplação.

E entretanto a astronomia não cessa de clamar bem alto que n'este espaço todo que não podemos conceber, giram eternamente milhares e milhares de corpos, uma verdadeira poeira, que a imaginação a mais arrojada não comprehende, mas que existe, porque a nossa razão nos dá no infinito dos numeros o infinito das coisas creadas e que d'esta poeira é a terra uma particula insignificante!

Mas tudo isso que a sciencia expõe do nada vale! O orgulho incha de tal sorte o espirito que este acredita seriamente poder encher o espaço, elle só. ... tudo mais é vacuo!

Pobre sciencia que a tão pouco reduz a creatura humana, esta miseravel creatura a quem já basta, para soffrimento, a sua sentença de morte lavrada mesmo em seu berço.

O outro ponto de vista curto que pode entrar em paralelo com o materialismo, pela estreiteza da comprehensão, embora accetando um Deus defeituoso, é o catholico apostolico romano.

Para a igreja de Leão XIII a terra é tudo; fóra della, ou uma eternidade de gosos bisonhos, em contemplação insípida e ociosa ou uma eternidade de penas indscriptíveis, de caracter exclusivamente physico.

Este mundo é tudo. ... quem aqui não se aperfeiçoou, inteiramente, que se aperfeiçoasse! Não ha esperança: fóra do globo terraqueo ou o céu dos bem-aventurados, ou o inferno dos reprobos.

Uma infeliz creatura, atirada em um mundo de miserias, tendo de soffrir toda a sorte de torturas moraes e materiaes, ou deixa a pello, para se mudar em archanjo, ou então vac d'aquí em direitura para o inferno.

Quem não possuir a sabedoria e a moral precisas para ser perfeito, como o queria o Divino Mestre, conta como certo que o seu castigo não terá fim.

FOLHETIM

(29)

CASAMENTO E MORTALHA

POR



PRIMEIRA PARTE

XXIX

Era a hora do chá, e eu me achava com Julio, a quem não via senão de longe em longe, porque os misteres da vida, principalmente para quem tem familia, como eu, tolhem a prorrogação dos doces enlevos e das gratas convivencias dos tempos descuidados, em que tudo são risos e flores.

Julio, por sua parte, comquanto não lhe pesassem os cuidados da familia, tinha-os, talvez mais do que eu, nos onus que lhe impunham a clinica, redobrada pela ausencia de Martim e a politica que o envolvera como as serpentes de Laocoonte.

Por felicidade pude dispôr de alguns minutos, e corri á casa do amigo da infancia a refrigerar a seccura da vida do homem, com as frescas brisas, que são as recordações da vida do estudante.

Depois das alegres expansões, passámos a conversar sobre o que tantas saudades nos causava n'aquelles instantes de alegrias.

Eu conhecia a triste historia do meu amigo, do nosso Martim, e Julio me contava o desfecho prognosticado pela boa mão

Não será preferivel a hypothese materialista?

A' uma orthodoxia impiedosa não será muito melhor antepor o positivismo cruel, mas em todo o caso consolador, pela possibilidade de um aniquilamento, em vez de uma condemnação por *omnia secula seculorum*?

Não vale falar no dogma do purgatorio, creado unicamente para attenuar a monstruosidade de um castigo sem remissão.

No inferno, como no purgatorio, os condemnados não vão regenerar-se; mas soffrer, soffrer muito, no meio de chammas verdadeiras. Deus não pune, vingase barbaramente, como um algoz exco-crando, de creaturas que não lhe pediram para ser creadas.

Deante da orthodoxia inexoravel não é dez mil vezes preferivel ser-se atheu? Em vez de um Deus injusto, não será melhor supprimil-o?

Ao materialismo pretencioso e ao catholicismo feroz, vem felizmente oppor-se, triumphante, esmagador, o espiritualismo, sob sua forma a mais evidente, a mais irrecusavel, a forma experimental. A consciencia individual persiste *post mortem*, gozando a recompensa proporcionada ao seu grau de adiantamento ou debatendo-se nas trevas em que preferio atravessar a existencia planetaria. Os factos são factos a que pessoa alguma pode furtar-se. Ninguem tem mais o direito de duvidar da immortalidade da alma e verifica-se o que diz o Evangelho, que os mortos somos nós: « Mas Jesus lhes respondeu: Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos » S. Mat. cap. VIII—vers. 22.

Em face da evidencia incontestavel que fez o materialismo?

Encolheu os hombros, com desprezo, e estabeleceu systematicamente que tudo era mentira, pela razão muito simples de que a nova doutrina desarranjava as suas theorias preconcebidas.

E o catholicismo?

Vociferou, protestou, excommungou o attribuiu tudo ao diabo.

Os primeiros são pretenciosos; os segundos inoffensivos; a todos deve perdoar o espirito que se reconhece firme na humildade ante as eternas leis do seu Creador.

OLIM.

Martha, quando ouvimos, na escada, passos de quem a subia de dois a dois degraus.

De repente, como se fosse um aerolitho, cahiu no meio de nós; quem havia de ser? O Cardoso, o nosso velho companheiro, que nos fez dar aquelle esdruxulo passeio a Itaboraí, da qual resultou-lhe bem bons desconcertos com a sua amada Gertrudinha, que por fim veio a ser Mme. Cardoso.

— Vim matar saudades, rapazes! Que felicidade encontrar juntos os meus caros Julio e Max! Só falta o Martim; mas d'este venho eu, tendo o deixado ha poucos dias! Posso, pois, considerar reunida a patuleia d'aquelles tempos que não voltam mais! Onde está a mãe Martha, que não a vejo aqui, e nem os bolos, os inimitaveis bolos, de que só ella conhece a arte de os fazer? Já sei: a velhinha chora o seu cherubim, enquanto o tratante leva vida feliz e alegre lá pelo velho mundo, que é só onde se pode viver.

Nós estávamos ansiosos por fallar, desde que o Cardoso nos disse que vinha do Martim, e a velha mãe Martha, áquellas palavras, surgiu lá do seu recanto ardendo nos mesmos desejos; mas o maldito não dava tempo a nada; parecia uma machina que só cessa de mover-se quando acaba a corda.

Quando acabará a corda d'esta machina, que é a lingua do Cardoso?

— Acabo de chegar da Europa, rapazes, e o meu primeiro movimento, logo que pisei em terras da Patria, foi correr a abraçal-os, tendo mandado a Gertrudinha com o pae a tomarem commodos no hotel da Europa. Vocês não se têm lembrado de mim? Não têm tido saudades do Cardoso? Pois olhem: eu digo sempre á Gertrudinha e ao tio Anselmo; depois de vocês, os objectos de meus pensamentos são os meus companheiros de estudos, embora elles sejam hoje uns graúdos e eu não passe de um pobre roceiro. E' que elles tiveram forças para sup-
portar o pigarro do José Mauricio e os ar-

PAGINAS DE AKSAKOF

XII

CONCLUSÕES

(Proseguimento e fim)

N'um caso de simples desdobramento, quando o medium está em *transe*, verifica-se um phenomeno de equilibrio, e de distribuição da materia organica, pertencendo a um corpo, entre dois corpos, conservando a identidade da forma que se deriva do principio individual organisador. — Quando esse phenomeno se opéra sem que o medium esteja em *transe*, temos a prova de que a nossa auto-consciencia não esgota o conteúdo do nosso ser psychico, e que o eu organisador póde, fóra do eu consciente, agir e constituir um corpo. — Quando o desdobramento se produz com variedade de forma em alguns órgãos, retendo completamente o typo geral (como vimos no caso de *Katie King*, onde as unhas, as orelhas e a cor dos ca ellos differiam inteiramente dos do medium), temos a prova incontestavel da força organisadora do eu transcendente que se adstringe ao modelo do corpo terrestre conhecido de nós, e que ella anima.

Eis um começo de transformação (1). — Si a forma materializada não offerece mais nada de commum com o medium (como no caso de *Katie Brink*, da *Sra. Compton*, do qual faço menção no cap. I), achamo-nos em face d'uma transformação completa ou transfiguração.

Para quem ou para que é ella produzida? Eis a questão espinhosa e principal. E' difficil suppor que isso seja do mesmo eu individual, transcendente; e se, no ponto de vista critico, essa forma responde a todas as exigencias formuladas para a verificação d'uma individualidade (vêde o *Animisme et Spiritisme*), temos a prova excellente de que um eu individual transcendente, que não é o do medium, apoderou-se sómente da materia organica d'este para transformal-a segundo o seu desejo.

Mas, se assim é, não será mais simples, para esse eu transcendente, empregar esse mesmo corpo ou esse mesmo sem-

(1) Os antigos conheciam essa especie de transformação. Jámblico diz, no seu livro *De Myteris Egyptiorum* (cap. 5): « Corpus coram vel concre-scere videtur in altum, vel in amplum, vel per aerem fenni videtur. »

rotos do Torres Homem. Não importa; elles não me hão de desprezar. Não é assim, rapazes? Vocês não sentem, com a minha presença, como que voltarem aquelles tempos felizes dos nossos vinte annos?

Eu vi que o chorrilho não tinha fim, e fui pondo os meus embargos.

— Sentimo-nos felizes por te vermos, Cardoso; mas escuta.

— O que queres de mim, Max?

— Quero que nos des noticias do Martim.

— Pois não, pois não. Está um dandy, um verdadeiro garoto de Paris.

— E não se lembra dos amigos?

— Oh! lá isso, não. Elle não os esquece.

Vou contar-lhes uma historia que ha de fazel-os rir á morrer. O Martim está apaixonado! Não é para rir?

— Conta-nos isto, Cardoso.

— Pois não, pois não. Lá vai verso. A Gertrudinha começou a soffrer umas coisas que nem eu mesmo pude diagnosticar. Parecia molas, parecia solitaria, parecia o diabo. — Tio Anselmo, disse eu, você quer saber uma coisa? Quem quer boa agua, vai á fonte e a fonte limpa para a cura de molestias é a Europa. O velho esgueirou-se, mas não teve remedio senão coçar-se. Fomos para a bella Paris. N'outra occasião eu dir-lhes-hei o que é Paris.

— Sim, sim, n'outra occasião.

— Pois bem. Estávamos em Paris, sem conhecer ninguem na vasta Babylonia, e eis que um dia, estando eu a tomar café no boulevard dos Italianos, descobri um fochinho que não podia ser senão do Martim. Boto-me para lá, e quem havia de ser? o Martim, em corpo e alma. Foi um gosto. Tão alegre fiquei eu como ficou elle; eramos dois alegres. Entretanto, apezar d'aquella expansão, Martim mostrava-se pesado, como quem tem alguma dor profunda. E o tratante me disse que tinha mesmo, que estava apaixonado por uma belidade, e que para apagar aquelle fogo é que fóra para a

blante, e transformal-o n'aquillo que se deseja, sem recorrer á produção maravilhosa d'um corpo completamente differente do do medium?

Se existissem factos d'esse genero, isso seria a prova notavel e visivel de que a materialização se reduz a um phenomeno de transmutação. Pois bem! Sim, esses factos existem, mas são raros e estão disseminados na massa enorme dos materiaes da litteratura spirita.

Encontramos, a proposito, dois casos n'um artigo de Miss Kislbury (do *The Spiritualist*, de 22 de dezembro de 1876), onde ella apresenta casos de fantasmas em desdobramento, transfigurações e transformações.

Eis o primeiro, extrahido d'uma carta do Sr. Joy (America do Norte), publicada já no mesmo jornal de 17 de setembro de 1875: « A *Sra. Crocker*, um medium muito estimado em Chicago, me contou ha algum tempo os factos seguintes: Sob a direcção do seu guia espiritual, ella começou ha alguns mezes uma série de sessões para o desenvolvimento d'uma nova phase de mediumnidade; suas sessões eram circumscritas sómente á sua familia. Uma tarde, quando o fogão do quarto projectava um bello clarão, e quando a luz da lua ahiclegava tambem, ella foi transformada; sua physionomia mudou completamente de grandeza, de forma e de caracter; uma espessa barba negra lhe appareceu. Todos os que se achavam á mesa viram a mesma coisa.

Seu genro, assentado immediatamente ao seu lado, disse, quando ella voltou a face para si: « Eh! mas é meu pae! » — após isso elle declarou que a imagem era exactamente a do seu pae que estava morto.

Pouco depois, a *Sra. Crocker* ficou transformada n'uma mulher velha de cabellos brancos. Essas metamorphoses operavam-se pouco a pouco e enquanto as testemunhas olhavam constantemente para a dita *Sra.* Ella conservou consciencia de si propria, mas experimentava uma viva sensação de picadas por todo o corpo, exactamente como si segurasse os pólos de uma forte pilha galvanica. »

O outro exemplo é tirado do *Livro dos Mediums*, de Allan Kardec. O facto succedeu em 1858, nos arredores de Saint-Etienne.

« Uma joven de quinze annos gosava a singular faculdade de se transfigurar, isto é, de tomar em momentos dados todas as apparencias de pessoas mortas;

Europa — Nunca vi gato fugir a filhós, disse-lhe eu. Se a moça é bella e é rica, como lhe foges? Explicou-me lá por umas razões que não pude bem comprehender; mas que accetei, porque entendo que se deve deixar a cada um ir para onde quizer, ainda que seja para o inferno. Ficou-me, porém, um certo incommodo de ver o meu Martim fugir de uma moça de boa familia, muito bonita e muito rica! Ligamo-nos, de nunca mais nos separarmos em Paris. Já sabem: fallando sempre em vocês, quando prosavamos. Martim vivia agarrado aos livros e frequentando os cursos mais afamados da escola de medicina de lá, que não possue nenhum José Mauricio nem Torres Homem. Eu me aborrecia de ver o rapaz, em vez de distrahir-se da paixão procurando os divertimentos que se encontram por toda a parte, em Paris, levar a vida, como um calceta, preso ao estudo. — Martim, isto não te bota para diante, se queres tirar do coração a paixão pela tal Elisa que te infetigou. — Assim é, Cardoso; mas eu ainda não estou em condições de embeber-me com divertimentos. — Ah! não estás? mas olha que para tristezas eu não conheço remedio tão bom como folia. Elle ria e continuava com os demonios dos livros. — Está perdidinho, pensei eu; e, como bom amigo, fiz plano de arrancal-o d'aquella vida. Consegui um dia que fosse passar a noite com minha familia, e achei-o mais bem disposto, talvez porque a Gertrudinha, que é lettrada, conversou muito com elle sobre coisas do Brazil. Lembrei-me depois de comprar bilhetes para a Grande Opera, e quasi que o arrastei. Foi uma feliz inspiração, porque lá estava por acaso a sua Dulcinéa, que foi o mesmo que romper a luz para quem está em trevas. Vocês querem saber de uma coisa? Vou tomar chá para depois continuar. Quem chega de longa viagem maritima acha prazer immenso em comer em terra. Venha o chá.

(Continúa)

a illusão era tão completa, que se julgava ter a pessoa em presença, de tal modo eram semelhantes os traços physiognómicos, o som da voz e mesmo o modo de falar. Esse phenomeno renovou-se por centenas de vezes sem que para isso a vontade da joven contribuisse em coisa alguma. A moça tomou por diversas vezes a apparencia de seu irmão, morto alguns annos antes; tinha d'elle não só o rosto mas também o talhe e o volume do corpo. Um medico do logar, muitas vezes testemunha d'esses effeitos extraordinarios, querendo certificar-se que não era o juguet de uma illusão, fez uma experiencia.

Esses factos foram narrados por si proprio, pelo pae da joven, e por varias outras testemunhas oculares, muito respeitaveis e dignas de fé. Elle teve a idea de pesar a joven durante o seu estado normal, depois durante a transfiguração, quando ella tinha a apparencia do seu irmão com a idade de vinte e poucos annos. Pois bem! reconheceu-se que n'este ultimo estado o peso era de quasi o dobro. A experiencia era concludente, e impossivel seria attribuir essa apparencia a uma simples illusão de optica.

Apezar d'esses dois factos serem citados por Miss Kinsbury como exemplos de transfiguração, a produção da barba, dos cabellos castanhos, e o augmento de peso, são phenomenos indicando sufficientemente que um processo de transformação se observa, admitindo todavia a exactidão dos factos relatados. Infelizmente, os detalhes de observação e os attestados directos das testemunhas oculares nos faltam para podermos confirmar esses factos, cuja importancia é enorme, no caso de serem elles authenticos.

Um ponto notavel a seu favor, é que elles não estão em contradicção com o principio sobre o qual se baseia toda a materialisação, e que elles formariam d'esse modo o grau transitorio e inicial da transformação d'um corpo organico n'um outro, sob a acção d'uma força organisadora desconhecida.

Eis chegado o momento de mencionarmos uma outra especie de observações que apoiam também a theoria das transformações, mas que, infelizmente, são tão raras e tão insufficientemente descriptas como as precedentes.

Assim, temos o facto seguinte, narrado pelo Sr. Sinamons n'um dos congressos da Associação Nacional dos Espiritualistas, effectuada em Londres no mez de dezembro de 1876:

«O Dr. Newbrough lhe contára como elle ligou, para esse fim, a Sra. Compton, com cordas enceradas, e como ficou no soalho seu vestido de alpaca escura. Depois de tel-a prendido por esse modo, foi tomar o seu logar no circulo dos assistentes, o qual se achava do lado de fóra, e em seguida vio-se sahir do gabinete uma fórmia que era mais pequena que a Sra. Compton, e que estava toda vestida de branco; seria preciso, disse elle, trinta ou quarenta metros de panno para confeccionar esta vestimenta. O doutor foi convidado para entrar no gabinete, e ali nada mais encontrou que não fosse a cadeira vazia do medium. Elle tornou a sahir, fallou com o fantasma e lhe pediu um pedaço do seu vestuario. O fantasma disse: «Se cortardes algum pedaço, elle fará falta na roupa do medium» — e acrescentou «que, neste caso, seria preciso presentear-o com um vestuario novo.» N'este meio tempo elle cortou da vestimenta branca um pedaço do tamanho de sua mão, pouco mais ou menos. O fantasma entrou depois no gabinete, e, passado um momento, o doutor foi convidado para ali entrar também, encontrando o medium preso pelas cordas enceradas e a sua saia fixada no soalho como precedentemente; e, no seu vestido negro, encontrou-se um grande buraco, exactamente do mesmo tamanho que o pedaço branco um pouco antes cortado. Mais tarde o doutor cortou um pedaço das vestes negras para

mostrar aos outros assistentes o orificio no qual entrava exactamente o retalho branco. Depois, elle fez examinar e analysar esses pannos, verificando-se que em tudo elles eram semelhantes, embora de cores diferentes. (*The Spiritualist*, 1876—II, pag. 257.)

A mesma coisa foi observada varias vezes nas sessões da Sra. Esperance, onde, quando algum dos assistentes conseguia cortar clandestinamente um pedaço do véo que envolvia a figura materializada, reconhecia-se que algum pedaço do vestido ou da saia da Sra. Esperance havia desaparecido.

Ea não poderia relatar circunstanciadamente essas sessões, porque desde muito tempo não tenho podido registrar-as por causa do enfraquecimento da minha vista. Sei apenas que, no caso da Sra. Esperance, ninguém tem feito experiencias n'este sentido. Isso foi descoberto por acaso, e sempre somente depois da sessão. Durante as minhas sessões em Gothenbourg, quiz fazer uma tentativa d'esse genero, e, para isso, encomendei para a Sra. Esperance um *toilette* especial; mas não tive occasião de fazer esse ensaio, limitando-me a proseguir na observação para a qual fui expressamente a Gothenbourg. Notemos entretanto que, quando se corta algum pedaço com a permissão do fantasma, como no caso a que me referi no *Psychische Studien*, de 1893, p. 341—394, não resulta d'isso surpresa alguma para a Sra. Esperance, e o seu vestido conserva-se intacto.

Se pudessemos estabelecer um só facto d'esse genero, d'um modo indiscutivel, teriamos n'isso também um phenomeno fazendo época, como aquelle a que é consagrado este pequeno trabalho, e, de mais, não só uma prova ephemera e passageira como nos casos de materializações de corpos organicos vivos, mas também uma prova duradoura como os nós de uma corda sem fim obtidos pelo professor Zollner.

No ponto de vista de uma critica imparcial devo reconhecer que o phenomeno de desmaterialização parcial do corpo do medium, a que me refiro, está ainda bem longe de poder ser considerado como positivamente fundado. Seu principal defeito é que elle é *unico e inesperado*; não contando as testemunhas com isso, não podem em presença de tal acontecimento se conduzir com a prudencia necessaria para a verificação de facto tão extraordinario.

Mas, do modo porque está, me pareceu elle sufficientemente firmado em provas para ser o objecto d'esta memoria.

Agora que o facto está reconhecido, não resta mais que uma coisa a desejar: sua *reprodução* nas melhores condições possiveis para uma excellente observação, e sobretudo n'um circulo bem ao facto d'esta questão. Temos para isto um auxilio importante na propria pessoa do medium, que nada quer a não ser uma investigação conscienciosa, e que offereça a esse respeito condições excepcionalmente boas, pois elle não cahê em transe durante a sessão, é accessivel á observação, e por si mesmo é um excellento observador.

Mas, para que este phenomeno possa renovar-se com a Sra. Esperance, é necessario antes de tudo que sua saude se restabeleça, e que sua mediumnidade, suspensa após o abalo physico e moral por si experimentado em Helsingfors, torne a apparecer. Segundo as ultimas noticias que eu tive d'ella, uma melhora de seu estado de saude produziu-se enfim e a sua mediumnidade começa a renascer. Esperemos pois que ella não fique victimada por esta causa, que até á época presente só lhe tem trazido desgostos, decepções e ataques, em troca de toda a abnegação e de todo o devotamento de que sempre deu prova.

Repiofka, Penza, 11/23 Julho de 1895.

ALEXANDER AKSAKOF.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que reifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64). «A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II—V. 41-52

Jesus, no templo, entre os doutores. — Explicação pela nova revelação, de sua vida humana apparente, desde a sua APPARIÇÃO, na terra, chamada «o seu nascimento», até á época de sua vinda a Jerusalem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos; — e desde essa época até aquella em que começou, sob a apparencia de um homem de trinta annos, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão.

(Continuação)

«Desde alguns annos antes de sua vinda a Jerusalem e de sua appareção no templo entre os doutores, Jesus ausentava-se, ás vezes, um ou mais dias; quando se ausentava assim dizia: «Vou orar»; ficava, ás vezes, varios dias na familia, sem participar de suas refeições, bem entendido em apparencia, porque, já vol-o dissemos, Jesus, vista a natureza perispiritica do seu corpo, sob apparencia corporal humana, era inaccessible a toda alimentação material de uso em vossa humanidade.»

«A abstinencia, ou jejum completo de um ou de mais dias, nada tinha de muito admiravel para os hebreus: os mais zelosos praticavam essa abstinencia, esse jejum completo, ás vezes até tres dias.»

Que o medium, que está disposto a regeitar o que não comprehende, procure em suas recordações, e achará, em sua propria familia, um exemplo do que um homem pôde fazer sob os vossos olhos, em vossos dias, em que a alimentação apurada, a molleza dos habitos têm diminuido as faculdades vitaes (1); homens vigorosos, sobrios, endurecidos e habituados, desde a juventude, á abstinencia, ao jejum, não podiam fazel-o? Recordai-vos, não somente dos costumes antigos do povo hebreu, mas dos dos arabes.»

«Em presença da origem spirita de Jesus, da natureza perispiritica de seu corpo sob apparencia corporal humana, que nós vos revelámos e explicámos (n.ºs 14 e 31), dos factos e das circumstancias ignorados e que ficaram secretos até aos vossos dias, para os homens, e que acabamos de vos revelar, relativos ao que, na linguagem humana, chamais: «a infancia do filho de Maria», VAMOS explicar-vos o que se refere á appareção de Jesus no templo, entre os doutores, e dizer-vos o que foi feito d'elle durante esses tres dias que ficou em Jerusalem.»

«Jesus foi apresentado no templo pelo irmão de José e pelo proprio José, como um dos descendentes de David segundo a escala de sua parentela e a descendencia de sua tribo.»

«Tendo passado os dias da festa da Paschoa, José e Maria se foram embora; e Jesus, vos é dito, ficou em Jerusalem

(1) Em 1832, quando o cholera asiatico grassava em Paris, O Sr. Bréard, pae do medium, absteve-se, com effeito, durante quatro dias de toda alimentação, cujas consequências receava em presença d'essa epidemia; e contudo, de saude, tratou, durante esses dias, dos seus negocios.

Os ascetas, nos primeiros tempos do christianismo, offerecem exemplos frequentes de abstinencia ou de jejum completo durante varios dias. No dizer de Sophronio (cap. CXLVII), o papa S. Leão orou e jejuou, durante quatro dias, junto do tumulo do apostolo Pedro.

sem que d'isso elles se apercebessem, pensando que estaria na multidão com alguns dos de sua companhia; caminharam durante um dia; procuravam-no entre os seus parentes e os seus conhecidos, e, não o encontrando, voltaram a Jerusalem para ali o procurar.»

«E' permitido accusar estes factos de inverosimilhança moral, pretender que não é crível que Maria e José, chegando a Jerusalem no momento em que essa capital estava atulhada de estrangeiros, tenham perdido de vista Jesus que era, a seus olhos, um menino de doze annos; tenham tornado a partir e caminhado um dia todo sem notar que esse menino não estava com elles?

«Uma semelhante accusação de inverosimilhança moral não é devida senão a uma temeridade da ignorancia.»

«Jesus, já vol-o dissemos, habituara-se, então desde muitos annos, a uma existencia fóra de vossos habitos e de vossas relações.»

«Acostumados á sua vida contemplativa, e algum tanto selvagem relativamente aos homens, os seus paes não exerciam sobre elle a vigilancia que vós exercéis sobre vossos filhos.»

«Qual é a causa d'essa solicitude dos paes para com os filhos? A fraqueza, a inconsequencia, a ignorancia d'esses jovens seres que lhes são confiados; admitti que elles reconheçam uma razão, faculdades, um desenvolvimento moral, que ponham a creança ao abrigo dos perigos da sua idade; e os paes abster-se-hão d'uma vigilancia inutil de sua parte e fatigante para aquelle que d'ella é objecto.»

«José e Maria acreditaram, como vos é dito, que Jesus estava com outras pessoas, com algum de seus parentes ou de seus conhecidos; e, como eram estes numerosos, caminhando atravez de campos, porque de certo vos não vem á idea que elles seguissem uma estrada traçada, larga e trilhada como as vossas, não se deram ao incommodo de levar as suas indagações alem da sua vista; não foi senão depois de terem feito perguntar d'um para o outro por Jesus, e não o tendo visto ninguém, que elles trataram de o encontrar; não foi senão no fim do dia que souberam que ninguém o vira; nenhuma parada se fizera, durante a marcha do dia, para tomar alimentos; para a maior parte, (e José e Maria eram d'este numero,) os fructos das sebes e das arvores faziam os principaes gastos da refeição durante essa marcha.»

«Tendo José e Maria, como igualmente é dito, voltado a Jerusalem, acharam Jesus no templo, sentado no meio dos doutores, escutando-os e interrogando-os.»

«Tendo-o encontrado, Maria não diz a Jesus: «Meu filho, como viveste sózinho no meio de uma cidade onde és estrangeiro, desconhecido? — Quem te recebeu á sua mesa para te sustentar? Onde te retiraste para refazeres as tuas forças mediante o repouso e o somno?»

«Não; ella não lhe pergunta nada d'isso; exprime-lhe somente a inquietação que a sua ausencia lhe fez experimentar, assim como a José, ficando, sem elles o saberem, em Jerusalem quando devia voltar, com elles, para Nazareth.»

«Se Maria não pergunta a Jesus o que foi feito d'elle durante esses tres dias, não é que ella soubesse que «seu filho» não era da mesma materia que ella propria, mas porque, como já vol-o explicámos, ella sabia que a sua existencia se afastava dos habitos e das necessidades da infancia; o que a experiencia de muitos annos decorridos lhe demonstrara, tendo-o visto praticar a abstinencia, ou jejum completo, durante um ou mais dias, quando elle ficava na familia, e ausentar-se também ás vezes, durante um ou mais dias, sem que houvesse, n'essa alternativa de demoras e de ausencias, NADA de periodico e de regular.»

(Continúa)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Maio 15

N. 389

EXPEDIENTE

MUDANÇA DE SÉDE

A Federação Spiritista Brasileira, por conveniência de melhor instalação do que a que tivera até agora, acaba de transferir sua sede para a rua do Rosario, n. 141, sobrado, onde igualmente se acha instalada a sua livreria e a redacção do «Reformador».

Para ali, pois, deve ser, d'ora em diante, dirigida toda a correspondência.

As sessões terão lugar ás sextas-feiras.

Aos assignantes do «Reformador» pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de suas residencias, a fim de evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

Congresso espiritalista

DE

LONDRES (*)

O Spiritismo no Brazil

PELO

PROFESSOR ALFRED ALEXANDER

(Rio de Janeiro)

(Continuação)

Uma noite, já tarde, estavam os rapazes em seu dormitório, falando acerca do carnaval, e ouviram, como se viesse do interior das paredes da sala, soar um rufo, ou antes, o zabumbar conhecido por *Zé Pereira*, — característico d'essa festa popular.

As pessoas que dormiam no andar inferior foram chamadas, e todas ouviram o estranho rumor. Com alguma difficuldade o Sr. Ballard também levantou-se e escutou, sem subir as escadas; desconfiando, porém, ainda de alguma decepção, collocou-se em posição de poder observar o dormitório. O *Zé Pereira* soou como se viesse da parte interna da parede, produzindo um som semelhante ao que fazem as creanças tocando em um pente. O Sr. Eduardo foi á sala de cima onde mais distinctamente podia ouvir. A seu pedido, diferentes arias foram cantadas, como a *Valsa do Fausto*, a *Marselheza*, o *Hymno Nacional Brasileiro*. — O timbre que lhe causava a mesma impressão que o da copophonia, não podia ser bem classificado, mas, tanto a elle como a todos, parecia partir das paredes do edificio. Em sua origem, esses phenomenos foram naturalmente attribuidos ao local. E' provavel, em todo caso, que as condições para se poderem dar, derivassem de alguma das testemunhas, pois, quando a familia mudou sua residencia da chacara da floresta para o suburbio de Todos os Santos, as manifestações acompanharam-n'a. Ahi tornaram-se mais expressivas, pela dança de uma mesinha ao som

do piano, parecendo effectuar-se isso com o contacto de mãos.

Até ali o testemunho dado vinha confirmar as muitas versões que correm mundo, de casas mal assombradas. Devemos agora relatar um outro incidente de não pequena importancia.

Antes de os Ballard deixarem Jacarépaguá, foram forçados a se convencer de que estavam realmente sendo o joguete de algum ser invisivel e intelligente, que os feria por motivos d'elle só conhecidos; e se julgavam felizes obtendo alguma luz sobre a identidade de seu perseguidor. Foi com esse intuito que começaram a se iniciar nas manifestações da mesa. Os movimentos desta eram violentos, e quando, uma vez, o Sr. Eduardo tentou impedi-la, segurando-a com toda a força, ella desconjuntou-se. Pouca coisa de natureza coerente foi conseguida. O nome *Alberto* foi uma vez soletrado, e depois as lettras *k, o, f, f*, e parte de uma palavra: *perse...* (perseguido?). Mostrava-se ahi alguma allusão a thesouro escondido e vontade de indicar isso a seus parentes. Na manhã que se seguiu á recepção d'essa mensagem fragmentaria, o Sr. Ballard e seu filho mais velho sahiram em busca de informações sobre os primeiros moradores da casa. Casualmente encontraram um homem negro, chamado *Sancho*, que era um dos mais antigos habitantes do districto. Interrogaram-n'o em relação ao nome recebido e, mesmo, aos phenomenos que haviam testemunhado. Segundo as respostas de *Sancho*, trinta e cinco annos antes essa casa pertencia ao visconde de Souto e era situada no meio de uma plantação. Esse visconde tinha um administrador chamado *Alberto Francez*, ou *Francez*, a quem se reputava a fama de ser demasiado cruel com os escravos. Seguido sempre por dois enormes cães, fazia suas rondas nocturnas para vigiar os carvoeiros; e se n'alguma occasião encontrava algum adormecido, despertava-o a chicote e, ás vezes, fazia-o voltar á casa para mettel-o no tronco.

Na residencia de um seu amigo, em Todos os Santos, os Ballard encontraram o sr. Maia Lacerda, engenheiro de profissão e medium bem desenvolvido. Falaram-lhe de suas extraordinarias experiencias em Jacarépaguá, mas sem mencionar o nome dado pela mesa, nem a informação de *Sancho*. Depois de alguma concentração, o Sr. Lacerda disse que se tratava de um suizo chamado *Alberto Isalpeault* que, sendo perseguido no mundo espirital por dois ex-escravos, buscava provocar a sua attenção e obter o auxilio de suas preces e sympathia. Elle prometteu fazer tudo o que pudesse para cessar essa perseguição. O Sr. Lacerda affirma lembrar-se d'essa comunicação, recebida primeiro verbalmente e confirmada depois por escripto. Um outro medium, chamado *Nascimento*, que foi por duas vezes consultado a tal respeito, prometteu uma immediata diminuição d'esses incommodos. A noite seguinte, diz o Sr. Ballard, foi pacifica. Na segunda entrevista, *Nascimento*, apesar de não haver recebido informação alguma sobre as outras comunicações, disse, como opinião sua, que se tratava de

um estrangeiro que tinha vivido outrora em Jacarépaguá, ou possuido ali uma propriedade. O sr. Eduardo cre que n'esta comunicação o nome também foi dado, mas que o medium esqueceu-o. Com os esforços d'esses dois spiritas coincidiu a gradual diminuição, até cessação final, da perseguição.

Além dos Ballard, outros inqueriram sobre a identidade de *Alberto Francez*, entre os antigos moradores de Jacarépaguá. Parece que esse personagem alli viveu em companhia dos escravos negros, no tempo em que essa propriedade pertencia ao visconde de Souto. São passados já muitos annos depois disso, e não foi possível obterem-se esclarecimentos mais detalhados.

O Sr. Ballard foi demittido do seu logar no governo do presidente Floriano Peixoto, mas reintegrado no do presidente Prudente de Moraes; e elle conta que os phenomenos se reproduziram na administração temporaria de seu successor.

Elle recebeu depois uma carta da Hespanha, de pessoa desconhecida, falando-lhe de dinheiro occulto na chacara da floresta. O correspondente se offercia para vir ao Brazil e indicar o esconderijo, comtanto que lhe fosse cedida a metade do thesouro achado. O Sr. Ballard nunca respondeu a essa carta.

Presentemente, na familia do Sr. Arthur Vianna, assaz conhecido do autor d'estas linhas, como um spiritista serio e testemunha fiel, têm-se dado manifestações que transpõem as raías das sugestões usuas da agencia extra-corporal. Elle e sua familia julgam-se sob a protecção e guia de um espirito familiar, chamado *Decio*, que, além de comunicar-se pela escripta automatica e pelo somnambulismo, tem se feito occasionalmente ver e ouvir por diversos membros da familia. Duas pessoas são ahi mais especialmente sujeitas a essas experiencias: D. Clotilde Chaves, cunhada do Sr. Vianna, e Zelia, a segunda de suas filhas menores, que, quando começava a falar, chamava-se a si mesma de *Neneng*. Em 1895, quando Zelia estava no seu segundo anno de idade, foi atacada de tosse convulsa, occasião em que também soffria com o difficil apparecimento de quatro molares. Recebeu-se complicação de uma meningite, e *Decio*, prescrevendo, como costumava, por intermedio de D. Clotilde, fala de uma perigosa operação que elle desejava evitar. Se os dentes não se mostrassem até á manhã seguinte, era preciso operar. As 10 horas da noite, a menina, collando sua mãozinha á bocca, como protegendo-a, disse em sua linguagem imperfeita: «Papai — ferro — Nenem — não.» Ella estava com muito medo de ficar no leito, e d'ahi em diante, até 3 horas da manhã, quando no collo da pessoa que a cuidava, ella repetiu as mesmas palavras e o mesmo gesto com o regular intervallo de uma hora. Ao amanhecer, examinou-se a boca da creança, encontrou-se sangue na gengiva inferior e no logar dos dois molares pequenas incisões, como se feitas por uma lanceta. Essa operação cirurgica espirital foi logo seguida da cessação dos symptomas ameaçadores, vindo os dentes sem mais difficuldade.

Em outra mensagem, *Decio* declarou ter sido elle o operador. Zelia via-o sempre sob a figura de um joven parecido com seu pae. D'ahi o nome de papai *Decio* que lhe dava.

O mez de margo de 1896 foi também um tempo de grandes anciedades e notaveis experiencias para essa familia. A 14, falleceu D. Gulhermina, irmã da madrastra do Sr. Vianna. A 21, *Decio* communicou que se ausentava por algum tempo e que não o chamassem, mas que, se houvesse alguma occorrença seria, elle faria sentir a sua presença. A 27, Zelia, que contava então 2 annos e 5 mezes, foi accommettida de febre palustre que em pouco apresentou um caracter typhoide. Apesar da gravidade do caso, o Sr. Vianna não consentiu que evocassem *Decio*. Elle consultou um medium de fóra e, sem resultado algum, applicou os medicamentos homeopathicos que por seu intermedio lhe foram aconselhados. Na noite de 28 a febre tocou o seu auge. A doentinha, que estava, havia muito, sem falar, ás 4 horas da manhã, no regaço de D. Clotilde, exclamou inesperadamente: *Papai Decio está ahi*, accrescentando com emphasis: *Fê, titia — fê, titia — fê, titia!* Então D. Clotilde viu também *Decio* de um lado da sala e ouviu-o dizer-lhe que tomasse o lapis. Assim fazendo, ella recebeu uma mensagem aconselhando algumas alterações no tratamento e a immediata remoção da enferma para o andar superior. Sob a direcção da escripta automatica, foram tomadas energicas medidas para debellar a febre que, apesar disso, continuou nos tres seguintes dias. Na noite de 31, pelas 11 horas, o Sr. Vianna viu o espirito de Gulhermina á porta do quarto da enferma. Respondendo á sua expressão de surpresa, o espirito falou-lhe, dizendo que lhe haviam permitido vir auxiliá-lo; que Zelia, se bem que estivesse mal, ia melhorar com os remedios prescritos por *Decio* e que ás 3 horas da manhã seguinte estaria salva. Dada essa comunicação, o espirito desapareceu. Sómente o Sr. Vianna viu-o, mas sua madrastra, que estava presente, teve a intuição de que o estava vendo. Exactamente á hora indicada a febre começou a declinar. A familia ainda foi, em outra comunicação de *Decio*, prevenida de que, durante a convalescença, a meaina ficaria algaída e com um aspecto cadaverico. Por esse motivo não se assustaram com essa phase, mas tomaram todas as providencias para impedir os accidentes que se pudessem tornar fataes. Esse prognostico realizou-se á risca; a temperatura da enferma, que durante a febre havia subido até 41°, 3 centigrados, diminuiu até 34°. Segundo as instruções de *Decio*, o periodo de abatimento foi desaparecendo successivamente, e Zelia, restabelecida das consequências de sua molestia, é hoje a mais forte e sadia das filhas do Sr. Vianna.

Em outra occasião urgente, uma pessoa totalmente inexperiente, na ausencia de um profissional, operou como um habil cirurgião, seguindo as indicações recebidas pelo lapis automatico.

Um raro exemplo de solicitude por aquelles que se esforçam pelo progresso espirital, foi também dado por interme-

(*) Ver as nossas edições desde agosto de 1898.

dio da mesina menina, de cuja enfermidade acabamos de falar. Isso ainda nos vem demonstrar que o maior prêmio que o céu nos concede n'esta vida, é a oportunidade de fazer o bem, embora á custa de dissabores e mesmo de sacrificio pessoal. Zelia disse uma vez espontaneamente a seu pai que elle ia ter um premio na loteria e que esse premio seria o enterro de um anjinho. O Sr. Vianna tremou, pensando que isso se referisse a algum caso de morte em sua familia; contudo escondeu seus temores; mas, no dia immediato, viajando em um trem dos subúrbios, elle ouviu dizer que se havia encontrado um cadaver na estrada, fóra da estação. Obedecendo a um impulso de momento, foi alogar e ali viu, n'um rego, uma creança abandonada que acabava de expirar. Piedosamente tomou conta do corpo e, obtido o consentimento das autoridades, providenciou sobre o enterro a expensas suas e de seus amigos. É notavel que n'aquelle dia, antes de o Sr. Vianna voltar á casa e de chegar aos ouvidos de sua familia a noticia d'essa aventura, ouvissem Zelia exclamar: «Dei hoje a sorte grande ao papá.»

No começo de suas experiencias, essa boa gente ouviu, por duas vezes, os sons combinados de um órgão e de uma harpa, sem que nada, na casa ou na rua, pudesse lhes indicar a origem d'essas impressões auditivas. A musica era uma Ave Maria realmente bella e desconhecida dos ouvintes e durou, uma vez, por espaço de meia hora. Por duas vezes tambem se deram ali factos de *transporte*, quasi inesperadamente. Na tarde de 18 de agosto de 1897, estando remidos em familia, brancas petalas de rosas, cobertas de orvalho, foram de repente lançadas sobre a mesa, parecendo salirem da bocca de D. Clotilde, que sentiu então darem-lhe uma pancada na nuca. A 3 de outubro do mesmo anno, appareceram tres pedrinhas debaixo da mão estendida d'esse medium, convencendo-se o Sr. Vianna de não ter sido isso o producto de fraude alguma. Para completar esta breve referencia aos citados phenomenos physicos, vamos dar um exemplo conclusivo do interesse directo e particular visivelmente tomado por agentes invisiveis pelo bem de varios membros d'essa familia.

Uma sobrinha do Sr. Vianna adoeceu de febre biliosa, e, quando inutilmente se buscava alliviar-a da cephalaigia, uma communicação por escripta directa, assignada Decio, foi dada á margem de um cartão photographico, recommendando que friccionassem a paciente com vinagre, o que foi feito com o melhor resultado. O autor, que já possui bastante conhecimento pratico das varias classes de provas que se podem encontrar no Brazil, deve insistir sobre a candura e boa fé das pessoas que lhe attestaram as citadas provas de evidencia.

Pela descripção feita se vê que as apparicoes de Decio e Guilhermina eram do typo ordinario dos fantasmas de mortos. Poucos exemplos de allucinações podem ser apresentados, affectando simultaneamente os sentidos da vista, audição e tacto, chamados materializações, pois são muito raros no Brazil. Contudo fallase de alguns casos que parece terem alguma semelhança com os phenomenos que se diz occorrerem com o concurso e presença da Sra. d'Esperance e outros. Assim, um velho barqueiro, que viveu ha uns 12 ou 13 annos, em Santa Catharina, possuia provavelmente alguma coisa d'essa especie de mediumidade. A voz do povo dizia que elle evocava os mortos com suas *vezas*, ou formulas de oração. O Sr. major Rodopiano, indo em commissão do governo a essa provincia, encontrou o dito velho em casa de um spirita e d'elle obteve uma feliz prova.

Desejando o major ver seu pae, o medium retirou-se para um aposento interior, onde, sem duvida, se entregou ás suas preces. N'esse interim, á porta, formou-se uma nuvem, da qual se destacaram a cabeça, o tronco e os membros de uma figura humana. Era o *fac simile* do

evocado. Sômente, por muito pouco tempo a apparição mostrou conservar sua integridade, desaparecendo rapidamente. A cabeça, que foi o ultimo membro a dissolver-se descendo até o solo, evaporou-se. Finda a prova, o velho sahiu do seu retiro com os olhos vivamente brilhantes e o corpo em profusa transpiração.

As narrativas que se seguem demonstram sufficientemente que no Brazil ha pessoas a quem as provas do contacto do mundo espirital são fornecidas com tal frequencia que se pode dizer formar isso a condicção normal de sua vida.

Algumas dellas se referem a phenomenos physicos, e sua evidencia baseia-se nas affirmações de testemunhas sensatas e dignas de fé. Além d'isso, para satisfazer ás exigencias dos investigadores scientificos, o autor se previne convenientemente para que cada caso particular de telekinesis não possa ser antes o producto de accidentes naturaes, como a allucinação, illusão e embuste. Se, porém, se considerar collectivamente os casos d'essa especie, sua força evidencial augmenta. Um relógio que pára no momento do fallecimento de seu dono pode não nos offerecer mais que um exemplo de coincidência; se, porém, a parada de centenas de relógios coincidir com um fallecimento, ha motivos para supôr-se uma relação de causa e effeito. É essa uma prova em favor da realidade dos phenomenos telekineticos, que se apontaram como um aviso apparente de morte. Como os quadros do passado vão perdendo a sua accentuação com o afastamento, podem dar-se accidentes physicos, inexplicaveis pelas causas communs, que os venham reviver e sejam considerados avisos ou advertencias pelos parentes ou amigos distantes.

(Continúa)

NOTICIAS

Conta o *Progressive Thinker*, de Chicago, o seguinte, que damos em resumo:

«Vive em Indianopolis uma senhora casada, Mrs. J. W. Oliver, maior de 60 annos, com quem se estão dando factos que a todos pasmam. Quando moça, quizeram seus paes que estudasse musica, mas seus esforços foram inuteis.

Ha cerca de 4 annos, á hora da morte, um seu filho disse que ella receberia brevemente um dom, que seria uma maravilha para o mundo.

Pouco depois Mrs. Oliver escrevia em sua secretária, quando sentiu ser-lhe arrebatada das mãos a penna, e, dominada por uma influencia estranha, começou a bater com as mãos sobre aquelle movel, como se se achasse em presença de um teclado de piano. Revelada por essa forma sua faculdade musical, seu marido, por inspiração, fez-lhe aqvisição d'esse instrumento, e desde então Mrs. Oliver, que não conhecia uma unica nota de musica, toca admiravelmente todas as partituras que se lhe apresentam, sem saber o que n'ellas está escripto!

Grandes mestres, pessoas de firmada competenciam têm presenciado, maravilhados, o facto, mas não o explicam de modo algum. A musica classica é a sua predilecta, a musica ligeira lhe é impossivel executar. Mais interessante ainda é que a executante só aprecia o que toca pelo que lhe dizem os ouvintes, pois que opera quasi sem consciencia. Mrs. Oliver não é spirita e nenhum de seus filhos tem inclinação pela musica.»

Surge d'ahi um mysterio.

Terá o espirito incarnado n'essa senhora sido outr'ora um musico, cujas aptidões assim despertem agora?

Elia não tem o sentimento d'essa arte, nem mesmo a aprecia; de sorte que só podemos ver n'isso a existencia de um instrumento docil de que os espiritos se

servem para mais uma vez provarem que se podem relacionar commosco e, ainda mais, mostrar-nos como o podem fazer servindo-se de um ser material qualquer. Assim, achamo-nos em presença de um medium puramente mecanico.

Sociedade Psychica de S. Paulo

Sob esta denominação, acaba de fundar-se, no vizinho Estado, uma associação que se propõe «o estudo e o desenvolvimento do occultismo», segundo o declara em sua circular, de que fomos gentilmente distinguidos com um exemplar, que archivamos.

A sociedade terá como órgão de suas idéas, e como meio de as vulgarizar, uma revista que se intitulará *Revista da Sociedade Psychica de S. Paulo* e cujo apparecimento é annuciado para breve, na circular á que nos referimos.

É com a maior satisfação que registramos esse facto, porque de taes estudos, emprehendidos com verdadeiro criterio e imparcialidade, estamos certos de que o resultado será no sentido de fortalecer a nova crença, pela documentação experimental das suas bases, que não são outras senão essas forças invisiveis e intelligentes, occultas aos indifferentes ou aos desdenhosos, das quaes, como da natureza em suas manifestações polyformas, faz o occultismo o seu campo de analyse e de investigação.

Aos novos campeões acompanhem os nossos mais cordiaes votos por que a sua tarefa, corajosamente emprehendida, seja levada ao desejado termo, e praza aos céos que sempre nos encontremos, lado a lado, em um mesmo terreno de aspiração commum: elles, no ponto de vista exclusivamente scientifico, nós, sem do modo algum o desprezarmos, acceitando a par d'isso as revelações superiores; uns e outros, tendendo, em harmonia de objectivo, para a descoberta da VERDADE.

O *Harbinger of Light* publica o seguinte, observado por um sabio francez, por meio de um aparelho por elle inventado; a descripção é em tudo conforme com o que dizem a respeito os clarividentes mais dignos de fé.

Chamado para junto do leito de um moribundo, elle para lá conduziu seu aparelho, e assim descreve o que viu:

«Um subito estremecimento, agitando o corpo, annunciou-nos a chegada do momento supremo. Eu e um amigo que me auxiliava collocámos nossas cabeças sob a capa negra do aparelho e fixámos nossas vistas no objectivo. As particulas de pó em suspensão no ar se apresentaram com dimensões milliares de vezes maiores, e, durante um instante, seu movimento violento formou uma nuvem a nossos olhos.

Então uma tenue columna de vapor violaceo, condensado em uma massa flo-cosa, se mostrou claramente acima e ao redor do corpo. As particulas parecia perseguirem-se umas ás outras como se obedecessem a uma attracção central. Condensando-se cada vez mais, a verdadeira nuvem tomou a forma vaporosa de um homem, depois rarefez-se rapidamente até ter a transparencia do mais perfeito crystal. Nesse momento reinou em torno de nós um sentimento de religiosa calma. Uma sensação inexprimivel nos prendia ao instrumento, ao passo que nossos corações parecia terem suspenso as

pulsações. Nossos olhos não se afastavam do vidro. Uma após outras, as particulas se foram grupando até reproduzirem a forma exacta do homem, como pudemos reconhecer perfeitamente. Essa figura fluctuava cerca de um pé acima do corpo, ao qual estava distinctamente presa por um cordão delicado. O semblante era, sem duvida alguma, o do moribundo, porém denotando mais calma e tranquillidade. Os olhos estavam cerrados, e o *perispirito* parecia dormir.

Por um duplo impulso, ambos sentimos o desejo de que elle despertasse. No mesmo instante o laço que o prendia ao corpo, partiu-se, e um ligeiro estremecimento percorreu essa bella imagem de um desenho perfeito. Uma chamma violacea brilhou no lugar onde devia estar o coração. Elevando-se, lançou um olhar triste sobre o corpo abandonado, estendeu-lhe a mão direita como para dizer-lhe adeus e desapareceu condensando-se sob a forma de uma pequena esphera, que se perdeu na aurora de uma eterna manhã.

COLLABORAÇÃO

Penas eternas

A crença em uma eternidade de penas não foi das menores causas do acabrunhador atheismo que tanto tem abatido a humanidade n'estes ultimos tempos.

Franqueza por franqueza, haverá alguém que acredite que ha, um Deus que se compraz em ver soffrer *per omnia secula seculorum* um infeliz que não teve força bastante para resistir ao peccado? Porque o peccado nada mais é do que fraqueza do espirito diante das mil ciladas que lhe arma a carne. Enquanto o homem reveste o seu involucre organico está sujeito a tentações de todo genero que o desviam do caminho do dever. Pelos sentidos é a alma attrahida para tudo quanto não lhe serve de alimento, d'este alimento que nunca apodrece e que é o pão da vida, de que falou Jesus-Christo.

Com muita dificuldade, só depois de muitos padecimentos e tribulações, conseguimos um pouco da sabedoria christã, e ainda assim, se não nos vigiarmos cuidadosamente, nada nos é mais facil de acontecer do que perder esse pouco que vale por todos os thesouros da terra.

Qual de nós se poderá gabar de poder arrostar impunemente o mundo sem medo de macula? O que assim pensasse, só por pensal-o teria dado mostras de que bem perto está de sua queda. O que assim pensasse revelaria o orgulho, que é o peor escolho para uma alma christã, cuja primeira virtude é a humildade.

Somos fracos, extraordinariamente fracos, e tanto é isso evidente que, sem uma vigilancia continua, sem a oração, sem o temor de Deus que é o principio da sabedoria, como já o dizia Salomão, não poderemos dar um passo sequer no caminho de nosso aperfeiçoamento.

Eis porque diz o autor da Imitação de Christo, d'esse livro piedoso cuja leitura não será nunca assaz recommendada: «Cada qual deve, pois, ter muito cuidado acerca da tentação e velar em oração.»

O proprio salvador do homem disse: «Eu tenho-vos dito estas coisas, para que tenhais paz em mim. Vós haveis do ter afflicções no mundo, mas, tendo confiança, eu venci o mundo» (S. João cap. XVI, vers. 33).

Porque motivo diria o Divino Mestre que venceu o mundo, sendo elle a perfeição unica sobre a terra, senão para dar a entender que até elle lutou?

E de que natureza então não é essa luta, em que até se empenhou o justo dos justos? Não será, portanto, superior ás nossas forças? Sobre este ponto não resta a menor duvida, tanto assim que, sem o auxilio divino, nada, absolutamente nada fazemos.

Eis a prova irrecusavel de nossa fraqueza, eis porque peccamos.

E não saberia o Omnipotente, em sua presciencia, que sua creatura podia succumbir?

Pelo dogma catholico, é o que parece, mas isso repugna á razão mais curta, e ninguém, com certeza, tomará a serio um castigo que a mais arrojada imaginação não pode conceber. Não, o inferno já deu o que tinha de dar; os tempos são outros e outra é a orientação dos homens sobre as coisas divinas, em que elles não podem deixar de reconhecer uma misericórdia infinita, condição unica de nossa salvação.

Pois se até Jesus luctou para vencer! Não dirá isso o bastante para comprehendemos a gravidade dos perigos que nos cercam? Quem ousará esperar o triumpho? Não; não é admissivel semelhante aberração do bom senso, que só podia fructificar em epochas em que, para manter o espirito, necessario se tornava dar força á letra. Mas o espirito já vai se destacando do fundo grosseiro da forma, e é por isso que o Evangelho vai se impondo, sublime de verdade, consolador de esperança, fulgurante de consolação. Mas, mesmo no Evangelho, haverá alguma coisa que faça suppor uma punição eterna?

E' o que procuraremos brevemente examinar.

OLIM.

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO II

OS MEDIUNS ESCRIVENTES

Mediumnidade mecanica

(Continuação)

Poder-se-ia estranhar ver um cordão fluidico servir de vehiculo ás vibrações perispiritaes determinadas pelo pensamento, mas não se deve esquecer que esse phenomeno é analogo ao que se produz no photophone imaginado por Gaham

FOLHETIM (30)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAR

PRIMEIRA PARTE

XXX

— *Infandum, regina, jubes*, exclamou o Cardoso, depois de ter tomado duas chicharas de chá, e de ter feito pr'fusa apothecose do café e dos bolos da mãe Martha, que já não era quem dantes fôra. Vou continuar a minha historia... minha, não, do Martin. Tanto que o nosso amigo deu com os olhos na sua estrella, soltou um brado, que chamou a attenção dos vizinhos, felizmente uns ignorantes que não sabem portuguez: — lá está Elisa, Cardoso — olha, lá está ella!

Olhei e vi uma moça quasi tão bella como a Gertrudinha, que para mim é a mais bella das mulheres, principalmente quando fica arrufada com ciúmes.

— Oh! Martin, disse-lhe eu quasi tão entusiasmado como elle: quem possui o coração de uma mulher d'aquellas, e foge de banhar-se no amor que o enche, ou é tolo ou pede ao diabo que o carregue.

— Não é assim, disse-me, cahindo em profunda tristeza. Eva era linda como o mais limpido pensamento de Deus — e, no entanto, arrastou o marido á perdição.

Bell. O celebre inventor americano construiu um apparelho em que a luz serve de vehiculo ao som. No telephone o movimento da placa vibratoria, diante da qual se fala, substitue o magnetismo de um iman. Essa modificação determina um movimento electrico que, reagindo sobre o iman do apparelho receptor, acciona por sua vez a placa, cujas vibrações reproduzem um som identico ao que foi emitido na embocadura do apparelho transmissor. Mas no photophone já não ha fio de comunicação; elle é substituido por um raio luminoso que, deformando-se na embocadura, transporta as vibrações da voz á lamina vibrante de receptor, que reproduz um som identico ao emitido na outra estação.

Podemos, pois, perfectamente comprehendemos como uma vibração oriunda do espirito se propaga, por meio de um cordão fluidico, até ao apparelho receptor, que é o perispirito do incarnado. Chegadas ali, essas vibrações actuam sobre o cerebro do incarnado do modo ordinario.

Admittido isso, vejamos o que se passa no medium. Elle está, desde que o phenomeno principia, absolutamente inconsciente. Momentaneamente, o seu cerebro está quasi totalmente á disposição do espirito, e este serve-se d'elle sem que o incarnado tenha consciencia das idéas que ali se agitam. E' uma verdadeira acção reflexa determinada por uma influencia especial, tendo como intermediario o fluido nervoso.

Esta theoria pode explicar porque certos espiritos dão communicações em que se notam faltas de orthographia ou de estylo, que, quando vivos, não commetteriam.

E' simplesmente porque não encontram no cerebro do medium um instrumento bastante perfeito para transmittir suas idéas. Sabemos, pelas experiencias de Schiff, que as impressões sensorias são localizadas em certas partes da camada cerebral dos hemisphérios, e que quanto mais se desenvolvem, pelo estudo, as faculdades do espirito, tanto mais sensiveis são as cellulas; de sorte que, quanto mais instruido é um medium, tanto mais impressionavel é seu cerebro, e, ao contrario, quanto mais desprezada foi a sua cultura intellectual, tanto menos apto é elle para dar as inspirações dos seus guias.

— Historias da Biblia, meu Martin — invenção dos padres que, por ser-lhes vedado tocar no delicioso fructo, fazem por que ninguém o toque.

Qual! O Martin cada vez mais sorumbático ficava, como quem tinha u'a mão que o puxava e outra mão que o empurrava. Como diabo ha de ser isto? pensei eu. O melhor é atirar com este sujeito á fogueira e deixal-o arder logo de uma vez.

— Sr. Martin, em terra de mouros, os christãos se ligam como se fossem irmãos — e, pois, eu vou visitar aquella gente de minha terra, que encontro n'este mundo desconhecido. Quer vir commigo?

— Deus me livre! exclamou.

— Deus te livre de que, meu patife? Se não queres a moça, não é isso razão para deixares de alegrar teu coração, vendo gente da terrinha. Vamos; trocamos dois dedos de prosa, e ella para um lado, e nós para outro.

— Mas, se eu d'ella fugi, como procural-a?

— Não foste tu que a procuraste, foi ella que te procurou. Ella é que veio atraz de ti.

— Não sei porque estas minhas ultimas palavras causaram tal impressão no rapaz, que estremeceu todo e exclamou: — é verdade! Ninguém pôde fugir a seu destino! Vamos.

— Eu não esperei por segunda ordem e, como estavam n'um entre-acto, parti, levando pela mão o meu imbecil. Chegando á porta do camarote, o Martin tremia como varas verdes e tentou evadir-se; mas pareceu coisa do diabo: mal arrancou a mão da minha, a moçoila surgiu junto de nós, como se nos esperasse, e, n'um contentamento, que podia ser tomado por loucura, cumprimentou Martin e levou-o para onde estavam o pae e a mãe, que de alegria quasi desfalleceram.

— Toda aquella gente adora o Martin, pelo menos tanto como o tio Anselmo a mim.

— Também, em pouco tempo, o Martin partilhava o contentamento geral, o que me fez lembrar as bellas lições do nosso

Supponhamos, por exemplo, que o espirito que se manifesta queira exprimir esta phrase: « Deus é a causa efficiente do universo »; elle fará vibrar as cellulas nervosas dos hemisphérios cerebraes do medium de modo a fazel-o escrever essa phrase; mas, se o incarnado não fixou no cerebro a palavra *efficiente*, elle a traduzirá por uma outra expressão, mais ou menos equivalente, como esta: « Deus é a causa actuante do universo »; e, se essa operação se reproduz grande numero de vezes, o espirito terá dictado uma boa comunicação, mas esta terá sido mal transmittida pelo orgão. O mesmo se dá com um musico, por mais perfeito que seja. Se elle não tiver á sua disposição senão um instrumento imperfecto, não conseguirá nunca, apesar de todo o seu talento, fazer ouvir uma melodia pura.

Prevemos aqui uma objecção que não deixarão de nos fazer; é a seguinte: tem-se visto, muitas vezes, mediuns receberem uma comunicação em lingua que lhes é desconhecida, como, por exemplo, o inglez, e mesmo escrever paginas inteiras n'esse idioma. Para responder a essa observação, diremos que o medium deve ter, em incarnação anterior, habitado o paiz em que se emprega a lingua de que se serve o espirito, e que guardou no seu perispirito a impressão d'essa passagem. São essas reminiscencias inconscientes que o espirito revela por um instante e de que faz uso. Isso está conforme com o que notámos no capitulo em que tratámos do perispirito, relativamente aos progressos rapidos de que certas creanças dão o exemplo; nós os attribuímos ás faculdades adquiridas, encerradas no perispirito em estado latente.

E' preciso tambem levar em conta, n'esse genero de manifestação, a flexibilidade do medium, isto é, a aptidão que elle tem para transmittir certas idéas. Se o espirito encontra um cerebro bem apparelhado, pode desenvolver seu pensamento; se, porem, quer falar sobre um assumpto absolutamente desconhecido do medium, difficilmente encontra meio de o fazer. Temos exemplos de incarnados que recebem communicações, apesar da sua ignorancia na arte de escrever; mas são raros, e os espiritos preferem se servir de bons instrumentos para manifestar seus desejos.

Para voltar ao caso mais commum, diremos que devemos nos preparar, pelo

Paula Candido sobre o equilibrio da temperatura.

« Não é? Assim como um corpo frio, em contacto com um quente, rouba-lhe calor até se acharem ambos no mesmo grau de temperatura, assim quem está triste, em contacto com quem está alegre, vai ganhando alegria, até ser tão alegre como o outro. Foi o que aconteceu a Martin mettido n'aquelle foco de alegrias.

« Eu fui muito bem tratado. Já sabem: amigo do desejado, Martin fez proezas! Fez mais do que em Itaborahy, quando tentou bifar-me a minha Gertrudinha, que só não pillou porque ella não era para seus beijos.

« No fim da festa, o tal Sr. commendador Muniz emprazou-o para ir passar as noites em sua casa, fazendo-me iguaes offercimentos, que eu bem comprehendi serem *pro formula*. Eu não era desejado. Fui deixar o Martin á casa, e só queria que vocês o vissem: era uma creança para quem o pae tivesse trazido o mais estimado brinquedo. O brin'quedo, para o meu Martin, era a bella moça, em quem não fartava-se de falar, perguntando-me que juizo fazia eu d'ella. Ora; só por isso podem vocês avaliar o desconcerto d'aquella cabeça: pedir a mim juizo, exactamente o que Deus não me confiou, nem eu julgo coisa precisa para se viver.

« Assim mesmo, arrumei-lhe com taes bombas de elogios, que acabei por atordoar de todo o rapaz. Chegou a dizer-me: — Julio pensa muito diversamente de ti; mas eu estou convencido de que elle se engana — e tu é que tens razão. — Já ouviram? Martin chegou a considerar-me com mais juizo do que Julio!

« Pobre de ti, meu Julio, se aquillo fosse verdade, porque, em tal caso, podias commungar depois de ter comido o teu e o meu juizo.

« Como era de rigor, fui, no dia seguinte, agradecer o bom acolhimento que recebi da familia Muniz — e lá encontrei o meu Martin, todo fazeiro e delambido como um dos nossos mais apurados janotas. Ninguém

estudo, para pedir communicações aos nossos guias. Quanto mais fixarmos no nosso perispirito conhecimentos que modifiquem a textura do nosso cerebro, tanto mais capazes seremos de exprimir as instrucções dos invisiveis que se interessam pelos nossos trabalhos.

O que parece apoiar esta theoria da acção reflexa, é que ouvimos muitas vezes dizer pelo espirito: « preparámos seu cerebro para receber as nossas impressões, e hoje sómente conseguimos nos manifestar. »

Tal é, a nosso ver, a explicação da mediumnidade mecanica. Ella nos foi suggerida por esta observação: que os mediuns pouco instruidos, embora dando muitas vezes esplendidas communicações no ponto de vista moral, commettiam, no escrever, faltas grosseiras que o espirito não podia commetter, se dispuzesse livremente dos seus proprios orgãos; devem ellas, portanto, provir do intermediario. Pensámos, um momento, em explicar a mediumnidade por uma acção directa do espirito sobre o braço do medium, mas renunciámos a isso pela serie de razões que acabamos de expor.

Passemos agora a uma outra variedade do phenomeno.

Mediumnidade intuitiva

N'estas communicações não ha mais nenhuma acção reflexa; o espirito não exerce uma acção effectiva sobre o cerebro do medium, não lhe tira a consciencia, contenta-se em transmittir-lhe as vibrações perispiritaes que representam seu pensamento, e o incarnado as sente sob forma de idéas; d'ahi essa denominação de mediumnidade intuitiva dada a esse genero de manifestação.

O espirito estranho não actua aqui sobre a mão do medium, por intermedio do cerebro, para fazel-o escrever; elle não a guia, manifesta-se mais directamente. Sob esse impulso o incarnado dirige sua mão e escreve os pensamentos que lhe são suggeridos. Notemos uma coisa importante: é que o espirito estranho não se substitue á alma do incarnado, porque não podia deslocar-a; domina-a e imprime-lhe sua vontade.

Vimos, acima, que o photophone transmitta as vibrações sonoras por intermedio de um raio luminoso; aqui a acção é identica. O espirito estranho, por sua vontade, imprime ao cordão fluidico movimentos ondulatorios que reper-

diria que era o rapaz que sempre media seus actos e suas palavras pelo estalão da mais rigorosa gravidade. Martin excedia-te, Julio, em fino espirito e polidas jocosidades. A bella Elisa parecia encantada, porém o commendador lançava a barra, na admiração pelo talento do rapaz.

— E' um mimo do céu este seu amigo, disse-me quando nos achavamos a sós; e eu espero em Deus que hei de fazer-lhe a felicidade.

— Bem digno é de sua estima, respondi-lhe; porque tão nobre quanto intelligente — tão intelligente quanto illustrado, Martin foi talhado para as mais elevadas posições sociaes.

— Aprecio o perfectamente, redarguiu. Só lhe falta uma mulher bella, rica e bem educada — uma mulher de salão, para ser o vulto da grande sociedade. E essa mulher é a minha Elisa, que lhe destino.

— Dou-lhe os parabens, commendador; porque não podia fazer melhor escolha.

— Estou convencido d'isso, Sr. Cardoso; e só espero o ajuste formal, para voltarmos ao Brazil, onde se completarão os meus mais ardentes dasejos.

« Fiquei, assim, sabendo que o grão Martin estava alli, estava preso á bella Elisa pelo modo como eu me liguei á bella Gertrudinha. Um mez depois d'isto, esta cara metade do meu ser começou a fustigar-me para voltarmos a Itaborahy, onde não ha francezinhas arrebitadas.

« Ao despedir-me do Martin, pedi-me elle que não se falasse de seus amores, dizendo-me sómente que brevemente será contigo. Eu prometti, mas não sou bahu de ninguém e, portanto, o que ha de ser sabido amanhã, que o seja hoje.

« Vocês não vão pagar-me a visita? Espero os amanhã, ao meio-dia em ponto, para almoçarmos: hotel da Europa — salão e commodos n. 5. »

Dito isto, Cardoso fez duas piruetas, abraçou-nos e a boa velha mãe Martha, e safou-se, dizendo: a Gertrudinha já me espera, zangada pela demora.

(Continúa)

cutem no perispírito do medium; ali essas vibrações, chegando ao cerebro perispiritual, fazem vibrar as partes analogas áquellas por onde foram emitidas no espirito, de sorte que essas vibrações semelhantes despertam idéas da mesma natureza. E' o que se passa além d'isso no caso da palavra. Quando se pronuncia a palavra *homem*, as vibrações sonoras, chegando ao cerebro, o fazem vibrar de uma certa maneira que evoca no espirito de quem ouve a idéa representada pela palavra *homem*. As vibrações perispirituales actuam do mesmo modo, mas sem passar, no caso que nos occupa, pelos órgãos materiaes da audição. E' assim pelo menos que concebemos a transmissão do pensamento. Nesta circumstancia, o papel da alma incarnada não é passivo; é ella que recebe o pensamento do espirito e que o transmite. O medium, n'esse genero de comunicação, tem, pois, consciencia do que escreve, posto que isso não represente, de modo algum o seu pensamento.

(Continúa).

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito sde pele verduo evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64).
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II — V. 41-52

Jesus, no templo, entre os doutores. — Explicação, pela nova revelação, de sua vida humana apparente, desde a sua APPARIÇÃO, na terra, chamada «o seu nascimento», até á época de sua vinda a Jerusaleem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos; — e desde essa época até áquella em que começou, sob a apparencia de um homem de trinta annos, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão.

(Continuação)

« Que tinha sido feito de Jesus durante esses tres dias? »

« Os que ignoram sua origem spirita e a natureza do seu corpo, não fantastico segundo a expressão da ignorancia orgulhosa, mas perispiritico segundo as leis naturaes e immutaveis, que Deus estabeleceu de toda a eternidade, dizem: »

« Quem fez, então, Jesus durante esses tres dias? Esse menino de doze annos não vagueou sózinho de noite; quem o recolheu então? »

« Da parte d'aquelles que tomam Jesus por um homem tal como nós, essas perguntas são naturaes; todavia aquelles que estudaram as linguas e, por esse mesmo facto, estudaram, forçosamente, os costumes orientaes, poderiam confessar que não era raro ver, sob esse céo, homens, creanças, mulheres, passarem a noite ao relento, embrulhados nos seus capotes. »

« Em face do conhecimento que vos demos da origem do Christo, de seu corpo fluidico, de natureza perispiritica, sob apparencia corporal humana, deveis comprehender que «o menino» não ficou embaraçado com a pousada, não teve que se dar ao incommodo de obter a e achal-a. »

« Os que fazem essas perguntas deviam fazel-as com humildade, com o sentimento de sua ignorancia e o desejo sincero de se esclarecerem, e não com uma presun-

çosa incredulidade, negando as manifestações spiritas, a revelação evangelica, e a nova revelação que traz aos homens os segredos d'além-tumulo, a sciencia das relações do mundo visível com o mundo invisível, a luz e a verdade, as vias e meios de progresso intellectual e moral pela sciencia, a caridade e o amor. »

« O que fez Jesus durante esses tres dias, EU-O: »

— « Entrava, á abertura do atrio, com a multidão e sabia com a multidão, quando fechavam o templo. Uma vez sahido do templo e longe dos olhares humanos, desaparecia, desfazendo-se do seu involucro fluidico tangível e dos vestidos que o cobriam e que, confiados á guarda dos espiritos para esse effeito prepostos, eram transportados para fóra da vista e do alcance humanos; — voltava para as regiões superiores onde pairava e paira ainda, do alto dos esplendores celestes, como espirito protector e governador de vossa terra. »

« A abertura do templo, reaparecia entre os homens, retomando esse perispirito tangível e essas vestes que o faziam homem aos olhos d'elles. »

« Quanto á resposta de Jesus á Maria, não foi comprehendida por ella e José, porque a attribuiram, no momento, a José como pae (*aos olhos dos homens*), e não ao pae celeste, cujo reino elle preparava. »

« AQUELLES QUE OBJECTAM que o sentido d'estas palavras: «*não sabeis que é necessario que eu me occupe dos negócios de meu pae?*» era perfeitamente claro e devia sel-o para Maria e José, tendo-lhes o anjo annuciado que elle era «filho de Deus», ESQUECEM que, revestidos de carne, tinham necessariamente a imperfeição das faculdades humanas. »

« Desde o seu nascimento, já vol-o dissemos, Jesus vivia, *aos olhos de seus «pães»*, da vida ordinaria, N'ESTE SENTIDO: QUE OS SEUS ACTOS EXTERIORES NÃO TINHAM SENÃO UM CUNHO DE SINGULARIDADE *relativamente aos homens*, que nada marcava com seu sello a sua origem extra-humana; a impressão produzida pela revelação e pelos factos que se tinham seguido até ao regresso do Egypto, tinha-se pouco a pouco apagado; esta expressão de pae, attribuida a José, foi a *única* coisa que os feriu no momento, e elles não comprehenderam; tudo o que é de carne é obstruido; se a existencia de Jesus não admirava a Maria, assim como a José, quando pensava na origem de «seu filho», a sua intelligencia era muitas vezes velada a esse respeito, tanto mais *quanto era necessario que a natureza do «menino»*, tal como a revelação a annunciara, não fosse ainda conhecida. »

« Não vos admireis de Maria e José attribuirem a resposta de Jesus a José, como pae, e de Maria, dirigindo-se a Jesus, exprimir-se assim: «*Meu filho, eis vosso pae e eu que vos procuravamos, estando muito tristes.*» »

« Maria, vós o sabeis, *julgava-se* mãe de Jesus, por *incarnação humana* e ao mesmo tempo *«divina, miraculosa»*; por isso Jesus chamava-a sua mãe; e José DEVIA, *aos olhos dos homens*, passar por ser o pae de Jesus; *por isso até ahí* Jesus tinha chamado José «*seu pae*»; não vistes o anjo dizer a José, quando elle queria repudiar Maria, que a tomasse por mulher sem denunciar a sua gravidez? José sabia, pois, QUE DEVIA, *aos olhos dos homens*, passar pelo pae do menino; do momento, com effeito, em que, apesar do estado de gravidez ser mesmo *apparente*, a mulher era aceita, o esposo reconhecia-se como pae. »

« José ignorava quanto tempo devia durar esse erro; nós vol-o repetimos, nas relações que tinham entre si, Jesus dava a José o título de pae, o que reportou naturalmente a José o pensamento de Maria. »

« Esta resposta de Jesus era a primeira allusão que elle fazia á missão que tinha de desempenhar; tinha que pronunciar palavras que devessem repercutir no *futuro*. »

« E' vos dit » que Jesus estava, no templo, sentado no meio dos doutores, escutando-os e interrogando-os, e que todos os que o escutavam estavam surprehendidos «com a sua sabedoria e as suas respostas. »

« N'essa idade de doze annos, sob a apparencia da qual Jesus surge no templo, os meninos applicavam-se á leitura, informavam-se da tradição, preparavam-se para estudar os commentarios dos doutores; propunham as suas duvidas aos mestres; mas não é verdade dizer que discutiam publicamente com os doutores. »

« O facto produzia-se; e o menino era provocado a uma discussão publica, quando, ao mostrar uma grande aptidão, podia honrar o mestre. »

« O facto DEVIA produzir-se e produziu-se a respeito de Jesus. »

« Se era estrangeiro em Jerusaleem e não estava addido a nenhum mestre, não se sentou, no templo, desconhecido, no meio dos doutores. »

« Tinha sido, já vol-o dissemos, apresentado pelo irmão de José e pelo proprio José, como um dos descendentes de David, segundo a escala de parentesco e segundo a descendencia da tribu. »

« Foi admittido a falar no templo (José e seu irmão já não estavam com elle no momento, mas Jesus tinha sido apresentado por elles); ao principio foi impellido a responder, pelos doutores, os quaes *eram propriamente levados* a questional-o; depois, tendo tomado logar, travou então a discussão, dando-lhes, por sua vez, a lição. »

« Não vos acontece, a vós que não escutais os meninos, prestar ouvido attento áquelles que vos parecem mais intelligentes, mais desenvolvidos do que a sua idade comporta? E não quereis que, admirados, maravilhados das primeiras respostas de Jesus as perguntas a elle dirigidas, e das primeiras perguntas por elle feitas, elle tenha sido impellido a falar por aquelles mesmos com os quaes veio a discutir? »

« Os doutores sabiam que elle era um descendente de David; mas (e não é inutil fazer-vol-o notar,) *quanto á sua identidade com o menino annuciado pelos magos*, teria sido difficil aos doutores, quando mesmo tivessem pensado n'isso, *constatal-a*, não sabendo, ao certo, em que familia da tribu elle nascera, e tendo a matança dos meninos produzido completa tranquillidade a respeito do Messias. »

« Depois da discussão publica no templo, depois que Maria e José o tornaram a encontrar, e depois de sua resposta á Maria, Jesus foi-se com elles e veio para Nazareth, onde ficou com Maria até á época em que, sob a apparencia de um homem de trinta annos, começou, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão. »

« José morreu algum tempo depois d'esse regresso a Nazareth; a sua missão estava acabada. »

« Que fez Jesus durante esse periodo de dezoito annos, desde o regresso a Nazareth até á época do começo de sua missão publica? »

« A sua vida humana apparente passou-se no labor manual e na pratica do amor, isto é, da bondade e da caridade para com todos os que o rodeavam. »

« Passava por viver retirado e procurar a solidão; cumpria todos os deveres ostensivos da humanidade, no ponto de vista da existencia de familia e das relações com seus «pães» e seus vizinhos, submettendo-se, *aos olhos dos homens*, á lei do trabalho, lei que elle devia fazer adoptar como a maior, a mais justa, por homens que, como vós, se revoltaram sob o seu jugo. »

« Jesus, tendo vindo para pregar com o exemplo, deu o exemplo; mas, nós vol-o repetimos, a sua vida exterior não era intima e vulgar como a vossa, e o gosto que elle parecia ter pela solidão o impediou de estar submettido a todas as exigencias da vida commum, gosto que Maria comprehendia e favorecia; porque, como já vol-o dissemos, ella estava, sob

a influencia de seus espiritos protectores, disposta a auxiliar a maneira de viver de seu «filho. »

« Fóra do tempo consagrado á pratica da lei do trabalho, pelo labor manual, da bondade e da caridade, ao cumprimento de todos os deveres ostensivos da humanidade, «*elle ausentava-se*, parecendo, *aos olhos de Maria e dos homens*, dividir ASSIM o seu tempo entre os deveres humanos e a prece, e sem jamais ter parecido tomar nenhuma refeição, nenhuma alimentação humana, na familia ou algures, entre os homens. O que vos dissemos a este respeito para o periodo d'alguns annos que precedeu á idade apparente de doze annos, applica-se AQUI para o periodo posterior até á idade apparente de trinta annos. Maria estava habituada a essa existencia, tai como já vol-a descrevemos e explicámos. »

« Jesus «*ausentava-se*», isto é, desaparecia quando o *julgavam* ausente ou no retiro, voltando para as regiões superiores, donde pairava e paira ainda do alto dos esplendores celestes, como espirito protector e governador da vossa terra. »

MATHEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO, assistidos pelos apóstolos.

(Continúa)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spirita Brasileira, á rua do Rosario, n. 141, sobrado.

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grammes.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grammes.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grammes.).....	5\$000
O CÉO E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grammes.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grammes.).....	5\$000
OBRA POSTHUMAS, de Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grammes.).....	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grammes.).....	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 grammes.).....	3\$500
IDEM, cartonado (550 grammes.).....	4\$500
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 grammes.).....	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).....	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Sauvage, cartonado (300 grammes.).....	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grammes.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsamo, brochura (200 grammes.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grammes.).....	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marçal Everton Quadros, brochura (200 grammes.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grammes.).....	\$300
LA CASA EMBRUJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grammes.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grammes.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES e OUTROS SÁBIOs, brochura (200 grammes.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grammes.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grammes.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS e OS MUNDOS REAES, por C. Flammarion, encadernado (700 grammes.).....	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grammes.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grammes.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grammes.).....	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Jufrei, brochura, (200 grammes.).....	2\$000
COLLECÇÕES ANNUALES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grammes.).....	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grammes, além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil \$ 100

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Junho 1

N. 390

EXPEDIENTE

MUDANÇA DE SÉDE

A Federação Spiritista Brasileira, por conveniência de melhor instalação do que a que tivera até agora, acaba de transferir sua séde para a rua do Rosario, n. 141, sobrado, onde igualmente se acha installada a sua livreria e a redacção do «Reformador».

Para alli, pois, deve ser, d'ora em diante, dirigida toda a correspondência.

As sessões terão lugar ás sextas-feiras.

Aos assignantes do «Reformador» pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de suas residencias, afim de evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

A comunicação dos espiritos

Mais commum entre os sabios do que entre os que não têm maior cultivo intellectual, é a opinião que repelle a comunicação dos espiritos, ou dos vivos com os mortos, como se diz vulgarmente.

Os phenomenos spiritas, pela universalidade dos que se dedicam ao estudo da nova ordem de factos que prendem a attenção dos observadores modernos, encaminham racionalmente á crença na comunicação dos espiritos.

Racionalmente, dizemos, porque nada mais natural do que acceital-a, desde que é innegavel o principio de que o homem é essencialmente social.

Ora, se o homem foi creado para a sociedade, quer dizer, para viver em communhão de pensamentos e de sentimentos, no interesse do progresso commum, como crer que se dissolva esse laço, pelo simples facto da morte?

A morte extingue as ligações materiaes; as spirituaes, não, porque o que é do espirito vive e permanece com elle, modificando-se, apenas, segundo as condições da perfectibilidade, que é lei immutavel.

O homem, pois, quer na vida, quer depois da morte do corpo, segue fatalmente a lei do progresso, pela qual todos se ligam como elos de uma cadeia, para chegarem ao mesmo destino, embora seguindo, cada um, com passo accelerado ou lento.

Racionalmente, portanto, os espiritos, que tendem para o mesmo ponto: a perção; que desenvolvem suas forças, para chegarem áquelle ponto; que, *sive bene, sive male*, vão se aproximando

do centro de todas as harmonias, aproximam-se d'elle, em vez de se destacarem, em obediência á promessa de Jesus: «Das ovelhas que me foram confiadas, nem uma se perderá».

Como, porem, seguirem o mesmo caminho, — caminharem para o mesmo fim, senão unindo seus esforços, embora com variavel actividade? O contrario d'isso é irracional.

A união — convivência dos espiritos, é, portanto, condição de sua natureza — lei posta por Aquelle que lhes deu essa mesma natureza.

Acreditar que cada um segue seu rumo, porque vemol-os tomar variadas direcções, é o mesmo que não reconhecer a harmonia universal, por observarmos a variedade infinita dos phenomenos naturaes.

Da varia direcção que tomam os espiritos, na evolução dos seres de sua especie, nasce, por lei eterna, a uniformidade d'esses mesmos seres, quanto ao destino final da especie.

Todos — todos — todos chegarão ao termo da viagem; e o termo da viagem será a felicidade de todos.

Isto é tão racional, quanto é absurdo recusar a solidariedade dos seres humanos, sómente porque uns subsistem na vida e outros a deixaram.

Uns e outros deixam de ser espiritos? E, sendo todos espiritos, tornam-se estranhos e, mesmo antagonicos, porque mantêm ou deixam o véo da carne? Os que o mantêm, não trabalham para a perfeição, que é o alvo dos que o deixam?

Se, portanto, o fim é o mesmo para todos, porque hão de uns se destacar dos outros, quando precisam unificar seus esforços, para a consecução do fim de todos?

E', pois, consentaneo com a razão a ligação dos incarnados com os desincarnados, quanto é repulsiva sua completa separação.

Sim, é tão razoavel que dois entes, que se amaram na vida, mantenham sua ligação, pelo amor que tiveram, depois de separados pela morte, quanto é inaceitavel que esqueça tão gratas relações aquelle que deixou a vida.

E dahi, d'essa união, que é dos espiritos, e que não acaba sómente pela separação d'estes, o que se deve pensar?

Deve-se pensar que o sentimento não acaba pela separação e que, se não acaba, permanece, a despeito da separação.

Se é assim, como continuar o laço, se não continuar a comunicação? Só porque um está incarnado e o outro não, deixarão os dois de ser espiritos? E, se são espiritos, em que repugna que se comuniquem em espirito?

Até aqui fala a razão; que venham falar agora os factos.

Congresso spiritista

DE

LONDRES (*)

O Spiritismo no Brazil

PELO

PROFESSOR ALFRED ALEXANDER

(Rio de Janeiro)

(Continuação)

Na crença de muitos brasileiros, os avisos de morte são dados, não sómente por meio de sonhos e aparições, mas ainda pelo movimento de objectos inanimados, sem visível agente estranho, o quebramento de vidros e louças, as manchas de sangue nas roupas, etc.

E' possivel que os que affirmam essas coisas sejam, muitas vezes, victimas de uma illusão ou, tambem, enganados por occurencias physicas filhas de uma allucinação. Uma morte pode ser annunciada por uma forte detonação, ouvida por alguns e por outros não; já um forte estrondo, coincidindo com um fallecimento, fez uma vez que os ouvintes acreditassem que toda a sua louça estava quebrada, e no entanto acharam-na intacta. Verdadeiras pedras cahem em salas fechadas, sem se poder explicar o facto por um embuste; mas, apesar disso, tambem a allucinação faz ouvir o choque de pedras que cahem, sem que essas pedras existam.

Um exemplo instructivo d'esses phenomenos pseudo-physicos nos foi fornecido pela experiencia pessoal do tenente Henrique Mendes da Costa, da marinha brasileira.

Em sua residencia, em Nitheroy, elle occupava uma sala que deitava para o mar. Junto á janella, sobre uma mesinha, estava um copo e um vaso de barro, que aqui chamam *moringue*, presente que da Bahia tinham mandado á sua mulher.

Em uma noite de plenilunio, entre as duas e tres horas da manhã, elle levantou-se, a pedido da ultima, para alcançar-lhe um copo d'agua, e depois de haver tambem elle bebido, ia pôr o *moringue* em seu lugar, quando este cahiu e ficou no chão reduzido a pedaços, vendo elle o solo inundado d'agua; sua mulher tambem veio ver, lamentando a perda de um objecto a que ella ligava maior valor que o intrinseco. A's quatro horas vieram chamal-os para o banho de mar, e elle notou que o *moringue* estava perfeito sobre a mesa. O Sr. Costa concluiu logo que isso lhe annunciava a morte de um tio seu, que se achava enfermo. Convidados disso, elle e sua mulher embarcaram

para o Rio, onde verificaram que o passamento se havia dado exactamente ás 3 horas da manhã.

Notemos incidentalmente que todos esses factos tendem a enfraquecer as velhas concepções dualisticas de Descartes e Cousin, e a dar força á hypothese do monismo espiritual. Elles indicam a unidade da força que se esconde atraz das series mentaes e physicas. Não é impossivel que a telergya, capaz de produzir a impressão da queda do *moringue*, pudessem, em outras condições, tornar-se dynamica, caso em que então o *moringue* podia ter cahido realmente. E' patente que, sem haver mudança de agente, ou do seu modo de operar, os phenomenos subjectivos podem emergir do meio dos que chamamos objectivos, como para nos mostrar que não existe uma linha intransponivel de demarcação entre elles.

Falarei rapidamente agora de alguns casos em que os phenomenos physicos deveram sua importancia ao facto de sua coincidência com mortes. Quatro d'elles tratam da queda de retratos que, como um indicio seguro, é mais commum aqui do que a parada de relógios.

Na residencia do Sr. Carlos Jansen, um pequeno retrato, a oleo, de sua mãe foi lançado ao chão no mesmo dia em que ella morreu na Allemanha. Quando ella tinha estado no Brazil, promettera a um seu neto favorito que assim daria a noticia de sua morte. Convem notar que o retrato não estava suspenso, mas sómente encostado á parede.

A 9 de maio de 1897, cerca do meio dia, falleceu, em S. Paulo, um brasileiro — sz conhecido, o Sr. Alberto Brandão. Seu genro, Sr. Coelho Netto, romancista popular, recebeu a noticia da morte no dia immediato, mas não quiz transmitir-a á sua mulher que guardava o leito, enferma. Contudo ella teve uma especie de aviso, pois ás 12 horas do dia 9, ouviu um ruido semelhante ao de punhados de terra atirados sobre o tecto de sua camara. Depois das nove horas e meia da noite de 10, o Sr. Netto, estando em conversação com sua mulher e um visitante, no primeiro andar, ouviu um forte estrondo em uma das salas da frente do andar terreo. Indo ver o que era, achou que um grande e pesado retrato do Dr. Brandão, que estivera preso a uma parede, havia cahido sobre o sophá. Mais ou menos ás 11 horas da noite seguinte, um segundo quadro a oleo veio abaixo na sala da frente, arrastando consigo outros que pendiam abaixo d'elle e espalhando os pequenos objectos de adorno que estavam sobre um aparador. A corda que suspendia o quadro não foi partida, e os ganchos de onde pendia conservavam-se firmemente fixos á parede. Esses phenomenos só deixaram de produzir-se, quando foi satisfeito um desejo que teve o fallecido ao deixar o mundo.

O terceiro exemplo d'essa natureza foi testemunhado pelo tenente Costa, de quem já falámos antes, tratando do incidente do *moringue*. Elle teve um irmão, chamado Antonio, que morreu na guerra do Paraguay. Uma tarde, antes da noticia d'esse facto chegar ao Rio, sua mãe, narrando algumas occurencias da infancia do ultimo e querendo dizer:

(*) Ver as nossas edições desde agosto de 1898.

«Quando Antonio nasceu» disse: «Quando Antonio morreu.» É possível ter havido nisso um aviso occulto do mal que lhe succedera, porque isso ficou-lhe fixo na mente, amofinando-a. Quando todos procuravam persuadi-la de não ter tal facto significação alguma, ouviram o ruído da queda de um corpo na sala contigua, e dois dos presentes, indo ver o que se passara, observaram que o retrato de Antonio tinha cahido da parede. Elle estivera seguro a dois ganchos fortes, por uma corda. Pouco depois chegou a noticia da morte.

Antes de narrar o outro caso, cumprenos fazer lembrar que, em fins de 1896, houve, no Rio, grande excitação politica por causa das reclamações da Italia sobre indemnizações. Falou-se de haver sido o protocolo rejeitado por pressão estranha. Entre os que mais se interessavam por essa questão, contava-se o Sr. X., professor da Escola Polytechnica. Como republicano, elle se mostrava indignado com a propalada intervenção da classe armada nos negocios politicos. Uma vez, discorrendo, á mesa, n'esse sentido, elle alludiu a um passado periodo da historia brasileira (1832), em que o regente, padre Feijó, enrolou a sua batina, arrou o povo e impoz respeito aos soldados. Quando elle exprimia esse desejo de que o sacerdote ainda vivesse para reproduzir o seu acto, sua attenção foi atrahida por um ruído partido do gabinete de estudo onde ninguem estava.

Das paredes d'esse gabinete pendiam umas sessenta gravuras representando notabilidades brasileiras e grandes homens de sciencia. Uma d'ellas havia cahido sobre uma estante de livros, e era a que representava o padre Feijó.

Entre as experiencias supranormaes do tenente Mendes da Costa, ha uma de um annuncio de morte por uma manifestação que, apesar de differir da especie das descriptas, pertence á ordem das physicas. Tinha elle um primo, o Sr. Mariano Dias, com quem vivera sempre na maior intimidade. O Sr. Dias brincava muito com um filho de seu primo, um gordo pequeno de 2 ou 3 annos de idade, dando-lhe palmadas por brincadeira, sempre que encontrava-o. O menino, que se chama Gastão, não gostava disso e ficou tendo medo d'elle.

Seis annos depois, o Sr. Dias falleceu repentinamente de um ataque apoplectico, quando o tenente Costa e sua familia estavam residindo no Pará. Uma noite, antes de chegar alli a noticia do succedido, o tenente estava lendo, em seu leito, enquanto sua mulher, como tinha por costume, lia suas *Horas Marianas*, sentada aos pés da cama. O pequeno, que estava com elles, adormeceu sobre um colchão com a face voltada para baixo. N'esse estado, ambos se sobresaltaram ouvindo o som de uma forte palmada, quando o menino bradou, chorando: «O homem, o homem!»

Examinando-o, elles ainda viram impressos no corpo os signaes dos cinco dedos, e concluíram logo que isso annunciava a morte do Sr. Dias. Uma creada, acudindo ao barulho, veio á sala e viu tambem a impressão de xada no corpo do menino.

Ha, provavelmente, centenas de factos semelhantes ao precedente, que nunca chegam ao conhecimento do investigador. Como uma contribuição complementar para os estudos psychicos, sua importancia não pode ser negada; mas confiar a demonstração do spiritismo a meros phenomenos telekineticos, ou mensagens supra-normalmente dadas por auxilios e avisos de morte, é buscar muito fraca prova da permanente existencia da intelligencia desincarnada.

Qualquer theoria de dynamogenia e correspondencia mental pode, com pequenos esforços, explicar todos esses casos. A sciencia psychica ha de constituir um ramo da physica transcendental, e a transmissão telepatica entrará, juntamente com os raios Rontgen, para a classe das mais apuradas forcas da natureza. E' quando depararmos com phenomenos aparentemente determinados por

alguma mysteriosa *vis a fronte*, impressões que reflectem acontecimentos ainda escondidos no futuro, que a acção das almas, que estão fóra das mundanas contingencias e possuem uma vista mais penetrante e vasta do que a nossa, attinge um mais alto grau de plausibilidade. E se, á evidencia procedente desses avisos, juntarmos as numerosas provas que possuímos, de que a memoria, as inclinações e os sentimentos sobrevivem á perda do corpo para o morto, a crença em uma vida futura se torna pelo menos accettable, como muitas das hypotheses provisionaes da sciencia orthodoxa.

Em 1893 remetti ao Congresso de Sciencias Psychicas alguns testemunhos d'esses avisos obtidos no Brazil. Depois d'isso outro caso notavel da mesma natureza chegou ao conhecimento do autor. Elle foi testemunhado pelo Sr. Alves, cuja affirmacão vai junta. Sua evidencia é corroborada por um seu amigo, o Sr. Alfredo Miranda, que tambem foi testemunha dos factos. Esses avisos se referiam a acontecimentos politicos em conexão com o fallecido imperador.

Em 1888, estando este em Nice e, como todos sabiam, bastante enfermo, chegou ao Rio um telegramma annunciando que elle estava agonizante, já tendo recebido os ultimos sacramentos. O Sr. Alves e seu amigo se dirigiram, juntos, á casa de D. Anna de Sá Barbosa Veiga, somnambula de cuja notavel faculdade remetti dois bellos exemplos, no trabalho que enviei á Chicago.

Questionada, no estado de transe, sobre o imperador paciente, ella declarou que o imperador tinha morrido, mas que o *homem* ainda vivia; que elle regressaria ao Brazil e seria recebido com flores, mas que pouco depois partiria para não mais voltar. Ella predisse que ia correr muito sangue; que a guerra civil rebentaria no sul; que o terror viria do mar; que os paes iam lutar contra os filhos e os filhos contra os paes, e o terror dominaria sobre todos.

Perguntando-se-lhe se o Brazil se ia desmembrar e se as desordens se prolongariam por muito tempo, ella respondeu, em substancia, que não lhe vinha o pensamento de um desmembramento; que, depois de um periodo de 25 annos, mais ou menos, o paiz se revigoraria, e de novo começaria a prosperar. Referindo-se á propria D. Anna Barbosa, normal, o personagem somnambulo diz: «Não digais isso á ella; ella não estará viva para ver essas coisas, porém tem filhos.»

D. Anna Barbosa da Veiga falleceu em 1891, pouco sobrevivendo á proclamação da Republica. Os que acompanharam os successos do Brazil não deixarão de reconhecer que suas predições tiveram a mais perfeita realização possível.

Ao voltar da Europa, pela ultima vez, o imperador foi recebido entusiasticamente; elle, porem, estava muito enfermo para tomar uma parte activa na gestão dos negocios publicos, e pouco depois foram elle e sua familia banidos do paiz. A guerra civil rebentou em 1892 no estado meridional do Rio Grande do Sul, e em 1893 deu-se a revolta da esquadra. Durante o imperio, os brasileiros eram suppostos, por aquelles que melhor os conheciam, uma gente mansa e pacifica. Não era provavel que mesmo uma mudança radical de forma de governo fosse seguida da effusão de sangue e dos soffrimentos que appareceram.

O Sr. Souza Lobo, acima mencionado como secretario da associação Charitas, lembra-se de ter-lhe chegado a noticia d'essa prophacia logo depois de ter sido ouvida, mas sómente conservava uma vaga reminiscencia do seu conteúdo. A mesma somnambula tambem, de outra vez, fez a elle mesmo identica predição.

A evidencia dos tres casos de identidade espiritual, que passo a narrar, é da melhor especie, tendo sido dois d'elles verificados conforme as prescripções da Sociedade de Investigações Psychicas de Londres. A 21 de março de 1896 appareceu no *Light* uma primeira e pouco

correcta descripção dos notaveis resultados de uma experiencia feita no seio da familia de um medico de S. Paulo. Depois procedeu-se a um cuidadoso inquerito sobre essa occurrencia, dando em resultado a plena confirmação dos pontos mais interessantes da citada narrativa.

A 15 de junho de 1893 falleceu D. Angelica, mãe do Dr. Orenio Vidigal, de S. Paulo. N'esse tempo, a familia Vidigal travou conhecimento com o Dr. Eduardo Silva, de quem já falámos, como importante curador magnetico. Nunca, entretanto, o Dr. Silva se havia encontrado com a fallecida, e, deve-se mesmo suppor que elle não formava idéa alguma de sua apparencia pessoal.

Tres mezes depois do passamento, elle e sua filha, D. Amalia, foram á casa do Dr. Vidigal, onde foram recebidos pela mulher e pela sogra do Dr., D. D. Julia e Maria Freitas. Pouco antes d'essa visita, o Dr. Vidigal tinha recebido uma menina de 10 a 12 annos de idade para auxiliar de seu serviço domestico. Era de naturalidade hespanhola e não estava ha muito no Brazil, pelo que só se servia de sua lingua natal. Tudo n'ella indicava uma rapariga ingenua e tola. D. Maria Freitas tinha a idéa de que uma somnambula lhe podia fornecer algumas informações acerca dos homens empregados em uma sua plantação, e por isso pediu ao Dr. Silva magnetizasse a creadinha. Elle o fez, mostrando-se Francisca perfeitamente accessivel á influencia hypnotica.

Ella cahiu no estado de somnambulismo espontaneo, a ponto de poder responder ás perguntas do hypnotizador. Começou descrevendo o que via: uma bella estrada estendia-se em sua frente; em logar bem illuminado ella via faces brilhantes e, em outro logar sombrio, faces escuras. Depois appareceu-lhe seu pae, que tinha fallecido, cego, em Hespanha.

Elle se mostrava contente, por se poder comunicar com sua filha, e grato ao Sr. Silva que lhe facilitara isso. A menina declarou depois estar presente uma dama alta e corpulenta, de cabellos escuros, trajando roupas pretas e com um véo da mesma cor. Era uma descripção sufficientemente exacta da figura de D. Angelica, que Francisca disse estar na gloria. O Dr. Vidigal, que n'esse interim havia chegado com alguns amigos e que fóra posto em relação com a somnambula, entrou em conversação com o supposto communicante. D. Angelica parece ter-se manifestado de um modo característico; ella mostrou-se satisfeita com sua nora; disse que baptisassem o pequeno com o nome de Deaulas, pois elle morreria; a seu filho, que expressara o desejo de estar com sua mãe, ella recommendou o cumprimento de seus deveres para com sua familia, a paciencia e o bom emprego de seu tempo. Disse que ella era feliz e não precisava de missas, mas desejava que seu filho mandasse dar 75 mil reis a seu pae, que estava muito necessitado, e que elle acharia essa quantia no bolso de um vestido seu, que estava pendurado atraz da porta da alcova. Asseveraram algumas testemunhas que a somnambula declarou que era de algodão o vestido, em cujo bolso estava a mencionada quantia.

Ouvindo isso, D. Julia e D. Amalia se dirigiram para a alcova e, abrindo a porta que, desde o dia do passamento, se havia conservado cerrada, viram pendente do logar indicado um vestido identico ao descripto, no bolso do qual estava a somma de 75 mil reis. Conviem notar que, segundo D. Maria Freitas, as roupas da fallecida tinham sido distribuidas, com excepção de dois vestidos de algodão, no bolso de um dos quaes estava o dinheiro.

A mãe do Dr. Vidigal tinha muito medo dos gatinhos e, por isso, tinha por costume assim conservar seu dinheiro, mas não é verosimil que uma simples creada, creança que só se divertia em projectar o esboço de seus dedos sobre as paredes e dizer disparates aos meninos, pudessem colher informação alguma sobre os habitos e a apparencia pessoal da fal-

lecida senhora. Ella não podia saber que o corpo fóra sepultado com vestido e véo negros, nem que a morta não tinha um fio de cabelo branco. Todos affirmam que ninguem sabia da existencia do dinheiro no bolso do vestido. Devemos acrescentar que o pequenito alludido na communicação morreu pouco depois. Apesar do aviso recebido, tinham-n'o baptisado com o nome de Deaulas.

(Continúa).

COLLABORAÇÃO

CARTA ABERTA

Meu bom amigo Sr. vigario. — A amizade é como a arvore, tem raizes que se revigoram cada anno, fructos que se aprimoram com o trato; robustecida ella, no correr da vida, pela confiança mutua que lhe rega o tronco, pela fé sincera que lhe refrigera as ramas, pela franqueza limpa que lhe aviventa as folhas, nunca, jamais, um vendaval commum lhe extirpará da terra os laços que alli lhe dispensaram vida.

E' uma verdade, não é, meu amigo?

Ha mais de vinte annos nos dedicamos affeição sincera; somos amigos um do outro, sem a mais breve solução de continuidade, e creio muito firmemente que continuaremos a sel-o com constancia igual, porque já não somos creanças, e não vale a pena, pelo capricho de um, por uma má fé nascente sem fundamento justo, destruir em ambos affeições tão solidas, de emanações tão doces, que muitas vezes nos suavizaram momentos agros d'esta vida fragil.

Sabe o meu velho amigo quanto valor têm para mim suas relações e estima, quanto sinceramente as prezo, não tanto como o meu cura que é, mas duplamente, como amigo que me vota bem robusta estima; não poderá, portanto, supprer-me intuitos de infligir um dissabor, um desar sequer, com consciencia sã do mal que faço.

O meu amigo ha de lembrar-se de que, em tempos idos dediquei-me ao estudo theorico e pratico do magnetismo, em que fiz ampla colheita de factos tão estupendos que mereciam com razão a qualificação de — prodigios, e nem por isso mudei de crenças, nem alterei os habitos d'aquelles com quem convivia; nunca tive tendencias de malversar a educação moral que recebi, e implantar no animo alheio o sentimento da discordia, que não edifica, antes arruina os bons costumes da sociedade onde giro. Agora, de um anno a esta parte, dediquei-me ao ensaio de um estudo serio da doutrina spirita, no qual pouco tenho progredido, por ser materia de tal elevação que não é em tão pouco tempo que se adquiere luz capaz de desbravar as trevas, que nos cercam, a nós outros de educação viciada e mesquinha, sem os dados para ver ao longe, e descriminar com siso a verdade fiel que em tudo existe.

Hei, todavia, obtido um bem de inapreciavel alcance, que me tem dispensado um gozo infindo que me deleita immenso...

Em minhas crenças religiosas, que bebi com o leite materno, divisava um ponto negro que me escurecia a alma.

Dedicado profundamente á adoração da Virgem, de minha infancia habituei-me a n'ella ver o meu Deus, pelo facto de ser Ella a mãe do Redemptor do mundo, mãe immensamente sublime, que teve a dita de fazer descer á face da terra a misericordiosa bondade, a abnegação divina, que a remittas trevas que a envolviam toda.

Esse Deus de minha escolha, a Virgem Mãe, faziam-n'a dotada da mysteriosa virtude da triplice virgindade, cujo prestigio e verdade era para mim um mytho sublime, imponente, que me ordenava uma crença cega, revestida sempre das sombras do mysterio, de cujas raias minha mente não ousara aproximar-se ao menos; era um respeito profundo como o respeito que se vota a Deus, mas que me trazia á alma o pungir acerbo do espinho da duvida, que eu nem tentava confessar a mim, que me fazia soltar o dorido

ai de um penar immenso, pela ausencia de forças para erer de veras.

Um feliz acaso trouxe-me ás mãos uma das obras fundamentais do Spiritismo, e na parte attinente ao perispírito encontrei a decifração d'aquelle escuro mysterio... Oh! alegria inaudita!... Então riu-se todo o meu ser, de contente; tamanho foi o meu prazer que chegou a ultrapassar a esphera do gozo d'alma, e lagrimas ardentes, mas lagrimas felizes, ungidas de gratidão, me orvallaram o coração dorido, esmagado pela cruceante duvida, ha tanto tempo sentida, e aquelle balsamo de consolo o curou de vez, levando-me a arrancar dos seios d'alma o brado expansivo de «hosanna! hosanna!» á Virgem Mãe Immaculada, tres vezes Virgem: virgem antes do parto, virgem no parto, virgem depois do parto!!! O que diz o meu amigo: foi pequeno o favor que recebi do Céu? Quem foi que com mão caridosa rompeu o véo da desconfiança que me fazia querer menos ao Deus de minha eleição?...

De que elementos serviu-se a Providencia para eliminar-me do espirito a indecisão que o pungia?

Eu lh'o digo, meu velho amigo.

Serviu-se de um livro abençoado, que me curou do erro que a simples e turva palavra «mysterio» era impotente para debellar.

Primeiro favor que alcancei da leitura de um livro spirita,—e favor de tanto alcance que para logo decidi-me a um estudo sério de tudo quanto podesse instruir-me sobre o assumpto, que em si tem tanto de generoso que, sem eu lh'o pedir, me fizera um bem tamanho! Não sabia ainda (fui ingenuo, confesso) que a igreja romana, por seus ministros, se oppunha desabridamente á propagação d'essa doutrina, que me parecia santa, porque era nem mais nem menos que a santa e pura doutrina do Christo, o inspirado missionario da Judéa... Soube-o; fiquei triste!...

... Ainda uma razão immensamente poderosa me levou a abraçar com todas as véras d'alma o spiritismo, esta doutrina suave, consoladora.

... De vez emquando, no correr dos annos, uma sensação de esmagadora tristeza, sem origem certa, me precipitava n'um desanimo acerbo, n'um desgosto e tedio de mim mesmo, n'uma saciedade e desprendimento da vida; e n'este sentir importuno, de soffrir sem razão de queixa, deixava-me resvalar por um de-

clive medonho, em cujo termo via a morte abrir-me os braços.

N'este transe doloroso, tinha sempre ao pé de mim minha pobre companheira, D. Joanna, triste com a minha tristeza, por não saber, como eu, o que eu mesmo sentia. Então, por um impulso de vaidade, talvez, que se feria com o espectáculo de minha fraqueza, ou pelo remorso de, sem motivo, martyrizo o coração d'aquella que tem sido sempre a minha alegria, o meu anjo do lar, de um movimento brusco me arrancava d'aquella rampa escorregadia e seductora, e fugia do abysmo que me attrahia. Empreendia uma viagem do dia para a noite, e era o remedio prompto que me curava sempre.

Foi assim que, em 1865, puz em pratica a minha viagem a Pernambuco, em 1867 parti com D. Joanna para a Europa, e em maio de 1893 segui com dois amigos para o Rio; d'essas curtas viagens voltava com certeza curado do assalto suicida que me invadia a razão.

Comecei a ler com gosto o que ainda se pode chamar o A B C da doutrina spirita, e já hoje posso dizer afoito não temo mais, e desafio mesmo que me invada o sentimento deprimente d'aquella tentação maligna, que me envergonhava diante de minha consciencia, diante do Ser Supremo, que me detou a vida com os thesouros da liberdade, da razão, da vontade.

Merece censura quem me fez tamanho bem, meu bom amigo?...

Posso, por consideração qualquer, abandonar, ser ingrato a quem me deu a mão que me salvou?...

Responda o amigo a si mesmo...

DR. DYCISIO E. DE MENEZES.

(Continúa)

NOTICIAS

O *Daily Chronicle* conta o seguinte: Dois medicos da Nova Zelandia, os Drs. Hoeken e Colquhoun, visitaram ultimamente Fiji, localidade em que tiveram oportunidade de assistir á, hoje rara, cerimonia do fogo, ahi feita pelos natuaes. Essa solemnidade é tão pouco commum que actualmente é privativa de uma familia, residente em uma ilha a 200 milhas da capital. Essa gente tem a faculdade de caminhar, sem vestidos e descalça, sobre a base de pedra de um grande forno, altamente aquecido.

para mais seguramente ser sua presa, encontrando-a onde não mais poderiam contel-o os conselhos de Julio.

Assim falava eu, enquanto Julio, com o rosto mettido entre os braços cruzados sobre a mesa, guardava o mais profundo silencio.

Após minhas palavras, ergueu a fronte e, encarando-me de um modo singular, exclamou:

— Grande é o amor de Deus, Max; porque, se esses factos se dessem antes de me teres dado a luz, pela qual reconheço a lei através dos mysterios impenetraveis da Providencia, eu preferiria ser um condemnado a deixar que o meu bom Martim fosse um desgraçado. Desde, porém, que sei que o soffrimento é o remedio amargo, com que o Medico das almas salva-as da morte, eu louvo e engrandeço ao Senhor, que offerece ao nosso caro amigo o calix, no fundo do qual se encontra o elixir da vida eterna. Sómente peço—e pede-o tu tambem, Max—que forças sejam dadas ao nosso bom amigo, para resistir gloriosamente ao choque, que lhe ha de abalar todas as fibras de sua alma.

— E', Julio, porque Deus nos dá o calix, mas deixa-nos a liberdade de acceital-o ou de recusar-o. Elle que se compadeça d'aquella boa alma, e que lhe dê a força da resignação e da humildade para beber, até as lézes, o calix da ignominia, que é o balsamo para suas feridas.

Conversámos n'este estylo por mais algum tempo e dahi passámos insensivelmente á apreciação do immutavel caracter do Cardoso, sempre jovial e brincalhão, sempre indifferente ás coisas da vida, mas sempre firme no cultivo dos sentimentos affectivos, que uma vez brotaram em seu coração.

E' uma mistura de fumo e de perfume! Mas fumo que não encobre a luz, e perfume que se transforma em luz!

E' verdade em parte; pois que o fumo sempre lhe encobre a luz de ver a fealdade da Gertrudinha, a quem envolve em eternos perfumes.

Fez-se então uma experiencia para conhecer a temperatura, mas foi preciso rotar o thermometro, porque, ao aproximá-lo, á distancia de cinco pés, suas soldas metallicas se derreteram, marcando então esse instrumento 282 graus, sendo que o calculo feito pelo Dr. Hoeken avaliava proximamente em 400 graus a temperatura do forno. Os *pisa-fogo*, em numero de sete, formados em linha, caminharão, sem se apressar ao redor e sobre a base do forno; porções de folhas de malvaesco foram atiradas no recinto, produzindo nuvens de fumo. Sobre essas folhas e no meio do fumo os celebrantes se mostraram de pé, ou sentados, sem apparencia da menor molestia.

Examinados antes, seus corpos e pés nada apresentaram de estranho, e, depois, nem sequer indicaram o menor soffrimento ou vermelhidão; não apresentaram, em resumo, indicio algum de alteração do seu estado physico normal.

Os doutores, crentes na impossibilidade de um milagre, declararam não poder explicar scientificamente semelhante facto.

Não será, entretanto, um caso semelhante ao dos tres jovens, que a Biblia diz terem sahido illesos da fornalha, a rogo de Daniel?

O duque de Normandia, Carlos Luiz, filho de Luiz XVI, rei de França, quando banido, na Inglaterra, escreveu, em 1839, uma obra sob o titulo *A doutrina de Nosso Senhor Jesus Christo*, na qual se lê o seguinte:

« O Eterno é o unico Deus, não é um Deus trino. As almas foram creadas no céo antes da formação da terra, e vieram constituir a humanidade, habitando corpos nascidos do homem. Como Jesus Christo, todos os homens são filhos de Deus, pelo espirito e pela alma, que constituem seu ser immortal, e filhos do homem, pelo corpo mortal, que volta á terra, ao passo que o eu espiritual continua sua peregrinação terrena em outros corpos, até que se cumpra a vontade de Deus. Jesus foi feito Senhor d'este mundo pelo Eterno, nosso Pae Celeste; elle é o nosso irmão mais velho no céo, donde descemos e para onde tornaremos, segundo o merito de nossas obras, galgando successivamente todos os céos, que são os degraus da escada, por que temos de subir, para chegar á morada do Pae Celeste. Todos estaremos salvos dentro de dada epoca da Eternidade ».

E' pela lei: quem o feio ama, bonito lhe parece.

E ai dos feios se tal lei não fôra! O aragão deu o signal de recolher, e eu disse adeus a Julio e á mãe Martha.

Pelo caminho fui reflectindo sobre aquellas palavras de Julio: se estes factos se tivessem dado antes de eu conhecer a lei, preferiria ser um condemnado a ver o meu caro amigo desgraçado.

Porque a uns é dada a luz a tempo de evitar grandes quedas—e a outros não?

O ponto de partida de nossas cogitações sobre coisas d'esta ordem, deve ser sempre a justiça de Deus, que não tem preferencias nem exclusões.

Ora, diante d'este criterio, como explicar-se o facto de uns terem a luz a tempo e outros não?

Eu só vi uma explicação, que tive por verdadeira, porque senti alegrar-se-me a consciencia, que nunca mente á verdade.

A graça não é dada por favor; ella é sempre provocada por merecimentos.

Assim, pois, os que têm merecimentos aos olhos do juiz indefectivel, recebem a tempo a graça da luz; ao passo que os outros, os que não têm o toque necessario para provocá-la, segundo a lei immutavel e eterna, são d'ella privados.

Julio mereceu a graça que teve. Ainda tivemos varios encontros com o Cardoso, que nos aviventaram a lembrança dos tempos em que eramos todos como as aves, que constroem seus ninhos sem saber pelo que, ou como as plantas que dão flores e fructos, sem que em taes coisas tenham cogitado.

Aves e plantas obedecem inconscientemente ao instincto natural, ás exigencias de sua natureza.

Assim tambem, o ser humano, antes de possuir a consciencia do dever, é levado por instincto, por simples exigencias de sua natureza.

E' a quadra da juventude, em que tudo são risos e flores, porque o rapaz é borboleta ou beija-flôr, que vive sem cuidados, não tendo na terra senão os pés.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

LUCAS

CAPITULO II—V. 41-52

Jesus, no templo, entre os doutores.—

Explicação, pela nova revelação, de sua vida humana apparente, desde a sua APPARIÇÃO, na terra, chamada «o seu nascimento», até á epoca de sua vinda a Jerusalem, tendo, entre os homens, a apparencia de um menino de doze annos;—e desde essa epoca até áquella em que começou, sob a apparencia de um homem de trinta annos, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão.

(Continuação)

N.º 48 Quando se PRETENDE que Maria e José não tinham que recear nenhum perigo quanto a «seu filho», tendo-lhes o anjo annunciado que elle era «filho de Deus», COMO EXPLICAR-SE a sua anciedade quando perceberam que Jesus não tinha voltado com elles, e, quando, depois de o terem procurado entre os seus parentes e conhecidos, não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalem para ali o procurarem?

«Já vol-o dissemos: Maria e José, revestidos de carne, tinham necessariamente a imperfeição das faculdades humanas; Jesus vivia, aos seus olhos, da vida ordinaria, n'este sentido: que os seus actos exteriores não tinham senão um cunho de singularidade relativamente aos homens; que nada assignalava com o cunho proprio a sua origem extrahumana; a impressão produzida pela revelação e pelos factos que se tinham succedido até ao regresso do Egypto, tinha-se pouco a pouco apagado; tudo o que é de carne é obstruido. Se a existencia de Jesus não admirava Maria, quando ella pensava na origem de «seu filho», a sua intelligencia estava muitas vezes velada a esse respeito».

«Não esqueçais que Jesus, aos olhos de Maria e de José, tinha um corpo de

Que contraste entre essa quadra e a das luctas, das adversidades, que surgem desde que tomamos posição de combatentes no seio da sociedade!

As horas alegres que nos proporcionou o Cardoso foram, pois, motivo de tristeza, por trazer-nos a recordação de um bem que mais não voltaria.

O excellente rapaz chorou quando despediu-se de nós, para recolher-se ao seu lar, em Itaborahy, como se fosse para o fim do mundo.

— O que querem vocês? Eu sei que Itaborahy não está na China; mas estes dias me pareciam os das nossas pandegas de estudantes, e me enchiam a alma de alegria, que só n'aquelle tempo tive sem o mais leve travo. Se não fosse a minha adorada Gertrudinha, eu não os deixava mais, para continuar com a minha doce illusão. Felizmente aquella bella e boa creatura de Deus me compensa das penas que levo de deixal-os.

E foi-se o Cardoso, e nós ficamos realmente sentindo sua falta, porque Julio, com sua maldita politica, já não era o que dantes fôra, e eu... eu nunca tive graça para nada.

Nossas reuniões, aliás raras, por nolas embarçarem nossas graves obrigações, eram como as de dois velhos, que só falam de coisas serias: critica dos costumes modernos, tão destoantes dos do tempo passado.

A mãe Martha, coitada! levava a vida de uma alma penada, a chorar pelo seu Martim, menos por saber que ia casar e que o casamento lhe era de mau agouro, do que por tel-o ausente—e sabia Deus por quanto tempo.

Sobre o casamento, dizia sempre: tudo o que Deus faz é para melhor.

E com esta consoladora maxima consolava-se do que desse e viesse.

Assim findou-se o anno de 18... em que se deram todas estas mutações.

(Continúa)

FOLHETIM

(31)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXI

— Altos mysterios da Providencia, que encobrem a nossos olhos a razão das coisas, que nos parecem dirigidas pelo acaso! O que ha mais natural do que um rapaz apaixonar-se por uma moça e, por linhas rectas ou quebradas, chegar a possuil-a? Entretanto, no caso de Martim—e, quasi com certeza, em todos os casos, ha uma razão occulta, para se encontrarem, para do encontro romper a paixão, e para da paixão resultar o casamento. Casamento, no céo se talha! Sim; porque é preciso que dois espiritos se liguem para o cumprimento da justiça eterna, e, portanto, é no céo que se talham taes uniões. Martim fez a desgraça de outrem, talvez de Elisa, pelo casamento. Martim deve pagar pelo casamento sua divida, sendo desgraçado pela mulher, porventura a propria Elisa. Se é lei, meu Deus, a que obedecemos inconscientemente, seja feita tua vontade, sempre, movida em bem de teus filhos, mesmo quando lhes fazes sentir o pungir de acerba dor.

Assim falava eu, reflectindo sobre o modo singular, pelo qual Martim fugira á Elisa,

carne como elles, uma vida fragil como elles; não esqueçais que o avô dissera a José que levasse o « menino » para o Egypto, com o fim de o subtrahir aos seus inimigos; a lembrança d'essa revelação e d'esses factos avivou-se n'elles, quando perceberam que « o menino » tinha-se perdido, tinha ficado em Jerusaleim; que ha de admiravel n'isso, que lembrando-se d'essa revelação e d'esses factos, elles tenham ficado, *por isso mesmo*, inquietos? »

« A fuga para o Egypto, aos olhos de Maria e de José, como aos olhos dos homens tivera por fim preservar a vida do « menino », mas, *na realidade*, para a utilidade, as condições e o cumprimento da missão terrestre de Jesus, os fructos que devia dar quando estivesse cumprida. Essa fuga para o Egypto não teve por alvo, *de modo algum*, segundo os designios do Senhor, preservar a vida do « menino », — Deus teria tido outros meios, se o tivesse querido — mas afastal-o, afim de o fazer esquecer; Jesus não devia apparecer senão em certas epochas, antes de comegar, nas margens do Jordão, publicamente, a sua missão; a experiencia humana deve bastar-vos para vos fazer comprehender que, se elle tivesse sido exposto, incessantemente, aos olhares, a attenção ter-se-hia gastado, e, chegado o tempo marcado, elle não teria abalado tanto as intelligencias. »

« Acabamos de vos dizer: « essa fuga para o Egypto não teve por fim preservar por qualquer forma a vida do menino — Deus teria tido outros meios se o tivesse querido —... »; exprimimos *nos assim relativamente aos homens e ao aspecto sob o qual os factos foram tomados por elles*: nenhum acto humano, vós o sabeis pela revelação que fizemos da origem do Christo, podia attender contra a sua vida humana *apparente*, visto a natureza perispiritica do seu corpo sob apparencia corporal humana; nos estabelecemos *sempre*, — entendi-o bem e jámais o percais de vista, — *sempre, relativamente aos homens*, os factos, e a elles apropriamos a nossa linguagem. »

N.º 49. Como ponde Jesus, *aos olhos dos homens* apparecer successivamente menino recém-nascido, crescer, desenvolver-se, como todo o menino de nossa terra, e assim successivamente seguir, *na apparencia*, as phases e o desenvolvimento da infancia, da adolescencia e da idade viril da nossa humanidade?

« Eis ahí uma proposição que poderíeis resolver sem a formulardes. »

« O perispirito que envolvia Jesus desenvolvia-se e crescia, *aos olhos dos homens*, isto é, de maneira a causar-lhes illusão; não se vos disse que o perispirito não é da mesma natureza que o vosso corpo? »

« Que impossibilidade achais em que, *aos olhos dos homens*, o perispirito revista as mesmas propriedades apparentes do vosso corpo, e que os fluidos que o formam sejam chamados a desenvolver-se e a crescer igualmente? »

« Para vos darinos explicações a este respeito, seria necessario entrarmos em detalhes sobre a natureza dos fluidos, explicações impossíveis ainda. »

« Mas em que é que achais impossivel que os fluidos, reunidos sob a vontade de Jesus, tenham seguido uma marcha progressiva, em dilatação apparente, *aos olhos humanos*? »

« Um espirito, mesmo inferior, um espirito da vossa ordem, pode, vós o sabeis, com o seu perispirito que constitue a sua vida, a sua individualidade, affectar, revestir, a todo instante, todas as apparencias, todas as formas mesmo tangíveis, com a unica condição de poder tomar emprestados os fluidos animalizados, para esse effeito necessarios, — emprestimo que não tem necessidade nenhuma de tomar um espirito superior que tem por si mesmo o poder de assimilar os fluidos ambientes animalizados, espalhados na atmosfera, — e não quereis que um espirito superior, descendendo entre nós, das regiões mais elevadas, assimilando o seu perispirito ás regiões que percorre, possa, á sua vontade, pela assimilação dos fluidos ambientes que

servem á formação dos vossos seres, e com o auxilio de dilatação apparente, *aos olhos humanos*, dos fluidos do seu perispirito assim assimilado e tornado tangível, figurar as phases e o desenvolvimento de vossa humanidade! »

« A vontade potente de Jesus, espirito puro por excellencia, reunira em volta de si os materiaes necessarios á obra, e nas condições requeridas para que ella se executasse. »

« Nós vol o explicámos (n. 14): Jesus constituiu um perispirito apto para uma longa tangibilidade, *humanizado* com o concurso dos fluidos ambientes que servem para a formação dos vossos seres, — perispirito que elle podia, á vontade, deixar e retomar; com esse perispirito *assim humanizado* elle podia revestir, *aos olhos dos homens*, as apparencias da infancia, da adolescencia e da idade viril de vossa humanidade, figurar, *aos seus olhos*, a marcha progressiva, as phases, o desenvolvimento. »

« Nós vol o dissemos e o repetimos: Jesus crescia, *aos olhos dos homens*, mas, *aos olhos de Deus*, era sempre o mesmo: *espirito, espirito dedicado, executando a sua tarefa*. »

N.º 50. Qual é o sentido d'estas palavras do v. 51: « Sua mãe conservava, em seu coração, todas estas coisas »?

« E' que Maria recebia, cada vez mais, em seu pensamento e em sua intelligencia, a confirmação da missão de Jesus. »

« A epoca mais notavel até então, para ella e para José, consistiu nas circumstancias d'essa separação durante tres dias, para a apparencia no templo entre os doutores, e na resposta que deu Jesus á Maria, e que os preparou para comprehenderem que a sua tutela não era necessaria; para comprehenderem, esclarecendo-os cada vez mais, e acordando n'elles a lembrança de sua origem, *aos seus olhos*, « divina, miraculosa », o character e o fim de sua missão. »

(Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Belanne

QUINTA PARTE

CAPITULO II

OS MEDIUNS ESCRIVENTES

Mediumnidade intuitiva

(Continuação)

Se assim é, dir-se-ha, nada prova que seja antes um espirito estranho quem escreve do que o medium.

A distincção é algumas vezes difficil de fazer, mas pode-se reconhecer o pensamento suggerido por não ser nunca concebido; elle forma-se, por assim dizer, á medida que se escreve, e muitas vezes é contrario á idéa que anticipadamente se havia feito; pôde mesmo estar, n'esse caso, fora dos conhecimentos do medium.

Allan-Kardec distinguio perfeitamente estas duas variedades de mediumnidade; elle diz que o papel do medium mecanico é o de uma machina, enquanto que o medium intuitivo age como o faria um lingua, ou interprete. Este, com effeito, para transmittir o pensamento dos interlocutores, deve comprehendel-o, apropriar-se d'elle de alguma sorte, para traduzil-o fielmente; e, no entretanto, esse pensamento não é o seu, atravessa apenas seu cerebro; tal é exactamente o que se passa no medium intuitivo.

Notemos que, ainda ahí, o desenvolvimento intellectual do intermediario é indispensavel para que elle possa exprimir correctamente as idéas que recebe. Como é elle quem escreve, quem redige, pode dar aos pensamentos suggeridos uma forma mais ou menos litteraria, segundo os seus estudos ou capacidade. E', portanto, sobretudo no ponto de vista moral, e pelas provas que fornecem, que é preciso julgar as communicações e não se apegar muito ao estylo, que pode perfeitamente ser desfigurado pelo interprete.

Acabamos de expôr dois generos de mediumnidades bem differentes; mas na realidade ellas não se apresentam sempre com esta clareza.

São antes os dois termos extremos de uma serie de estudos, variando do mais ao menos. Algumas vezes o medium é mais mecanico do que intuitivo, outras vezes, ao contrario, pende para a segunda d'essas faculdades; enfim, pode-se encontrar pessoas que gozem ao mesmo tempo dos dois modos de manifestações: chamam-se semi-mecanicos. E' facil comprehender que, não sendo a mesma a natureza fluidica de cada individuo, a acção espirital não se exerce de modo identico sobre todos os organismos; ella apresenta uma multidão de gradações que não podem ser definidas e que cada um conhece pelo exercicio.

Nós todos somos mais ou menos mediums intuitivos. Quem não sentiu, na calma profunda de uma bella noite, essas influencias mysteriosas e benéficas que refrigeram o coração? Dond' vêm esses pensamentos tão doces, esses sonhos encantadores, essas aspirações para o ideal que experimentamos em certas epochas da vida? Ellas nos são inspiradas por esses caros amigos que nos rodeiam, que nos cercam com a sua solicitude, e que são felizes quando nos vêem seguir os conselhos que nos insinuam.

O que os artistas, os escriptores, os oradores, chamam inspiração, é ainda uma prova da intervenção dos espiritos que nos influenciam no bem ou no mal, mas é antes o facto dos que nos querem bem e cujos bons conselhos fazemos mal em não seguir; ella se applica a todas as circumstancias da vida, nas resoluções que devemos tomar; sob este ponto de vista pode-se dizer que todo mundo é medium. Se estivessemos bem compenetrados d'esta verdade, teríamos muitas vezes recorrido á inspiração dos nossos guias, nos momentos difficeis da vida. Evoque-mos, pois, com fervor esses caros amigos, e admirar-nos-hemos dos resultados que haremos de obter; e quer tenhamos uma decisão a tomar, quer um trabalho difficil a emprender, sentiremos sua benéfica influencia.

As explicações theoricas que demos estão absolutamente confirmadas pelos espiritos e apoiam-se nas communicações dos nossos guias e no ensino de Allan-Kardec. Encontramos com effeito n'« O livro dos mediums », paragrapho 225, um estado dictado por um espirito.

Allan-Kardec ajunta a essa communicação a seguinte nota, com a qual estamos plenamente de accordo:

« Esta analyse do papel dos mediums, e dos processos por meio dos quaes os espiritos se communicam, é tão clara quanto logica. Deduz-se d'esse principio que o espirito tira, *não as suas idéas*, mas os materiaes necessarios para exprimi-las, do cerebro do medium; e quanto mais rico em materiaes, for esse cerebro, mais facil será a communicação. Quando o espirito se exprime na lingua familiar ao medium, encontra n'elle as palavras formadas para revestir a idéa; se fôr em uma lingua que lhe seja estranha, não encontra as palavras, mas simplesmente as letras; eis porque o espirito é obrigado a dictar, por assim dizer, letra por letra, exactamente como se quizessemos mandar escrever em allemão quem não soubesse uma unica palavra d'essa lingua. Se o medium não sabeler nem escrever, e não conhece mesmo as letras, é preciso, portanto, pegar-lhe, na mão e conduzi-lo a como se fôr com um collegial, e ahí ha uma difficuldade material maior ainda. Esses phenomenos são, no entretanto, possiveis, e d'elles têm-se numerosos exemplos; mas comprehende-se que essa maneira de proceder se concilia pouco com a extensão e a rapidez das communicações, e que os espiritos devem preferir instrumentos mais commodos, ou, como dizem, mediums mais bem preparados, no seu ponto de vista.

« Se os que pedem esses phenomenos como meio de convicção, tivessem propriamente estudado a theoria, saberiam

em que condições excepcionaes elles se produzem. »

Já o dissemos: as variedades do medium escrevente são muito grandes e apresentam graus infinitos na sua diversidade; ha muitos que apenas apresentam, propriamente falando, gradações que não deixam de ser o facto de propriedades especiaes. Concebe-se que deve ser raro que a faculdade de um medium se circumscreva em um unico genero. O mesmo medium pode, sem duvida, ter muitas aptidões, mas ha sempre uma que domina, e é essa a que elle deve cultivar, se é util. Um espirito, evocado, nos deu o conselho seguinte:

« Quando o principio, o germen, de uma faculdade existe, ella se manifesta sempre por signaes inequivocos. Restrangendo-se á sua especialidade, o medium pode avantajarse e obter grandes e boas coisas; occupando-se, porem, de tudo, nada obterá de bom. Observai, de passagem, que o desejo de estender indefinidamente o circulo de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa que os espiritos nunca deixam impune; os bons abandonam sempre o presumptuoso, que torna-se, assim, o joguete dos espiritos mistificadores. Não é, infelizmente, raro verem-se mediums não se contentarem com os dons que receberam, aspirarem, por amor proprio, por ambição, possuir faculdades excepcionaes proprias a tornal-os notaveis. Essa pretensão tira-lhes a mais preciosa qualidade, — a de *mediums seguros*. »

(Continúa)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spiritica Brasileira, á rua do Rosario, n. 141, sobrado.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 800 grams.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	5\$000
O CÉU E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
OBRA POSTHUMAS, de Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	2\$000
PREÇOS DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 grams.).....	3\$500
IDEM, cartonado (500 grams.).....	4\$500
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).....	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Saucy, cartonado (300 grams.).....	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Mac, brochura (300 grams.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsamo, brochura (200 grams.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	\$300
LA CASA EMBRULHADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES e OUTROS SABIOS, brochura (200 grams.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS e OS MUNDOS REALES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	5\$000
EXANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Joffrei, brochura, (200 grams.).....	2\$000
COLLEÇÕES ANNUALES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.).....	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams, além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD —Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Junho 15

N. 391

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de sua residencias, afim, da evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

REFLEXÕES

Com o ultimo trecho do trabalho apresentado, pelo nosso confrade Sr. Alfredo Alexander, ao Congresso Espiritualista reunido em Londres, em junho de 1898, concluimos hoje a publicação dos trabalhos lidos perante o referido Congresso, uma parte dos quaes veio á luz em alguns dos nossos collegas de outros Estados, segundo accordo feito para facilitação d'essa tarefa, e com o fim de dar a maior vulgarização, no nosso paiz, ás importantes memorias cuja apresentação do o maior realce áquelle certamen internacional.

De todas, ou de quasi todas as partes do mundo civilizado, onde penetrou a luz da nova revelação, ou — se o preferirem — do moderno espiritualismo, a adhesão a essa notavel feira do espirito não se fez esperar, traduzida por essa consideravel multidão de relatorios, communicações, discursos e estudos, desenvolvendo mais de um dos pontos a elucidar, na ordem das investigações que a transcendente doutrina reclama dos estudiosos de boa vontade, e tudo isso tem hoje uma notavel circulação, graças á extensa publicidade que lhe deram os periodicos e revistas consagrados a essa especialidade.

E' codo ainda para examinar os resultados praticos de mais essa campanha em favor da fructificação da nova crença. As idéas são como a semente que, lançada á terra, necessita da colaboração do tempo para poder desenvolver-se em germinação e desabrochamento. Saibamos, pois, esperar, não na inactividade e no silencio, mas, ao contrario, pondo sempre em contribuição o nosso esforço que, em caso algum, deve estacar n'essa obra de reerguimento moral e orientação doutrinaria das massas, que cumpre encaminhar, fazendo-as

progredir, e tenhamos fé que d'esse acervo de cogitações e de trabalhos, d'essa convergencia de intuitos e de boa vontade, o resultado será sempre favoravel ao desenvolvimentó da moderna doutrina e á sua acceitação por muitos dos que mais indifferentes se conservaram até agora.

E não é necessario um grande esforço para comprehender o alcance d'essas numerosas reuniões, em que a communhão de vistas, posta de parte uma ou outra nuance na apreciação de determinados pontos de doutrina, conduz necessariamente a esse *desideratum* da unificação dos crentes, isto é, á força que d'abi resulta, como o mais bello corollario, da fraternização em um objectivo commun.

Proposições, porventura arrojadas, foram agitadas no seio do Congresso de Londres. Só o futuro, entretanto, se encarregará de definir o seu verdadeiro caracter, quando estudos mais detalhados e completos nos dominios da nova psychologia tiverem trazido, com a elucidação, a certeza relativamente aos pontos arguidos. Uma conquista, porém, se deve attribuir ao que, com alguma propriedade, supomos dever chamar o espiritualismo latino, ou kardecismo, e particularmente a um dos mais notaveis e operosos propulsores d'esse movimento na França — o Sr. Gabriel Delanne. E com essa denominação não pretendemos, nem de leve, crear uma distincção de escolas, cujos effeitos são sempre perniciosos, em suas tendencias separatistas, á divulgação de uma doutrina.

Mas o que é sabido é que os spiritas anglo-americanos (e nos referimos aos americanos do norte) têm, até agora pelo menos, divergido dos spiritas do resto da Europa e do mundo, na apreciação de um problema entre todos palpitante para a marcha uniforme da propaganda: — o das vidas successivas.

Seja por um instincto de raça, ou por um vicio de educação, eivada ainda em demasia de deploraveis preconceitos que lhes tolhem a conformação com as conquistas mais liberaes que ao mundo do pensamento trouxe a nova revelação, o facto é que os espiritalistas de sangue anglo-saxonio repellem a idéa da renovação, para um mesmo espirito, de muitas existencias na terra, destruindo assim essa bella concepção da solidariedade, entre si, das humanidades de um mesmo planeta; pois que, sem outros laços que o da sua

origem, perdida na immensidade dos tempos, os espiritos olhar-se-hiam com indiferença, n'esse rapido encontro na face de um mundo, para cujo progresso não poderiam efficazmente contribuir no lapso tão curto da vida humana, e não teriam, pelos adventicios companheiros de uma hora, o amor cimentado na longa convivencia dos mesmos trabalhos e das mesmas necessidades supportadas em commun.

Foi á essa divergencia, essencial no ponto de vista dos ensinos fundamentaes da nova revelação, que o eminente campeão francez levou o attrito necessario, pela exposição, que fez no seio do Congresso, das suas crenças, baseadas em provas documentaes, nas existencias multipas do espirito em um mesmo planeta.

Mal acolhido, porventura, o referido estudo, que os leitores já conhecem, pela publicidade que n'estas columnas lhe demos, não hesitamos, todavia, em augurar que ha de produzir seus fructos em oportuno tempo, não só porque, a nosso ver, encerra a verdade fundamental a esse respeito, como pelos moldes verdadeiramente scientificos em que foi vassado, e pelo seu alto valor documental e philosophico.

As consequencias d'esse attrito — não precisamos repetil-o — serão imperceptiveis no presente, mas não podemos duvidar dos seus mediatos resultados salutareos. Qualquer que deva ser, das duas correntes de opiniãa, a triumphante, podemos estar seguros de que para essa solução terá contribuido o trabalho do nosso eminente collega, que, como nós, de certo não se inquietará com esse resultado, descansando na certeza de que a victoria final caberá á verdade.

E é essa uma das mais fecundas resultantes d'esses comicios intellectuaes, d'essas pugnas incruentas e desapaxionadas, feridas pelos lidadores do pensamento, em que cada um entra com o forte contingente de suas convicções e de seus estudos, mas em que todos não almejam senão o congraçamento e a fusão, pelo processo, na apparencia decomponente, mas, de facto, assimilatorio da analyse desapaxionada, relativa ás idéas antagonicas.

Antes de concluir, seja-nos licito assignalar que é no trabalho do nosso collega que se encontra uma das proposições a que acima fizemos referencia e de que, mais de espaço, teremos de nós occupar.

Congresso espiritalista

DE

LONDRES (*)

O Spiritismo no Brazil

PELO

PROFESSOR ALFRED ALEXANDER

(Rio de Janeiro)

(Conclusão)

Os casos brasileiros tendem a demonstrar que as portas do céu, ou do paraíso, estão franqueadas á infancia. Quando D. Angelica se manifestou, Francisca era muito joven; Gastão tinha 2 ou 3 annos de idade, quando serviu de intermediario para annunciar a morte do Sr. Mariano; Zelia é ainda uma menina; Jovino Dias tinha 8 annos, quando se deram os phenomenos spiritas em casa de seu pae. Assim, também, são creanças os mediuns de Copacabana que conseguem phenomenos de typtologia e escripta directa. Essa accessibilidade á influencia espirituall, na infancia, é incidentemente exemplificada em outro caso de identidade espirituall.

D. Maria Sodré, a informante, teve um menino, chamado Oscar, que morreu antes de chegar á idade de 2 annos. Ethelvina, outra filha sua, havia nascido depois da morte d'aquelle. Uma vez, ás 7 horas da noite, quando esta já tinha 3 annos, estando sentada na borda do leito em que se achava sua mãe com outro seu irmãozinho, exclamou, de repente, que estava presente também outro menino, dizendo-se seu irmão. Ouvindo isso, D. Maria assustou-se e disse á sua filhinha que se fosse deitar, mas esta continuou dizendo que o menino estava falando de uma bola raiada, cuja corda sua mãe tinha cortado. A mãe então assustou-se realmente e mandou que a menina se accommodasse e desviasse os olhos da visão, pois o que ella dizia se havia dado com seu filho Oscar. Ella o havia, uma vez, encontrado muito debruçado á janela, com a attenção totalmente absorta em um pequeno balão, preso a um cordel cujo extremo elle segurava. Temendo que o menino cahisse á rua, ella cortou o cordel, soltando o balão.

Pode alguém pretender ver no facto narrado um exemplo de leitura ou transmissão de pensamento. A explicação por uma communicação de pensamento entre os vivos pode applicar-se a taes occurencias, quando consideradas singularmente; mas n'um estudo comparativo a hypothese spirita certamente torna taes factos mais intelligiveis. Exemplos isolados de communicações em que a individualidade do supposto communicante não possa ser explicada pelas engenhosas theorias do terra-á-terra, são realmente muito raros. O *Proceedings of the Society for Psychical Research* (p. 383), na parte XXVI, publicou um exemplo d'esses, em que a historia se apresenta em toda a evidencia, revestida de maior interesse romantico do que o usual. Repitamol-o em seus detalhes, pois isso pode ser util aos que não têm as publicações da dita Sociedade.

(*) Ver as nossas edições desde agosto de 1898.

O depoente, Sr. Ulysses Cabral, começou a sua vida publica como militar; hoje, porém, obedecendo à sua vocação, segue a do professorado. Elle vigia paternalmente a conducta dos meninos e conquista com facilidade o affecto e a confiança delles. Um dia, em junho de 1886, indo elle fazer umas compras em uma casa de negocio, à rua da Uruguaryana, ali se lhe apresentou uma pequena mendicante. Ella trajava muito pobremente e parecia estar bastante enferma, mas tinha uma physionomia sympathica e intelligente. O Sr. Cabral questionou-a com a habitual benevolencia e veio a saber que ella e sua mãe viviam em mísera condição. Além disso, a menina, que se chamava Deolinda, se achava em adiantado estado de consumpção. Com o consentimento da mãe da doentinha, elle e sua mulher recolheram-na à sua casa, onde, nos poucos dias que precederam o de sua morte, ella recebeu todos os cuidados e atenções que costumam prestar as almas caridosas. Não se demorou ella em lhes patentear o seu reconhecimento. Uma noite, às 10 horas, pouco antes de expirar, ella se despediu de cada uma das pessoas presentes, e o ultimo acto de sua vida foi levar aos lábios a mão do Sr. Cabral, imprimindo n'ella um apaixonado beijo de gratidão.

Alguns dias depois a familia do Sr. Cabral foi passar algum tempo em uma fazenda de propriedade de um seu amigo. Alli deixando-a, elle regressou à cidade para tratar de suas obrigações. Assim isolado, elle, accedendo ao instante convite de seu amigo Sr. Barbosa de Andrade, veio residir com este, em S. Christovão.

Um mez depois, conforme a noticia no *Proceedings*, uma irmã do Sr. Barbosa, que estava enferma, veio para a casa d'este. Seu mal se foi diariamente aggravando, de modo a tornar-se preciso vigiar-a durante a noite.

Uma noite, quando o Sr. Cabral fazia o seu quarto junto à enferma, duas irmãs, D. D. Anna Ignez Dias Fortes e Feliciania Dias, vieram rendel-o. Ellas foram apresentadas pelo Sr. Barbosa como spiritas, e pela primeira vez conversaram com elle, mas lembravam-se de já haverem-n'o visto em sessões spiritas. Depois de alguma conversação, elle, sentindo-se com somno, foi deitar-se na sala contigua. Recollido ao leito, sentiu elle que o seu somno era substituído por um sentimento de indizível gozo, tendo ao mesmo tempo a sensação de que alguém lhe segurava a cabeça e envolvia-o em alguma coisa.

Admirado d'esse estado de extase sem causa apparente, elle falou disso às duas senhoras que estavam junto ao leito da enferma; e D. Feliciania, que via com outros olhos que não os da carne, respondeu-lhe, dizendo:

— Eu vejo ao vosso lado o espirito de uma menina vestida de branco, a qual colloca em vossa cabeça uma coroa de rosas. Diz chamar-se Deolinda e vem agradecer-vos a benevolencia e a caridade com que a tratastes.

O espanto do Sr. Cabral é facil de imaginar, porque, só depois da declaração, elle lembrou-se de que aquelle dia, ou antes, aquella noite, era o anniversario da morte da menina.

As testemunhas são concordes em dizer que nada a respeito tinham ouvido do Sr. Cabral, antes de se dar a manifestação. Elle tambem declara não haver contado a historia de Deolinda aos seus novos amigos e só se ter relacionado com o Sr. Barbosa depois da morte da menina.

E' um caso que não precisa de comentarios; é uma prova concludente da existencia de agentes desincarnados. A veracidade das testemunhas, conhecidas pelo autor, durante muitos annos, está acima de qualquer suspeição.

Já dissemos o bastante para apresentar uma cuidadosa selecção de factos dados no Brazil, e repetimos que todos elles, tendo sido rigorosamente examinados, offerecem um positivo amontoado de solido material para reflexão e estudo.

Tem secundaria importancia o facto de apresentarem as experiencias narradas o cunho do paiz em que se deram. Geralmente ellas são assim. A preferencia baseou-se no desejo de apresentar exemplos instructivos de certas phases dos phenomenos psychicos, que particularmente tendessem a fortificar a crença na immortalidade da alma. Na evidencia apresentada pelo Sr. Ballard e seus filhos, ha uma prova da identidade do agente nos phenomenos de infima classe. Na narrativa da familia Vianna a assistência e a protecção de um ser intelligente, distincto, para com elle, parece terem ficado sufficientemente manifestas. As evocações do velho barqueiro eram seguidas de effectos que não se afastam muito das materializações, que se referem como occorridas em outros paizes. Pretendem alguns que, como na queda dos retratos, os phenomenos telekineticos o denunciam e as visões podem ser consideradas como um presentimento de acontecimentos futuros, attestando assim um conhecimento anticipado, que não é da terra. Tambem ali temos exemplos de que a intelligencia sobrevive à morte, a memoria e as emoções dos que se foram desta vida podem — e fazem-n'o — impressionar os sensitivos, de modo a indicar-lhes que elles obedecem a uma direcção consciente estranha.

Todas as pessoas reflectidas hão de concordar que a questão da immortalidade do homem não é uma coisa de mero interesse philosophico abstracto. Com provas semelhantes às supracitadas, sua applicação pratica em vasta escala ha de influir na conducta das massas. O effecto do spiritismo sobre os individuos no Brazil tem sido esse; e o que dissemos, sem duvida tem já sido observado em outros pontos do mundo. Pelos individuos, a nova crença vai ganhando terreno na sociedade. Elles são os pioneiros da reforma social que bebe o seu alento na atmosphera do vastissimo spiritualismo.

As intuições do Divino se vão enraizando nas faculdades espirituas desperitadas, e, confiadas aos cuidados de diligentes pensadores, o movimento se propaga com suas consequências praticas, patenteando uma racionalidade que o torna, cada vez mais, acceptavel. E' de esperar que, se homens de cultura tomarem a sua direcção, as aberrações, os desvarios e a credulidade desarrazoada, que attrahem ainda o desprezo sobre o spiritismo, irão tomar logar no rol das coisas mortas.

Uma vez livres d'esses obstaculos, não ha motivos para que os phenomenos que attestamos deixem de ser geralmente reconhecidos como um legitimo objecto de estudos scientificos, e para que as conclusões d'elles tiradas deixem de ser ansiosamente recebidas como um subsidio do ensino religioso.

FIM

NOTICIAS

Sob a epigrapho *As maravilhas do abismo*, conta o *Light*, de Londres, o seguinte:

O navio allemão *Matador*, partido do Chile, navegava em alto mar, demandando o porto de Philadelphia, quando, em uma noite de plenilunio, seu commandante avistou, á alguma distancia, uma embarcação em lucta com as ondas. Acreditou elle que algum tornado se aproximava, e mandou dispor tudo no seu navio. Viu depois que a outra embarcação, já muito perto, vinha sobre elle, sendo impossivel evitar-lhe o choque. A embarcação, porém, sem que elle pudesse explicar como, passou por elle, já navegando do outro lado do seu navio.

N'essa occasião deu-se uma explosão na camara da pópa da embarcação, e as chamas, sahindo pelas portinholas, lhe permittiram ler o nome e ficar conhecendo a nacionalidade da embarcação. Era um navio dinamarquez.

Chegando ao porto do seu destino, o commandante do *Matador* alli viu an-

corado o navio dinamarquez que elle havia visto em alto mar e que tambem acabava de chegar. Indagando, elle soube que, realmente, no dia e hora indicados tinha havido a explosão de um candieiro na camara do commandante, mas a essa hora os dois navios estavam separados por uma distancia de 250 leguas.

Cremos que só a clarividencia pode explicar esse facto.

A *Gazeta de St. James* conta o seguinte:

Tendo em vista a saude de seus filhos, um viuvo resolveu alugar uma casa de campo, e levou consigo os meninos para examinal-a.

Depois de percorrer todo o terreno visinho, passaram elles a examinal a casa, e tinham já percorrido toda ella, quando um d'elles lembrou que faltava visitarem a parte subterranea.

Correram todos alegremente em busca do meio de lá irem, e depararam com uma escada estreita e escura que ia ter a uma porta. Iam elles descendo, quando, ao chegar ao meio, viram diante da porta a figura de sua mãe que, com gesto amigavel, lhes mandava retrocederem. Intimidados e contentes foram elles, correndo, contar tudo a seu pai. Este viu logo que alguma coisa extraordinaria se havia passado. Mandou abrir a porta que se achava no baixo da escada, e achou-se que ella dava para um poço muito profundo e sem a guarda de um parapeito, onde as creanças, sem duvida, se teriam precipitado, se não fosse a intervenção do espirito de sua mãe.

Esta historia é extrahida da biographia de Spurgeon publicada por sua viuva.

Devem os nossos leitores estar lembrados de que, antes dos astrónomos descobrirem que o planeta Marte tinha dois satellites e que o movimento dos satellites de Urano não era em sentido contrario do do planeta, já com alguns annos de antecedencia um medium russo tinha publicado isso.

Temos agora um novo facto.

Na obra *A sabedoria dos adeptos*, publicada em Londres, em 1884, o Sr. L. Harris, falando dos anneis de Saturno, diz que formam cinco zonas.

Agora, em setembro de 1898, o *Erening News* diz que o astrónomo húngaro Dr. Wonszek affirma ter observado uma nova divisão do anel externo de Saturno. Estamos já na quarta divisão; falta ainda uma para chegar ao numero dado pelo medium.

No *Philosophical Journal*, de 1884, o Sr. Owen publicou uma noticia que resumimos assim:

Tinha elle um amigo, o Dr. Knox, homem instruido, mas descrente na immortalidade da alma. Quando elle se achava bastante enfermo, seu amigo Owen pediu-lhe que se, quando elle morresse, se certificasse de que sua alma continuava a viver, lhe viesse dizer a phrase: *ainda estou vivo*.

Falleceu o Dr. Knox, e, cerca de um anno depois, estando o Sr. Owen assistindo a uma sessão de escripta directa por um medium estranho, collocou uma lousa de charneira, por elle mesmo bem limpa, debaixo da mesa e segurou uma das mãos do medium que poz a outra espalmada sobre aquella (a mesa). Ouviram o ranger do lapis nas ardoas, e abrindo-se-as, achou-se escripto o seguinte:

«Amigo Owen. Os phenomenos que a natureza nos apresenta são irresistiveis, e o que se intitula philosopho, luctando, muitas vezes, contra um facto que choca suas theorias favoritas, acaba por ser lançado em um oceano de duvidas e incertezas.

Não se dá precisamente isso commigo, bem que as minhas antigas idéas sobre a vida futura estejam agora totalmente modificadas; confesso, porém, que o desgano me foi agradável e sou feliz, meu amigo, por poder dizer-te que — *ainda estou vivo*. — Do sempre amigo — W. Knox.

A lettra foi reconhecida como do Dr. Knox, por todos que haviam servido com elle no banco de que era director.

Le Progrès Spirite, de Paris, traduziu o seguinte da revista spirita *Hel Tekomstig teren*:

«A condessa húngara A. V. de V., quando menina, experimentava muitas vezes uma sensação de frio no pescoco como se a estivessem degolando. Esse facto só deixou de se fazer sentir, quando ella attingiu a idade de 13 annos. Muito sensível, ella chorava noites inteiras, pensando nos infortunios da rainha Maria Antonieta.

Passando por Paris, já casada, foi ella visitar a capella expiatoria, e ali experimentou uma viva sensação de tristeza.

Algum tempo depois, em Londres, uma joven professora franceza lhe disse, em uma crise de somnambulismo: «Meu Deus! Vós fostes a princeza de Lamballe!» A condessa sentiu então de novo a impressão fria de sua meninice.

Tres annos depois ella visitou, em Buda-Pesth, uma medium cega, que, ao vê-la, bradou: «Eu vos vejo com uma segunda cabeça, e essa é a da princeza de Lamballe.»

O *Daily Mail* publica a seguinte noticia de Roma, com a data de 18 de agosto:

«A 12 de agosto, o joven Livio Cibrario, pertencente a uma das mais antigas familias de Turim, tentando subir ao pico de Rocciamelone, nos Alpes Maritimos, desviou-se do caminho, e só na manhã seguinte foi encontrado seu corpo, magoado e fracturado, no fundo de escura fenda.

O conde Cibrario, pae do infeliz moço, que estava em Turim e ignorava a viagem de seu filho ao pico de Rocciamelone, na noite do accidente despertou em sobresalto a familia, annunciando, banhado em lagrimas, a morte de Livio. «Eu o vi distinctamente, disse elle, com a cabeça quebrada e ensanguentada, dizendo-me com uma voz angustiosa ter cahido n'um precipicio, esmagado a cabeça e lá estar morto.»

Embalde procuraram convencer-o de haver elle sonhado, seu estado de excitação continuou, sem que coisa alguma conseguisse distrahir-o, até que, pela manhã, chegou a noticia do acontecimento!

O conde Cibrario não é um sensitivo e nem se applica aos estudos spiríticos, e isso dá mais peso ao facto.»

Do Banner of Light:

A igreja romana acaba de soffrer uma perda irreparavel com a morte do rev. A. J. Meyer na costa do Pacifico. Nascido na Allemanha, foi elle educado alli e em França, indo para a America em 1856. Notavel por sua sciencia, seus sentimentos elevados, e pelos exemplos de sua vida sempre pautada nos ensinios do Mestre Divino, esse homem foi, sem mesmo o desconfiar, um dos maiores propagandistas do christianismo puro. No collegio que dirigia, a instrução era ministrada com o mesmo carinho paternal ao christão catholico, ou protestante, ao judeu, ao mouro, e a todos que o procuravam. Com um desprendimento digno de imitação, elle recusou por mais de uma vez a saliente posição de bispo. Seus sermões eram verdadeiras predicas de caridade e ensinamentos christãos. O prestito funebre que acompanhou seus despojos á ultima morada foi formado por sectarios de todas as crengas religiosas, cobrindo uma extensão de tres milhas. Os funeraes duraram seis dias e tiveram uma concurrencia enorme. O bispo de Montgomery foi incumbido do panegyrico d'esse notavel varão.

Inesperadamente, na noite seguinte ao do seu passamento, duas damas, em pontos differentes, receberam communicação de seu espirito, aconselhando aquelles a quem havia dedicado sua vida terrena.

Em uma d'essas communicações elle dizia: «Eu sou o espirito do padre Meyer, e venho a vós, meus caros amigos, para

me fazer lembrado e ter a oportunidade de dizer-vos que agora, mais do que nunca, estou convosco. Eu supplico a Deus me conceda, hoje que estou na vida espirital, continuar na instrução de meus irmãos. Dizei-lhes que não os abandono e que sempre aconselharei o meu digno successor. Deus vos abençoe a todos.»

COMMUNICAÇÃO

Por sua clareza e grande alcance, traduzimos de *Le Progrès Spirite*, de Paris, a seguinte mensagem de um amigo do espaço:

As provas variam com as naturezas. Assim como dizemos que não ha duas pessoas absolutamente semelhantes, podemos com mais razão ainda dizer que não ha dois espiritos com os mesmos gostos, as mesmas tendencias e as mesmas aspirações n'um mesmo grau.

As provas naturalmente são apropriadas, com a maxima justiça, á natureza de cada espirito; os espiritos incarnados devem, na longa serie de encarnações que lhes serve de calvario, soffrer as diferentes provas que os têm de conduzir á sua purificação, mas elles não podem supportar-as todas ao mesmo tempo. Em sua bondade, Deus lhes gradua o peso, e dá a cada um a força de vencel-as, que é a vontade de o conseguir.

Isso vem explicar muitas coisas que parecem obscuras, mas que a reflexão descobre. Se vos fosse dado remontar o curso de vossa existencias passadas, ah! verieis como em cada uma d'ellas vos fostes libertando de alguma coisa; e se, do mesmo modo, o futuro se vos patenteasse, verieis igualmente o que vos resta a alijar.

Coragem, meus amigos! Estais no caminho que conduz á verdade; entrevêdes o fim; não caminhais ao acaso, sois esclarecidos e guiados.

Não percais de vista esse celeste pharol que com segurança vos indica o porto; buscai essa luz que irá crescendo á medida que avançardes.

Não está longe para vós a hora da libertação. Passai as curtas horas do vosso

exílio fazendo o bem, e confiai n'Aquelle que vela por todas as suas creaturas.

A presumpção afasta os espiritos do bom caminho. Sede humildes e modestos. A confiança em si mesmo é filha do orgulho; sede simples, e descançai na bondade do Pae que pode supprir a vossa fraqueza.

Sede verdadeiros; que o fundo de vossos corações seja um limpo espelho; mais que tudo, nós amamos a sinceridade e a simplicidade.

E' fundamentalmente sincera e real a afecção que vos votamos. Retribui-nos, em confiança e affecto, tudo o que vos damos; só aqui conhecereis o alcance disso, e será uma surpresa e uma grande alegria o que vos dará este mundo desconhecido, que vos reserva tantas outras. — A.

COLLABORAÇÃO

CARTA ABERTA

(Conclusão)

Occorre ainda razão poderosissima de alevantado alcance: e é que, quanto mais estudo a doutrina de Allan Kardec, mais se robustece a minha fé christã, mais limpa e pura eu vejo a religião de meus paes, sem uma sombra só de duvida, sem a necessidade de curvar cegamente a fronte á imposição de um mysterio que não se decifra, a um milagre a que a razão não pode dar pousada, porque lhe fogem os meios, não possui de certo a sciencia mystica que a reduza a limpo. E quando se pede aos que, sós, possuem o direito de saber ler os livros santos, o que nos dizem elles? Vou ser ousado, me exprimindo assim, confiado no amigo, que me faz justiça. Em grande parte não dizem que se os entenda, por não saberem o que: «é milagre um mysterio que só a Deus respeita» eis a resposta: ou baralliam tanto o que nos dizem serios, que ficamos sabendo agora o que já sabiamos d'antes, e assim não desviam das sombras os que lhes pedem luz.

Até aqui só tenho entretido esta palestra com o amigo, diante de quem me habituei a expandir-me, em cujo peito acostumei-me a derramar minhas quei-

xas, para desopprimir-me de maguas, que se azedavam pela prisão duradoura no carcere estreito de um coração em que faltava energia de heróe para supplantar-as sempre. Ao meu vigário, porém, nada direi como tenho feito; continuarei mudo como devo; elle cumpre ordens que não transgride nunca, e eu respeito-lhe os zelos como respeita a mim.

Deus me livre de, nem por sombra, tocar nos seus melindres «de representante da Religião», que é a mesma em que crei-me e que fiel professo, «de cura da freguezia» onde residio, e onde soube sempre venerar-o. Mas está me parecendo que mal destaquei uma pessoa da outra, o cura do meu amigo, pois que a palestra já vai tão longa que mais se parece á confissão de um penitente aos pés do seu confessor, e por isto temo bem que não me haja acautelado convenientemente, e que o meu vigário tenha ouvido o que só ao amigo ousava confiar.

Seja como fór, já agora, um ou outro me ouvirá até ao fim, e será aquelle que tiver a fineza de fazer-me a merecê. Sim Sr., meu bom amigo, — gratamente apaixonado pela leitura que regenerou-me, senti que era egoismo meu gozar eu só tão doces fructos que me inebriavam a alma, que santificaram-me o espirito de penas que a outros flagelavam ainda; e por isso me veio logo a idéa de offerecer a provar aos outros o calice que continha o licor santo de consolo, justiça, fé, amor e caridade, e não perdi tempo. Mandei inscrever 15 assignaturas, e pedi, avulsos, alguns numeros mais do periodico *Reformador*, órgão da Federação Spiritica Brasileira; assim tambem, fiz virem algumas obras, umas de propaganda, outras fundamentaes — de mais ou menos pulso, de facil comprehensão, como são todas, e fui distribuindo com alguém que a podia comprehend-er, no intuito de não ser eu só o afortunado a quem o acaso quiz dar ventura. Não sei, porém, se os presenteados souberam dar valor aos primores que lhes dei de mimo.

O meu pensamento entusiastico não ficou só ali. Consultei á sociedade Federação Spiritica se era possível vir aqui um dos seus luzeiros que, em conferencias publicas, ensinasse a lição, que mal es-

Vem ella do sangue ou é da educação?

A mais rudimentar observação demonstra que vem de ambas aquellas origens; uns nascem com instinctos de perdição — outros os adquirem no meio em que vivem — e outros já os trazem e os consolidam n'aquelle meio.

E' questão de transcendental philosophia, que não cabe nos limites de um romance e romance escripto por devaneio, como é este.

Elisa, vendo sua victimia abaixar a fronte, julgou opportuno dar-lhe o golpe, provocando-o com estas palavras:

— Já vejo que não me enganai; o senhor ama e não quer dizer-me qual a feliz entre as mulheres que se pode gloriar de ser a senhora de seu nobre coração.

— E a senhora julga, respondeu Martim, erguendo a fronte illuminada pelas irradiações de seu amor, e a senhora julga, deversas, que é feliz e pode gloriar-se a mulher que fór senhora de meu coração?

— Falo, doutor, pelo que sinto, pouco se me dando que fale bem ou mal; falo com o coração, que é simples e innocente, mas que diz-me aquillo que me escapou dos labios, que será talvez uma indecencia da parte de uma moça, mas que, em todo o caso, é a voz de seu sentir.

O que mais podia esperar o pobre Martim para romper o véo que suppunha elle encobrir a cratera de seu amor?

Quando o commendador chegou, quando chegaram as visitas costumeiras, Martim e Elisa não eram mais dois estranhos; eram duas almas que se confundiam em pensamento, em sentimento e em volição ou deus corpos, de que já quasi se podia dizer: «carne da mesma carne — osso do mesmo osso».

Pelo menos assim o acreditava Martim, que foi tão feliz e tão alegre, como se tivesse tido uma visão celestial.

A's vezes, passava-lhe pelo pensamento o que lhe ponderara sobre sua amada, o seu amado Julio; mas do choque de duas forças resultava sempre ceder a menor á maior.

O amor superou a amizade, e Julio foi julgado um visionario, tantas e taes provas dava constantemente a linda moça de sua innocencia e ingenuidade.

Isso não diminuiu o sentimento que o ligava ao amigo da infancia; porém lhe

tudo agora, que não é dado ainda repetir inteira a quem quizer ouvir-a.

Eis que vieram dizer-me: «o vosso cura oppõe-se, energico, á propaganda que vos occupa os intuitos.»

Oh! surpresa! desillusão inteira!

E eu que não cogitara da hypothese!!! O meu vigário, correcto como é no cumprimento de ordens superiores, defenderá com certeza a disciplina que tem por lei um código só, pelo qual se regem todos, e ninguém mais que elle respeita a Ordem á que votou obediencia inteira.

Piquei triste, assustado mesmo!

Os collegas do meu amigo, por desidia ou desprezo do posto de honra que occupam, não estudam (com rara excepção) a doutrina que ensinam; o que farão então elles com a que julgam antagonica ao ensino de Roma? Entendi que se dedicariam já, com empenho e caprichoso esforço, ao estudo das obras fundamentaes da nova doutrina, que os irrita assim, ao menos para conhecerem o campo inimigo e saberem de que armas usam, para opporem, com lealdade, força contra força. Mas não, meu Deus! Como é isto?! Limitam-se os mais estudiosos, ou que se dizem taes, a dizer que o spiritismo é synonymo de diabolismo, que os spiritas, de qualquer categoria, não passam de loucos, que os factos estupendos, que não lhes é dado negar, são obras de Satanaz, que tendem a perverter os saos costumes nas familias, implantar crencas funestas, desviar da salvação os incautos. Dizem ainda que os livros doutrinaes são todos aleivosos, dissolutos, condemnados pela Igreja, porque envenenam a alma do justo, ensinando-lhe o caminho do inferno!...

Meu Deus! Misericordia!...

Quanta calumnia, quanta falsidade! Mas, então, quem querem que seja esse Satanaz, que manda ao spirita amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a si mesmo? Que aconselha a caridade a todo o transo? Que ensina que sem caridade não ha salvação? Que ordena que se ame o inimigo, que se faça todo o bem a quem lhe faz todo mal? Que segue á risca os Evangelhos todos, contidos nos livros santos? Finalmente que prega aos homens o que aos hebreus ensinou o Misericordioso Nazareno? Que-

era um trave que encontrava na taça de suas excelsas alegrias.

Esperava, porém, que a convivencia intima desfizesse a impressão mais que injusta que Julio recebera do simples encontro com Elisa — e isto lhe era o antidoto d'aquelle trave.

Elisa enlaçava-o amorosamente com suas caricias, conseguindo brandamente e com arte de Circe, que sua vontade lhe fosse a lei nas pequenas como nas grandes coisas.

E o jugo era assim lançado no tempo do mel, para imperar por todo o tempo do consorcio.

Oh! vos que tendes escolhido a mulher a quem ides ligar, por toda a vida, vosso nome, vossa honra e vossa felicidade, não vos entregueis, como Sansão, á eterna Dalila.

Preveni-vos, principalmente, durante o tempo do mel, porque não vos seja preciso arrancar mais tarde, e com grande dor para ambos, os espinhos, que vos pareceram flores.

Principiis obsta — tudo depende do principio.

Martim entregou, cheio de jubilo, a cerviz ao jugo, que sua amada lhe fez leve pelas caricias com que lh'o impoz e que mais tarde, — quem sabe? — poderá vir a ser insupportavel.

Quando quizer reagir, é tarde — e não o poderá sacudir senão rompendo o laço que fez a felicidade do casal.

Martim ficou, pois, verdadeiro manequim, que se movia á vontade de Elisa, cuja satisfação era completa, vendo correr tudo a medida de seus desejos, para a realização de seu plano.

Em pouco tempo, toda a colonia brasileira de Paris estava inteirada do proximo enlace da bella filha do commendador Muniz com o nobre e illustrado Dr. Martim — e, em verdade, todos a uma voz auguravam bem d'aquella união.

O commendador Muniz, que namorara Martim pela filha ou antes da filha, nadava em delicias, vendo-os tão ligados, que pareciam uma só alma em dois corpos.

E, para sagrar mais depressa aquella união, resolveu voltar para o Brazil logo que se aproximasse o frio.

(Continúa)

FOLHETIM

(32)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXII

Em Paris o scenario era outro, e outro o caracter da representação.

A casa do commendador Muniz era o ponto de reunião dos brasileiros distinctos que se achavam na capital do mundo, de estadia ou de passagem.

Martim não faltava áquellas reuniões, onde a vida se lhe escoava em meio de inebriantes perfumes.

A vividez de sua alma, como dissera a Julio, fundira-se em risos e contentamentos, por ter sua alma encontrado o calor vivificante que desfizera os gelos que sempre encontrara nos corações femininos.

Elisa, a deslumbrante filha do commendador, compensava-o, á farta, das privações que soffrera por todo o tempo em que só a Gertrudinha, a bella Gertrudinha do Cardoso, lhe dera ternos effluvios de sua alma.

A moça, sempre firme no proposito de fazer pirraça a Julio, que feriu-a no mais vivo de seus sentimentos — a vaidade, acolhia as timidas manifestações do amor de Martim — e animava-o a mais e mais fazel-o — a fazel-as mais e mais compromettedoras.

Um dia, tendo o commendador sahido a visitar um dos seus novos amigos, encontraram-se os dois a sós na sala.

Martim sentiu-se acanhado, de quasi não saber o que dizer; porque, assim como ha-

homens valentes nas batalhas e covardes para combate singular, assim seu espirito se animava, até á ousadia, na convivencia geral, e se abatia, até á pusillaninidade, n'um tête-à-tête, como aquelle.

A bella menina, perspicaz como toda mulher que tem a alma impudica á que só falta, para ser uma perdida, atirar á corrupção o proprio corpo; a bella Elisa aspirava, como o tigre aspira o cheiro do sangue, o delicioso aroma daquelle enlevo que, melhor que o proprio Martim, podia explicar, mas que fingia não comprehend-er.

— O que tem, doutor, que me parece constrangido?

— Eu... não... não estou constrangido, D. Elisa.

— Então soffre do corpo ou do espirito.

— Não, senhora. Estou completamente são do corpo.

— Sua resposta é capciosa, doutor. Falei-lhe em mal do corpo e do espirito — e o senhor apenas respondeu-me quanto ao corpo. Devo, pois, concluir que soffre moralmente — e, conquanto nenhum direito tenha, seria para mim a maior felicidade da vida, se me julgasse digna de partilhar suas maguas.

— Minhas maguas, D. Elisa, eu mesmo não as sei definir. Como, então, dar-lh'as a partilhar commigo?

— Eu nada conheço da vida, porque mal começo, como sabe, a trilhar-lhe o caminho; porém sinto instinctivamente que essas maguas, que o senhor não sabe definir, nascem de seu coração.

Martim abaixou a cabeça, como se tivesse sido surprehendido em falta de deslustrar um homem pundonoroso.

Era digno de profundo estudo para Alibert, ver-se, diante um do outro, um moço formado, em quem a delicadeza dos sentimentos, como a mimosa sensitiva dos campos, sentia-se do mais ligeiro toque do que pudesse ter visos de impureza carnal — e uma virgem, apenas entrada na adolescencia, que sentia-se inebriada ao pensamento de chafurdar-se nas materilidades, cujas delicias prebava, arrastando, por seus encantos, a virgindade de uma alma a abraçar-se com a impudicia de outra.

Como é triste esta inversão da ordem natural!

rem então que esse Satan seja tão santo, tão virtuoso, quanto foi o Rei dos Homens. O Martyr do Golgotha!!!

Blasphemia, meu Deus, blasphemias!... Porem, meu bom amigo, o nosso vi-gario, que tem illustrado o seu espirito, dotado como é de animo correcto, justiceiro, leal, caridoso, não imitará com certeza aquelles de seus collegas que descuram até da dignidade do culto, que se esquecem de si mesmos, que não se pejam de affrontar o decoro e modestia da sociedade que testemunha seus actos. — Elle lerá com tento, estudará com inter-esse, e, quando abraçar a obra ingente da defeza da sua ordem, o fará com di-gnidade e brios, tendo em sua consci-en-a a verdade, diante dos olhos o futuro que Deus governa.

O fogo que me ardia n'alma arrefeceu um pouco, em honra ao respeito que ao meu parochio voto; apagar-se, porém? Impossivel, pois que foi Deus quem o acen-deu piedoso.

Devo terminar, meu amigo, para não cançar demais a paciência que dispensou-me, se ainda tem nas mãos o escripto enorme que não quer ter fim. Mas, antes de deixar a penna, devo dizer ao meu amigo, com toda a fé dos meus sentimentos de honra, que o spiritismo tem por armas da mais fina tempera os Evan-gelhos dos Livros Santos, por preceitos sagrados a caridade e o amor ao próxi-mo, por escudo a humildade e o perdão, por pharol a razão, a liberdade.

Chamam de loucos e visionarios os mais brilhantes luzeiros do mundo scien-tífico! Ai, quem dera, meu bom ami-go, que eu pudesse tambem ser um *louco* assim! Sou muito pequenino e pobre, sem o facho que illumina aquelles venturosos loucos, que Deus dotou da loucura santa.

Mal me dão agora — por *maníaco*, aposto: é já uma honra.

De maníaco a louco o espaço é pouco, o infinito apenas...

Graças, meu Deus, graças! — por nos haverdes dado para nosso guia espiri-tual um cidadão que se preza, que tem consciencia de si, que possui os dotes civicos e moraes que nós reconhecemos em o meu generoso amigo, de quem me subscrevo

Amigo dedicado e reverente

DYONISIO ELEUTHERIO DE MENEZES.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangéhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vi-vifica.»

(Paulo, 2ª epístola aos Corinthios, c. III v. 6).

Mathews, III; V. 1-6 — Marcos, I; V. 1-5 — Lucas, III; V. 1-6.

Predica de João Baptista — Ba-ptismo.

MATHEUS, V. 1. Por esse tempo João Baptista veio pregar no deserto da Judéa, — 2, dizendo: Fazei penitência, porque o reino dos céos está proximo. — 3. Porque ali está aquelle de quem falou o propheta Isaias, dizendo: Voz d'aquelle que clama no deserto, prepara as vias do Senhor; torna direitos os seus atalhos. — 4. Ora, João usa-va um trajo feito de pellos de camelo e uma cinta de couro em volta dos rins; e o seu alimento eram gafanhotos e mel selvagem. — 5. Os ha-bitantes de Jerusalem, de toda a Judéa e de todo o paiz dos arredores do Jordão vinham a elle. — 6, e, confessando os seus peccados, eram baptisa-dos por elle no Jordão.

Marcos: V. 1. O começo do evangelho de Jesus Christo, filho de Deus. — 2, como está escripto no propheta Isaias, diz: Eu envio á vossa face o meu anjo, que preparará o caminho diante de vós. — 3. Ouvir-se-ha no deserto a voz d'aquelle que clama: Preparai o caminho do Senhor; tornai direitos os seus atalhos. — 4. João estava no deserto, baptizando e pregando um baptismo de

penitência para a remissão dos peccados. — 5. To-da a Judéa e todos os habitantes de Jerusalem vinham a elle, e, confessando os seus peccados, eram baptizados por elle no rio Jordão.

Lucas: V. 1. Ora, no anno decimo quinto do imperio de Tibério-Cesar, sendo Poncio Pilatos governador da Judéa, Herodes, tetrarcha da Ga-liléa, Philippe, seu irmão, tetrarcha da Iturá e da provincia de Trachonites, e Lysanias, de Abi-lene, — 2, sendo grãos sacerdotes Annas e Caiphaz, o Senhor fez ouvir, no deserto, sua palavra a João, filho de Zacharias. — 3, e elle veio a todo o paiz que fica nos arredores do Jordão, pregando um baptismo de penitência para a remissão dos pec-cados. — 4, como está escripto no livro das pa-lavras do propheta Isaias: ouvir-se-ha a voz d'a-quelle que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; tornai direitos os seus atalhos. — 5. To-do valle será aterrado, e todas as montanhas e todas as collinas serão arrasadas, os caminhos tortuosos tornar-se-hão direitos, e os escombros planos; e todo homem verá a salvação do Se-nhor.

N.º 51. «Os homens servem-se das palavras que comprehendem e empro-gam-nas como podem; a palavra de Deus significa a mesma coisa que a *inspiração divina*».

«Deus não communica *directamente* com os homens: por mais puro que seja o espirito incarnado, o involucro que elle reveste estabelece uma barreira insupe-rável entre elle e a divindade; mas o Senhor envia os seus grandes espiritos que, inspirados *directamente* por elle, transmittem as suas vontades e tornam-se os seus órgãos».

«Deus não falou a João nem tão pouco a nenhum dos prophetas, dos quaes um eram mediums videntes, auditivos, outros inspirados conforme a sua elevação».

«João recebeu a inspiração no deserto, nos tempos necessários, para o começo de sua missão; e foi sob a influencia da inspiração dos espiritos superiores que elle veio a todo o paiz que fica nos ar-re-dores do Jordão, pregando um baptismo de penitência, e baptizando, no rio, todos aquelles que vinham a elle e confessavam seus peccados».

«João era um espirito superior em missão, destinado, como elle o disse, a abrir os caminhos e preparal-os afim de que a luz se pudesse fazer mais facil-mente».

«O seu caracter «selvagem», os seus habitos fóra dos costumes e dos habitos de seus contemporaneos, attrahiam sobre elle a attenção de todos; a sua palavra severa e rude levava os homens a se re-colherem seriamente, dobrando-se sobre si mesmos; preparava as vias do Senhor, preparando as do seu Christo».

«Era o chefe do rebanho, caminhando na frente e agitando a campainha para que todas as ovelhas perdidas compre-hendessem de que lado podia estar a salvação».

«A confissão era, então, como depois, nos primeiros tempos do Christianismo, feita diante de todos, *publicamente e em voz alta*; provocava, assim, um senti-mento profundo de humildade, porque é necessaria uma grande renuncia para ousar confessar, á face de todos, as faltas, as torpezas, todas as infamias que podem germinar no fundo do coração humano; era uma barreira ás reincidências, porque o homem que sabe que são conhecidos os seus mais secretos pensamentos, que se conhecem suas más inclinações, cuidará de reprimir sua natureza, para evitar a suspeita que pairaria sobre elle, ao me-nor desvio; sim, a confissão era publica, feita em voz alta, e Deus ouvia-a en-tão».

«Estas palavras: «*Toda o valle será aterrado, todos os montes e todas as collinas serão arrasadas, os cami-nhos tortuosos tornar-se-hão direitos e os escombros planos*», applicam-se á derrocada moral, á renovação moral que a doutrina de Jesus devia operar e ope-rará ainda com o concurso do spiritismo e pela missão d'«o espirito de verdade»; — os valles serão aterrados, elevar-se-hão; os montes, cuja fronte orgulhosa quer sustar a marcha ao progresso, serão arrasados, e o nivel passará sobre a natureza inteira, elevando os pequenos, abatendo os grandes, dando a cada um o justo quinhão do que lhe toca; e *toda a carne verá a salvação de Deus*, isto é, todo homem, praticando a lei ensinada

por Jesus, a sua sublime moral, chegará ao fim».

N.º 52. Na época em que começou a predica de João Baptista, Herodes tinha morrido; porque motivo o seu successor é, por Lucas, designado pelo nome de Herodes?

«Para os judeus, n'essa época, o nome de Herodes ficara como typo: designa, aqui, anti-pater (ou anti pas).

(Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO II

OS MEDIUMS ESCRIVENTES

Mediums desenhistas

Comprehendemos, conforme a theoria, que os mediums mecanicos possam ser chamados, em um dado momento, a fazer qualquer outra coisa além da escripta. O poder que lhes faz mover a mão para traçar caracteres sobre o papel, pode tambem fazer-lhes executar linhas, curvas, traços etc., em uma palavra, fa-zer os desenhos. Este caso se apresenta frequentemente, e conhecemos um certo numero de pessoas que obtém, assim, umas, paisagens, outras, cabeças admi-ravelmente desenhadas, embora igno-rando os principios rudimentos d'essa arte.

O exemplo mais curioso d'esse genero de mediumnidade nos é offerecido por M. Sardou, o eminente academic, que pu-blicou, em 1858, uma estampa, dese-nhada e gravada por elle, representando uma habitação em Jupiter. Esse dese-nho é acompanhado de uma longa noticia de Victorien Sardou, em que o celebre autor explica como, assistido de Bernard de Palissy e de Mozart, ponde reproduzir, por meio de traços, as habitações de Jupiter. Eis a noticia collocada em frente do artigo de Allan-Kardec:

«Damos com este numero da nossa re-vista, como o annunciámos, o desenho de uma habitação de Jupiter, executado e gravado por M. Victorien Sardou, *como medium*, e adduzimos o artigo descri-ptivo que elle nos quiz dar sobre esse as-sumpto. Qualquer que possa ser, sobre a authenticidade d'essas descrições, a opi-nião dos que nos poderiam accusar de nos occupar do que se passa além dos mundos desconhecidos, quando ha tanto que fazer na terra, pedimos aos nossos leitores que não perezam de vista que o nosso fim, como o diz o nosso titulo, é antes de tudo o estudo dos phenomenos e que, n'esse ponto de vista, nada deve ser desprezado. Ora, como factos de manifes-tações, esses desenhos são incontestavel-mente dos mais notaveis, pois que o autor não sabe desenhá-los nem gravar, e o dese-nho que offerecemos foi gravado por elle em agua-forte, sem modelo nem ensaio anticipado, em *nove horas*. Suppondo mesmo que esse desenho seja uma fanta-sia do espirito que o fez traçar, o pheno-meno da execução não seria menos digno de attenção, e n'essa qualidade merece figurar na nossa collecção.»

No fim do artigo acompanhando os desenhos, Allan-Kardec ajuntava as linhas seguintes:

«O autor d'esta interessante descripção é um d'esses adeptos fervorosos e esclare-cidos que não temem confessar publica-mente suas crenças, e se collocam acima da critica dos que não creem em nada do que saia do circulo das suas idéas. Ligar seu nome a uma doutrina nova, affron-tando os sarcasmos, é uma coragem que não é dada a todos, e felicitamos M. Sar-dou de ter...»

Quantum mutatus ab illo!

Desde essa época, já longinqua, temos tido provas numerosas, que nos têm de-monstrado que essa mediumnidade está bastante espalhada.

Um ferreiro, chamado Fabre, desenhou um quadro soberbo representando Con-stantino no momento em que põe em

fuga o exercito de Maxence, e que não seria reprovado por um mestre. Nós mesmo vimos pessoas, ignorantes das noções preliminares de desenho, esboçar cabeças, mas de um modo completamente original. A mão era guiada por um mo-vimento febril, de avanço e de recuo, e parecia não fazer senão traços: depois, quando cessava a acção espirital, en-contrava-se, no meio d'essa mistura, uma adoravel figura de moça, cujos traços puros destacavam-se claramente do meio do inextricavel labyrintho dos traços de lapis. Outras vezes eram cabeças de ve-lhos, ou de guerreiros, e, repetimos, nunca esses mediums aprenderam as leis do desenho.

Conven observar que, para esta es-pecie de mediumnidade, são precisas apti-dões especiaes, e não basta ser medium mecanico para ser desenhista. Os espiri-tos, conhecendo nossas existências ante-riores, podem julgar-nos aptos para esse genero de manifestações, quando mesmo não sintamos agora nenhuma disposição para as artes; compete, portanto, a elles dirigir-nos, e a nós seguir docilmente seus conselhos.

O ensaio da theoria geral, que demos, dos phenomenos da escripta, pode ainda applicar-se a certas manifestações que se apresentam com um caracter de ordem complexa. Tal é o caso referido pelo *Grand Journal*, de 4 de junho de 1865. Eil-o, exactamente como o reproduziu a revista.

(Continúa).

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da *Federação Spiritu Brasileira*, á rua do Rosario, n. 141, sobrado.

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 gramm.).	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUMS, por Allan Kardec, encad. (600 gramm.).	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 gramm.).	5\$000
O CÉO E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 gramm.).	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 gramm.).	5\$000
OBRAS POSTUMAS, de Allan Kardec, brochura.	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 gramm.).	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 gramm.).	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 gramm.).	3\$500
IDEM, cartonado (550 gramm.).	4\$500
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 gramm.).	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).	5\$00
MIRETTA, romance spirita, por Elia Sauvage, cartonado (300 gramm.).	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 gramm.).	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — so-lução do problema religioso, por José Balsamo, brochura (200 gramm.).	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBRÓSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no <i>Reformador</i> sobre as experiencias do professor Lom-bróso, brochura (150 gramm.).	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 gramm.).	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 gramm.).	5\$00
LA CASA EMBRUJADA, por Luz del Alma, brochura (150 gramm.).	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 gramm.).	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES E OUTROS SABIOS, brochura (200 gramm.).	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 gramm.).	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 gramm.).	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS E OS MUNDOS REALES, por C. Flammarion, encadernado (700 gramm.).	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 gramm.).	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 gramm.).	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 gramm.).	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHÈSE, por Fre-derico Jaffré, brochura, (200 gramm.).	2\$000
COLLECÇÕES ANNUALES DO <i>Reformador</i> , desde 1887 a 1896, cada anno (450 gramm.).	3\$000

Remessa de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 gramm., além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD —Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Julho 1

N. 392

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de suas residencias, afim de evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

UMA OBJECCÃO

De preferencia ao assumpto de que haviamos promettido tratar n'estas columnas, abrimos hoje espaço, com a maior satisfação, á seguinte carta que nos endereçou um confrade cuja modestia o induziu a supprimir a sua assignatura, n'essa missiva que attesta o seu zelo pelas cogitações de que nos fazemos echo e que constituem, por igual modo, a nossa propria preocupação.

Antes de inserir, porém, a referida carta, seja-nos permitido enviar d'aqui, a esse ignoto confrade, os nossos applausos pelo seu procedimento, que desejamos ver imitado por outros — e o dizemos sem o menor vislumbre de censura —, porquanto é do nosso programma acolher todas as observações, todos os estudos tendentes a elucidar os pontos, ainda obscuros, da doutrina de que somos desautorizado órgão.

Não nutrimos, felizmente, a pretensão de doutrinar, como mestres, do alto d'estas columnas, por isso que todos nos devemos considerar discipulos, mal apparelhados ainda para a investigação dos problemas transcendentes que constituem o immenso dominio da nova psychologia. Em taes condições, nos é sempre agradável trazer á publicidade tudo o que represente um esforço bem inspirado, no sentido de nos auxiliar n'esta tarefa, de que nos vamos desobrigando na medida das nossas debéis forças, sem outra preocupação que não seja a de servir a causa da verdade, buscando sempre a inspiração nas sabias lições do nosso mestre Allan Kardec e nos ensinamentos de Jesus.

O nosso dever, como o de todo spirita bem intencionado, é fornecer sempre aos nossos irmãos o resultado dos nossos esforços, o fructo do nosso trabalho, emprehendido sempre com o elevado fim de aproveitar á collectividade, que não em proveito proprio e exclusivo.

Isto posto, damos a seguir a carta do nosso confrade, em seguida á qual, como nos cumpre, offerecemos a necessaria justificativa das nossas proposições que lhe determinaram a contestação de que n'ella se occupa.

Eis a carta:

«Prezado confrade redactor do *Reformador*. — A attenção com que sempre leio a vossa bem orientada folha, e o estudo, que me tenho habituado a fazer dos artigos que n'ella vêm publicados, obrigam-me a vir importunar-vos um pouco, a respeito do artigo *Reflexões*, publicado no vosso ultimo numero.

«Ha uma phrase com a qual eu peço licença para não estar de acco do, salvo melhor interpretação. E' assim que, tratando da repugnância dos spiritas anglo-saxonios em acceitar o ensino das reencarnações na terra, dizeis: «seja por um instinto de raça, ou por um vicio de educação, eivada ainda em demasia de deploráveis preconceitos», etc...

«Ora, meu caro confrade, eu acho que, em face da nossa doutrina, essas qualidades que distinguem os homens deixam de procurar a sua justificativa nos ensinamentos do materialismo, que tudo refere ao *temperamento*, ao *meio*, etc., porque são attributos do espirito, que é senhor da materia e que lhe dá a direcção que bem entende.

«Em um materialista eu não estranharia aquella referencia, filha da sua escola, mas não posso comprehender como um mestre da nossa doutrina, um espirituista, tenha usado d'aquella expressão, a menos que com isto não tenha fornecido mais do que uma figura litteraria. Mas, em tal caso, conviria que os leitores spiritas fossem bem esclarecidos a respeito da sua significação e do seu alcance.

«Eis o que deseja e o que vos pede quem, por acanhamento, que não condemnareis — estou certo — se subscrive com toda a cordialidade — Um humilde confrade.»

A' parte o qualificativo de mestre com que immerecidamente nos distingue o *humilde confrade*, achamos, em sua carta, fundamento digno de ponderação, e nos apressamos, por isso, a esclarecer a sua duvida, oppondo a necessaria contestação.

Parece effectivamente, á primeira vista, que usamos de impropriedade, attribuindo, mesmo em hypothese, um pouco ao instinto de raça a reluctancia que os spiritas anglo-saxonios oppõem á doutrina das vidas successivas no nosso planeta, em relação a cada espirito; mas permitta-nos o confrade a franqueza de assegurar que, ao empregar tal expressão, tinhamos bem nitida a noção do seu valor, que não é, como se lhe afigura, o de mera figura litteraria.

Alludimos propositalmente ao instinto de raça anglo-saxonia, porque, sem

mesmo ter necessidade de sahir do campo da nossa doutrina, mas, ao contrario, perfeitamente dentro dos seus dominios, sabemos até que ponto a materia influe sobre as resoluções do espirito incarnado, e como entre esses dois elementos que constituem o homem — espirito e materia — se estabelece uma continua lucta, da qual deve o primeiro sahir victorioso, não sem que, todavia, tenha de vencer, a golpes de perseverança, por um trabalho prévio, os perigosos arrastamentos da segunda.

Isto, em these geral. Quanto á questão circumscripita propriamente ao terreno em que a limitou o confrade contestante, pôder-se-ha, porventura, desconhecer, estudando a humanidade atravez das civilizações e da historia, que cada povo se distingue por caracteristicos especiaes, por tendencias e aptidões que lhes imprimem um cunho particularmente distincto?

Enão é necessario recorrer ás hypothses do materialismo, para explicar esse phenomeno, porque a propria doutrina spirita nos veio revelar que os espiritos, como os homens, constituem, no espaço, grupos sympathicos, que se reproduzem na terra, seja preferindo determinadas familias para em seu seio reencarnarem, obedecendo á lei de similitude que os attrahe para um meio conforme com as suas tendencias, seja para constituirem, em virtude da mesma lei, essas outras mais numerosas familias que se denominam raças, ou povos.

A fusão dos costumes e das leis, que entra nas vistas da Providencia, como se verifica pela remota invasão, na Europa, dos barbaros do norte, cuja feição se modificou ao contacto da civilização que alli já encontraram, e por essas continuas incursões dos europeus civilizados na barbaria do oriente, inspiradas embora por interesseiras paixões, masservindo os occultos fins providenciaes de que falamos, — opera-se fatalmente, mas por um processo tão lento que, não raro, escapa á nossa limitada percepção.

Uma observação talvez não terá feito o confrade, e essa de maior relevancia do que a que provocou a sua estranheza, e vem a ser que os spiritas anglo-saxonios são tanto mais refractarios á crença nas vidas successivas para um mesmo espirito aqui na terra, quanto essa revelação não lhes foi dada pelos espiritos superiores encarregados de divulgar os novos ensinamentos por toda a face da terra.

E a razão é obvia e attesta a sabedoria clarividente d'esses mensageiros do alto. Sabido que os ingleses conservam tão fielmente as suas tradições de raça, apurada no cadinho do orgulho pela sua grandeza, e que os norte-americanos, seus descendentes em linha directa, as cultivam com tanto maior apuro que votam a uma odiosa exclusão da sua sociedade os homens que têm a desgraça, para elles, de possuir uma pelle escura (pretos, mulatos, etc.), atirar lhes de chofre esse principio, profundamente igualitario, das reencarnações, effectivas em qualquer condição ou meio, seria expor os novos ensinamentos ao risco de uma repulsa violenta, tornando-os antipathicos pelo desmoronamento completo d'esses costumes, d'essas tradições seculares, com tanto zelo conservadas.

Não. Não valia a pena precipitar os acontecimentos, prejudicar a reforma philosophica, pela imprudencia de anticipados ensinamentos. Aceitos os principios fundamentais, o complemento do ensino se fará opportunamente, no tempo apropriado.

Eis o que talvez não soubesse o estudioso confrade e que attesta, como acima dissemos, a providencia e a sabedoria dos mensageiros da verdade. E se elles reconheceram a inoportunidade de tal revelação, por um movimento de transigencia, bem inspirada, com os costumes d'esses povos, aguardando que se modifiquem para tal fim, é que esses costumes constituem uma das feições caracteristicas d'aquella raça em cujo seio o trabalho dos espiritos n'ella incarnados tem sido de preferencia em um determinado sentido, — phenomeno que igualmente se verifica nos outros povos, cada um dos quaes, como dissemos, affecta um cunho, por assim dizer, caracteristicamente individual.

Sobre esta questão da influencia do espirito sobre a materia, de modo a imprimir-lhe aptidões especiaes n'um ou n'outro sentido, como, por exemplo, a predilecção pelas artes na Italia, a da litteratura na França, etc., tornando os órgãos mais aptos para essas do que para outras manifestações intellectuaes, muito teriamos a dizer, se nos não escasseasse o espaço. Promettemos, todavia, fazelo em outra occasião, e por agora nos contentaremos com o exposto e dar-nos-hemos por sobejamente compensados se, do que ficou acima, resultar para os nossos leitores a certeza da elucidação quanto ao ponto discutido.

NOTÍCIAS

Encetamos hoje, em secção especial, a publicação das notáveis *Experiencias do Dr. Paul Gibier*, sobre cuja importância os leitores decerto nos dispensarão de insistir, não só attenta a honorabilidade e insuspeição do nome por que vêm firmadas, como pelo seu cunho científico experimental, que constitue um elemento de garantia para os incredulos, a que são desconhecidos os domínios da nova psychologia.

Limitamo-nos a recomendar a attenção dos estudiosos de boa vontade essa leitura, interessante a todos os respeito.

Desincarnação

Com verdadeira surpresa, fácil de ser comprehendida, acabamos de ler, pelo nosso collega A Luz, de Curitiba, edição de 15 de junho, a dolorosa noticia da desincarnação do nosso confrade e dedicado correspondente do *Reformador*, em Paranaguá (Paraná), Sr. João Moaes Pereira Gomes, victima, segundo informaram ao referido collega, de um lamentavel desastre.

A falta de mais detalhados pormenores nos impossibilita de consignar aqui outras referencias além do justo pesar com que nos affligiu essa noticia, que muito justamente supponmos dever, como acima fizemos, considerar dolorosa, não como geralmente se tornou um lugar commum qualificar, assim, o passamento de uma individualidade pelos que na morte vêem apenas o apavorante phenomeno da extincção do ser — na sua opinião —, mas dolorosa no ponto de vista dos valiosos serviços que, por aquelle facto, cessa de prestar, entre os vivos, á causa da propaganda aquelle denodado campeão do spiritismo, de cuja dedicação e boa vontade tanto era licito esperar ainda.

Espiritualistas acima de tudo, robustecidos na nossa crença pelas irrefragaveis provas que da immortalidade da alma nos fornece a nova revelação, não seríamos coherentes com as nossas convicções, se nos acabrunhasse o animo o simples facto da cessação da existencia organica do involucro que revestia um espirito, querido pelas suas raras faculdades, tanto mais que, no caso do nosso confrade João Moaes, temos fé em que, amparado pelo seu tirocinio, rico de serviços á nossa causa, aqui na terra, o seu espirito terá penetrado n'essa verdadeira patria, de que nos achamos temporariamente exilados, com aquella satisfação jubilosa e tranquilla dos que souberam cumprir o seu dever. E seria um contrasenso que deplorássemos a sua ascensão á imperturbada atmospheria reservada aos justos.

O que deploramos — seja-nos licito repetir — é a ausencia do seu concurso n'esta obra que a seu serviço não conta ainda tão grande numero de operarios que possa dispensar o prestigio e a boa vontade dos que, como João Moaes, tão lealmente n'ella souberam colaborar, consagrando-lhe os melhores e, certamente, os mais uteis momentos de sua existencia.

Vão n'estas rapidas linhas, que o dever nos inspira, o tributo da saudade ao velho e desinteressado companheiro e a admiração á que fez jus, pelos seus altos merecimentos, entre nós. Possa o seu espirito, livre dos mundanos embarços, continuar a inspirar, d'essas alturas em que paira, os fracos companheiros que aqui deixou, mais do que das proprias dificuldades da tarefa, assoberbados das responsabilidades que lhes acarreta a sua extrema deficiencia para tão elevado mister.

Mal haviamos fechado a noticia que vem de ser lida, quando, por graciosa communicação do nosso confrade Sr. Domingos D. Velloso, dedicado secretario do nosso collega A Luz, nos veio ao conhecimento a desincarnação, tambem, do nosso confrade Dr. Casimir Mottet, o notavel medium a quem a litteratura

spiritica deve a publicação da obra, que se começa a vulgarizar, *Les vérités éternelles*, dictadas pelo espirito de Victor Hugo, e sobre cuja authenticidade, ainda discutida, o nosso confrade foi o primeiro a nutrir reluctancias, vencidas, entretanto, pela insistencia do inspirador da referida obra.

Não seria a propósito discutir aqui, tendo por motivo a desincarnação d'aquelle illustre confrade, essa questão da identidade do espirito que utilizou as suas faculdades mediumnics para a inspiração de um trabalho que, se não prima pela impecabilidade da factura poetica, e, cerra, todavia, os mais elevados ensinamentos moraes, e não seria a propósito, tanto mais que esse problema da verificação da identidade dos espiritos que se manifestam, salvo casos excepcionaes, é dos que ainda se cercam da maior obscuridade, graças á imperfeição dos processos da sciencia nascente. Não fariamos por isso, a observação que acima fica, se não tivéssemos de nos referir, posto que accidentalmente, ao livro a que está ligado o nome do nosso confrade, a cujos esforços e dedicação não pode ser attribuido esse unico serviço á propaganda spiritica, pois que outros e, porventura, não menos valiosos lhe são devidos.

O proprio *Reformador* deve-lhe a espontanea gentileza de haver traduzido escriptos seus para uma revista franceza quando, no anno passado, se achava em Paris o nosso confrade, dando-lhes assim uma circulação que a modestia dos nossos intuitos jamais poderia aspirar.

Isto dito, como um tributo de gratidão ao saudoso companheiro d'esta difficil cruzada em que elle tanto se distinguio, resta-nos consignar aqui, a titulo de informação, que o seu passamento occorreu a 9 de junho recemfindo, em Mendoza, na Republica Argentina, onde fôra, previamente convidado, exercer os misteres de sua profissão de engenheiro.

Aos nossos confrades do Paraná, onde fixara, ha longos annos, residencia o denodado campeão, sem comtudo esquecer a sua terra nativa — a generosa França — enviamos os mais cordiaes votos de solidariedade no pesar que naturalmente os afflige pela perda do prestimoso companheiro, cuja ausencia abre sensível claro nas fileiras dos combatentes da nova idéa; e ao seu espirito, livre e feliz na patria á que regressou, elevamos um pensamento affectuoso, no mesmo tempo que lhe dirigimos um appello, no sentido de que a solução de continuidade na sua vida terrestre não importe na interrupção dos seus esforços em favor da causa que tão lealmente serviu.

Ao nosso illustrado collega O Futuro, que se publica na ilha do Pico, uma das que formam o grupo constitutivo do archipelago dos Açores, pedimos venia para a transcrição, que em seguida fazemos, de uma carta que o collega extrahiu do excellent livro *Neste valle de lagrimas*, do distincto escriptor Silva Pinto, cujo estylo aprimorado imprime um vigoroso colorido a essas linhas que — estamos certos — hão de ser lidas com verdadeira satisfação.

Eis a carta, que é a setima das que compõem o referido volume:

... Dizia-me V. Ex., minha illustre amiga, na sua ultima carta, resumindo considerações que hão de ser divulgadas, por honra do seu alto espirito: — «Tenha em particular, como em publico, a coragem das suas opiniões, meu amigo. Digame, n'uma palavra só, o que pensa ao cabo de tudo isto, que eu resumo n'esta simples interrogação: — «Os mortos voltam?»

Eu, minha grande amiga, respondo-lhe n'uma palavra só:

Voltam.

Não sei afirmar sem o recurso das citações. Quero eu dizer que as minbas origi-

nallidades não se dispensam de apresentar exemplos: parecem *improvisos* de quinze dias, elaborados pelos Bocages do Martinho. E d'ahi vem talvez a confirmação d'aquelle dizer do grande critico Gustavo Planche: — Não ha idéas originaes. Para descobrir uma idéa original, seria mister destruir e reconstruir a humanidade inteira.

Valia a pena, minha boa amiga, se o Creador houvesse de aproveitar-nos, a nós dois, na obra de reconstrução.

Voltam os mortos? — Voltam!...

Uma noite, em S. Miguel de Seide, o nosso mestre Camillo, que V. Ex.^a adora n'um extase que não será por mim perturbado, e contou-me o seguinte:

«Chegou aqui a noticia da morte de Coelho Louzada (1). Sentei-me á mesa, era já noite, para escrever um artigo de tinado ao *Nacional* — um artigo sobre o morto. Lancei mão da penna, interroguiei a memoria sobre alguns factos da vida do romancista e, quando ia a começar o artigo, notei que alguém abria aquella porta, alli — ao fundo da casa.

«Olhei. Estava alli Coelho Louzada, morto na vespera. Tinha os olhos fitos em mim. Eu quiz persuadir-me de que fôra dada uma noticia falsa. Ia, de braços abertos, a dirigir-me a elle, quando o vi abrir os labios e o ouvi dizer-me com uma voz que não era d'este mundo:

— Para que serve tudo isso?...

«Dei mais um passo, cheio de terror e de curiosidade. O Louzada desapareceu!

«Pergunta-me V. agora, acrescentou Camillo — volvidos instantes de concentração de nós ambos — se o Louzada esteve alli; e eu respondo-lhe: — Esteve realmente alli!...

V. Ex.^a, minha illustre amiga, pergunta-me agora: — «Com o devido respeito ao nosso mestre, parece-lhe que estaria lá o morto?» E eu respondo a V. Ex.^a:

— Estava realmente lá!

Porque, alguns annos decorridos sobre aquella noite de S. Miguel de Seide, aconteceu o seguinte:

Um amigo meu — a santa alma, o grande espirito inoxidavel! — sahio da terra para os céos azues da sua meditação. Deu-se-lhe a sepultura á materia. Eu assisti ao enterro, e vim para casa, noite alta, abancando alli, a contas com a desgraça, e a dizer os horrores d'ella em umas paginas que estão hoje vincu adas ao livro do grande poeta que nós perdemos, do grande amigo que eu perdi.

E' assim, minha illustre amiga: é do *Livro Cesarão Verde* que eu estou falando.

Ora, a minha casa tinha dois pavimentos. No superior era o meu quarto; e estava começando a escrever, em uma sala do pavimento inferior, exactamente por debaixo do meu quarto. No bairro solitario onde eu residia, só havia o ruído do silencio: o murmúrio que vem dos colloquios amorosos das arvores e das plantas, dos colloquios profundos dos mortos — no cemiterio. Em minha casa dormia-se. A penna começou a correr pelo papel...

Parou de subito. No meu quarto produzira-se o ruído de uma cadeira que alguém arrasta. A porta que d'alli dá para o corredor abriu-se e fechou-se logo com firmeza. Pelo corredor veio vindo, aproximando-se da escada que conduz ao pavimento inferior, um andar varonil e energico, que eu immediatamente reconheci. Os passos desceram a escada, sempre com firmeza igual; encaminhar-se para a porta da sala, onde eu estava de pé, esperando, e pararam á porta.

Puz os olhos no fecho da porta. Lembrei-me de Coelho Louzada e de Camillo. Não me aproximei, — que não fosse o morto desaparecer. Eu queria pedir-lhe, suavemente, que ficasse — ou que voltasse a ver-me...

(1) O notabilissimo romancista historico portuense, autor dos *Tripeiros*.

A porta conservou-se fechada. Corri, abri-a. O Cesarão t'ha desaparecido.

E ahí está porque eu lhe affirmo, com o coração sereno e o olhar parado, — que elles voltam, minha illustre amiga!

FACTOS

Deram-se os factos que vamos narrar, na clinica do Dr. E., residente em um dos arrabaldes d'esta capital.

Morava n'esse arrabalde um negociante com sua familia, da qual fazia parte uma filha, de nome M., de 11 annos de idade. Medium vidente, essa menina accusava muitas vezes a presença de varias pessoas em sua casa, homens e mulheres, as quaes sómente por ella eram vistas. Seu pae nada conhecendo do spiritismo, receando um começo de alienação mental, reprehendia-a, para que ella banisse essas idéas de sua mente.

Veiu a morrer esse negociante, e sua filha continuou a ter as suas visões, obrigando sua mãe, intimidada, a chamar o Dr. E. para examinal-a.

Na occasião em que o medico se informava do que havia, a menina lhe disse:

— Meu pae está ahí junto do senhor.

Procurava aquelle provar-lhe que isso era uma allucinação, quando ella, ficando somnambulizada, falou-lhe com a voz de seu fallecido pae, affirmando a sua identidade e narrando um facto que só elle e o defuncto conheciam.

Ainda não tinha o medico tornado a si do seu pasmo, quando a menina voltada ao seu estado normal, disse:

— Agora é seu pae quem está ahí junto.

E deu uma perfeita descripção da figura do pae do doutor, fallecido havia já muitos annos.

— Chega-se agora um joven, continuou ella, é seu irmão e chama-se Augusto.

O medico estava tonto, não podendo explicar esses factos, que alli só elle conhecia serem reaes, quando a menina disse: Elle quer escrever.

Tomou papel e lapis e escreveu o seguinte:

— Sou teu irmão Augusto.

O medico examinou a escripta e reconheceu a letra de seu fallecido irmão, tornando-se notavel a forma especial do A de Augusto, identica á de que este usava em vida.

Consta-nos que o Dr. E. vai estudar a doutrina spiritica que lhe proporcionou tão gratas surpresas.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

I

O Sr. Slade

Antes de narrar as experiencias que fizemos com o Sr. Slade, não será desnecessario dizermos, em poucas linhas, o que vem a ser aquelle que n'este momento todos os jornaes denominam «o famoso medium americano».

Segundo documentos que elle proprio nos apresentou, o Sr. Slade nasceu em 1836, em Shatynia, condado de Fradonia, na America do Norte; tem, portanto, 62 annos. De-de que nasceu, suas propriedades *neuro-psychicas* começaram a manifestar-se, conforme elle mesmo nos diz no seguinte periodo, extrahido de uma carta:

«Criança ainda, durante a minha estada na escola, rumores se faziam ouvir de todos os lados e até mesmo na minha banca, o que muitas vezes me fez soffrer severos castigos, accusando-se-me de fazer barulho com os pés, coisa de que ainda hoje me accusam».

A escripta directa só começou elle a obter em 1860, mais ou menos, e desde esse tempo percorreu a America, Europa e Australia.

Em Londres, em 1876, por pouco foi condemnado pelas suas experiencias, que, n'esse tempo, eram qualificadas de magia, em virtude de uma velha lei não revogada; chegou mesmo a ser preso preventivamente, sendo, afinal, posto em liberdade.

Em abril de 1879, fez alguns trabalhos com Zöllner, em Leipzig, ao voltar de S. Petersburgo, em caminho de Sydney, na Australia.

«Por toda a parte, diz elle, encontrei quem me accusasse de impostura, o que me induziu a provocar ao exame as pessoas serias.»

Deixando a Australia, em principios de 1879, o Sr. Slade teve um ataque apoplectico, o qual deixou-o com uma hemiplegia direita, que tornou-se completa durante alguns mezes; em 1881 essa paralyisa desapareceu, mas um segundo ataque trouxe-lhe outra, da qual ainda hoje conserva vestígios, pois, como pudemos observar muitas vezes, o Sr. Slade arrasta ligeiramente a perna direita, coxeando. Quanto ao braço direito, d'elle se serve com difficuldade, e estamos certos de que, se o Sr. Slade se quizesse servir de tal membro para uma fraude nas suas experiencias, qualquer pessoa o perceberia logo, pois tem pouco movimento para a prestidigitação.

Examinámos comparativamente a força muscular dos seus braços, por meio do dynamometro da casa Colin & Charrière, e esse exame deu o seguinte resultado: mão direita, 27 kilos de pressão; mão esquerda, 35 kilos.

Como escreveu Zöllner, «a impressão pessoal de Slade é favoravel; seu ar é modesto»; tem um porte magestoso e parece mais um francez do que um anglosaxão, mesmo porque, e talvez por isso, é filho de uma senhora franceza; entretanto, não comprehende senão o idioma inglez.

Foi na qualidade de medico que travámos relações com o Sr. Slade; fomos vel o, uma vez, presa de uma especie de prostração nervosa acompanhada de delirio, e esse estado durou quasi cinco dias.

Graças á sua compleição nervosa especial e tambem, sem duvida, em virtude da sua hemiplegia, Slade é sujeito a movimentos reflexos e gestos involuntarios assaz frequentes que talvez dêem razão ás accusações que lhe fazem.

Devemos dizer desde já que, conhecendo essas accusações que lhe eram feitas, em principio, fomos sempre muito circumspectos, diremos mesmo, desconfiados, diante d'elle, mas que, apesar da nossa

acurada attenção, nossas infinitas precauções eivadas de desconfiança, e, ainda mais, com os nossos sentidos em perfeito estado de observação, nunca surprehendemos em Slade coisa alguma que tivesse indícios de fraude. No que nos diz respeito, não temos mais do que louvar a boa vontade que elle sempre patenteou, prestando-se a todos os exames a que o submettemos, logo que soube qual o fim das nossas investigações.

Nas principaes experiencias que fizemos com elle, começámos por examinar todas as peças em que se produziam os factos (quando não estavam nos nossos aposentos). Fizemos-o tirar os sapatos para os examinar, como lhe examinámos os pés; revistámos o interior das mangas, das roupas, etc., a tal ponto que ainda hoje lhe apresentamos as nossas desculpas por tantos e tão desattenciosos exames.

Além de algumas sessões que realizámos no salão da nossa residencia, as experiencias principaes foram feitas á plena luz do dia, diante de uma janella que dava sobre uma grande avenida do bairro da Estrella, e junto a uma mesa de madeira ennegrecida, que, de cada vez, viravamos e examinavamos em todos os sentidos. Essa mesa media 0.^m74 de altura e 1.^m08 sobre 1.^m02 de superficie.

Na descripção que vamos fazer, dividiremos nossas experiencias em duas categorias distintas:

- 1.^a *Diversos phenomenos;*
- 2.^a *Escripta directa.*

Estas duas especies de phenomenos foram obtidos muitas vezes na mesma sessão, mas desejamos consagrar especial attenção á *escripta directa*, não só pelas paticulares precauções de que nos rodeámos para observá-la, como tambem porque é precisa uma certa ordem para impedir qualquer confusão.

Para não alongar mais este capitulo com repetições inuteis, daremos alguns apontamentos geraes sobre as condições em que foram feitas as nossas pesquisas; indicámos acima um certo numero d'ellas; resta-nos dizer que tivemos com Slade trinta e tres sessões, tres das quaes em nossa propria casa, e que, sobre essas trinta e tres sessões, mais de dezesseis foram quasi nullas e que duas nenhum resultado deram. Assim, pois, só citaremos as principaes.

proezas e que nunca se lonvavam de as terem recebido.

Tinha dinheiro, vestia-se bem, fazia prodigas gentilezas, era, portanto, um afamado leão da alta classe da sociedade fluminense, tanto como, entre os dissolutos, era um afamado chefe de todo genero de bilontragem.

O nome da familia, seus ademanos afidalgados e o fausto com que se tratava, deram-lhe excellente posição entre os da colonia, em Paris — e, por elles, em casa do commendador Muniz, que era chamada — a corte brasileira.

O commendador acolheu-o com muita satisfação, por ter relações com o pae e com outros membros da familia, gente da maior respeitabilidade.

Carlos Teixeira conhecia a sciencia dos salões e, em pouco tempo, era o cavalheiro mais estimado e procurado da roda do commendador Muniz.

Elisa sentiu-se chocada pelo olhar magnetico do bello e elegante moço, que, por sua parte, não pôde vel-a sem admirá-la.

Soube que estava para casar; mas o que lhe importava isso, se não sabia o que fosse lei moral?

A moça conheceu logo a impressão que tinha causado n'aquelle c ração, e sentiu mais do que a vaidade de atar a seu carro triumphal mais um rei vencido, sentiu algo que lhe era coisa estranha aos sentimentos que lhe passaram pela alma até alli.

Diga-se em honra d'ella: perturbou-se em seu intimo, mas como seu coração estava vazio, pois que nem por Julio nem por Martim sentia amor, não oppoz grande resistencia ao que lhe causara aquella perturbação.

Não amou Carlos Teixeira, mas sentiu por elle e para elle um arrastamento, que sua posição de noiva não lhe permitia deixar transpirar.

Pôde manter equilibrio entre o sentimento e o dever. Não era que rendesse culto de latría ao dever; mas comprehendia que ficaria diffamada se de outro modo procedesse.

A força do bem é tal, que os proprios que o repellem não ousam affrontá-lo em publico!

As pessoas que assistiram ás nossas sessões com Slade nos eram intimas; a idéa de *compadresco* deve, pois, ser banida: algumas vezes eramos quatro e mesmo cinco pessoas inclusive o *medium*; nunca, porém, tivemos menos de tres, em todas as circunstancias.

Depois de cada sessão discutiamos as observações com o auxilio de notas stonographadas, que tomavamos durante a experiencia.

Podemos affirmar, após detido exame, que nenhum mecanismo havia nos moveis de que nos serviamos.

Temos alguma competencia n'este assumpto e podemos garantir o que avançamos.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64). «A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2.^a epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

Matheus, III; V. 7-12 — Marcos, I; V. 6-8 — Lucas, III; V. 7-18.

Exprobrações contra os phariseus. — Aviso ao povo, aos publicanos e aos soldados. — Testemunho prestado a Jesus Christo.

Matheus: V. 7. Mas, vendo muitos dos phariseus e dos saduceus que vinham ao seu baptismo, elle lhes disse: Raça de víboras, quem vos disse que evitasseis a colera que, um dia, deve manifestar-se? — 8. Praticai, pois, dignos actos de penitencia, — 9, e não tenteis dizer convosco mesmos: «Nós temos Abrahão por pae»; porque eu vos declaro que Deus pode, até das proprias pedras fazer nascerem filhos de Abrahão; — 10, porque já machado ameaça a raiz das arvores: toda arvore, pois, que não produz bons fructos será cortada e lançada ao fogo; — 11, quanto a mim, eu vos baptizo na agua, para vos levar á penitencia; mas aquelle que deve vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de desatar os cordões dos seus sapatos; é elle que vos baptizará no Espirito Santo e no fogo; — 12, elle traz na mão o erivo, e limpará perfeitamente a sua eira; ajuntará o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha n'um fogo que nunca se apaga.

Elisa queria a fama embora não a merecesse.

Começaram, para ella, os cuidados e contrariedades, que levaram-na a amaldiçoar todo o plano que tão a gosto trouxera até o ajuste de seu casamento.

— Se elle não fôra, pensava, eu seria livre agora, e, se livre fosse, em vez de ligar-me ao m'santhropo do Martim, dar-me-hia gostosamente ao Carlos, que é o tipo de homem que sempre imaginei para marido.

N'estes pensamentos e sentimentos, a bella moça era levada por uma lei natural: a da atracção dos bons para os bons e dos maus para os maus.

Os espiritos de uma e de outra classe se reconhecem a-travez da materia do corpo — e eis ahi a razão d'aquella atracção e da correspondente repulsão dos de uma pelos da outra classe.

Dir-me-hão: o amor de Martim, espirito de ordem superior, por Elisa, espirito de ordem inferior, destróe a lei que proclamas.

Não; aqui o caso obedece á lei superior, á da justiça soberana, pela qual o moço deve soffrer o que só um espirito atrazado lhe pode infligir.

Martim, pois, embora cego pelo amor, ainda teve olhos de ver que Elisa, depois da apparição de Carlos Teixeira, esfriara em suas caricias; e dahi o ciúme, cujas surpresas lhe envenenaram as puras fontes de suas alegrias.

Sem manifestar o que lhe ia pelo intimo, metade por dignidade e metade para melhor poder descobrir a verdade, o pobre Martim levava os dias e as noites em dolorosas cogitações, em fazer e desfazer negros castellos imaginarios, onde se agasalhavam lugubres pensamentos, que lhe produziam tormentos infernaes.

— Se antes do casamento já é isto, o que será depois? Oh! Julio, Julio; tu és propheta! Mas qual! Tudo isto é obra de minha imaginação! Ella é pura como o ar é transparente — e eu a suspeito al Perdôa, meu anjo — e tu, Julio, és injusto!

A' hora de ir ver a amada de sua alma, Martim compunha a physionomia, comprava um bouquet de violetas, de que muito gostava ella, e lá ia entre receios e esperanças.

Marcos: V. 6. João estava vestido de pellos de camello; tinha uma cinta de couro em volta dos rins e alimentava-se de gafanhotos e de mel selvagem; e pregava, dizendo: — 7. Um mais poderoso do que eu vem atraz de mim, e eu não sou digno de desatar os cordões dos seus sapatos, pros-trando-me diante d'elle; — 8, quanto a mim baptizei-vos na agua; mas elle baptizar-vos-ha no Espirito Santo.

Lucas: V. 7. Elle dizia, pois, ao povo que vinha em multidão para ser baptizado por elle: Raça de víboras, quem vos avisou da colera que deve sobrevir? — 8. Praticai, pois, dignos actos de penitencia; e não vades dizer: «Nós temos Abrahão por pae»; porque eu vos declaro que, mesmo das proprias pedras, Deus pode fazer nascerem filhos de Abrahão; — 9, já o machado ameaça a raiz das arvores; toda arvore, pois, que não der bons fructos será cortada e lançada ao fogo. — 10. E, perguntando-lhe o povo: Que devemos fazer? — 11, elle lhe respondeu: Que aquelle que tem duas tunicas dê uma áquelle que não tem nenhuma; que aquelle que tem que comer faça da mesma maneira. — 12. Houve tambem publicanos que vieram a elle para serem baptizados e que lhe disseram: Mestre, que é necessario que façamos? — 13. E elle lhes disse: Nada exijais alem do que foi ordenado. — 14. Os soldados tambem o interrogaram, dizendo: Enós, que devemos fazer? — Não useis de violencia nem de fraude contra ninguém, e contentai-vos com a vossa paga. — 15. E como o povo e todos imaginavam, convosco mesmos, que João poderia bem ser o CHRISTO, — 16, João disse diante de todos: quanto a mim baptizo-vos na agua, mas virá um mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de desatar os cordões dos seus sapatos: é elle quem vos baptizará no Espirito Santo e no fogo; — 17, elle traz na mão o erivo e limpará perfeitamente a sua eira; e queimará o joio n'um fogo que nunca se apaga. — 18. E' assim que elle evangelizava o povo, ensinando-lhe ainda varias outras coisas.

N. 53. «João era o precursor da verdade, elle proprio o disse.»

«Se, a proposito das perguntas a elle feitas pelos sacerdotes e levitas que os judeus tinham enviado de Jerusalem (João, cap. I, v. 19-28), elle não reconhece e não confessa uma incarnação anterior, é que, vós o sabeis, a materia humana limita a intelligencia spirita; espirito superior, em missão, sujeito, do mesmo modo que José e Maria, ás leis estabelecidas da incarnação humana, João perdera a *lembrança*, e estava no esquecimento completo de sua existencia anterior como propheta Elias; era necessario que elle ignorasse estes mysterios d'além-tumulo; tinha o conhecimento da lei de Moysés; mas as suas aspirações NÃO DEVIAM IR E NÃO IAM alem da missão que tinha de desempenhar.»

• Mediunnicamente, em relação com os espiritos superiores, entre os quaes tinha estado e que o assistiam, o inspiravam, tinha elle a intuição que o encaminhava em todas as coisas, e a humildade que deveria governar-vos, a todos, na terra; tinha a consciencia do que está reservado

A's vezes, voltava alegre como uma criança, que outra coisa não é o homem apaixonado por uma mulher.

A's vezes, voltava com o inferno n'alma, como o condemnado a quem acaba de ser lida sentença de morte.

Tudo dependia do bom ou mau humor que manifestava o idolo de suas adorações — humor que, por sua vez, dependia do rompimento momentaneo d'aquelle equilibrio entre os sentimentos e o dever ou, antes, o desejo de parecer pura.

Tanto se ajunta o fel que chega a extravasar.

Martim não pôde mais conter-se, e um dia disse á sua noiva, que grande differença notava n'ella, de certo tempo a essa parte.

A moça percebeu, pelo ar, que se havia trahido, apesar de todo o cuidado, e respondeu com encantadora doçura:

— Tem razão: eu não queria causar-lhe desgostos, que alias não lhe poupei — e talvez os tivesse maiores. Este moço, Carlos Teixeira, que meu pae, em má hora, admitiu á sua sociedade, importuna-me com suas caricias mais que suspeitas — e eu sou obrigada a supportá-lo, por evitar escandalos. Saiba, pois, qual a razão da differença que tem notado em mim; mas, se me ama, guarde este segredo, como o tenho eu guardado, que pouco nos falta para vermos-nos livres de tal constrangimento. E nem repare em que eu o trate, em publico, com certa affabilidade, pois bem sabe que não podemos proceder de outro modo para com aquelles que são recebidos em nossa casa.

Martim subiu ás regiões ethereas, onde sua alma respirou os perfumes que fazem as delicias dos anjos.

Estava tudo explicado, singela e naturalmente, e explicado em maior honra e gloria de sua amada.

Que felicidade! Que alegria!

Elisa não ficou menos contente. Sentia o prazer inundar-lhe a alma.

— Não pode mais suspirar-me! Enganei-o com a verdade!

A paz reinou, pois, entre os noivos.

(Continúa)

FOLHETIM

(33)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAS

PRIMEIRA PARTE

XXXIII

As flores da alegria são como as rosas de Malherbe, duram o tempo de uma manhã.

Chegou a Paris e tomou posição distincta, entre os mais distinctos brasileiros, um moço do Rio de Janeiro, de familia respeitavel por sua fortuna e posição social, o qual fôra tratar-se, como mestres da sciencia, de molestia que não puderam combater os clinicos do Brazil.

O sr. Carlos Teixeira, filho de um dos mais ricos fazendeiros da provincia do Rio, contava bem sua historia; mas de facto não passava de um dos mais aprimorados bilontras da rua do Ouvidor.

Não era dos que davam facadas de dois e de cinco mil réis nos conhecidos que encontrava, porque seu pae lhe dava á farta para gastar; mas era dos que faziam rolos nos cafés e, nos dias de festa, atiravam ao chão as cartolas dos que por aquella rua passassem, sem respeito á idade e á posição e envolviam as familias, para desacatarem, no tumulto proposital, moças respeitaveis, cujos paes tinham a imprudencia de expô-las a taes horas e em taes logares.

Carlos Teixeira não tinha profissão, mas inculcava-se engenheiro, immiscuindo-se com esse titulo, e com ares de seriedade, nas meliores rodas, que desconheciam suas

ao espirito na volta á patria — a consciencia de sua missão.»

«A sua missão era preparar os homens para o arrependimento, por um symbolo que devia fazer-lhes comprehender a purificação de que tinham necessidade; lavava-lhes os corpos afim de os dispôr a livarem os corações; purificava o involuero, afim de os levar a purificarem o espirito, exhortando-os, em resposta ás suas perguntas, á pratica da justiça, do amor e da caridade.»

«A sua missão era preparatoria; Christo devia terminal-a. Era a voz do que clama no deserto, até que as populações n'elle se tenham reunido, para ouvirem pregar a verdade.»

«Estas palavras:

«Não vades dizer convosco mesmos: Nós temos por pae Abrahão», porque eu vos declaro que Deus pode, das proprias pedras, fazer nascerem filhos de Abrahão; já o machado ameaça a raiz das arvores; toda arvore, pois, que não der bons fructos será cortada e lançada ao fogo»

referem-se a todos os tempos, aos tempos contemporaneos em que João as pronunciava, aos tempos que se seguiram até aos vossos dias e aos tempos futuros.»

«Os hebreus não viam filhos do Senhor senão n'aquelles que caminhavam curvados ao jugo de Moysés, do mesmo modo que, por muito tempo, a igreja romana não admittiu a redempção senão aquelles que seguiam estritamente os seus mandamentos.»

«Que representa Abrahão no espirito dos hebreus? — O chefe da familia que deve herdar o reino dos céos.»

«Por estas palavras inspiradas a seu enviado, Deus quer, pois, que seja bem comprehendido que todos aquelles que VÃO a elle são seus filhos. E diz: Não entram em meu reino os filhos de Abrahão, filhos ingratos, que desconheciam as minhas leis e alteraram os meus preceitos, que os desconhecem e os alteram, os desconhecem e alterem no futuro. Mas quem quer que escute a minha voz, quem quer que entre no largo caminho, quem quer que desarraigue a má arvore que dá maus fructos e não deixe, em seu coração, senão o bom grão que deve fertilizar a terra, quem quer que esteja no meu caminho, E MEU. Os filhos de Abrahão não são aquelles que me dizem: «Senhor! Senhor!» mas somente aquelles que fazem a minha vontade, sejam quaes forem; todos aquelles cujo coração é puro são meus filhos e só elles têm entrada em meu reino.»

«Vós, spiritas, comprehendeis o sentido occulto d'estas palavras symbolicas e que, apropriadas ás intelligencias da epoca, eram destinadas a impressionar-as: «Toda arvore, pois, que não der bons fructos será cortada e lançada ao fogo.»

«A arvore que não dá bons fructos é o espirito incarnado que falla ás suas provações; depois da morte, quando a sua existencia tiver sido coitada pelo anjo da libertação, será lançado ao fogo, isto é, será ao principio, no mundo spirita, e uma vez entrado em expiação, submettido a soffrimentos ou torturas moraes proporcionados e apropriados ás faltas commettidas ou aos crimes praticados; DEPOIS á reincarnação que, franqueando as sendas de expiação e da reparação, é o meio, ao mesmo tempo, de purificação e de progresso.»

«O baptismo do *Espirito Santo* é a assistência, a inspiração dos espiritos purificados, concedidas, em nome do Senhor, pelo Christo, aos homens que recebem mediumnicamente essa inspiração e mesmo communicam com os espiritos purificados, nas condições e na medida das mediumnidades que lhes são distribuidas, assistência, inspiração e comunicação concedidas somente aos homens de boa vontade, para os sustentar, os dirigir em suas provações ou em sua missão, ajudal-os a purificarem seu espirito e a avançarem na via do progresso moral e intellectual.»

«Jesus fazendo descer o *Espirito Santo* sobre seus discipulos, fez, pois, descer sobre elles os *espiritos elevados* que

deviam ajudal-os e sustental-os em seus rudes e arriscados trabalhos, e que, sob a apparencia de *linguas de fogo*, se manifestaram pelo seu perispírito luminoso.»

«Ainda hoje vós estais sob a mesma influencia, quando, repellindo para longe as vossas paixões humanas, vivendo d'essa vida que que pertence a Deus e lhe reporta tudo pela pratica do trabalho, da humildade, do amor e da caridade, attrahis a vós os espiritos protectores da humanidade; no entanto, não vos revistais de orgulho por isso; porque a queda é facil, mesmo para o mais elevado; e os mais pensamentos nascem facilmente no espirito incarnado; recebei, pois, a luz spirita que vos é confiada para d'ella dardes abundante quinhão aos que querem se esclarecer; mas recebei a sempre com um profundo sentimento de humildade e de reconhecimento, rendendo graças a essa nascente d'onde dimana tudo o que é grande, tudo o que é bello, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é eterno.»

«O spiritismo é o complemento d'essa lei de amor que vós calcaes aos pés há tanto tempo.»

«Os vossos corações dão maus fructos; vós sois, portanto, arvores más; mas o Senhor, em sua misericordia, arranca a arvore que não produz ou que dá maus fructos, para deixar crescer em liberdade aquella cujos ramos devem cobrir com a sua bemfazeja sombra o universo inteiro. Christo plantou-a com suas proprias mãos; mas os homens não a cultivaram; as plantas daminhas rodearam-n'a, afogaram-n'a; e o divino ardineiro é ainda obrigado a vir trabalhar em sua vinha, afim de a desembaraçar das parasitas que a suffocam; a fé, essa arvore divina que dá a sombra e o alimento, que refrigera o sequioso e convida ao repouso o viajante cansado, VAI nascer e estender seus ramos benditos sobre todo o vosso universo, e vós todos, sejam quaes forem os cultos exteriores nos quaes a reincarnação voz fez nascer, vindos de todas as partes, e que tiverdes trabalhado na obra regeneradora pelo apostolado do exemplo e da palavra, tereis a alegria de dizer, voltando ao Senhor: «empreguei bem o meu dia.»

(Continúa.)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO II

OS MEDIUNS ESCRIVENTES

Mediums desenhistas

(Continuação)

«Todos os editores e amadores de musica de Paris, refere o *Grand Journal*, conhecem M. N. G. Bach, discipulo de Zimmermann, primeiro premio de piano do Conservatorio, no concurso de 1819, um dos nossos professores de piano mais estimados e distinctos, bisneto do grande Sebastião Bach, de quem traz dignamente o illustre nome.

«Informado pelo nosso amigo commum M. Dollingen, administrador do *Grand Journal*, de que um verdadeiro prodigio se tinha dado no aposento de M. Bach, durante a noite de 5 de maio ultimo, pedi a Dollingen que me levasse á casa de M. Bach, e fui recebido, no n.º 8 da rua Castellane, com uma delicada cortezia. E' inutil, penso, acrescentar que é com a autorização expressa do heroe d'essa historia maravilhosa que me permitto contal-a aos meus leitores.

«No dia 4 de maio ultimo, M. Léon Bach, que é um curioso artista, trouxe a seu pae uma espineta admiravelmente esculpida. Depois de longas e minuciosas pesquizas, M. Bach descobriu, em um taboa interior, o estado civil do instrumento; datava do mez de abril de 1664, e foi em Roma que fora fabricado.

«M. Bach passou uma parte do dia na contemplação da sua preciosa espineta;

pensava n'ella, ao deitar-se, e quando o somno fechou-lhe as palpebras ainda pensava n'ella. Não ha, portanto, motivo para admirar que elle tenha tido o seguinte sonho:

«No mais profundo somno, M. Bach viu á cabeceira do seu leito um homem de longa barba, sapatos relondos no bico, com grande barbas, calções largos, um gibão de mangas muito largas com fôfos no alto, um grande collarinho, e um chapéo pontudo com abas largas. Esse personagem inclinou-se para M. Bach e lhe falou assim: «A espineta que tu possues me pertence». Servi-me muitas vezes para distrahir meu senhor e rei Henrique III. Quando elle era moço, compoz uma ar a, com palavras, que tinha prazer em cantar e que eu lhe tocava muitas vezes. Essa ar a e essas palavras elle as compoz em lembrança de uma mulher que encontrou na caça e por quem se tomou de amores. Afastaram-n'a d'elle; dizem que foi envenenada, e o rei apaixonou-se. Sempre que estava triste cantolava esse romance; então, para distrahir-o, eu tocava na minha espineta uma musica de minha composição de que elle gostava muito. Também elle confundia esses dois trechos e os tocava um depois do outro. Vou fazer-te ouvir-os.»

«Então o homem do sonho aproximou-se da espineta, desferiu alguns accordes e cantou a ar a com tanta expressão que M. Bach despertou chorando. Accendeu uma vela, olhou o relógio, verificou que eram duas horas depois de meia noite, e não tardou a adormecer de novo.

«E' aqui que o extraordinario principia.

«No dia seguinte, ao despertar, M. Bach não deixou de ficar bastante surprehendido, encontrando no seu leito uma pagina de musica coberta de escripta muito fina e notas microscopicas. Com grande sacrificio, e com o auxilio do seu binoculo, M. Bach, que é muito myope, chegou a comprehender essas garatujas. Momentos depois, o neto de Sebastião sentava-se ao piano e decifrava o trecho. O romance, as palavras e a musica estavam exactamente conformes com as que o homem do sonho lhe tinha feito ouvir durante o somno.

«Ora, M. Bach não é somnambulo, nunca escreveu um unico verso em sua vida, e as regras da poetica lhe são absolutamente estranhas.

«Eis o estribillo e as tres coplas, taes como as copiamos do manuscrito; conservamos-lhe a orthographia que, digamos de passagem, não é de modo algum familiar a M. Bach (1):

J'ay perdu celle
Pour qui j'avois tant d'amour
Elle s'y belle
Avait pour moi chaque jour
Faveur nouvelle
Et nouveau désir.
Oh! ouy sans elle
Il me faut mourir!

Un jour, pendant une chasse lointaine,
Je l'aperçus pour la première fois,
Je croyais voir un ange dans la plaine
Lors je devins le plus heureux des rois.

Je donnerais, certes, tout mon royaume
Pour la revoir encore un seul instant;
Près d'elle assis dessous un humble chaume,
Pour sentir mon cœur battre en l'admirant.

Triste et cloîtrée, oh! ma pauvre belle,
Fut loin de moi pendant ses derniers jours,
Elle ne sent plus sa peine cruelle;
Ley bas hélas! je souffre toujours.

«Nesse romance triste, assim como na musica alegre que o segue, a orthographia musical não é menos archaica que a orthographia litteraria. As chaves são feitas de modo differente do que se tem por costume indicar hoje. O acompanhamento é escripto em um tempo e o canto em outro. M. Bach fez-me o favor de me fazer ouvir esses dois trechos que são de uma harmonia simples, ingenua e penetrante.

«O jornal *L'Etoile* diz que o rei teve uma grande paixão por Maria de Clèves, marquez de Isle, morta na flor da idade em uma abbadia, a 15 de outubro de 1574. Não seria a «pobre bella, triste e

(1) Damos no proprio original francez esses versos, para lhes não tirar o valor e o saine que lhes são caracteristicos.

N. do T.

enclausurada», de que se faz menção nas coplas?

«O mesmo jornal nos diz tambem que um musico italiano, chamado Baltazzarini, veio á França n'essa epoca, e que foi um dos favoritos do rei.

«A espineta pertenceu a Baltazzarini? Foi o espirito de Baltazarini quem escreveu o romance e a musica?

«Mysterio que não ousamos aprofundar! — ALBERIC SECOND».

Alguns reflexões sobre esse assumpto não virão fóra de proposito

«Mysterio que não ousamos aprofundar»; e porque não ousais? Eis um facto cuja authenticidade vos é demonstrada, como vós mesmo reconheceis, e porque se refere á vida mysteriosa d'alem-tumulo não ousais procurar-lhe a causa! Tendes-meis encalhar a face! Tendes-me do das almas do outro mundo bu réceais ter a prova de que tudo não acaba com a seiva do corpo?

E' verdade que para um sceptico que nada sabe e que em nada eré alem do tempo presente, e-sa causa é muito difficil de encontrar. No entretanto, por isso mesmo que o facto é estranho e parece escapar a leis conhecidas, deve muito mais fazer reflectir, despertar, pelo menos, a curiosidade. Diz-se-hia, verdadeiramente, que certas pessoas têm medo de ver muito claro, porque lhes convem estar enganadas. Vejamos, porém, as deducções que qualquer homem serio pode tirar d'esse facto, abstracção feita de qualquer idéa spirita.

(Continúa)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spirita Brasileira, á rua do Rosario, n. 141, sobrado:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	5\$000
O CÉO E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
OBRAS POSTUMAS, de Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	2\$000
PREÇOS DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 grams.).....	3\$500
IDEM, cartonado (550 grams.).....	4\$500
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).....	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Savane, cartonado (300 grams.).....	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsamo, brochura (200 grams.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	\$300
LA CASA EMBRUJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES e OUTROS SÁBIOS, brochura (200 grams.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (800 grams.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS e OS MUNDOS REALES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Jofrei, brochura, (200 grams.).....	2\$000
COLLECÇÕES ANUAES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.).....	3\$000
OS MORTOS VIVEM, NÃO OS CHOREIS 50 folhetos (750 grams.).....	10\$000
COMO E PORQUE ME TORNEI SPIRITA por J. B. Borreau, encadernado (250 grms.).....	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams., além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD —Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Julho 15

N. 393

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de suas residências, afim de evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

O problema da evolução

I

Não foi senão depois de havermos formalmente lançado n'estas columnas a solemne promessa de traçar algumas apreciações sobre o trabalho pelo nosso eminente confrade Sr. Gabriel Delanne apresentado ao Congresso Espiritualista de Londres, acerca das «Vidas successivas», que verdadeiramente sentimos a extensão e a gravidade de tão ardua tarefa. Um relampago de indecisão nos perpassou no animo, diante de tamanha responsabilidade, e um momento hesitamos em abordar assumpto de tal magnitude, diante do qual a consciencia da nossa exiguidade nos imporia o dever de silenciar, se, superior a essa vacillação, não se nos impuzesse esse outro dever, inalienavel e sagrado,—tanto como o da satisfação á promessa formulada,—de enunciar sempre lealmente o nosso pensamento acerca das materias n'estas columnas agazalhadas. Subtrahimo-nos, por covardia moral, a essa responsabilidade, encampando com um silencio contrafeito opiniões que poderiam porventura não ser as nossas, seria mentir á missão que nos impuzemos assumindo este posto em face da propaganda spirita, illudir a confiança dos correligionarios que nos prestigiam com o seu apoio e que têm o direito de nos exigir toda a verdade inscripta em nossa consciencia,—seria recusar-lhes a palavra, que tacitamente lhes temos hypothecada, de orientação e de esclarecimento, sempre que possível.

Não é um trabalho de critica scientifica ou, pelo menos, philosophica o que nos vamos propôr, tanto mais que com as idéas geraes enunciadas pelo nosso confrade Sr. Delanne na sua substanciosa memoria não estamos em divergencia e, mesmo, ha alguns mezes apenas, estudando, n'estas columnas, a evolução dos seres, adduzimos considerações que em nada discrepam do ponto de vista por elle tomado para o desenvolvimento da sua these.

Essa questão, porém, pela complexidade das suas relações com as sciencias humanas, tão mal desenvolvidas ainda, e pela importancia capital que representa no estudo da nova psychologia, é das que mais devem preoccupar o espirito dos investigadores, reclamando as mais cautelosas e demoradas observações, de modo a que a sua completa elucidação se opere sobre bases solidas e indestructiveis, promovendo a unificação de vistas dos crentes do novo espiritualismo.

Uma vez postos estes de accordo no conceito d'esse magno problema, é indiscutivel que uma extensa luz se projectará sobre os contornos d'essa obra gigantesca em cuja edificação, ha meio seculo começada no occidente civilizado, têm apenas collaborado alguns raros espiritos de elite que, a despeito de todo o seu valor e da sua tenacidade posta á prova dos mais rudes assaltos, não podem, todavia, ter a pretensão de haver sufficientemente esclarecido nenhum dos problemas fundamentais que a nova revelação veio propôr ao espirito humano, do qual se uma insignificante maioria lançou o grito de insurgencia contra a inercia do velho ideal religioso, a grande maioria deixou-se ankylozar pela passividade ao dogma decuplamente secular, ao ponto de se haver reduzido á impotencia para abordar questões de rara transcendencia philosophica, perdidas todas as noções do livre racionalismo, que teria sido a sua força em epocas de menos oppressão.

Achamo-nos, assim, mal aparelhados ainda, nos porticos de uma vastissima sciencia que encerra todos os segredos dos nossos destinos, desde as suas linhas geraes, que já nos é dado perceber, até aos minusculos detalhes, cujo conhecimento não espera senão o esforço da nossa parte para que se transformem em surprehendentes realidades.

Tenhamos, pois, a coragem d'essas investigações; emprehendamos com perseverança esses estudos que nos seduzem o espirito com todo o prestigio do desconhecido, e fortaleçamos o animo na esperança de que a munificencia do nosso Creador, que não distingue preferidos, revela-se mais ampla e inesgotavel, não como um favor, mas como um premio merecido, a todos aquelles que se esforçam por se aproximar d'elle, cada vez mais, pelo estudo da sua criação, pela aquisição das maravilhas cujo segredo elle reserva aos trabalhadores de boa vontade.

Isto posto, trataremos de abordar,

com as necessarias cautelas, o problema da evolução do principio animico que se accusa em todos os seres organizados, menos com a preocupação de, em definitiva, o resolver, não já com uma autoridade que nos fallece, mas compulsando valiosos dados de investigações alheias ou revelações espirituas, do que no intuito de apontar certas divergencias que se notam no modo de encarar-o, afim de sobre isso attrahir a attenção dos que não tentam illudir-se acerca dos seus deveres de spiritas, deveres que se prendem ao estudo da moderna doutrina em todas as suas partes. Cremos que é, pelo menos, o nosso dever, esse de agitar a opinião em torno das idéas, provocando sobre ellas a meditação dos estudiosos e as investigações dos competentes. Mais longe, de restó, não podemos levar as nossas pretensões.

Na sua these, apresentada ao Congresso de Londres, o nosso eminente collega da *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, toma essa centelha animica, que mais tarde vem a ser denominada espirito, no estado de animalidade, ou, mais propriamente, no estado latente de suas faculdades ainda embryonarias, nas diferentes gradações inferiores do reino animal, e, com o auxilio das observações valiosas que tem feito acerca d'esse elemento essencial que se chama o perispirito, procura acompanhar a sua evolução atravez de formas cada vez mais desenvolvidas e completas, até chegar ao homem, pinaculo e resumo de toda a serie que lhe demora abaixo e da qual é elle a representação superior, não pela sua estrutura organica em si mesma, mas graças ao processo de differenciação de funções que vinha dos mais infimos limites do reino e que no homem vem encontrar a sua mais alta representação.

Até ahí nada ha que esteja fóra das previsões ou das affirmações da sciencia que, com Darwin, proclamou a lei da evolução e, com ella, a da selecção das especies. Melhor do que isso, porém, esses ensinos, que vêm sancionar aquellas leis formuladas por sabios, cujas affirmações não ficaram incompletas senão porque, prejudicados pelo exclusivismo de escolas, obstinaram-se em repudiar esse elemento essencial do principio animico que vitaliza todos os seres, esses ensinos—dizemos—acham-se consignados em um dos livros por que se guia uma grande multidão de spiritas, A re-

velação da revelação, dada ao Sr. Roustaing, posto que a esse respeito o nosso mestre Allan Kardec fizesse algumas restricções, como já tivemos occasião de aqui mostrar e como reproduziremos adiante.

O Sr. Gabriel Delanne, porem, parece ir mais longe do que o que se acha consignado, quer nas obras fundamentaes do nosso mestre, quer no referido livro dictado a Roustaing por elevados espiritos, quanto á evolução do espirito exclusivamente no espaço, uma vez chegado á condição da humanidade, ou, melhor, ao estado de ser pensante e livre, e, posto que o não tivesse claramente enunciado, parece dar a perceber a sua crença na necessidade fatal da incarnação para o espirito, afim de, na condição de homem, expungir-se de toda a herança de animalidade que trouxe da sua passagem pelas series inferiores.

Teremos surprehendido a verdade do seu pensamento, ou formulamos uma hypothese gratuita, autorizada apenas por pouco nitida revelação das suas convicções?

Como quer que seja, e não só para poupar-nos ao desprazer de attribuir uma falsidade a um dos maiores vultos da propaganda spirita na França, ao qual nos prendem affecuosos laços de veneração pelos seus longos serviços á causa que é sua como nossa, e ainda para evitarmos esse terreno ingrato de um debate pessoal, faremos completa abstracção da sua hypothetica autoria a tal proposito, e collocaremos a questão no terreno propriamente dos principios, comprometendo-nos a estudal-a, como é do nosso dever, visto que foi ella aventada n'estas columnas, e a formularemos do seguinte modo:

Deve-se acceitar, como uma verdade scientificamente demonstrada, que o espirito humano é o mesmo principio animico evoluído atravez de todos os reinos da natureza, chegado, depois d'essa longa e penosa elaboração, ao estado racional e livre que o caracteriza? A incarnação humana é sempre o resultado de falta commettida, que colloca o espirito n'essa contingencia, ou é uma necessidade fatal da sua propria evolução, para poder atingir condições superiores? Ou, ainda, essa necessidade de incarnação, fatal para o principio animico em grau inferior, cessa desde que elle franqueia o ultimo estadio da animalidade?

Não perdemos de vista que essas questões acham-se superiormente tratadas pelos mestres e nas revelações citadas, e

a esses dados nos socorreremos no desenvolvimento d'este trabalho. O nosso fim, julgamos ocioso repeti-lo, não é proferir a ultima palavra sobre assumpto de tão elevada transcendência — pretensão que a consciencia da nossa inferioridade nos não permite alimentar —, mas apenas provocar sobre elle a attenção dos estudiosos, pondo em confronto opiniões de um e do outro lado, afin de que d'ahi se possam colher elementos de convicção que não se deve deixar negligentemente aos exclusivos cuidados do futuro. Procurando a concordancia que porventura se possa descobrir em taes ensinos, ou pondo em relevo divergencias cuja cessação se impõe como uma necessidade de unificação de vistas entre os religionarios da nova revelação, julgamos não discrepar dos preceitos da nossa doutrina, que não impõe um credo absoluto, mas, ao contrario, exige o concurso da razão e das consciencias esclarecidas, para que os seus principios possam ser acceitos e definitivamente proclamados como verdades experimentaes.

LEOPOLDO CIRNE.

NOTICIAS

Sob a epigraphie *As forças occultas*, o *Progressive Thinker*, de junho ultimo, conta o seguinte facto, que resumimos:

Ao norte de Chicago residiam, no seu açougue, dois homens, chamados W. Hepe e Tom Barber. Ha cinco annos, pela manhã, Barber foi encontrado morto, com uma punhalada nas costas. Preso o seu socio, este confessou que o havia apunhalado em sua defesa. Apesar de ninguém acreditar n'isso, o criminoso foi posto em liberdade, por falta de provas testemunhaes.

O punhal, com que Barber fora morto, esteve nas mãos da justiça e tinha de ser apresentado ao conselho, como elemento de accusação; mas, apesar de cautelosamente conservado, elle desapareceu na vespéra do julgamento, sendo reconhecida a impossibilidade do facto se haver dado por um meio natural.

Absolvido, Hepe foi ao Texas, voltou a Dakota e ficou trabalhando em um açougue, 100 milhas ao norte de Earling, onde havia um empregado chamado Casmer. No começo da ultima primavera, andando elle e Casmer em busca do gado tresmalhado, foram surpreendidos pela noite e um aguaceiro, e forçados a pernoitar na antiga barraca de Hepe, onde elle matara Barber. Não era seu intento voltar ali; mas a força occulta pôde mais.

Quando Casmer estava fóra, vendo se abrigava os cavallos, ouviu um grito horrôso e, correndo á barraca, encontrou Hepe morto, fazendo no mesmo lugar em que fóra encontrado o corpo de Barber, e tendo o coração atravessado pelo punhal que matara aquelle e que tão mysteriosamente fóra subtrahido do poder da justiça.

Casmer foi preso e compareceu perante o tribunal. Os juizes eram homens serios e respeitaveis e a accusação foi formidavel. Em tudo se via a disposição de condemnar o accusado; estando, porém, a hora muito adiantada, permitiu o juiz que os jurados fossem repousar, adiando o processo para o dia immediato.

No dia seguinte, 27 de maio ultimo, todos os jurados tinham mudado de opinião e estavam resolvendo a absolver o accusado. Qual o motivo d'isso? Um sonho que teve um dos jurados, no qual este viu Hepe apunhalado pela sua antiga victima. O sonhador expôz o sonho com cores tão vivas, que arrastou seus collegas e o auditorio todo a sympathizar

com Casmer. Apesar dos protestos do juiz, de um sonho não constituir uma prova juridica, o accusado foi unanimemente absolvido e recebeu uma estrondosa ovação, ao sahir do tribunal.

Na *Revue du Monde Invisible*, o Sr. Elias Mérie reproduz uma historia sobre a levitação, contada pelo coronel de Rochas, cujo resumo é o seguinte:

No anno de 1885, o Sr. Ravadjee Nattz com um seu amigo faziam, na India, estudos e experiencias diarias com um yoghi, chamado Rancagiri Swami. Impressionou os dois o facto de o ultimo, diariamente sahir ás tres horas da manhã em direcção ao rio, d'onde só voltava quando era dia, e elles resolveram ir observá-lo, levantando-se mais cedo. O yoghi, porém, sem ser por elles informado, lhes disse:

—Eu sei que desejais observar o que eu vou fazer em meus passeios matinaes; é bom, mas não o façais como espiões fremeos juntos.

Pela madrugada, partiram todos em direcção ao rio e chegaram ás margens esclarecidas por esplendido luar. Segundo o costume do paiz, lavaram as roupas que tinham vestidas e entraram na agua; os dois, porém, notaram então que o yoghi tinha desaparecido. Em vão dirigiram os olhares procurando-o, quando uma sombra, á superficie da agua, lhes chamou a attenção. Ergueram os olhos e viram o yoghi quietamente deitado no ar, como se estivesse dormindo, a cerca de uns dez metros acima de suas cabeças. Ao nascer do sol, elle desceu lentamente de seu leito aereo, e seguiu com os outros para casa. Essa experiencia repetiu-se diariamente durante um mez.

Um noticiario que se assigna «Via Lucis», publicou a seguinte carta no *Light*, de 3 de junho ultimo:

«Sr.—Como são sempre de interesse as experiencias que tendam a demonstrar a realidade das communicações espirituas, venho relatar-vos o seguinte:

«Nas sessões de dezembro ultimo, um espirito constantemente se manifestou, tocando ao piano, por meio de um medium, varios trechos e repetindo mais seguidamente uma harmonia, que parecia ser a sua predilecta. Sem curiosidade, perguntei-lhe eu pelo nome d'aquella peça. Elle me satisfez, dando-me os nomes da composição, do compositor, da pessoa a quem era dedicada e da cidade onde vivera o autor, accrescentando que ainda ali vivia uma irmã do mesmo.

«Indaguei, em todas as lojas de musica da cidade em que me achava, e em nenhuma obtive informações a tal respeito. Ha dez dias, porém, achando-me em Onija, o mesmo espirito me deu os nomes da loja, da rua e da cidade, e disse que, se eu escrevesse para lá, obteria a composição.

«Foi então que me veio á mente o pensamento de já poder estar de posse d'essa peça, se tivesse escripto quando recebi as primeiras indicações. Então resolvi-me a escrever e, tres dias depois, recebi a composição com os nomes todos que o espirito me havia dado. Na cidade em questão ainda vivia uma irmã do compositor».

O spiritismo na arte

Segundo refere o nosso collega *A Luz*, de Curityba, sob a epigraphie *O spiritismo no theatro*, vão ser representadas, em Barcelona, duas peças dramaticas vasadas em moldes spiritis, *Azas e Cadeia*, uma, e *Os mortos falam*, a outra.

Achamos prematura, em nosso humilde modo de ver, essa interferencia das doutrinas da nova sciencia, que apenas se debuxa em grandes linhas, nos domínios da arte, e para prova ali temos o insucesso relativo da peça *Le spiritisme*,

a qual, posto que trabalhada por um dos mais reputados mestres do theatro moderno, o Sr. Victorien Sardou, não logrou impressionar o publico e muito menos dispôz-o favoravelmente a respeito das idéas divulgadas por esse meio de propaganda, tendo apenas conquistado os applausos dos adeptos, que levaram, assim, ao corajoso autor o seu testemunho de solidariedade no desassombro com que exhibiu ao grande publico as suas convicções.

E' evidente que o spiritismo, do mesmo modo que o paganismo e, posteriormente, o christianismo, quando tiver em grande parte dominado o espirito das massas, desdobrará a sua influencia até ás espheras artisticas, creando propriamente uma arte sua, inspirada nas suas elevadas concepções, e isso mesmo se acha consignado nas *Obras Posthumas*, do nosso mestre Allan Kardec.

Cremos, todavia, que é demasiado cedo para taes ensaios, que, entantão, não condemnamos por completo, attento a que podem, pelo menos, concorrer para agitar a opinião em torno das idéas que por esse processo se pretende fazer chegar até ao animo do povo. Tudo, porém, depende do criterio com que forem tratados taes assumptos.

A maior circumspecção no modo de apresentar em scena as concepções philosophicas da nova doutrina, com as suas consequencias moraes, pode attrahir sobre ellas a sympathia do publico, ao passo que o mais ligeiro descuido ou precipitação na escolha dos motivos, pode acarretar-lhes um ridiculo que produziria resultados diametralmente oppositos aos visados pelos propagandistas-autores.

E' isso o que convem, antes de tudo, ter em vista.

Acabamos de ser gentilmente brindados com o primeiro numero, datado de 1 d'este mez, da *Revista da Sociedade Psychica de S. Paulo*, órgão trimestral de estudos hermeticos, consagrada ao «magnetismo, esoterismo, psychismo, theosophia, spiritismo, etc., etc.», offerecendo esse numero uma opulenta e variada collaboração, d'entre ella sobresahindo o artigo editorial de apresentação da folha aos seus leitores e de justificativa dos seus elevados intuitos, o qual termina pelos seguintes enunciados que nos permitimos transcrever:

«E' com a divisa Altruismo, Estudo e Verdade, que marchará a Sociedade Psychica de S. Paulo; da pratica dos primeiros teremos o distendimento do terceiro, até que um dia, quicá remoto, possamos saber algo do que encerra a Sublime Porta de Ouro que a Theosophia denomina «Conhecimento.» A Sociedade reconhece a bella phase de T. Pascal, nos Sete Principios do Homem: «não ha um favor na lei; ella é uma para todos e, rigidamente imparcial, não impõe senão uma condição: a Pureza physica, moral e mental.

«Não temos ligação de escolas nem sujeição de systemas; acaamos e accetamos todos os esclarecimentos, ensinamentos e idéas que possam fazer proveito á Sciencia, sem nos immiscuirmos nas luctas religiosas e politicas. Todo homem é um nosso irmão, e como tal o consideramos.

«Repellimos do nosso meio o charlatanismo, persistindo sempre no nosso fim de tornar palpaveis, claros, intelligíveis as idéas e os phenomenos do psychismo.

«Perseverantes confiamos no resultado dos nossos esforços, como os marinheiros audazes do seculo XV, navegando flados na boa estrella, que é a fé inabalavel nas nossas crenças. Com essa tenacidade nos principios e isenção de espirito, a Revista da Sociedade Psychica de S. Paulo publicará o resultado dos estudos e observações a que procedermos, tendo sempre em mente o pensamento de John Herschell:

«Para que as experimentações sejam feitas com resultado, ha uma preliminar a vencer e que depende sómente de nós: é eliminar do pensamento todo preconceito e tomar a deliberação primordial de ficar de pé ou succumbir diante do resultado de um appello directo aos factos e abraçar as deducções strictamente logicas das suas consequencias.»

Longos e prosperos annos almejamos á collega, que tão bem aparelhada se apresentou na incruenta justa.

ASSOCIAÇÕES

Em Sabará, Estado de Minas, foi ultimamente fundado, sob a denominação «Fé, Esperança e Caridade», um grupo spirita destinado a perulstrar os domínios da nova psychologia, achando-se a sua direcção confiada, segundo communicação que gentilmente nos foi feita, aos esforçados confrades Srs. Francisco Antunes de Siqueira (presidente), Alfredo Froes (secretario) e Antonio Raymundo Roussin (thesoureiro).

E' com a maior satisfação que transmittimos aos leitores esta noticia, indicativa de que a nova revelação continua a ganhar terreno, até ás mais afastadas regiões do nosso e mo dos outros paizes, impondo-se a consciencias esclarecidas e enriquecendo-se todos os dias de novos religionarios.

A sympathia e nova agremiação acompanhem os nossos melhores votos pela sua longa prosperidade, que se reflectirá sobre a causa commum por que nos batemos.

A esta noticia temos ainda o prazer de accrescentar a da instituição, tambem, de um novo gremio spirita, na cidade da Amargosa (Bahia), sob a designação «União e Caridade», filiado ao Centro Spirita Religião e Sciencia, da capital da Bahia, instituido sob os auspícios de uma comissão composta dos dedicados confrades Srs. Augusto Pedro Gomes da Silva, Cypriano Brasileiro e Octacilio Dantas Barbosa.

Com taes elementos e dados os fins a que se propõe a nova associação, calcada sobre solidas bases, é de esperar que o seu tirocinio seja brilhante de serviços á causa do moderno espiritalismo, — a mais bella conquista d'este fim de seculo.

São estes, pelo menos, os cordiaes votos que d'aqui enderçamos aos corajosos obreiros d'essa abençoada tarefa.

FACTOS

Deram-se os seguintes factos com o Sr. M., negociante no bairro de S. Christovão, spirita convicto, e cuja senhora, além de crente, é um importante medium vidente e somnambulo.

Ha cerca de sete annos, entraram na casa de negocio do Sr. M. dois cavalheiros, dos quaes um era brasileiro e falava o inglez, e o outro, o Sr. P., era inglez e só falava a lingua do seu paiz. Depois de servidos, o ultimo perguntou ao dono da casa, se falava o inglez, e, em vista da resposta negativa, disse elle ao seu companheiro:

— Oh! Está burra.

Por brincadeira, o Sr. M. perguntou-lhe, por intermedio do que falava o portuguez, se elle falava o francez, o hespanhol e o portuguez, e, á vista das suc-

cessivas respostas negativas, disse sorrindo:

— Oh! está mais burra ainda.

O inglez pareceu ter comprehendido e retirou-se sem se despedir.

Ultimamente, estando o Sr. M. com sua familia, sua senhora cahiu em transe, manifestando-se por ella um espirito bastante agitado e só falando em inglez, lingua que essa senhora não conhece.

O Sr. M. disse ao espirito que falasse em portuguez, pois elle não comprehendia o inglez, e por essa occasião emprêgou as expressões amigo e irmão para ver se o acalmava.

O espirito, porém, repelliui o dizendo:

— Não sou teu amigo nem teu irmão; offendeste-me e eu te odeio.

Procurava o sr. M. saber como e quando o havia offendido, e elle accrescentou:

— Eu fui uma vez á tua casa de negocio e, como respondesses negativamente á pergunta que te fiz, sobre se falavas o inglez, disse ao meu companheiro, sem pensar que o comprehendesses, que eras burro. Tu então, dominado pelo orgulho, perguntaste se eu falava o francez, o hespanhol e o portuguez, e como eu respondesse sempre que não, tu disseste, com raiva, que eu ainda era mais burro.

O Sr. M. declarou-lhe que o fizera brincando, sem intenção de offendê-lo. Fez por elle uma prece, e o espirito retirou-se calmo.

Indagando o S. M., soube que P. havia fallecido.

Outra vez a mesma senhora cahiu em transe, manifestando-se por ella o espirito de uma negra mina. A linguagem, os gestos, tudo era perfeito. O Sr. M., que conhece essa lingua, pôde conversar com o espirito, e convencer-se de que era uma mina que se manifestava, pois sua senhora não conhece essa lingua.

O espirito disse:

— Ha trinta annos, em uma casa da rua de S. Pedro morava um menino, caixeiro, que muito me offendeu. No andar terreo residia uma familia de negros minas, que durante o dia fazia o seu negocio de hortaliças. De noite, confesso, os minas faziam muita bulha e queimavam o cisco e as ervas murchas que não tinham vendido. O menino do primeiro andar mostrava-se com isso incommodado e queixou-se ao proprietario por mais de uma vez; e como não fosse atendido, lembrou-

se; uma noite, de derramar agua pelo soalho, a qual foi cahir no andar terreo, molhando as roupas e tudo o que pertencia aos pobres pretos. Eu era a mulher do chefe d'essa familia, e tenho-te atrapalhado bastante; porque tu foste esse menino.

O Sr. M., que ia-se lembrando de tudo, á medida que o espirito falava, confessou que era real tudo aquillo; aconselhou ao espirito que não fizesse o mal e se lembrasse de quem o offendera. Tora um menino. O espirito prometeu não mais persegui-lo.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

II

PRIMEIRA CATEGORIA

Phenomenos diversos

PRIMEIRA CLASSE

Phenomenos de percussão — Pancadas — Sons diversos

Na mór parte das experiencias que fizemos com varios mediums, ouvimos, no proprio movel em que collocavamos as mãos, fracos estalos ou pancadas secas, algumas vezes a pedido nosso; mas com Slade esses phenomenos de percussão se ouviam distinctamente e eram, em certos casos, bastante fortes. Hoje seria uma infantilidade dizer-se que os musculos peroneos de Slade contribuiam para esses rumores.

Logo que collocavamos as mãos sobre a mesa, ouviam-se, ao mesmo tempo que se sentiam, pancadas surdas n'esse movel, pancadas que partiam, ora da cadeira de Slade, ora das nossas, como se alguém estivesse dando soccos no espadar. De cada vez que isso se dava, nós nos certificavamos de que contacto algum havia entre nós e o medium ou entre o medium e outra pessoa, e o obtinhamos sempre a pedido nosso.

E' assim que, na sessão de 11 de maio de 1886, ás 10 1/2 horas da manhã, em casa de Slade, uma forte pancada foi dada no centro da mesa, e depois, a pedido, outra ainda mais violenta, como se a tivessem dado com um martelo no intuito de quebrar o movel. N'essa occasião as mãos e os pés do medium estavam á vista de todos e nem um movimento partira d'elle.

propriamente de perder as graças do seu eleitorado só tinha quando era chamado por algum comprovinciano vindo á corte para alcançar uma patentesinha da guarda nacional, ou um logar de carcereiro lá de Fory-Assu, que a centralização asphyxiante do imperio fazia dependente do governo central.

Entretanto, pelo facto de tersido vereador pelo municipio neutro, por gosto ou contra a vontade, era o mais procurado pela gente fluminense.

— Diga, respondeu ao continuo, que tenho de falar sobre importante questão da ordem do dia, e que, por isso, a ninguém posso attender.

— O moço mandou lhe dizer, voltou o continuo, que é seu amigo, chegado de fora, e que, visto não poder falar-lhe, vai esperar-o em sua casa.

— Pois bem, pois bem, que vá lá para casa, e que me deixe trabalhar aqui, monologou Julio, sem mais pensar naquella incidente.

De volta á casa, pelas seis horas, dividiu da rua a mãe Martha, toda refestelada e sacudida, em grande uniforme, quer dizer, de vestido branco e com tursa preta, que significava o distinctivo das vestimentas de gala das mulheres velhas.

— O que terá a mãe Martha que, desde a ahida do Martim, nunca mais sahii do seu vestido de chita escura? — pensava e andava.

E pouco andou para descobrir o segredo das galas da mãe Martha, porque, como uma torrente que se precipita por alcantis, Martim atirou-se da escada a baixo, até vir cahir nos braços do querido amigo.

— Meu caro Julio!

— Martim meu querido amigo!

As profundas emoções, quer expansivas, quer deprimidas, traduzem-se por interjeições e, quando muito, por phrases interjectivas, como acabamos de ver.

Oh! e n'esses assomos do coração, para s quaes não ha linguagem que não seja banal, vai um mundo, um infinito de sentimentos, de dores, ou de alegrias.

Julio e Martim tinham tanto que dizer-se, que nada puderam dizer por largo tempo.

No mesmo dia, ainda a pedido, ouvimos o arrastar de um lapis escrevendo na mesa.

A 27 de maio, na nossa sala de jantar, onde Slade entrava pela primeira vez, foram mais curiosos os phenomenos de percussão. Dir-se-hia que em torno do medium, sentado e isolado á plena claridade de duas fortes lampadas de intensa luz, estava uma porção de gullinhas beliscando o soalho. As pessoas da nossa familia ouviam pancadas, e nós mesmo as sentimos sob as solas das nossas botinas, effeito esse que não era dos mais agradaveis.

SEGUNDA CLASSE

Movimento de corpos com contacto do medium

O mais curioso effeito obtido n'este sentido por Slade, e por diversas vezes, foi a levitação completa da mesa que servia para as suas experiencias (sem mecanismo, bem entendido). Pela simples apposição das mãos, a mesa se erguia, virava-se e ia tocar o tecto com os quatro pés, por sobre as nossas cabeças, isso em menor tempo do que gastamos para dizê-lo. Sem fazermos força ou mostrarmos agilidade — e podemos dizer que temos vantagem sobre o medium n'essas duas coisas — ser-nos-hia impossivel imitar esse phenomeno.

TERCEIRA CLASSE

Movimento de corpos mais ou menos pesados, sem contacto com o medium.

Assistimos muitas vezes a esses notaveis phenomenos. Citemos alguns d'entre elles.

— A 29 de abril de 1886, n'uma sessão diurna, estava Slade sentado diante de uma janella, com os pés voltados para o nosso lado; assim, quando ficava em frente da mesa, nós estávamos á sua direita. De repente uma cadeira collocada a 1,^m20 (medimos exactamente a distancia com uma fita) descreveu um semicirculo sobre si mesma e foi arrojarse contra a mesa, como attrahida por iman.

— A 11 de maio de 1886, estando Slade na sua posição ordinaria (como acima) em pl no dia, 3 1/2 horas da tarde, um bahu collocado a 0,^m75 da sua

até que a mãe Martha os veio chamar para a mesa do jantar.

Esta, sim, de contente ria para as paredes e não se fartava de olhar para o seu querido filho, que, dizia, tinha voltado mais bonito e mais gordo.

Com effeito, os barbeiros de Paris tinham arranjado a barba do rapaz de modo que dava-lhe uma configuração, se não graciosa, pelo menos attenuada em relação á sua natural fealdade.

Podia-se olhar para elle, sem ter pena delle.

Receita: — quem fór feio como um urubú, vá a Paris e barbeie-se.

O jantar era dos primorosos, que a mãe Martha sabia preparar para os dias de festa em casa de seus filhos.

Estes fizeram-n'a sentar á mesa, o que encheu de gaudio a boa velha, que parecia elevada ás alturas de que havia cahido, no mundo social, ou material.

— Falta o Sr. Max, disse com verdadeiro pesar a velhinha, que acrescentou: elle é nosso e bem nosso pelo coração.

— Como vai elle, Julio? interrogou Martim.

— Vai bem, levando sua cruz, a que elle e tu me ensinastes a carregar, com coragem e boa vontade.

— Esteve aqui n'outro dia, quando nos veio da Europa o Cardoso.

— Ah! o Cardoso. Esteve aqui? Então tiveram noticias minhas.

— As unicas que tivemos; porque tuas cartas o maldito correio transviou-as todas.

Martim riu-se, e respondeu: — Pois olha, não deixei de responder a uma, sequer, das que me escreveste.

— E' assim; mas a ti cumpria romper a marcha, por todas as razões.

— E' certo, meu caro Julio; porem os que se amam não se atêm a rigores convencionaes.

— Seja como queres, e não contemos as cartas que escrevemos e de que não tivemos resposta.

— Está dito: jubileu pleno; mas Cardoso contou-te minha vida em Paris; não é?

— Desde o seu encontro contigo no bou-

cadeira poz-se em movimento, a principio lentamente, afastando-se da parede em que estava encostado, como que para mostrar que nenhum contacto havia entre es e movel e os objectos que o rodeavam; depois foi bater violentamente contra a mesa junto á qual estávamos; Slade deu as costas ao bahu, ficando de frente para nós e para o Sr. A... Não podemos dizer que effeito produziu em nós esse movel solido, massiço, parecendo momentaneamente animado de vida propria!

No mesmo dia, uma cadeira collocada ao lado do movel em questão foi arremessada, pouco depois, a perto de 2 metros do medium.

— A 12 de maio, a pedido nosso, uma cadeira moveu-se, como sob a acção de uma mola, e elevou-se a 1,^m50 de altura.

Cada vez que se dava um d'esses phenomenos nós nos certificavamos da não existencia de fraude por um minucioso exame do soalho, das paredes e dos moveis, dos quaes por nenhuma lei physica ou mecanica se poderia explicar de modo satisfatorio as projecções a que acabavamos de assistir.

Em varias sessões, sendo uma lousa, em que repousava um lapis, sustentada por Slade embaixo da mesa, vimos o lapis descrever uma linha curva, semicircular, e vir de *debaixo* do centro da mesa cahir *em cima*, no mesmo centro. Esse facto notavel produziu-se em presença da senhora de B., que assistiu á sessão de 24 de julho de 1886. Igualmente vimos muitas vezes uma louza Faber n. 7 fugir das mãos de Slade, passar por baixo da mesa, atravessando-a em toda a sua largura — 1,^m08 — para cahir mansamente nas nossas mãos, e logo que a seguravamos, experimentavamos a sensação de resistencia produzida por outra mão que a estivesse puxando.

Durante esse tempo não perdiamos de vista as mãos do medium e viamos os seus joelhos, que se conservavam fóra da mesa.

Experiencia igual a esta foi feita em presença nossa e do nosso amigo Sr. L., redactor-chefe de um jornal politico de Paris.

Uma vez o mesmo phenomeno se produziu para a senhora de B., a 24 de julho, e estávamos á direita de Slade, cujos movimentos não podiam-nos escapar: a louza caminhou por baixo da mesa, fez um trajecto de mais de um metro,

levand dos Italianos, até á despedida para partir com a sua cara e bella esposa.

Martim annuviou-se e perguntou:

— Ficaste surpreso com o que ouviste?

— Não. Eu contava com tudo o que me elle referiu, á parte o modo como se deram os successos.

— Contavas?

— Certamente; porque te conheço e...

— E?...

— E porque casamento e mortalha no céu se talha.

— Então estás fatalista?

— Não. Conheço a lei das expiações e reparações.

— Manda chamar o nosso Max, para conversarmos a este respeito.

— Não é preciso, respondi da escada. Soube ha dez minutos que tinhas chegado e corri a abraçar-te.

Nova effusão de contentamento a lavar aquellas almas das mortificantes saudades no seio da mais pura e sincera amizade.

Por quem soubeste, Max, que eu já era chegado?

— Eu sahia do Club Liberal, para tomar o bond e, no largo de S. Francisco de Paula, esbarrei-me com um rapaz que era meu cabo eleitoral e que, ha muito, não me apparecia. Disse-me que tinha estado na Europa e que acabava de chegar, dando-me, ao mesmo tempo, a noticia de ter vindo contigo no mesmo paquete. Não quiz saber de mais nada e corri para apertar-te os ossos. Agora, que dei alegrias ao coração, é justo que as dê também ao estomago. Deixem-me acabar o que vocês começaram.

— E', Sr. Max, é; porque o Sr. era o que nos faltava, disse a velha recompondo os pratos.

Martim, porem, não sei porque, ligou importancia ao caso de me haver o moço dado aviso de sua chegada, e voltou a elle, dizendo-me: mas eu, Max, não vim com pessoa alguma conhecida a bordo.

— Como? Pois não conheceste, em Paris, o Carlos Teixeira? Elle disse-me que dava-se contigo, da casa do commendador Muniz.

(Continua)

FOLHETIM

(34)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXIV

Seriam tres horas da tarde, quando um continuo da camara dos deputados veio dizer a Julio que um moço pedia-lhe que fosse lhe falar.

Os deputados são tão acoçados por importunos, a lhes pedirem um emprego, a lhes pedirem dinheiro, a lhes pedirem tudo, tudo o que se possa imaginar, que, se fossem sollicitos em acudir aos chamados, nem um instante lhes sobraria para attenderem aos deveres do alto cargo.

Mas, tambem, se não acodem ou, mesmo, se se demoram em acudir, coitados d'elles, apanham pelas costas, e ás vezes cara a cara, uma chuva de imprecações, de maldições e até de descomposturas.

Os da corte, então, coitados! ou vêm correndo, ou chimpam-lhes na bochecha: cá os espero!

E assim falam, tanto os que valem por sua influencia, como os que fazem do voto mercadoria, como os que n'elles não votam.

Julio, como sabemos, era deputado pelo Maranhão, sua terra natal, e pois, perigo

depois de haver roçado nos nossos joelhos, e foi-se collocar na mão que a senhora de B. conservava á beira da mesa, e só á terceira vez chegou ao seu destino.

Em varias circumstancias, vimos a louza, antes de ir se collocar directamente nas mãos da pessoa que estava em frente de Slade, mostrar-se a principio na extremidade da mesa á qual elle dava as costas, bater na borda algumas pancadas, como para chamar a nossa attenção, com a sua ponta inferior, de tal fórma que dir-se-lia que a mão invisível a mantinha suspensa. Depois ia parar ás mãos de um dos assistentes ou mesmo ás de Slade.

N'essas multiplicas experiencias nem um movimento suspeito surpreendemos em Slade, que, ao contrario, procurava na nossa presença reprimir os movimentos reflexos a que, como já dissemos, está sujeito ao menor rumor.

Olhávamos sempre sob a mesa logo depois da passagem da louza e nunca vimos coisa alguma que indicasse fraude.

No genero dos phenomenos a que consagramos este artigo pode ser classificado o facto seguinte que observámos com toda a sorte de precauções: — depois de haver passado, uma vez, a mão por sobre uma agulha imantada, que se achava encerrada n'uma boceta de vidro, do tamanho de um relógio de algibeira, sem a fazer sahir da sua immobilitade, Slade passou segunda vez a mão direita do mesmo modo, e a agulha agitou-se violentamente e pulou varias vezes sobre a cavilha quando o medium pronunciou em inglez estas palavras: — «Queira fazer mover-se esta agulha.»

Tinhamos as pernas em baixo da mesa ao nível do ponto em que estava a bussola e os olhos fixados sobre Slade. O aposento em que se fazia a experiencia estava situado no entre-solo e justamente por cima do vestibulo; ali não havíamos visto installação alguma de machina electrica; além disso soubemos que os aposentos situados embaixo d'aquelle em que se faziam as experiencias não estavam alugados ao medium.

Em uma palavra — Slade nem sequer imaginava que n'esse dia lhe iríamos pedir tal prova.

A mesma experiencia foi tentada mais duas vezes, mas sem resultado.

QUARTA CLASSE

Objectos quebrados só como contacto do medium

Por seis vezes vimos a louza, que Slade collocava embaixo da mesa para obter a escripta directa, partida em varios pedaços como se uma machina a tivesse triturado. Esse phenomeno era sempre precedido de uma sensação de dor no braço correspondente á mão que sustinha a louza; isso produziu-se debaixo da nossa propria mesa com uma louza solidamente encaixada em madeira resistente. N'este momento temos diante dos olhos quatro d'essas ardorosas quebradas, assim como seus quadros. Muitas vezes tentámos quebrar outras iguaes, torcendo-as ou batendo com ellas na mesa, mas nunca conseguimos partilas, nem sequer rachal-as.

QUINTA CLASSE

Corpos transportados sem contacto apparente

Em duas diversas experiencias foi collocado um objecto embaixo da mesa sobre uma lousa sustentada por uma só mão do medium, repousando a outra sobre a mesa; esse objecto desapareceu e foi encontrado n'uma jardineira collocada acima das nossas cabeças.

Essa indicação do lugar em que se achava foi-nos dada por escripto na pedra; mas adiante diremos como se obteve essa escripta; outra vez — tratava-se de um volume in-8º — o objecto desapareceu do mesmo modo e, apesar das nossas pesquisas, não foi encontrado, nem debaixo da mesa nem em poder de Slade;

apenas a lousa foi collocada embaixo da mesa, ouvimos o folhear do livro, como que caindo sobre ella.

Não insistiremos nos detalhes d'essas experiencias, por nos parecerem, relativamente, pouco importantes e susceptíveis de deixar algumas duvidas no espirito do leitor; consideramos muito mais interessantes os phenomenos da escripta directa.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64).
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

Mathews, III; V. 7-12 — Marcos, I; V. 6-8 — Lucas, III; V. 7-18.

Exprobrações contra os phariseus. — Ariso ao povo, aos publicanos e aos soldados. — Testemunho prestado a Jesus Christo.

(Continuação)

«Vós comprehendéis, spiritas, o sentido occulto d'estas palavras inspiradas ao precursor, falando do Christo:

«Elle traz o crivo na mão e limpará perfeitamente a sua eira; ajuntará o trigo em seu celeiro, e queimará o joio n'um fogo que nunca se apaga.»

«O Senhor, pelo órgão de seu enviado empregou assim, para fazer impressão nos homens *materiaes*, uma figura que os pudesse impressionar pelo temor.»

«Sabei-o bem: Deus nunca abandonou o homem, desde sua appareição no vosso planeta; as suas leis são, como elle, immutáveis e eternas; a lei do progresso — (physica para o planeta, physica moral e intellectual para a humanidade e todas as creaturas em todos os reinos, porque tudo o que é creado é perfectivel), — é uma d'essas leis.»

«A incarnação e a reencarnação são também d'essas leis, como instrumento e meio de reparação e de progresso.»

«Em todos os tempos, o homem teve um anjo da guarda ou espirito protector preposto á sua guarda, encarregado de o proteger e de o conduzir pela via do progresso.»

«Em todos os tempos, houve espiritos em missão entre os homens, para os fazerem avançar n'essa via, revelando-lhes ou recordando-lhes a lei natural, que é a lei de Deus, e conforme o meio, o estado das intelligencias e as necessidades de cada epoca.»

«Em todos os tempos, investido do livre arbitrio, rodeado de influencias occultas, umas boas, outras más, de posse da intelligencia para discernir, relativamente ao seu desenvolvimento moral e intellectual, o bem do mal, livre de fazer um ou outro, o homem foi, por ter fallido, chamado á vossa terra, que é um dos mundos inferiores de provações e de expiação, — a expiar, reparar e progredir.»

«Em todos os tempos, foi submettido, depois da morte, em seguida a cada existencia terrestre, á expiação, mediante soffrimentos ou torturas moraes proporcionados e apropriados ás faltas commettidas ou aos crimes praticados; depois á reencarnação que, com a expiação prévia, no estado de erraticidade, é ao mesmo tempo o *inferno*, o *purgatorio*, a *reparação*, o *progresso*; é a santa escada que todos os homens devem galgar, e cujos degraus são as phases das diferentes existencias a percorrer para chegar ao cimo: porque Deus o disse

pelo órgão do seu Christo: para chegar até elle, é necessario nascer, morrer, renascer ainda, até que se tenha attingido os limites da perfeição.»

«Moysés e os prophetas da antiga lei prepararam o advento da era da regeneração humana; Jesus, nosso salvador, nosso mestre, espirito protector e governador do vosso planeta, á formação do qual presidiu, como á de sua humanidade, e que deve conduzir-vos á perfeição, desceu, entre vós, para iniciar essa era e lançar as bases e os fundamentos da vossa regeneração.»

«Elle tem o crivo na mão; porque a obra regeneradora começou desde os primeiros dias do christianismo.»

«Elle tem operado, opera e operará a separação do joio, do bom grão, da palha e do trigo.»

«O trigo que elle ajuntou, ajunta e ajuntará em seu celeiro, são os espiritos purificados que terminaram as suas provações na vossa terra, tal como ella é actualmente: mundo inferior e de expiação, e que se tornam seus missionarios, dedicados e intelligentes para trabalharem, no estado de erraticidade, ou incarnados em missão, no vosso adiantamento moral e intellectual.»

«A palha que Jesus tem queimado, queima e queimará, são os espiritos culpados, rebeldes, que falliram em suas provações e que elle submete á expiação, DEPOIS á reencarnação em condições taes que, se elles effectuam bem as suas novas provações, lhes sejam ellas o meio de expiação, de reparação e de progresso.»

«O fogo, no qual a palha tem sido, e será queimada, isto é, no qual o espirito culpado, rebelde, soffre a expiação no estado de erraticidade, é a consciencia culpada que produz os remorsos, e, pelos remorsos que despertam ou desenvolvem, segundo a natureza e o grau de culpabilidade, os quadros, medonhos ou dolorosos, postos, como vol-o explicaremos mais tarde, sob a vista do espirito que quer em vão evital-os, das faltas ou dos crimes que commetteu, os soffrimentos ou torturas moraes sempre proporcionados e apropriados a essas faltas ou a esses crimes.»

«Esse fogo não se apaga nunca, nunca se apagará; é eterno, porque Deus tem creado, cria e creará de toda a eternidade; porque assim haverá sempre espiritos que, chamados a attingir, do estado originario de simplicidade e ignorancia, os limites da perfeição, fallirão, serão culpados, rebeldes, chamados a expiar, reparar e progredir; esse fogo é eterno, porque haverá sempre palha para queimar, isto é, espiritos culpados, rebeldes, tendo que soffrer a expiação; mas o fogo da gehenna eterna apaga-se, para cada espirito culpado, logo que a palha está queimada, isto é, logo que, tendo-se arrependido, humilha-se e pede perdão, animado d'um arrependimento sincero e profundo e do desejo ardente de reparar; então, rodeado e ajudado pelos bons espiritos, progride e prepara-se para novas provações.»

«Sim, os remorsos perseguem sempre o culpado, até que elle tenha entrado n'uma via nova; sim, haverá sempre espiritos rebeldes e esse fogo da gehenna eterna não se apaga nunca, nunca se apagará, no sentido de que é como uma herança que se transmite de um a outro.»

«Jesus *limpará perfeitamente a sua eira*: — a obra de regeneração, começada desde os primeiros dias da era que o Christo iniciou, deve ser concluída hoje; o spiritismo, esta terceira e ultima eclosão da bondade de Deus entre os homens, vem acabal-a; deve trazer a luz a todos. Os cegos endurecidos serão *lançados*, disse Jesus, *nas trevas exteriores*; e é lá, acerescentou elle, que haverá choros e ranger de dentes.»

«Chamamos a vossa attenção para estas palavras, afin de vos fazermos comprehender o estylo imaginoso da epoca: o Christo, puro espirito, typo de amor e de caridade, podia condemnar aos choros e ao ranger de dentes espiritos

culpados? Sem duvida nenhuma, mas espiritos inacessíveis aos soffrimentos physicos.»

«Comprehendei, pois, bem, por estas palavras, o sentido occulto de todos os ensinamentos de Jesus; os choros e o ranger de dentes são os remorsos que se evolvem da consciencia culpada.»

«Jesus *limpará perfeitamente a sua eira*.» Nos tempos marcados por Deus, em que a regeneração deverá se effectuar, quando o spiritismo tiver trazido a luz a todos, e em que o vosso planeta não mais deverá ser senão a morada de bons espiritos, os espiritos, até então admittidos á reencarnação na vossa terra e que tenham permanecido culpados, serão lançados nas trevas *exteriores*, isto é, serão successivamente repellidos, segundo o grau de culpabilidade, para mundos inferiores de provações e de expiação, onde terão que expiar, durante longos seculos, a sua persistencia e a sua obstinação no mal, a sua cegueira voluntaria.»

(Continúa)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spiritista Brasileira, á rua do Rosario, n. 141, sobrado:

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	5\$000
O CÉU E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
OBRAS POSTHUMAS, de Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 grams.).....	3\$500
IDEM, cartonado (550 grams.).....	4\$500
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).....	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Sauvage, cartonado (300 grams.).....	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsamo, brochura (200 grams.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	\$300
LA CASA EMBRUJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES E OUTROS SABIOS, brochura (200 grams.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS E OS MUNDOS REAES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Jofrei, brochura, (200 grams.).....	2\$000
COLLECÇÕES ANNUAS DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.).....	3\$000
OS MORTOS VIVEM, NÃO OS CHOROS, 50 folhetos (750 grams.).....	10\$000
COMO E PORQUE ME TORNEI SPIRITA por J. B. Borreau, encadernado (350 grms.).....	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams., além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Agosto 1

N. 394

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de suas residências, afim de evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

ABERRAÇÃO DE LEIS NATURAES

O homem, digamos, o que se tem por sabio, vê uma aberração das leis naturaes e diz, na jactancia de sua sufficiência: só a sciencia pode explicar taes phenomenos.

E' assim que falam os medicos da Capital Federal, diante do facto da união de duas meninas, pelo corpo, que um d'elles tentou separar, desistindo, em meio, da operação começada.

Nenhum, e muito menos o operador, cogitou de leis psychico-moraes que, sem desabonarem a sciencia, revelam um mundo desconhecido que, porventura, dá o conhecimento da razão de taes aberrações.

A sciencia satisfaz-se com explicar o facto material, embora lhe escape a razão de ser.

São dois ovulos, ao mesmo tempo fecundados, como succede na prenhez dupla, que se prenderam ao utero, tão juntos que, por seu desenvolvimento, romperam-se e fundiram-se em um unico involucro, donde a ligação dos dois fetos.

Porque isto? Porque aquella prenhez dupla — e o phenomeno da ligação dos corpos dos gêmeos?

A sciencia não tem empenho em descobrir d'esses mysterios; mas os que procuram, fóra da materia, o que não explicam as leis da evolução d'esta, não se satisfazem com explicar o facto material, e procuram descobrir-lhe a razão de ser, que não pode deixar de haver, porque *nilhil sine ratione*.

A prenhez dupla, complicada com a ligação dos corpos dos gêmeos, tem, pelo spiritismo, uma explicação inteiramente independente do phenomeno material, que está ao alcance da sciencia.

Os dois espiritos, que animam aquelles dois corpos, são inimigos de longas eras, condemnados, por sua endurecida rebeldia á lei do amor, que é condição de todo progresso, a virem, d'aquella arte, ligar-se corporalmente, uma vez que repelleram sempre fazel-o espiritalmente.

E' um meio empregado pela justiça do Pai, para coagil-os a se conformarem com a lei.

E, por ali, se vê que Deus, em vez do castigo que mata, não emprega, para encaminhar seus filhos á salvação, pela depuração de seu ser, senão os meios correctivos de penas temporarias, cuja duração cessa com a limpeza da alma, pelo arrependimento e expiação.

Ha, portanto, sublime lição no facto das duas meninas, para quem procurar n'elle, não os ensinios da sciencia dos homens, applicada á materia, mas os da sciencia divina, applicada ao espirito.

Se os medicos que se acercaram das duas crianças, em vez de se preoccuparem exclusivamente do phenomeno, sob o ponto de vista material, tivessem prestado attenção ao duplo modo de encaral-o e consideral-o, certamente não teriam tentado contra a lei moral, no intuito de corrigirem o que consideram desvios das leis physicas; não teriam tentado a operação.

Se o operador, insciente de ser o phenomeno clara manifestação da vontade soberana, se propuzesse, por puro desejo de fazer o bem, romper o laço que, pela carne, liga os dois espiritos, mesmo assim, nenhum passo daria sem procurar ouvir as vozes dos luminares do espaço, que são sempre solícitos em clarear os caminhos dos que desejam cumprir o dever, sem ferirem o maior de todos, que é a obediência á lei.

O operador, n'esse caso, não deixaria de pedir aos protectores invisiveis sua opinião sobre o caso, sabendo que a materia lhes é transparente e, portanto, que elles, melhor que os maiores sabios da terra, poderiam dizer-lhe se era ou não factível a operação, isto é, se poderia ou não ser feita sem risco de vida; porque factível é ella, se se quizer fazel-a, embora sacrificando-se a vida das operandas.

E, em tal caso, não ter-se-hia dado o desastre de se recuar em meio, ou o de parar-se sem se conseguir o fim, porventura possivel.

Não affirmamos que a operação seja necessariamente desastrosa, porque, não nos cabendo o encargo, não procurámos desvendar o acerto ou o erro de sua tentativa.

Afirmamos, porém, que um operador spirita nunca tental-a-hia sem primeiro instruir-se sobre a vantagem ou desvantagem da tentativa e, conseguintemente, que, ou não a tentaria, ou, se a

tentasse, não tel-a-hia deixado em meio.

Não se tome o nosso dizer por censura ao collega que empreendeu a obra, mas somente como uma lição, para que se conheça quanto podem valer, em casos d'esta ordem, os ensinios da mal comprehendida sciencia spirita.

No nosso caso, o homem não vê a união dos dois corpos senão pelo exterior, a favor de seu apparelho organico visual, que não penetra o interior dos órgãos; o espirito, porém, vê, a favor de sua vista immaterial, até as minimas moleculas dos órgãos.

Um baseia seu juizo sobre conjecturas scientificas, enquanto o outro baseia-o sobre o que vê.

E, como este não se nega a dizer o que vê, desprezar este recurso é cerrar os olhos á luz.

Eis o que pensamos sobre o caso que tem abalado a opinião dos sabios da medicina, no Rio de Janeiro.

DR. BEZERRA DE MENEZES.

O problema da evolução

II

Vejamos, antes de tudo, que dados nos fornece a sciencia relativamente á primeira das interrogativas que formulámos, isto é, quanto á identidade, no homem, do principio animico evoluído através de todas as series inferiores da natureza. Para isso nos socorreremos do proprio trabalho do Sr. Gabriel Delanne, em que essa questão é suscitada com uma certa justeza de vistas e calcada sobre experimentações scientificas destinadas a corroborar as suas opiniões.

Eis aqui como se pronunciou elle a tal respeito:

«O maravilhoso encadeamento de formas naturaes e as manifestações, sempre mais extensas, da intelligencia, á medida que nos elevamos na hierarchia dos seres vivos, não provam, pode-se dizer, que seja necessariamente um, mesmo principio individual que evolue através de todos esses organismos. Seriam, pois, necessarias, para estabelecer a probabilidade da passagem da alma pela serie animal, provas organicas incontestaveis. Creio que disso se pode ter uma primeira prova no facto de o embrião reproduzir, em escorço, toda a evolução ancestral de sua raça.

«Pois que o perispirito é anterior e distincto do corpo, do qual é elle a idéa directora, se é obrigado a repassar rapidamente, no inicio de sua vida fetal, pela serie dos organismos inferiores, é que encerra o mecanismo d'elles em si mesmo. Ora, elle não o pode ter adquirido senão mediante incarnações terres-

tres, excessivamente numerosas, em cada uma das ramificações inferiores. As investigações dos modernos physiologistas quasi não permitem pôr em duvida esse facto capital.»

Realmente esse facto de o ovulo fecundado, na mulher, affectar successiva e rapidamente, no inicio da gestação, isto é, nas primeiras semanas, todas as modalidades, todas as formas das series inferiores da animalidade, acha-se sufficientemente documentado em observações de modernos physiologistas, de modo a se poder acceital-o em sua generalização, pois que se tornou uma verdade axiomática.

Como muito bem diz o illustre confrade: «todos nós fomos successivamente no seio materno: cellula a principio, depois mollusco, peixe, reptil, quadrupede, para chegar finalmente á humanidade». Ao demais, sabe-se que a cellula — ponto de partida de todos os seres e primeira forma que o protoplasma reveste — é perfeitamente identica em todos os animaes, inclusive no homem, e isso prova a unidade da criação, diferenciada apenas na exterioridade das formas ou no desenvolvimento organico, que obedece a uma seriação indefinita.

Estas vistas da sciencia acham-se confirmadas nos ensinios dos espiritos, como se pode ver na *Revelação da Revelação* (ou *Os Quatro Evangelhos*) dada ao Sr. Roustaing:

«O espirito ainda em estado de formação (1) — (porque então elle não possui ainda o livre arbitrio, uma intelligencia independente, raciocinada, a consciencia de suas faculdades e de seus actos) passa, no reino animal, seguindo uma continua marcha progressiva, conforme os progressos adquiridos e as necessidades dos progressos a adquirir, por todas as phases de existencias successivas necessarias para o desenvolverem e o conduzirem ao limite das formas e das especies intermediarias que participam do animal e do homem; passa depois por essas especies intermediarias que o aproximam, pouco a pouco e por um insensivel declive, cada vez mais do reino humano; porque, se o espirito sustenta a materia, esta auxilia o seu desenvolvimento.»

Aqui nos permittimos uma ligeira observação, antes de passar adiante. A classificação acima feita de «reino humano» parece corroborar a divisão estabelecida por Quatrefages, dos reinos da natureza em quatro, a saber: mineral, vegetal, animal e *hominal*, o que, de resto, pouco interesse offerece no sentido de esclarecer o estudo d'esses reinos naturaes.

(1) Obra citada, pag. 178.

O que, porém, faz objecto da nossa observação é que alli se fala de «especies intermediarias que participam do animal e do homem». Acreditamos que esse ponto da revelação se refira a especies até agora incluídas, porventura indevidamente, no reino animal, mas é para lastimar que o revelador não tivesse designado essas especies, para maior clareza do seu enunciado. Poupar-nos-hia assim a duvida á que se fica exposto a tal respeito, porque, se a observação tem demonstrado que nos limites entre o reino mineral e o vegetal, como entre este e o animal, existem especies intermediarias que offerecem os característicos de um como do outro reino, de modo a tornar difficil, senão impossivel, a sua classificação, o mesmo não se dava entre os representantes da serie animal e o homem, a menos que se trate d'essas especies barbaras, que vivem na mais profunda animalidade, taes como os papuas, os vedahs, os habitantes da Terra do Fogo, etc. Em tal caso, todavia, repetimos, conviria que essa instrução tivesse sido explicitamente ministrada.

Isto dito, menos com a intenção de criticar esses altos ensinos, do que para sobre elles atrahir a attenção e a meditação dos estudiosos, voltaremos ao ponto, que nos preoccupava, da concordancia de taes doutrinas com as constatações scientificas. D'ahi parece resultar, isto é, das afirmações da sciencia e das revelações dos espiritos, que, antes de chegar á humanidade, antes de, por conseguinte, poder ser considerado «espirito» na integridade de suas funcções e de suas faculdades, o principio animico, por uma necessidade de sua evolução, teve de atravessar todos os reinos da natureza, em cada um dos quaes effectuou a somma de progresso compativel com as suas condições. Só depois de haver attingido os limites da ultima especie que precede o homem, é que então começa verdadeiramente para elle a sua existencia de espirito, livre, responsavel, podendo exclusivamente viver da vida espirital, ou, no caso de fallir, voltar á via dolorosa das encarnações para ali resgatar a sua divida.

E' isto o que nos diz a revelação (1):

«Chegados ao ponto preparatorio á humanidade, os espiritos se preparam então, nos mundos *ad hoc*, para a vida espirital, consciente, independente e livre. E' n'esse momento que o espirito entra n'esse estado de innocencia e ignorancia; a vontade do soberano senhor lhe dá a consciencia de suas faculdades e, por conseguinte, de seus actos, — consciencia que produz o livre arbitrio, a vida moral, a intelligencia independente e raciocinada, a responsabilidade.

«Chegado assim ao estado de espirito formado, de espirito prestes a ser humanizado se vem a fallir, o espirito se acha em um estado de completa innocencia, tendo deixado em seus derradeiros involucros materiaes os instinctos que devia ás necessidades da animalidade.

«A estatua acabou de receber as formas; o espirito formado se envolve, sob a direcção e a vigilancia dos espiritos prepostos, dos fluidos que o devem recobrir e que chamais «perispirito», corpo fluidico que se torna para elle o instrumento e o meio, ou de seu progresso

constante e mantido desde o ponto de partida do estado de innocencia e ignorancia, até que tenha attingido a perfeição moral, que o colloca ao abrigo de toda queda, — ou da queda e, n'este caso, de seu progresso, para se resgatar com o auxilio de encarnações e reencarnações successivas, expiatorias a principio, depois, finalmente, gloriosas, até que tenha attingido essa perfeição moral.»

Eis o que se contém no ensino da Revelação; mas sobre isso teremos necessidade de voltar proximoamente.

LEOPOLDO CIRNE.

A apostasia de Flammarion

O spiritismo que, ha apenas meio século, começou a se constituir em doutrina philosophico-scientifica, cujas bases foram sabiamente organizadas pelo nosso mestre Allan Kardec; que, desde então, por não servir senão os interesses superiores da verdade pura, tem levantado contra si legiões de adversarios de todas as categorias, mas que, a despeito de todos esses assaltos, tem sabido triumphante das provas a que têm sido submettidos os seus phenomenos, toda a vez que investigadores verdadeiramente imparciaes se têm proposto o seu estudo, de animo desprevenido, mas dentro das mais rigorosas condições de experimentação scientifica, soffreu ultimamente um violento abalo com a extensa divulgação dada a opiniões attribuidas ao eminente scienista francez, Camillo Flammarion, opiniões que — dizia-se — eram um verdadeiro desmentido aos phenomenos spiritalis e, com estes, á doutrina sobre elles architectada.

Coisa digna de nota: o jornalismo da nossa terra, que se preza o sufficiente para não tomar a sério taes phenomenos, nem para com elles se occupar, foi, com raras excepções, de uma extrema solicitude em acolher e reproduzir taes opiniões contrarias, destinadas a cavar fundo o descrédito que tão boas disposições encontra para a envolver, da parte dos que têm por dever orientar e esclarecer o povo, uma doutrina que pode não ser a expressão final da verdade, que todo homem aspira, mas que conta já, em seu acervo, um numero bastante consideravel de factos e, nas fileiras dos seus militantes, nomes dos mais respeitaveis no seio do proprio scientificismo official, para se impôr, pelo menos, á consideração e ao respeito que se deve ás coisas sérias.

Parecerá estranha essa repulsa, por assim dizer, instinctiva por uma doutrina que se propõe a demonstração da existencia da alma e da sua sobrevivencia ao que se chama a morte, e que não é mais do que a destruição do seu grosseiro involucro, cuja perda é a sua radio-sa libertação, com todas as consequencias moraes resultantes da immortalidade, essa mysteriosa intuição que reside no fundo de toda creatura humana e que se foi, até não ha muito, uma vaga aspiração, poderá ser, d'ora em diante, uma consoladora certeza, graças ás provas que d'ella nos fornece a nova psychologia. Parecerá estranha essa repulsa, porque, de facto, que de melhor se pode offerecer ao homem, acorrentado ás mi-

serias e ás vicissitudes d'esta vida ephemera, do que a certeza dos seus destinos futuros? — E, todavia, é isso um phenomeno natural, porque ainda se não extinguiu essa extensa raça dos peores cegos, de que nos fala o Evangelho, e que são os que não querem ver. Tão certo é que o homem, abroquelado no estulto orgulho de uma sciencia que, mesmo como é imperfeitissima e limitada, não faz, todavia, objecto de estudo senão de uma insignificante minoria, acha mais comodo, mais elevado, mais digno embriagar-se na exclusiva satisfação dos sentidos, do que pôr as altas faculdades de que o dotou o Creador ao serviço da sabedoria e da virtude, que lhe cumpre attingir pelos esforços repetidos de uma vontade esclarecida.

E' que para isso é necessario renunciar ás seducções do prazer e do egoismo, impôr-se a severidade nos costumes, o sacrificio de si mesmo em proveito da collectividade, a pureza — em uma palavra — tanto nas acções como nos proprios pensamentos. E como isso é uma tarefa difficilissima, e como é muito mais comodo e requer muito menor esforço limitar as suas aspirações ás condições de «um animal bem nutrido», não faltam cegos voluntarios que, por inercia, por indifferença e, não raro, por incapacidade, se deixem ficar na ignorancia proposital dos transcendentes problemas que fazem a preoccupação dos espiritos reflectidos, e estejam sempre promptos a hostilizar todos os que se proponham sacudir-lhes o torpor que lhes dá a felicidade compativel com as suas rasteiras aspirações.

E' d'esses pretorianos da rotina que se compõe o exercito das reacções contra todas as reformas. Graças á sua influencia é que todas as idéas generosas e libertarias têm de soffrer uma dolorosa incubação antes de chegarem ás alturas de ser vistas e accitadas pelas maiorias, e que essa ascensão não se opera sem o sacrificio dos seus defensores, seja pelos meios violentos, seja pelo ridiculo, essa arma dos modernos gladiadores das encruzilhadas.

Relevem-nos os leitores estas expansões, que, todavia, — temos a maior satisfação em proclamar — não se inspiram em nenhum mesquinho sentimento pessoal ou apaixonado, tanto mais que, no caso vertente, o assumpto de que vimos tratar e que se reflecte na epigraphe que adoptamos, teve a sua solução natural, lisonjeira para a nossa doutrina, e foi exactamente a que esperavamos que teria, trancando o incidente com tanta deslealdade explorado.

Um simples conceito emitido pelo Sr. Camillo Flammarion acerca de alguns phenomenos por elle observados, o qual attesta a sua independencia e o seu escrupulo no estudo da moderna psychologia, offereceu margem aos jornaes francezes para uma larga exploração de contradicta aos novos ensinos, e, entre outras, uma importante folha d'esta capital apressou-se a divulgar esses conceitos, dando-lhes um alcance e uma extensão que nunca entraram nas vistas do seu autor.

Veja-se agora o que escreveu, em desmentido, o insigne astrónomo ao *Light*, o conceituado jornal londrino:

«Uma opinião que emitti, n'um artigo por mim publicado nos *Annales Politiques et Littéraires*, deu lugar a que supuzessem haver eu abandonado as minhas convicções.

«Occupava-me, n'esse artigo, das varias communicações obtidas pelo grande poeta Victor Hugo, na ilha de Jersey, e disse que as questões por elle propostas em verso, tinham recebido respostas do espirito, também em versos, de uma belleza e elevação dignas do mesmo mestre. Então eu accrescentei que aquillo podia ser a manifestação de um espirito independente, ou do espirito do proprio medium, influenciado pelos pensamentos de Victor Hugo, e que eu pendia mais para esta ultima opinião, sem deixar, contudo, de indicar a possibilidade de se dar ali uma e outra coisa. A maior prova de que eu não abandonei o estudo d'esses phenomenos, está nas experiencias que fiz recentemente, em minha propria casa, com o famoso medium italiano, Eu apia, afim de estudar as notaveis manifestações que se dão por seu intermedio, semelhantes ás de Homo.

Eu mesmo obtive photographias instantaneas de uma mesa que totalmente elevou-se do solo até uma altura de 15 a 20 centímetros. Esses phenomenos, dados em minha propria casa, baniam para mim toda suspeita de embuste; e quem testemunhou taes experiencias não pode abandonar as investigações espirituualistas. Não obstante, eu serei sempre severo, tratando-se de taes phenomenos, cuja imitação não é difficil. Eu não quero seguir a opinião dos credulos. — C. FLAMMARION.»

Ainda sobre o mesmo assumpto, lê-se no *Toekomstig Leven*, de Utrecht (Hollanda), o seguinte despacho dirigido ao director do Observatorio do Juvisy:

«Caro amigo. — Os jornaes fizeram uma celebração realmente incomprehensivel, a proposito de uma phrase que destacaram de um recente artigo meu, publicado nos *Annales Politiques et Littéraires*, no qual eu puz em duvida a identidade dos espiritos. Pretendem elles que eu crevi uma carta publica, na qual renego tudo o que tenho publicado em minhas obras. E' absolutamente falso! Ao contrario, estou trabalhando em um livro sobre o *Desconhecido*, que só ficará prompto daqui a alguns mezes, no qual procuro analysar os phenomenos scientificamente. Deviam ter esperado a publicação d'esse livro, antes de tirarem conclusões imaginarias. — C. FLAMMARION.»

E eis ali ao que fica reduzida a fantasiada apostasia de Camillo Flammarion, cujo nome e cuja reputação scientifica foram enaltecidos pelos jornaes que d'ella se fizeram echo e que, no aqodamento dos seus intuitos destruidores, se esqueceram de que, prestigiando com os seus conceitos admirativos o nome do notavel campeão, uma vez que se tratava de desmentir os incommodos phenomenos spiritalis, implicitamente o prestigiavam para a hypothese contraria, isto é, para a unica verdadeira, que é a da sua formal affirmativa de taes phenomenos.

Em taes condições, qual deve ser a obrigação dos que se constituem órgãos da opinião publica, cujo dever é, como acima dissemos, orientar e esclarecer o povo, perante essas affirmativas prestigiadas por nomes, no seu proprio conceito, da mais alta respeitabilidade? Terão porventura o direito de cruzar os braços e remetter-se silencio?

Mas o silencio em tal caso é o suicidio

(1) Obra citada, pags. 179 e 180.

NOTÍCIAS

A falta de espaço nos obrigou a retirar, á última hora, grande parte da materia composta para o presente numero, inclusive o folhetim, de cuja leitura ficaram privados os seus apreciadores, que — certo —, como os nossos leitores em geral, nos relevarão esta involuntaria falta.

Um estudante de Dijon, extrahiu o *Light* de jornaes francezes, viu em sonho, em um certo volume da bibliotheca de Stockholm, a explicação de uma passagem do grego, que elle, havia muito, inutilmente procurava. Ao acordar, elle se lembrava perfeitamente do que em sonho tinha lido e o escreveu. No dia seguinte pediu ao Sr. Chanut, embaixador francez em Stokholmo, que contasse o facto a Descartes, que então estava na corte da rainha Christina, e soubesse d'elle se eram exactos os detalhes do sonho.

O volume foi encontrado no lugar visto no sonho e na pagina indicada estava o que se procurava.

O *Progressive Thinker*, de junho ultimo, conta um facto importante de manifestação d'essas forças naturaes, que o homem sómente agora procura ir conhecendo.

Deu-se o facto em Benares, India, e foi testemunhado por muita gente, entre a qual estavam medicos, legistas e homens de sciencia.

No ponto de vista das praticas hindús, era aquillo uma festa religiosa, mas realmente era uma demonstração do que pode a vontade humana, com o auxilio do alto, contra as forças naturaes que, no estado ordinario, lhe podem ser fataes.

No meio do campo abriram um vallo de quatorze pés de comprimento sobre quatro de largura, encheram-n'o de lenha e lançaram-lhe fogo. A' noitinha estava aquillo transformado em um formidavel brazero, chamado pelos naturaes um canteiro de flores vermelhas, cujo calor era tal que os assistentes eram obrigados a ver o espectáculo de longe, do alto de uma colina.

Com toda a algazarra e balburdia da adoração hindú, aproximou-se depois uma numerosa procissão, dirigida por dois sacerdotes. Estes por duas vezes deram volta ao vallo, sem se incommodarem com o calor abrazador que d'alli se desprendia. Alguns foram atirados ao vallo, sem nada soffrirem.

Depois os dois sacerdotes, descalços e sem nada que apparentemente os abrigasse, como uns possesores, urrando e gesticulando como uns loucos, saltaram no brazero, caminhando pelo meio delle e, como fazem as creanças com o pó das estradas, mergulhando os pés e empurrando para adiante a materia incandescente. O frenesi, depois, ganhou a multidão, e centenas de homens, mulheres e creanças, imitando seus chefes, saltaram tambem na fogueira.

Um europeu quiz tambem tentar a experiencia, entrou no brazero e percorreu-o por mais de uma vez. Elle disse que ali experimentava a mesma sensação que experimentaria se estivesse caminhando sobre areia quente.

Depois que, porém, os sacerdotes se retiraram, ninguém mais quiz tentar a experiencia.

O fogo tinha readquirido suas forças naturaes.

Esse facto foi publicado pelo importante periodico *Lahore Civil and Military Gazette*.

Já muito se tem dito sobre as faculdades mediumnicas de Victorien Sardou. Elle proprio confessa, sem temor, a sua crença no spiritismo, crença que lhe proveiu dos factos que com elle se têm dado desde a sua juventude. O seguinte é o resumo do que diz o *Progressive Thinker*:

Muito joven, morava Sardou em um pequeno quarto, de cuja parca mobilia

fazia parte uma velha espineta, que pertencera a uma sua irmã fallecida e a quem elle estimara muito. Nunca elle abria o instrumento, que lhe servia então de mesa de trabalho e estante. Uma vez ouviu elle, como se partisse da espineta, uma musica que o encheu de admiração; era uma aria do seculo ultimo.

Elle retirou os livros, abriu o instrumento, e viu com espanto que as teclas desciam e subiam, como se fossem tocadas por dedos invisiveis, sem deixar indícios na camada de pó que cobria o teclado.

Contou o facto a um seu amigo, e este lhe disse:

— Com certeza sois um medium.

O outro facto, que com elle se deu, não nos apresenta uma relação facilmente apreciavel. Ha n'elle alguma coisa de mysterio.

O Sr. Sardou escrevia uma peça dramatica, mas quando ia chegar ao desenlace de uma scena que ia preparando com todo o cuidado, toda a inspiração faltou-lhe, e elle teve de parar. Então ouviu uma voz dizer-lhe distinctamente:

— Vai á rua tal, e em uma pequena loja retirada do alinhamento das casas encontrarás uma porção de papel de tal qualidade. Compra-o.

Nunca elle tinha ouvido falar em tal rua, para se poder dirigir até lá, e além disso era quasi meia noite. Mas era tal a força que o impellia a obedececer que elle sahiu. Com facilidade encontrou a rua, mas, quanto á loja, a coisa foi mais difficil, e só pôde encontrá-la sob a inspiração da voz guiadora; era situada nos fundos de um terreno baldio. Despertado de seu somno, o negociante ficou muito admirado da presença, em sua casa, d'esse freguez da meia-noite e, informado do que este pretendia, disse-lhe que realmente elle possuía o papel procurado, mercadoria que elle nunca tinha conseguido vender.

Effectuada a compra, o Sr. Sardou retirou-se com o papel e, sentando-se á sua mesa, escreveu com toda a facilidade, não só o que elle pretendia, como ainda outras scenas que, ao seu ver, foram as que melhor successo lhe proporcionaram.

Agora perguntemos:

Que relação podia haver entre esse papel que lhe mandaram comprar e o desenlace da scena que elle escrevia, ou a inspiração que o guiava em seu trabalho?

Eis o mysterio! Eis um interessante objecto de estudo.

Nitidamente impresso, alvicaireiro de boas novas, acaba de produzir-nos a grata surpresa de uma visita *O Guia*, periodico recentemente fundado no Recife e destinado á propaganda e á defesa da doutrina spirita, de que se constitue órgão, sob os melhores auspícios, offerecendo, em suas differentes secções, abundante e variada leitura.

A modestia em que envolve os seus intuitos, e que é como um invisível perfume denunciador do merecimento real dos seus directores, revela-se no seguinte paragrapho com que fechou o seu artigo de apresentação:

« O *Guia* pede um lugar no jornalismo da terra pernambucana e tem plena convicção de que será o ultimo, se o medirem pelo estalão dos seus modestos redactores; mas será um dos primeiros na boa intenção e na santidade da causa que vai defender. »

Ao joven collega enviamos as mais cordiaes saudações pelo cunho de progresso que o seu apparecimento assignala na divulgação da moderna doutrina no Estado de Pernambuco, com os melhores votos pela prosperidade de sua manutenção na arena e pela abundante messe de serviços que á santa causa é licito esperar da dedicação dos seus fundadores.

Como informação aos nossos leitores que desejem inscrever-se no numero dos contribuintes para a sustentação do symphatico periodico, não encerraremos esta rapida noticia sem indicar que a sua publicação é mensal, provisoriamente, e que a assignatura annual custa 4\$, devendo os pedidos ser dirigidos para a rua do Coronel Suassuna n. 7, ou para a rua Primeiro de Março, tambem n. 7.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

II

PRIMEIRA CATEGORIA

Phenomenos diversos

(Continuação)

SEXTA CLASSE

Phenomenos de extase

Já dissemos, falando dos mediums, que alguns ha entre elles que pretendem ceder momentaneamente seus órgãos a um espirito, que fala pela sua bocca, age por elles, substituindo inteiramente o seu espirito. Relatamos tambem a observação do caixeiro de hotel de que fala o professor Russel Wallace. Que se deve pensar de tudo isso? E' certo que nas experiencias de catalepsia e de suggestão, que praticam os medicos e, tambem, — sim! deve-se dizer! — os piratas da medicina, um *elemento estranho* ás vezes parece introduzir-se na scena; mas até aqui, quando esse *desconhecido* se apresentava, interrompia-se a experiencia, porque, na phrase do professor Lasegne « não se sabe até onde vai ». Hoje, sem melhor saber-se « até onde vai », não se tem o direito de ser um pouco mais avisado e, conservando-se nos limites de uma sã prudencia, não se pode registrar as observações que se apresentam, para classificá-las e catalogá-las methodicamente em tempo propicio?

Eis, portanto, o que observámos com Slade:

A' primeira vez que o vimos n'esse estado de extase todo especial (e que nada tem de religioso, apressemo-nos em dizer) o accesso começou assim: a principio um ligeiro tom rosco coloriu-lhe a face e uma especie de rictus contrahiu os musculos do rosto; os olhos se viraram para cima e, após alguns movimentos nystagmicos dos globos oculares, as pupillas cerraram-se energicamente; ouviu-se um ranger de dentes, e um abalo convulsivo em todo o corpo annunciou o começo da « possessão ».

Depois d'essa phase, curta mas penosa de ver-se, o rosto animou-se de um sorriso e, com a voz completamente modificada, bem como a attitudo, o novo personagem, Slade transformado, saudou-nos graciosamente, assim como a cada um dos circumstantes. N'esse estado de *transe*, como dizem os inglezes, ou de *incorporação*, na linguagem dos spiritas francezes, Slade foi substituido (segundo dizem aquelles que o conhecem, e na propria opinião d'elle) *animicamente* pelo espirito de um indio chamado Owasso; n'este caso elle é bastante divertido; outras vezes Owasso cedia o lugar ao espirito de um grande chefe « pelle-vermelha » de sua tribo, mas este não sabe uma só palavra do inglez; então vê-se Slade erguer-se, caminhar a largos passos e declamar em uma lingua sonora que parece ser a dos indios caraibas.

Um « espirito » ao qual Owasso ainda cede, voluntariamente, o lugar é o de um doutor escossez, que pela boca de Slade dá, em tom grave, conselhos therapeuticos aos que honra com a sua visita. Tudo quanto acima dizemos, vimos e ouvimos, mas não entraremos em apreciações.

Ouvimos Slade contar que varias vezes lhe succede, quando se acha n'essa situação, falar o francez ou outro qualquer idioma que lhe seja desconhecido. Nunca, porém, constatámos esse phenomeno.

Tivemos uma vez de sujeitar Slade a uma operação para extrahir um kysto cebaceo do couro cabelludo. Como elle era muito sensivel á dor e além d'isso muito pusilanime, nem pensámos em praticá-la com o bisturi. Recorremos então aos causticos sob a forma de cataplasmas tendo como base o oxydo de potassio. A applicação d'esse emplastro era, desde o começo, muito dolorosa para Slade, e após alguns minutos o soffrimento se tornou completamente intolavel; o paciente suava em bagas e todos os membros estavam agitados por forte tremor. Sugerimos-lhe a idéa de evocar Owasso, que não se fez rogado, isto é: Slade cahiu logo n'um estado de extase, de *transe* e, com a voz modificada de que já falámos, entreteve-se alegremente connosco e com o Sr. A. F..., que assistia á operação, no nosso gabinete de trabalho.

A dor devia tornar-se cada vez mais intensa, porque a potassa mordida as camadas sensiveis da rima, mas Slade não parecia se preocupar mais do que se outro fosse o paciente. No inicio da operação o pulso tinha 85 pulsações por minuto; tres minutos depois estava a 60; a pelle, quente a principio, tornara-se fria quasi subitamente e « Slade-Owasso » ria e conversava connosco sem cessar.

Beliscámos violentamente a parte dorsal da mão, e o paciente, que no seu estado normal salta ao menor contacto — tão forte é a sua hyperestesia — n'esse momento nem mostrou perceber a pequena tortura que o fizemos soffrir.

Depois de um quarto de hora foi tirado o caustico, e Slade teve nova convulsão e voltou ao seu estado normal depois de fazer um gesto de apertar a mão a alguém, dizendo *good bye*, como n'um momento de partida. De novo a dor se fez sentir, mas supportavel, e Slade queixava-se mais do lugar em que o havíamos beliscado.

E' forçoso confessar que tudo isso é estranho. Pode-se dizer que tudo seja simulado?

Como explicar, então, as modificações da temperatura e das palpações do coração? Isso não se imita!

Ainda uma outra observação sobre este ponto.

Dissemos acima que Slade havia tido dois ataques de hemiplegia, dos quaes ainda hoje não está curado. Examinámos comparativamente sua força no dynamometro, sem lhe dizer o que fariamos mais tarde. Depois de havermos constatado que as suas mãos marcavam, no dynamometro, 27 kilos a direita e 35 a esquerda, aproveitámos um accesso de *transe* que sobreveiu aos esforços empregados para apertar o aparelho e vimos que no dynamometro marcava 55 kilos a direita, em vez de 27, e 60 a esquerda, que já havia accusado 35; outra vez marcou a direita 63 kilos e a esquerda 50.

Nem uma das tres pessoas presentes pôde levar até esse numero a agulha dynamoscopica.

Sem querermos prejudicar da verdadeira natureza do estado nervoso do qual acabamos de traçar a symptomatologia, não acreditamos que se possa fazer intervir a idéa de simulação, pelo menos na ultima experiencia, pois não havíamos prevenido o medium do que pretendíamos fazer e não o consideramos bastante perspicaz nem tão a par das observações pathologicas para o haver percebido; apesar do titulo de doutor com que elle se pavoneia, sabemos que Slade não tem a mais elementar instrucção.

(Continua)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64).
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

Mathews, III, V. 13-17 — Marcos, I, V. 9-11 — Lucas, III, V. 21-22.

BAPTISMO DE JESUS

Mathews, V. 13. Então Jesus veio da Galiléa ao Jordão a encontrar-se com João para ser baptizado por elle; — 14. mas João recusava-se, dizendo: Sou eu que devo ser baptizado por vós, e vós vindes a mim! — 15. E Jesus respondeu-lhe: Deixa-me assim fazer n'este momento, porque é assim que devemos cumprir toda a justiça. — Então João não mais lhe resistiu. — 16. Jesus, tendo sido baptizado, saiu logo da agua, e ao mesmo tempo os céos lhe foram abertos, e viu o espirito de Deus descer como uma pomba e vir sobre elle; — 17. e no mesmo instante uma voz se fez ouvir no céu, que dizia: Este é o meu filho bem-amado, em quem puz todas as minhas complacências.

Marcos, V. 9. Eis o que aconteceu por esses dias: Jesus veio de Nazareth, que fica na Galiléa, e foi baptizado por João no Jordão. — 10. E, logo que saiu da agua, viu os céos abertos e o espirito de Deus descendo em forma de pomba e permanecendo sobre elle; — 11. e uma voz se fez ouvir do céu, dizendo: Tu és o meu filho bem-amado; em ti eu puz todas as minhas complacências.

Lucas, V. 21. Ora, em quanto João baptizava todo o povo, Jesus foi também baptizado por elle; em quanto fazia a sua prece, o céu se abriu; — 22. e o Espirito Santo desceu sobre elle, em forma corporal, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu, dizendo: Tu és o meu filho bem-amado; em ti puz todas as minhas complacências.

N. 64. «Jesus, cuja origem spirita agora conhecéis, não tinha necessidade, — elle, espirito puro por excellencia, espirito perfeito, — de ser baptizado por João na agua, de receber um baptismo de penitencia para remissão de nenhum peccado, porque nenhum tinha que confessar e não confessou nenhum; não tinha que lavar um corpo de lama tal como o vosso; tão pouco tinha que receber o baptismo do *Espirito-Santo e do fogo*, elle, cujo espirito era d'uma pureza perfeita e immaculada; devia, ao contrario, baptisar d'esse baptismo do *Espirito Santo e do fogo*, PRIMEIRO os seus apóstolos chamados a pregar e divulgar entre os homens a sublime moral e a pregar com o exemplo, depois dar esse baptismo espirital a todos os que d'elle se tornassem dignos, praticando a sua lei de amor ou propagando-a pelo exemplo e pela palavra.»

«Porque então Jesus veio receber, de João, o baptismo da agua no Jordão, como o povo e todos aquelles que tinham vindo, e diante de todos?» — «Para pregar com o exemplo desde sua entrada publica em missão, — para receber, *aos olhos de todos*, por Deus mesmo e *em presença das palavras que João, o precursor, acabava de pronunciar a esse respeito antes da chegada de Jesus*, — a consagração da sua origem, do seu poder e da sua missão, como regenerador e salvador da humanidade, devendo conduzi-la á perfeição; — para receber essa consagração por uma manifestação emanada do poder de Deus e que fizesse comprehender aos homens que o espirito annuciado pelos prophetas descera enfim á terra.»

«Jesus descera, entre vós, para pregar com o exemplo em todas as coisas e, por sua missão terrestre, trazer e deixar aos homens um typo, um modelo que elles devessem seguir e sobre os traços do qual seriam chamados a marchar para chegarem á perfeição.»

«DEVIA, durante a sua missão terrestre, ser, *aos olhos dos homens*, um homem *tal como elles*, soffrendo todas as provações de vossa humanidade, e triumphando d'ellas, trazendo o exemplo da pratica do trabalho, da justiça, da caridade e do amor, cujo ensino e leis elle dava, trazendo a luz e a verdade sob o véo da *letra e da parábola*, afim de que os olhos humanos então não ficassem deslumbrados, cegos, pelo seu brilho.»

«Depois do cumprimento de sua missão terrestre, os homens, por suas interpretações humanas, segundo o estado das intelligencias, as necessidades da epocha, e *para a preparação dos tempos futuros*, deviam ver um Deus, Deus *mesmo*, n'aquelle que viera dar-lhes o typo e o modelo de perfeição para a vossa humanidade.»

«Segui Jesus em sua vida humana *apparente*, desde o instante em que elle chega ás margens do Jordão até ao instante em que se consumma o sacrificio do Golgotha, e vós o vereis dando o exemplo, sempre o exemplo.»

«Desde o começo d'essa vida humana *aos olhos dos homens*, elle se submette, como todos aquelles que tinham vindo para João ao baptismo na agua, que devia levar-os á penitencia; mas notai-o: antes que Jesus chegue ás margens do Jordão, João já tem dito ao povo, aos phariseus, aos publicanos e aos soldados, a todos aquelles que tinham vindo para elle, e quando pensavam, de si para si, que elle, João, poderia bem ser o *Christo*, ESTAS PALAVRAS:

«Quanto a mim, eu vos baptizo na agua; mas virá um mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de desatar os cordões de seus sapatos, prostro-me diante d'elle; é elle que vos baptizará no *Espirito-Santo e no fogo*; elle tem o crivo na mão, limpará perfeitamente a sua eira; ajuntará o trigo em seu celeiro, queimará a palha n'um fogo que nunca se apaga.»

«Estas palavras que João acabava de dizer diante de todos, antes da chegada de Jesus, vos explicam porque, ao pedido que Jesus lhe dirige, de o baptisar, elle se exime ao principio de o fazer dizendo: *Cumpram-me ser baptizado por vós e vós vindes a mim!*» — e porque, a esta resposta de Jesus: *Deixa-me assim fazer, n'este momento, porque é assim que devemos cumprir toda a justiça*, isto é, porque é assim que devemos sempre pregar com o exemplo, João não mais resistiu, sendo o primeiro a dar o exemplo da submissão e da obediencia ao mestre.»

(Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO II

OS MEDIUNS ESCRIVENTES

Mediuns desenhistas

(Continuação)

M. Bach recebe um instrumento, cuja antiguidade verifica, e que lhe causa grande satisfação. Preocupado com essa idéa, é natural que ella lhe provoque um sonho; elle vê um homem com os costumes do seu tempo, tocando esse instrumento e cantando uma aria da epocha; nada ha seguramente ali que não possa, em rigor, ser attribuido á imaginação superexcitada pela emoção e lembrança da vespera, sobretudo em um musico.

Mas aqui a lembrança complica-se; a aria e as palavras não podem ter reminiscencia, porque M. Bach não as conhecia. Quem, pois, lh'as pode revelar, se o espirito que lhe appareceu não é mais do que um ser fantastico sem realidade? Que a imaginação superexcitada faça reviver na memoria coisas esquecidas, concebe-se; mas terá ella o poder de nos

dar idéas novas, ensinar-nos o que não sabemos, o que nunca-soubemos, de que nunca-nos occupámos? Seria um facto de alta gravidade e que valeria bem a pena ser examinado, porque seria a prova de que o espirito age, percebe e concebe, independente da materia. Mas deixemos ainda isso de parte, se quizerem; estas considerações são de ordem tão elevada, tão abstracta, que não é dado a todos scrutal-as, nem mesmo deter n'ellas a attenção.

Vamos ao facto mais material, mais positivo — o da musica escripta e com palavras. E' um producto da imaginação? A coisa ahi está, palpavel, sob os olhos. Foi escripta por M. Bach no estado somnambulico, admittamos por um momento; mas quem lhe dictou os versos, escriptos sem rasuras e seguidamente?

Onde teve conhecimento dos acontecimentos passados, que elle ignorava absolutamente na vespera e que estão confirmados como se vai ver adiante?

M. Alberic Second perguntava se a espineta tinha pertencido a Baltazzarini, e se foi esse musico quem dictou as palavras do romance e a musica.

Eis, como resposta, o que lemos na Revista, de fevereiro de 1866:

«O facto junto é uma continuação da interessan e historia. *Aria e palavras do rei Henrique III*, referida na Revista de julho de 1866. Desde então M. Bach tornou-se medium escrevente, mas pratica pouco, por causa da fadiga que lhe sobrevem. Não o faz senão quando incitado por uma força invisivel que se traduz por uma viva agitação e um tremor da mão, porque então a resistencia é mais penivel do que o exercicio. Elle é mecanico, no sentido o mais absoluto da palavra, não tendo nem consciencia, nem lembrança do que escreve. Um dia em que estava n'essas disposições, escreveu a quadra seguinte:

Le roi Henry donne cette grande épinette
A Baltazzarini, très bon musicien;
Si elle n'est bonne on pas assez coquette
Pour souvenir, du moins, qu'il la conserve bien.

«A explicação d'esses versos, que para M. Bach não tinham sentido, lhe foi dada em prosa.

«O rei Henrique, meu senhor, que me deu a espineta que possuo, tinha escripto uma quadra sobre um pedaço de pergaminho, que fez pregar no estojo, e me mandou uma manha. Alguns annos mais tarde, tendo de fazer uma viagem e temendo que o pergaminho fosse arrancado e se perdesse, pois que eu levava a espineta para tocar, retirei-o e, para não perdê-lo, colloquei-o em um pequeno vão, á esquerda do teclado, onde ainda está.»

«A espineta é a origem dos pianos actuaes, na sua maior simplicidade, e tocava-se do mesmo modo; era um pequeno cravo de quatro oitavas, de metro e meio, pouco mais ou menos, de comprido, sobre quarenta centímetros de largo, e sem pés. As cordas no interior estavam dispostas como nos pianos e eram vibradas pelo choque das teclas. Transportava-se á vontade, encerrando-se em um estojo, como se faz com os violinos e violoncellos. Para ser utilizada, collocava-se sobre uma mesa ou sobre uma t' movable.

«O instrumento estava então em exposição no museu retrospectivo, nos Campos Elysées, onde não era possível fazer a pesquisa indicada. Quando lhe foi elle entregue, M. Bach, com seu filho, apressou-se a esmerilhar todos os vaos, mas inutilmente, de sorte que se chegou a acreditar em uma mystificação. No entanto, para não restar duvida alguma, elle desmontou-o completamente, e descobriu, á esquerda do teclado, um intervallo tão estreito que não podia n'elle entrar a mão. Esgaravou esse reducto cheio de pó e de teias de aranha, e d'elle retirou um pedaço de pergaminho dobrado, enegrecido pelo tempo, de trinta e um centímetros de comprido sobre sete e meio de largo, sobre o qual estava

escripta a quadra seguinte em caracteres grandes da epocha:

Moys, le roi Henry trois, octroys cette espinette
A Baltazzarini, bon gay musicien
Mais si dis mal sône, on bien [ma] moult simple
Lors pour mon souvenir dans lestuy garde bien.

«Esse pergaminho está furado nos quatro angulos, e são evidentemente os buracos dos pregos que serviram para fixal-o na caixa. Traz, além disso, nas margens, uma multidão de buracos, em linha e regularmente espaçados, que parecem feitos por pregos pequenos.

«Os primeiros versos dictados reproduziam, como se vê, o mesmo pensamento dos do pergaminho, de que são a tradução em linguagem moderna, e isso antes que estes fossem descobertos.

«O terceiro verso é obscuro e contém sobretudo a palavra *ma* que parece não ter sentido algum, e não pode se ligar á idéa principal, e que no original está cercada de um filete em quadrado; tinhamos inutilmente procurado a explicação d'isso, e o proprio M. Bach não adiantava coisa alguma. Estando um dia em sua casa, recebeu elle espontaneamente, na nossa presença, uma comunicação de Baltazzarini, dada em nossa intenção e concebida assim:

«Amico mio. — Estou contente contigo; encontraste esses versos na minha espineta; meu desejo está satisfeito; estou contente contigo... O rei graciejava da minha pronuncia n'esses versos; eu dizia sempre *ma* em lugar de «mas». Adio, amico. — BALTAZZARINI.»

«Assim foi dada, sem provocação anticipada, a explicação da palavra *ma*, intercalada como g acejo, pela qual o rei designava Baltazzarini que, como muitos da sua nação, a pronunciava muitas vezes.

Assim, o rei dando essa espineta ao seu musico lhe diz: Se ella não for boa, se ella não é *mal*, ou se *ma* (Baltazzarini) a achas simples, de pouco valor, que a guarde na sua caixa como lembrança minha.

«A palavra *ma* está cercada de um filete como uma palavra entre parentheses.

«Teriamos certamente procurado esta explicação por muito tempo, que não podia ser o reflexo do pensamento de M. Bach, pois que elle mesmo nada comprehendia.

«Restava resolver uma importante questão: era saber se a escripta do pergaminho era realmente da mão de Henrique III. M. Bach foi á bibliotheca imperial, para comparal-a com manuscritos originaes. A principio foram encontrados alguns sem semelhança perfeita, mas do mesmo caracter; com outros a identidade era absoluta, tanto pelo typo da letra como pela assignatura.

«Não podia restar duvida sobre a authenticidade d'essa peça, embora certas pessoas, que professam incredulidade ridicula pelas coisas tidas como sobrenaturaes, tenham pretendido que não era mais do que uma imitação exacta. Ora nós faremos observar que não se trata aqui de uma escripta mediumica, dada pelo espirito do rei, mas de um manuscrito original, escripto pelo proprio rei quando vivo, e que não tem nada de mais maravilhoso do que os que circumstancias fortuitas fazem cada dia descobrir. O maravilhoso, se maravilhoso ha, não está senão na maneira como sua existencia foi revelada. E' bem certo que, se M. Bach se tivesse contentado com dizer que a achara *por acaso* no seu instrumento, não teria levantado objecção alguma.»

Tal é a narração exacta da comunicação litteraria e musical obtida por M. Bach. Poderíamos referir grande numero de anedotas tão certas como esta, e onde a intervenção dos espiritos não é menos manifesta, mas preferimos indicar ao leitor a *Revue Spirite*, em que fervilham narrações semelhantes, trazendo todas o cunho da verdade a mais indiscutivel.

(Continúa).

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1900 — Agosto — 15

N. 395

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de suas residencias, a fim de evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

O problema da evolução

III

Do exposto no precedente estudo, quer quanto aos dados da sciencia positiva, que chegou a photographar o germen humano, em diferentes phases de sua evolução intra-uterina, quer quanto aos ensinamentos recebidos pelo Sr. Roustaing, parece resultar a certeza de que o espirito, tomado na condição de humanidade, não chegou a esse estado senão depois de uma lenta elaboração nos reinos inferiores da natureza, dos quaes conserva elle os vestigios e affecta rapidamente as diferentes formas, no inicio de sua vida fetal.

Ora, essa evolução não se attesta, viva e palpitante, senão porque n'esse involucro ethereo que reveste o espirito e que se denomina o perispírito, ficaram indelevelmente gravadas as impressões d'essa passagem nas series inferiores, de modo a se poder operar, em escoreço, essa re-produção das formas primitivas que o espirito affectou no inicio de sua carreira ou, mais propriamente, do seu desenvolvimento animico. Mas esse facto, de observação physiologica, prova tambem alguma coisa mais: prova que esse involucro ethereo de que falamos e que reveste cada espirito é o mesmo de que elle foi dotado desde a sua origem, tendo com elle evoluído, desde o inicio da sua trajectoria até ás formas mais perfectas que elle vem affectar, na condição de humanidade.

Com isso não parece, todavia, estar de accordo, pelo menos apparentemente, o ensino da Revelação a que nos reportamos, pois que ali se fala da investidura pelo espirito, uma vez galgado o ultimo degrau da escala da animalidade, de um perispírito apropriado á sua nova condição.

Deve-se tomar á letra, rigorosamente, o pensamento do revelador, no sentido de que o espirito, ao abandonar o ultimo involucro material na animalidade, despiu com elle a sua tunica fluidica, para envergar uma outra absolutamente nova, sem nenhuma ligação com a precedente, que lhe servira de intermediario para

agir sobre a materia e d'ella receber as suas impressões? — Mas isso, não sómente estaria em opposição aos proprios dados da sciencia positiva, que ali estava, eloquente no seu testemunho irrefragavel, para contradizer esse conceito, mas seria alem de tudo attribuir á materia a posse de alguma coisa que é attributo exclusivo do espirito. De facto, o perispírito que, por sua constituição fluidica, mais se aproxima da natureza do espirito, é o envoltorio permanente d'este e lhe está associado indissolvelmente, — pode-se dizer sem receio de temeridade — desde a sua origem, não o abandona jamais, quer no estado de incarnação, quer no de erraticidade, ou de permanencia definitiva no espaço, quando se trate de espiritos puros, fóra de todas as necessidades da incorporação em um mundo qualquer. E sendo incorruptivel, por sua propria natureza, como o demonstram estudos emprehendidos a tal respeito, não pode ser, com a materia, abandonado á dispersão e decomposição que a invadem quando cessa a sua agregação em um determinado corpo vitalizado e animado pelo espirito, mas, ao contrario, acompanha este na sua evolução, com elle evoluindo e se mantendo sempre um intermino registro de suas impressões e de todas as suas aquisições atravez do passado.

Parece-nos, pois, que se deve entender pelo novo perispírito de que nos fala o revelador, o estado que elle affecta quando, vencido o derradeiro estadio da animalidade, sente-se o espirito despertar para a sua, propriamente nova, existencia racional e livre, pois que n'ello — no espirito — por um passo dado a mais na escala da evolução, essas novas faculdades vêm de desabrochar, não em uma poderosa eclosão, que só mais tarde e lentamente se verificará, pois que não ha saltos na ordem natural dos seres e das coisas, mas de um modo rudimentar, o suficiente, todavia, para que se dilatem as suas percepções, superiorizadas desde então. Ora, sendo o perispírito, por assim dizer, parte integrante do espirito, é claro que, tendo evoluído com este, participa d'essa dilatação de percepções, já não é quasi o mesmo e as suas proprias condições intrinsecas se modificaram sensivelmente para melhor, graças á natureza, de consciencia e liberdade, das novas impressões que é chamado a registrar.

E' esta a interpretação que, a nosso ver, se pode dar ao referido ensino.

Passemos agora a uma outra ordem de considerações e vejamos a concordância

que se pode descobrir entre esse ensino e o das revelações dadas ao nosso mestre Allan Kardec. Depois de uma serie de interrogativas, e tendo o nosso mestre formulado esta pergunta: «a alma parece assim ter sido o principio intelligente dos seres inferiores da criação?», recebeu dos espiritos que dictaram o livro, a que ora nos soccorremos, a seguinte resposta (1):

«Não vos dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende para a unidade? E n'esses seres, todos os quaes estais ainda muito longe de conhecer, que o principio intelligente se elabora, se individualiza aos poucos e se ensaia na vida, como o dissemos. E' de algum modo um trabalho preparatorio, como o da germinação, depois do qual o principio intelligente sofre uma transformação e torna-se espirito. E' então que começa para elle o periodo da humanidade e, com elle, a consciencia do seu futuro, a distincção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus actos, do mesmo modo que depois do periodo da infancia vem o da adolescencia e, afinal, a idade madura. Nada ha n'essa origem que seja humilhante para o homem. Os grandes genios serão humilhados por terem sido informes fetos no seio de sua mãe? — Se alguma coisa deve humilhar o homem é a sua inferioridade diante de Deus e a sua impotencia para sondar a profundidade de seus desígnios e a sabedoria das leis que regem a harmonia universal. Reconheci a grandeza de Deus n'essa admiravel harmonia, que faz que tudo seja solidario na natureza. Acreditar que Deus tenha feito alguma coisa sem um fim, e creado seres intelligentes sem futuro, é blasphemar contra a sua bondade que se estende sobre todas as suas creaturas.»

Como se vê, este ensino offerece perfeita concordancia com os que aqui mesmo expuzemos e que os dados da sciencia, aliados aos principios da nova revelação e ao estudo e conhecimento, que já se vai adquirindo, do perispírito e de suas propriedades e funções, confirmam plenamente.

Uma nova questão, porém, agora surge, e d'ella nos occuparemos no seguinte estudo.

LEOPOLDO CIRNE.

DOCUMENTOS

De conquista em conquista, ás victorias da vespera accrescentando novas e mais brilhantes victorias no dia subsequente, vai a doutrina spirita alargando os seus dominios, invadindo o campo das consciencias, e é tal o acervo de factos que se accumulam, documentando os seus ensinamentos, que o seu triumpho, que ha poucos annos esboçava-se indeciso, ac-

(1) O livro dos espiritos, cap. XI, «Os animaes e o homem», n. 607.

centua-se com um caracter definitivo que ultrapassa as mais optimistas previsões. Ou sejam os sabios, alheios propriamente ás cogitações da nova psychologia, que venham trazer, com o fructo de suas pacientes investigações, poderosos elementos documentaes, como Rychnowsky, com a sua constatação do fluido universal, ou electroíde, que — seja dito entre parenthesis — não é novidade para os spiritas; ou sejam os factos de manifestações, quer dos desincarnados, quer dos humanos entre si, mediante os phenomenos de desdobramento, tudo vem firmar a certeza, de ha muito adquirida pelos adeptos da moderna revelação, da dualidade do ser humano, da exteriorização da sua parte essencial, — o que se denomina propriamente o ser pensante, durante a vida planetaria, e da sua comunicação, depois da morte, com o nosso mundo.

O que, em uma palavra, vêm firmar todos esses testemunhos é a prova da existencia da alma e da sua immortalidade. E tão numerosos e tão abundantes se succedem elles todos os dias, que não é temerario concluir, d'esses eloquentes pródromos, que se avisinham realmente os tempos preditos da transformação da terra, — transformação que se não ha de operar, contra todas as leis naturaes, por uma brusca revolução universal, mas que, em sua phase definitiva, cujos effeitos já se fazem experimentar, adquire por certo um movimento accelerado, caracteristico das grandes crises.

E é por isso, é porque começa a se accentuar definitivamente a nova phase em que vai entrar o nosso planeta, que, se de um lado se accumulam e desenvolvem os elementos necessarios a essa operação, do outro a corrente dos interesses opostos, feridos por essa renovação que os ameaça, se avoluma para oppôr as derradeiras resistencias, n'esse combate secular, em que terá de succumbir.

Por isso, mais do que nunca é necessaria a vigilancia nas fileiras dos combatentes. E essa vigilancia é necessaria, não tanto em relação ao campo adversario, ou ao campo em que supomos que se encontra o adversario, mas em relação ás proprias fileiras, ou, mais restrictamente, em relação a cada um, exercida por si mesmo, porque pode acontecer — e acontece com muito mais frequencia do que se poderia supôr — que, procurando fóra de nós o inimigo desconhecido que nos embota a acção na lucta, esse inimigo esteja dentro de nós, representado

nas nossas paixões, para as quaes não nos falta'n tolerantes evasivas, n'essas paixões que são a porta aberta ás perniciosas influencias exteriores.

Porque, é preciso não perdermos de vista que a opposição aos novos ensinamentos regeneradores mudou de tactica. O que a principio se conseguia pelo motejo, pelo ridiculo, pela perseguição e pela calumnia, desde que taes armas se annullaram pelo poder irresistível da multiplicidade das adhesões com que todos os dias, e ha muito tempo, se enriquecem as fileiras dos novos cruzados, passou a ser tentado mediante essa campanha impalpavel, invisível, tanto mais perigosa quanto os seus meios de acção escapam ao primeiro exame e só se descobrem depois de um longo e paciente trabalho.

Queremos referir-nos, no primeiro caso, á opposição visível e ostensiva que a nova doutrina encontrava na massa geral dos homens cujos sentimentos, refractarios aos seus ensinamentos, eram habilmente favorecidos e estimulados pelos invisíveis habitantes do espaço, solidarios no mesmo modo de sentir e de operar. Vencida, porem, essa resistencia, pelo poder de divulgação das eternas verdades que o spiritismo trazia no seu bojo, generalizada pelas massas a sua acceitação que, a principio, tão difficilmente se obtinha, mudou a tactica dos adversarios, dos mesmos invisíveis adversarios, e agora é sobre os proprios adeptos que elles procuram exercer a sua perniciosa influencia, induzindo-os á discordia, ao desanimo, ao abandono desse trabalho cujos fructos são tão saborosos, mas cujas responsabilidades são tão grandes que requerem um esforço quasi sobrenatural para impedir os desvios que não carecem de pretextos para se justificarem. Tão certo é que o homem, fraco e indefeso, se não confia senão de seus escassos dotes, difficilmente se resigna ao trabalho obscuro e perseverante, longe dos applausos das multidões, com a unica certeza do dever cumprido, sem outra esperança que a de contribuir com o seu esforço individual para a obra do futuro!

Ora, são essas fraquezas, são essas paixões, cujos arrastamentos ninguém sabe onde nos poderão levar, o que dão, no nosso animo, facil acesso ás más influencias exteriores. E em tal caso, pode-se affirmar com segurança que o mal está antes em nós do que fóra de nós. Para o combater não ha senão um meio, e é nos identificarmos por tal modo com a nova revelação, com as suas praticas, que, em todos os actos de nossa vida, não tenhamos por norma senão o conhecimento da verdade e a pratica do bem, com todos e a respeito de todos indistinctamente, mesmo em se tratando d'aquelles que, porventura, pareçam menos dignos da nossa tolerancia, da qual não temos o direito de excluir nenhum dos nossos irmãos, por mais infelizes ou atrazados que elles sejam.

Só por esse modo nos collocaremos ao abrigo d'essas invisíveis influencias, subtraíndo-lhes o unico meio de acção de que se poderiam utilizar, para operarem sobre nós e, consequentemente, contra nós.

Tal é o dever de todo spirita em geral, e particularmente d'aquelles que á causa da propaganda hypothecaram os seus serviços e a sua dedicação. Ai dos que fallirem n'essa prova decisiva para o seu progresso! Quem sabe de quantos seculos de provações não hão de necessitar para expiarem a sua fraqueza! Porque, se no momento de incarnar haviam-se sentido bastante fortes para assumir o compromisso da sua missão, vindo a abandoná-la em começo, exactamente no momento em que a victoria final se ia decidir, é provavel que, quando chegarem a rehabilitar-se da sua queda, pela reparação das proprias forças na vida espirital, já não seja tempo de voltar ao planeta, que com a sua humanidade evoluiu enquanto elle desfallecia, e tenha então de continuar a ascensão interrompida, em planetas inferiores, onde seja mais doloroso o seu aprendizado.

«Os tempos são chegados», dizem-nos de todas as partes os mensageiros da eterna luz. Cumpre que os trabalhadores redobrem de actividade e diligencia. A começar pelo preparo moral, sem o qual nenhuma autoridade terá o evangelizador, para já não contar os perigos a que se expõe por essa negligencia, urge não perder tempo inutilmente.

Tudo nos indica a proximidade da crise final. Os phenomenos se succedem sem interrupção; os factos se multiplicam de todos os lados, e os que adiante offerecermos á attenção dos leitores, na secção propria, extrahidos da excellente obra *L'âme est immortelle*, que o nosso eminente confrade Sr. Gabriel Delanne acaba de lançar á publicidade, com serem dos mais interessantes, são dos que mais evidentemente demonstram a existencia da alma e a sua exteriorização durante a vida, com um poder de manifestação que attesta positivamente a sua independencia do corpo e a effectividade da sua acção voluntaria e consciente.

Opportunamente falaremos d'esse livro notavel, na no-sa secção bibliographica, limitando-nos, por agora, a essa transcrição, que é apenas uma antecipação no dever que temos de occupar-nos d'essa obra de rara transcendencia.

NOTICIAS

O Sr. Felkin submetteu á Sociedade de Estudos Psychicos o estudo do seguinte facto, que se deu com elle, quando, em companhia de Emin Pachá, viajava por Uganda e territorios adjacentes.

Tinham elles chegado a Lado, a cerca de mil milhas ao sul de Khartum, e muito os incommodava o facto de não terem tido noticias da Europa, havia mais de um anno. Muitas vezes elles tinham encontrado individuos, a que chamavam feiticeiros e que diziam gozar da faculdade de se transformarem em leão, ou outros animaes, e, com essas formas, percorrerem longos trechos do paiz, descobrirem o gado e os objectos roubados, etc.

Uma vez, viu um homem muito assustado á barraca do Sr. Felkin, e lhe disse que o feiticeiro do lugar, sob a forma de um chacal, havia, na noite precedente, percorrido grande extensão do paiz, chegando até Meschera-el-Rek, a 550 milhas de Lado, no caminho de Khartum. Acrescentou que o feiticeiro declarara haverem chegado dois paque-

tes de Khartum, trazendo malas, e que em um delles viera um official inglez.

O Sr. Felkin riu-se, mas Emin Pachá tomou a coisa mais a serio e mandou chamar o feiticeiro. Chegado este, empunhou-se entre elle e Emin o seguinte dialogo:

— Onde estiveste hontem á noite?

— Fui a Meschera-el-Rek.

— O que foste fazer lá?

— Visitar meus amigos.

— O que viste lá?

— Dois paquetes que chegavam de Khartum.

— Mas isso é um contrasenso! Não é possivel que tenhas ido a Meschera-el-Rek.

— Fui, disse o feiticeiro emphaticamente. Nos navios vem um inglez baixo e barbado.

— Bom; e o que vem elle fazer?

— Elle diz que o grande pachá de Khartum o envia com cartas para vós. Elle desembarcou esta manhã e deve estar aqui dentro de 30 dias.

Trinta e dois dias depois, chegou a Lado o Sr. Lupton Bey, trazendo cartas. Era o inglez a que o feiticeiro se referira.

O Sr. Felkin accrescenta que nunca em sua vida esse feiticeiro sahio de sua aldeia natal.

Supponmos haver ahi um phenomeno de vista á distancia, ou antes de clarividencia em sonho, com perfeita recordação ao despertar. Quanto á crença de sua transformação em animaes, talvez seja uma idéa inspirada pelos espiritos para cercar de um terror mysterioso esses mediuns inconscientes e fazer que os outros acceitem o que por intermedio d'elles lhes seja aconselhado.

Os sabios e o materialismo

No *Fortnightly Review*, de novembro de 1886, o sabio Huxley diz:

«A terceira these do Sr. Lilly avança que eu repillo como inverificavel tudo o que não pode ser estudado nos laboratorios e analysado chimicamente. Eu nego isso, e nunca dei o menor motivo para me attribuirem a ridicula pretensão de que a verdade não exista fóra dos limites da sciencia physica. Diz elle que, quacsquer que sejam as flores de rhetorica com que eu costume enfeitar os meus ensinamentos, elles são puramente materialistas. Se eu pretendesse o titulo de materialista, com o sentido que a philosophia dá a esse termo, mas não com aquelle que o abuso lhe empresta, eu não o esconderia com flores de rhetorica. Na mais desataviada das linguagens, eu repito que repudio como um erro philosophico a doutrina materialista. Parece-me quasi demonstrado que no universo existe uma outra coisa — a consciencia, que não pode ser materia, nem força, nem ainda alguma concebível modificação de uma ou de outra, ainda que as suas manifestações possam ser connexas com os phenomenos conhecidos como materia e força.»

Referindo-se a si proprio, H. Spencer diz:

«Já tenho, por muitas vezes, repellido a accusação de materialista, que muitos me fazem, e repito-o ainda agora. E' impossivel oppôr-se a uma negação mais emphatica, justificada por provas mais concludentes, do que repetidamente o tenho feito. Eu não posso impedir que elles digam, apesar disso, que eu serei um materialista, quer queira quer não.»

O palacio Ignez Boynton, onde nasceu o Sr. Henrique Somerville Boynton, ha pouco fallecido, conta o *Progressive Thinker*, de Chicago, tem associada ao seu nome uma das mais extraordinarias historias de espiritos.

E' uma vasta e pittoresca construção de tijolo vermelho, partilhando dos estylos Tudor, Elizabethano e Jacobeano. O interior, que foi decorado pelo celebre Rubens, contém magnificos compartimentos, incluindo uma grande sala com

um biombo delicadamente cinzelado, atraz do qual ha uma bellissima escada. Nelle se vê uma curiosa representação do *Imperio da Morte*.

No tempo de Izabel, esse palacio pertencia a tres irmãs, que diziam tel-o construido para ellas e seus descendentes, em logar da antiga construção.

A mais joven das tres irmãs, a que havia-se mostrado mais interessada na nova edificação, foi brutalmente maltratada por alguns malfetores, quando ia fazer uma visita á proprietaria do palacio Harpham, do que lhe resultou a morte, pouco depois. Antes de expirar, ella pediu a suas irmãs que fizessem separar a cabeça do seu cadaver e conservassem-na sempre em uma sala do palacio, deixando uma mensagem que devia ser transmittida aos futuros possuidores, para que respeitassem a sua vontade, sob pena de tornar-se a casa inhabitavel.

Suas irmãs lhe prometteram fazel-o, mas não cumpriram a promessa. O corpo foi sepultado sem a decapitação. Desde então começaram a produzir-se no palacio ruidos e factos tão extraordinarios, que os creados, intimidados, se despediram, e nenhum queria entrar para o serviço das damas. Por conselhos do vigário, o corpo foi exhumado e, abrindo-se o caixão, achou-se que a cabeça estava separada do corpo e completamente despojada de carne.

A caveira foi depositada em uma sala que conservou-se fechada. Correram os tempos e, uma vez, uma creada tomou a caveira e, pela janella, atirou-a n'um carro que estava no pateo; foi tal, porém, o terror que d'ella se apossou, que ella propria foi buscá-la e collocá-la em seu logar.

Ultimamente o proprietario, não crendo nas ameaças de sua antepassada, mandou levar a caveira para o jardim, a fim de ser queimada. Desde ahi começaram a ser ouvidos fortes ruidos pela casa, sobre a qual eram, de fóra, arremeados pedras e tijolos, vendo-se o proprietario obrigado a recolocar a caveira no logar proprio.

FACTOS

Os factos que em seguida reproduzimos, occorridos com o engenheiro Cromwell Varley, chefe das linhas telegraphicas na Inglaterra, são dos que nos propomos trasladar do excellente livro de G. Delanne, *L'âme est immortelle*, para as nossas columnas, e a que fazemos referencia no nosso editorial de hoje.

Notaveis pela sua originalidade e pelo cunho de certeza que offerecem da duplicidade do ser humano, ao mesmo tempo que demonstram como, durante a vida, pode o espirito desprendido de um individuo agir, independentemente, mas efficaçamente, sobre outrem ou sobre o seu proprio corpo, taes factos dispensam todo commentario e apenas terão, para certos espiritos, uma unica desvantagem: é a de terem occorrido fóra do nosso paiz. E assim, reproduzindo-os, incorreremos ainda uma vez na censura, que nos não tem sido poupada, de nos interessarmos mais pelo que se dá lá fóra, do que pelos phenomenos occorrentes entre nós.

Se, porém, é verdadeira — como o reconhecemos — essa increpação, menos nos deve ser ella dirigida do que aos confrades que, longe de nos facilitar esta tarefa, enviando-nos as narrativas de factos observados em condições rigorosas, ou avisando-nos da produção d'aquelles de que tenham, porventura, noticia, para que d'elles tomemos conhecimento pessoal

(pois que não podemos adivinhar), longe d'isso, preferem silenciar sobre taes casos, ou remetter de preferencia suas narrativas a folhas estranhas, votando-nos desdenhosamente a uma exclusão, que—valha a verdade—nem de leve nos magoa, mas que, em todo caso, dá lugar a essa gratuita accusação de nos não preoccuparmos com o que vai *pro domo nostra*.

Não significam estas linhas um desabafo, que seria desarrazoado; traduzem apenas a nossa justificativa diante da increpação á que não temos escapado.

Eis agora os importantes factos:

«Havia eu feito experiencias sobre a fabricação da faiança—refere o Sr. Varley—e os vapores de acido fluorhydrico, de que tinha feito um largo emprego, haviam-me produzido espasmos da garganta. Achava-me seriamente doente e muitas vezes me acontecia ser despertado por contracções da glotte. Tinha-me sido recommendado trazer sempre á mão ether sulfurico, para o aspirar e me proporcionar assim um allivio immediato. A isso recorri seis ou oito vezes, mas o cheiro d'essa substancia me era tão desagradavel que eu acabei por me servir do chloroformio. Collocava-o ao lado do meu leito e, quando d'elle me devia servir, inclinava-me sobre elle em tal posição que, quando sobrevinha a insensibilidade, eu tombava para traz, enquanto que a esponja rolava por terra. Uma noite, entretanto, dei-me de costas, retendo a esponja que me ficou applicada á boca.

«A Sra. Varley, amamentando um filho doente, achava-se no aposento por cima do meu. Ao cabo de alguns instantes, adquiri a consciencia da minha situação: via, em cima, minha mulher, e via-me a mim deitado de costas, com a esponja á boca e na impossibilidade absoluta de fazer qualquer movimento. Fiz convergir toda a minha vontade no sentido de fazer penetrar em seu espirito uma noção clara do perigo que eu corria.

«Ella despertou, desceu, retirou immediatamente a esponja e ficou extremamente assustada. Empreguei todos os esforços para lhe falar e disse-lhe;

— *Eu vou esquecer tudo e ignorar como se passou isto, se m'o não recordares pela manhã*, mas não deixes de me dizer o que te fez descer e eu

então serei capaz de recordar-me de todos os detalhes.

«Na manhã seguinte ella fez o que eu lhe havia recommendado, mas, a principio, de nada me pude lembrar. Entretanto fiz durante o dia os maiores esforços e cheguei por fim a me recordar de uma parte e, com o correr do tempo, da totalidade dos factos. O meu espirito achava-se no aposento ao pé da Sra. Varley, quando lhe transmitti a consciencia do perigo que me ameaçava.

«Este caso facilitou-me a comprehensão dos meios de comunicação dos espiritos. A Sra. Varley viu o que pedia o meu espirito e experimentou as mesmas impressões. Um dia, tendo cahido em transe, ella me disse:

—N'este momento, não são os espiritos que te falam; sou eu propria, e sirvo-me do meu corpo do mesmo modo que o fazem os espiritos, quando falam pela minha boca.»

Eis agora o outro facto occorrido com o mesmo Sr. Varley. Mas d'esta vez elle proprio agiu, por meios directos, sobre a sua personalidade adormecida. E não é menos interessante e extraordinario esse, do que o precedente.

«Acabava eu, refere o Sr. Varley, de assentar o primeiro cabo atlantico. Quando cheguei a Halifax, foi o meu nome telegraphado para New York. O Sr. Cyrus Fied transmittiu a noticia a St. John e ao Havre, de modo que, quando cheguei, fui em toda parte cordialmente recebido, e no Havre encontrei preparado um banquete. Foram pronunciados varios discursos e demoramo-nos bastante. Eu devia tomar o paquete que sahia na manhã seguinte e tinha viva a preocupação de não acordar a tempo. Empreguei então um meio que sempre me tinha produzido bom resultado: era formular, em mim mesmo, energicamente, a vontade de acordar no momento preciso. Clareou o dia, e eu me via, a mim mesmo, profundamente adormecido no leito.

«Tentei despertar-me, mas não o consegui. Depois de alguns instantes, como procurasse os mais energicos meios de sahir da difficuldade, lobriguei um pateo em que se via uma grande pilha de madeira, da qual se approximavam dois homens. Elles subiram a essa pilha e retiraram uma prancha bem pesada. Tive então a idéa de, em mim mesmo, provocar

mim, lá mesmo onde me fui occultar. Tu me advertiste de que Elisa não é a mulher que pedem meus sentimentos, meus pensamentos, meu modo de considerar as coisas, minha natureza moral, enfim. E eu comprehendí a razão de teus conceitos; porque, de facto, o homem que encara a vida conjugal com a seriedade com que deve ser encarada a mais alta questão de sua honra, não pode ser feliz ligando-se a uma loureira. E eu senti que teu juizo a respeito de Elisa é verdadeiro; porque ella, embora devido aos seus verdes annos, não guarda a compostura da mulher que deve ser esposa e mãe—e que deve levar ao marido e aos filhos um passado de virgem, onde nenhum d'esses entes amados possam descobrir de que corarem. Eu comprehendí, eu senti tudo isto, meu Julio, mas o vendaval arrastou-me num rodopio vertiginoso tal que me cegou, que me fascinou, que me obsecou a razão e me ensombrou a consciencia. Fui automat! Aquella menina jogou conmigo como com uma peteca, e eu sentia pesar em vella distribuir, por outros, affagos que pareciam calculados, quando me eram destinados. Sentia pesar, Julio; mas ouvia tua voz echoando em meu intimo. Tenho vivido assim: entre um amor louco e um ciúme desesperado, que me pressagiam, bem o sei, um futuro... Mas a rá caminha, consciente do perigo, para as fauces escancaradas da serpe, que lhe vai roubar o ar, a luz, a liberdade e a vida. Isto é o quadro visto com oculos de cores carregadas. E quem nos diz que assim será? Porque não virá aquella creança a tornar-se casta no seu borboletear, amante em sua indifferença, esposa e mãe exemplar, retirada d'esse turbilhão em que vive? Julio, eu vivo entre um receio e uma esperança—entre a cabeça e o coração; mas confesso-te que o coração domina a cabeça.

— Bem comprehendo a tua posição, meu caro Martim; mas é preciso sobretudo que prepares teu espirito para o peor, afim de que se vier o tufão não te encontre despedido.

— Não posso, meu Julio. Se o tufão vier,

o sonho de que tivesse sido contra mim lançada uma bomba, de que sibilasse ao sahir do canhão e de que explodisse e me ferisse no rosto, no momento em que os homens lançavam a prancha do alto da pilha. Isso despertou-me, deixando-me a lembrança bem nitida dos dois actos, consistindo o primeiro na acção do meu ser intellectual impondo ao meu cerebro a creança na realidade de ridiculas illusões provocadas pelo poder de vontade da intelligencia. Quanto ao segundo acto, não perdi um segundo em saltar do leito, abrir a janella e constatar que o pateo, a pilha de madeira e os dois homens eram exactamente taes quaes o meu espirito tinha visto.

«Antes d'isso eu não tinha conhecimento algum da localidade. Era noite, quando cheguei, na vespera, a essa cidade e eu não sabia absolutamente que alli houvesse um pateo. E' evidente que o meu espirito viu tudo isso, enquanto o meu corpo repousava adormecido. Era-me impossivel ver a pilha de madeira, sem abrir a janella.»

A essa interessante narrativa o Sr. Gabriel Delanne accrescentou uma nota, indicando que houve, no caso, ao mesmo tempo auto-sugestão e clarividencia.

Estamos de inteiro accordo com a classificação dada ao phenomeno pelo nosso eminente collega, e o submettemos particularmente ao conceito dos negadores da alma. Que nos digam elles que *principio* foi esse que agiu conscientemente fóra do individuo e sobre o proprio individuo adormecido.

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMNIDADES SENSORIAS—MEDIUNS VIDENTES E MEDIUNS AUDITIVOS

A mediumnidade vidente é positivamente uma das mais curiosas manifestações dos espiritos. Não ha melhor prova da sobre-ivencia da alma do que a que permite a um espirito tornar-se visivel. Para chegar a esse resultado, elle deve fazer no incarnado algumas modi-

arrebata-me. Se Elisa não fór a mulher que deve ser a mulher de um homem de bem, eu não resisto.

— O que farás em tal caso?

— Em tal caso... em tal caso... entregarei minha alma a Satanaz.

— Covarde! Não foste tu que me ensinaste a lei da evolução dos espiritos, de que decorre a das expiações? Como, então, esqueces esta, aggravando as culpas que pedem reparação, com o mais hediondo dos crimes?

— E... é... é como dizes; mas o golpe no coração não deixa lume para a vida.

— E, se o golpe no coração fór a tua expiação—fór a prova que Deus exigiu de ti, para dares testemunho de tua conformidade com as leis de sua misericordiosa justiça, o que será de ti, se fraqueares, se fugires á prova? Não sabes que tel-a-has de fazer de novo e em mais duras condições?

— Tu me horrorizas, Julio.

— Pois não tens razão para isto, pois que sabes que teu destino, feliz ou desgraçado, depende de tua resolução diante d'essa prova.

— Será assim? Será fatalmente assim?

— Não te falo por mim, falo por aquelle espirito de que mãe Martha é instrumento.

— Elle te disse isso, Julio?

— Tanto que nada mais tentei, nem tentarei para embaraçar tua união com Elisa.

— Meu Deus, que desgraça! e eu sem forças!

— Só não as tem quem não quer, pois que para o bem nunca são ellas negadas ao que as pede.

— E' assim, Julio. Eu vou pedir—eu pedirei sempre; mas... se Deus não me ouvir?

— Louco! Bem sabes que Deus não intertem no nosso livre arbitrio, mas que sempre que, agindo livremente, lhe pedimos força para firmarmos uma resolução no sentido do bem, elle nos ouve e nos dá o que lhe pedimos.

— Sim, elle ouvirá, e eu farei a minha prova; mas que dura prova!

— Dura, porque? Porque não te podes matar, no caso de tua mulher te ser infiel?

ficações perispiritaes que é preciso estudar. Distingamos antes de tudo os dois casos seguintes:

1.º O medium vê com os proprios olhos;

2.º O medium vê no estado de desprendimento.

Existe um meio bem simples para um medium saber se está em um ou outro caso. Quando elle vê um espirito, se, desviando o olhar ou fechando os olhos, a apparição é sempre visivel, é que está desprendido; se, ao contrario, elle não vê mais o espirito, é que o vê com os olhos do corpo.

No caso de desprendimento da alma a visão se opera fóra dos órgãos, dos sentidos e d'isso não nos occuparemos, porque sabemos que os desincarnados vêem, ouvem e, de um modo mais geral, percebem por todas as partes do seu perispirito. A vista para a alma, no estado de desprendimento, entra, portanto, no caso geral da visão dos espiritos entre si.

O que importa notar é que, entretanto, o espirito é obrigado a agir sobre o medium para obter o desprendimento d'este. O que é, portanto, desprender-se? E' para a alma estar menos identificada com o corpo. Sabemos já que durante a sua passagem na terra o espirito está ligado ao seu involucro material pelo perispirito, o qual tambem actua sobre o systema nervoso. Quanto mais activa é a vida do incarnado, quanto mais abundante é a circulação nervosa, tanto menos o espirito pode se desprender; mas se, como notámos na theoria do magnetismo, pode-se paralisar momentaneamente os laços, retendo a alma ao corpo, produz-se uma irradiação do espirito incarnado que, n'essa condição, goza de quasi todas as faculdades que possui na erraticidade. Pode, pois, ver os espiritos, descrevel-os e dar assim provas da sua existencia.

Este estado particular apresenta-se frequentemente para nós durante o somno. Os sonhos não são, na maior parte das vezes, senão a lembrança que guardamos das nossas viagens no espaço; quando mesmo não haja, ao despertar, lembrança dos factos de que se foi testemunha durante a noite, não se deve concluir que a alma não se tenha desprendido.

Deixaremos de parte este aspecto da questão, para nos occuparmos especialmente das manifestações visuaes que

Sabes de uma coisa, Martim? Isto é orgulho, orgulho de não queres passar para o mundo por um marido ludibriado.

— Não é, Julio; é porque não ha mais meio de ligar o meu amor rompido.

— E matando-te ligas esse amor?

— Não; mas ao menos não verei mais...

— Não verás mais?! E teu ser se extingue pela morte do teu corpo?

— Tens razão, meu Julio. Eu não tenho para onde fugir.

— Tens. E' collocar-te na situação que pediste: receber o golpe e dar graças a Deus.

— Mas não é uma ignominia?

— Que seja; o que importa, se essa ignominia é a paga do que infligiste a outrem, se sem beberes esse calice, não entrarás no reino de Deus?

— Sim, porém...

— Porém o teu nome, o teu amor proprio, não é o que ias dizer? O que te importa o juizo dos homens, se tiveres por ti o de Deus, pela boa prova que deres? Elles viram-te a cara, mas Deus olha para ti; elles cospem á tua passagem, mas Deus sorri para ti; elles te desprezam, mas Deus te ama. Quem não quereará estar no teu caso? Demais, meu amigo, quem tem a felicidade de conhecer estas coisas, não vive no mundo para o mundo, onde a vida é um minuto da eternidade. Bemaventurados os que soffrem por amor da justiça. Bemaventurado tu, Martim, se soffreres, resignado, tua humilhação, porque ella é precisa para que se cumpra, na terra, a justiça do céo.

— Oh! que balsamo derramaste na minha alma, Julio! Obrigado, meu amigo, porque tua boca transmittiu-me os conselhos de minha santa mãe.

— E de alguns que te amam, entrou dizendo a velha Martha. «Filho de minha alma, o christão em Christo louva a Deus no meio das maiores atribulações; louva-o nos mais dolorosos martyrios; louva-o no meio de suas mais degradantes misérias, sem o que não ha glorificação».

(Continua)

FOLHETIM

(35)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAR

PRIMEIRA PARTE

XXXV

Ouvindo minhas palavras sobre Carlos Teixeira, ou antes, sobre ter elle vindo no paquete em que viera a familia Muniz, Martim cahiu em pesadume.

Levamos algum tempo a conversar sobre a vida parisiense, mas elle distrahiu-se frequentemente, como se alguma força lhe arrastasse o pensamento para longe d'alli.

A chegada de visitas interrompeu nossa intima convivencia, e eu retirei-me, levando nos seios d'alma um toque de tristeza, quando só tinha motivos para alegrias.

Não era novo para mim este phenomeno psychologico, cuja lei é determinada na philosophia spirita: a lei das intuições.

— Pobre Martim! Deus te dê forças para lebares a bom tenno a tua provação n'esta vida.

Julio, segundo me disse, notou igualmente a perturbação de Martim e, quando se recolheram, interrogou-o a respeito.

— O que hade fazer a folha que o vendaval arrancou da arvore, senão voar para onde elle a arrasta? Minha alma, meu caro Julio, é aquella folha, e a paixão que me tomou é o vendaval que me arrasta—para onde? Não sei. Queria fugir ao meu destino; mas elle foi tomar-me e apossou-se de

têm lugar no estado de vigília e pelos órgãos do medium.

Antes de tudo definamos de um modo preciso o que entendemos por mediumidade vidente, porque é bom não tomar como aparições essas figuras diaphanas que se percebem quando se está meio acordado e na occasião do despertar. É preciso pôr-se em guarda cuidadosamente contra as causas erroneas que provêm da imaginação superexcitada. Quem não julgou distinguir, em certos momentos, figuras, paisagens, em desenhos bizarros formados pelas nuvens?

E no entretanto a nossa razão nos diz que ellas na realidade não existem. Sabe-se também que na escuridão os objectos revestem apparencias extraordinarias, por não se poder distinguir todas as partes, e porque os contornos não se acham claramente desenhados. Quantas vezes, á noite, em um quarto, uma veste pendurada, um vago reflexo luminoso, não parece terem uma forma humana aos olhos das pessoas de maior sangue frio? Se o medo, ou uma credulidade exagerada se vem juntar a isso, a imaginação faz o resto.

Isto nos faz comprehender o que se chama illusão, mas não fornece ensino algum sobre a allucinação.

Eis-nos chegados á grande palavra empregada, a todo proposito, pelos materialistas, para explicar a mediumidade vidente. Tratemos de precisar os caracteres especiaes da allucinação, e vejamos se tem alguma coisa de commun com a mediumidade.

(Continua)

Experiencias do Dr. Paul Gibier

II

PRIMEIRA CATEGORIA

Phenomenos diversos

(Continuação)

SETIMA CLASSE

Materializações — Apparecimento de mãos, visíveis á luz natural — Contactos

A 12 de maio de 1886, ás 11 horas da manhã, tivemos uma sessão em casa de Slade; enquanto elle tinha ambas as mãos sobre a mesa, assim como nós, vimos distinctamente — até o Sr. N... que commosco estava o viu — a mão, da qual só os dedos e a parte anterior eram visiveis, vir duas vezes contra o nosso peito. N'esse momento não experimentámos maior emoção do que a das experiencias de pathologia a que ha tanto tempo estavamos habituados; portanto não nos julgavamos victima de uma allucinação e, tanto quanto o Sr. N., não esperavamos ver essa mão ou, antes, essa parte de mão.

Slade, então, convidou-nos a collocar a mão embaixo da mesa para obtermos um contacto, mas nada sentimos; tomou depois uma lousa por uma das extremidades e nos convidou a segurar na outra.

Sustinhámos a pedra embaixo da mesa tão levemente que por certo teria cahido, se Slade não a estivesse segurando com firmeza; de repente, sentimos o pulso agarrado por u'a mão bastante fria, que passou seus dedos, por um instante, pela parte anterior do nosso ante-brço. Abandonámos a lousa, que não cahiu, e por nossa vez agarrámos a mão de Slade, e assim pudemos constatar que a sua temperatura era normal e não fria como a que havíamos sentido antes, ao mesmo tempo que olhávamos embaixo da mesa, onde nada vimos que pudesse explicar a sensação que havíamos recebido.

Por varias vezes assistimos a phenomenos d'esse genero e não menos surprehenderes, mas, como nos faltaram os meios de uma rigorosa observação, não queremos insistir n'elles, nem garantir em absoluto a sua realidade. Trata-se de coisa differente do phenomeno da *escripta espontanea*, que os espirituistas chamam *escripta directa*. Observámos esse phenomeno tantas e tantas vezes

sob formas tão variadas, que nos permitimos dizer que não poderemos mais acreditar no que vemos todos os dias na vida de relação, se nos fôr vedado reportar-nos aos nossos sentidos, quanto a esse caso particular.

(Continua)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64). «A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

Matheus, III; V. 13-17 — Marcos, I; V. 9-11 — Lucas, III; V. 21-22.

BAPTISMO DE JESUS

«Foi em presença das palavras que João acabava de proferir, antes da chegada de Jesus diante de todos, que logo que Jesus, tendo sido baptizado, saiu da agua, a manifestação chamada a esclarecer os homens sobre a sua origem, sobre a sua missão, teve lugar: essa manifestação teve lugar, como se devia produzir, segundo os tempos, as tradições hebraicas e o estado das intelligencias.»

«Jesus, vos é dito, tendo sido baptizado, sahio logo da agua, e, ao mesmo tempo, em quanto fazia a sua prece, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre elle, em forma corporal, como uma pomba, e ouviu-se uma voz do céu, dizendo: Tu és o meu filho bem-amado; em ti puz todas as minhas complacencias.»

«O Senhor manifestou assim o seu poder enviando um signal material em apparencia, mas material para o olhar humano, signal que não foi, do mesmo modo que a voz que se fez ouvir, senão uma manifestação spirita, afim de ferir a attenção dos homens e fazer-lhes comprehender que o espirito annunciado pelos prophetas descera, enfim, á terra.»

«O espirito, vós o sabeis, pode revestir, com o concurso do seu perispirito, todas as apparencias, todas as formas.»

«A pomba era encaráda pelos antigos como o emblema da pureza, e era, não o esqueçais, sacrificada, sobre o altar, para o resgate dos filhos de Israel; o espirito superior, encarregado d'essa manifestação, teve, pois, (deveis comprehendel-o, recordando-vos da origem spirita de Jesus, de sua vida humana apparente durante a sua missão terrestre e do sacrificio do Golgotha) que tomar, e tomou, a forma que devia impressionar mais a intelligencia — no mesmo instante em que ella teve lugar, — e depois do cumprimento d'essa missão.»

«Essa voz que se fez ouvir do céu, dizendo: «Tu és o meu filho bem-amado; em ti eu puz todas as minhas complacencias,» não foi a voz de Deus omnipotente; Deus não se manifestou; Deus não communica directamente com os homens, já vol-o dissemos: por mais puro que seja o espirito incarnado, o involuero que elle reveste estabelece uma barreira intransponivel entre o homem e a divindade; mas o Senhor transmite as suas vontades pelos puros espiritos que recebem directamente as suas inspirações, aos espiritos superiores e aos bons espiritos na ordem hierarchica e que se tornam os seus órgãos.»

«Foi um espirito superior que fez ouvir essa voz e pronunciou estas palavras: Tu és o meu filho bem-amado; em ti eu puz todas as minhas complacencias.»

«Para o povo e para todos aquelles que tinham vindo a João, ás margens do Jordão, para os hebreus, o proprio Deus falara n'essa circumstancia, como elle proprio tambem falara outrora aos prophetas da antiga lei; o Espírito-Santo era a intelligencia de Deus mesmo, inspirando DIRECTAMENTE

os homens, communicando directamente com elles.»

«Tambem, para elles, foi Deus mesmo quem tomou a forma de uma pomba, — TAMBEM Deus, ao mesmo tempo e por outro lado, quem fez ouvir essa voz e pronunciou estas palavras: «Tu és o meu filho bem-amado; em ti eu puz todas as minhas complacencias.»

«Quanto a vós, spiritas, que, pela nova revelação, sabeis que o Espírito-Santo é, sob esse nome figurado, representado pelos espiritos do Senhor, — órgãos de suas inspirações e ministros de suas vontades; que sabeis que Deus não communica directamente com os homens, comprehendéis que houve duas manifestações spiritas.»

«Essas duas manifestações se produziram enquanto Jesus fazia a sua prece; foi esse o PRIMEIRO EXEMPLO, o primeiro ensinamento que elle deu aos homens, mostrando-lhes que a prece, não dos labios, mas do coração, attraí sobre elles as benções do Senhor, os testemunhos do seu amor, fazendo descer sobre elles, pelos espiritos protectores de vossa humanidade, a sua influencia divina.»

«O baptismo da agua, que João Baptista distribuiu e que Jesus recebeu para pregar com o exemplo, constata assim que esse baptismo não era senão uma figura, era ao mesmo tempo material e symbolico: material, pela ablução do corpo; — symbolico, pelo arrependimento e humildade consagrados por essa ablução, e que proclamava a confissão publica, de cada um, em voz alta diante de todos, de seus peccados, isto é, de suas faltas, de suas torpezas, de todas as infamias que podem germinar no fundo do coração humano.»

«Esse baptismo da agua era ASSIM um preparo para o baptismo do Espírito-Santo e do fogo, que vem de Deus, e que o Christo concede áquelles que d'elle se tornam dignos, enviando-lhes a assistencia e o auxilio dos espiritos purificados.»

«E' bom recordar aos homens esse baptismo da agua, porque elle aviva em sua memoria os grandes acontecimentos consummados e as obrigações que lhes são impostas.»

«A parte material foi uma necessidade dos tempos, para sensacionar, por um acto material, homens materiaes; só a parte symbolica fica para vós.»

«Mas o baptismo, o verdadeiro baptismo, é o que vem do Senhor; é o baptismo do Espírito-Santo e do fogo, o qual deve purificar as almas e não os corpos.»

«Fizeram do baptismo da agua a bandeira do christianismo.»

«O homem esqueceu por demais a essencia divina, para não contar SENÃO com a materia; a ella tudo reportou; e o seu espirito amesquinçado, encerrado n'esses estreitos limites, acabou por esquecer quasi inteiramente que, sahido d'uma essencia espiritual, deve afeiçoar-se ao espirito e não á letra; purificai-vos, pois, para serdes vivificados.»

«A igreja romana desviou o baptismo da agua de sua natureza, de seu objecto, de suas condições e de seu fim, deitando agua sobre a cabeça da creança, no momento em que acaba de nascer, sob pretexto de apagar, sob o nome de peccado original, na pessoa d'essa creança, uma falta que ella não commetteu, que outro teria commettido, quando ao mesmo tempo, na sua opinião, a alma d'essa creança teria sido creada por Deus expressamente para o corpo que vem habitar, e, nada podendo salir e não sahindo sujo das mãos de Deus, seria ASSIM pessoalmente pura e sem macula.»

«A igreja romana não teria instituido assim esse baptismo da agua, se tivesse comprehendido bem as palavras do Christo a Nicodemus, proclamando a reencarnação como uma realidade e não como uma allegoria, — uma realidade, uma lei imutavel da natureza estabelecida por Deus de toda a eternidade, para

ser o meio de purificação do espirito culpado e de seu progresso, o unico meio, para o homem, de entrar «no reino de Deus», isto é, de chegar á perfeição, SÓMENTE A QUAL lhe permite aproximar-se do foco da omnipotencia.»

«Christãos de todas as seitas, catholicos, protestantes, gregos, cessai de não contardes senão com a materia, deixando «a letra que mata» para vos aterdes «ao espirito que vivifica»; do baptismo da agua nas margens do Jordão, conservai o espirito; praticai a parte symbolica: o arrependimento e a humildade. Preparai-vos assim para o baptismo do Espírito-Santo e do fogo, que purifica as almas, e que Christo vos dará, se vos tornardes dignos d'elle pela pratica do trabalho, da humildade do coração, da justiça, do amor e da caridade, enviando-vos os espiritos purificados para vos assistirem, vos inspirarem, vos sustentarem e vos ajudarem a avançar na via do progresso moral e intellectual.»

(Continua)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spirita Brasileira, á rua do Rosario, n. 141, sobrado:

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	5\$000
O CÉU E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
OBRAS «POSTHUMAS» de Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 grams.).....	3\$500
IDEM, cartonado (550 grams.).....	4\$500
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, segudo das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).....	5\$00
MIRETTA, romance spirita, por Elia Sauvage, cartonado (300 grams.).....	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balduino, brochura (200 grams.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	\$300
LA CASA EMERJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES e OUTROS SABIOS, brochura (200 grams.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS e OS MUNDOS REAES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Jofrei, brochura, (200 grams.).....	2\$000
COLLECÇÕES ANUAES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.).....	3\$000
OS MORTOS VIVEM, NÃO OS CHOREIS 50 folhetos (750 grams.).....	10\$000
COMO E PORQUE ME TORNEI SPIRITA por J. B. Borreau, encadernado (250 grms.).....	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams, além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 0\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Setembro 1

N. 396

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos que se dignem avisar-nos, em tempo, da mudança de suas residencias, afim de evitar que nos sejam devolvidos os exemplares expedidos pelo correio.

O problema da evolução

IV

O rapido estudo comparativo que vimos de fazer — não será demasiado repetitivo — pondo em confronto as afirmações da sciencia, as revelações dadas a Roustaing e os ensinamentos dictados ao nosso mestre Allan Kardec, accentuando a concordancia entre elles existentes, parece responder affirmativamente, e de um modo tão concludente quanto, pelo menos, o comportam o estado actual dos conhecimentos e o proprio preparo humanos para a aquisição de taes verdades superiores, á primeira das proposições que formulámos interrogativamente no escripto inicial dos que constituem a presente serie, isto é: — Deve-se acceitar, como uma verdade scientificamente demonstrada, que o espirito humano é o mesmo principio animico evoluído atravez de todos os reinos da natureza, chegando, depois d'essa longa e penosa elaboração, ao estado racional e livre que o caracteriza.

«Uma nova questão, porem, agora surge», dissemos no remate do nosso precedente escripto; mas antes de nos occuparmos propriamente d'ella, seja-nos licito, sem fatigar os leitores com inuteis delongas, lançar aqui uma pequena restricção á affirmativa acima, com o unico fim de dissipar todo o visio de precipitação que nos poderia ser attribuida quanto á conclusão acima formulada, em relação aos dados consultados.

Os elementos a que nos soccorremos, no nosso estudo, para chegar áquella conclusão, não provam realmente, e de um modo scientifico, que o principio animico tenha evoluído atravez de todos os reinos da natureza, pois que no ovulo humano fecundado não accusa elle os vestigios da sua passagem pelos reinos mineral e vegetal, affectando apenas as formas da animalidade, desde as especies inferiores até ao homem, ultimo estadio da sua evolução. Mas a perfeita continuidade que se nota entre todos esses reinos da natureza, accentuada nessas especies

intermediarias de que falámos e que parece serem os elos d'essa cadeia que liga todos esses reinos entre si, nos induz sufficientemente a concluir que o inicio da evolução do principio animico deve ter tido lugar no mais baixo d'esses reinos, em que não se accusava elle senão vagamente, quasi se confundindo com essa força de cohesão que liga as moleculas dos corpos duros e informes que o constituem. D'ahi, passando pelas especies intermediarias, deve ter vindo fazer a sua irrupção no reino vegetal, subindo lenta e gradativamente, ensaiando-se na *irritabilidade*, propriedade que accusam certas plantas e que é o preludio, por assim dizer, das *sensações* que mais tarde, galgado o reino immediatamente superior, n'elle virão a se accusar, graças á aquisição de um systema nervoso e de órgãos apropriados a essas novas manifestações. E' isto, ao demais, o que se encontra na revelação dada a Roustaing.

Porque não affecta o espirito, no começo de sua vida fetal, as formas relativas á sua passagem por aquelles reinos? Será porque, antes de haver attingido a animalidade, não se tinha o principio animico individualizado o sufficiente para reter em seu envoltorio as impressões d'essa passagem, tendo até então se conservado em um estado diffuso e absolutamente impessoal? — E' o que de mais razoavel se pode conjecturar. Seria, entretanto, curioso investigar se nos animaes, pela sua proximidade do reino immediatamente inferior, o ovulo fecundado affectará, como no homem, em rapido escorço, as formas attestativas da sua evolução anterior n'aquelle reino.

E' uma questão a estudar opportunamente e cuja solução trará incontestavelmente uma nova luz elucidativa d'estes ensinamentos. Uma outra, porem, nos preoccupa por agora, e, dada a explicação acima, com o fim de deixar bem patente o nosso intuito de nos conservarmos no terreno da mais rigorosa logica n'este estudo, sem nos precipitarmos em conclusões arbitrarías ou exageradas, passaremos a nos occupar sem demora d'essa questão á que fazemos referencia.

Evidenciada, ou pelo menos acceita como tal, a evolução do principio animico atravez dos reinos inferiores da natureza, e constatada, graças ás observações da physiologia experimental relativamente á incarnação, a sua perfeita identidade no espirito humano, trata-se de saber em

que condições se tornou para o espirito uma necessidade imperiosa essa penosa evolução. Em uma palavra: a centelha animica emanada do Creador teve, desde o momento de sua criação, que se submeter, necessaria e fatalmente, a essa elaboração nas mais infimas regiões da natureza, afim de, por uma lenta elevação, ir promovendo o trabalho de sua propria individualização, até chegar á especie humana, para d'ahi continuar então em condições superiores a sua perpetua ascensão para o supremo ideal de infinitas perfeições; ou só foi a isso coagido depois do que se chama a queda?

Porque, ha a este respeito duas correntes de opiniões entre os spiritas. E, se d'ellas nos fazemos echo n'estas columnas, não é com o proposito exclusivo de assignalar publicamente essas divergencias, que tendem a enfraquecer a cohesão natural entre os religionarios da nova revelação, mas, ao contrario, o fazemos no intuito de examinar, de um lado e do outro, a somma de probabilidades favoraveis ou desfavoraveis a cada uma d'essas opiniões, cuja conciliação é o nosso final objectivo.

Entendem os opinantes pela evolução do espirito, mas só depois da queda, nas series inferiores da natureza, que essa theoria tem a vantagem de dar ao espirito, desde a sua criação, a faculdade de se constituir livremente o arbitro de seus destinos, optando voluntariamente, ou pelo progresso compativel com a sua propria natureza, isto é, pelo progresso espirital, docil que se mostra elle aos ensinamentos moraes dos seus guias, ou pela repulsa até aos mais baixos estadios da criação, se, pelo seu orgulho, ou por outra paixão condemnavel, contrahiu a responsabilidade d'essa queda do seu primitivo estado de simplicidade e ignorancia, e assim se collocou na condição de reconquistar a posição perdida, mediante esse doloroso aprendizado, desde as formas mais rudimentares até ás mais aperfeiçoadas da natureza viva. E com essa noção de uma primitiva responsabilidade se propõem melhor comprehender e justificar, por exemplo, o soffrimento nos animaes, sem a qual esse soffrimento se affigura uma contingencia — para não usar de outra expressão — injustificavelmente imposta pelo Creador a esses pobres seres.

Mas ha ainda uma outra razão, em apoio d'essa theoria e em opposição á passagem forçosa e inicial do principio animico nos reinos inferiores da natureza,

a qual pode ser syntheticamente formulada na seguinte interrogativa:

Pois o espirito, centelha divina por sua natureza, emanada directamente do Creador, precisaria porventura submeter-se ás contingencias da materia, que pela sua propria constituição lhe é inferior, para n'ella vir adquirir faculdades e exercitar funcções que só o seu concurso, portanto, lhe poderia, assim, fornecer? — Em tal caso, teriam os materialistas razão em proclamar a potenciação exclusiva e universal da materia, em suas infinitas combinações.

Este modo de ver — digamos desde logo — não é uma criação inteiramente gratuita, pois que se acha associada a ensinamentos espirituales realmente interessantes e dignos de meditação, recolhidos durante mais de vinte annos em um circulo de estudos na França, os quaes fazem o objecto de um volume (1) que, posto que pouco divulgado entre nós, não deixou, todavia, de influenciar muitos espiritos, creando uma orientação nova a respeito de alguns problemas que affectam o corpo doutrinario da nova revelação.

Sem prejudicar do valor de taes ensinamentos, passaremos, entretanto, a reproduzir alguns extractos do referido volume, relativos á questão que nos occupa, reservando-nos o direito do commental-os em seguida. E como, pela sua extensão, requeiram um espaço de que já não dispomos, farão elles o objecto do nosso proximo escripto.

LEOPOLDO CIRNE.

EM GUARDA

Não é a intimativa que, em combate singular usa lançar ao adversario o esgrimista que com elle mede forças, a phrase que adoptamos por epigraphe, porque, de facto, não nos movem intuitos atacantes. Muito ao contrario, e pois que fomos nós os aggreddidos, ou, melhor do que nós, o foi a doutrina cuja integridade assumimos o grave compromisso de zelar e defender, a nossa epigraphe significa o movimento do esgrimista que se cobre contra o movimento intencional do adversario que investe.

Sahimos, pois, em defesa do spiritismo, contra mais uma aggressão que acaba de soffrer, mas, fazendo-o, devemos previamente declarar que longe estamos de pretender ferir uma polemica que, de resto, não teria razão de ser, dadas as

(1) *Les vies mystérieuses* — Paris (sem data).

condições da aggressão á que nos referimos, e dado sobretudo o caracter de parcialidade de que se revestiu ella, como observaremos adiante.

Trata-se ainda uma vez de accusações dirigidas do alto do pulpito por um sacerdote, contra os ensinos da nova revelação, cujos triumphos a curia romana, por muitos dos seus representantes, pretende embaraçar com as suas inocuas excommunições, ameaçada que se sente na sua dominação mundana por essa doutrina, que vem restabelecer a verdade contida nos Evangelhos que Jesus legou ao mundo e a cuja moral inflexível depositarios levaram successivamente o criminoso enxerto de suas vistas interesseiras, que o deturpam na sua significação e o aviltaram na pureza dos seus sublimes ensinamentos. Taes accusações, entretanto, por não serem senão a reprodução de outras que, em iguaes condições, nos têm sido dirigidas, não mereceriam o reparo que lhes vimos offerecer, se não tivessem tido outra circulação além do animo dos fieis que, no recinto da sua igreja, tivessem escutado, cheios de recolhimento, a palavra inspirada do seu orador predilecto. Pretenderam, porém, dar-lhes mais ampla repercussão, e correm impressos folhetos contendo taes accusações, destinadas a levar, envolto nas inverdades que as caracterizam, o desprestígio a uma doutrina que não desperta essas hostilidades da parte dos que se intitulam depositarios dos ensinos do Christo, senão porque— seja-nos licito repetir— visa apenas restabelecer a verdade e a pureza de taes ensinos deturpados por esses inflexíveis depositarios.

Comprehenderam já os leitores que queremos nos referir ás Conferencias da Assumpção realizadas pelo Rvdm. Dr. Julio Maria, cujos fóros de celebridade, como orador sacro, parece já não serem objecto de duvida, pelo menos da parte d'aquelles que se deixam facilmente embalar pela sonoridade das phrases, sem se preocuparem com aprofundar os conceitos de que são ellas a deslumbrante roupagem. Longe estamos de pretender aqui discutir o merecimento que possa ter o illustre sacerdote—, encargo que deixamos aos seus collegas em theologia, com os quaes não parece, contudo, S. S. manter perfeita uniformidade de vistas. A natureza, porém, das increpações com que S. S. não escrupulizou em verberar o spiritismo é de molde a pôr-nos um pouco de sobre-aviso quanto á sua capacidade para, pelo menos, abordar certos assumptos, por mais que os seus incondicionaes admiradores lhe reconheçam uma competencia sem par, entre os da sua classe, para aprofundar todos os mysterios da religião de que se fez sacerdote.

Passemos á demonstração, limitando-nos por ora a compulsar o folheto que contem a segunda conferencia da terceira serie que S. S. vai realizando, na qual o assumpto discutido foi: «dos erros, absurdos e males da moral independente». Depois de haver largamente explanado a sua opinião a esse respeito, e passando a occupar-se da «natureza, dos ensinos,

dos perigos e da condemnação do spiritismo», do qual prometteu S. S. tratar mais detidamente, eis o que, para esclarecer o animo dos seus devotos, disse S. S.:

«O spiritismo forma uma seita, uma sociedade religiosa; é uma renovação da magia antiga, e abrange todo o complexo de phenomenos singulares e bizarros de que nos fala a historia e que todos têm por agentes os demonios; não é senão a continuação de tudo o que a historia sagrada e profana diz das relações do homem com os espiritos.

«Quanto aos seus ensinos—elle ensina que existe naturalmente um commercio com os mortos; que, em virtude de certas fórmulas e actos, *pode-se forçar* as almas do outro mundo a voltarem a este, a entrarem em communicação commoço e a responderem ás questões que se lhes propõe.

Elle *nega* a existencia do inferno, dos máos anjos, *o culto devido a Deus*. Nega o peccado original, a redempção, os sacramentos; *ensina a metempsychose, e só admite uma moral puramente natural.*» (1)

Confessamos que a impressão que nos tomou, ao lermos taes assertos, foi a da mais justificavel tristeza, habituados como estamos a reconhecer que, n'estas justas do pensamento, a primeira qualidade de um lidador é a lealdade e o culto da verdade. Em tão poucas linhas, nada menos de quatro inverdades se contêm. E, se o Sr. Dr. Julio Maria é— como o acreditamos— um homem de honra, ha de nos permittir que d'aqui, e publicamente, lhe dirijamos uma formal injuncção para que nos responda, sim ou não, se S. S. estudou a doutrina spirita, o sufficiente pelo menos para conhecer os seus ensinos. Não é para a sua honra de sacerdote que appellamos, porque d'isso não temos necessidade. Ella é inviolavel e paira acima de todas as vicissitudes humanas. Contentamo-nos com appellar para as leis da honra de simples secular, que S. S. foi, como o somos nós outros miseros mortaes, mas que a não prezamos menos do que os privilegiados vigarios do Christo na terra. Em nome, pois, d'essas leis que S. S. bem conhece, digne-se responder-nos se conhece a doutrina spirita, contra a qual tão graves arguições levantou, cercado do prestigio e da inviolabilidade do seu pulpito.

Se a estudou S. S., deve pelo menos saber:

1º Que não é verdade que o spiritismo ensine que *se pode forçar*, em virtude de certas fórmulas (que desconhecemos), as almas do outro mundo a voltarem a este (e é a menos grave das suas accusações);

2º Que não é verdade que elle *negue o culto devido a Deus*;

3º Que não é verdade que elle *ensine a metempsychose*;

4º Que não é verdade que elle *só admitta uma moral puramente natural*.

Se S. S. estudou a doutrina spirita, deve saber que, longe de tudo isso, ella afirma que os espiritos são livres de attender, ou não, ás evocações que lhes são feitas; que ella se baseia, fundamentalmente, sobre a existencia de Deus, proclamando a necessidade da sua adoração

(1) Os gryphos são nossos e destinam-se apenas a frisar bem as inverdades contidas nas arguições por esse modo assignaladas.

em *espírito e verdade*, que não atravez de ritos inspirados nas tradições da idolatria pagã; que, se aceita a evolução do principio animico atravez das series inferiores da natureza, como está scientificamente demonstrado, nega a possibilidade da reincarnação do espirito humano nos animaes, negando, *ipso facto*, a metempsychose; que, finalmente, a sua moral não é outra senão a que Jesus trouxe pessoalmente ao mundo e que se acha contida nos Evangelhos.

Se, porem, S. S. não conhece o spiritismo, se o não estudou e tão levianamente o ataca, desvirtuando e calumniando os seus ensinos, como querera ter o direito de que acreditem nas suas palavras, mesmo aquelles que S. S. se propõe arrastar cegamente pelos despenhadeiros do dogma, que—sabemos—é o unico esteio da sua igreja em ruínas, mas a que não se podem mais submeter os libertados d'essa tutela oppressora?

Deploramos profundamente collocar S. S. entre as pontas d'este dilemma de que não poderá facilmente sair; mas sirva-nos de excusa o facto de termos sido os provocados: ou S. S. afirma que conhece a doutrina, e n'este caso mentiu (*horresco!*) á sua propria consciencia, levantando accusações que sabia não serem verdadeiras; ou S. S. confessa que não conhece o spiritismo, e é um leviano que não pode se arrogar o direito de julgar-nos.

Queira escolher.

E enquanto aguardamos a sua palavra, ungida da sinceridade que, pelo menos, se deve attribuir a um sacerdote, consinta S. S. que formalmente declaremos que, se ella não vier ao encontro d'este legitimo repto que lançamos á sua honra, á sua lealdade, aos seus habitos de cavalheiro, em summa, suppriremos essa falta reproduzindo n'estas columnas os ensinos contidos nos livros da nova revelação acerca dos pontos falsamente arguidos por S. S., para completo e formal desmentido ás suas gratuitas aggressões.

NOTICIAS

Do *Il Vessillo Spiritista*, de Vercelli (Italia), resumimos o seguinte caso bem authenticado:

A senhorita Ida Botti, de 13 annos de idade, filha do Sr. Guilherme Botti, conservador do Museu de Antiguidades de Turim, ao voltar da escola, em companhia de suas amigas Ida, Gius e Elvira, de 15, 12 e 8 annos de idade, filhas do Sr. Mazzucato, estava brincando, ás 4 horas da tarde, em uma sala da residencia da primeira, a qual communicava com a sala de jantar e a cosinha, quando a mais velha das meninas Mazzucato deu um grito mostrando-se muito atrevida. As outras, olhando na mesma direcção que ella, viram entrar pela janella um fantasma medonho, simulando um esqueleto apenas coberto pela pelle, e cujo rosto se contrahia n'um diabolico sorriso de *Scarnio*, descendo-lhe da cabeça um panno branco, que cahia pelas costas. Elle correu a cortina e apoiou-se, ameaçador, sobre o espaldar de uma poltrona. As meninas quizeram fugir, mas uma força mysteriosa as deteve no logar.

Recolheram-se ao vão de uma janella, procurando esconder a pequena Elvira que estava muito amedrontada.

Depois o espectro fez com a mão signal á menina Botti para se aproximar, e en-

tão todas ellas começaram a gritar, pedindo soccorro.

A Sra. Botti, que estava no jardim, veio correndo, mas já não encontrou o sinistro visitante, que se havia retirado, ameaçando as meninas.

Tres dias depois, achando-se a mesma senhora com sua filha na cosinha, viram ambas reaparecer o fantasma, que com a mão mirrada deu no peito da menina um socco que fel-a cahir por terra.

O facto deu-se em agosto de 1894, e ainda hoje a senhorita Ida Botti tem sobre o peito o signal do golpe.

O Sr. T. E. Mongan, de Sheffield (Inglaterra), escreveu ao *Torch*, communicando haver recentemente encontrado um livro que dá noticia da manifestação dos espiritos, em 1760, em West Smithfield, Londres, o proprio logar onde tantos hereticos foram queimados ou mutilados publicamente. Esse livro narra que os espiritos respondiam por pequenas pancadas. As pessoas que se consagravam a esses trabalhos, eram accusadas de conspiração, e da casa em que se davam os factos, os homens eram condemnados a ir tres vezes ao pelourinho, e a dois annos de prisão, sendo suas mulheres a um anno, e as creadas, que eram os mediuns, a seis mezes.

Era o tempo em que os sacerdotes dictavam leis e perseguiram com incançavel malignidade, o que fariam ainda hoje, se o pudessem. Graças a Deus, porém, tudo isso passou, e o mundo vai caminhando e progredindo sempre.

CLAUDINO NETTO

Segundo noticias que, em circular, nos foram obsequiosamente transmittidas do Porto, em agosto preterito, sabemos ter desincarnado n'aquella cidade, no dia 11 de junho, o confrade cujo nome tomamos por epigraphe e que foi, por tanto tempo, director da *Revista Spirita*, do Porto, tendo o seu trespasso occorrido ás 3 1/2 horas da tarde d'esse dia, quando se achava elle presidindo os trabalhos que habitualmente dirigia.

De uma grande dedicação á causa do spiritismo, quaesquer que fossem as restricções que se pudessem oppôr á sua orientação doutrinar, Claudino Netto foi incontestavelmente um dos mais perseverantes apostolos d'essa santa cruzada na peninsula lusitana, e folgamos em render esta homenagem posthuma á sua memoria e aos seus bem intencionados serviços.

Que o seu espirito encontre a paz e a felicidade a que aspirava, n'esse infinito eternamente illuminado em que, libertado da carne, acaba de penetrar.

O Sr. L. M. Waterhouse publicou no *Light*, de 5 de agosto ultimo, a descripção de uma sessão a que elle assistiu, a 24 de julho, em um circulo intimo, com o medium F. Craddock, da qual damos o resumo.

A sessão começou ás oito horas da noite, sentando-se o medium a um dos cantos da sala, preparada com uma cortina para servir de gabinete escuro, mas que elle conservou erguida. A porta foi fechada, e a Sra. Waterhouse sentou-se junto a ella, de modo que ninguém pudesse entrar ou sair sem ser por ella visto. Além do autor da noticia e sua esposa, estavam mais presentes duas senhoras e tres cavalheiros. No começo conservou-se a luz, mas muito fraca. Entoou-se um cantico, e o medium, em transe, adiantou-se para o circulo, falando e agindo como um francez, que elle disse ser o Dr. Graham. Depois de conversar com os assistentes, recolheu-se ao gabinete, donde voltou tomado pelo espirito de um indio norte-americano. Durante esse tempo uma das assistentes sentiu-se tocar por varias mãos. Então extinguiu-se a luz, abaixaram-se as cortinas do gabinete e a assistencia entoou um hymno. Appareceram, percorrendo o gabinete, luzes de diversas formas, dimensões e

brilhos. Ouviu-se uma voz, ora perto, ora afastada, que disse ser a de Jemmy Armstrong; mensagens de amigos foram recebidas com os nomes correctos, bem como avisos sobre os trabalhos das sessões privadas do noticiário e sua senhora, explicando os resultados n'ellas obtidos, e conselhos sobre um trabalho scientifico daquelle. A Sra. Waterhouse ouviu e reconheceu a voz de sua mãe, que lhe havia prometido vir a essa sessão.

Depois mostrou-se a forma perfeita de afghan materializado, esclarecida por uma ardosa illuminada. Suas feições eram perfeitamente distinctas e muito diversas das do medium. Veiu ainda a figura luminosa de uma dama de alta estatura, só materializada em parte. Suas mãos eram muito delicadas e seus vestidos de um tecido extremamente fino. Ella deu varias mensagens á Sra. Waterhouse, ouvidas por todos os presentes, e respondeu á diversas questões.

Durante essas materializações a figura era por todos vista projectada sobre a cortina, quando a ardosa luminosa passava por traz della.

Enquanto se cantava, ouvia-se na sala o som de uma corneta.

FACTOS

Os spiritas fanaticos admittem que todas as nossas enfermidades, sejam mentaes, sejam corporaes, procedem de más influencias do mundo espirital.

Comquanto admittamos que muitos dos males physicos que nos affligem são a consequencia de lesões do organismo, produzidas por causas perfeitamente conhecidas pela sciencia medica, e que essas lesões tambem possam affectar, muitas vezes, a livre manifestação do espirito, ha um numero de enfermidades que tem sua origem na fonte supramencionada.

Como prova d'isso apresentamos alguns factos dados em bem conhecido grupo spirita d'esta capital, dirigido pelo Sr. A., attestados por pessoas dignas de toda a confiança.

Em uma de suas sessões apresentou-se uma velha queixando-se de uma dor nas

cadeiras (região lombar), que a não deixava descansar. Dominado de subita inspiração, o Sr. A. perguntou-lhe:

— Que questão é essa de uma cadeira, que a senhora teve com um seu visinho?

— Não ha questão, respondeu a consultante. Uma visinha minha, retirando-se brigada com a pessoa com quem vivia, me fez presente de uma cadeira, que essa pessoa vem hoje reclamar como sua. Ora, eu não fartei; deram-me a cadeira e, portanto, é minha.

— Minha filha, respondeu o Sr. A., você bem sabia que sua visinha lhe dava o que não lhe pertencia, e por isso tornou-se cúmplice de um furto. Furtar é um crime. Você deve agradecer a lição que recebe. Restitua a cadeira, e sua dor de cadeiras desaparecerá.

A velha fez a restituição e o seu mal desapareceu.

Em outra sessão apresentou-se um italiano conduzindo um seu amigo, hespanhol, surdo e mudo, dizendo que alli, n'aquelle lugar, elle tinha sido curado de uma enfermidade corporal e recebido a luz da creença, e por isso trazia o seu amigo, já de ha muitos annos surdo e mudo, afim de ver se por elle podiam fazer alguma coisa.

O Sr. A. pediu a todos que, concentrados, erguessem a Deus uma fervorosa prece, para que aquelle irmão pudesse ouvir e falar por cinco minutos, afim de dizer a todos qual a causa do seu mal. Elle fazia a oração em voz alta, quando o enfermo bradou:

— Jesus! Eu estou ouvindo tudo.

Então o Sr. A., dirigindo-se ao enfermo, e inspirado, disse:

— Meu irmão, você soffre ha dezenove annos. Diga a todos qual foi o facto delictuoso que você praticou, poucos dias antes de ficar surdo e mudo.

O consultante negou que tivesse praticado algum acto mau, mas mostrava-se perturbado.

— Pois bem, replicou o Sr. A., eu digo o que foi.

E contou o facto a que se referia, acontecido em Hespanha. O consultante então confessou tudo.

das notabilidades da corte, em saber, em fortuna e em posição.

O commendador gozava de muita consideração, e Martim era um nome respeitado entre os homens de letras e sciencias.

A alegria era geral nas fileiras dos convidados, que applaudiam a união da bella Elisa com o nobre e distincto Dr. Martim.

O Muniz, não sei como não enlouqueceu, vendo satisfeito o seu mais ardente desejo de dar á sua adorada filha um esteio seguro para toda a vida: a espuma dos moços distinctos, como dizia falando do Martim.

Este, porém, embora prazenteiro, empalideceu, de parecer desfallecido, quando pronunciou as palavras sacramentaes: «recebo a vós por minha legitima mulher», o que levou a senhora velha, presente, a dizer ao seu cavalheiro:

— Com certeza a bella Elisa tem de ficar viúva.

A bella Elisa é que não manifestou a menor emoção: nem pesar, nem alegria.

Diz-se-hia que era uma espectadora, em vez de ser a protagonista.

Encontrando-se, pela primeira vez depois de seu rompimento, com Julio, endereçou-lhe um olhar esmagador que, bem entendido, queria dizer: assim o quizeste, assim o tiveste.

O moço não pôde sustentar aquelle olhar, que lhe fazia sangrar o coração pelo caro amigo, e baixando os olhos, cumpriu-lhe a, dizendo:

— Eu peço a Deus, minha senhora, que desfolhe sobre sua cabeça as rosas dos celicos jardins, e que faça de seu amor pelo meu caro Martim, philtro divino que lhe torne a vida um sonho delicioso.

— Peça antes, respondeu asperamente, que me livre dos ciúmes de seu amigo e das impertinencias dos amigos de seu amigo.

O moço ficou como fulminado. Vinha mais cedo do que podia imaginar a borrasca que esperava.

Com a voz tremula, de quem está sob a pressão de tão profundo abalo, mas erguendo magestosamente a fronte, redarguiu:

— Não se arreccie das impertinencias dos amigos de seu marido, minha senhora, porque elles têm bem viva a consciencia de sua dignidade, para descerem a representar semelhante papel. Quanto aos ciúmes do meu amigo, se elles não têm razão de

— Agora, continuou o Sr. A., já você sabe a causa do seu soffrimento. Viu o valor da prece, e fica conhecendo que Deus pode tudo. Arrependa-se do mal que fez, e peça perdão a Deus, que o seu mal desaparecerá.

O homem retirou-se surdo e mudo, mas conhecendo a causa do mal e os meios de combatel-o.

Ainda em outra sessão apresentou-se um homem, queixando-se de grande dor na cabeça e confusão nas idéas.

O Sr. A. lhe disse:

— Meu irmão, não procedeu bem enganando e abandonando uma moça, que havia pedido em casamento.

O consultante negou com todas as forças.

— Então, retorquiu o Sr. A., eu nada lhe posso fazer. Fique certo de que todos os nossos actos são testemunhados pelos invisíveis e elles podem contal-os.

O consultante retirou-se, mas voltou dias depois, e disse:

— Eu já não posso. Meu mal se agrava. E' tudo exacto; confesso: fiz mal a essa moça e abandonei-a.

— Bem, disse-lhe o Sr. A.; fique agora sabendo que os espiritos continuam a amar os que elles amaram na terra; que muitos d'elles são maus e vingativos, e que Deus permite que elles actuem sobre os homens, para que estes se corrijam. O seu mal procede da acção de um espirito, que na sua ultima incarnação foi parente muito proximo da sua victima. Procure acalmal-o reparando o mal que fez.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

III

SEGUNDA CATEGORIA

Escripta espontanea

Uma palavra, antes de encetarmos a narração d'essas experiencias.

Fizemos os nossos trabalhos, rodeados de enormes precauções, que indicaremos á proporção que formos expondo os seus resultados; entretanto, se o leitor surprehender entre elles alguma brecha por

ser, coisa é que a senhora com elle liquidará. Eu estou muito acima d'essas coisas!

— Não presumo tanto de si, Sr. doutor.

— Nunca esquecerei que V. Ex. é a mulher de meu irmão.

Dizendo isto, Julio afastou-se e veio ter commigo, tão azoado como nunca o vi.

— O que tens, que te vejo transtornado?

Por unica resposta, Julio referiu-me o incidente e perguntou-me: o que pensas?

Eu fiquei talvez mais transtornado do que o pobre Julio e, quasi automaticamente, respondi:

— O sacrificio do nosso Martim está consummado.

— Está, Max; porque aquella mulher não o ama, tomou-o para vingar-se de mim — e, para mais completa ser sua vingança, procurará fazel-o desgraçado.

— Felizmente, Julio, elle conta com isso e não será abatido pela desgraça.

— Infelizmente, meu caro Max, elle ama e amará sempre loucamente aquella mulher.

Martim aproximou-se de nós e, com lagrimas na voz, nos disse:

— Adeus, risonho passado, meus queridos amigos, — alegres sonhos que me enchiam a alma.

— E' verdade, respondeu Julio, forçando o riso, adeus ao passado, em que choravas a viuvez de tua alma...

— Oh! Não lumbres, não lumbres estas coisas, que me fazes mal. Viuva e triste será sempre minha alma.

— Bane de teu cerebro esses pensamentos, disse eu. Elles são incompatíveis com o facto que todos festejam e que se deu tão de boa vont. de tua.

— Max, tu bem sabes que n'este favo de mel ha uma gotta de amargo fel. Deixa que eu derrame no seio dos meus unicos amigos, um pouco das lagrimas que tenho de verter, para que ellas me não suffoquem.

— Para um noivo, acudiu Julio, querendo apagar aquellas tristes impressões, para um noivo, casado por amor, tua linguagem é incorrecta, Martim. Eu calculo que se deve sentir pesar, quando se deixa a vila livre, para se entrar na que é sobrecarregada de encargos; mas, para compensar e desfazer esses pezares, ali está a imagem da vida conjugal, que tem o seu anjo, as suas galas, as suas alegrias, que hão de te embeber, meu Martim.

onde o erro se possa filtrar, ficaremos em extremo agradecidos se nos a assinalar.

Emquanto isso, desafiámos qualquer prestidigitador a produzir, por meio da sua arte e em identicas condições ás em que nos collocámos, a escripta em lousas como obtivemos nas nossas investigações.

Após as primeiras sessões que fizemos com o medium americano, não pudemos acreditar que a escripta produzida por esse modo fosse artificio de prestidigitação, que não podiamos admitir, dadas as condições de observação em que nos haviamos collocado. Para nos esclarecermos sobre este ponto consultámos um dos mais habéis prestimanos do theatro Robert-Houdin, o Sr. J..., a quem narrámos as experiencias a que haviamos assistido e que elle mesmo, por vontade propria, havia apreciado, e esse senhor declarou que todos os prestidigitadores do mundo, com toda a sua arte, nada produziram de comparavel, e no album existente na mesa da sala de Slade, onde os visitantes escreviam as suas impressões, o Sr. J..., depois de haver assistido a uma sessão, com sua esposa, escreveu as seguintes linhas, das quaes conservamos o caracter original que lhe deu seu autor no momento de emoção que se seguiu ao espectáculo a que acabava de assistir:

«Adirno, Srs. sabios, eu, prestidigitador, que a sessão do Sr. Slade é verdadeira, verdadeiramente espiritalista e incomprehensivel fóra de toda manifestação occulta. E de novo o affirmo. (Assignado) J..., do theatro Robert-Houdin — abril 1886.»

Alguns confrades, aos quaes demos noticia das pesquisas que faziamos sobre os phenomenos obtidos com Slade, disseram-nos: «Tenham cuidado; esta gente é tão esperta...! (referiam-se aos prestidigitadores). Hoje já se escamoteiam até bacias com agua e peixes encarnados! Até uma mulher é escamoteada em varios theatros de Paris; não poderão ser escamoteadas tambem as lousas, nas quaes escrevem qualquer coisa?»

N'um theatro, perante muitos espectadores que nada podem constatar, sim;

— Hão de... Mas porque me dizes isto, quando sabes que as galas e as alegrias se hão de transformar?...!

— Em luz irradiante de teu espirito, se quizeres amar as urzes do cmninho, se souberes transformar as lagrimas em risos, por amor de Deus.

— Sim, é isto; mas ouçam a minha confissão: eu me sinto tão cheio de amor que, se agora acabasse, meu ultimo suspiro seria um hymno de graças a Deus e um adeus de infinda saudade para Elisa. Hoje, eu sou feliz, meus bons amigos; mas saber que amanhã algo surgirá que virá toldar o azul transparente do meu céu, é desde já sentir o travo na doçura.

— Sim, acudiu Julio; mas todos nós, todos os peregrinos d'este valle de lagrimas, devemos saber que a felicidade de hoje ameaça a tristeza d'amanhã.

— Assim é, meu Julio; mas eu quizeria soffrer em tudo e por todo o modo, menos em meus affectos — n'este amor que tenho á Elisa.

— Compreendo, adiantei-me — compreendo teus sentimentos, Martim; mas já é muita misericórdia ser-te revelado que é ali que está tua expiação, para que te prepares para receber o choque com a coragem e a resignação do christão.

— Coragem e resignação! Meu Deus, dai-m'as por Jesus!

Martim afastou-se, e eu e Julio sahimos da festa, que nos torturava, conversando sobre o caso, incomprehensivel ao mundo: de ser-se um desgraçado em meio da felicidade.

A festa continuou até o romper do dia, e os convidados sahiram da casa do commendador applaudindo a feliz união, com excepção das moças, que diziam ser execravel o noivo, e dos velhos, que acharam muitos senões no serviço da mesa.

— Como hão de ser felizes! — diziam os homens; ricos, bem educados, cercados de estima e ligados por amor!

— Não era eu, dizia cada uma das moças, que teria a coragem e o gosto de Elisa — casar com um homem que parece um jacú!

— Se eu soubesse, — isto era dos velhos — tinha me prevenido em casa, para não estar agora com o estomago a tocar matinas!

O que diria a noiva?

(Continua)

FOLHETIM

(36)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXVI

Assim como, no mundo physico, tudo marcha de conformidade com as leis eternas e immutaveis, por Deus postas, assim marcha, sob o imperio de leis, igualmente eternas e immutaveis, o mundo moral; assim marcha e marchará eternamente tudo o que constitue a criação universal.

Se notamos aberrações nas leis que conhecemos, é porque não conhecemos o systema de leis em que ellas se dão.

Já foi para a sciencia uma aberração da lei de gravidade subir, em vez de ir ao fundo, um corpo mergulhado n'agua. A ultima descoberta da lei do peso especifico chamou o phenomeno á ordem natural, como os aerostatos, como a fumaça, como a ascensão d'agua em tubos de encanamento.

Ainda é uma aberração da lei da justiça divina soffrer, na vida, dores e misérias, quem nunca se afastou, na vida, do caminho do dever e do bem; mas ali vem a lei da pluralidade de existencias chamar á ordem, á mais sublimada harmonia, o phenomeno que a tantos intriga e conturba.

Martim, como todo o ser humano que vem a este mundo de expiação, tinha passadas culpas a remir: devia, apesar de seu bom coração e de sua clarissima comprehensão do dever e do bem, remil-as em proprio proveito.

E, porque a expiação é sempre da natureza da culpa, Martim devia soffrer pelo casamento, como pelo casamento delinquira. Nós já o sabemos, e elle tão bem como nós o sabia.

Foi deslumbrante a festa do casamento, para a qual concorreram as mais conheci-

mas entre as nossas mãos, sob nossos olhos, não! não acreditamos que seja tão fácil a coisa! Pedimos aos profissionais explicações sobre essas escamoteações admiráveis; pois bem! todos os que quizerem, saberão que as *sortes* mais extraordinárias se produzem pelos mais simples processos «illusionistas», diremos mesmo — verdadeiramente infantis. Além d'isso submettemos os factos ao Sr. J..., do theatro Robert-Houdin, e a todos os outros prestidigitadores pelos quaes fizemos attestar a differença existente entre as suas proprias *sortes* e os phenomenos chamados espiritalistas.

IV

Vimos, mais de cem vezes, caracteres, desenhos, linhas e até phrases inteiras se produzirem, com o auxilio de um pequeno lapis, nas ardosias seguras por Slade, assim como entre duas outras *intencionalmente livres do seu contacto*, as quaes nos pertenciam, por as havermos comprado nós mesmo em uma papelaria commum de Paris e as termos marcado com a nossa assignatura. Entretanto, não citaremos mais de um numero limitado d'esses factos tão interessantes.

— Como podeis admittir, perguntarão, que uma escripta se forme espontaneamente em uma lousa ou outro qualquer objecto? Então acreditais que Balthazar tenha mesmo visto e que a embriaguez em nada ajudasse o *Mame, thecel, pharés* que u'a mão de fogo gravou nas paredes da sala do festim?!

A essas perguntas responderemos que não admittimos; constatamos. No facto de Balthazar não podemos dizer se foi o vinho que lhe turvou a vista, no fim, do festim. Nós lá não estávamos.

Que causa attribuir á producção d'essa escripta? A essa interrogativa podemos responder enviando o leitor ao capitulo precedente, no qual tratamos das theorias emitidas sobre o conjuncto d'esses phenomenos. Entretanto, diremos, sem fugir ás reservas que nos impuzemos, que a causa motriz da escripta espontanea ou directa *parece ser* independente e é intelligente.

Em todas as nossas experiencias de escripta, examinámos attentamente as ardosias antes do trabalho, alem de que, na maior parte dos casos, ellas nos pertenciam. Quando se produzia a escripta em uma só lousa, era, geralmente, sobre o angulo da mesa junto da qual trabalhavamos; não perdiamos de vista nem a ardosia nem os dedos de Slade, e muitas vezes nós mesmo collocavamos o lapis sobre a pedra, sem contudo o podermos ver em movimento. Viamos a ardosia ondular levemente como sob a pressão de invisivel escrevente, mas logo que olhavamos o espaço que o separava da parte inferior da mesa, a pontinha de lapis cahia sobre a pedra, e cessava logo o rumor; desde que, porém, afastavamos a vista, a ardosia collava-se de novo contra a mesa e então ouviamos o arrastar do lapis escrevendo.

Essa particularidade nos inspirava certa desconfiança, e perguntámos porque se dava isso. Slade tomou uma das ardosias, collocou em cima um pedaço de lapis de pedra, e arrastou-a sobre a mesa. (Será necessario dizer que examinámos a mesa antes, durante e após a experiencia?) A resposta não se fez esperar: «As vibrações dos vossos olhos e da luz nos constroem.» A phrase estava em inglez.

Alguna coisa analogia foi observada por Crookes, que tentou obter a escripta directa, á sua vista, com a assistencia de Home. «Esta manifestação, diz Crookes, teve lugar em plena luz, nos meus aposentos e somente deante do Sr. Home e alguns amigos intimos... Manifestei o desejo de ser testemunha, n'esse momento, da producção de uma mensagem escripta, como algum tempo antes eu ouvira contar por um dos meus amigos.»

Immediatamente nos foi dada a seguinte communicação, alphabeticamente: «Vamos tentar.»

Umás tantas folhas de papel e um lapis foram postos no meio da mesa; o

lapis elevou-se sobre a ponta, avançou sobre o papel, em saltos pouco firmes, e caiu; reergueu-se, mas caiu novamente; tentou pela terceira vez, sem melhor resultado. Após essas tres tentativas infructiferas, uma pequena regua que se achava ao lado, sobre a mesa, deslizou na direcção do lapis e elevou-se algumas pollegadas acima da mesa; o lapis ergueu-se de novo e juntando-se bem á regua, fizeram juntos um esforço para escrever sobre o papel, e, depois de haver ensaiado tres vezes, a regua abandonou o lapis que por sua vez tombou sobre o papel, e alphabeticamente nos foi dito: «Procurá-mos fazer-vos a vontade, mas está muito além do nosso poder.»

Finalmente, só nós faltou uma coisa: ver a escripta traçar-se sob os nossos olhos. Vamos dizer se esta lacuna é bastante para pôr em duvida a realidade do phenomeno, citando alguns factos.

Conservamos nas nossas observações sua redacção primitiva e sua forma pessoal.

(Continua)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64.)
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6.)

Matheus, I, V. 1-17, — Lucas III V. 23-28.

Matheus, V. 1. Livro da genealogia de Jesus Christo, filho de David, filho de Abrahão. — 2, Abrahão gerou Isaac; Isaac gerou Jacob; Jacob gerou Judá e seus irmãos. — 3, Judá gerou de Thamar, Phares e Zará; Phares gerou Esraão; Esraão gerou Arão. — 4, Arão gerou Aminadab; Aminadab gerou Naassão; Naassão gerou Salmoão. — 5, Salmoão gerou Booz de Rahab; Booz gerou Obed de Ruth; Obed gerou Jessé, e Jessé gerou David, que foi rei. — 6, O rei David gerou Salmoão da que fora mulher de Urias. — 7, Salmoão gerou Roboão; Roboão gerou Abias; Abias gerou Asa. — 8, Asa gerou Josaphat; Josaphat gerou Jorão; Jorão gerou Osias. — 9, Osias gerou Joathão; Joathão gerou Achaz; Achaz gerou Ezechias. — 10, Ezechias gerou Manassé; Manassé gerou Amão; Amão gerou Josias. — 11, Josias gerou Jeconias e seus irmãos, pelo tempo em que os judeus se transportaram para Babilônia. — 12, E, desde este transporte para Babilônia, Jeconias gerou Salathiel; Salathiel gerou Zorobabel. — 13, Zorobabel gerou Abiud; Abiud gerou Eliacin; Eliacin gerou Azor. — 14, Azor gerou Sadoe; Sadoe gerou Achim; Achim gerou Eliud. — 15, Eliud gerou Eleazar; Eleazar gerou Matthão; Matthão gerou Jacob. — 16, E Jacob gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Christo. — 17, Houve, pois, ao todo, desde Abrahão até David, quatorze gerações; desde David até a transmigração para a Babilônia, quatorze gerações; e desde a transmigração para a Babilônia até Jesus-Christo, quatorze gerações.

Lucas: V. 23. E Jesus, então, estava no seu trigésimo anno, sendo reputado entre os homens filho de José, que foi filho de Heli, que foi filho de Mathat. — 24, que foi filho de Levi, que foi filho de Melchí, que foi filho de Janna, que foi filho de José. — 25, que foi filho de Mathathias, que foi filho de Amos, que foi filho de Nahum, que foi filho de Heli, que foi filho de Naggé. — 26, — que foi filho de Mahathi, que foi filho de Mathathias, que foi filho de Semei, que foi filho de José, que foi filho de Juda. — 27, que foi filho de Joanna, que foi filho de Reza, que foi filho de Zorobabel, que foi filho de Salathiel, que foi filho de Neri. — 28, que foi filho de Melchí, que foi filho de Adai, que foi filho de Cosão, que foi filho de Helmadão, que foi filho de Her. — 29, que foi filho de Jesus, que foi filho de Eliezer, que foi filho de Jorim, que foi filho de Mathat, que foi filho de Levi. — 30, que foi filho de Simeão, que foi filho de Juda, que foi filho de José, que foi filho de Jona, que foi filho de Eliakim. — 31, que foi filho de Meleim, que foi filho de Menna, que foi filho de Mathathia, que foi filho de Nathão, que foi filho de David. — 32, que foi filho de Jessé, que foi filho de Obed, que foi filho de Booz, que foi filho de Salmoão, que foi filho de Naassão. — 33, que foi filho de Aminadab, que foi filho de Arão, que foi filho de Esraão, que foi filho de Phares, que foi filho de Jacob. — 34, que foi filho de Abrahão, que foi filho de Tharé, que foi filho de Nachor. — 35, que foi filho de Satug, que foi filho de Ragau, que foi filho de Phalez, que foi filho de Heber, que foi filho de Salé. — 36, que foi filho de Chaimão, que foi filho de Arphaxad, que foi filho de Sem, que foi filho de Noé, que foi filho de Lamech. — 37, que foi filho

de Mathusalé, que foi filho de Enoch, que foi filho de Jared, que foi filho de Mahaleel, que foi filho de Cainão. — 38, que foi filho de Enos, que foi filho de Seth, que foi filho de Adão, que foi creado por Deus.

N. 55. «Jesus, espirito de pureza perfeita e immaculada; cuja perfeição se perde na noite das eternidades; protector e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, é estranho e anterior ás gerações humanas que successivamente o têm habitado; appareceu na vossa terra, — (vós o sabeis e já vol-o explicámos, ensinando-vos a sua origem spirita) — com um corpo fluidico, de natureza perispiritica, visivel e tangivel sob apparencia corporal humana, e por incorporação, segundo as leis dos mundos superiores apropriadas aos fluidos ambientes que servem para a formação dos vossos seres; este segredo de além-tumulo (vós o sabeis tambem), não devia ser revelado, conhecido, antes dos tempos designados pelo Senhor e até aos vossos dias, em que se inicia a era nova do spiritismo, quando os progressos adquiridos vos tornaram capazes de receber esta revelação.»

«Não vos inquieteis, pois, que Jesus de Nazareth tenha contado *aos olhos dos hebreus, aos olhos dos homens*, entre os seus antepassados carnaes, tal ou tal patriarcha; segui a sua genealogia *espiritual* e remontareis a Deus, creador immediato e unico de tudo o que é puro e perfeito.»

«Não ha, aliás, que prestar attenção alguma a essa genealogia *humana*, dada a Jesus e que foi devida á necessidade dos tempos; que, sem nenhum interesse, não tem influencia alguma sobre os factos constitutivos de sua missão, e sobre a obra, pelo cumprimento d'essa missão, de regeneração da vossa-humanidade.»

«Porque então essa genealogia *humana*, dada a Jesus?»

«Compreendei bem a necessidade de materializar todos os factos para os tornar accessíveis á materia; era necessario então falar aos homens uma linguagem que fosse comprehendida e, sobretudo, escutada no meio que estava *preparado* desde muitos seculos.»

«Segundo as tradições hebraicas e as interpretações dadas ás prophcias da antiga lei, o libertador prometido, o Christo, devia nascer em Bethlem, tendo, *aos olhos dos homens*, por pae um descendente de David, sendo assim elle proprio, por descendencia, um filho de David; a grande obra da redempção *estava preparada* desde a origem tradicional dos tempos, sem que o homem o comprehendesse, e nas condições apropriadas successivamente ás épocas e ás intelligencias.»

«Para o desempenho d'essa grande obra, Maria, espirito perfeito, e José, tambem espirito perfeito, mas menos elevado que Maria, e ambos espiritos não tendo permanecido puros, mas purificados, inferiores a Jesus, tinham-se incarnado, um e outro, em missão, e, cada um, n'um centro purificado, para assistirem Jesus em sua missão terrestre; a pureza de Maria e de José não se podia confundir em um centro impuro; tinham escolhido, um e outro, uma familia, que tinha sido preparada para cada um d'elles d'antemão, composta igualmente de espiritos superiores, mas menos elevados que elles.»

«E' assim que, remontando de geração em geração, tornareis a encontrar o homem com todos os seus instinctos brutos.»

«*Aos olhos dos homens*, vós o sabeis, durante todo o decurso da missão terrestre de Jesus, Maria devia ser sua mãe e José, seu pae; e pela descendencia de José, Jesus devia ser filho de David.»

«O homem tinha necessidade, para comprehender, de que lhe fixassem os olhos sobre um ponto de partida que o guiasse em linha recta: falava-se aos hebreus, submettidos ás leis de Moysés, regidos pelas tradições relatadas desde muitos seculos e cuja origem se perdia

na noite dos tempos; foi, pois, necessario seguir, para guiar essas intelligencias, a estrada sobre a qual tinham o habito de caminhar.»

«Por isso, qual é a raiz da genealogia dada a Jesus e que lhes é apresentada? «Adão», primogenito materialmente por obra do Senhor.»

«Vós o sabeis, porque os tempos se succederam, as intelligencias se desenvolveram e operou-se o progresso das sciencias: a creação do primeiro homem, por occasião da formação primitiva do vosso globo, n'um paraizo terrestre, n'um jardim de delicias, no meio do qual estavam a arvore de vida e a arvore da sciencia do bem e do mal, é *uma figura, devida á necessidade de apropriar os ensinamentos á intelligencia humana; quão poucos ainda entre vós são aptos para comprehender uma existencia que nunca teve começo e que nunca terá fim!*»

(Continua)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da *Federação Spirita Brasileira*, á rua do Rosario, n. 141, sobrado:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.).....	5\$000
O LIVRO DOS MEDIÚNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.).....	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado, (600 grams.).....	5\$000
O CÉU E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.).....	5\$000
OBRAS POSTUMAS, de Allan Kardec, brochura.....	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.).....	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.).....	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 grams.).....	3\$500
IDEM, cartonado (550 grams.).....	4\$500
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	1\$500
GIOVANA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto).....	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Saurage, cartonado (300 grams.).....	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.).....	2\$000
O HOMEM ATRAVEZ DOS MUNDOS — solução do problema religioso, por José Balsemão, brochura (200 grams.).....	2\$000
LE PROFESSEUR LOMBROSO ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lombroso, brochura (150 grams.).....	1\$000
OS ASTROS, estudos da Creação, pelo Marechal Ecerton Quadros, brochura (200 grams.).....	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.).....	\$300
LA CASA EMERJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.).....	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES e OUTROS SABIOS, brochura (200 grams.).....	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (650 grams.).....	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS e OS MUNDOS REALES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.).....	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.).....	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.).....	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.).....	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Jofrei, brochura, (200 grams.)..	2\$000
COLLEÇÕES ANNUALES DO Reformador, de 1857 a 1896, cada anno (450 grams.).....	3\$000
OS MORTOS VIVEM, NÃO OS CHORREIS 50 folhetos (750 grams.).....	10\$000
COMO E PORQUE ME TORNEI SPIRITA por J. B. Borreau, encadernado (250 grams.).....	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams., além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João L. de Souza.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1939 — Setembro 15

N. 397

O problema da evolução

V

Exposta, previamente, a questão da origem do espirito, «emanado de Deus sob a forma de uma monada que, dotado do movimento proprio da sua essencia e da virtude, peculiar a todo germen, de attrahir a si os attributos, qualidades ou faculdades que lhe são proprios, reune em torno de si, por sua evolução, as faculdades que o devem completar», eis aqui o que em seguida se encontra no livro a que fizemos referencia, e em cujas theorias se inspira a orientação dos spiritas que não admittem a passagem *obrigatoria* do principio animico pelas series inferiores da natureza, antes de subir á condição de humanidade:

« Logo que uma monada espiritual reuniu em torno de si os attributos divinos que lhe são proprios (1), ella se envolve no perispírito virtual e assim permanece sem occupação. Semelhante á creança recém-nascida, não tem conhecimento de si propria. E' um espirito ignorante, descuidoso, fluctuando na felicidade divina, na expectativa de ser revestido de um involuero que o colloque em condições de se conhecer a si mesmo e de agir fóra de si.

« Os espiritos elevados dos mundos fluidicos ou celestes, ou ainda dos céos de categorias iguaes a esses mundos, o reclamam, tomando-o por adopção. O seu reclamo dá a esses espiritos o involuero ou corpo apropriado ao mundo superior que elles aborçam.

« E' com o concurso d'esse corpo extremamente vaporoso que o espirito se inteira a si mesmo do que é, pela manifestação exterior do seu pensamento, que é a criação interna destinada a passar ao estado de Verbo pelo acto exterior que a manifesta.

« O espirito, assim revestido de fluidos em relação com a sua pureza nativa e também com o mundo em que reside, aprende a exercer suas faculdades, a pô-las de accordo, em harmonia com o dever. Sua ignorancia não é a do espirito decaído; é a verdadeira innocencia, e não apenas a innocencia da incapacidade e da impotencia. Quando attinge o grau sufficiente de sciencia e de experiencia de si mesmo e de seus destinos, é então preparado para a prova.»

E' em synthese, tão rapida quanto somos obrigado a fazer, sem contudo prejudicar a clareza do enunciado, em que — devemos dizel-o — não alterámos uma virgula, o que sobre a criação do espirito e as condições do que propriamente se pode denominar a sua infancia, se encontra no citado livro. O autor, ou autores, nos conduzem em seguida até ás fronteiras do que, com propriedade não

menor, se poderá considerar a sua adolescencia, isto é, até ao momento em que, de posse d'essa sciencia e d'essa experiencia de que nos falam, é então o espirito preparado para a prova.

Vejamos em que consiste essa prova:

« Em um certo momento do seu tirocinio espiritual, diz a revelação (2), o ser-espirito deve supportar a prova mediante a qual é julgado digno de proseguir ou não esse tirocinio. Chegado a esse momento decisivo, elle possui um grau de lucidez e uma clareza admiravel; acha-se em absoluta posse e consciencia do seu ser, de sua fonte, de seu destino e de seus deveres; conhece os males e as humilhações da vida na materia, e os seus guias instructores o têm feito contemplar as dôres d'essa vida sob todas as suas formas.

« Apresentado e recebido em todos os degraus dos céos, viu e analysou as fontes das felicidades dos espiritos felizes, os deveres, os trabalhos dos seres celestes, seus irmãos mais velhos, e as radiosas moradas em que se comprazem os espiritos chamados divinos. A extensão dos céos lhe foi patenteada e a sua comprehensão se achou bastante vasta para comportar essa percepção. Saturado d'essa sciencia divina, elle é entregue a si mesmo. E' n'esse momento de solidão que a tentação se aproxima.

« Nos mundos felizes, existem espiritos ainda imperfeitos e inferiores á massa geral dos seus habitantes. E' ali que, enviado momentaneamente, sob um involuero semelhante a elles, o espirito deve repellar a primeira tentação.

« A sua consciencia lhe fala bem alto, pois que elle se possui; inteira é a sua clareza, pois que elle se recorda; elle tem liberdade, pois que é instruido. Que tentações o podem assaltar?

« Lisonjeal-o-hão; exaltarão o seu orgulho; offerecer-lhe-hão o dominio pela força ou pela astucia, seduzil-o-hão com o atractivo da desobediencia aos ensinamentos que recebeu, pela duvida sobre os direitos que têm os seus preceptores e guias para lhe dictarem uma norma, uma linha de conducta; excitil-o-hão contra elles por uma ciosa desconfiança. Aguilhoar-lhe-hão a curiosidade com a perspectiva ou a narração das alegrias materiaes que elle ignora. O sentimento de revolta, uma vez penetrando em seu coração, lhe obscurece o senso recto e um vapor opaco lhe obstrue o entendimento.

« Ocioso é dizer que a falta pode ser mais ou menos grave e determinar uma queda mais ou menos consideravel. Acontece, ás vezes, que o espirito revoltado semeia o motim entre seus irmãos, e então uma legião inteira de espiritos delinque ao mesmo tempo e se vê precipitada, em massa, na via das encarnações puramente materiaes, em um mundo de expiações. Algumas existencias n'esse mundo podem ser sufficientes para fazer o espirito remontar ao seu primitivo estado; outros aggravam os seus erros contrahindo novas faltas, perpetrando novas revoltas. O senso recto se oblitera,

vê-se a consciencia; a recordação dos céos se apaga e os mundos inferiores o reelamam.»

E, poucas paginas adiante, o revelador, ou inspirador, do livro citado, de que extrahimos estes ensinamentos, assim completa o seu pensamento acerca do grau a que pode descer o espirito em seu devanilo de revoltado:

« Se incide na desobediencia completa, na revolta, é ferido de morte espiritual, isto é, de desagregação de suas faculdades ou attributos, e renasce nos baixos estadios da criação, onde aprende a remontar, um por um, todos os degraus que havia descido.»

Essa queda, porem, ocorre naturalmente perguntar, se produzirá, directamente, do estado de espirito revoltado, mas consciente, até á condição do mais infimo representante das especies inferiores, mesmo até á do vegetal, o que importa na inconsciencia absoluta,—ou se effectua gradativamente, do mesmo modo que se produzirá a ascensão?

Vamos encontrar a resposta a esta interrogativa, em um paragrapho seguinte do mesmo capitulo, assim concebida:

« As series de existencias inferiores ao homem são tão verdadeiras, tão logicas para a queda como para o regresso.

« De facto, se, cahido na condição de cão, o espirito n'esse grau desce á ordem de asno, d'ahi á de ave, depois á de ophidio, de aranha, de formiga, de mosquito, de lagarta e, finalmente, de vegetal, é certo que elle remontará da herba ao verme, do verme ao rato, do rato ao ouriço, do ouriço á toutinegra, da toutinegra ao gamo, do gamo ao cavallo, do cavallo ao macaco, do macaco á gazella, da gazella ao cão, ou ao elephante, ou ao camello, ou á baleia, e d'ahi ao homem,» escala que — diz nma nota collocada no fim da pagina — não é dada senão como um exemplo, nunca como uma regra fixa e determinada.

Escusado é dizer, mesmo antes de entrar na analyse de taes ensinamentos, que não os podemos sancionar com a nossa approvação, como adiante mostraremos. Por mais anti-racional, porem, e mesmo, até certo ponto, absurda que pareça essa ultima parte, ella procura se apoiar na propria Biblia, especialmente na lenda de Nabuchodonosor, de que se faz menção logo adiante, ao qual, segundo resa a referida lenda, «foi mandado arrancar o coração de homem, capaz de sentir e de raciocinar (?), de conhecer e de apreciar (?), dando-se-lhe, em substituição, um coração de animal sem consciencia de si mesmo, sem dignidade, sem virtudes.»

Os defeitos d'este systema, que se pro-

põe explicar a razão de ser das encarnações em todas as ordens da natureza e, sobretudo, vir ao encontro d'esta interrogativa que naturalmente fazem os que procuram, em todas as manifestações naturaes, a causa que as determinam, « porque soffrem os animaes, uma vez que não são livres e responsaveis? », se impõem ao primeiro golpe de vista racionalista. E, todavia, o desejo, em muitos spiritas, de descobrir nos efeitos que se observam a causa de que procedem, isto é, o desejo de descobrir a razão de taes apparentes anomalias, os leva a esse extremo de sancionar theorias que não repousam sobre os dados do raciocinio e que, de resto, se acham em opposição aos proprios ensinamentos da nova revelação.

Como, de facto, admittir essa descida gradual do espirito até aos mais infimos estadios da natureza, até ao reino vegetal, por exemplo — para não ir mais longe —, se, tendo recuado, um grau que seja, abaixo da sua condição humana, o que quer dizer, tendo perdido os seus attributos de liberdade e racionalidade, cessa de ser responsavel? Como poderá elle, na condição de bruto, contrahir responsabilidades que o vão levando cada vez mais baixo nas series inferiores, se, tendo perdido aquelles attributos, não pode mais ser responsabilizado pelo que pratica inconscientemente, agindo somente sob o impulso dos seus instinctos bestiaes? E quando assim fosse, não seria logico concluir que, descendo, por esse modo, gradativamente até ás mais baixas condições, correria elle o risco de continuar a descer indefinidamente, não parando mesmo no ultimo dos reinos da natureza viva, mas se encaminhando até á extincção completa do seu proprio ser?

Tudo, porem, nos diz que assim não pode ser. Se é verdade, como o constatou a sciencia, que nem um atomo da materia pode ser aniquilado, o espirito, que, por sua essencia, é superior á materia, estaria, mais do que ella, sujeito a esse aniquilamento? Ao demais, o escolho que essa theoria pretendeu evitar, recusando á materia a possibilidade de fazer nascerem no espirito faculdades e aptidões que, pela sua inferioridade, não lhe poderia ella fornecer, apresenta-se aqui de novo e de um modo incontrastavel. De facto, se, pela sua reincidencia no mal, perdeu o espirito todos os seus attributos e se rebaixou alem das mais infimas condições da natureza, para operar a sua ascensão, onde vai elle readquirir esses

(1) *Les vies mystérieuses*, cap. II, § 1º, *Origine de l'esprit ou être spirituel*, pag. 72.

(2) Obra citada, cap. III, § 1º, *Provas do espirito*, pag. 156.

atributos perdidos? Na vida espiritual? Não: n'essas mesmas series inferiores a que desceu e que, uma a uma, o irão reintegrando na posse d'essas faculdades, cujo apogeu se verificará na condição de humanidade.

Parece não ser necessario accrescentar novos argumentos para destruir esse conceito da descida lenta do espirito, das suas condições propriamente superiores até ao estado de absoluta inconsciencia, nos mais baixos representantes dos reinos naturaes. Poderá, todavia, essa *queda* se produzir de chofre, isto é, levar o espirito, do estado racional e livre, até aquellas ultimas condições, em que n'elle se extinguiu tudo o que verdadeiramente caracterizava o seu ser independente?

O principio de relatividade que observamos em todas as coisas e, mais do que isso, a noção que temos da justiça perfeita e absoluta do nosso Creator, em virtude da qual a punição é sempre proporcionada ao grau da falta commetida, nos impedem de aceitar essa solução anti-racional e quasi tão monstruosa como a propria criação do inferno do romanismo, com as suas penas eternas para punição de faltas de um momento. Tomemos o espirito na occasião da prova, de que nos falam *Les vies mystérieuses*, imaginemos o maior de todos os attentados que elle pudesse commetter, a rebelião com todos os requintes de uma perversidade assombrosa (admittindo-se que espiritos esclarecidos, como nol-os apresenta o referido livro fossem susceptiveis de taes iniquidades, o que é, nem mais nem menos que uma reprodução dos anjos revoltados da igreja), e mesmo assim, por mais violenta que fosse a explosão do seu orgulho, por mais ruidosa que fosse a sua objectivação exterior, poderá a nossa razão conceber que, por esse desvario, mesmo monstruoso, de um momento fosse o espirito condemnado a essa expiação, mil vezes secular, de começar, nas mais dolorosas condições e no mais baixo da natureza, a sua ascensão para essa grandeza moral e intellectual, do alto da qual fôra tão longe precipitado pelo seu orgulho?

Mas na ordem moral, como na natureza physica, a observação nos está todos os dias attestando que não ha saltos, que, ao contrario, todos os seres, como todas as coisas, obedecem á lei de uma lenta evolução que os vai conduzindo gradativamente dos estados mais grosseiros e imperfeitos até a essas brilhantes eminencias de grandeza moral e physica que a nossa limitada percepção já vai apprehendendo. Tudo se encadeia, tudo marcha, tudo progride mediante essa lei admiravel que determina a magestosa harmonia que observamos em toda a criação. Como poderia, pois, o espirito constituir uma excepção a essa regra universal e invariavel?

Resta então a outra hypothese, que se basearia n'essa mesma lei, e é a da descida lenta e gradual do espirito, em retrogradação, através de todos os reinos, até aos mais inferiores e grosseiros, da natureza. Mas acreditamos já haver sufficientemente destruido essa hypothese,

que a propria razão, quando não fosse a observação, *in limine* repelle.

Assim, pois, fica de pé o ensino dado, primeiro ao nosso mestre Allan Kardec pelos espiritos que dictaram as obras fundamentais da nova doutrina, e depois a Roustaing, na *Revelação da Revelação* (ou os Quatro Evangelhos), quanto ás condições da evolução dos espiritos, os quaes — nos dizem alli — são creados simples e ignorantes, dotados de todos os germens que os seus esforços irão fazendo desabrochar em faculdades, no futuro, e, associados á natureza physica, revestem formas apropriadas a cada um dos seus reinos, para ali empenharem esses esforços e se desenvolverem e subirem gradativamente até ás mais altas culminancias da hierarchia espirital. Essa é a lei á que são submettidos todos os espiritos desde a sua origem, e que, alem da sanção do racocinio, tem a da observação de que tudo na natureza tende para cima, tudo parte do zero, do mais infimo na ordem das manifestações vitaes e se precipita sempre e fatalmente no sentido da ascensão para um destino superior, que mal vislumbramos nas nevoas do futuro, através da nossa limitada capacidade, mas que se afirma com a força de uma intuição que está dentro de nós e que mysteriosamente nos estimula a caminhar para lá, do mesmo modo que a agulha imantada se encaminha sempre para o norte.

Assim fica resolvida a questão da evolução inicial do espirito através da materia, até chegar á condição de humanidade, — e dizemos até então, porque d'ahi em diante a questão offerece novos aspectos, que successivamente examinaremos. Será essa, effectivamente, a solução definitiva? — Pelo menos no estado actual dos nossos conhecimentos não pode ella ser proposta fóra das seguintes hypothses: ou o espirito é creado exclusivamente para a vida espiritual, e ali, desde a sua criação, progride e se desenvolve; ou, delinquindo, incide na necessidade de passar pela materialidade, para reconquistar a posição perdida; ou, finalmente, creado para aquella existencia, tem, em todo caso, de forçosamente iniciar a sua evolução nos reinos inferiores da natureza physica, até attingir as condições de pureza que o tornem apto para viver exclusivamente n'aquelle meio.

D'essas hypothses, vimos que é a ultima a que melhores elementos de certeza nos offerece. Responderá ella a todas as inquirições que acerca das condições de vida na materia e de suas causas é lícito fazer? Os que reluctam em aceitar essa passagem forçosa do espirito pela materia, no inicio de sua evolução, vêem, pelo menos, n'isso uma punição, que não pode ser imposta sem uma responsabilidade previa, e affirmam ser isso antes um effeito do que a causa. E é precisamente essa causa que procuram investigar. Será de facto a incarnação para os animaes (e não iremos, no nosso estudo, alem d'esse reino, por ser n'elle apenas que está scientíficamente constata a passagem do principio animico, faltando-nos dados positivos para ir

alem) uma punição? Sofrerão elles com isso um constrangimento doloroso, como se nos affigura?

E' o que examinaremos proximo, antes de abordar definitivamente a segunda e a ultima das proposições, relativamente á razão de ser da incarnação humana e da cessação, ou não, da necessidade d'essa incarnação para o principio animico evoluído até á condição de humanidade.

LEOPOLDO CIRNE

Repto inutil

Longe do que esperavamos, ao lançar á lealdade do Rvdm. Dr. Julio Maria um repto solemne, a proposito das accusações que contra a doutrina spirita se arrogou S.S. o direito de lançar do alto do pulpito, que era seu dever prestigiar, ao menos, com o culto da verdade, S. S. se encastellou em um silencio compromettedor, subtrahindo-se ao nosso appello e perdendo assim um excellento ensejo de, com a confissão da sua ignorancia, offerecer um publico testemunha de humildade, que tão bem iria em um representante do meigo Nazareno. E nem vacillou S. S. ante a conjunctura de deixar mal amparada a sua palavra, empenhada em temerarias affirmativas, diante do grande publico d'esta capital, pois que, além da circulação da nossa folha, procurámos dar, em um grande orgão, a mais ampla divulgação ao nosso repto lançado n'estas columnas.

Pois bem. Apesar de não sermos sacerdotes, ou — ao que vemos — talvez por isso mesmo, prezamos muito a nossa palavra, e, pois, vamos nos desobrigar do compromisso de completar o nosso desmentido ás malevolas accusações, reproduzindo em seguida os trechos da doutrina que desfazem por completo as inverdades da objurgatoria sacerdotal. E, para mais positiva evidencição dos desmentidos, precederemos a nossa documentação dos itens do libello accusatorio.

Arguiu o Sr. Dr. Julio Maria o spiritismo de ensinar que:

1º «Em virtude de certas formulas e actos, *pode-se forçar* as almas do outro mundo a voltarem a este, a entram em communicação connosco e a responderem ás questões que se lhes propõe.»

Vejamos o que diz a doutrina:

«Podem-se evocar todos os espiritos, em qualquer grau da escala á que pertençam: os bons como os maus, aquelles que recentemente deixaram a vida, assim como os que viveram nos mais remotos tempos, os homens illustres como os mais obscuros, nossos paes e amigos, assim como os que nos são indifferentes; *mas não se pode dizer* que elles queiram ou possam *sempre* acudir ao nosso appello, *independentemente da propria vontade sua*, ou de consentimento que lhes pode ser recusado por um poder superior» etc. (*Livro dos Mediuns*, cap. XXV, pag. 349, edição brasileira de 1875).

E, depois de algumas considerações sobre o mesmo motivo, ainda se lê no citado livro:

«Em resumo, do que acabamos de dizer resulta que a faculdade de evocar qualquer espirito *não implica* para este a obrigação de estar ás nossas ordens; que pode apparecer em tal momento e

não em outro, com tal medium ou evocador que lhe agrade, e não com outro; dizer o que quer, sem poder ser contrangido a dizer o que não quer» etc. (cap. citado, pag. 351).

Está satisfeito o Dr. Julio Maria?

Vejamos o segundo item do seu libello:

2º «Elle (o spiritismo) nega o culto devido a Deus».

Eis o que, em rebate a essa arguição, se encontra no *Livro dos espiritos*, livro III, capitulo II, «lei de adoração», sendo, como se sabe, as perguntas formuladas pelo nosso mestre Allan Kardec, e as respostas dadas pelos espiritos:

«P. Em que consiste a adoração? — R. Na elevação do pensamento a Deus, de quem, pela adoração, nossa alma se aproxima».

E linhas adiante:

«P. A adoração terá necessidade de manifestações exteriores? — R. A verdadeira adoração está no coração. Em todas as vossas acções, pensai sempre que o Senhor vos contempla.» (pags. 324 e 325).

Dirá o Dr. Julio Maria que esse ensino não está fóra dos da sua igreja, que tão grande questão faz das pompas do culto exterior? Tanto peor para ella que, ainda n'isso, se mostra divorciada da moral do Christo, e tanto melhor para nós, que d'elle procuramos nos aproximar, edificando o nosso espirito nos sublimes ensinamentos dos seus Evangelhos.

Eis a prova:

«Quando orades, não vos assemelheis aos hypocritas que affectam orar, conservando-se de pé nas synagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Eu vos digo, em verdade, que elles receberam sua recompensa. Mas quando quizerdes orar, entradi no vosso quarto e, fechando a porta, orai a vosso Pae em segredo; e vosso Pae, que vê o que se passa em segredo, vos dará a recompensa».

«Não affecteis orar muito, nas vossas preces, como fazem os gentios, que julgam que é pela quantidade das palavras que elles são attendidos. Não vos torneis, pois, semelhantes a elles, porque vosso Pae sabe o que necessitais, antes de lho pedirdes.» (S. Matheus, cap. VI, vv. 5 a 8).

E' d'essa adoração ostentosa e inutil que faz questão a igreja de Roma, e é essa que repudiamos, preferindo fazer o segundo o texto dos Evangelhos, que, ha muito, deixou de ser o codigo d'essa igreja, por mais que o affirmem os seus vaidosos representantes, tão divorciados d'essa moral cheia de penetrante doçura e de consolações.

Vamos agora á outra accusação:

3º «O spiritismo ensina a metempsychose.»

Aqui está a resposta (*Livro dos espiritos*, livro II, cap. XI, «metempsychose»):

«P. A comunidade de origem no principio intelligente dos seres vivos não será a consagração da doutrina da metempsychose? — R. Duas coisas podem ter a mesma origem e tornar-se depois inteiramente dissemelhantes. Quem reconheceria a arvore, com suas folhas, flores e fructos, no germen informe do grão de que brotou? Desde que o principio intelligente attinge o grau necessario para ser espirito e entrar no periodo da humanidade, não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma do bruto, como a arvore não é mais a semente. No homem, não existe mais do animal senão o corpo e as paixões que nascem da influencia do corpo e do im-

stincto de conservação inherente á materia. Não se pode, pois, dizer que tal homem é a incarnação do espirito de tal animal, e por consequência, como a entendem, a *metempsychose* não é verdadeira.

P. O espirito que animou o corpo de um homem poderá incarnar-se n'um animal? — R. Seria retrogradar, e o espirito não retrograda. O rio não remonta á sua nascente.»

Não sabemos que possa haver desmentido mais formal.

Examinemos agora a ultima das falsidades arguidas:

4º «Elle (o spiritismo) só admite uma moral puramente natural.»

Para contradictar victoriosamente esta falsidade, se não bastassem os ensinamentos dos espiritos encarregados de espalhar por toda a terra a nova revelação, — ensinamentos que, reportando-se aos nossos deveres para com o Creador e para com todos os nossos irmãos, de accordo com a maxima evangelica, *que encerra toda a lei e os prophetas*, resumam de todos os livros da doutrina spirita, bastaria dizermos que entre estes se acha incluído *O Evangelho segundo o spiritismo*, no qual os ensinamentos de Christo são expostos e interpretados em espirito e verdade, e ficaria solvido o nosso compromisso de repellirmos aquella calumniosa arguição. Faremos mais, porém, no proposito de oppôr a toda accusação um trecho que comprove as nossas affirmativas.

Eis aqui como começa o mencionado livro:

«Pode-se dividir as materias contidas nos Evangelhos, em cinco partes: os actos ordinarios da vida do Christo os milagres, as predições, as palavras que serviram para estabelecer os dogmas da igreja e o ensino moral. Se as quatro primeiras partes deram motivo a controversias, a ultima ficou inatacavel. Diante d'esse codigo divino, a propria incredulidade se inclina; é o terreno em que todos os cultos se podem encontrar,

a bandeira sob a qual todos se podem abrigar, quaesquer que sejam suas crenças, por nunca ter sido causa de disputas religiosas, sempre e por toda parte suscitadas pelas questões de dogmas; e se os discutissem, decerto n'elle teriam as seitas encontrado a sua propria condemnação, porque a maior parte dos sectarios adhiere mais á parte mystica do que á moral, que exige a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, é uma regra de conducta abrangendo todas as circumstancias da vida privada ou publica, o principio de todas as relações sociaes fundadas sobre a mais rigorosa justiça; é finalmente, e alem de tudo, o caminho infallivel da felicidade futura, uma ponta do véo que se ergue sobre o porvir. Esta é a parte que faz o objecto exclusivo d'esta obra.»

Cremos não ser possivel offerecer uma refutação mais categorica do que a que acabamos de oppôr ás velleidades accusadoras do Rvdm. Dr. Julio Maria. Apenas faremos notar que nos occupámos exclusivamente das inverdades essenciaes, votando ao mais justo desprezo outras de semenos importancia contidas na, já agora, o lebre 2ª conferencia da terceira serie, as quaes não resistem á mais ligeira analyse, como, por exemplo, a affirmativa de que os espiritos que se communicam são os *demonios*, — puerilidade sedicã que, nas fronteiras do século XX, é um escarnio lançado á face de um povo culto.

Poderíamos dar aqui por finda a nossa tarefa; mas ella não ficaria completa se não fizéssemos melhor conhecer aos nossos leitores a força do nosso adversario que, na sua frivola preocupação de adquirir celebridade, quando não imola a verdade ao seu prurido de destruição, sacrifica a logica com uma leviandade indigna de um collegial.

Vejam os leitores, no seguinte trecho da mesma conferencia, logo em começo,

E eis porque a virgem só o era materialmente.

E eis porque a noiva olhava para todo aquelle apparato sem lhe dar importancia, sem sentir emoção, vendo aproximar-se o momento de cahir-lhe da frente a nivea corôa, symbolo da pureza immaculada de seu corpo.

Passaram os dias, já tinha decorrido mais de um anno, que em nada diminuira o amor de Martim, tanto mais acceso, quanto mais esfriava o sentimento, que levava Elisa a solicitar do pae o casamento.

A moça acreditou que Julio, vendo-a unida ao amigo, viveria em brasa, e esta foi, como sabemos, a razão de sua resolução.

E, nos primeiros dias, vendo pesadão o moço sempre alegre, julgou conseguido seu fim, rejubilou-se, dando parabens a si mesma pelo golpe que deslechara, certo, no orgulhoso, que achou aberta a porta de seu coração, e foi andando, em seu eterno zombar de todas as moças.

O caso, porém, foi que Julio, pela lei do suetismo, que domina a natureza animal, se familiarizou com a idéa da triste sorte do seu caro amigo, e, no fim d'algum tempo, voltou á sua natural jovialidade, o que muito valia para suavizar os pezares d'aquelle amigo.

Elisa é que não foi contente com a inesperada mutação. Contava tello em penas, penas eternas, e via-o, qual sempre fora, alegre e prazenteiro, mettendo á bulha até mesmo os arrufos de Martim, o que provava ter ella perdido o seu latim.

A jovialidade de Julio era a diluente dos laços que prenderam Elisa a Martim — laços de occasião, que facilmente se desfazem.

Martim a procurar estreital-os, e sua esposa a mais e mais afrouxal-os.

Por algum tempo o pobre moço fez-se a illusão de que tudo o que lhe mostrava de indifferença a querida de seu coração era devido á sua natureza fria que, embora o amasse, não lhe permitia expansões.

Uma circumstancia, porém, veio ferir-lhe

qual é o poder de dialectica do celebre orador:

«Mas, senhores, moral sem dogma! a moral sem dogma é uma série de erros, de absurdos e de males!

Uma série de erros, porque a moral, é certo, é distincta do dogma, mas não pode ser separada do dogma.

E a moral não pode ser separada do dogma por tres motivos, por tres razões capitales: primeira — a razão plena da moral está no dogma; segunda — os meios de praticar a lei moral são fornecidos pelo dogma; terceira — a sancção completa, definitiva da moral está no dogma.»

E é com taes argumentos, verdadeiro circulo vicioso em que elle proprio se encurrala, que pretende o Rvdm. Dr. Julio Maria erguer a sua igreja da decadencia em que se arrasta! Mas seria o caso de perguntar: a quem é que S. S. se dirige? Aos imbecis ou aos racionalistas? Se aos primeiros — exercito bem pouco digno de uma cruzada pelo restabelecimento da fé — porque perder o tempo com declamações que elles não percebem? — Se aos ultimos, chega a ser irrisorio que se procure convencer-os com uma tal argumentação, que seria offensiva se não fosse simplesmente estulta.

E, todavia, não é o zelo pela conservação da sua igreja o que increpamos ao Dr. Julio Maria — se alguma increpação temos porventura o direito de fazer-lhe.

— Esse zelo é natural e justo, excepto no sacrificio da verdade, mesmo porque, amparando os interesses do romanismo, são os seus proprios interesses que S. S. defende. Ah! Mas como é difficil a obra de reerguimento moral d'esse edificio, que começou a ruir lentamente desde que deixou de ser o asylo dos ensinamentos de Jesus, cujo reino «não é d'este mundo», para voltar as vistas sobre esse mesmo mundo a cujas seducções tão cegamente succumbiu! Não será tentando prestigiar os dogmas

o coração de modo a abatelo, a não lhe permittir illusões.

A mãe Martha, esse ente que Martim amava como poderia amar sua propria mãe, vivia em casa do filho, embora não tivesse deixado seu ubi, em casa de Julio.

Elisa conhecia a profundeza do amor que seu marido votava á boa velha, que lhe fazia tantas caricias, como se lhe fosse ella também filha pelo coração.

Maus modos eram a retribuição que lhe dava a desalmada, ao ponto de lhe prohibir que continuasse com suas liberdades junto de seu marido, que deixasse o logar dos negros, a cosinha, para vir á sala, que é logar dos brancos.

Mãe Martha sentiu pungente dor com semelhante procedimento da parte da moça que lhe era tudo, por ser o tudo do seu Martimzinho; porém devorou suas lagrimas no maior silencio, por não perturbar a paz do casal, para a qual pedia incessantemente a Deus bençãos e graças.

Cumpriu, porém, felmente a ordem de quem tinha o direito de lh'a dar, e, muito sorratamente, foi-se recolhendo a seu comodo, na casa de Julio, a quem nada do occorrido revelou.

Não vendo Martim apparecer-lhe, por dois ou tres dias consecutivos, a sua querida mãe Martha, perguntou á mulher se ella estava doente.

— Sei cá?! respondeu sobranceiramente. Acaso descerei, como o Sr., a me occupar de uma negra?!

O moço sentiu doloroso pungir; mas replicou com a maior brandura:

— E os negros não são gente como nós? — Serão como o Sr.; como eu, não. — E que differença vai de mim para a Sra.?

— Vai a de quem se julga tão bom como um negro, para quem sabe dignificar-se.

— Minha Elisa, o negro e o branco não se distinguem pela cor da pelle, verdadeiro accidente que nada influe sobre o espirito, que não tem cor. O que distingue, não somente o preto do branco, como o branco de outro branco, é o caracter, são as qualidades da alma, são o saber e a virtude.

— creações humanas, puramente de concilios — com viciosos raciocinios, que nada provam, que conseguirá o clero fortalecer a sua igreja desmoralizada.

Porque, na phrase de um eminente publicista e um dos mais denodados paladinos da doutrina spirita na França,

«se ella abandonasse os seus palacios (1), as suas riquezas, o seu culto faustoso e theatral, o ouro e a purpura; se, envolvidos no burel, com o crucifixo na mão, os bispos, os principes da igreja, renunciando aos seus bens materiaes e tornando-se, como o Christo, nomades sublimes, fossem pregar ás multidões o verdadeiro evangelho de paz e de amor, talvez então a humanidade acreditasse n'elles.»

D'outro modo, esteja certo o Dr. Julio Maria de que nada produzirão as suas apothèses ao dogma, nem as suas catilinarias contra o spiritismo, nem mesmo a campanha a que incita S. S. os seus collegas n'estes termos:

«Contra a pratica de tão monstruosa seita precisamos levantar uma cruzada n'esta capital, onde o spiritismo lavra tão escandalosamente.»

Tudo é inutil, creia S. S. Nem a campanha do odio, nem a da mentira, desmoralizando apenas os seus promotores poderão destruir a verdade que surge e contra a qual nada prevalecerá. Pois que a igreja não se sente capaz de adoptar aquellas sabias advertencias, que se resigna a morrer envolta nos andrajos moraes, que já foram a sua opulencia nos primeiros poucos seculos do christianismo.

E se, com uma intolerancia egoistica e feroz, ella conserva inscripto em sua bandeira negra o «fora da igreja não ha salvação», nós, para contrapor a esse desafio a tolerancia por excellencia, sem hostilizar nenhuma crença, porque todas são salutaes, desde que sinceras, temos arvorado este lemma desinteressado: «fora da caridade não ha salvação.»

(1) Léon Denis, *Christianisme et Spiritisme*.

Ha negros que valem mais do que brancos.

— Isto, Sr. são idéas que só podem medrar em almas, ou espiritos, como o Sr. diz, da mais baixa esphera. Jamais admittirei que me confunda com o mais distincto dos seus negros.

— Não se trata de ti, Elisa, que bem sabes quanto vales para mim, quanto te julgo acima de toda a humanidade.

— Obrigada pelo valor que me dá; mas eu é que não dou valor ao muito ou pouco que me queira o Sr. dar.

Martim ficou estatelado. Todo o seu ser moral se revoltou, seu corpo tremia convulsivamente, como se tivesse recebido um profundo choque electrico.

Sem dizer uma palavra, recolheu-se a seu quarto, onde, vestido como estava, atirou-se á cama, sem mais consciencia de si.

O golpe foi fulminante; mas infelizmente não o fulminou.

Só á tarde, á hora do jantar, é que se notou a falta de Martim, cuja esposa poucos dias teve de tanta alegria como aquelle.

O commendador, verdadeiramente amigo do moço, foi só, n'aquella casa, quem notou sua ausencia á mesa do jantar.

Perguntou por elle á mulher, que respondeu:

— Não sei delle; parece que está deitado. — Vão chamal-o. Quem sabe se não está doente?

E dizendo isto, levantou-se elle mesmo, e foi ao quarto, onde encontrou o moço sem sentidos.

Foi um tumulto em casa, onde todos amavam o doutor, menos a que mais amor lhe devia.

O commendador mandou correr por toda a redondeza em busca de medico e, elle mesmo, partiu para a casa de Julio, que, em verdadeira agonia, voou em soccorro do amigo.

Já encontrou uma duzia de medicos, cada um com sua opinião; porém elle chamou a si o caso.

(Continua.)

FOLHETIM

(37)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXVII

A noiva olhava para todo aquelle apparato, sem lhe dar importancia, como se se tratasse da coisa mais commun da vida.

A emoção que sente a virgem, vendo aproximar-se o momento de desprender o véo, que é o symbolo da pureza immaculada de seu corpo, não agitou, nem de leve, as fibras da linda moça, cuja alma encarava aquelle momento como quem lhe conhece todos os segredos e mysterios.

Que emoção pode sentir quem assiste á representação de um drama, cujas scenas lhe são familiares, pelas muitas vezes que o tem lido?

A pureza da virgem, perdem-na muitas pelo pensamento e pelo conhecimento das coisas vedadas á innocencia, que, entretanto, devido a uma educação descurada e, principalmente, á convivencia nos collegios, com meninas sem nenhuma educação, logram penetrar no sanctuario da alma, varrendo d'elle o pudor, que é, para a mulher, o que, para a flor, é o perfume.

Honra seja feita ao commendador Muniz e á sua senhora; em sua companhia, a amada filha só podia beber exemplos moralizadores; mas a lepra da escravidão e, ainda hoje, a da creadagem, inocula-se facilmente e contamina, principalmente, os corações juvenis.

Além disto, que as mães nem sempre procuram afastar das filhas, Elisa, natureza propensa ao mal, teve no collegio que frequentou larga fonte onde bebeu o veneno da corrupção.

Eis o que faz o antagonismo entre a igreja e o espiritismo, e o que nos dá a certeza de que, n'esse combate decisivo entre os que negam o Christo, de que se dizem falsamente representantes, pregando o odio e fomentando a discórdia, e os que d'elle procuram se aproximar pela pratica dos seus divinos ensinamentos, a victoria final não se poderá decidir pelos primeiros.

E quanto ao Sr. Dr. Julio Maria, se, depois d'este publico e solemne desmentido ás suas alegações, do qual tão mal ferida saí a sua honorabilidade sacerdotal, ainda tiver a audacia de pretender levar por diante a cruzada anti-spirita a que incita os seus collegas, fique certo de que não nos intimidará, não recuaremos nem mesmo diante de todos os roupetas colligados pela mentira contra a verdade. Ao contrario. Cá ficamos apparelhados para lhes cortar as garras e quebrar os dentes.

Cresçam e appareçam.

NOTICIAS

O nosso collega *La Lumière* reproduz, sob a epigraphia *Desenhos automaticos*, o seguinte interessante caso:

« O Sr. Wallent, de origem franceza e domiciliado em Budapest, dedica-se, ha cerca de um anno, ao espiritismo: durante as suas experiencias, a Sra. Wallent se revelou um medium notavel.

No dia 9 de março passado, ella tentou escrever pela primeira vez; n'essa primeira sessão, o seu lapis não produziu mais do que sombras informes e, depois, arabescos. A começar do dia seguinte, desenhou ella uma paisagem lunar, ao que parece, e uma flor. Esses desenhos, feitos sempre a lapis, tornaram-se cada vez mais amplos e artisticos, posto que o medium não tenha recebido para isso educação especial.

A Sra. Wallent desenha durante horas inteiras, sem esforço, sem fadiga, no meio de todo ruido, a qualquer hora do dia, em qualquer lugar, sob a influencia de um artista desincarnado, que adoptou o nome de Ralf, mas que até agora se recusou a indicar a sua verdadeira identidade, como qualquer detalhe sobre o mundo espirital.

— Será para mais tarde, diz elle.

Como quer que seja, os desenhos se tornam cada vez mais complicados; nem um traço falso, nem uma hesitação. Ralf promette mais tarde dictar communicações reveladoras extraordinarias. A Sra. Wallent será então medium de incorporação, falará, e seu marido escreverá. Actualmente ella é, ao mesmo tempo, medium curador notavel.

Do mesmo collega citado reproduzimos o seguinte caso de advertencia feita por um espirito:

« A. A. Jenkinson refere que, na manhã do dia 4 de março, um instante depois de haver despertado, viu aproximar-se-lhe do leito sua mãe, com a expressão natural que tinha quando vivia, e que lhe disse:

— Meu filho, teu pobre pae tem pouco tempo a viver. Vai para ao pé d'elle, amanhã pela manhã.

Elle interrogou o seu guia no sentido de saber se seria prevenido por uma missiva; a resposta foi que esta chegaria demasiado tarde. Partiu, pois, n'essa mesma manhã. Quando chegou á sua cidade natal, dirigiu-se a um hotel, mas causou-lhe impressão o facto de atravessar a rua e encaminhar-se, como que involuntariamente, para um outro hotel.

Achava-se á porta d'este, quando viu passar seu irmão, a passos largos. Este exprimiu a surpresa de o ver e lhe disse que voltava de lançar no correio uma carta para elle, communicando-lhe que o pae estava doente.

Jenkinson chegou, pois, a tempo de receber o ultimo suspiro de seu pae.

Anniversario do Mestre

Na terça-feira 3 de outubro vindouro, realizará a Federação Spirita Brasileira em sua sede, á rua do Rosario n. 141, sobrado, a sessão annual commemorativa do nascimento do nosso querido mestre Allan Kardec, para a qual estão por natureza convidados todos os consocios e spiritas em geral, que desejem associar-se a esse tributo de veneração e de affecto á sua memoria.

A sessão terá começo ás 6 1/2 horas da tarde.

Em homenagem a esse facto, e a exemplo do que anteriormente temos feito, o *Reformador* dará sua proxima edição datada d'esse dia, além de outras justas demonstrações a cujo grato dever jamais se furtará.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

V

1ª EXPERIENCIA

A 29 de abril de 1886, ás 11 horas da manhã, dirigi-me á casa de Slade, com um dos meus amigos, o Sr. A..., levando comigo algumas ardosias marcadas com a minha assignatura, feita a lapis azul. Examinei o aposento em que se ia fazer a experiencia, assim como a mesa, as mangas de Slade, a parte interna da sua roupa e até os sapatos, que o fiz tirar.

A pedido d'elle tirei do embrulho, que eu não abandonara, duas das minhas lousas de Faber, enquadras em madeira, e colloquei-as sobre a mesa, separadas. Slade tomou um pedaço de lapis de pedra de 8 a 10 millímetros de comprimento, partiu-o em dois pedaços entre os dentes, pondo-os sobre uma das minhas ardosias, do lado opposto á minha assignatura: cobriu-a com a outra, com a assignatura para o interior, tomou ambas assim unidas e collocou-as verticalmente sobre o meu ante-braco esquerdo. Não perdi de vista um só dos seus movimentos, nem as minhas lousas. No momento em que Slade curvou-as para as collocar verticalmente, ouvi a ponta de lapis deslizar pelo espaço existente entre as duas superficies, pela saliência dos quadros de madeira. O aposento estava bastante illuminado.

Nós tres tínhamos as mãos sobre a mesa, sem cobertura alguma; o Sr. A... á minha direita e Slade á esquerda. Sob meus olhos estavam as mãos de Slade, assim como as pernas, que elle conservava distanciadadas da mesa; eu via distinctamente sobre o meu ante-braco esquerdo as duas faces das ardosias fechadas e a mão direita de Slade, que as sustinha.

Ao cabo de vinte ou trinta segundos senti uma forte pressão das pedras contra o meu ante-braco; Slade disse sentir a «corrente» passar pelo seu braco, o que me pareceu fazel-o soffrer um pouco; algumas pancadas surdas soaram nas ardosias e a mão de Slade conservava-se immovel. De repente a escripta começou distinctamente a ser traçada, estando ainda immovel a mão de Slade; nem um dedo seu se movia.

Ausculto as lousas: não ha duvida; é mesmo na parte interna que o lapis arranha; ouço tambem, quanto se pode ouvir, o traçar da escripta, a pontuação e, quatro vezes, o som de um traço. A escripta parecia estar sendo feita lentamente a principio; depois, em seguida ao primeiro traço, o ruido tornou-se mais acelerado e, após o segundo traço, voltou á primitiva forma.

Passou-se um tempo bastante longo; ouvimos tres pancadas seccas nas ardosias; Slade retirou-as, pondo-as rapidamente sobre a mesa e eu as apanhei sem fazer força, enquanto Slade parecia sentir certa dificuldade em separal-as.

Eil-as nas minhas mãos; a ardosia em que acho a minha assignatura não contém sequer uma palayra escripta; a outra, que repousa sobre a minha mão

esquerda, está coberta de caracteres; minha assignatura, que vi durante o tempo da experiencia, occulta em parte pelas dobras do meu casaco, está bem clara do outro lado da ardosia, coberta de palayras; quatro phrases separadas por tres traços foram escriptas na lousa; um quarto traço se vê antes da assignatura que fecha todas as communicações. Duas d'essas phrases, a primeira e a ultima, estão em inglez e assignou-as—W. Clark. Das outras duas, uma está em allemão e a outra em francez, esta concebida nos seguintes termos: «Effectivamente é boa a vossa idéa. (Assignado)—Vosso dedicado servo L. de M.»

No começo da sessão eu havia dito que, se obtivesse bons resultados, escreveria uma obra sobre este assumpto...

Será então uma resposta á minha idéa?

Finalmente, n'essa experiencia, as minhas ardosias foram continuamente alvo de tres dos meus sentidos—a vista, o tacto e o ouvido.

Eis o que achamos escripto (damol-o com a respectiva traducção:)

« Many spirits are presents and will say a few words to you. I am truly—W. Clark. »

(Alguns espiritos se acham presentes e querem vos falar.—Vosso sincero W. Clark.)

« Mein theuer herr. Empfangen Sei mein herr meine herzlichsten Grüsse—John Stephens. »

(Meu caro Sr., receba minhas cordiaes saudações.)

« En effet votre idéa est très bonne. Votre bien dévoué serviteur—L. de M. »

(Com effeito vossa idéa é muito boa.—Vosso dedicado servo, L. de M.)

« Dear Sir, we all join in the above.—W. Clark. »

(Meu caro Sr., nós todos estamos de accordo com o que precede.)

(Continúa.)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delaune

QUINTA PARTE.

CAPITULO III

MEDIUMIDADES SENSORIAS — MEDIUNS

VIDENTES E MEDIUNS AUDITIVOS.

Allucinações

A palavra allucinação vem do latim *hallucinari*, errar, feito de *ad lucem*. A allucinação poderia ser definida—um sonho no estado de vigilia; é a percepção de uma imagem illusoria, de um som que não existe realmente, que não tem valor objectivo. Como o objecto representado não affecta a retina, e som escutado não fere o ouvido; a causa efficiente da allucinação existe no aparelho nervoso-sensorio, e deve ser attribuida a um trabalho particular do cerebro. Esse phenomeno não existe sómente para a vista e o ouvido; os outros sentidos podem tambem ser allucinados; um contacto, um cheiro, um sabor percebidos, sem que haja acção anticipada de um excitante exterior, são verdadeiras allucinações.

Essas pretendidas sensações que experimentam as pessoas affectadas d'essa doença dependem das imagens das idéas reproduzidas pela memoria, ampliadas pela imaginação e personificadas pelo habito. As allucinações podem ser produzidas por causas physicas ou moraes. As primeiras são muito numerosas: o abaiamento ou elevação da temperatura, o abuso das bebidas alcoolicas, as doses elevadas de sulphato de quinino, a digitalis, a belladona, o estramonio, meimendo, aconito, opio, camphora, emanações azotadas, o abalo do cerebro por uma queda etc., etc.

Entre as causas moraes, as mais ordinarias são: uma subita impressão sobre os sentidos, ou a longa duração de uma sensação viva, a meditação, attenção violentamente fixa no mesmo objecto, isolamento, remorso, temor, terror, etc.

A sciencia occupou-se da allucinação e os Srs. Lélut e Brière de Boissant sob o isso publicaram interessantes livros, mas que não explicam na absolutamente do phenomeno. Eis a theoria que affirmam:

Suppõem que todas as idéas, mesmo as mais abstractas, se ligam sempre por qualquer lado aos sentidos, mas que essa faculdade de perceber um objecto ou uma paisagem não é a mesma para todos os homens.

Um pintor vê uma vez uma pessoa e guarda a sua imagem por muito tempo na memoria. Um musico ouvirá interiormente trechos complicados de musica, etc.

Essa representação interior parece dar um passo fóra da illusão, e tal é a que nos faz ler as linhas e as palayras de um livro de modo differente do que estão escriptas, nos mostrando o que não é, alterando-o de mil modos. Esse estado de espirito pode ser determinado por causas diversas, entre as quaes a solidão, o silencio, a escuridão, etc., etc.

Em summa a illusão transforma alguma coisa do real, enquanto que a allucinação desenha sobre o vacuo; as coisas que se vêem não existem, os sons que se ouvem não têm realidade alguma. A's vezes a allucinação não é reconhecida, mas não perturba a razão, e não é por assim dizer senão a razão excitada. «Suppõe-se que foi o caso de Socrates, de Joannad'Arc, de Luthero, de Pascal»

Segundo M. Lélut, estes grandes genios seriam uma categoria de maniacos, e as vozes de Joanna, em Lorena, pura allucinação. Não sabemos se isso é verdade, mas se M. Lélut pudesse ser o ludibrio de uma loucura que o fizesse de repente assemelhar-se a Socrates, nós o cumprimentariamos por estar assim affectado, porque isso o impediria de nos aborrecer com taes frioleiras.

Os sabios não deram até agora explicações satisfatorias, no ponto de vista physiologico, da allucinação. Entretanto parece terem sondado todas as profundezas da optica e da physiologia. Como se dá então que não tenham explicado ainda a origem das imagens que se apresentam ao espirito em certas circunstancias? Seja real ou não, o allucinado vê alguma coisa; dir-se-ha que elle julga ver, mas que nada vê? Não é provavel. Pode-se dizer que é uma imagem fantastica, seja; mas qual a origem d'essa imagem? Como se forma? Como se reflecte no cerebro? Eis o que não nos dizem. Seguramente, quando o allucinado acredita ver o diabo, com chifres e garras, as chammas do inferno, animaes fabulosos, o sol e a lua que se batem, é evidente que não ha ali realidade alguma; mas, se é um jogo da sua imaginação, como se dá que elle descreva essas coisas como se estivessem presentes? Ha, portanto, diante d'elle um quadro, uma fantasmagoria qualquer; qual é então o reflector sobre o qual se desenha? Qual a causa que dá a essa imagem a forma, a cor e o movimento?

Pois que os sabios querem tudo explicar pelas propriedades da materia, que deem uma theoria da allucinação, boa ou má, e será sempre uma explicação, mas não podem, porque negando a alma privam-se da causa efficiente do phenomeno.

Os factos que observamos diariamente demonstram que ha verdadeiras appareções, e o dever de todo spirita esclarecido é fazer uma distincção entre os phenomenos que são devidos ás manifestações dos espiritos dos que têm por causa os órgãos doentes do individuo.

Em summa, a allucinação não apresenta nenhum caracter de positividade, enquanto que é preciso, para que se admitta a mediumidade vidente, que o individuo, que é dotado d'essa faculdade, possa descrever suas visões de modo a fazel-as reconhecer pelas pessoas presentes. Um medium que não visse sempre senão desconhecidos, que nunca pudesse dar provas de que descreve seres que viveram na terra, passaria com razão aos olhos dos spiritas por um allucinado.

(Continúa.)

REFORMADOR



ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD —Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Outubro 3

N. 13

NOVENTA E CINCO ANNOS

Tantos são os que têm decorrido desde o dia, — que a humanidade, reconhecida, inscreverá, mais cedo ou mais tarde, entre os de grata solemnidade, — em que, descido das planuras luminosas a que o elevava a sua pureza moral, veio entre nós submeter-se voluntariamente ao cativeiro da matéria aquella espirito de eleição que se chamou Allan Kardec e que a nossa justa veneração e os nossos transportes de reconhecimento á sua obra de consolação e de verdade se comprazem em denominar o mestre.

E-se cativeiro, soube-o elle transformar em um instrumento de glorificação, o que importa dizer de sacrificio e de martyrio, porque a nossa pobre terra ainda é demasiadamente o asylo dos miseros forçados de suas proprias imperfeições, para que possa tolerar que impunemente os grandes missionarios, os benemeritos da caridade divina, portadores do ensinamentos de regeneração, façam incolumes a sua trajectory victoriosa por este sombrio desfiladeiro, sem se dilacerarem ás investidas do despeito, da animosidade e da ingratição, a que nem mesmo escapou o Divino Mestre, não obstante a immaculada aureola de purissimas virtudes de que deu testemunho e que, em dezenove seculos, não tornaram a se patentear na sua integra sublimidade em nenhuma personalidade igual.

Mas Jesus era Jesus. Os seus exemplos eram demasiado altos — o mais alto que pode aspirar o homem, no ponto de vista da perfeição moral — para que pudessem ser praticados por esta pobre humanidade, dois mil annos depois ainda saturada das mesmas ignobéis paixões, das mesmas fraquezas e, por isso mesmo, sujeita ás mesmas vicissitudes e urgida das mesmas necessidades de redempção pela palavra e pelo exemplo. Felizes, todavia, aquellos que, intermediarios da Providencia na execução dos seus designios junto aos homens, souberam legar-lhes, na sua passagem pela terra, exemplos de que a generalidade não é capaz, pela elevação moral que encerravam, pela sua austeridade e abnegação.

São estes característicos que distinguem os verdadeiros missionarios, os escolhidos do Senhor para realizarem, em determinados meios, a grande obra do progresso universal. Teve-os o nosso mestre Allan Kardec, e o attestam a sua

vida sem macula, a dedicação apaixonada com que se votou á fundação da doutrina á que perpetuamente está ligada a sua memoria, a tenacidade, o criterio, o "bom senso personificado", que foi, e sobretudo aquelle golpe de vista superior com que soube realizar a sua obra, tão complexa e tão cheia de perigos para outro que não possuísse a mesma envergadura moral e a mesma capacidade organizadora.

E se, para a objectivação d'esse desideratum, não lhe faltaram taes característicos, attestativos da sua superioridade e da effectividade da sua missão providencial, para que fosse completa a sua magestosa figura, que mais avulta, como n'um luminoso nimbo, á proporção que os annos correm, elle teve a docura, a tolerancia, a bondade, em uma palavra, todas as virtudes christãs indispensaveis ao sacerdocio da verdade e do bem, entre as quaes se superioriza o amor, esse amor por excellencia que elle soube acersoladamente votar a esta humanidade, dedicando-lhe a sua obra, á que se consagrou com tão fecunda actividade que, em poucos annos, teve que succumbir victimado por essa extraordinaria abnegação que só assim cançou.

E mesmo depois do haver partido d'este mundo, que fôra o seu calvario, mas que se constituiu tambem o seu altar, nem por isso, pelo que aqui soffreu, o votou elle ao abandono. Longe d'isso, todos os que cultivamos esta seara em que elle foi o primeiro e o maior semeador, somos testemunha da solicitude e disvelo com que elle acompanha o trabalho dos seus humillimos discipulos, instruindo-os, esclarecendo-os, orientando-os, com o prestigio e a segurança da sua sabedoria.

Para honrar hoje a sua memoria, no 95º anniversario do seu nascimento, julgamos não o poder fazer melhor do que reproduzindo aqui os ensinamentos por elle dados no primeiro anniversario da sua desencarnação, em Paris, quando acabava de ser inaugurado o monumento que, em honra ao mestre amado, os seus fieis discipulos fizeram construir no cemiterio do Père Lachaise.

Eil-os, na sua clareza, na sua eloquencia profunda e affectuosa, que tanto distinguiram o seu grande e generoso espirito:

«Meus amigos,

Quando, ha algumas horas, a religião da saudade vos reunia em torno do monumento funebre que fizestes erigir para honrar a minha memoria; quando, ro-

deado de todos os que me precederam ou seguiram na erraticidade, tendo na frente o signal do spiritismo, escutava, auditor invisivel e profundamente emocionado, a expressão dos vossos affectuosos sentimentos, senti-me, pelo pensamento, transportado a essas epochas prehistoricas, que um de vós evocava, ainda ha pouco, em algumas paginas originaes e eloquentes, e, vendo ante mim desfilar, como n'um panorama immenso, as grandes figuras dos seculos extinctos, a mim mesmo eu perguntava o que nos restaria dos primeiros esforços da humanidade infante, se noi-os não permittissem traçar integralmente os fustes das columnas despedaçadas e as inscrições semi-apagadas das pedras tumulares!

Os homens que viveram, foram-se a proseguir alhures os trabalhos n'este mundo começados, mas as idéas que os caracterizaram, os beneficios que legaram ao espirito humano, como um indestructivel testemunho da sua passagem e dos seus feitos, ficaram profundamente gravados na pedra, esse gigante inconsciente que desafia a acção destruidora do tempo e dos elementos.

Eu via os Zoroastro, os Manou, os Christna desfilar em ante os meus olhos deslumbrados, e cada um d'elles me indicava, na pedra symbolica, na inscrição característica, o irrefragavel traço da sua existencia e dos seus trabalhos.

Orgulhavam-se elles d'esses testemunhos do reconhecimento de seus contemporaneos? Não! Porque a individualidade se dissipa, sobre esses gloriosos vestigios, para não deixar surgir senão o pensamento de que foi ella a incarnação viva, para caracterizar unicamente a renovação, de que ella foi o instrumento, e a epocha em que se produziu. Esses monumentos não são, pois, os indícios do orgulho e da vaidade humana, mas a prova material do reconhecimento das gerações passadas para com aquelles que lhes fizeram cair dos olhos alguns dos véos que lhes occultavam as eternas verdades.

Sim, eu o disse e aqui o repito bem alto, porque é a minha convicção: sob a pedra sepulcral nada mais existe do que um pouco de materia em decomposição: o espirito já não está lá; continua os seus trabalhos no espaço e quasi nada é attingido pelas honras da terra, por pouco que se tenha elevado na hierarchia das intelligencias. Tem elle, porem, o direito de recusar os sensiveis testemunhos do affecto dos homens e de se subtrahir á consagração material da sua obra? Não o acredito; porque, se elle é espirito, foi homem tambem e, como tal, se pertence á historia da humanidade, se a sua passagem pode determinar alguma importante innovação, alguma revolução profunda nas idéas, a sua modestia, o seu amor da solidão e da obscuridade não encobrirão mais do que um insensato orgulho.

Quem, de resto, se lembrará, dentro de alguns annos, da individualidade laboriosa, occulta sob o pseudonymo de Allan Kardec? Quem não esquecerá o homem, cujo corpo repousa sob a terra, em presença da idéa tão visivelmente no mar-more esculpida?

Eu vos agradeço, pois, meus amigos, e me sinto profundamente grato para comvosco, pelo monumento que n'este logar fizestes erigir, porque o que haveis glorificado, o que haveis eternizado com a sua edificação, não é a memoria de Allan Kardec — ella vive em vossos corações e esse testemunho lhe é sufficiente, — mas é a epocha, viva para sempre nos seculos futuros, que viu erigir em doutrina os principios sobre que repousam a existencia e a legislação natural dos universos.

Não fostes, todavia, os unicos, meus amigos, a vos lembrardes do anniversario da minha libertação. Uma immensa communhão de pensamentos vos unia a todos os nossos irmãos em crença, e todos, conjuntamente, sob todos os climas, em todas as cidades em que penetrou a idéa regeneradora, dirigis ao espaço uma recordação affectuosa e reconhecida ao humilde instrumento dos designios providenciaes.

Como se sentia vasto o meu coração n'este momento indescriptivel! Que immenso amor empolgava todo o meu ser, pela boa amiga que entre vós deixei sózinha, por cada um de vós em particular, e por todos indistinctamente! Ah! Semelhantes sensações podem, sem duvida, fazer esquecer toda uma existencia de soffrimentos e de luctas.

Obrigado, meus amigos. Sinto-me feliz, porque não foram vãos os meus esforços; e se alguns grãos da semente, que fui encarregado de espalhar, cahiram na rocha ou nos espinheiros do caminho, muitissimos fructificaram na terra fecunda, para que eu fosse recompensado, no centuplo, de todos os labores.

Proseguir na vossa rota, corajosos pioneiros da idéa spirita. E se, algumas vezes, crueis decepções vos detiverem um momento, se sob os vossos passos surgirem os obstaculos, difficultando-vos a marcha, como m'a difficultaram a mim, levantai os olhos e contemplai a grandeza do objectivo; a vossa perseverança e a vossa vontade tornar-se-hão inquebrantaveis.

Todos os homens devem ser para vós irmãos partidos da mesma origem e destinados a identico fim. Se encontraes cegos, abri-lhes os olhos; restitui o ouvido aos surdos, e, quaesquer que sejam a incredulidade de uns e o parti-pris de outros, convidai-os sempre e sem cessar para o banquete das intelligencias. Quando regressardes ao espaço, não vos recordareis, como eu, senão dos trabalhos realizados, e continuando a vossa marcha ascendente para os mundos superiores, gozareis o espectáculo da felicidade d'aquelles a quem tiverdes feito partilhar das vossas convicções e das vossas esperanças no futuro.

ALLAN KARDEC. »

O problema da evolução

VI

Quando, lançando o olhar em torno e contemplando as manifestações de vida que offerece, na variedade infinita de suas especies, esse conjuncto de seres que se denomina o reino animal, veri-

ficamos n'elle uma reprodução exacta, guardadas certas proporções de relatividade, do que offerece a humanidade nos mil aspectos de suas paixões, desde as mais grosseiras e violentas até ás mais requintadas nuances da delicadeza no affecto, da abnegação, da coragem, da dedicação, em uma palavra, de tudo o que parece constituir a característica da superioridade moral da nossa especie; quando, sobretudo, observamos que os animaes estão, como o homem, sujeitos quasi ás mesmas vicissitudes das enfermidades, dos soffrimentos, da inquietação pela procura do alimento, expostos ás luctas com os elementos adversos que a natureza é prodiga em lançar em seu caminho, somos naturalmente levados a perguntar por que razão isso se dá, porque os animaes, se não têm o livre arbitrio de que decorreria logicamente a responsabilidade da condição em que se encontram, são assim pelo Creador lançados n'essa via dolorosa, expostos, muitas vezes, mais do que aos rigores da natureza implacável, ás maldades do homem que, d'esse modo, parece infligir-lhes uma expiação que, para ser justa, reclamaria a pratica anterior de actos passíveis de condemnação? Será que os soffrimentos, as vicissitudes, que fazem dobrar os seres ao peso de uma, por assim dizer, fatídica predestinação, nem sempre são uma punição, mas fazem parte das proprias condições de vida dos seres animados?

Mas, antes de tudo, convém definir tão precisamente quanto possível um ponto essencial: o que se nos afigura dolorosos soffrimentos, vicissitudes e males, será realmente o que, em uma justa medida, experimentam os animaes? Por outros termos: terão os animaes uma organização sensorial, uma constituição neuro-psychica sufficientemente desenvolvidas para que o que, em uma palavra, denominamos a *dôr*, na interminável gamma de suas manifestações, seja por elles percebido com a mesma intensidade que se nos afigura através da vibratibilidade da nossa organização superior? Ainda em uma formula mais simples: soffrerão realmente os animaes?

Para responder a esta questão, preciso se faz que entendamos o que seja realmente a *dôr*, o soffrimento.

Se tomarmos por ponto de partida, para o nosso exame em progressão ascendente, certas plantas, como por exemplo, a sensitiva, em que uma certa irritabilidade já se accusa, como a significar — já o dissemos aqui — os preludios do que será mais tarde a *sensação*, e d'ahi remontarmos, através de todos os seres da animalidade, em que a dotação de um aparelho nervoso os torna aptos para a percepção das impressões externas, agradáveis ou desagradáveis, até ao homem, pináculo e resumo de todas essas especies inferiores, verificaremos que essa sensibilidade, isto é, essa capacidade de accusar impressões de qualquer natureza, quer venham de fóra, quer se produzam no fóro intimo, como no homem, em certos casos, existe realmente, mas varia conforme o grau em que se acham taes seres collocados na ordem

natural e, por consequente, obedece a uma progressão crescente, que adquire tanto maior extensão, quanto mais se sobe na escala, e vai consequentemente diminuindo tanto mais quanto mais nos aproximamos dos degraus inferiores. Isto quer dizer que não ha um estalão geral e uniforme pelo qual se possa aferir do grau de sensações dos seres vivos, mas que, ao contrario, as suas percepções estão em relação com o desenvolvimento do seu systema nervoso e, por consequente, variam com o grau maior ou menor d'esse desenvolvimento.

Isto posto, se não se pode recusar aos animaes uma sensibilidade que, de resto, elles attestam continuamente e de um modo positivo, deve-se em todo caso fazer umas tantas restricções, quando se tenha de ponderar as impressões que lhes produzem taes ou quaes factos, taes ou quaes actos exteriores. Quando, por exemplo, um cão é violentamente repellido pelo dono a quem hypothecara o melhor do seu affecto e da sua dedicação incondicional, nos ganidos dolorosos que a brutalidade d'este lhe arranca, ou na submissão humilhada com que foge á colera provocada, se o castigo não passou de uma reprimenda verbal, attesta a impressão desagradável que esse facto lhe produziu. Mas ninguem se lembrará, em boa razão, de equiparar essa impressão á que experimenta o homem de bem que, tendo coberto de beneficios um individuo, sente um dia o aspero repudio do ingrato que vilmente o atraiçoa. E o facto é o mesmo: em ambos os casos a ingratidão. Mas n'este adquiriu uma extensão muito maior, revestiu muito maior gravidade, porque a percepção do homem vai muito além da do cão e alcança o acto em toda a extensão da sua hediondez.

Cómo quer que seja, porém, o que está demonstrado é que, maior ou menor, os animaes são sempre dotados de um certo grau de sensibilidade, o que quer dizer que são susceptíveis de maior ou menor soffrimento. Mas o que é o soffrimento? O que é a *dôr*? É um mal ou um bem? É sempre uma punição, ou é algumas vezes uma necessidade salutar?

Acabamos de ver que a extensão da *dôr* varia com a posição do ser na escala animal e depende do desenvolvimento do seu systema nervoso, de modo que, nem mesmo em uma unica serie, ha uniformidade de sensação relativamente a uma mesma impressão exterior. Tomámos para exemplo um animal domestico dependente do homem, e sujeito por isso ás suas maldades. Se, porém, tomarmos para ponto de observação um animal selvagem, vivendo em plena liberdade nas florestas, á sombra protectora da grande mãe — a natureza, que, ás vezes é, como dissemos, implacável, não deixa contudo de, em geral, ser carinhosa e boa; se tomarmos o passarinho que adeja no ar, ou o peixe que vive no oceano, veremos que, a não serem as perseguições, a que os mais frageis se esforçam por fugir, movidas pelos mais fortes que os procuram victimar, o que é uma lei admirável que estimula as suas faculda-

des, cujo exercicio se opera por esse e por diferentes modos, vivem felizes esses animaes, porque são livres, sem outra preocupação que a da defesa e da conservação individuaes, como a da conservação da propria especie.

Mas — dirão — essa mesma preocupação, esses mesmos cuidados por evitar a caça, por vezes feroz, que entre si movem os animaes, é já uma provação sufficientemente dolorosa para que a soffressem pobres seres que, sem passadas culpas, não mereceriam positivamente estar expostos a taes vicissitudes.

A isso poderíamos retorquir simplesmente que, assim como é, é justo, porque assim o fez o Creador. Mas isso não resolveria a questão. E preferimos levar adiante o nosso raciocinio, afim de ver se conseguimos pôr de accordo as opiniões divergentes acerca da resolução d'esse problema. E para isso tomaremos um exemplo: imaginemos dois individuos, nascidos em condições diferentes; um, tendo visto a luz nas mais rigorosas condições de pobreza, embalado o outro, desde o berço, pelas auras da fortuna que, pela vida adiante, lhe proporcionará os meios de satisfazer todos os menores caprichos, de, n'uma palavra, gozar o mais possível, até aos mais apurados requintes, todos os prazeres mundanos que a riqueza — essa perigosa prova — soe proporcionar aos seus possuidores.

O outro luctará desde a sua infancia pela conquista do pão e, aguilhoado por essa necessidade, tratará de aparelhar o seu espirito com esses dotes intellectuaes que são o unico patrimonio inalienável e que lhe hão de assegurar mais vantajosamente os meios de obtenção d'essa subsistencia, da manutenção de uma familia, mais tarde, á qual elle legará uma invejável tradição de trabalho, de perseverança, de tenacidade e de triumpho por fim. Sentir-se ha dignificado por haver luctado e vencido, e durante essa lucta terá estado muito em contacto com os pobres como elle e, como elle, desherdados em boa hora dos bens materiaes, terá sentido estar bem perto os seus soffrimentos, as suas dores; telos-ha mitigado na medida de suas forças, em uma palavra, sentindo a identidade da sua condição, a solidariedade no mesmo clo das tribulações, terá sabido ser benevolente, compassivo, fraterno, ao passo que o outro — o rico, longe d'essas vicissitudes, que não comprehenderá por não as ter experimentado, conservará o coração frio, mudo, fechado a essas altas manifestações do desinteresse e da fraternidade. — E' semelhante esse caso, na sua significação, ao das andorinhas, de que Léon Denis nos fala no seu *Pourquoi la vie*, as quaes no inverno, fustigadas pela necessidade commun do aconhego, se acariciam, se protegem mutuamente, ao passo que na primavera, supprimida essa necessidade, se torpam hostis umas ás outras, se perseguem e tornam-se egoistas.

O nosso simile tem apenas a desvantagem de reportar-se ao homem, de modo a se poder, com razão, objectar que taes

provações são pedidas, ou impostas, conforme o merito de cada um e as necessidades do seu progresso por cada existencia, ao passo que os animaes são apresentados em taes condições forçosas sem uma *causa* previa. Mas o nosso fim foi mostrar a utilidade da *dôr*, do soffrimento, como um estímulo salutar para fazer progredirem todos os seres. Se, desde a sua criação, fossem os espiritos abandonados ás doçuras exclusivas da vida espiritual; se, no começo de sua evolução, não fossem elles postos em contacto com a materia, para a fazer progredir, progredindo elles por sua vez e servindo assim as vistas do Creador; que estímulos, fóra d'essas condições desagradáveis da materia, lhes poderiam gerar essa aspiração para subir sempre, para fugir a esse incommodo contacto, em uma tendencia fatal para o destino superior que nos aguarda a todos?

Objectarão que Deus não seria justo creando seres destinados a tão longo e doloroso aprendizado, quando os poderia ter creado logo todos puros e perfeitos. Será isso mais bello, mais digno das creaturas de Deus, do que collocar o seu destino nas suas proprias mãos, para que todas subam, lenta e gradualmente, dos estados mais humildes aos mais altos e grandiosos da espiritualidade? E todavia é isso o que constitue uma das maiores bellezas dos novos ensinos. Ao demais, essa questão do soffrimento offerece uma outra face por que ainda a não encarrámos.

A *dôr* — por mais paradoxal que pareça esta asserção — é, á nosso ver, a mais alta expressão do gozo, da sensibilidade, ou, por outros termos, não é mais do que o prazer levado ao seu ultimo requinte. Peri a gamma das sensações agradáveis; quando chegais ao apogeu, qual é a expressão por que ella se manifesta? — A lagrima, — exactamente o que serve para a manifestação da *dôr*. Não ha antitheses na natureza. Procurai a seriação que vai de um a outro termo, aparentemente oppostos, e verificareis que não houve solução de continuidade.

Ha, mais do que isso, alguma coisa que corrobora este nosso asserto e que vem provar que o soffrimento nem sempre é uma punição, mas muitas vezes uma resultante das proprias condições da vida. Do mesmo modo que — como vimos acima — a extensão das sensações e das percepções varia com a collocação dos seres na ordem natural, em virtude da applicação do mesmo principio essa extensão varia no homem conforme o seu grau de desenvolvimento moral e intellectual.

O que impressiona vivamente um justo, ou um sabio, pode não produzir a menor impressão em um analphabeto. E' sabido mesmo que, enquanto o individuo embruteado pela ignorancia não vive mais do que para si ou para a sua prole, sendo indifferente ao resto do mundo, podendo quando muito se impressionar pela condição de um ou outro que, na miseria, physica ou moral, lhe attraia particularmente a sympathia, o philosopho, o pensador, além dos cuidados pela familia, pelo bem estar da sua

patria e dos seus concidadãos, se preocupa com o bem geral da humanidade, e diante das suas dores, das suas misérias, afflige-se e soffre em uma escala emocional inculculavel.

Ora, se o soffrimento fosse sempre uma punição, porque o philosopho que já progrediu muito mais do que o ignorante, e se elevou moralmente o sufficiente para se interessar e affligir pelas misérias alheias, soffreria mais do que o outro? E se nos elevarmos sempre na hierarchia dos seres, tendo sempre em vista que essas percepções se dilatam tanto mais quanto mais subimos n'essa escala, seremos naturalmente levados a concluir que esses espiritos superiores, esses luminosos espiritos que velam sobre os destinos da terra e da sua humanidade, com serem dotados de uma sensibilidade infinitamente superior á do proprio philosopho, pois que para elles, pela sua elevação, já cessaram as necessidades da reincarnação, soffrem infinitamente ante o espectáculo das nossas misérias, dos nossos desvarios, dos erros que aqui se perpetuam e que conservam a nossa pobre humanidade escravizada á atmosphera grosseira d'este planeta inferior. Sofrerão assim uma punição a que, entretanto, não podem estar sujeitos por se haverem já purificado?

Citemos ainda um altissimo exemplo: Jesus. Espirito immaculado, de uma pureza absoluta, que se reflectia nos seus sublimes ensinamentos, como em todos os actos de sua vida, elle baixou á terra, para os fins de sua missão divina, e soffreu, entretanto, os maiores ultrages, os maiores opprobrios de quem não seria merecedor um faccinora vulgar. Porque? Tinha elle, porventura, — elle a pureza perfeita — culpas a expiar? Teria sido isso uma punição? — Não, decerto. Mas descendo a este meio corrompido e grosseiro, teve de supportar as vicissitudes que lhe são proprias.

Se a extensão da dor, proporcional sempre ao grau de desenvolvimento dos seres, fosse exclusivamente uma punição, reflectindo-se no fóro moral dos espiritos superiores, graças á amplitude de suas percepções, as dores e os soffrimentos d'essas grandes collectividades humanas que povoam os mundos de expiação, por cuja sorte elles se disvelam solícitos, teríamos que concluir que, como premio dos seus esforços para remontar a essa condição superior, Deus lhes reservava iniquamente essa absurda punição.

Mas a nossa razão nos diz que assim não pode ser. E se a nossa posição inferior na ordem espiritual nos impede de ponderar com precisão, descendo na escala, a natureza das sensações nos animaes, — subindo n'essa mesma escala, nos faltam elementos para aquilatar do verdadeiro character do que experimentam os espiritos superiores em face dos nossos soffrimentos e das nossas misérias. Sofrerão; mas de que modo? Naturalmente através das suavizadoras perspectivas d'essa vida espiritual, sem as revoltas e o desalento que são a aggravante da nossa condição.

Supponho ter dito o sufficiente para

demonstrar que o soffrimento, se é em geral uma punição para os espiritos que, por mau uso do seu livre arbitrio, d'ella se tornaram passíveis, é também um estímulo salutar e necessario para que o espirito progrida e se desenvolva, effectuando a trajectoria dos seus altissimos destinos. Vimos que para o principio animico, evoluindo nas series inferiores da natureza, esse soffrimento se traduz apenas pelos cuidados de sua propria defesa e conservação, com o desenvolvimento correlativo de sua intelligencia. A proporção que elle se eleva na escala, e depois de haver galgado a condição de homem, isto é, de se haver tornado verdadeiramente espirito, com a dilatação de suas percepções, com a apuração do seu systema sensorial, esse soffrimento adquire novas modalidades e, se se atenua em relação ao individuo, pelos progressos moraes realizados, que lhe asseguram todas as vantagens de um logar superior na hierarchia espiritual, se transforma em um reflexo dos soffrimentos das massas ainda mergulhadas no atrazo e na inferioridade.

Dir-nos-hão que tudo isto é uma anomalia que se não compadece com a justiça absoluta e perfeita do Creador? Seria então o caso de perguntarmos também, por nossa vez, se estamos certos de possuir um desenvolvimento moral e intellectual e, a par d'isso, aptidões orgánicas sufficientes para comprehender as suas leis em toda a sua complexa e grandiosa magestade. Investiguemos, sim, até onde chegar a nossa capacidade inductiva e deductiva — é esse o nosso dever, porque, de resto, é assim que tornaremos acelerada a nossa evolução —; mas detenhamo-nos respeitosos diante d'esses porticos que abrem sobre o grande templo da sabedoria do infinito, onde não poderemos penetrar sem nos havermos dignamente preparado para esses altissimos misteres.

Pretender sondar os designios do nosso Creador seria demasiado temerario para a nossa fragilidade. Admiremos, nas maravilhas da sua obra, as sabias lições que ellas encerram e que, nas suas infinitas variantes, desafiam toda a mesquinha sabedoria humana.

A belleza e a harmonia do universo repousam exactamente sobre esses efeitos de contraste que a mão do Omnipotente collocou sob os nossos olhares deslumbrados. E que outra coisa é, porventura, o mal, sem cujas sombrias perspectivas não poderíamos saborear as doçuras do bem, que são immorredouras? — Supprimi a noite, e aos nossos sentidos, grosseiros ainda em demasia para se subtrahirem á necessidade dos contrastes violentos, a permanente claridade do dia parecerá de uma monotonia insupportavel.

Fechemos aqui esta serie de considerações em que talvez nos alongassemos mais do que o preciso, e proximamente, então, nos occuparemos da ultima parte das questões aqui propostas e á que fizemos referencia no final do nosso penultimo escripto.

LEOPOLDO CIRNE.

NOTICIAS

Por absoluta falta de espaço, fomos ainda obrigados a retirar da nossa edição de hoje o folhetim e outros artigos compostos para o presente numero.

Entre os casos de comprovação da clarividencia somnambolica, deve ser incluído o seguinte, occorrido com o professor Max Seiling, de Munich.

Tendo esperado, durante mais de quinze dias, uma importante carta que — contava — lhe seria expedida de Helsingfors, na Finlândia, deliberou consultar a Sra. F., somnambula que se achava ao pé de sua senhora e que de boa vontade se prestou á experiencia. Cahindo logo em seguida em um estado proximo do transe, disse ella:

— A carta se acha a bordo de um paquete e, dentro de poucos dias, estará aqui.

Como o Sr. Seiling observasse que uma carta procedente de Helsingfors, via S. Petersburgo e Berlim, não poderia atravessar o oceano, a Sra. F. persistiu em sua affirmativa.

E o facto é que, tres dias depois, chegava a carta, via Stockholm, tendo o expeditor preferido fazel-a passar pela Suecia, receoso de expô-la a ser aberta no correio russo, visto como continha essa missiva importantes detalhes acerca da politica adoptada na Russia e na Finlândia.

E' incontestavelmente um caso notavel esse de clarividencia, que, todavia, a sciencia official — essa mesma que se esquia a constatar os novos phenomenos — não é capaz de explicar.

No intuito de não sacrificar, pela exiguidade de espaço de que, ainda n'este numero, dispomos, um assumpto que merece muito mais do que ligeiras referencias, só na nossa proxima edição nos occuparemos das curas que, n'esta capital, tem realizado o medium Dr. Eduardo Silva, o qual, tendo vindo de S. Paulo e se installado na Tijuca, alli tem attrahido enorme concurrencia de enfermos e provocado mesmo um certo ruido na imprensa profana, tanto mais justificado quanto já foi iniciado, a requerimento das autoridades sanitarias, um inquerito na repartição da policia.

De tudo isso trataremos no proximo numero, limitando-nos, por agora, a publicar as seguintes linhas que, a proposito d'aquelle ultimo incidente, nos enviou o operoso confrade, cujo pseudonymo é já conhecido, por varios estudos que tem publicado sobre a nossa doutrina:

«ILLUSTRE REDACTOR. — Lendo o depoimento do conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, no processo a que responde o Dr. Eduardo Silva, nas folhas de hontem, peço-vos a publicidade das annotações que apresentamos áquelle documento:

Ainda se considerando poderoso quem tudo conseguira até 15 de novembro de 89 e, por isso mesmo, não querendo hontem com os que batem á porta do celebre *medium curador*, confessa o Exm.^{mo} que se contrariou por não ter obtido a audiencia reservada que pedira.

Contrariado ainda se declara pela citação para ir depôr; quando o herdeiro do throno da Inglaterra, o presidente da Republica Franceza e outras entidades, mais humildes que o nosso conselheiro, se prestam a esse serviço sem a menor contrariedade!

Quanto á vellice allegada por S. Ex.^a não nos parece procedente, pois conhecemos e não duvidariamos apostar que, se resuscitassem a monarchia, não mais veriamos surgir uma tal allegação.

E quanto a ser o spiritismo uma escola de malucos, lamentamos simplesmente a facilidade com que se fazem juizos temerarios d'aquillo que ainda não se estudou.

São assim na maior parte os orgulhosos sabichões.

Para refutarmos, basta que lembremos á S. Ex.^a que os mil e tantos loucos a cargo do Hospicio são todos catholicos apostolicos romanos, e que, nos mil e tantos presos da Detenção e da Casa de Correção, não se conta um só spirita.

E' que S. Ex.^a está mais cego dos olhos da alma que dos olhos do corpo.

E' que S. Ex.^a está fanatizado, não estuda e nem faz uzo da razão que Deus lhe deu.

Oremos por elle. — URIAS.

Rio, 21-9-99.

A Caridade

Estamos em divida com este sympathico collega, que recentemente começou a ser publicado na cidade de Castro, estado do Paraná, como órgão do Centro Spirita Allan Kardec, e de cujo primeiro numero, com que fomos gentilmente distinguidos, sómente agora podemos nos occupar. A exiguidade de espaço não nos permite fazel-o detidamente como era nosso desejo. Para, todavia, não retardar mais esta referencia, nós apressamos a transmitti-la aos leitores, ao mesmo tempo que, n'estas linhas, enviamos fraternas saudações aos nossos operosos confrades d'aquella cidade, pela auspiciosa fundação de tão bem feito periodico, ao qual acompanham os nossos mais cordiaes votos por uma longa e prospera existencia.

BIBLIOGRAPHIA

L'ÂME EST IMMORTELLE — *Démonstration expérimentale*, por GABRIEL DELANNE, 1 vol. de 470 pags. — Paris, editor Chamuel, 1899.

Entre a brilhante phalange dos modernos escriptores que, na gloriosa França, sustentam galhardamente o combate pelo novo espiritalismo, cujo triumpho proximo e definitivo augmenta todos os dias em probabilidades, pela adhesão incessante de novos adeptos, dois nomes, sobretudo, avultam e se impõem á admiração dos contemporaneos, pela tenacidade e pelo brilho com que se dedicam á sacrosanta causa.

Léon Denis e Gabriel Delanne, os fecundos publicistas, cuja intellectualidade não se esgota nem cança na produção de livros de valor, que successivamente vão lançando a publico, n'uma actividade laboriosa que os recommenda á gratidão de quantos se interessam pelo estudo e pela divulgação da doutrina spirita, ainda tão mal comprehendida, são esses denodados paladinos a que fazemos referencia, cada um dos quaes accusando, com uma feição individual caracteristica, as suas tendencias, as suas predilecções, que se reflectem nas suas obras, vasadas sempre em moldes dignos da grandeza da tarefa que se impuzeram.

Ainda no anno passado, tínhamos enseo de aqui mesmo nos referir a *L'évolution animique*, esse magnifico repositório de factos e de dados scientificos tendentes a provar a existencia da alma e a sua evolução em vidas successivas, com que o segundo d'esses escriptores vinha de illustrar a litteratura spirita, e já, poucos mezes decorridos, a sua fecundidade nos põe sob os olhos este excellent volume, *L'âme est immortelle*, no qual vamos encontrar um acervo de factos e de poderosos argumentos destinados a comprovar, em linha geral, a immortalidade da alma, surprehendendo-a em suas multiplas manifestações extra-corporeas, como extra-terrestres, e particularmente a esclarecer e tornar mais comprehensíveis certos pontos da nossa doutrina, ainda pouco elucidados.

Entre estes, um detalhado estudo do perispirito, quanto á sua natureza e ás suas propriedades, occupa um largo

trecho dessa obra, preocupação que não é nova no Sr. Gabriel Delanne, pois que em outros trabalhos seus, tanto como na sua magnífica *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, tem elle revelado uma consagração especial a esse objecto, sem duvida um dos mais importantes a estudar e bem definir na ordem das novas investigações, pois que elle representa a chave de uma multidão de problemas e encerra a explicação de innumerosos phenomenos que, sem esse estudo e sem essa definição, ficariam por muito tempo na obscuridade.

Bem inspirado, pois, tem andado o nosso eminente confrade em dedicar a esse assumpto o melhor de suas forças intellectuaes, porque d'esse modo presta á doutrina maior serviço — sobretudo pelo rigor scientifico que observa nas suas indagações — do que quantas inúteis declamações andem por ali a se propôr abalar a incredulidade dos systemáticos, nomeadamente dos scientificistas, aos quaes é necessario falar uma linguagem que por elles não possa ser increpada de cair abaixo de suas exclusivas cogitações.

Porque, força é confessar que os dois mais formidaveis inimigos que diante da nova revelação se erguem para embarçar-lhe o passo, são, de um lado o romanismo, com toda a sua bagagem de dogmas, de superstições e de interesses seculares que pretendem continuar a se impôr a todo o custo, e do outro o scientificismo com toda a sua pretenciosidade de que nada na natureza lhe é desconhecido, o que motiva o seu desdém por e-a nova sciencia, que se impõe a todos os espiritos imparciaes, graças aos seus processos de racionalismo e de positividade, pondo em evidencia phenomenos até agora pouco observados e forças mysteriosas e desconhecidas que só uma obstinação cega pode determinar essa recusa em constatar, para os comprehender e explicar.

Para combater o primeiro d'esses adversarios, faz-se mister procurar nos ensinios philosophicos da nova revelação todas as bellezas moraes dos ensinios do Christo, que n'elles se contém; e tem sido essa a missão que se ha brillantemente imposto aquelle grande apostolo que se chama Léon Denis, o qual nem por isso tem descurado de assentar a sua luminosa argumentação sobre os dados scientificos que offerece o spiritismo. Para responder victoriosamente ás negativas systemáticas do segundo, força é recorrer aos seus proprios argumentos de analyse e de experimentação; e essa tem sido a tarefa á que, não menos brillantemente, se tem consagrado esse outro notavel paladino da generosa cruzada — Gabriel Delanne, o qual, por sua vez, não deixa de, por sobre a sua argumentação precisa, logica, scientifica, fazer sobresahirem as consequências moraes que decorrem de taes ensinios, — de tal sorte esses dois característicos, moral e scientifico, se acham associados á propria natureza da nova revelação, que alguns transviados tão cedo pretendem, infelizmente, desnaturar, affeiçãoando-a ás suas vistas exclusivas, n'um ou n'outro sentido.

Deploramos profundamente que a falta de espaço de que, sobretudo ultimamente, dispomos n'estas columnas, para acudir a todas as necessidades da propaganda, nos impeça de produzir um detalhado estudo d'essa obra de Gabriel Delanne, que nunca será demasiado recomendar á attenção dos estudiosos. Limitar-nos-hemos, por isso, a consignar aqui que, como valiosissimo subsidio para a comprehensão da nossa doutrina, especialmente quanto a alguns pontos essenciaes cuja analyse demanda longa meditação e aprofundado estudo, a todo spirita que verdadeiramente comprehende que a sua missão não se pode limitar ás evocações de espiritos ou ao estudo superficial d'esse incalculavel thesouro que se chamam as obras fundamentais do Mestre, essa leitura se impõe como uma necessidade imperiosa.

Só assim, compulsando as obras dos grandes autores e procurando pôr-se ao facto do movimento scientifico universal, com o qual é necessario procurar a concordância dos novos ensinios; só illuminando a nossa intelligencia com os conhecimentos necessarios para que possamos resolver muitos dos problemas que o moderno espiritalismo offerece, é que poderemos, em um caso, dispôr de uma argumentação de valor para rebater as investidas que todos os dias soffremos, os religionarios da nova psychologia, dos refractarios aos seus ensinios, que é nosso dever apresentar-lhes como alguma coisa de claro, preciso e integral quanto aos problemas da vida e da morte; e, no outro caso, nos prepararemos dignamente para essa vida espirital, cujas condições nos serão tanto mais propicias quanto melhor as conhecermos e nos tivermos aparelhado para dignamente gozar as suas esplendidas realidades.

Porque, se é verdade — como sinceramente o proclamamos — que a maior belleza da nova revelação reside na sua moral, que é a do Christo, comprehendida e interpretada em espirito e verdade, em cujos divinos ensinamentos vamos haurir o conforto e as doçuras da consolação, para melhor supportarmos as nossas rudes provações, não é menos verdade que, se effectuando o progresso do espirito, não n'essa linha unica, mas no duplo ponto de vista moral e intellectual, é nosso dever, cuidando primordialmente d'aquelle progresso, não descurarmos por isso de aparelhar a nossa intelligencia dos conhecimentos que, ao mesmo passo que nol-a desenvolvem, nos preparam para melhor comprehendermos as condições d'essa outra vida e as suas relações com a actual, de que, mais cedo ou mais tarde, seremos libertados.

E para esse desideratum o livro de Gabriel Delanne offerece elementos, não completos, pois que demasiado vasto é o dominio da nossa doutrina, mas subsidiarios em larga escala, o sufficiente pelo menos, como o dissemos já, para a comprehensão de muitas questões que se integram no corpo doutrinario da nova revelação.

Esse livro — diz um aviso lançado no começo — devia logicamente ter apparecido antes de *L'évolution animique*, de que a sua leitura convencerá ser effectivamente o precursor, pelos dados que contém e que se reportam a questões que aquelle vein desenvolver e completar. Tendo, porem, sido isso impossivel, «por considerações de livraria», como diz o autor, resta apenas, para melhor apprehender, não tanto no conjunto, como em sua natural sequencia, os assumptos n'elles discutidos, que o leitor, para tal fim, os colloque na devida ordem.

Julgamos ter dito o sufficiente para despertar nos leitores do *Reformador* o desejo de consultar a recente obra de Gabriel Delanne, para os quaes não é elle, aliás, um desconhecido, graças pelo menos ás publicações, que nas nossas columnas temos feito, das suas produções, como, por exemplo, d' *O spiritismo ante a sciencia* e, ainda não ha muito, do seu excellente trabalho apresentado ao Congresso Espiritualista de Londres, nos quaes elle afirma o poder de uma logica opulenta, só comparavel á do nosso mestre Allan Kardec; mas não terminaremos esta rapida noticia sem transcrever, ao menos, um trecho do seu livro, como um brillante remate a estas pobres linhas, ao mesmo tempo que como uma homenagem devida ao incançavel escriptor. Bastam, para isso, os seguintes conceitos que fecham eloquentemente as suas conclusões finais:

«Quem não descobre as relações estreitas que existem entre a suggestão mental á distancia e a telegraphia sem fios? Como não comprehender que a vista sem o concurso dos olhos já não é incomprehensivel depois da descoberta dos raios X, e quem não apprehende as estreitas analogias que apresenta o corpo perispiritual com a materia ultra-radiante?

Ainda não ha n'isso, indubitavelmente, mais do que aproximações, mas o caminho está inteiramente traçado, e a sciencia de amanhã n'ello ha de necessariamente penetrar, seguindo o exemplo dos Crookes, dos Wallace, dos Lodge, dos Barret, dos de Rochas, que ergueram o véo da grande Isis.

«Então se revelará, em toda a sua grandeza, essa lei evolutiva que nos arrasta para destinos cada vez mais elevados. Da mesma sorte que o planeta se elevou lentamente da materia bruta á vida organica, para chegar por fim á intelligencia humana, assim tambem comprehenderemos que a nossa passagem por este mundo não é mais do que um degrau da ascensão eterna. Sabemos que somos chamados a nos desenvolver sempre, e que o nosso planeta não representa mais do que uma estancia na senda interminavel. O infinito e a eternidade são o nosso dominio. Com a mesma segurança de que é impossivel destruir um atomo, assim uma alma não se poderia certamente anniquilar. So-nheemos em profusão, por todas as intelligencias, estas consoladoras verdades que nos descerram os horizontes maravilhosos do futuro; mostremos que existe, para todos os seres, uma igualdade absoluta de origem e de destino, e então veremos se operar essa evolução moral e espirital que deve fazer surgir a era augusta da regeneração humana, pela pratica da verdadeira fraternidade».

LAERCIO.

J. B. ROUSTAING OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apostolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve:

as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS, (aos olhos dos homens).

(Continuação).

«A genealogia de Jesus remonta a Adão, por figura, como a criação do corpo formado do limo remonta a Deus.»

«Mas, ENTÃO, um desmentido tão absoluto, dado á letra do Genesis, teria revoltado as massas, inquietado os fracos e retardado a marcha da obra da regeneração.»

«Qual é, por essa genealogia humana, (segundo Matheus como segundo Lucas), a descendencia d'ada a Jesus?»

«Filho de David, por José que é, aos olhos dos homens, seu pae, e que, elle proprio, é apresentado como descendente de David.»

«Foi no intuito de ligar o «nascimento» de Jesus a David, que a genealogia (segundo Matheus e segundo Lucas) foi estabelecida; ella é o fructo de indagações feitas com esse fim; mas decorrerá a noite dos tempos, e muitos dos nomes que se ignoravam e que se suppunham dever existir, foram substituidos; pouco importam, todavia, os nomes: as relações genealogicas existem pela filiação das familias.»

«Não vos detenhais com as diferenças que existem entre as duas genealogias (segundo Matheus e segundo Lucas).»

«São puerilidades: a raiz era a mesma; desviados entre os filhos de dois irmãos, confundidos depois, os nomes pertenceram algumas vezes aos mesmos indivi-

duos. Não vos acontece usar os diferentes nomes, em consequencia de addições feitas, ou mesmo, de mudanças devidas á vaidade humana? E, nos seculos futuros, aquelles que pesquisarem os vossos actos, não poderão tomar ora um, ora outro? E, no entanto, será o mesmo individuo. Quanto aos nomes, um seguiu um ramo, outro, outro; mas eram do mesmo tronco.»

«Nada é irreprehensivel nas obras humanas; o essencial era, aos olhos dos hebreus, a origem; e as duas genealogias estão de accordo para fazerem descender José de David.»

«Quanto á Maria, não vos admireis de que ella não figure na genealogia humana dada a Jesus: as filhas não eram contadas entre os israelitas, assim como não são contadas entre as vossas raças nobres para perpetuarem o nome; Maria era da tribo; é tudo quanto era necessario saber.»

«Não vos detenhais ante as controversias que se elevaram, existiram, desde os primeiros tempos do christianismo, se perpetuaram e existem ainda, em vossos dias, sobre as duas genealogias (segundo Matheus e Lucas) — quanto ás diferenças, omissões e contradicções que lhes são imputadas. — O homem não quer comprehender, já o dissemos, que, qualquer que seja o alvo *espirital* que se propoza atingir, deve-se *humanizar* os meios que se põem á sua disposição para o alcançar, e que, por consequente, os meios se tornam imperfeitos. E' a estas controversias, sobre a genealogia humana dada a Jesus, que já tinham surgido no seu tempo, que o apostolo Paulo faz allusão. (Ep. 1ª a Timotheo, v. 4-5.)»

V. 4 e 5. «Eu vos rogo que vos não entretenhais com fabulas e com genealogias sem fim, que servem mais para excitar disputas do que para fundar, pela fé, o edificio de Deus; ora o fim de todos os mandamentos é a caridade que NASCE de um coração puro, de uma consciencia recta e de uma fé sincera.»

«Não vos detenhais com os detalhes pueris de uma genealogia humana que não teve a sua razão de ser, como obra transitoria, senão no ponto de vista dos hebreus e de suas tradições para preparar o cumprimento da missão terrestre de Jesus, — genealogia humana que os evangelistas tiveram, como narradores, e cada um segundo o seu plano, que rememorar; esses detalhes pueris far-vos-hiam perder um tempo precioso; deixai os «sabios» da vossa epoca alliciarem todas as suas forças para erguerem e deslocarem alguns pequenos seixos postos diante d'elles, e não esqueçais que tendes que transportar uma montanha para dar logar ao caminho direito e plano que deveis traçar.»

«Acabamos de vos dizer que essa genealogia humana não teve sua razão de ser senão no ponto de vista dos hebreus e de suas tradições, para preparar o cumprimento da missão terrestre de Jesus. Recordai-vos, em vista das palavras do anjo á Maria (Lucas I, v. 32), das palavras do cantico de Zacharias (Lucas I, v. 68-69-70), do que Jesus disse aos phariseus: «Que pensais do Christo? De quem é elle filho? De David, responderam. E como então, lhes disse Jesus, David, inspirado pelo Espirito Santo, o chama, nos psalms, seu Senhor, por estas palavras: O Senhor disse ao meu Senhor: sentai-vos á minha direita, até que eu reduza os vossos inimigos a vos servirem de escabello; se, pois, David o chama seu Senhor como é elle seu filho?» (Matheus 22, v. 41-43. Lucas 20, v. 41-44.)»

«Jesus não preparou assim, durante a sua missão terrestre, os homens para reconhecerem que essa genealogia humana lhe é estranha, inapplicavel, para receberem mais tarde, nos tempos designados por Deus, a revelação de sua origem e de sua natureza FORA de vossa humanidade?»

(Continúa)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 0\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD —Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Outubro 15

N. 399

O problema da evolução

VII

Eis-nos chegado ao ponto culminante do nosso estudo. E do que atrás deixámos, dos dados que procurámos reunir, parece resultar, senão a certeza, pelo menos a mais fundada probabilidade de que o espirito humano, no seu inicio, germen espiritual, como propriamente foi denominado, possuindo todas as aptidões latentes, teve que se associar necessariamente ás formas mais grosseiras da materia, em manifestações primordias de vitalidade, indeterminada e inconsciente, para d'ahi subir lentamente, especie a especie, reino a reino, até franquear o ultimo estadio da animalidade e attingir, na phrase da revelação roustainiana, a condição de poder ser «humanizado.»

Vimos que a reciproca, ou melhor, a inversão evolutiva, isto é, a descida lenta do espirito culpado, do seu estado de consciencia e liberdade, aos mais baixos estadios da criação, se não é de toda falsa, tem pelo menos contra si fortes motivos de contestação, diante das leis eternas da justiça divina, da qual decorrem a responsabilidade e a punição dos seres culpados, a menos que se queira reconhecer nos mais embrutecidos animaes uma liberdade de acção e uma estranha consciencia de obstinação no mal, o que é contrario a toda observação e, mais do que isso, aos proprios ensinos da nova revelação.

O problema do soffrimento nos animaes, para encontrar uma solução ao qual, foi, a nosso ver, que espiritos reflectidos se lançaram, bem pouco sabiamente, nos dominios de semelhante hypothese, julgamos ter ficado, pelo menos, ligeiramente esboçado no nosso ultimo escripto, quanto á sua significação e ao seu alcance. Pretendemos demonstrar que nem sempre se deve enxergar no soffrimento, como regra absoluta, uma punição. E se as manifestações da vida nas series inferiores nos offerecem, por vezes essa apparente anomalia, para bem comprehender o facto, devemos antes de tudo sondar a extensão com que taes soffrimentos se attestam nas referidas series, porque, alem do mais, uma razão de ordem propriamente physiologica — a da ausencia de um aparelho sensorial sufficientemente desenvolvido — nos deve induzir a crer que, naquellas especies, o soffrimento se traduz sempre por um minimo de intensidade em relação a uma causa a que, no homem, corresponderia uma intensidade maxima. E' assim que, por exemplo, um desastre, uma subita deformação physica, podem provocar, e

em geral provocam, no homem as mais cruciantes dores, que se traduzem por gemidos ou gritos dolorosos e prolongados, ao passo que, nos animaes, uma causa identica não lhes provoca taes manifestações senão de modo pouco duradouro, sobrevivendo logo uma especie de passividade indifferente.

O que, por conseguinte, reputamos os soffrimentos nos animaes deve ser, a nosso ver, encarado atravez d'esse prisma de relatividade, de modo que o que porventura de penoso existe para elles, nas vicissitudes a que estão sujeitos, representa um estímulo salutar, um incitamento, pouco doloroso em essencia, que os obriga a desenvolver as suas faculdades, a progredir, a, n'uma palavra, evoluir constantemente.

Com o que sobre isso temos dito — seja-nos licito repetir ainda — reputamos, não definida a questão, mas pelo menos esboçada na sua solução que, todavia, só o futuro se encarregará de nos trazer com segurança. Não insistiremos, pois, n'esse incidente e retomaremos o fio do nosso estudo, do ponto que indicámos no começo.

Chegado o espirito á condição de ser humanizado, tendo galgado, um por um, todos os degraus d'essa extensa escadaria que o trouxe dos limites extremos do mais grosseiro reino da natureza á culminancia em que se sente então, graças á consciencia de si mesmo, que n'elle se esboça e se começa a definir, o que se deve passar e qual será a trajetoria a realizar d'ahi por diante, para attingir essa outra culminancia, infinitamente superior, da plena espiritualidade nas regiões felizes?

Da sua passagem atravez da materia, a par do desenvolvimento preparatorio d'essas faculdades superiores que no seu fóro intimo vêm de desabrochar, trouxe elle todos os instinctos violentos e grosseiros, os appetites, a sensualidade, o egoismo brutal e implacavel, mas, em compensação, fez tambem o aprendizado d'esses sentimentos delicados e nobres que se revelam em tantos animaes, pela dedicação affectuosa, pela meiguice e humildade de que tantos d'elles nos dão constantes provas. Tudo isso, todas essas aptidões, antagonicas entre si, existiam latentes no germen espiritual, no principio animico que foi, e se acham agora inteiramente desenvolvidas, em face umas das outras, á espera de que a consciencia, que então desperta, se pronuncie por umas ou por outras d'essas tendencias, que o arrastam com igual força para objectivos oppostos, pondo em contribuição o seu livre arbitrio, decorrente da sua condição consciente, o que importa

dizer na plena responsabilidade da opção por que se definir.

Apto para o bem, em cujo aprendizado já poudes se ensaiar, acha-se igualmente o espirito aparelhado para pôr as suas faculdades ao serviço do mal, isto é, ao serviço das paixões egoisticas e grosseiras que n'elle palpitam e que são tambem a sua herança pacientemente accumulada na sua evolução anterior. D'esse mixto de aptidões, de tendencias, de sentimentos, bons e maus, se acha impregnado o perispírito, esse envoltorio permanente e indissolúvel que com elle emergiu da vontade creadora do Omnipotente, com elle evoluiu em todos os reinos, sob todas as formas, e se conservou um registro fiel de todas as suas aquisições, mesmo inconscientes, espelho vivo e animado da sua propria evolução.

Vimos anteriormente, compulsando Roustaing, que a idéa de um perispírito novo, de que na revelação se fala, não pode ser tomada no sentido da aquisição d'esse revestimento, completamente estranho ao passado do espirito, sem nenhuma ligação com o seu estado precedente, o que seria uma superfetação absurda, que não poderia estar nas vistas do revelador, mas deve se entender, ao contrario — como, de resto, já o assignalámos aqui — pelo estado, verdadeiramente novo, que o espirito affecta, graças á celosão das suas novas faculdades que sobre o perispírito directamente se reflectem.

Qual deve ser, pois, o estado d'esse perispírito, na phase da evolução do principio animico, á que nos reportamos? — Tendo recentemente percorrido estados grosseiros da materia, deve se achar saturado d'esses fluidos animalizados; a sua constituição deve se resentir da obscuridade espessa com que vem de estar em contacto, e as proprias paixões que estuam no intimo do espirito devem sobre elle reflectir a sua sombra, que só mais tarde um trabalho perseverante e diligente, no sentido da elevação moral, conseguirá dissipar, dando-lhe essa transparencia etherizada e luminosa que é o caracteristico dos espiritos puros.

Em taes condições, como se fará a evolução do espirito? Acha-se elle aparelhado para viver exclusivamente da vida espiritual, extreme da necessidade de vir se expungir, na materia, isto é, na incarnação material, das impurezas na materia adquiridas?

Sabemos o que a esse respeito se encontra na Revelação da Revelação, mas, antes de aqui reproduzir os seus ensinos, seja-nos licito encarar essa questão sob um aspecto differente. Para isso nos socorreremos de alguns estudos sabiamente

em dados scientificos fornecidos pelos mais eminentes proceres d'esse departamento das cogitações humanas, têm a vantagem de consultar os mais exigentes reclamos do livre racionalismo, — qualidade que, para ser uma aspiração de todo spirita que se não queira voluntariamente enfeudar a um fanatismo pernicioso ás affirmativas do novo espiritualismo, basta ter em seu favor o eloquente exemplo do nosso mestre Allan Kardec.

Trata-se de saber se o perispírito que envolve o ser espiritual, quintessencia do fluido cosmico universal, é alguma coisa de estranho ás leis que regem os mundos e lhes circumscrevem as orbitas dentro das quaes se movem e progridem, ou se, ao contrario, se acha submettido a essas mesmas leis, immutaveis e eternas como o proprio Creador. Posto que constituido de materia imponderavel, isto é, d'esse fluido cuja densidade, extremamente rarefeita, não permite aos mais aperfeiçoados aparelhos humanos apreciar o seu peso, ou verificar, no ponto de vista da gravidade, a somma de attracção sobre elle exercida pela terra, o perispírito não pode, todavia, ser reputado completamente fóra d'essa attracção, por isso que, identificado com os elementos constitutivos da atmosphaera do nosso planeta, a ella se acha escravizado, devendo affectar uma gravidade relativa, por muito pouco que os nossos sentidos possam apprehender uma ponderabilidade que, se pudesse ser submettida á verificação de uma balança, mesmo a mais delicada, se accusaria por uma representação arithmetica incalculaveis vezes menor do que zero. Todavia, o peso, se pode ser considerado uma propriedade especifica dos corpos, não é mais do que uma propriedade secundaria que, segundo Gabriel Delanne, não se acha intimamente ligada á substancia. Comprehende-se, pois, que essa propriedade seja menos a resultante da propria constituição da materia do que das condições ambientes a que está submettida.

Vejamos o que acerca da ponderabilidade d'esta e de um certo peso relativo que se deve attribuir ao perispírito (e quem diz perispírito diz espirito, indissolúvelmente associados que se acham) adianta Gabriel Delanne.

Depois de se referir ás experimentações e ás affirmações dos sabios que, como Crookes, se têm empenhado em sondar os estados superiores da materia, até então desconhecidos, e de haver citado a opinião d'esse notavel pesquisador que, em um discurso sobre a genese dos elementos, levantou a questão de saber se não existem elementos de peso atomico menor de zero, chegando mesmo a declarar que «uma substancia de um peso ne-

gativo não é impossível de conceber», eis aqui como, na sua obra magistral *L'âme est immortelle*, se pronuncia aquelle nosso eminente confrade:

«Sabemos, evidentemente, que os movimentos da matéria conhecidos sob os nomes de luz, calor, electricidade, etc., não exercem absolutamente a menor acção sobre a balança, mesmo a mais sensível; mas não haverá, apesar de tudo, uma atracção para reter essas formas da matéria em torno da terra, de modo a lhe constituir um involucreo fluido permanente? — Pensamos que, na realidade, assim é, e vamos expender a razão em que nos firmamos para emitir esta hypothese.

Se examinamos o nosso systema solar, nos ensina a astronomia que, primitivamente, o sol e todos os planetas formavam uma immensa nebulosa de matéria diffusa, tal como d'isso ainda vemos exemplos no espaço. Antes de se haver operado a condensação d'essa matéria em focos distinctos, qual poderia ser a sua densidade? Consultemos Camillo Flammarion, e elle nos vai responder com precisão (*Le monde avant la création de l'homme; la genèse des mondes*, pag. 10): «Supponhamos, diz o grande escriptor, toda a matéria do sol, dos planetas e de seus satélites, uniformemente repartida no espaço esphérico abrangido pela orbita de Neptuno; d'ali resultaria uma nebulosa gazosa, homogenea, cuja densidade é facil de calcular.

«Como a esphera d'agua de um raio semelhante teria um volume igual a mais de 300 quadrillhões de vezes o volume terrestre, a densidade procurada não passaria de meio trilhonesimo da densidade da agua. A nebulosa solar seria 400 milhões de vezes menos densa do que o hydrogeneo á pressão ordinaria, o qual é, como se sabe, o mais leve de todos os gazes conhecidos. (Elle pesa 14 vezes menos do que o ar: dez litros de ar pesam 13 grammas, ao passo que dez litros de hydrogeneo não pesam uma gramma).»

Vê-se, pois, que essa matéria nebulosa attinge tal grau de rarefacção, que a imaginação não pode conceber; e todavia, a matéria n'esse ultimo estado ainda pesa. Esse ponto se acha bem estabelecido pelo estudo dos cometas, que são agglomerações nebulosas de uma densidade extraordinariamente fraca, e que, entretanto, obedecem ás leis da atracção. Isso nos mostra que os fluidos que formam a nossa atmosfera terrestre têm uma densidade, tão fraca como se quizer, mas sufficiente para os reter na nossa esphera de atracção. D'ali resulta ainda este ponto importante: é que a alma, revestida do seu corpo fluido, não se pode escapar no infinito, quando a morte a liberta das suas peias carnaes. Não é senão depois que a sua evolução terrestre se acha concluida, isto é, quando o perispirito está sufficientemente desprendido dos fluidos grosseiros que o faziam pesado, que o espirito pode gravitar para outras regiões e abandonar finalmente o seu berço, como o passaro, desdobrando as azas, se escapa para fóra do ninho em que vive a luz.»

Este conceito do notavel psychologo francez é uma resultante logica das mais rigorosas deducções scientificas. E se «é preciso, na sua propria phrase, que seja completo o accordo entre o mundo espirital e a sciencia, para operar a transformação d'esta humanidade insubmissa e que cada dia mais se afunda na negação de toda espiritalidade», parece que é nosso dever procurar a conformidade d'esses dados rigorosos da sciencia, que se impõem na evidencia da sua demonstração, com os ensinamentos do novo espiritalismo.

Para não alongar ainda mais o presente, com que já occupámos demasiado espaço, d'isso faremos o objecto do seguinte escripto.

LEOPOLDO CIRNE.

MEDIUNS CURADORES

1

O Dr. Eduardo Silva

Na opulencia de uma linguagem superiormente cinzelada, que constitue o prestigio da sua oratoria arrebatadora, um dos primeiros talentos medicos do Brazil teve occasião, em uma festa de doutoramento realizada ha alguns mezes na nossa capital, de enunciar o seguinte conceito, que ao mesmo tempo encerra, como n'uma synthese fulminadora, a condenação formal dos expedientes capciosos adoptados pelo scientificismo official para se subtrahir ao reconhecimento de uma verdade que, mais cedo ou mais tarde, se ha de impôr em sua incontrastavel evidencia, e a sancção da necessidade que ha para todos os espiritos emancipados, de se apossarem das modernas constatações de uma phenomenologia até ha pouco desconhecida, ou raro observada, para as fazerem descer dos dominios de empirismo á plena luz da systematização scientifica:

«Com effigito, senhores, o desenvolvimento das sciencias não conta maior estorvo, que esse que lhe contrapõe o espirito rotineiro. Elle é a incarnação da inercia, a glorificação do marasmo, a apologia das aspirações retrogradadas, o symbolo da opposição á lucta cerebral na concurrencia moderna; das conquistas espirituaes só percebe os abalos e só proclama os perigos; nutre-se dos erros que sobrevivem ao fracasso das doutrinas e forceja por inseril-os nas que vierem depois; disfarça com a pompa das formulas a penuria do cabedal; enfeita com os recuos academicos a incapacidade, não confessada, mas descoberta e evidente, e, estribado nos seus bráidos charões, apregôa n'elles a mais especifica therapeutica para as horas crucis dos tempos agitados, preconizando por toda parte essa panacea que traz consigo para reformar o mundo.»

Pois bem. Foi, sem contestação, em nome d'esse espirito de rotina, alarmada na estatica dos seus processos de afirmação dogmatica, que a classe medica d'esta capital, exceptuados raros insubmissos áquelle despotismo, diante dos successos, rapidamente vulgarizados, produzidos pelo celebre medium curador Dr. Eduardo Silva, na Tijuca, evitando cautelosamente o repto, que não carecia de lhe ser formalmente lançado, decorrente, como era por natureza, dos proprios casos de curas assombrosamente realizadas, influu, directa ou indirectamente, para que na repartição central da policia se iniciasse um inquerito que servisse de base ao processo criminal d'aquelle medium, cuja obra se pretende abafar por tão summario modo.

Acreditam os representantes da medicina official, acredita a directoria de hygiene e saude publica, por cujo intermedio foi encaminhada a denuncia ao chefe de policia, que, assim procedendo, se collocam á altura da sua missão e cumprem os deveres do sacerdocio que se impuzeram e cujo supremo objectivo é mitigar todas as dores da humanidade, sem exclusão de nenhum processo, cumprindo-lhe apenas por aquelles que porventura lhe sejam desconhecidos, de accordo com as exigências da sciencia, — não de uma sciencia que se obstina em circumscrever a sua acção a um territorio acanhadissimo, mas d'essa outra sciencia, livre de preconceitos, que deve ter por dominio o infinito?

De duas uma: ou o Dr. Eduardo Silva, engenheiro de profissão, completamente ignorante da arte de curar, produz ou não produz as curas que lhe são attribuidas que se contam por milhares, tanto n'esta capital, ha cerca de 3 mezes, como em S. Paulo, onde ha um anno fazia iguaes prodigios. Se elle não cura, se os seus successos devem ser levados á conta de superstições dos doentes que o procuram e que se illudem, suppondo-se restabelecidos, na ingenuidade da sua fé irracionalizada; — e n'este caso, facilissimo seria destruir esse embuste com que um tal pantomimeiro maravilha todo um povo, e esse era o dever dos apostolos da sciencia, em nome da verdade e do bom senso; ou cura, e em tal caso ainda, por se tratar de factos que pertencem ao seu proprio departamento, era dever da classe medica observar os phenomenos, constata-los, investigar as suas causas e d'ellas se apossar, enriquecendo por esse modo o patrimonio d'essa sciencia que a sua criminosa incuria reduz nos seus meios de acção, attentando contra a sua integridade, por limitar os seus dominios.

Porque não cumpriu a medicina o seu dever? Porventura na consciencia dos seus sacerdotes não terá surgido esta interrogativa, esta duvida inquietadora: — e se fosse verdade? !...

Sim, porque a explicação *à priori*, que um ou outro medico pretende encontrar para os phenomenos em questão, da obtenção de tantas curas por mero acto suggestivo, não satisfaz, pelo menos, quanto a um certo numero de enfermidades, como os abcessos, as ulceras, os edemas, a elephantiasis, a hernia, etc., para curar as quaes nem mesmo os especialistas em hypnotismo tentam ensaiar esse tratamento, por não ser possivel, a seu ver, a obtenção de resultados por tal meio.

Dirão que taes curas, por simples imposição das mãos, não são possiveis? — Não se trata, porém, de saber se são possiveis, mas se são verdadeiras. E só o poderão afirmar ou contestar os que tiverem observado. De negações *à priori*, em nome da rotina e do preconceito, está farta a humanidade e estão peçados os annos da sciencia official. De resto, o que é impossivel? No estado rudimentar em que ainda se encontra a sciencia humana, por mais que os seus orgulhosos sacerdotes apregôem uma opulencia que mal encobre a penuria das suas conquistas, tem ella porventura o direito de recusar a possibilidade, mesmo do que mais pareça exorbitar do circulo das suas cogitações? E se a sciencia occidental — seja-nos licita a distincção — tivesse até hoje feito caminho errado?

Ha alguns mezes, tinhamos ensejo de ler em uma revista franceza, se nos não enganamos na *L'Illustration*, uma curiosa narrativa de um cientista allemão, o Dr. Heinrich Henvoldt, que, em viagem pelo Hindostão, ficara maravilhado diante dos prodigios operados pelos fakires, prodigios que apparentemente attentavam contra todas as leis naturaes conhecidas, mas que não deviam ser senão o resultado da utilização e applicação d'essas leis cujo segredo os occidentaes ainda ignoram, e terminava a sua narrativa formulando, com assombro, exactamente a interrogação que acima inserimos, e acrescentando «se o europeu não corre, ha muitos seculos, atraz de uma enganadora chimera.»

Não podem, pois, os nossos medicos natrir a pretensão de infallibilidade nos seus conceitos, tanto mais que o impossivel, proclamado por essa infallibilidade em que elles serão os primeiros a não crer, não é mais que o ignoto. Ora, o ignoto de hoje virá a ser a verdade scientifica de amanhã. E se a sciencia medica não significa, na phrase do mesmo eminente professor, a que nos referimos no começo, «essa industria que exerce a sua mercancia e bate a sua moeda sobre os males que acabrunham o genero humano», muito mal andaram os proceres da medicina brasileira oppondo a conspiração do silencio aos factos que se succediam e continuavam a succeder na Tijuca, e se obstinando em recusar a sua palavra, com o prestigio da sua responsabilidade scientifica, a toda a população d'esta capital, justamente empenhada em conhecer o meio por que opera tão extraordinarias curas o celebre medium Dr. Eduardo Silva.

Fallindo á sua missão, recusando-se a entregar á humanidade e incorporar ao dominio da sciencia experimental um processo curativo que, quer queiram quer não, ali está evidente a alliviar os enfermos desenganados da pharmacopéa official, a assombrar a consciencia dos timoratos e a desafiar a intervenção, que não pode tardar, dos espiritos independentes, que o hão de explicar, a medicina, pelos seus representantes, se expõe a que lhe seja tomada a dianteira pelos que não têm motivos para se submeter á dictadura da rotina, nem ás suggestões do interesse, e mais uma vez verá periclitar a sua providencia, como no caso do magnetismo que, por tantos annos, foi encerrado no lazareto da negativa systematica, para afinal ter livre pratica pela porta escusa de uma superfetação designativa.

Alguma coisa, é certo, foi tentada no dominio da interpretação de taes factos, e nas columnas d'*O Paiz* um declamador, que os não observou como devia, se propoz enfeudar á hypothese suggestiva a sua explicação, por lhe parecer inadmissivel a intervenção da *velha theoria dos fluidos*, como se toda a sua sabedoria o autorizasse a afirmar como nova alguma coisa, como se de novo algo existisse nos nossos dias que não fosse a reprodução das velhas affirmativas da antiguidade, disfarçada sob outros nomes mais ou menos exdruxulos — única novidade que se lhes pode attribuir.

Pois bem. E' exactamente essa velha theoria dos fluidos, tão desdenhosamente tratada por quem mais cauteloso seria na sua pretenciosa impugnação, se conhecesse, pelo menos, as curiosissimas experiencias do professor de Rochas, director da escola polytechnica de Paris, acerca da exteriorização da sensibilidade e da morricidade, de que o erudito explicador revelou ter apenas um conhecimento de catalogo, é essa theoria dos fluidos, repetimos, a unica que pode offerecer uma explicação racional e scientifica dos phenomenos em questão, e isso é o que demonstraremos no subseqüente escripto.

Enão nos demoverá d'esse proposito, nem mesmo o receio de incorrer no desdem das proprias summidades scientificas, como o egregio professor, a que pela terceira vez nos referimos, o qual, fulminando com o vigor do seu talento, nas

pompas de uma eloquência magistral, o espirito de rotina, mal podia suspeitar que contra si proprio dardejara essa condemnação, quando, velas pandas ao sopro da sua opulenta imaginativa, singrando a sua oração o pleno mar da narrativa, se referia á «feiticaria do milagreto farçola da capital paulista», allusão pouco em harmonia com a nobreza de linguagem que lhe conhecemos, e da qual um futuro talvez bem proximo lhe trará amargo arrependimento.

Quanto pode o orgulho, e como, taenteante na noite da sua ignorancia em face da natureza sempre grandiosa e cheia de mysterios, suppõe a creatura que atraz d'essa ignorancia nada se occulta, porque tudo na natureza lhe é familiar!

NOTÍCIAS

Por conveniencia de paginação, transferimos o nosso folhetim para a quarta pagina, onde o encontrarão os leitores, tendo sido, alem d'isso, obrigados, ainda n'este numero, a retirar parte da materia composta, por absoluta falta de espaço.

Um dos embaraços que ainda dificultam a marcha da doutrina spirita e, até certo ponto, impedem a acceitação dos seus phenomenos por muitos espiritos, é incontestavelmente, no campo da experimentação pratica, o da verificação da identidade dos espiritos que se manifestam, sujeitos como estamos ás mystificações, aos embustes dos invisíveis habitantes do espaço, contra as quaes não valem mesmo muitas vezes as melhores disposições e a boa vontade de que nos armamos para semelhantes trabalhos. Em taes casos, somos sempre expostos, com o natural consenso dos nossos protectores, a uma prova de que nos cumpre triumphar.

Não seja, pois, a difficuldade em verificar a identidade de um espirito, estorvo apreciavel ao cumprimento austero do nosso dever; sirvam, ao contrario, os insuccessos, a que nos expomos na pratica spirita, de estímulo á nossa perseverança, sem a qual jamais chegaremos a effectivos resultados. Ao demais, essa verificação, ás vezes, é possível em taes condições, mesmo nos mais simples factos de manifestações, que não nos deixam a menor duvida acerca da evidencia do phenomeno e da authenticidade do seu produtor.

Veja-se, por exemplo, no seguinte caso, muito simples mas significativo, como resaltam, com um poder de evidenciação incontestavel, as circumstancias todas que contribuem para firmar a certeza da producção do phenomeno por um desincarnado, e como a acceitação do nome d'esse desincarnado se impõe, excluidas todas as hypotheses de embuste, que não houve, e da intervenção de um terceiro, que não poderia ter, mais do que o autor, interesse em transmitir a um amigo a noticia de que tratamos e que assim foi referida na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*:

«Estavamos á mesa, eu e o meu medium, refere o Sr. T. Dorian, reportando-se á data de 16 de fevereiro. Resoaram pancadas. Perguntámos o nome de quem batia.

— Henri de Lacretelle, nos foi respondido.

Fiquei muito emocionado. O Sr. de Lacretelle era um amigo querido e venerado e que, havia mais de dez annos, eu perdera de vista.

Immediatamente lhe perguntámos quando havia desincarnado,

— Esta noite, ás 10 horas, nos respondeu elle.

Eram 11 1/2 horas então, e elle nos disse ainda que o seu trespasso occorrera em Paris, ao passo que eu o suppunha em Macon.

No dia seguinte, pela manhã, abrindo os jornaes, encontrei noticiado o fallecimento do Sr. de Lacretelle, em seu domicilio, em Paris, precisamente á hora annunciada pelo seu espirito.»

Dir-se-ha que não ha ali propriamente uma prova da identidade do espirito, e assim será, effectivamente. Mas, por nossa vez, perguntariamos sobre que fundamento seria recusada essa identidade que, se não se accusa por nenhum cunho particular relativamente ao espirito manifestado, se acha, todavia, sufficientemente indicada nas proprias condições do phenomeno, muito simples, como o dissemos, mas expressivo.

Anniversario do Mestre

De conformidade com o aviso n'estas columnas inserto, realizou, na noite de 3 d'este mez, a Federação Spirita Brasileira a sessão commemorativa do 95.º anniversario da incarnação do nosso mestre Allan Kardec, tendo affluído ao seu salão, adornado com simplicidade, mas festivamente, um consideravel numero de spiritas que, no recolhimento do affecto, procuraram, acudindo ao nosso convite, associar-se áquella festa, entre todas, tão grata ao nosso coração.

Como o estado de saude do nosso querido chefe Dr. Bezerra de Menezes o tivesse então, como desde algum tempo, afastado do lugar que, com exclusivo direito, lhe cabe á testa da Federação, foi dirigida a solemnidade pelo seu immediato substituto na cadeira da presidencia, o qual occupou a attenção do auditorio durante cerca de uma hora, analysando em linhas geraes a missão do mestre e a oportunidade da revelação que elle foi, predestinado missionario, encarregado de corporificar em doutrina.

Pondo em evidencia a grandeza d'essa missão e os peregrinos dotes de coração e de espirito que o nosso querido mestre revelou em leval-a victoriosamente a termo, o orador concluiu dizendo que a nossa homenagem não ficaria completa, se, para honrar a memoria do extraordinario missionario, não lhe offerecessemos a unica dádiva compativel com a sua grandeza moral e com os sentimentos de caridade e de fraternidade de que elle dera tantas provas, e vinha a ser a moralização de um espirito cuja manifestação porventura se desse n'aquella occasião.

Effectivamente, e graças á presença do medium de incorporação Julio de Brito, deu-se a manifestação desejada de um infeliz soffredor, a cujo animo procurou o doutrinador levar as doçuras da esperança e da consolação que a nossa doutrina offerece a todos os afflictos.

A sessão terminou por uma tocante communicação dada pelo nosso Mestre, que assim nos veio trazer o seu testemunho de affectuosa benevolencia e de acolhimento á nossa homenagem singela, mas profundamente cordial.

FACTOS

O facto, que adiante referimos, nada encerra, em si mesmo, de extraordinario ou de maravilhoso, mas, ao contrario, deve ser incluído na categoria geral dos acontecimentos muitissimo communs aos que estão habituados a estas investigações da phenomenologia spirita; é dos que occorrem quasi diariamente e representam um longo acervo da nossa doutrina, desde a sua fundação até aos nossos dias. Mais de uma circumstancia, todavia, o torna digno d'este registro, entre outras

a posição social do seu protagonista e o caracter de imparcialidade d'este para a sua constatação.

Foi no dia 3 do mez vigente. A' uma mesa do *Café do Rio* achava-se, depois de meio dia, o Dr. Felix Bocayuva, advogado e jornalista, em companhia do festejado poeta Mucio Teixeira, quando d'elles se acercou um moço, desconhecido do primeiro, mas relacionado com o ultimo, generalizando-se entre os tres a palestra que aquelles vinham sustentando, havia alguns minutos.

Em meio da conversação, o recém-chegado, que era o conhecido medium Emilio Sayão e que, tendo ficado silencioso, fitava de um certo modo o Dr. Felix Bocayuva, perguntou-lhe, por assim dizer, inopinadamente:

— O Sr. ainda tem pae? — ao que o interpellado respondeu affirmativamente, dando essa pergunta ensejo a que Mucio Teixeira, que só então reparou em que os dois não se conheciam, os apresentasse um ao outro.

E depois de reencetada a palestra, por alguns minutos, voltou o medium Sayão, dirigindo-se novamente ao Dr. Felix:

— Quando eu lhe perguntei se o Sr. tinha pae, não o fez sem motivo. Eu via ao seu lado um homem, velho, magro, de fronte alta, começando a enalveecer, com barbas brancas de fios lisos...

E fez uma descripção completa, tão ao vivo, do sogro d'aquelle cavalheiro, recentemente fallecido, que o fez reconhecer-o immediatamente.

— Esse velho, acrescentou o medium, fitava-o com expressão affectuosa e de extrema doçura.

O Dr. Felix ficou fortemente surpreendido diante de tão inesperada revelação, subindo de ponto a sua surpresa, quando o medium lhe affirmou, em seguida, que se achava então ao seu lado uma senhora idosa, cuja physionomia descreveu, e uma creança loura, nas quaes o Dr. Felix reconheceu sua sogra e um filhinho seu, também já fallecidos.

O medium então o poz ao facto da sua mediunidade, descambando logo a conversação, como é natural, para o terreno do spiritismo, em que o Dr. Felix Bocayuva é um verdadeiro hospede, pois que só ultimamente começou a se interessar, e isso mesmo vagamente, pela nossa doutrina.

Depois d'esse incidente, tão estranho, a seu ver, dirigiu-se elle á redacção de *O País*, onde trabalha um dos nossos collegas, e ali lh'o referiu tal qual o acabamos de relatar, tendo obtido previamente o seu consentimento para esta divulgação.

Como dissemos em começo, esse facto nada offerece de notavel a nós outros habituados a registral-os quotidianamente, a não serem as condições de insuspeição do seu protagonista, que não é absolutamente um spirita, não sendo, contudo, um adversario da nossa doutrina, pela qual experimenta, ao contrario, essa curiosidade natural nos espiritos investigadores, á qual só podem ser refractarios os pretenciosos ignorantes que, na sua presumida sabedoria, imaginam que nenhuma das forças naturaes lhes é desconhecida.

O Dr. Felix é filho do senador Quintino Bocayuva — essa rara personificação de valor civico e de grandeza moral, por isso mesmo tão mal comprehendido, tanto por essa collectividade amorpha que, depois de 15 de novembro, assaltou todas as posições officiaes, constituindo, na sabida phrase popular, a legião do «avanço», como pelo proprio povo, indifferente e cego — e apenas por diletantismo compulso uma das obras spiritas divulgadas no nosso paiz, o *Depois da morte*, de Léon Denis, a isso se tendo limitado o que se poderia chamar a sua iniciação. E' provavel que agora, depois d'essa prova que tão providencialmente lhe foi dada, volte elle o seu espirito

to mais demoradamente para esse desconhecido que encerra tantos esplendores, e venha a consagrar á nossa doutrina as energias do seu talento vigoroso e esclarecido.

Taes são, pelo menos, os nossos votos mais cordiaes.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

V

2ª EXPERIENCIA

A 12 de maio de 1886, ás 11 horas do dia, tudo se passa em casa de Slade como na sessão precedente.

Duas ardosias Faber n. 7, que me pertenciam, marcadas com a minha assignatura, são postas por mim mesmo sobre a mesa, depois de deixar entre ambas um pedaço de lapis de pedra de 0,005 de comprimento. Slade, que n'ellas não havia ainda posto as mãos, colloca a extremidade dos dedos da mão direita sobre a lousa de cima, enquanto conservava a esquerda na mesa, onde estavam as minhas e as de uma outra pessoa. Tomámos posição como na experiencia precedente, n. 1. Apoiei o cotovello sobre as ardosias e, um momento depois, senti e ouvi distinctamente escrever no interior. Notei ter havido interrupção no rumor da escripta cada vez que eu retirava a mão do «circulo» ou cadeia fluidica, formada pelas mãos da pessoa que estava á direita e as de Slade. Depois de alguns minutos, tres ou quatro pancadinhas seccas soaram sob o meu cotovello. «Acabaram», disse Slade em inglez, tirando a mão de sobre as minhas ardosias. Abri-as e vi uma toda coberta de caracteres, justamente aquella que havia marcado. O pedaço de lapis que eu collocara sobre essa ardosia, do qual as partes quebradas nenhum signal tinham, appareceram com evidentes signaes de terem riscado na pedra.

— Que mão se terá servido desse lapis e escripto as tres phrases (inglez, francez e allemão) que ali vi?! Eu mesmo — eu mesmo, ninguém mais! — havia posto o lapis entre as minhas duas ardosias; nem um instante perdi de vista tanto as ardosias como as mãos de Slade, cuja mão esquerda estava sobre a minha esquerda, e a direita a trinta centímetros de meus olhos, apenas tocando com as pontas dos dedos as ardosias que eu prendia com o cotovello.

Nem uma phalange dos seus dedos se moveu; ouvi o rumor da escripta, que, estou certo, partia de entre as duas lousas; eu mesmo as abri; estou convicto de que não foram trocadas; ninguém, a não ser eu, n'ellas tocou, excepto Slade, com a ponta dos dedos, em contacto com a ardosia em que justamente nem uma letra se via.

Como então explicar?

Pesquizemos ainda; isto pouco me satisfaz...

Leiamos sempre o que dizem as ardosias:

«Spiritualism inculcates a morality the most pure and elevated, and a state of the affections towards God, in the highest degree holy and spiritual— W. Clark.»

(O espiritalismo ensina a moral mais pura e a mais elevada; é um estado de amor santo e espirital para Deus).

«Il n'est pas permis de concevoir le moindre doute— L. de Mond.»

(É inadmissivel a menor duvida.

«Ich dank Ihnen für Ihren lieben besuch. Ich muss jetzt gehen wir müssen scheiden— John Van Dyke.»

(Agradeço vossa amavel visita; agora devo partir; devemos nos separar).

3ª EXPERIENCIA

A 12 de maio de 1886, ás 8 1/2 horas da noite, entre outras manifestações, ditas espiritualistas, embaixo de uma lousa que me pertencia e que repousava sobre a mesa, tendo por cima meu braço, e na qual *Slade não tocou*, senti escrever (com a pontinha de lapis), e, terminada a operação, encontrei na sua face inferior, onde dois minutos antes nada havia ainda sido escripto, uma phrase em inglez cuja traducção é a seguinte: «Conservai isso como prova da nossa promessa; mais tarde, mais vos daremos.» — W. Clark.»

Logo ao terminar a sessão, Slade tomou uma das minhas ardozias, sobre uma das faces, em plena luz, deitou um pedaco de lapis e preparou-se para fazel-a correr sob a face inferior da mesa; sua mão, porém, foi como que arremessada para o meu lado, por uma força invisivel, e a ardozia, sem auxilio de outrem, veio collocar-se sobre a minha cabeça; senti e ouvi escrever; pouco depois li estas duas palavras «Good bye» (adeus). Notei que a phrase começava do lado opposto ao em que estava a mão de Slade e que a ponta de lapis parara exactamente sobre a ultima letra da palavra *bye*.

(Continúa).

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMIDADES SENSORIAS — MEDIUNS

VIDENTES E MEDIUNS AUDITIVOS

Allucinações

(Continuação)

No estado normal do organismo humano, as impressões produzidas pelos sentidos se accumulam no cerebro, graças á propriedade de localização das células cerebraes. Esses diversos conhecimentos se classificam segundo o genero de idéas

a que pertencem: são materiaes de que o espirito se serve quando necessita. A alma de um homem sadio tem uma acção preponderante e directora, que se exerce indistinctamente sobre todos os elementos submettidos ao seu imperio. Mas, se, em virtude de uma circumstancia qualquer, a harmonia entre a alma e o corpo se torna menos perfeita, a desordem se introduz na organização cerebral, e certas idéas, certas formas, certos odores, etc., adquirem uma tendencia para predominar sobre outras; em geral são as impressões que actuam mais fortemente sobre o individuo que o affectam, produzindo esses phenomenos da allucinação, que são, na maior parte dos casos, o prologo da loucura. Diferente coisa, porém, é um phenomeno spirita, que faz ver ao medium um objecto, uma pessoa real. O espirito que ali está pode ser minuciosamente descripto, e não é senão quando essa visão é reconhecida, por ser a descripção exacta de uma pessoa morta, desconhecida do medium, que admittimos que haja uma intervenção espiritual.

As verdadeiras apparições têm um caracter que a um observador experimentado, não permite confundil-as com um jogo da imaginação. Como podem ter lugar em pleno dia, deve-se desconfiar das que se julga ver á noite, com o recio de ser victima de uma illusão de optica. Dá-se a respeito das apparições o mesmo que a respeito dos outros phenomenos spiritas: o caracter intelligente é a prova da sua veracidade. Toda a apparição que não dá nenhum signal intelligente e que não é reconhecida, pode ser resolutamente collocada na classe das illusões. Como se vê, somos muito circumspectos na apreciação d'esses phenomenos, e queremos antes de tudo confirmar precisamente que os spiritas, longe de approvar as divagações dos cerebros doentes, são minuciosos observadores dos factos, e positivistas na plena accepção do termo.

Como fizemos notar, a mediumidade vidente pode-se exercer de dois modos: quer no estado de desprendimento, quer pelos órgãos do corpo. Para dar um exemplo de cada genero, vamos referir os dois factos seguintes que encontramos na *Revue Spirite* de 1861:

— Quer que eu morra, porque o seu amado vai morrer? Morra o Sr. por mim, que eu poderei bem viver sem elle.

— E parece que também sem mim!

— Não está em causa a sua perda, pois que o Sr. está com boa saúde.

— Mas, se eu estivesse no caso de Martim, ser-te-hia indifferente, visto que me mandas morrer por ti!

— Ora, papae, não apuremos isto; mas se quer, dir-lhe-hei que não serei eu a primeira filha que perde o pae.

— E se perdesse marido e pae, o que seria de ti?

— Acredite que não me ia atirar ao mar, da barca de Nitheroy.

— Tu não tens coração, minha filha.

— Tenho-o e bem grande, respondeu a moça deitando um terno olhar para Carlos Teixeira.

O commendador sabia amofinado; mas, como pae, continuou a desculpar a filha por não ir ver o marido.

Ao oitavo dia da molestia, Martim, cujo delirio era sempre com a mulher amada, a quem accusava de ingrata, dormiu somno physiologico, tendo cedido a febre.

— Felizmente está salvo, disse Julio para mim e para mãe Martha, e acrescentou: salvo para soffrer os tormentos do inferno; porque esta molestia foi causada por Elisa, e marca o inicio da sua via dolorosa.

— Tens razão, disse-lhe eu; porque Elisa, enquanto o pae a desculpa de não ter coragem de ver o marido neste estado, passava a rua do Ouvidor em companhia de Carlos Teixeira, segundo hoje mesmo m'o disseram.

— Quem salvará meu filho? exclamou mãe Martha, n'aquelle estado que lhe era peculiar. Quem o salvará de si mesmo? Oremos e confiemos.

A convalescença foi longa e, durante toda ella, Martim apenas trocava commoço algumas palavras, sem nunca perguntar pela mulher.

Esta, enfim, veio visital-o; mas tal foi a commoção que lhe produziu, que voltou-lhe a febre, de prostal-o ainda por tres dias.

A vista d'isso, Julio disse terminantemente ao commendador que seu genro seria victimado, se continuasse alli, e que, portanto, era indispensavel retiralo-o, até que tivesse forças para ir, n'outro clima, refazer-se.

« Um dos nossos collegas (diz Allan Kardec) nos contava ultimamente que um official seu amigo, estando na Africa, viu subitamente diante de si o quadro de um enterro. Era de um dos seus tios, que habitava na França, e que elle não via ha muito tempo. Elle via distinctamente toda a cerimonia, desde a partida da casa mortuaria á igreja, e o transporte ao cemiterio; *notou mesmo diversas particularidades de que não podia fazer idea*. Nesse momento estava despertado, mas em certo estado de prostração, de que não sahio senão quando tudo desapareceu. Impressionado por essa circumstancia, escreveu para a França, afim de obter noticias do seu tio, e soube que este, tendo morrido repentinamente, fora enterrado *no dia e á hora* em que a apparição teve lugar, e com as particularidades que elle vira.»

Está bem evidente aqui que foi a alma d'esse official que se desprendeu, porque, passando-se o facto exactamente na França, no dia e á hora em que o official o via na Africa, era preciso que sua alma irradiasse á distancia, para ver o que se passava ao longe.

Eis a segunda historia:

« Um medico do nosso conhecimento, M. Felix Malo, tinha tratado uma joven senhora; mas julgando que os ares de Paris lhe fossem nocivos, aconselhou-a a ir passar algum tempo na casa da sua familia, na provincia, o que ella fez. Seis mezes tinham passado sem elle ouvir falar mais d'ella, e já não pensava mesmo n'isso, quando uma noite, ás dez horas mais ou menos, estando no seu quarto de dormir, ouviu bater á porta do seu gabinete de consultas. Suppondo que vinham chamal-o para ver algum doente, mandou entrar, e ficou muito surprehendido, vendo diante de si a joven senhora em questão, pallida e com o costume que elle lhe conhecera, a qual lhe disse com muito sangue frio:

— Senhor Malo, eu venho lhe dizer que morri; e depois desapareceu.

O medico, tendo verificado que estava bem acordado e que ninguem tinha entrado, mandou tomar informações, e soube que essa joven senhora tinha fallecido na propria noite em que lhe apparecera».

— Para onde retiralo-o, doutor? Diga e disponha de minha bolsa, que eu nada pouparei para salvar este caro filho.

— Agradeço-lhe por elle, commendador; mas dispense sua bolsa, porque, se me permittir, levo-o commigo e nada lhe faltará em minha casa.

— Se é para bem d'elle, porque não o permittir?

N'aquelle mesmo dia, Martim foi transportado para a casa de Julio, onde, ao entrar, derramou duas lagrimas por entre um sorriso de satisfação.

— Oh! como me sinto bem aqui! disse sentando-se n'uma cadeira de balanço. Parece-me que volto aos felizes tempos... Mas, porque sempre esta nuvem negra? Afasta-a, Julio, e tu também. Max. Só vocês e mãe Martha têm neste mundo o poder de me fazer voltar ao que eu fui aqui.

Mãe Martha chegou-se a elle, dormindo, e disse-lhe:

— Essa nuvem, tu a dissiparás com humilde resignação; porque ella é constituída pelos erros que vieste resgatar.

— Já sei, e vai livremente ser o instrumento de Deus, sobrecarregando sua alma de responsabilidades, o ente que adorei... que adoro... que adorei até morrer. Pergun a Deus por ella e por mim.

No fim de tres mezes, Martim estava em condições de fazer viagem para outro clima, e resolvemos que fosse para os Estados Unidos, onde deveria passar dois a tres annos, impostos por Julio, menos no interesse da cura do corpo, que não reclamava tanto, do que da do espirito, que de mais precisaria.

Nas vespéras da viagem, o moço foi despedir-se de sua familia, de que só via constantemente o bom commendador, sempre desculando a filha, por não vir vel-o; mas de sua visita, voltou n'um estado de agitação indisciplinavel.

Achava-se com o commendador, que lhe dissera ter Elisa sahido a compras, quando, já cansado de esperal-a, meio disposto mesmo a dormir lá, viu-a entrar, riado e galhofando pela escada, com o joven Carlos Teixeira, que a tinha acompanhado.

N'este caso foi perfeitamente o espirito da mulher que veio procurar o medico. Os incredulos não deixarão de dizer que o doutor podia se ter preocupado com a saúde da sua antiga cliente, e que nada havia de admirar em que elle previsse a sua morte; seja; mas, então, que expliquem o facto da coincidência da sua apparição com o momento da sua morte, quando, havia muitos mezes, o medico não falava mais n'isso.

Suppondo mesmo que elle acreditasse na impossibilidade da cura, podia prever que morreria em tal dia, á tal hora?

O doutor viu com os olhos do corpo, porque a apparição era tangivel, tendo batido á porta do gabinete.

E' esse caso de visão que vamos agora examinar.

Vista mediumnica pelos olhos

Tendo eliminado a vista da alma pelo desprendimento, é preciso estudarmos agora a vista pelos órgãos da visão.

Quando um medium vê um espirito, pode-se, *a priori*, estabelecer a questão seguinte: foi o medium quem soffreu uma modificação, ou foi o espirito? Com effeito, no estado ordinario, nós não vemos os espiritos, porque os nossos órgãos são muito grosseiros para nos fazerem perceber certas vibrações que lhes escapam.

Quando, porém, a visão tem lugar, ou os nossos órgãos adquirem maior sensibilidade, ou o espirito fez passar o seu involuero por certas modificações que, diminuindo a rapidez das vibrações moleculares perispiritaes, podem tornal-o visivel. Se este ultimo modo de encarar o phenomeno fosse exacto, o espirito seria visto por todas as pessoas presentes; haveria ali uma apparição collectiva; era o que se dava no caso das materializações que estudámos com Crookes; mas quando, no meio de uma assembléa, só uma pessoa vê os espiritos, é que ella soffre uma variação organica do sentido da vista, que é interessante estudar.

(Continúa).

FOLHETIM

(38)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MARTIM

PRIMEIRA PARTE

XXXVII

Uma febre cerebral quasi prostrou em terra a parte mortal do ser humano, que o era de Martim, levando-lhe a immortal, a essencia d'aquelle ser, sem que tivesse preenchido o fim para que viera á vida corporea.

Talvez para que tal não se desse, permittiu a misericórdia do Pae que a sciencia de Julio triumphasse da lei da morte, e que o redivivo continuasse a carregar a cruz da sua redempção.

Julio levou oito dias á cabeceira do amigo e irmão, só descançando, por momentos, quando eu o ia render.

A mãe Martha, rompendo com todas as considerações, collocou-se aos pés da cama do querido filho, chorando e orando, quasi sem comer e sem dormir.

O commendador passava alli também o tempo que podia roubar ás suas obrigações, e desculpava a filha de não apparecer, dizendo que ella não tinha coragem de ver o marido n'aquelle estado.

O bom homem estava realmente mortificado, a nosso ver, por causa do perigo do moço, que amava, mas — soubemo-lo depois — igualmente por ver que a filha levava as horas em alegres palestras com Carlos Teixeira, que vinha todos os dias á casa, por saber noticias do seu estimado amigo, doutor Martim.

Chegou mesmo o desolado pae a reprehender a moça, por tão censuravel procedimento, recebendo em troco respostas espirituosas, com gargalhadas cynicas da filha, que não acostumara a respeito-o.

« E diante de um penedo, outro penedo ». Elisa, vendo o marido, ficou sem sangue, talvez com receio de uma vindicta, talvez pelo horror de lembrar-se que lhe pertencia.

Martim, vendo-a em companhia, alegre e folgazã, do moço que lhe dispertara o ciúme desde Paris, ficou negro, talvez de colera, talvez de dor, da maior dor que pode o homem sentir.

Carlos Teixeira, embaraçado de não saber o que fazer, nem ousou sentar-se; deu boa noite a todos e safou-se, esgueirando-se como creado que furtou o relógio do amo.

Ostres, Muniz, Elisa e Martim ficaram, diante uns dos outros, como corpos sem alma, cada um por suas razões, sem se olharem, e sem pronunciarem uma palavra.

Foi Martim quem quebrou o insupportavel silencio, dizendo, em tom lugubre e aterrador, estas palavras:

— Sendo forçado a partir para a America do Norte, no intuito de refazer-me do mal que por pouco deixei de victimar-me, eu quiz, embora a senhora não me tivesse dispensado, durante minha convalescença, uma visita de minutos, dizer-lhe o adeus, que talvez seja o supremo e, porventura, saber se me queria ser companheira. Apesar de sua falta, eu supuz encontral-a, senão triste, pelo menos recolhida á casa. Vejo, porém, que nem uma, nem outra coisa se dá; e, portanto, retiro-me levando em minha alma a dor de me haver enganado.

Dito isto, ergueu-se, sem esperar resposta e, abraçando o commendador, pelas provas de amizade que sempre lhe dera, sahio com passo firme, mas sómente por força de vontade, que todo o corpo lhe vacillava sobre os pés.

Parecia um cadaver, quando nos chegou á casa, e cadaver seria, se não o animassemos, disfarçando o que de mal julgara sobre o procedimento de sua mulher, e animando-o com a esperança de que mais tarde volveria á comprehensão do seu maior dever.

Quasi reanimado, o infeliz nos deixou, entregando a Julio uma carta, para este entregar-lhe á mulher.

(Continúa)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 0\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD —Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Novembro 2

N. 400

Commemoração dos Mortos

Abrem-se os templos para a celebração de funebres officios; abrem-se de par em par as portas das necropoles, para receber as multidões em lucto, que alli vão pagar o seu tributo de lagrimas aos entes que se foram. Ah, n'esses logares santificados pela magestade da morte, a monotonia d'esse sinistro officio dos coveiros se interrompe, para ceder o logar a todas as explosões da alma humana convulsionada pela dor, e ao mysterioso farfalhar das ramarias que abrigam os tumulos com a sua sombra bemfazeja, vão-se casar os soluços, os choros convulsivos e, não raro, os gritos lancinantes de tantos corações despedaçados.

Os grandes cenotaphios que a religião do affecto fez construir aos seus maiores, como os que a gratidão de um povo fez erigir aos seus heroes, se illuminam do brilho pallido das luzes que, em pleno dia, bruxoleiam; cobrem-se de flores os tumulos de todos os que, bastante felizes para viverem, depois da morte, na memoria de alguns vivos com quem commungaram a hostia dos affectos, são ainda reputados dignos de uma piedosa visita á sua derradeira morada; aqui, alli, alem, olhos fixos nas inscrições que o marmore conserva e que mão amiga n'elle fez gravar, envoltos em luctuosos crepes, se desenhiam os vultos negros dos visitantes, ou, olhos erguidos ao céu, offerecem a Deus o testemunho das suas lagrimas, uns como um mudo protesto contra a separação dolorosa e indefinita do objecto amado, outros na attitude humilde da resignação ás determinações divinas.

Dia de estranho lucto e de reivindicação para essa inexoravel lei da finalidade humana! Transidos d'esse mysterioso terror que o desconhecido gera, os corações se dobram ao peso da amargura e, mais do que nunca, o homem se põe a reflectir n'esta fallaciosa miragem que se chama a vida humana. Mais do que nunca se ergue diante do seu espirito, como temerosa esphinge, esse problema da morte, que embalde as philosophias e as religiões do passado pretenderam decifrar em justos termos, e todos, positivistas, atheus, materialistas sem filiação sectaria, ou iudifferentes, todos se dobram ao recolhimento e inutilmente procurariam se subtrahir a essa vaga intuição, a esse instincto confuso da immortalidade que lhes sobreleva o animo e contra o qual não bastam, para luctar e vencer, todos os recursos da dialectica, nem todas as hypotheses que porventura lhes suggere o desvario sys-

tematico das respectivas seitas, para os conservar afastados d'estes oasis da fé. E que outra coisa significa essa romaria periodica ao tumulo dos que a humanidade denomina os mortos, por esses mesmos que se obstinam em affirmar na morte a extincção do ser e a victoria definitiva do nada, contra cuja idéa a sua propria consciencia se revolta, senão esse instincto da immortalidade, que n'elles pode ser abafado pelo orgulho de uma sciencia esteril, mas que, n'este dia solenne, se ergue imperioso em sua consciencia, reivindicando os seus direitos e triumphando da incredulidade systematica? Comprehende-se, porventura, que aquelle que estivesse absolutamente convencido do aniquilamento dos seres que amou — e onde estará esse? — se permittisse taes praticas piedosas, dirigidas, em pura perda, a um punhado de materia horripilante em decomposição, na qual os seus desvelos, os seus affectuosos testemunhos não encontrariam um echo, não despertariam um fremito amoroso?!

Não. Por mais que a obcecção das idéas materialistas, cujas mais recentes manifestações datam dos fins do seculo XVIII, com a reacção dos encyclopedistas ás concepções das philosophias espiritalistas, tenha trabalhado taes espiritos, n'elles, todavia, não poderão ter apagado por completo essa intuição theista e immortal que surgiu com os primeiros habitantes do nosso globo, sob as formas, a um tempo, ingenuas e grosseiras dos primitivos cultos, e se tem conservado o mais salutar e o mais seguro cabedal do espirito humano, a despeito da ferocidade intolerante das religiões que, não raro, a têm desnaturado, ao sabor das suas concepções reaccionistas. E é sobretudo a esses desventurados, erradios das sendas illuminadas da fé, que temos necessidade de endereçar estas consolações que dá a certeza da vida futura, porque, sem essa certeza, sem esse estímulo vivificador, da continuidade da existencia para alem d'esse pelago da morte, o que os poderá amparar nas vicissitudes d'esta vida, e onde encontrarão elles o conforto para as amarguras d'este calvario a que nos condemnamos?

Quanto aos outros, quanto aos que, sob as mais diferentes formas do culto exterior, são bastante felizes para se pederem desalterar nas inesgotaveis fontes de consolação que dá a crença em Deus e na immortalidade da alma, esses não precisam de mais do que d'esse bordão a que se arrimam, para affrontar a travessia asperissima da vida. Viajores do infinito, elles têm diante dos olhos a

estrella que lhes illumina a rota, e seguem confiantes em demanda do seu destino. Verdade é que, quanto a alguns, nem sempre as formas do seu culto se casam ás prescrições do ensino em que pretendem se inspirar; em tal caso, porém, a culpa é menos dos religionarios, na sua docilidade obediente, do que dos modeladores do seu culto, responsaveis que se constituem pela direcção do ensino religioso da sua igreja.

E não se veja, na observação que aqui fica, um inoportuno espirito de critica, que não entra nas nossas intenções. Mas, por maior respeito que nos inspire uma igreja que, em dezenove seculos de existencia, conta em seu acervo, posto que ao lado de um passivo de extraordinarios erros, um activo de grandes serviços á humanidade, na sua obra civilizadora atravez dos tempos, não nos podemos subtrahir á dolorosa impressão que nos causam muitas das suas praticas diametralmente oppostas aos ensinamentos dos Evangelhos, que deveriam ser a bussola invariavel da missão que se propoz. Assim, por exemplo, a ella, que a nenhuma outra, se deve attribuir esse terror supersticioso que a vida futura tem inspirado á christandade. Graças ás pompas, por vezes incongruentes, do seu culto externo, é que vemos a morte cercada de funebres apparatus, bem pouco consentaneos com a significação d'esse phenomeno natural na vida do espirito. Se a morte é, com effeito, o anjo da libertação que nos vem desopprimir das vicissitudes e das misérias d'esta vida, se o sepultamento na materia é para o espirito a verdadeira morte, como, na eloquencia da sua linguagem apparentemente enigmatica, o revelou Jesus, quando recommendou que «aos mortos se deixasse o cuidado de enterrar os seus mortos», porque acabrunhar o espirito do povo com sinistras exterioridades que, sem o tornarem mais forte nem melhor, apenas contribuem para o conservar escravizado ao jugo d'essa igreja, unica que se arroga o exclusivo poder de lhe deferir um logar na bemaventurança eterna?

Não fossem taes ensinamentos, inspirados na politica do terror, que já fez a sua epoca, e este dia, consagrado á commemoração dos que nos precederam na vida espirital, em lugar d'esse aspecto de desolação e lucto que opprime os corações, offereceria as galas festivas á que tem direito pela sua significação, como uma data de confraternização universal.

Tempo virá em que essas praticas erroneas cederão o logar ás triumphantes manifestações da solidariedade entre os dois mundos, o visivel e o invisivel,

graças á permanente communhão que os ensinamentos da nova revelação vieram restabelecer, tal como se praticava nos primeiros seculos do christianismo, cujas tradições dir-se-hia que se extraviaram na calliginosa noite da idade media. E então, em vez das lagrimas e dos soluços dilacerantes que esta humanidade captiva tributa, n'este dia, á memoria dos libertados d'esta vida, veremos uma tranquillidade permuta de affectos entre os que se foram e os que ainda permanecem agrilhoados ás galés do mundo pela necessidade do seu proprio aperfeiçoamento e evolução. Em todos os lares, em que pairar, desvelada e affectuosa, a sombra de um morto querido, graças á generalização das mediunidades, as familias se reunirão para escutar a palavra consoladora do saudoso ausente, e, aniquilado esse fantasma apavorante da morte, que nos apresentavam sob uma figura esqualida e sinistra, a humanidade, livre e feliz, elevará ao céu o pensamento grato e bemdirá o Creador pelas misericórdias que a sua munificencia, como de uma amphora inesgotavel, entorna de continuo sobre o genero humano.

Enquanto, porém, não chegam, para toda a humanidade, esses felizes tempos, cujo advento é nosso dever acelerar, reunamo-nos todos os que commungamos estes sentimentos e, identificados os nossos corações em um mesmo impulso de fraternidade e de solidariedade, enviemos o testemunho de affecto aos seres amados que se nos anteciparam na verdadeira vida, e com elles, a todos os nossos irmãos que vagam n'esse infinito espaço, desherdados por suas proprias culpas, victimas de suas proprias fraquezas e aos quaes, pela sua espontaneidade, tão grato deverá ser o nosso testemunho. São elles os que, na terra, não deixaram um coração amigo que lhes leve n'este dia um punhado de flores ao tumulo obscuro, perdido no anonymato das sepulturas rasas; são elles os proletarios, os ilotas das sociedades egoistas, cujo desaparecimento não provocou uma lagrima compassiva, cuja existencia se dividiu entre as privações e o trabalho, ou entre a ociosidade e o crime.

Sim. Qualquer que seja a hierarchia espirital d'esses obscuros desaparecidos, honestos ou criminosos, humildes ou revoltados, elles são nossos irmãos e, mais do que os outros, são dignos dos maiores testemunhos de fraternidade.

Possa a sinceridade do nosso impulso, no cumprimento d'esse dever sagrado, tocar-lhes os corações, como um suggestivo exemplo, e ter-nos-ha sido concedida a mais grata recompensa á que porventura tivesse direito o nosso esforço.

«Amai-vos uns aos outros», não cessava Jesus de recomendar, como a prática do primeiro dever christão. E a sua palavra ungida de sublimidade penetrava fundo nos espiritos e arrastava após si as multidões, toda a vez que se elevava, consoladora e edificante, ha dezenove seculos, nos valles da Judéa.

Pratiquemos, pois, os preceitos do Divino Mestre e, n'este dia, consagrado á commemoração dos verdadeiros vivos, procuremos nós, os mortos pelo sepultamento na materia, mostrar-nos seus aproveitados discipulos, unindo os nossos corações, identificados n'um mesmo pensamento, para offerecer, nas doçuras da oração, um testemunho de solidariedade humana aos que transpuzeram as fronteiras da outra vida, particularmente aos que erram na noite da ignorancia ou da maldade e a cujos olhos ainda não scintillou a estrella redemptora que surgia ha dois mil annos para illuminar a toda a christandade. A esses os nossos mais affectuosos votos cheios de sinceridade e de consolações.

O problema da evolução

VIII

Vimos, pelo que ficou exposto precedentemente, que, pelo menos, uma razão de ordem scientifica milita em favor da necessidade de serem «humanizados», como regra geral, todos os espiritos chegados a essa condição, depois do seu longo aprendizado nas formas inferiores da criação, e se oppõe a que, n'esse estado inicial de ser pensante, que só então começa, verdadeiramente para elle, livre e responsável, possa o espirito gravitar para outras esferas superiores, antes de se haver expungido, por assim dizer, dos estigmas que seu perispírito adquiriu em virtude d'essa passagem anterior e obrigatória através dos diversos reinos da natureza, especialmente nas series da animalidade, onde mais se desenvolveram, com a intelligencia, as suas aptidões para o bem, como para o mal. Veremos adiante se é essa a unica razão basica do presente raciocinio.

O que é, todavia, incontestavel é que, emergido recentemente d'esses estados grosseiros da materia, achando-se apenas o espirito no limiar do seu novo estado, de então por diante consciente, o seu envoltorio fluidico, saturado dos effluvis das paixões muito violentas de que se conservou um registro fiel e um reflector indefectivel, apresenta uma opacidade relativa a esse estado, o que é o mesmo que dizer: affecta uma densidade que, por muito pouco que possa porventura estar sujeita ás leis da gravidade, terá em todo caso uma substancialidade sufficiente para ser contida na esphera de atracção em que se encontra, com ella mantendo necessariamente uma relação de *peso*, tão fraco como se quizer suppôr, mas, em summa, effectivo ao ponto de a submeter aquellas leis de atracção inevitavel.

E' isto, pelo menos, o que se deprehende dos notaveis estudos sobre os fluidos, effectuados por Gabriel Delanne, e é esta a applicação que de taes principios, rigorosamente scientificos, se pode fazer em relação ao espirito humano, o qual, na sua lenta ascensão para esferas cada vez mais perfeitas, á medida que vai progredindo, obedece a esta dupla corrente evo-

lutiva: elevação moral e intellectual, — rarefacção, ou etherização perispiritual; — poder de atracção, sobre elle, das esferas superiores, cada vez mais intenso, á proporção que elle mais se eleva na hierarchia espirital, e afrouxamento correlato e progressivo dos laços que o retinham nas esferas inferiores, que sobre elle perdem successivamente o poder attractivo, até que este cessa inteiramente, quando o espirito se purifica por completo e já não offerece afinidades com esses ambientes.

Não se diga que a affirmacão d'essa lei destroe a possibilidade da descida dos espiritos puros, ou purificados, aos mundos atrasados e grosseiros, para intervir nas condições de vida dos seus habitantes, em virtude da cessação das afinidades que ali os poderiam attrahir. Seria mesmo absurda essa interdicção a seres, cuja intervenção é uma necessidade para o progresso de taes mundos. O phenomeno, porem, se dá de um modo muito simples, e os espiritos superiores, graças ao conhecimento que possuem das leis da natureza e da utilização das suas forças, quando seja preciso, quando não baste a acção á distancia, que é um meio ordinario de suas manifestações, para se transportarem dos circulos etherizados e luminosos em que gravitam, á espessa atmosfera dos planetas inferiores, não têm mais que operar um trabalho de condensação sobre o seu proprio perispírito e assimilar-o aos fluidos ambientes do planeta a que desejam vir, para que o facto lhes não offereça a menor difficuldade. Nem foi, ao que julgamos poder affirmar, por outro processo que Jesus, o espirito puro por excellencia em relação á terra, pôde romper esta grosseira atmosfera emnegrecida do reflexo das nossas más paixões, para nos vir trazer a luz redemptora dos seus divinos ensinamentos.

A ordem inversa n'este admiravel plano é que não é possível, isto é, o espirito inferior, grosseiro, materializado, limitadissimo em suas percepções e em seus meios de acção — e ai d'elle se assim não fôra, pela somma de males que uma grande somma de poderes lhe facilitaria! — não pode desassimilar, por simples acto de sua vontade, os fluidos grosseiros que o envolvem e que constituem o seu perispírito, para se precipitarem em demanda de esferas luminosas, que hão de certamente conquistar um dia, mas em que só serão dignos de penetrar quando, pelo trabalho lento e continuado de suas faculdades orientadas pela verdade, pela justiça e pelo bem, tiverem purificado o seu envoltorio, apto então para essa ascensão ás regiões felizes.

Emquanto não chegam a essa condição, isto é — e para nos reportarmos fielmente ao ponto que vamos estudando —, emquanto se acham ainda no inicio de sua evolução propriamente espirital, não podem os espiritos se afastar da atmosfera em que os retém captivos as suas proprias imperfeições, emquanto n'elles subsistirem os vestigios da animalidade, cuja escala ascendente acabam de percorrer. O que se passará então?

Retidos n'essa atmosfera, que é ao mesmo tempo a sua condição de vida, a unica compativel com o seu proprio atrazo, pois que toda outra lhes seria irrespiravel, ficarão os espiritos estacionarios ou continuarão a progredir? Os conhecimentos que nos fornece a nova revelação,

acerca das condições do mundo invisivel, nos autorizam a affirmar que, nada permanecendo inactivo na natureza, quer no ponto de vista physico, quer quanto á ordem moral estabelecida para todos os seres, não podem esses espiritos permanecer estacionarios, e, pois, o progresso começado sob as formas mais rudimentares, nos mais grosseiros reinos da natureza, se continua ali para taes seres, n'esse ambiente fluidico, cujas immensuraveis fontes de energia e de actividade a nossa limitada percepção nem sequer pode suspeitar. Assistidos dos seus guias, deverão elles receber os primeiros rudimentos d'essa cosmogonia cujo conhecimento integral será um dia o seu inalienavel patrimonio, e, fortalecidos pelos seus conselhos moraes, se prepararão para a vida de trabalho e de recompensas cujas perspectivas se lhes desdobram pelas insondaveis profundezas do futuro.

Estarão aptos, porem, esses seres para viver exclusivamente da vida espirital, e bastarão taes noções elementares, que pelos seus guias lhes são ministradas, noções compatíveis com o seu atrazo, com a sua limitadissima capacidade, para os habilitarem á conquista da felicidade que lhes está reservada, pelo desenvolvimento dos seus esforços, no duplo ponto de vista moral e intellectual? E o trabalho de sua propria purificação, e a restituição aos elementos da materia d'aquillo que na materia foi adquirido? Como despojar-se o espirito das impurezas adquiridas na sua passagem pela animalidade, se na vida exclusivamente espirital lhe faltam os elementos apropriados a essa depuração tão necessaria? Assim por exemplo, quanto aos instinctos sensuaes, como triumphar o espirito dos seus arrastamentos, se, n'esse meio, privado da sexualidade e livre das outras necessidades organicas que só os meios materiaes impõem, acha se privado da exercitar essas funções e, pois, não tem nenhum merito em se subtrahir á sua satisfação, de todo ponto impossivel? Se, de facto, os espiritos, n'esse ambiente, não têm, como se vê, os meios de pôr em pratica os instinctos materiaes que desenvolveram na sua evolução anterior, se, pois, não é possível a lucta, sem a qual não ha para o espirito o merecimento dos triumphos com que deve ir assignalando a sua ascensão para o foco divino de todas as perfeições, não se comprehende como possam elles fallir em um meio em que tudo lhes deveria falar de espiritalidade, em que os deveres moraes, por muito fracos que fosse a noção que d'elles viessem a ter, pela assistencia dos seus guias, seriam ainda assim os unicos a lhes ecoar no senso intimo, dada mesmo a impossibilidade de agir fóra d'essas condições, a menos que, como pretexto ás primeiras incarnações, se quizesse attribuir ao Creador a estranha maldade de crear n'esse mesmo ambiente fluidico toda sorte de tentações materiaes estimuladoras das más aptidões do espirito, que, ignorante e fraco, não podendo resistir a taes provas, a ellas succumbiria fatalmente, cahindo no laço armado á sua fraqueza por Aquelle que, infinito amor como o concebemos, não attestaria por semelhante modo esses attributos em relação ás suas creaturas. Será licito attribuir ao Creador um tal procedimento?

Não o cremos. E se nada ha fortuito na criação, é inutil procurar a manifestação

de uma vontade caprichosa, pois que tudo o Omnipotente regulou, de toda a eternidade, mediante leis infinitamente justas, de infinita sabedoria. Procuremos, pois, na medida da nossa fraqueza e da nossa limitada percepção, ver se descobrimos a applicação d'essas leis.

Uma vez chegado ao periodo da humanidade, não completou o espirito o cyclo da sua evolução material, mas, ao contrario, é justamente então que começa para elle verdadeiramente essa trajetória consciente e livre. Desenvolvidos n'elle por igual os instinctos bons e maus, graças ao aprendizado que acaba de fazer nas series inferiores, cumpre-lhe buscar de novo o meio em que esses instinctos possam entrar em acção. Durante a sua permanencia no espaço, antes da primeira incarnação na condição de humanidade, como successivamente antes de todas as outras, recebeu e receberá elle esse auxilio invisivel da luz e das forças que o devem esclarecer e amparar nas vicissitudes dessa vida. Esse ensino, ministrado segundo a sua capacidade comprehensiva, é a primeira advertencia, é a primeira arma que lhe é confiada para essa lucta em que se vai empenhar. Mesmo revestido da forma grosseira de um estado primitivo, o espirito sente, através d'isso, uma como vaga intuição do dever de fazer triumphar o bem sobre o mal, desenvolvendo as forças latentes em si mesmo, resistindo o mais possível a tudo o que em sua consciencia desperte essa vaga oppressão que nos adverte providencialmente de toda acção má. Quanto ás condições d'essa primeira prova, não tenhamos duvida em que, em sua infinita bondade, o Creador as offerecerá o mais simples e o mais compatíveis com a propria fraqueza do espirito. Pac de infinito amor, Elle não nos exporia jamais a succumbir fatalmente, nos submettendo a provas de que não pudessemos, com algum esforço, triumphar.

Estará, todavia — e é o momento de indagar — este modo de ver, de accordo com os principios basicos da nossa doutrina, ou discrepará dos seus ensinamentos? Como não tenha sido nosso proposito, ao emprehender este estudo, apresentar nenhuma innovação, nem erigir em conceitos dogmaticos theorias que porventura nos fossem pessoas, mas apenas procurar, entre os ensinamentos relativos ao mesmo estudo e oriundos de varias fontes, a concordancia que n'elles pudessemos descobrir, no interesse da uniformização da crença acerca d'este problema da evolução, consultaremos o mestre, afim de pedirmos para estes conceitos uma autoridade que pessoalmente nos fallece. Vejamos, pois, o que, sobre o «Fim da incarnação», nos diz o *Livro dos espiritos* (parte II, cap. II).

A pergunta «qual é o fim da incarnação dos espiritos?», formulada pelo nosso mestre, responderam os espiritos por Deus encarregados de nos trazerem a luz d'essa revelação abençoada:

«Deus lh'a impõe, com o fim de os fazer progredirem; para uns ella é uma expiação, para outros uma missão. Para, todavia, attingirem a perfeição, elles *devem soffrer todas as vicissitudes da existencia corporal*; é n'isso que está a expiação. A incarnação tem ainda um outro fim: o de collocar o espirito nas condições de executar a sua parte na obra da criação. E' para essa execução que, em cada mundo, elle toma um appa-

relio em harmonia com a materia essencial d'esse mundo, para n'elle, n'esse ponto de vista, cumprir as ordens de Deus, de modo que avance, ao mesmo tempo que concorre para a obra geral.»

Como se vê, aqui se trata da incarnação de um modo geral, em relação a todos os espiritos. Querendo, porém, precisar bem o pensamento e, decerto, evitar duvidas ou interpretações futuras, o mestre perguntou ainda:

«Os espiritos que, desde o começo, seguiram o caminho do bem, precisam também da incarnação?»

E lhe foi deferida esta resposta:

«Todos são creados simples e ignorantes, e se instruem nas luctas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer alguns felizes, sem pena e sem trabalho e, por consequencia, sem merito.»

A primeira vista, esta idéa da obrigatoriedade da incarnação para todos os espiritos parecerá uma imposição iníqua, mas para isso será preciso que não se tenha em vista que, apenas emergido da ultima serie da animalidade, não se acha o espirito em condições de viver exclusivamente da vida espiritual, como supomos haver sufficientemente indicado nas precedentes considerações, sobre as quaes teremos necessidade de insistir mais desenvoldidamente no proximo escripto.

Parecerá á primeira vista uma iniquidade — repetimos — essa obrigatoriedade geral da incarnação, sobretudo se considerarmos que, desde o inicio de sua condição consciente e livre, usando d'essa liberdade, muitos espiritos poderão resistir ao influxo das paixões que em si mesmos anteriormente desenvolveram, para ceder apenas ás suggestões do bem, e a despeito d'isso, todavia, não se eximirão ás dolorosas contingencias da vida material. Não devemos, porém, esquecer — e já acima o assignalámos — que, perante as leis de eterna justiça do Creador, não podem as primeiras incarnações do espirito humano se revestir d'esses excessivos soffrimentos que só anteriores culpas justificariam. Se, pois, ha, como têm havido, espiritos que desde o seu inicio, isto é, desde o seu accesso á condição de humanidade, seguiram em linha recta e com passo firme, por acto do seu livre arbitrio, na escolha dos opostos arrastamentos, bons e maus, que lhes trabalhavam o animo, a inspiração dos primeiros, doces e submissos aos conselhos dos seus guias, é claro que para esses, realizadas as primeiras incarnações, em estados compatíveis com as suas disposições moraes, como relativos á sua propria collocação na hierarchia espiritual, as outras se foram succedendo em uma progressão de tanto maior celeridade no sentido da ascensão, quanto mais se foram elles fortalecendo na pratica do bem e triumphando das suggestões do mal e das provas á que successivamente haviam sido submettidos.

E' pelo menos o que resalta do seguinte ensinamento, provocado por uma outra interrogativa do nosso mestre, e da qual a objecção acima é apenas um reflexo:

«Do que serve então ao espirito, redargui elle, ter trilhado o caminho do bem, se isso o não isenta dos soffrimentos da vida corporal?»

Eis o que responderam os espiritos:

«Elles chegam mais depressa ao fim; e depois, os soffrimentos da vida são muitas vezes a consequencia das imperfeições do espirito; quanto menos imperfeições tiver elle, menores serão os seus tormentos: aquelle que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não pode soffrer as consequencias d'esses defeitos.»

N'esta, como nas outras respostas que atraz reproduzimos, a incarnação é apresentada categoricamente como uma necessidade fatal para o espirito humano, desde a sua emersão do derradeiro estado da animalidade até que, pelo trabalho de purificação moral e elevação intellectual realizado por esforço proprio, tenha-se collocado fóra das attracções dos planetas materializados e passe á condição do espirito puro, sem adstricção nem limitação á determinada esphera. Razões de ordem moral e scientifica, como vimos, parece sancionarem esta concepção. E, todavia, o ensino dado a Roustaing a esse respeito offerece com ella flagrante antagonismo. Cumpre, pois, examinar de que lado está a verdade, ou, pelo menos, a somma de verdade porventura contida de um e do outro lado.

E' o que faremos em seguida.

LEOPOLDO CIRNE.

MEDIUNS CURADORES

II

O Dr. Eduardo Silva

No momento em que nos dispunhamos a tomar da penna para levar por diante a analyse do processo curativo usado pelo Dr. Eduardo Silva, na sua qualidade de medium inconsciente, para produzir as maravilhosas curas de que toda a imprensa d'esta capital se tem occupado, uma communicação da policia a todas as folhas diarias nos faz modificar essa resolução e aguardar o resultado d'esse inquerito que, finalmente, reveste um caracter mais criterioso e nos faz esperar uma solução muito outra do que o que porventura poderão suppor os adversarios incondicionaes do spiritismo. Pois que a policia d'esta capital, representada no delegado auxiliar Dr. Sá Vianna, deliberou, em boa hora, fazer essa questão affecta a dois profissionaes da medicina, antes de proseguir na sua acção propriamente policial, julgamos do nosso dever aguardar prudentemente o relatório que deverão apresentar os medicos escolhidos para se pronunciarem em especie, e não já contra insinuações pessoas, sem responsabilidade official, teremos de bater-nos, mas contra theorias a que porventura se julguem autorizados a soccorrer-se os encarregados d'essa delicada missão, dado que os illustres profissionaes, por mal inspirados, ou ainda por má ou insufficiente observação, procurem illudir a unica explicação que admite semelhante caso.

Mas não. Por muito que os Drs. Marcio Nery e Henrique de Sá prezem os falsos creditos de um scientismo intollerante e obstinado no circulo de suas concepções, bem poucas vezes verdadeiras supportamos offendel-os, admitindo

sequer a hypothese de que lhes falte a coragem para afirmar, com a mesma hombridade com que, em 1870, a comissão de membros da Sociedade dialectica de Londres se pronunciou acerca dos phenomenos spiritas, a realidade do meio curativo do Dr. Eduardo Silva.

Esse meio já o indicámos no precedente escripto, e por elle estamos certos de que concluirão os illustres medicos, para os quaes se voltam todas as attensões, aguardando a sua palavra autorizada, mas que só o futuro dirá se é conclusente. Quanto a nós, e qualquer que seja o resultado d'essa devassa, nos reservamos o direito de um derradeiro pronunciamento na questão.

Eis agora o aviso publicado pela imprensa, e que tomamos a liberdade de transcrever do nosso collega *O Paiz*, de 25 de outubro:

«A questão das curas do Dr. Eduardo Silva vai ter na esphera policial nova phase, pelo caracter que lhe imprimiu agora o Dr. Sá Vianna, 1º delegado auxiliar, a quem está affecto o caso.

O inquerito aberto esteve por largo tempo parado, por ter a autoridade encontrado obstaculo nas providencias que tomou, para verificar o grau de responsabilidade, perante o codigo penal, daquelle homem que tanto tem preoccupado o espirito publico.

O Dr. Sá Vianna procurou diversos clinicos d'esta capital, a quem pretendia confiar o estudo do caso, todos, porém, uns pedindo sommas exorbitantes, outros recusando-se, burlavam os esforços da autoridade.

Hontem, finalmente, S. S. obteve que os profissionaes Drs. Marcio Nery e Henrique de Sá acceptassem aquella incumbencia, sendo dignos de encomios a espontaneidade e o desinteresse de remuneração d'esses dois facultativos.

Em companhia do Dr. Cunha Cruz, medico legista, os dois profissionaes estudarão as curas maravilhosas do Dr. Eduardo Silva, devendo responder em relatório aos seguintes quesitos:

- 1.º Se o Dr. Eduardo Silva cura.
- 2.º Como se opera essa cura.»

Esperaremos, pois, como nos cumpre, o resultado d'esse trabalho e — repetimos — qualquer que seja elle, não abriremos mão do nosso direito de final pronunciamento, quando então nos occuparemos de varios outros mediuns curadores que, n'esta mesma capital, exercem a sua missão, ostensivamente uns, modesta e occultamente outros, não sendo d'estes o menor numero, uns e outros colhendo os mais seguros resultados.

E agora que a medicina, por dois dos seus illustres membros, é chamada officialmente a se pronunciar n'esta questão, devemos esperar que ella terá a coragem da verdade, ou pelo menos, da confissão da sua impotencia para a explicação de um caso que, ha muito, seria do seu dominio, se a montanha secular do preconceito não lhe restringisse os já de si bem pouco vastos horizontes.

NOTICIAS

Sob a epigrapha *Incoherencias do spiritismo*, o nosso collega d' *O Christiano*, órgão de uma seita protestante n'esta capital, publica, em sua edição de outubro, uma local em que investe contra a nossa doutrina, a proposito de publicações feitas por spiritas, em caracter particular, prevalecendo-se do ensejo

para fazer á nossa doutrina algumas insinuações.

Não ficará no chão essa luva, creia o collega. Levantamol-a, e na nossa proxima edição offereceremos o reparo necessario, não o fazendo agora, porque o assumpto exige um desenvolvimento que não podemos dar no presente numero, em que materias inadiaveis reclamam uma preferencia que não poderíamos evitar. Antes de tudo, porém, devemos confessar o nosso pezar por sermos induzidos a uma hostilidade que não está nas nossas vistas de tolerancia.

Reputamos boas todas as crenças para os individuos que as professam — já o dissemos aqui, — e por isso as respeitamos todas. Desde que, porém, somos inopinadamente agredidos, não abrimos mão do nosso sagrado direito de defesa.

E como, em nossa réplica, é possível que tenhamos necessidade de invadir um pouco a seara visinha, desde já prevenimos o collega, para que não se queixe da nossa investida, nem se magoe com as verdades que seremos obrigados a dizer-lhe.

Critica por critica.

2 de Novembro

Fiel ás suas tradições, a Federação Spirita Brasileira effectuará hoje, ás 6 1/2 horas da tarde, uma sessão commemorativa d'esta data que, em todo o universo christão, é objecto de affectuosas demonstrações inspiradas no culto da saudade ou na pratica da verdadeira fraternidade.

Em homenagem ainda a essa data commemorativa, o *Reformador* a adoptou para a sua presente edição, correspondente ao dia 1º d'este mez.

VERDADE E LUZ

Em uma longa exposição de motivos, este nosso collega, de S. Paulo, cabalmente justifica a resolução que é forçado a tomar, cessando a distribuição gratuita da sua folha e passando a cobrar os preços que reproduzimos em seguida, exigência de que continuam exceptuados os governadores dos Estados da Republica, as associações litterarias, gabinetes de leitura, lojas maçonicas, que o reclamem, e as bibliothecas publicas do paiz.

Eis aqui a parte do aviso relativa a taes preços:

«As pessoas que quizerem assignar a *Verdade e Luz* para o anno vindouro, 1900, enviarão a importancia de:

20\$000 rs. para 100 exemplares (papel commum).

11\$000 rs. para 50 ditos.

5\$000 rs. para 20 ditos.

3\$000 rs. para 10 ditos.

2\$000 rs. para 5 ditos.

As pessoas que comprarem o romance *Mirella* receberão um exemplar (gratis), papel commum, como premio durante o anno.

Papel superior, uma assignatura 4\$000 rs.»

Como se vê, a despeito das circumstancias que determinam essa resolução, os preços são significativamente modicos e, estamos certos, não constituirão motivo para que os numerosos leitores da conceituada folha se privem d'essa leitura salutar, pois que, ao contrario, terão assim um grato ensejo de testemunhar aos seus mantenedores, mediante um Pequeno tributo pecuniario, o apreço em que têm os serviços do denodado paladino á causa da propaganda, digno como se tem elle mantido das mais francas sympathias.

Publicações

Os nossos confrades da Sociedade Spirita Anjo da Guarda, de Santos, nos obsequiaram com um exemplar dos seus estatutos, recentemente publicados, e em cuja confecção se nota o critério que presidiu ao referido trabalho. Completam esses estatutos o regimento interno da referida sociedade, no qual se acham regulados os deveres de directores e socios, bem como a ordem das suas sessões.

As manifestações do sentimento religioso *através dos tempos* é o título de uma brochura que o nosso venerando confrade Dr. F. R. Evertson Quadros acaba de lançar á publicidade e que virá attestar mais uma vez—estamos certos—a competencia do nosso antigo e prestimoso collaborador n'esses estudos de philosophia, por assim dizer, retrospectiva, particularmente no que respeita á historia, de que elle é aproveitado cultor.

Mais de espaço emittiremos o nosso juízo, desautorizado, mas sincero, a respeito d'essa obra.

Varias outras publicações temos recebido, e entre ellas os volumes *Une échappée sur l'infini* e *La vita di Gesù*, sobre as quaes nos pronunciaremos opportunamente, por isso que necessitamos de tempo, de que infelizmente não dispomos com abundancia, para taes leituras, indispensaveis, antes da enunciação de qualquer juízo.

J. B. ROUSTAING
OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.»
(João, VI, v. 64).
«A letra mata, e o espirito vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

N. 56. Em presença d'estas palavras: «A criação do primeiro homem é uma figura devida á necessidade de apropriar os ensinamentos á in-

telligencia humana; quão poucos ainda entre vós estão aptos para comprehender uma existencia que não teve começo e que já não terá fim!», a genealogia de Jesus, espirito de pureza perfeita e immaculada, remonta a Adão, por figura, como a criação do corpo formado do limo remonta a Deus; seguiu a genealogia espiritual e remontarei a Deus, creador immediato e unico de tudo o que é puro e perfeito;—qual é, segundo a verdade, segundo a sciencia divina, despojando o espirito da letra, a REALIDADE, quanto á criação do espirito e do corpo do homem de nosso planeta,—A REALIDADE quanto a essa genealogia espiritual de Jesus. «espirito de pureza perfeita e immaculada?»

«A vossa pergunta, complexa pelo duplo aspecto sob que é apresentada, por um lado quanto ao homem e por outro quanto a Jesus, exige a solução da questão de um modo geral, relativamente á origem do espirito, ás suas fases, ás suas vias, aos seus destinos, desde o instante d'essa origem até á epoca em que chega á perfeição.»

«Na criação, tudo tem uma origem commum; tudo procede do infinitamente pequeno ao infinitamente grande—até Deus, ponto de partida e de reunião.

«Não o esqueçais nunca: Tudo provém de Deus e a elle volve,—de Deus UNO, creador increado, pae de tudo e de todos,—de Deus, o grande motor de tudo o que existe, a columna inabalavel sobre que assentam as multidões de mundos disseminados no espaço, como os atomos o estão no ar.»

«O fluido universal, reportando-se a Deus e d'elle partindo, é, por suas quintessencias e com o concurso de todas as suas combinações, modificações e transformações, para a intelligencia suprema, o instrumento e o meio, pela omnipotencia de sua vontade, no infinito e na eternidade. DE todas as criações espirituas, materiaes e fluidicas, para a vida e a harmonia universaes, DA criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, DE tudo o que se move, vive, é.»

«O apóstolo Paulo sentia a potencia creadora do Senhor, quando dizia:

«Tudo é d'elle, tudo é por elle, tudo é n'elle: ex ipso et per ipsum et in ipso SUNT omnia (1).—E' n'elle que temos a vida, o movimento e o ser: IN IPso vivimus et movemur et sumus (2).»

«O e-pirito, em sua origem de formação, essencia espiritual, principio de intelligencia, sai do todo universal;—o que chamamos todo universal é o conjuncto dos fluidos disseminados no espa-

(1) Actos dos Apóstolos, c. XVII v. 18.

(2) Epistola aos Romanos, c. XI, v. 36.

«Pude chamar-te minha, e n'esse dia minha alma, em extasis, beijou os pés de Deus, a agradecer-lhe o celestial presente.»

«Elbrio de tanta alegria, não me lembrei. Elisa, de que toda a minha vida fora um sonho em procura de uma miragem, que me fugia tanto mais quanto mais della me aproximava.

«Um dia, a fada repelliu, com dureza, as minhas adorações. Oh! se eu tivesse acabado n'esse dia!

«Mas não; não, que sinto o coração tão cheio de amor por ella, que mil repulsas não seriam bastantes para esgotar-o, como todas as filhas de Banau, não poderiam abaixar de uma linha o incommensuravel nivel do Oceano.

«Não me separou de ti a morte, que me repudiou com rigor semelhante ao teu; mas separa-me o rigor de minha sorte, mais inexoravel que o teu.

«Refrigera com um pouco de clemencia a sede ardente que me abrasa, por um sorriso meigo e adoravel de tua alma.

«Dá-me o balsamo santo, para as chagas do meu coração, n'um raio tenuissimo de teu amor.

«Dize-me, ao menos, ainda que seja por compaixão, que derramaste uma lagrima de saudade por minha ausencia.

«Se soubesses, minha adorada, quanto é negro e triste o meu viver, ausente de ti e sem esperanza de haver em ti uma fibra, uma só, que vibre acorde com as vibrações de todo o meu ser: corpo e alma; se soubesses, se pudesses ver as trevas que me envolvem, sem que as penetre um raio de luz oh! de rocha serias, se não te commovesse.

«Deixa que minhas lagrimas amoleçam teu insensivel coração, e vem, vem a mim, que te amo, como a relva ama o orvalho do céu, como a ave ama a floresta, como todos os seres amam a luz.

«Vem, vem a mim, que tenho em meu coração um altar, onde arde perennemente o fogo do mais acrisolado amor. Vem a mim, que anseio por tua vinda, como a rola dos bosques pelo terno e roubado companhe-

ço; esses fluidos são a origem de tudo o que existe, quer no estado espirital, quer no estado fluidico, quer no estado material.»

«O espirito é, em sua origem, como essencia espiritual, principio de intelligencia, formado da quintessencia d'esses fluidos, parte de tal maneira subtil que nenhuma expressão pode d'ella dar uma idéa, sobretudo ás vossas intelligencias acanhadas; a vontade do Senhor Deus todo poderoso, como só e unica essencia de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar o SER, isto é, fazer d'elles graças a uma combinação subtil, cuja essencia não se acha senão nas irradiações divinas, esencias espirituas, os principios primitivos do espirito em germen e destinados á sua formação.»

«A vida universal está assim em germens eternos por toda parte na natureza: por essa quintessencia dos fluidos que Deus anima, por sua vontade, só para as necessidades da harmonia universal, de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as creaturas, no estado material ou no estado fluidico.»

«Em sua formação, os mundos primitivos são compostos de todos os principios constitutivos, na ordem espirital, material e fluidica, dos diversos reinos que os seculos devem elaborar.»

«O principio intelligente se desenvolve ao mesmo tempo que a materia; progride com ella, passando da inercia á vida; Deus preside ao começo de todas as coisas; segue, com olhar paterno, as phases de cada progresso e attrai a si tudo o que attingiu a perfeição.»

«Essa multidão de principios, que estão latentes, aguarda, no estado cataleptico, que o soberano senhor, segundo as leis naturaes, immutaveis, eternas, que estabeleceu no meio e sob a influencia dos ambientes destinados a fazel-os nascer, lhes dê um destino e os aproprie ao fim que devem preencher, de conformidade com essas leis.»

«Sofrem então passivamente, através das eternidades, e sob a direcção e a vigilancia dos espiritos propostos, as transformações que devem desenvolver-os, passando successivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e especies intermediarias entre cada um d'esses reinos.»

«Chegam, seguindo uma progressão continua, ao periodo preparatorio do

ro. Vem, vem, vem, senão eu morro, e morrerei amaldiçoando-te.

«Mas não; não creias que, mesmo atirado a uma fogueira por tua causa, possa eu esquecer que és a fada em que se incarnou a miragem deslumbrante que me embalou, em sonho, por toda a minha vida.

«Rasga-me embora o coração, que apesar de tudo eu serei sempre o teu—MARTIM.

Julio recebeu do caro amigo essa carta para sua esposa, sem que suspeitasse que continha a confissão da maior fraqueza humana, e como a recebeu, fechada, seguiu a leva-la a seu destino.

De volta da casa do commendador Muniz, o bello rapaz vinha desfigurado; parecia um convalescente de longa enfermidade.

—Nunca imaginei, me disse atirando, com indignação, o chapéo para o sofá—nunca imaginei que Martin descesse até á ignominia de chorar tristezas aos pés da sua infiel esposa, mendigando della uma palavra de amor, sabendo que esse amor ella o tinha dado a outro! Mas o que julgaria impossivel é que houvesse uma mulher, a mais mundana das mulheres, que fosse capaz de escarnecer de tão sentida quão profunda dor!

—Por que me dizes isto? Leste a carta de Martin?

—Li, sim, porque a indigna mulher, sem duvida para me causticar a alma e dar-me ao mesmo tempo a idéa de seu cynismo, deu-m'a a ler, depois de tel-o feito a rir de mofa e de desprezo.

—Pobre Martin exclamei.

—Dizes bem, Max, pobre Martin, que esqueceu-se, até escrever áquella Messalina uma carta em que dizia... (e Julio me repetiu, de memoria, o conteúdo da carta).

—Como?! disse eu, um homem da estatura moral de Martin pode aviltar-se ao ponto de se fazer ridiculo aos olhos de uma mulher indigna de beijar-lhe os pés?!

—Queres saber, Max? Martin, ou pela febre que teve, ou pelo que lhe causou aquella molestia, ficou leso das faculdades mentaes.

estado de espirito formado, isto é, ao estado intermediario entre a incarnação animal e o estado espirital consciente; depois, transpondo esse periodo preparatorio, chegam ao estado de creatura na posse do livre arbitrio, tendo uma intelligencia dotada de razão, independente e responsavel por seus actos, chegam assim ao fastigio da intelligencia, da sciencia e da grandeza.» (Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMIDADES SENSORIAS — MEDIUMS

VIDENTES E MEDIUMS AUDITIVOS

Vista mediumica pelos olhos

(Continuação)

O olho, como se sabe, é uma verdadeira camera escura, sobre cujo fundo se desenham as impressões luminosas. A retina, formada pela dilatação do nervo optico, transporta ao cérebro as vibrações luminosas; ali são ellas transformadas em sensações. Os physiologistas não se contentaram com estudar a participação da retina na função visual, remontando dos effeitos ás causas: procuraram mesmo a explicação d'esses factos.

Para explicar a sensação da cor e a do claro e escuro, admittiram velocidades diferentes nas ondas de um fluido (ether) que estivesse espalhado por todo o universo. Essas ondas impressionariam de um modo differente a retina, e a natureza da percepção, de que a alma tem consciencia, estaria subordinada a essas impressões variaveis. Nessa theoria se admite que os phenomenos da visão são simplesmente o resultado da percepção, pelo sensorio, de um estado determinado da retina, e a sensação do escuro é explicada pela ausencia de toda sensação, e pelo proprio estado da retina.

O que prova, alem d'isso, a existencia de uma modificação operada na retina durante a percepção dos objectos luminosos, é a possibilidade de reproduzir as mesmas sensações por um excitante que não seja a luz. Toda causa capaz de determinar uma mudança no estado da membrana nervosa do olho, determina sensações intimas, ou por outra, *subjectivas* da luz. Comprimi o olho com o dedo, e vereis figuras de formas diversas, ora annulares, ora irradiadas.

(Continúa)

—Antes seja assim, meu Julio, porque, em tal estado, nulla talvez se torne sua responsabilidade quanto ao desfecho fatal d'este horrivel drama.

—Assim pensa o mundo, Max; mas nós outros, que sabemos não poder o espirito, que é no ser humano o responsavel por seus actos, ser atacado de loucura, devemos ter por certo que o nosso pobre amigo nada lucrará com as perturbações do orgão, por onde se manifesta a razão. O homem pode ser um louco, mas nunca o espirito que o anima.

—Tens razão, Julio. Eu deixei-me levar pelas idéas mundanas que, não sei se diga, antes fossem as verdadeiras, por amor do nosso Martin.

—Nunca, veiu dizendo a mãe Martha, de olhos fechados. O que cai, levanta-se e segue; mas acima de tudo o que Deus dispensou de seu amor a suas creaturas humanas, está a liberdade, por isso mesmo acompanhada da responsabilidade. Meus filhos, o que vale a sciencia humana para ousar apreciar a obra da sciencia infinita? Vosso amigo não estará irremissivelmente perdido, se succumbir á sua prova. Cai por obra de sua liberdade, e reerguer-se-ha por obra da mesma liberdade, para o que terá á sua disposição o tempo na eternidade. Oraí por elle, e confiai no amor de Deus por todos os seus filhos.

Aquelles conceitos foram para nós balsamo e orvalho refrigerante.

Orámos por Martin, e eu despedi-me de Julio e da mãe Martha.

Pelo caminho, e em casa, logo que fiquei só, comecei a remoer tudo o que Julio me contara, e firmei a convicção de que duas almas iam-se despedaçar contra as montanhas de seus proprios erros: Martin e Elisa, sendo esta a causa das desgraças de ambos.

Se, ao menos, o moço, apenas perdesse a prova, não a recebendo com resignação, seria dos males o menor; o peor seria se elle levasse a revolta até o extremo de pôr termo á vida, porque isso seria agravar as faltas passadas, com a maior das faltas.

(Continúa)

FOLHETIM

(39)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XXXIX

A carta deixada por Martin, para Elisa, dizia:

«Elisa,

«Toda a minha vida tem sido um sonho, em que deslumbrante miragem me attrai para, ao abeirar-me della, desfazer-se a meus olhos e ir apparecer cadaver mais longe de mim.

«Julguei tel-a, enfim, apanhado, sob a forma gentil e vaporosa de uma fada, que seria o meu desvelo, o meu anjo, o meu Deus, o meu tudo, e a quem dedicasse culto de latria, mais puro e mais sentido que o de uma mãe ao seu primeiro filho, que o de uma virgem ao louro cherubim de seus castos enlevos, que o do peregrino ao casal arruinado, onde deixou, como encerrados em tumulo, as gratas recordações das innocentes alegrias de sua alma.

«Semelhante fada, que me appareceu, como sahindo de um mar de vapores, por minha imaginação iriados, foste tu, Elisa, e eu dei-te de minha alma o que Deus lhe deu de mais fino, delicado, de mais doce e perfumado, de mais candido e suave; o philtro divino, que é a perspiração do ser humano purificado, o amor, que seria infinito, se não fora o infinito do Creador.

REFORMADOR



ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a PEDRO RICHARD— Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1939 — Novembro 15

N. 401

O problema da evolução

IX

Procurámos demonstrar que, chegado ao alto da escala animal, tendo-se alçado á condição de humanidade, graças á accentuação de suas faculdades intellectivas e á aquisição do livre arbitrio que, com a consciencia de si proprio, n'elle acabava de se revelar como um novo attributo apenas esboçado, mas que, como todas as outras faculdades, se desenvolverá com o exercicio, o espirito tem necessidade de volver aos meios materiaes em que exercitou as suas aptidões, para n'elles pôr em contribuição essas aptidões, boas ou más, usando para isso da liberdade decorrente do seu novo estado e, por isso, assumindo a plena responsabilidade da sua escolha. Conforme usar elle d'essa liberdade, conforme servir os seus instinctos egoisticos, ou as aspirações de espiritualidade, concretizadas no bem e na verdade que lhe falam no intimo como uma mysteriosa intuição da grandeza futura dos seus destinos, assim elle irá, no primeiro caso, accumulando em torno de si novos attractivos materiaes e creando, conseqüentemente, a necessidade de novas incarnações depuradoras, ou, no ultimo, irá lentamente supprimindo essas necessidades, perdendo pouco a pouco a afinidade com taes meios, pela libertação das suas influencias, para gravitar incessante e cada vez mais poderosamente para regiões superiores, até franquear definitivamente o ultimo estadio que o separa da existencia em plena espiritualidade.

Todos os espiritos são livres de agir em um ou outro sentido, desde o inicio de sua evolução consciente e livre. E muitos haverá que, bem usando do seu livre arbitrio, sollicitos ás invisíveis suggestões dos seus guias, facilmente triumpharão das primeiras provas a que são submettidos, provas compatíveis com a sua fraqueza e com a sua limitada capacidade. Nem a outras, difficeis e insuperaveis, poderia, em tal condição, submeter seus filhos o Pai de infinita misericórdia e de amor infinito, sem parcialidade nem absurdas preferencias.

Vimos que razões de ordem moral e scientifica apoiam esta concepção, e como se acha ella concretizada nos ensinamentos da nova revelação, dados ao nosso mestre Allan Kardec, com os quaes ella offerece perfeita concordancia. Infelizmente—e o indicámos no final do nosso ultimo scripto— as revelações dadas a Roustaing e que, visando a interpretação dos Evangelhos, em espirito e verdade, ampliaram em alguns pontos os novos ensinamentos, d'elles se constituindo parte integrante, apresentam

a tal respeito um flagrante antagonismo. Promettemos examinal-o, no final do nosso artigo. Vamos, pois, cumprir a nossa promessa. E para isso transcreveremos em seguida, de taes ensinamentos, apenas a parte relativa ao ponto que estudamos, pois que, na sua integra, terão os leitores brevemente occasião de os conhecer, recorrendo á nossa quarta pagina, onde vimos, ha tempo, publicando essa revelação que, já n'este numero, attinge preliminarmente o referido estudo.

Eis aqui o que nos diz a Revelação da Revelação:

« Chegado o espirito— passando pela materia animal— a um certo grau de desenvolvimento, tem necessidade de ficar, antes de entrar na vida *espiritual*, em um estado mixto. Eis porque e como se opera essa estagnação, sob a direcção e a vigilancia dos espiritos prepostos:

O espirito, para entrar na vida activa, consciente, independente e livre, tem necessidade de se desprender completamente do contacto forçado que teve com a carne; necessita esquecer as suas relações com a materia e se purificar; é, pois, n'esse momento que se prepara a transformação do instincto em intelligencia consciente.

O espirito assaz desenvolvido no estado animal é de alguma sorte restituído ao todo universal, todavia em condições distinctas; é conduzido aos mundos *ad hoc*, regiões preparatorias, porque lhe é necessario encontrar o meio em que se elaboram os principios constitutivos do perispírito; fraca centelha luminosa, elle é lançado em uma massa de vapor: que por todos os lados o envolvem, e ali o espirito perde a consciencia do seu ser, porque a influencia da materia deve se anniquilar durante o *período estagnatório*, e cai em um estado que, para vos fazer comprehender, denominaremos de *lethargia*; durante esse periodo, o perispírito, destinado a receber o *principio espiritual*, se desenvolve, se forma em torno d'essa centelha de verdadeira vida: toma uma forma, ao começo, indistincta, depois se aperfeiçoa gradualmente, como o germen no seio materno, passa por todas as phases de desenvolvimento, e o espirito sai do seu torpor para lançar o seu primeiro grito de admiração, quando o seu involucro se acha prompto para o conter; o perispírito do espirito, n'esse grau, é completamente fluidico mesmo ás nossas vistas; á chamma que elle encerra, a essencia espiritual de vida é de tal modo pallida que os nossos sentidos tão subtils só a distinguem com difficuldade.

E' o estado de infancia do espirito.»

Seja-nos licito interromper aqui a transcrição, para examinar um pouco esse ensino, em proveito mesmo do methodo que nos propuzemos n'este estudo e porque, ao demais, os conceitos que vêm de ser lidos exigem um desenvolvimento que a continuidade da transcrição dificultaria, por exigir esta novos commentarios, o que prejudicaria a clareza e a conveniencia de separar todos os pontos que reclamam a nossa meditação.

Do exposto resulta que, depois de haver percorrido todos os reinos, todas as series naturaes até ao ultimo estadio da animalidade, e de ali haver desenvolvido todas as aptidões latentes no germen espiritual, antes de chegar propriamente á condição de espirito, depois de se haver elaborado e individualizado através de todas essas formas inferiores, chegando áquella condição, o ser espiritual é despojado de todas essas aquisições e restituído ao primitivo estado de simplicidade e ignorancia, tornado inconsciente e inerte pela restituição temporaria ao todo universal, despindo para isso o perispírito que o acompanhava no decurso d'essa evolução incalculaveis vezes secular, e que se conservava um registro fiel das suas aquisições mesmo n'aquellas formas inferiores, para revestir, mediante um banho fluidico, nos mundos *ad hoc*, um perispírito absolutamente novo e sem ligação com o seu passado, no estado de germen espiritual. Isto quer dizer que todas essas aquisições, todas essas paixões, todos esses instinctos, bons ou maus, desenvolvidos sobretudo nas differentes series da animalidade, desde as mais ferozes ás mais delicadas e affectuosas, todo esse trabalho millenar é posto de lado, é rejeitado, em virtude da necessidade, creada para o espirito, de voltar ás suas condições de pureza primitiva, afim de recommençar uma nova evolução n'um meio e em condições inteiramente differentes.

Sem nos arrogarmos competencia para discutir altos ensinamentos permittidos pela bondade do nosso Creador, em beneficio e para esclarecimento da nossa ignorancia; receoso mesmo de incorrer no desagradado de tantos de nossos irmãos em crença que têm por taes revelações um respeito sagrado, e aos quaes parecerá, porventura, uma profanação violar a integridade d'esses ensinamentos considerados sobranceiros á toda critica analytica, vamos tomar a liberdade de os commentar á luz da razão livre, sem nenhum sentimento de orgulhosa presumpção e apenas inspirado no cumprimento de um dever e no exercicio de um direito, de que usaremos, tendo sempre em vista a nossa incapacidade, mas também o nosso desejo de acertar. Pois que nenhuma verdade, no dominio da nova revelação, deve ser dogmaticamente imposta, mesmo aos de razão pouco esclarecida, é nosso dever, antes de a proclamar, n'uma passividade obediente, procurar adquiril-a por um processo de assimilação a que não pode ser estranho o livre raciocinio. Dever-se-ha ver n'isto uma manifestação de orgulho?—Quereriamos então que nos dissessem que uso devemos fazer d'esto

attributo que o Creador nos conferiu e que se chama a razão, sem cujo concurso não sabemos o que seria do discernimento humano, nem em que consistiria a superioridade do homem sobre os outros animaes.

Dito isto, á guisa de justificativa do que, porventura, será denominado a nossa «audacia», voltemos ao ponto que estudavamos.

Um desaccordo, logo á primeira vista, se nota entre a transcrição que vimos de fazer e a interpretação que, em um dos primeiros artigos, julgámos dever dar ao conceito da Revelação da Revelação, a proposito do perispírito *novo* que envolve o espirito chegado á condição de ser «humanizado». Pareceu-nos de bom aviso — e d'isso estarão lembrados os leitores — interpretar essa locução como uma referencia ao estado verdadeiramente novo do espirito, pelo desabrochamento das faculdades caracteristicas d'esse novo estado, por entendermos que essa deveria ser a verdade comprehendida em tal ensino. Ao demais, não era então o ensejo de discutir essa questão, cuja oportunidade sómente agora se offerece, dentro do methodo que nos traçamos n'este estudo. A necessidade, portanto, de transigir um pouco com o pensamento do revelador se impunha, até que esse pensamento pudesse ser patenteado em toda a sua extensão, no momento propicio ao commentario, como agora.

Ha evidentemente, a nosso ver, uma confusão n'aquelle ensino, confusão cuja responsabilidade nos parece dever ser attribuida antes á deficiencia tão comum nos trabalhos praticos do spiritismo, em que as vistas humanas tantas vezes intervêm, mesmo inconscientemente, do que aos proprios espiritos — grandes espiritos — que inspiraram taes revelações, a menos que, para exercicio das nossas faculdades deductivas, tivessem elles permitido propositalmente a introdução de dubiedades nas verdades reveladas, cuja distincção nos cumpriria ulteriormente promover.

Não se comprehende, realmente, como tivessem taes reveladores dado, como verdades definitivas, ensinamentos contra os quaes milita um certo numero de razões, cada qual mais ponderavel. Assim, será licito conceber que da sua evolução anterior através dos reinos naturaes, do seu aprendizado nas formas mais grosseiras, como nas mais aperfeiçoadas da animalidade, nenhum outro resultado colhessem os espiritos senão essa restituição ao primitivo estado de simplicidade e ignorancia absoluta? Seria para voltarem então ao ponto de partida, que

os espiritos teriam feito, no estado do germen espiritual, esse longo e doloroso tirocinio, consumindo inutilmente todo o tempo consagrado a essa evolução, por fim nullificada?

Evidentemente, repetimos, ha confusão no ensino a que nos reportamos. Esse estado de simplicidade e ignorancia absoluta não se pode reportar senão á condição do germen espiritual, antes de começar a evoluir sob as mais grosseiras formas da materialidade. Então, sim, tudo n'elle está em estado latente; as suas faculdades, as suas aptidões adormecidas aguardam esse trabalho evolutivo que, em cada serie será realizado. Chegado, porem, ao alto da escala da animalidade, isto é, attingida a condição de humanidade, nem sómente não pode o espirito se despojar dos instinctos bons ou maus que ali desenvolveu, mas ainda esses instinctos representam os estímulos, a origem dos arrastamentos oppositos, por qualquer dos quaes terá de se decidir o espirito, a partir de então com a plena responsabilidade da escolha livremente feita. E se não são esses instinctos, se não são essas aquisições, indelevelmente gravadas, em forma de movimentos, dynamicamente, no seu perispírito, a causa dos arrastamentos a que deve o espirito ceder ou resistir, onde iremos encontrar essa causa efficiente? Fóra do espirito? Mas o mal, ou a tendencia para o mal (como para o bem), se não está n'elle, como poderá sobre elle exercer o seu poder? Como succumbirá ás suas suggestões aquelle que com ellas nenhuma affinidade offerece, ignorante e, sobretudo, simples que elle é, ou que, pelo menos, como tal nos é apresentado?

Ha ainda a resolver a questão do perispírito. O pouco que os ensinamentos da nova revelação nos fazem conhecer da sua natureza e da sua função, é, todavia, sufficiente para nos autorizar a affirmar que esse corpo ethereo, subtil e incorruptivel que envolve o espirito desde a sua criação, no estado de centelha ou germen espiritual, e que faz parte integrante do seu proprio ser, é alguma coisa de inalienavel e de indissolúvel que lhe está perpetuamente associado e que, por conseguinte, não pode ser despedido, não pode ser abandonado nem substituído com a mesma facilidade com que o espirito muda de corpo em cada nova incarnação. Sendo assim, haverá, porventura, alguma occasião na vida espiritual em que os seres possam lançar fóra o seu proprio corpo, mutilar-se, renunciar com elle a todas as suas aquisições n'elle gravadas, como o seu patrimonio inalienavel e sagrado? Não nos parece, nem em face da razão pura, nem perante os ensinamentos da nova revelação. De resto, para acceitarmos essa possibilidade, deveríamos primeiro renunciar a todas as noções que temos da natureza e do papel do perispírito em relação ao espirito.

Até aqui sabíamos que elle, o perispírito — parte integrante, como o dissemos, do proprio espirito — era esse mediador plastico, presentido já, na antiguidade, por Cudworth, envoltorio necessario e complementar do espirito, constituído de materia fluidica, ou mais propriamente, de fluidos quintessenciados, e que era graças a elle que, em cada volta á vida espiritual, o espirito readquiria a posse integral de si mesmo,

nas suas aquisições atravez do passado, conservadas adormecidas e latentes na existencia corporal e que então se lhe revelavam em toda a sua plenitude. Graças a elle é que pudemos, até agora pelo menos, fundamentar a theoria da evolução do espirito nas series inferiores, sancionando, mas ao mesmo tempo esclarecendo e completando, o conceito materialista do evolucionismo, e essa affirmativa não a pudemos offerecer senão porque a existencia do perispírito, como um registro indefectivel das formas anteriores revestidas pelo espirito, é que nos veio attestar essa passagem, affirmando-se assim identicamente o mesmo envoltorio do espirito, desde essas formas grosseiras até á forma humana. Se, porem, não é ao perispírito que devemos attribuir essa reprodução embryonaria, pelo ovulo humano fecundado, no seio materno, das formas primitivas da animalidade, se esse perispírito foi abandonado na ultima serie que precede a humanidade, se, finalmente, entre o estado primitivo da centelha espiritual e o estado humano, em que por fim se encontra o espirito, nenhuma ligação existe, ao que deveremos attribuir e como explicar essa reprodução de que falamos?

Razões, porem, de outra ordem militam contra esse ensino que, posto que categorico, não nos parece claro nem logico — defeito porventura da nossa limitada capacidade comprehensiva. E como se referem ellas mais connexamente á continuação da revelação que atraz reproduzimos, e como demasiado já abusámos do espaço de que aqui dispunhamos, nos reservamos para mais ampla dissertação no escripto proximo.

LEOPOLDO CIRNE.

Protestantismo e Spiritismo

Para offerecer, em obediencia á nossa promessa, a necessaria contestação ao nosso collega d'O *Christão*, de cuja local, sobre as *incoherencias* da doutrina que professamos, nos occupámos em nossa ultima edição, julgamos dever adoptar de preferencia a epigraphe que se lê no alto, cada um de cujos termos, representando uma concepção, uma synthese doutrinaria, nos poupa o desgosto da argumentação *ad hominem* que, todavia, parece agradar tanto ao nosso illustre collega que o autorizou a tirar generalizações de praticas individuaes e attribuir ao spiritismo a responsabilidade de actos que dizem inteiramente com a consciencia dos religionarios e cuja sanção ninguém, de boa fé, se lembrará de impôr á doutrina, no conjunto de suas affirmativas e de seus ensinamentos, muitas vezes em desacordo com semelhantes praticas.

E' assim que o collega denomina *incoherencias do spiritismo* actos praticados isoladamente por um ou outro crente, actos inspirados antes na feição particular de suas proprias tendencias do que nos ensinamentos da nova revelação, que de modo algum os autorizam. Se o collega, antes de vibrar as suas setas maledicas contra o spiritismo, procurasse pôr-se ao corrente da doutrina que elle compendia, com o que daria provas de maior criterio, e, assim, se resolvesse a abranger, n'um vôo de intelligencia, todo o complexo dos seus phenomenos e a sua moral, que outra não é senão a do Christo,

comprehendida e interpretada em espirito e verdade, certo não viria irrogar-lhe, a ella doutrina, superior e alheia, nos seus altos ensinamentos, a todas as fraquezas e desvios dos que são ou que se dizem seus religionarios, incoherencias ou prevaricações que a não attingem.

N'esta categoria, entretanto, ha de permittir que lhe digamos, não pode ser incluído o qualificativo de «Nosso Senhor» dado a Jesus por um nosso irmão, no caso a que se reporta o collega, nem a commemoração por um outro, mediante um donativo, da «Natividade de Maria Santissima.» Quanto ao primeiro, que significação lhe dá o collega? Porventura, tratando-se de um espirito puro, da elevação moral do Christo, cuja superioridade na hierarchia espiritual nos colloca a seu respeito em posição de lhe devermos toda vassalagem, não será licito deferir-lhe esse tratamento, que envolve, ao mesmo tempo que o reconhecimento da nossa humildade, o amoroso respeito e a submissão que lhe devemos, a elle que nos veio redimir, — não deixando-se immolar voluntariamente, nem pelo sacrificio unico do seu sangue innocente derramado, como o ensinam romanos e protestantes, mas pelo poder suggestivo da sua moral sublime que, concretizada a esse respeito na parábola do filho prodigo, nos offerece a salvação universal, pela conformidade com esses ensinamentos, pela pratica da sua lei de amor e de fraternidade, para o que temos diante de nós, não uma existencia unica (outra affinidade entre protestantes e catholicos), mas as vidas successivas em diferentes mundos que são as «muitas moradas» que elle assegurou existirem «na casa do Pai»? Que ha de estranhavel em que os spiritas dêem a Jesus esse tratamento respeitoso? Em que se baseia o collega para affirmar que isso discrepa dos ensinamentos da nova revelação? Conhece-os, porventura? Mas se os conhecesse, não se teria abalando a essa critica inopportuna e infundada.

Quanto á commemoração da natividade de Maria Santissima... A' parte a conformidade d'essa designação com o dogmatismo catholico-romano, perguntaríamos ao nosso collega se sabe em que ponto de vista considera o spiritismo a doce mãe do Nazareno. Se sabe, se, antes de julgar a nossa doutrina, foi bastante sensato para estudá-la, pelo menos, nas suas linhas geraes e na essencia das revelações que encerra, deve saber igualmente que Maria, espirito extraordinariamente purificado, foi um dos escolhidos para assistirem Jesus na sua missão, para o que possuia a necessaria elevação moral, e como tal é por nós considerada, continuando, nas luminosas espheras em que gravita, a volver compassivos e amorosos olhos sobre esta humanidade, em cujo seio deixou um sulco profundo de affectos, pela sua abnegação, bem digna por certo do culto votivo que lhe consagram, e que se objectiva em taes ou quaes datas commemorativas, tantas almas reconhecidas. Haverá nisso, porventura, algo de censuravel? Em que código — dir-nos-ha o collega — já foi a gratidão reputada um attentado á lei moral?

Se, porém, o collega nos indica como censuravel a adoração da Virgem, sob as variadissimas e arbitrarias invocações creadas pela igreja romana, taes

como Nossa Senhora da Conceição, da Luz, dos Milagres, da Boa Morte, das Candeias e quejandos absurdos inventados pelo clero para explorar a credulidade e ignorancia do povo, bestializado a seu talante, então não tenha duvida em que estaremos ao seu lado para applaudil-o na sua condemnação a taes praticas, onde quer que sejam adoptadas pelos que se digam spiritas, e o faremos em nome dos proprios ensinamentos da nova doutrina. Que a censura, porém, incida sobre os que tão divorciados se mostram da moral que não comprehendem e que disvirtuam mesclando-a do culto fetichista e idolatra do romanismo, e não sobre a propria doutrina que não pode ser responsabilizada pela fraqueza de alguns, ainda não emancipados da tutela e da influencia clericais.

Quanto ás missas, que o collega affirmava que mandarão resar ou a que assistirão spiritas, contribuindo para subsidiar pecuniariamente o officialismo sacerdotal, podemos assegurar-lhe que nenhum spiritista verdadeiramente digno d'este nome, pela sua identificação com os principios doutrinarios da nova revelação, mandará celebrar taes officios ou quaesquer outros igualmente inuteis e dispendiosos, significativos de uma obediencia que recusamos á igreja de Roma, orthodoxa e intolerante. E se porventura o fizer um ou outro, para transigir com a hypocrisia dos habitos da sociedade em que vive, esse praticará um acto de verdadeira covardia moral, attestando a vacillação da sua crença na doutrina que diz, ou mesmo, acredita professar, a qual tem abolido por completo todas essas praticas obsoletas e irrisorias, improprias de espiritos livres racionalistas.

O que ali fica, supponhamos responder victoriosamente á objurgatoria do collega, ao mesmo tempo que resalva os creditos da doutrina, pondo-a ao abrigo de cumplicidades em actos individuaes para os quaes não contribue e que muito menos autoriza. E dariamos por concluída a nossa tarefa, se não tivessemos ainda necessidade de examinar um ponto das suas arguições e que representa da parte do collega uma hostilidade que não comprehendemos.

Depois de affirmar, gratuitamente, que spiritas e catholicos têm e explicam *purgatorio* a seu modo, o que não é verdade quanto a nós, o collega conclue por estas expressões:

«E' um dos grandes caracteristicos das religiões falsas: — a negação, o medo, o horror, que têm á verdade de que, terminada a nossa perigrinação na terra, não ha mais regeneração possivel! Cada um ficará, *para sempre*, no que foi em seus ultimos momentos! — Isto arreia; então cada uma engendra uma theoria, em que arranjam um meio de, depois da morte, se poder escapulir da *pena eterna*!

Tenham paciencia! a verdade não se encobre, nem se desfaz com theorias!»

Pois bem. Se o que constitue, entre outras coisas, o antagonismo das nossas crenças é essa concepção de Deus, que o protestantismo teima em apresentar como uma potencia implacavel e vingativa que colhe de surpresa os filhos gerados no seu amor, no momento de abandonarem a materia, para os punir com a eternidade dos supplicios no inferno, pelos delictos de um dia, e a quem nós attribuímos, ao contrario disso, a misericordia sem limites, associada á justiça indefe-

ctível, que proporciona a todas as creaturas os meios de resgatar, por seus próprios esforços, as faltas commettidas, uma a uma, através das existências regeneradoras, damo-nos por lisonjeados com essa divergência. E ha de o collega convir em que o facto de o ensino spirita se revelar incomparavelmente superior ao de todas as religiões dogmaticas do passado, pela noção de um Deus infinitamente justo e bom, e pela concepção harmonica e integral que nos offerece acerca do universo, não é razão para que se rebellesse contra nós e nos lance o seu inoffensivo anathema. Quanto a nós, nem nos damos ao trabalho de discutir essas concepções grosseiras que nos fariam de testar esse Deus cruel e vingativo, e apenas nos limitamos a divulgar os principios da nova revelação, sobre as bases do racionalismo e do experimentalismo scientifico, com os quaes implicitamente destruimos todos esses absurdos, conquistando a adhesão dos espiritos sensatos.

Mas o protestantismo, como o seu irmão o romanismo, do qual apenas differe pela suppressão da idolatria e de alguns dogmas caducos, agarrado obstinadamente á lettra, é uma doutrina que, ao lado do livre exame que reclama para se prestigiar, ainda sustenta, apregoa e ensina que «basta crer em Jesus para se ser salvo», como se um impulso momentaneo de fé pudesse dispensar o espirito do resgate de sua propria culpa e tornal-o instantaneamente puro, com direito ao accesso immediato ás regiões celestes. Ha nada de mais irracional o absurdo?

E se quizessemos respigar na seara do collega, que de coisas d'essa natureza iriamos pôr em relevo! Mas não. Não nos movem intuítos destruidores. Respeitamos as alheias crenças, e desde que ellas satisfazem as aspirações dos individuos que as professam, não lhes podemos recusar a nossa tolerancia, pouco nos inquietando com que connosco procedam de outro modo. E se aquelles, cujas convicções repousam exclusivamente sobre theorias são os que nos vêm tolher a negação das penas eternas, increpando-nos de combatermos esse e outros dogmas sacrilegos, mediante theorias, a nós que, ao contrario, nos apoiamos para isso em factos experimentaes, sobre os quaes repousa essencialmente o nosso edificio, o que havemos de dizer-lhes?

Pudesse o protestantismo a-sentar sobre tão solidas bases, e a certeza do seu triumpho e da sua força daria aos seus religionarios mais comedimento nos ataques e mais circumspecto respeito, que não deveriam recusar, por uma doutrina cujos adeptos, em menos de meio seculo, se contam por milhões e se acham espalhados por toda a superficie da terra.

Emfim... Sua alma, sua palma.

NOTICIAS

CARL DU PREL

Chega-nos, um pouco retardada, é certo, mas ainda a tempo de juntarmos as nossas ás homenagens dos seus innumeros amigos e admiradores, a noticia da

desincarnação do eminente philosopho germanico, cujo nome encima esta noticia. O seu trespasso occorreu a 5 de agosto preterito, em Keilig Kreuz, no Tyrol, onde ha bastante tempo se achava o illustre desaparecido.

Na nova revista *L'écho de l'au-dela et d'ici-bas*, eis aqui os rapidos traços biographicos que encontramos, e que nos desvanecemos de trasladar para as nossas columnas, como um merecido tributo á memoria do grande sabio:

«O eminente philosopho, que era o barão Carl du Prel, fez os seus estudos em Munich. Alistado no exercito, fez a campanha de 1866 e, em 1870, deixou, no posto de capitão, o serviço militar, por enfermo. A partir de então consagrou-se exclusivamente ao estudo da philosophia. Carl du Prel, que era um naturalista dos mais distinctos, era também um dos mais arrojados e spirituosos adversarios do materialismo.

«Sempre na brecha, tinha por predileção propagar as nossas idéas occultistas e evolucionistas. N'elle perd-a Allemanha um homem de grande valor, e os occultistas um propagandista sabio, modesto, de uma actividade enorme e de um devotamento sem limites.»

Refere *Le Progrès Spirite*, de Paris, que mosenhor Pavie, fallecido bispo de Alger, lia uma occasião em seu gabinete, quando ouviu, atraz de si, abrir a porta. Voltando-se, percebeu distinctamente, em todos os contornos, uma sombra em que reconheceu um dos seus antigos parochianos, morto havia muito tempo e a quem elle dedicara particular affeição.

A sua surpresa, porém, ante essa inesperada visita, subiu de ponto ao escutar estas palavras, que lhe soaram distinctamente aos ouvidos:

— Vós, que tanto me estimastes, vinde em meu auxilio. Eu deixei uma divida por pagar, e venho pedir-vos que a solvais por mim, afim de que cessem os meus soffrimentos.

E, em seguida, a sombra do antigo parochiano indicou precisamente o nome do credor e a quantia devida.

No dia seguinte mosenhor Pavie procurou effectivamente a pessoa indicada e, tendo verificado a absoluta exactidão do aviso, cumpriu a determinação do desincarnado, solvendo o seu debito, que tanto o incommodava na outra vida.

E naturalmente consigo proprio deve-ra ter concluido que aquella *alma penada* não poderia ter vindo do inferno, de onde jamais se sai, nem do purgatorio, cuja unica sahida deve ser para a bema-venturança, completado o tempo de expiação, e muito menos do céu, onde os *eleitos*, indifferentes á sorte dos desgraçados condemnados ao fogo eterno, menos ainda se incomodariam com ridiculas coisas do mundo.

Que lhe diriam então a sua razão e a sua consciencia acerca d'esses dogmas absurdos que a sua igreja lhe impunha o dever de apregoar como verdades absolutas?

Publicações

E' com toda a plenitude d'alma que damos as boas vindas ao sympathico collega *L'écho de l'au-dela et d'ici-bas*, que acaba de ser fundado em Paris, 3 rue de Savoie, tendo nos dado o prazer de sua visita, logo ao seu primeiro numero.

A julgar pela estrêa, podemos augurar longa e prospera existencia ao joven collega, tal a sua factura aprimorada e a competencia superiormente orientada que, da parte de seus collaboradores, revela em todas as suas secções, variadas, interessantes e originaes.

Multiplos são os assumptos que se propõe tratar, pois que no seu programma figuram, em primeiro lugar, o occultismo, em todas as suas modalidades de hermetismo, cabbala, alchimia, astrologia, chiromancia e artes divinatorias, e

depois a gnose, o spiritismo, a theosophia, o vegetarianismo, a franco-maçonaria e as sociedades secretas, mas, certo, dispondo de um opulento corpo de collaboração, a sua tarefa se tornará de facil execução, podendo, de outro lado, contar com o favor publico que, seguramente, não se conservará indifferente aos seus esforços por acudir á solução de todos esses problemas de actualidade.

Ao seu director Sr. A. Varney e aos seus dignos companheiros, enviamos os mais affectuosos votos de felicidade e o testemunho das nossas francas sympathias.

Acha-se exposta á venda uma nova edição da obra *O livro dos espiritos*, de Allan Kardec, cuja utilidade julgamos ocioso encarecer aos que desejam se aprofundar n'estes salutareos conhecimentos da revelação spirita, pois que o seu acolhimento por tantos espiritos indagadores e independentes se acha sancionado por longos annos de divulgação, que representam ao mesmo tempo o que se chama um verdadeiro successo de livraria.

A nova edição, cuidada com particular desvelo por um dos no-sos collegas e publicada sob os auspícios da Federação Spirita Brasileira, reúne á nitidez do texto a elegancia na factura do volume.

Um pouco suspeitos para falar d'essa nova edição, não podiamos, todavia, deixar de consagrar-lhe aqui esta breve referencia.

COLLABORAÇÃO

NOVE DE OUTUBRO

As commemorações são um preito devido aos homens, ou aos acontecimentos, que contribuíram de algum modo para a marcha progressiva de um ideal, ou a realização de um melhoramento, cujos beneficios effectos se reflectam na humanidade.

O progresso humano, marchando a passos de gigante na estrada da civilização, senda ainda tortuosa apezar dos genios que, como Galileu, Copernico e outros transitaram-n'a outr'ora, nunca atingirá a meta que muitos julgam estar traçada, para pôr um paradeiro á evolução do homem, no cumprimento da sagrada missão que lhe foi confiada no espaço; a marcha triumphal do homem não terá fim, porque a arena em que se move é o infinito, e n'este não faltam albergues onde repouse, para recommençar a jornada ao alvorecer do primeiro dia da sua nova existencia espiritual.

Elle que é o obreiro do bem, quando se compenetra do encargo que confiou-lhe o Creador, sempre desvelado no bem estar d'aquelles a quem entregou o cultivo da sua vinha, symbolo do adiantamento espiritual conquistado com o trabalho, não deve conservar no olvido os dias solemnes que marcam mais um passo dado no caminho rude, onde marchamos através do infinito, em busca da *terra prometida*: remanso de Paz e Amor donde ainda nos devemos alar para outros grandes mundos, perdidos nas immensidades luminosas do espaço.

Um dia celebre nos faz recordar o acontecimento que nelle se desenrolou, e como sempre nos acontecimentos destaca-se um vulto cujos feitos o impõem á posteridade, enchendo-a de grata satisfação e enthusiasmo pelos actos meritorios que praticou, é justo que o homem erga em sua alma um santuario aos benemeritos que o precederam, e, no dia que assignala a passagem de mais um anno, curve-se nos degraus d'aquelle, rendendo graças ao Omnipotente por dar-lhe mais um exemplo de abnegação concretizado na vida d'esse illustre antepassado.

Os seculos, em vertiginosa e ininterrupta corrida, deixam após, gravados no granito do tempo, os caracteres que hão de levar ao mais remoto futuro o historico da humanidade; alli, de envolta com a magnanimidade e sabedoria de Marco Aurelio, ver-se-ha a crueldade e ignorancia de Nero; a par do valor e

justiça de Alexandre, a pusillanimidade e corrupção de Nerva, e ao lado da doçura e amor do filho de Maria, a silhueta negra de Judas a balouçar-se no vacuo, como se quizesse furtar-se ao solo onde representara, por trinta dinheiros, a triste scena da traição, e onde lhe viera tardio o arrependimento.

Até hoje, com a maxima fidelidade, tem a historia transportado até nós as grandes datas do passado.

Assim como o christianismo, também as religiões indianas rendem fervoroso culto aos personagens e acontecimentos notaveis, mórmente áquelles que determinaram alguma reforma proveitosa.

Fóra da collectividade humana em geral, cada raça, nacionalidade ou classe, também busca tirar do olvido a memoria dos seus heroes, para circumdala d'essa aureola mystica que o valor ou a sabedoria emprestam.

O spiritismo, a doutrina consoladora por excellencia, tem, como todos os grandes ideaes, colhido os louros que a gratidão humana não regateia aos que cumprem o seu dever; elle tem operado uma completa reforma, espalhando, apezar dos obstaculos oppostos pelos amigos das trevas, os ensinamentos do Martyr do Calvario, cuja missão interrompida ha vinte seculos é recommençada pelo Espirito Consolador; e como tudo o que emana do Creador é invencível, o paladino do bem e da verdade, cada vez mais forte prosegue, combatendo o erro e passando por cima da perseguição, cuja preliminar foi o celebre *auto de fé* de 1861, que consumiu alguns exemplares das obras de Allan Kardec.

Miseravel affronta ao seculo XIX!

E' esse facto, de tanta importancia para o spiritismo, o que nos levou a escrever este pequeno artigo commemorativo, 38 annos depois, a nove de outubro de 1899.

Como uma suprema affronta á civilização, ergueu um apostolo do obscurantismo uma fogueira em Barcelona e, sem temer a justiça da historia, toldou a pureza do céu da Iberia com o fumo da fomalha inquisitorial, em plena metade d'este seculo!

Esse acontecimento, alem de constituir mais uma triste prova da intolerancia romana, nos enche de satisfação, por ser mais um golpe em falso, mais uma perseguição infructifera, mais um punhado de lodo que não manchou sequer de leve a alvura immaculada da nossa doutrina; essa data deve ser tão festiva para o spiritismo, quanto é de opprobrio para o obscurantismo: — só assim poderemos, congr gados fraternalmente, cantar um hymno de graça nos dias solemnes da nossa crença!

Acceitai, ó Mestre, n'esta data, o testemunho da nossa gratidão; é a prenda mais sincera que podemos offerter áquelle que, desprezando o prejuizo material, anteviu no clarão rubro da fogueira do Santo Officio o rubor fulgido da aurora de um novo dia.

NASCIMENTO JUNIOR.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

V

4ª EXPERIENCIA

24 de maio de 1886 Sessão em casa de Slade, á tardinha. Uma lousa igual ás precedentes (minha também, nova e marcada com a minha assignatura a lapis azul) é collocada por mim sobre a mesa, desguarnecida e examinada attentamente por baixo e por cima. Uma pontinha de lapis de pedra foi posta sobre a ardósia, do lado em que se vê a minha assignatura e a marca — A. W. FABER nº 7.

Tomo a ardósia com a mão esquerda e colloco-a sob o angulo da mesa junto do qual me acho. Minha mão direita está sobre a mesa, unida ás de Slade e do Sr. A., que também assiste á experiencia. Tenho Slade á esquerda e A. á direita; após alguns minutos de espera nenhum rumor se ouve sobre a lousa, que eu seguro sempre; mas por varias

vezes, sem contacto algum apparente, sinto que ella é violentamente impellida para o meu lado. Debruço-me e nada vejo sobre a mesa; Slade, de quem vejo as pernas, não fez movimento algum e suas mãos conservam-se no mesmo lugar. Em um dado momento sinto um esforço da ardosia que procura escapar da minha mão, sendo preciso segural-a com força; olho embaixo da mesa; nada; examino de novo a pedra, retirando-a para isso: a ponta de lapis está no mesmo lugar e nem um risco se vê traçado. Colloco-a outra vez sob a mesa e convindo Slade a segural-a commigo; cada um de nós a mantém do seguinte modo: prendendo ao mesmo tempo a lousa e a mesa, de maneira que os pollegares firmam-se sobre a mesa e os outros dedos por baixo da ardosia. Apenas nos achamos n'essa posição ouvimos bem claramente o lapis correr sobre a pedra. Inclino-me, examino os dedos de Slade, e constato a sua perfeita immobillidade. A «mensagem» deve ser longa, pois esperámos muitos minutos antes que a escripta cessasse. Tres pancadas seccas se fizeram ouvir; tentei retirar fóra a ardosia, já tendo Slade retirado a mão, mas sinto forte resistencia, qualquer coisa semelhante ao que se sente erguendo uma campana de vidro em que o vacuo tenha começado a se produzir mediante uma bomba pneumática. Vejo que quatro phrases foram escriptas na minha ardosia, cujas marcas acima citadas estão bem visíveis. Essas quatro phrases são escriptas — a primeira em francez, a segunda em grego, a terceira em allemão e a ultima em inglez, como se segue:

« Si ton bras, ô Démosthènes, avait égalé ton génie, jamais les grecs n'eussent obéi à l'épée macédonienne — E. Z. »
(Se teu braço, ô Demosthenes, tivesse sido igual ao teu genio, os gregos nunca teriam obedecido á espada dos macedonios).

(A phrase escripta em grego, que parece ser a traducção da precedente, é composta em grande parte de palavras truncadas e illegiveis).

« Mit der ausgezeichnetsten hochachtung — (assignatura indecifrável). »
(Com a mais distincta consideração...)

Nota — Na palavra «hochachtung» a inicial devia ser maiuscula. Essas faltas orthographicas são frequentes nas «communicações» escriptas em allemão.

« Tis is a hard task for a spirit to perform at the first visit — W. Clark. »

(Isto é uma tarefa difficil para um espirito, logo á sua primeira visita).

No correr d'essa experiencia, emquanto a escripta se produzia, fiz o seguinte reparo:

— Convidei o Sr. A, que se achava á minha direita, a levantar a mão esquerda de sobre a minha direita; emquanto durou essa interrupção do contacto, nada ouvi; o lapis parecia estar immovel. Pedi a A. que puzesse a mão sobre a manga do meu paletó e a ardosia continuou silenciosa. Pedi então que applicasse na minha frente, e, no momento em que seus dedos me tocaram, de novo ouvi o lapis se mover. Repeti mais vezes a experiencia e os resultados foram identicos.

Em varios casos semelhantes fiz observações analogas. Deve-se crer, pois, que esses phenomenos sejam devidos a um genero de electricidade nervosa que se reforçará passando por uma especie de bateria electrica da qual somos os elementos? Aqui, menos do que em outro lugar d'esta obra, seria o caso de aventar uma theoria. Fiquemos, pois no terreno dos factos. E' o que de melhor ha a fazer n'este momento, em que não estamos ainda senão nos elementos de um ramo da physiologia psychologica. Seria imprudencia agir de outro modo, pois a historia da sciencia ahi está para nos mostrar quanto são perigosas e reaccionarias para o progresso do saber, as theorias prematuras.

(Continúa).

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMNIDADES SENSORIAS — MEDIUNES VIDENTES E MEDIUNES AUDITIVOS

Vista mediumnica pelos olhos

(Continuação)

Acontece algumas vezes que essas sensações subjectivas se produzem espontaneamente. J. Muller afirma ter verificado, em certos casos, a appareição de uma pequena mancha branca, produzindo-se ao mesmo tempo que os movimentos respiratorios; virando-se bruscamente os olhos para o lado, vêem-se de repente apparecerem circulos luminosos no campo visual mergulhado na escuridão.

Admittidas as sensações da luz como o resultado de uma mudança produzida na retina, alguns physiologistas julgaram dever inquirir onde esse estado era percebido pela alma. Evidentemente é no encephalo e não na retina mesmo. O que põe fóra de duvida a participação da retina no acto da visão, é que os animaes, cuja vista é mais penetrante, são também os que têm a retina mais desenvolvida. Não sendo essa membrana mais do que a extremidade dilatada do nervo optico, e não apresentando uma sensibilidade igual em toda a sua superficie, resulta que as fibras que compõem o nervo optico não brilham todas unisonas. As mais sensíveis poderão ser chocadas pelas ondas luminosas que deixarão as outras em repouso. Isto é a consequencia da especialidade dos órgãos, isto é, da tendencia que as fibras possuem para se acomodarem a um estado vibratorio determinado.

A sensibilidade de um órgão depende do maior ou menor numero de fibras que contem, e de que cada uma é capaz de adquirir um movimento vibratorio particular em relação com as causas exteriores que podem influenciar esse órgão. Não se deve esquecer também que uma condição é indispensavel para a boa função dosapparelhos sensorios, e é que cada órgão tenha uma quantidade determinada de fluido nervoso á sua disposição; conforme essa quantidade augmenta ou diminue, as sensações são agudas ou nullas. Temos numerosos exemplos d'esse facto. Em certos estados pathologicos, o ouvido attinge uma finura notavel; esse desenvolvimento é devido á accumulção momentanea do fluido nervoso acustico; acontece o mesmo a respeito de todos os outros sentidos. Admittido isso, vejamos, pelo estudo da luz, entre que limites de vibrações se pode exercer, no estado normal, o sentido da vista.

(Continúa).

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

« E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida. »
(João, VI, v. 64).
« A letra mata, e o espirito vivifica. »

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

« Em sua origem, a essencia espiritual, principio de intelligencia, espirito em formação, passa primeiro pelo reino mineral, — *anima* (se assim é possível nos exprimirmos em face dos unicos recursos que apresenta a vossa linguagem humana apropriada ás vossas intelligencias limitadas) o mineral. »

« Dizemos: *anima* o mineral. Tudo tem, com effeito, uma existencia na natureza, porque tudo morre; e tudo o que morre tinha o principio de vida, e assim era animado por uma intelligencia *relativa*. »

« Esta palavra «intelligencia» pode surpreender, falando-se da vida de uma coisa inerte: seguramente, não ha nem pensamento nem acção; a essencia espiritual é, n'esse estado, inconsciente do seu ser; ella existe, eis tudo. »

« A essencia espiritual, então no estado de simples essencia de vida, absolutamente inconsciente de seu ser, constroe o mineral, a pedra, o minerio, attrahindo os elementos dos fluidos apropriados, por uma *acção magnetica attractiva, dirigida e vigiada pelos espiritos prepostos*. »

« Quanto mais inconsciente é o espirito, no estado de formação, tanto mais directa e incessante é a acção dos espiritos prepostos. »

« Sabei-o bem, e nós o dizemos aqui, para não mais o repetirmos: em relação a todos os reinos, mineral, vegetal, animal e humano, nada existe sem o concurso dos espiritos do Senhor; todos têm uma tarefa a desempenhar, uma vigilancia a exercer; não ha espiritos prepostos á formação de *tal* mineral, de *tal* vegetal, de *tal* ser do reino animal, ou do reino humano: a acção de sua parte é geral, segundo leis naturaes e immutaveis que vos não é ainda permittido nem possível comprehender, e a sua vigilancia se exerce em massa. »

« O animal morre quando é arrancado do meio onde o autor da natureza o collocara; a pedra arrancada da pedreira, o minerio extrahido da mina, cessando, do mesmo modo que a planta separada do solo, de existir, perdem a vida natural. »

« A essencia espiritual, que residia nas camadas do mineral, se retira por uma acção magnetica que dirigem e vigiam os espiritos prepostos, e é transportada para outro ponto. »

« O corpo do mineral, os seus destroços, recebem os empregos que as necessidades da humandade lhes dão. »

« Não vos admireis de que a união subsista no mineral e muitas vezes durante seculos, quando a essencia espiritual, que foi necessaria á sua formação, se retirou. »

« Cada materia tem suas propriedades *relativas*, segundo leis naturaes que vos não é dado comprehender. »

« Não vêdes o corpo humano, em certas condições, conservar a sua unidade em todas as suas partes materiaes, ainda que o espirito esteja separado d'elle? »

« Entre os vegetaes não vêdes casos de duração material? E certas plantas não conservam a apparencia da vida, a frescura dos tons e a firmeza do caule, por muito tempo ainda depois que foram separadas do solo que as alimentava e, por consequencia, do principio latente de intelligencia que residia n'ellas? Na natureza tudo se liga e se encadeia, e tudo se dá tendo em vista o bem e a utilidade do espirito chegado ao estado consciente de seu ser. »

« Os corpos mortos, quer sejam pedra, planta, ou ser, do reino animal ou do reino humano, devem concorrer para a harmonia universal, desempenhando as funções que lhes são assignadas. »

« A essencia espiritual que reside no mineral não é uma individualidade, não é como esses polypos que as secções multiplicam ao infinito; forma um conjunto que se personifica, se divide, quando ha divisão na massa em consequencia da extracção, e attinge assim a individualidade, como acontece com o principio que anima o polypo, o principio que anima certas plantas. A essencia espiritual sofre, no reino mineral, as materializações successivas, necessarias para a *prepararem* afim de passar pelas formas e especies intermediarias que participam do mineral e do vegetal: *materializações*, porque não podemos dizer *incarnações* para o começo de *seu ser*. »

« Depois de ter assim passado por essas formas e especies intermediarias, que se ligam entre si por uma progressão continua, e de ter sido assim, sob a influencia d'essa dupla acção magnetica que produziu a vida e a morte nas phases de existencias já percorridas, *preparada para soffrer* a prova da *sensação* que a *espera* no vegetal, a essencia espiritual, espirito no estado de formação, passa para o reino vegetal. »

« E' um desenvolvimento, mas ainda sem consciencia do ser; a existencia material ENTÃO é mais curta, mas mais progressiva; não ha nem consciencia nem soffrimento; HA *sensação*. »

« Assim, a arvore á que se corta um ramo vivo, experimenta uma especie de echo da secção operada; não ha, todavia, soffrimento; é como uma repercussão que corresponde de um ponto a outro, do mesmo modo que quando a planta é violentamente arrancada do solo antes que o tempo da maturação se tenha completado. »

« Repetimo-lo: SE HA *sensação*, não ha NEM *consciencia* NEM *soffrimento*; é um *abalo magnetico sentido* e que *prepara* o espirito no estado de formação, a essencia espiritual, para o desenvolvimento do *seu ser*. »

« Depois da morte do vegetal, a essencia espiritual é transportada para outro ponto; depois de ter soffrido, seguindo sempre uma marcha progressiva, as materializações successivas necessarias, passa pelas formas e especies intermediarias que participam do *vegetal* e do *animal*; então, n'essas ultimas phases de existencias, que são aquellas em que o espirito, no estado de formação, começa a sentir um *acto exterior*, ainda que *sem consciencia de sua causa e de seus effeitos*, HA *sensação de soffrimento*. »

« O espirito no estado de formação, sob a direcção e a vigilancia dos espiritos prepostos, opera assim, sempre por uma progressão continua, o seu desenvolvimento relativamente á materia que o envolve, e chega á *consciencia do ser*. »

« Preparado para a vida activa, exterior e de relação, o espirito, no estado de formação, passa para o reino animal. »

« Torna-se um principio intelligente, de uma intelligencia *relativa* que *chamais* instinto, de uma intelligencia *relativa* a suas necessidades physicas, á sua conservação, a tudo o que exige a vida material, tendo uma vontade e faculdades, MAS limitadas a essas necessidades; a *essa* conservação, a *essa* vida material, á função que lhe é distribuida, á utilidade que deve ter, ao fim que deve preencher, na natureza, nos pontos de vista de conservação e de destruição, e na medida segundo a qual deve concorrer para a vida e a harmonia universaes. »

« O espirito ainda no estado de formação, (porque não tem ainda então o livre arbitrio, uma intelligencia independente, dotada de razão, a consciencia de suas faculdades, de seus act's), passa, no reino animal, seguindo uma marcha progressiva continua, segundo os progressos adquiridos e as necessidades dos progressos a adquirir, por todas as phases de existencias successivas necessarias para o desenvolverem e o conduzirem ao limites das formas e das especies intermediarias que participam do animal e do homem; passa depois por essas especies intermediarias que o aproximam, pouco a pouco, e por um insensível declive, cada vez mais, do reino humano, porque, se o espirito sustenta a materia, a materia ajuda o seu desenvolvimento. »

« Depois de ter soffrido todas as transfigurações da materia, todas as phases de desenvolvimento para attingir um certo grau de intelligencia, o espirito chega ao ponto preparatorio do estado espiritual consciente, a esse momento que os vossos sabios, que tão pouco sabem dos mysterios da natureza, não podem definir e em que termina o instinto e COMEÇA o *pensamento*. »

(Continúa)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 7\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Dezembro 1

N. 402

EXPEDIENTE

Devendo o REFORMADOR, em 1.º de janeiro de 1900, entrar no seu 18.º anno de existencia, pensamos em augmentar n'esse dia a sua edição, para commemorar essa data auspiciosa, passando desde então a imprimil-o em melhor papel, sem, por outro lado, negligenciarmos em mantel-o uma fonte de estudos e de informações variadas aos leitores, acompanhando o movimento spirita universal.

Ao encontro d'esses intuitos, secundando-os e estimulando-os, contamos que virá o auxilio que da parte dos nossos confrades não nos tem faltado e do qual necessitamos para levar a cabo esta penosa tarefa que nos impuzemos.

Em compensação, e como prova de reconhecimento a esse generoso concurso, a exemplo do que já anteriormente havemos feito, temos resolvido instituir os seguintes.

PREMIOS

em favor de todos os que, nas condições abaixo, tomarem assignaturas do Reformador para o proximo anno, premios que escolhemos entre os livros mais novos, ou de mais interesse, que constituem a bibliotheca da Federação Spirita Brasileira, a saber:

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, nova edição nitidamente impressa, cuidadosamente revista e encadernada;

ROMA E O EVANGELHO, por D. José Amigó y Pellicer, magnifico repositório de ensinos doutrinaes da nova revelação, pela primeira vez publicado no Brazil;

AS MANIFESTAÇÕES DO SENTIMENTO RELIGIOSO ATRAVEZ DOS TEMPOS, pelo marechal Dr. F.R. Everton Quadros, preciosa brochura do mais alto interesse historico e philosophico.

As pessoas que obtiverem 10 assignaturas, enviando-nos o respectivo producto pelo correio, ou entregando-o n'esta redacção, terão direito a um exemplar d'O Livro dos Espiritos ou do Roma e o Evangelho, á escolha.

As que, nas mesmas condições, obtiverem 5 assignaturas, receberão um exemplar d'As manifestações do sentimento religioso através dos tempos.

A expedição dos premios será feita gratuitamente aos respectivos destinatarios.

O problema da evolução

X

A todo espirito investigador, para o qual é uma necessidade procurar, além e fóra das cogitações triviaes da vida, a causa e a razão de ser das acções humanas, o movel que impelle os individuos a agir, uns no sentido do bem, outros no sentido do mal, sendo mesmo muito mais geral e commum que, em um mesmo individuo, as duas tendencias se accusam e se objectivem em actos exteriores, successivos e antagonicos; ao pensador e ao philosopho, em uma palavra, não escapa a primeira difficuldade a vencer, no sentido de encontrar a causa originaria de taes manifestações, isto é, no sentido de conhecer o porque determinativo d'ellas, não bastando para isso appellar para o que se denomina o livre arbitrio, pois que este, como veremos em seguida, não constitue só por si uma causa explicativa das deliberações humanas.

O que vem a ser, de facto, o livre arbitrio? — Os philosophos materialistas

que o negam, fundam-se, para essa negativa, no facto de que o homem, quando se determina agir n'este ou n'aquelle sentido, não o faz com a absoluta independencia e liberdade que as philosophias espiritalistas emprestavam a esse attributo, mas, ao contrario d'isso, em todas as suas acções, quer no ponto de vista das necessidades materiaes, quer no que respeita ás relações sociaes ou ao exercicio dos seus deveres moraes, age sempre em virtude de uma causa previa determinativa. D'ahi concluem elles que o individuo não é tal um ser livre e independente, mas, longe d'isso, não passa de um ser dependente das solicitações da natureza, como das convenções sociaes, ou das proprias suggestões da moral pura, que, atravez dos ensinos das religiões, se o individuo escapa á pressão d'aquellas outras causas, é o jugo que por fim o opprime para, em outra esphera e com outro objectivo, o forçar á sua subordinação, seja pela esperanza de um proveito pessoal, seja pelo temor de uma punidora repressão. Assim, por exemplo, quando, no primeiro caso, o homem, achando-se em presença de alimentos que despertam as solicitações do estomago, se atira a elles e os ingere, não o faz por livre arbitrio, no sentido dado a essa expressão, mas porque a isso o coagiu a necessidade de nutrição, a cujo imperio foi obrigado a se submeter. Se, ao contrario, a necessidade physiologica está plenamente satisfeita e o estomago já não comporta alimentos, elle os não tomará, pois que já não ha para isso uma razão de ser. Se, estando, entretanto, com fome, poder-se-hia retorquir, elle quizer experimentar a sua liberdade de acção, abstendo-se de comer, e o fizer, terá então affirmado esse attributo; ao que replicarão, por sua vez, os negadores d'este que o individuo que faz ou deixa de fazer alguma coisa sem razão de ser, contraria á logica — e as necessidades materiaes têm também a sua logica natural — é um vesânico, é um louco, e os loucos, impulsivos que são, não possuem o livre arbitrio; ou ainda objectarão que, subtrahindo-se áquella necessidade, para sancionar uma theoria, o individuo ainda age em obediencia a uma causa alheia a si proprio, submettendo-lhe, portanto, a sua acção individual que, assim, deixa de ser independente. Ou elle ha de obedecer — concluem — á solicitação da necessidade natural, ou, subtrahindo-se a ella, reporta-se a uma causa externa e differente; em qualquer dos casos, uma causa determinante e que annulla a independencia do acto. Tirei essa causa, e toda acção sem ella, sem um motivo inspirador, será uma vesania.

Exemplifiquemos, porem, successiva-

mente as duas ultimas hypotheses dos actos inspirados, ou cohibidos, pelas convenções da moral social ou pelas determinações da pura moral.

Quando um individuo, dizem os negadores do livre arbitrio, — um funcionario, por exemplo, encarregado da guarda dos dinheiros publicos, vendo passarem-lhe pelas mãos sommas consideraveis, das quaes uma parcella bastaria para assegurar a subsistencia e o futuro de sua familia, deixa de se apossar de uma d'essas quantias e se conserva um fiel depositario d'ellas, mesmo que esse acto de honestidade prive de uma abastança facil os entes que lhe são caros e que desejaria ver opulentos e felizes, não o faz sem uma causa determinante d'esse acto; ou o receio da penalidade legal, ou o da perda do seu nome honrado perante a sociedade, no caso da moral convencional, ou o temor do castigo na vida futura, no ponto de vista da moral religiosa, serão o movel prohibitivo d'esse impulso. Elle não agirá com absoluta independencia.

A isso poder-se-hia objectar que individuos ha que não são susceptiveis d'essas, como de outras tentações do mal, e nos quaes a idéa moral, por assim dizer, instinctiva, predomina com tal força que, fóra das preocupações do bem, nenhuma suggestão exerce sobre elles o seu poder; ao que ainda responderiam os negadores que essa predominancia da idéa moral é ainda o resultado de um ensino, de um aprendizado, de uma longa pratica em tal sentido, e ainda n'este caso, que o individuo obedeceria a causas anteriores n'elle proprio accumuladas, e não agiria independentemente e sem nenhum motivo, por livre arbitrio, no sentido absoluto que se tem dado a esta expressão.

E os philosophos materialistas têm razão, não em negar o livre arbitrio, mas em affirmar que nenhum acto humano escapa a uma razão de ser anterior, a uma causa determinativa, que tanto pode agir de fóra sobre o individuo, como residir no seu proprio fóro intimo, desenvolvida pelo exercicio, se faz parte integrante do seu proprio ser, como os caracteristicos propriamente da especie, ou ter ahi penetrado por assimilação e se haver tornado consciente e fixa. Os argumentos formidaveis de que se serve a philosophia materialista para fundar essa theoria que, com Hœckel, a cujas investigações foi apropriada, se denomina o *determinismo*, e tem por base o estudo aprofundado de todas as acções humanas, são demoldes a tornal-os triumphantes diante de todas as objecções que se lhes oppo-

consciencia, e reconheceréis que, effectivamente, a não serem os loucos, em certos casos — limitamos a excepção, e sabemos porque, — não ha um só homem que, agindo n'este ou n'aquelle sentido, não obedeça a uma causa determinativa, trate-se de necessidades physiologicas, ou de satisfazer paixões grosseiras, como de observar os ensinos da moral pura. Em qualquer caso, e sempre, uma razão, um motivo que suggere o acto e impelle o individuo á sua pratica. O *determinismo*, por conseguinte, tem razão.

Em negar o livre arbitrio?

Não, repetimos, mas em affirmar essa causa determinativa, previa e indispensavel, das acções humanas. Isso, porem, não destroe o livre arbitrio; dá-lhe, sim, um novo conceito e lhe restitue a verdadeira significação, que as philosophias espiritalistas do passado, graças á insufficiencia dos seus processos, haviam deturpado um pouco, emprestando-lhe uma função absoluta que a sua natureza não comporta.

Assim, pois, o livre arbitrio será, não esse attributo independente e exclusivo, sem nenhuma relação de effeito, erroneamente apresentado como movel e causa das acções individuaes, no homem preso á terra, como no espirito errante ou livre no espaço, mas essa faculdade que possui o ser espirital, consciente, de, entre duas tendencias oppostas, escolher aquella que melhor consulta as suas aspirações, os seus interesses, materiaes ou moraes, d'essa opção resultando então para elle a plena responsabilidade, tanto em um como no outro sentido, conforme se decidir elle.

No segundo caso, acima exemplificado, a solução seria esta: um espirito materializado, isto é, inferior, em quem predominassem as más paixões, encontrando-se na condição de depositario de dinheiros publicos, não teria a força de resistir ás suggestões da ambição, e n'elle predominando esses instinctos, mais poderosos do que todas as conveniencias da moral, a elles acabaria por succumbir; ao passo que o homem de bem, isto é, o espirito de uma categoria superior á d'esse outro, conservando-se indifferente, como no caso figurado, a taes suggestões, ou tendo-se purificado o sufficiente para nem lhes sentir o roçar pelo animo, identificado com as superiores aspirações da moral pura, agiria sob taes impulsos salutaes, unico movel de todas as suas acções, reguladas, consciencamente, é certo, por essa disciplina immaterial que se lhe tornara quasi um habito instinctivo.

Esses exemplos se podem variar e multiplicar ao infinito, e d'elles a sociedade nos offerece constantes testemunhos. No fundo, elles se radicarão sem-

pre a uma ou outra causa determinante, confirmativa do ponto de vista que adoptamos.

Por minima relação que a digressão, que vimos de effectuar, pareça ter com o ponto que estudamos e que offerece tão multiplos aspectos, era, todavia, necessaria para justificar as proposições que em seguida desenvolveremos.

Pertenciamos ao numero dos que, dando ao livre arbitrio o conceito absoluto que lhe vinha das primeiras philosophias, sentiam-se embaraçados — e quantos não se acharão nas mesmas condições! — em comprehender e explicar porque, simples, igforantes e mesmo puros, não pela superioridade moral, luminosa e immaculada, mas pela ausencia de toda mancha, de todo erro, no seu estado inicial, agiam os espiritos, uns no sentido do bem, outros no sentido do mal, sem que conhecessem uma nem outra coisa, cada uma de cujas tendencias, conforme a prioridade do desenvolvimento, n'elle passaria a contar sobre a outra uma vantagem e a exercer uma supremacia, que o exercicio tenderia a augmentar cada vez mais; a menos que se quizesse admitir, para os espiritos, a pratica simultanea e antagonica do bem e do mal, o que, se se comprehende no espirito desenvolvido atravez das vidas successivas, quando ainda luta entre esses dois arrastamentos n'elle desenvolvidos e identificados, vacillante que se sente ainda, de modo a agir, ora n'um, ora n'outro sentido, não se comprehende, entretanto, em relação ao espirito quando ainda não reúne nenhuma d'essa aptidões desenvolvidas, no seu estado primitivo de simplicidade e ignorancia.

A criação da centelha espiritual, tendo em germen todas as aptidões que só no futuro se desenvolverão, a necessidade de as exercitar nos meios materiaes, desde os mais grosseiros aos mais aperfeiçoados da natureza physica, a effectividade d'esse desenvolvimento, ao chegar á condição humana, depois do ultimo estadio da animalidade, abrangendo todas as nuances da organização moral, desde, sobretudo, as mais violentas expansões nas especies ferozes, até ás mais delicadas manifestações da docura e da humildade, nas raças que mais se aproximam do homem, ou melhor, da condição moral que é o seu apanagio definitivo, em uma palavra, a affirmação d'essa admiravel lei de continuidade evolutiva, contida tanto na revelação dada ao Mestre, como na revelação dada a Roustaing, foi um raio de luz que nos esclareceu subitamente as obscuridades da questão.

Comprehendemos então facilmente que, chegado ao estado superior, de humanidade, tendo desenvolvido por igual todos os seus instinctos, houvesse para o espirito uma causa determinante do seu procedimento, d'ahi por diante com a responsabilidade da opção por que se decidisse. Consciente propriamente desde então, se é que anteriormente, nas ultimas especies, como tudo faz supôr, essa consciência não se vinha pouco a pouco despertando por intermitentes lampejos, começaria o espirito a receber os primeiros rudimentos de moral, sufficientes para o esclarecer no caminho a seguir, e seria então essa a sua bussola guiadora e, a par d'isso, o escudo a amparar-o contra os arrastamentos da materia, estimu-

lando-lhe as aspirações de espiritualidade e preparando-o para se desprender a pouco e pouco dos seus grosseiros appetites, voltando as vistas para o ideal superior a que começaria a comprehender que estavam perpetuamente ligados os seus destinos.

Voltando, pela necessidade de depuração progressiva, aos meios materiaes, para a elles restituir a herança d'essa natureza, que se immiscuira com as suas faculdades em desenvolvimento, iria o espirito, na continuidade d'essa evolução incessante, encontrar as condições necessarias suscitadas pelo Creador, sempre amor e disvelo por seus filhos, afim de realizar a sua obra de progresso individual, tendo á sua disposição tudo o que lhe facilitasse essa tarefa depuradora.

Então a luta a travar pelo espirito seria entre os instinctos grosseiros da animalidade, em pleno desenvolvimento n'elle, e os instinctos de bem, igualmente exercitados no passado, agora estimulados com mais força pela assistencia moral cuja impressão lhe ficara no animo, antes de voltar á terra. Entre uns e outros, a sua consciencia o advertiria providencialmente da escolha a fazer. Livre, porem, elle escolheria o bem, ou o mal, ou ora o bem, ora o mal. D'ahi as quedas e as ascensões, os desfalecimentos ou o avanço firme para o ideal de perfeição.

As razões expostas, a autoridade destes ensinamentos contidos na nova revelação e, ultimamente, as investigações empreendidas e expostas por Gabriel Delanne, amparado em outras autoridades na materia especial tratada, acerca da densidade do perispírito, de que já nos occupámos aqui detidamente, trouxeram ao nosso espirito, senão a certeza completa acerca de taes ensinamentos, pelo menos a convicção de que, por ora, é tudo quanto de mais completo e integral podemos conhecer da evolução do espirito, desde as especies animaes inferiores — para não ir mais longe, — no estado de principio animico, até á condição de espirito humano, conservando o mesmo revestimento fluido, e preso á atmospheria do planeta, em que fizera a sua evolução anterior, por todo o tempo em que se conservasse esse revestimento impregnado dos fluidos grosseiros peculiares a esse meio, e até que, mediante vidas successivas, cujo numero variaria com a sua perseverança nos bons ou nos maus sentimentos, se purificasse completamente d'essas influencias e passasse a gravitar para outras espheras compatíveis com o progresso por elle effectuado.

O ensino dado a Roustaing sobre a aquisição de um novo perispírito pelo espirito chegado á condição de humanidade, como tivemos occasião de reproduzir e commentar ultimamente aqui, contradiz, entretanto, todas essas conclusões e, a ser acceto, integralmente, sem nenhuma modificação, renova e multiplica as difficuldades que suggere a solução d'esse problema.

A necessidade de encarar, em si mesma, a questão do livre arbitrio, para melhor fundamentar a nossa argumentação, nos conduziu mais longe do que pretendiamos, e nos força a suspender aqui este estudo, para continuá-lo então no escripto proximo. Ao leitor, entretanto, não escapará de certo a conveniencia de não destacar as considera-

ções que acima ficam, do que então nos propomos dizer e que a ellas se prende estreitamente.

LEOPOLDO CIRNE

NOTICIAS

O movimento acelerado da propaganda spirita na Europa vai dia a dia se accentuando, do mesmo modo que entre nós se reforçam constantemente as fileiras dos combatentes pela nova idéa, graças ás adhesões quotidianas de novos adeptos.

Encaminhando esse movimento e servindo essa cruzada regeneradora, os dois notaveis paladinos do spiritismo na França, Léon Denis e Gabriel Delanne, não limitam a sua actividade á divulgação de obras notaveis pelas idéas que concretizam e pela cultura moral de que n'ellas dão testemunho; vão adiante e, em comícios publicos, fazem sentir a eloquencia da sua palavra, inspirada nos conhecimentos da vida futura e na certeza da immortalidade, que nos traz a nova revelação.

Segundo os ultimos jornaes recebidos, e ao que nos diz, em sua edição de outubro, a *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, Léon Denis devia ter realizado em Paris, no dia 1º de novembro, na sala do Grande Oriente da França, uma de suas conferencias, e, ainda nos primeiros dias d'esse mez, talvez a 12, tomaria a palavra em Liège, na Belgica, para se occupar do thema *O spiritismo e o seu papel no mundo*.

Os que ainda não tivemos a fortuna de ouvir o verbo eloquente do grande orador francez, ungido de persuasiva convicção, de que têm falado com enthusiasmo os proprios jornaes profanos, podemos em todo caso, pelo que conhecemos do valor intellectual do intrepido propagandista, em suas obras divulgadas entre nós, julgar do que serão esses comícios e do effecto que no auditorio produzirá a enunciação das grandes verdades reveladas pelo spiritismo e que Léon Denis sabe tão superiormente vestir de uma aprimorada stylistica, que não é o menor encanto do seu espirito de elite.

Gabriel Delanne, o outro intemerato apostolo do moderno espiritalismo que, no dominio da investigação scientifica, tantas affirmativas de raro valor lhe deve, fará, com o auxilio de projecções, a sua conferencia, no dia 10 d'este mez, na qual se occupará *Das provas experimentaes da existencia da alma e de sua immortalidade*.

Um e outro se dirigirão igualmente a Bruxellas, Charleroi e Anvers, no exercicio d'esse benemerito apostolado pela palavra, essa arma inoffensiva e poderosa de combate e de convicção.

Aos infatigaveis trabalhadores da obra de regeneração humana, enviamos os mais calorosos applausos pela sua attitude, digna de imitação, em face da propaganda, no momento decisivo que atravessamos.

A excellente revista *Annales des Sciences Psychiques* traz, em uma de suas ultimas edições, uma curiosa narrativa, concernente a um caso de telepathia, bem constatado e referido pelo Sr. Durand de Gros, o qual teve por protagonista o Sr. L. R., funcionario da administração central dos correios e telegraphos.

No dia 16 de março d'este anno, o referido Sr., tendo sahido do ministerio ás 5 1/2 horas da tarde e tomado o omnibus da carreira de Grenelle á Porte St. Martin, ao chegar á rua Jean-Jacques-Rousseau, teve subitamente a visão muito nitida de sua mãe, deitada de costas no leito, e recebeu a intuição de que ella estava a expirar.

N'uma especie de sonho, occorre-lhe dizer:

— Espera, mamã, eu vou.

E ao mesmo tempo assalta-o como que o desejo de tambem morrer. Parecia-lhe achar-se ao pé do leito de sua mãe e ser por ella reconhecido,

Eram cerca de 6 horas e 5 minutos, e descendo do omnibus, com o seu amigo L., em cuja companhia viajava, a visão se dissipou.

Às 11 horas da noite, quando se recolhia de novo á casa, encontrou elle um despacho telegraphico de seu irmão, decano dos advogados de K., e presidente da ordem d'esses profissionais, no qual este lhe communicava o estado desesperador de sua mãe, ás 7 1/2 horas da noite, occorrendo o trespasso d'esta ás 10 horas, o que o deixou n'uma agitação nervosa facil de ser comprehendida.

Que explicação agora os scientistas essa *allucinação* veridica.

ASSOCIAÇÕES

Segundo communicação que gentilmente nos foi feita, sabemos que acaba de ser reorganizado, na capital do Paraná, o «Grupo Spirita do Serrito», fundado em 1889, e que agora, graças a essa reorganização e ao proposito dos seus directores, de intervirem na propaganda activa da doutrina spirita, muitos e grandes serviços pode prestar á sacrosanta causa.

A sua directoria ficou assim constituída:

Presidente, João Urbano de Assis Rocha; vice-presidente, Jesuino da Silva P. Rios; secretario, João Pedro Schleder; archivista, Benedicto Vianna; thesoureiro, Manoel Pacheco de Carvalho; bibliothecario, Bellarmino Vieira.

A *Revue Spirite*, de Paris, enviaram de Mustaphá, em Alger, sob a data de 6 de setembro passado, uma communicação subscripta pela Sra. Carmencita Noel, esposa do general Noel, por seu filho o por um Sr. Hippolyto Homps, a qual encerra uma narrativa concernente á acção physica de um espirito sobre o famulo d'aquella senhora, narrativa que surpreenderá, e mesmo parecerá inverosimil, a quantos não tenham procurado conhecer a acção e reacção constantes entre os dois mundos, visivel e invisivel, e as leis que presidem aos seus phenomenos.

E' o caso que, estando a generala, em sua residencia, á Villa Carmen, entretida a ler, no gabinete do seu marido e em companhia de seu filho Mauricio, que ao pé d'ella escrevia, ouviu, como elle tambem, o ruido de uma violenta explosão. Immediatamente lhes appareceu o seu novo creado, Ahmed, joven mouro de cerca de 16 annos, o qual, de olhos fixos e physionomia alterada, lhes referiu que, achando-se no gabinete da senhora, lho apparecera o espirito de uma mulher vestida de preto, que o intimou a tocar no aparelho a gaz para aquecimento d'agua, ao que elle fora obrigado a obedecer, mesmo sem nada conhecer d'esse aparelho, dando-se então a explosão.

Essa mulher negra, acerescentou o rapaz, lhe queria mal e já lhe havia apparecido na adega, tendo-o batido, por elle fazer mal o serviço.

Na ausencia de seu marido, a generala, assustada com o estado do creado, fez chamar o Sr. Homps, que se achava em sua casa, occupado em um serviço relativo á transformação de um aposento em guarda-roupa, e que é um bom medium, ao qual o joven arabe repetiu a narrativa.

Aqui é que começa o extraordinario do caso:

A proporção que ia falando, Ahmed, que ao entrar no aposento trazia as faces lisas, proprias da sua idade, começou a soffrer a seguinte modificação: sobre uma das bochechas, ao começo, e depois em cada uma d'ellas, foram apparecendo tres sinais profundos como de unhas, cujos sulcos se foram cavando successivamente mais, ao ponto de sangrarem com abundancia e tingirem a roupa do pobre rapaz.

Segundo elle declarou, era ainda a mulher negra que o punia.

Esse phenomeno estranho foi observado perfeitamente pelas tres testemunhas mencionadas, vindo-se a saber pos-

teriormente, por um outro medium, que a tal mulher tinha sido avó do joven mouro.

Inverosimil, fantastico, sobrenatural — será tudo quanto quizerem os incredulos. Mas é um facto o que ali está, presenciado e attestado, sob palavra de honra, por tres respeitaveis pessoas.

Como explical-o fóra das leis que nos faz conhecer o spiritismo?

BIBLIOGRAPHIA

ED. GRIMARD — UNE ÉCHAPPÉE SUR L'INFINI. — *Vivre, mourir, revivre.* — 1 vol. de 418 pags. Paris, 1899. — Leymarie, editor.

Tal é o livro que um elegante escriptor francez, antigo redactor scientifico da *Revue des Deux Mondes* e um fecundo publicista, á cuja autorizada penna deve a litteratura franceza algumas obras de merito real, acaba de lançar á publicidade, e com o qual, sem pretender introduzir novidades no dominio da moderna psychologia, se propoz, todavia, elle reunir, em uma larga synthese, tudo o que tem feito objecto dos novos estudos, quer no ponto de vista da especulação philosophica, quer no dominio da observação experimental.

O maior trabalho do autor consistiu, realmente, em colher os resultados das investigações alheias, rebuscando nas tradições da India antiga, tanto como nas mais recentes indagações dos psychologos modernos, as origens e os fundamentos da creença na immortalidade da alma, que hoje se radica em tantos espiritos, mediante as demonstrações positivas da phenomenologia spirita, tudo isso acompanhado do commentario pessoal, sempre judicioso e opportuno, em uma linguagem suggestiva, que não cansa o leitor, antes o induz a percorrer, com interesse crescente, essas paginas admiraveis de clareza e de verdade.

Uma simples reprodução das epigraphes dos dezenove capitulos de que se compõe a obra, dara ao leitor uma idéa da complexidade dos assumptos ali discutidos e do interesse que forçosamente despertará a sua leitura em quantos não são indifferentes a esses estudos, que tão vastos horizontes nos rasgam ante os olhos do espirito, n'um desdobramento de maravilhosas perspectivas que se perdem no infinito e de que tantas vezes, como no terceiro capitulo, sobre o plano divino, nos dá esse magnifico livro uma idéa deslumbrante.

São os seguintes os capitulos a que alludimos:

I. — O problema da vida. — II. As auroras. — III. O plano divino. — IV. A epopeia da vida. — V. A morte. — VI. O renascimento. — VII. Provas o testemunhos. — VIII. O moderno espiritalismo. — IX. Na Inglaterra. — X. Na França. — XI. Na Allemanha. — XII. No resto da Europa. — XIII. Os factos. — XIV. As investigações na Inglaterra. — XV. Spiritismo transcendental. — XVI. As materializações. — XVII. A ultima palavra. — XVIII. Coisas estranhas. — XIX. Conclusão e notas.

Não é nosso proposito analysar aqui detidamente todo o valor d'esse livro, cheio de audacias, de mysterios desvendados, de inesperadas revelações, de profunda e perturbadora poesia, na phrasa de um illustre critico, tanto mais que nem temos espaço para longas dissertações, nem podemos alimentar a pretensão de que a nossa critica seja lida e comprehendida pelo autor — o principal interessado em semelhante caso — escripta como seria n'uma lingua estranha, tão pouco conhecida na Europa, cujos filhos, de resto, quasi nada se interessam pelo que ocorre no nosso paiz.

Uma observação, porem, não podemos omitir acerca de uma passagem d'essa obra, quando, a proposito da « Historia de Psyché », o autor se julga sufficientemente autorizado a avançar esta proposição:

« De existencia em existencia, a alma então rola aos abysmos, perde sua hu-

manidade, novamente se torna demoniaca, entra talvez de novo na animalidade, porque a cadeia é continua, e cai nas baixas profundidades... »

Contra essa concepção da retrogradação do espirito até ás mais infimas ordens naturaes, já tivemos ensejo, discutindo o problema da evolução, de levantar uma serie de objecções, que seria ocioso reproduzir aqui, sobretudo quando ainda não se acha concluido o estudo empreendido acerca d'esse problema e é possível que ainda mais detidamente seja analysada essa concepção, antes de finalizar a serie.

Sabemos que essa idéa, de serem os animaes espiritos decahidos da condição de humanidade, é partilhada por um certo numero de investigadores, principalmente pelos que não se limitam a haurir conhecimentos nas investigações dos modernos psychologos occidentaes e vão se inspirar, mais longe, nas revelações recolhidas pelos santuarios da India, idéa com cujo concurso pretendem elles possuir um conhecimento mais completo das causas, da razão de ser das condições de vida nos animaes, aos quaes attribuem, com isso, uma certa somma de consciencia e de responsabilidade.

E' possível que os que nos apoiamos na autoridade da nova revelação, dada ao nosso mestre Allan Kardec, sejamos os que se acham em erro, conformando-se com uma noção incompleta das coisas e que não resolve em definitiva esse grave problema das origens e das causas. Emquanto, porem, não nos vierem provas positivas e solidos argumentos, que a nossa razão accete voluntariamente, em favor d'essa outra concepção, manter-nos-hemos n'esta prudente reserva, que não importa hostilidade, mas temporaria interdicção, que não teremos duvida em levantar desde que taes provas e taes argumentos se imponham, a poder de convicção, ao nosso espirito, progressista que somos, e que devemos todos ser, n'estes estudos.

Eis porque não podemos passar em silencio a affirmativa de Ed. Grimard. A' parte, entretanto, esta divergencia, não temos para o novo livro do nosso illustre confrade senão palavras de estimulo e de caloroso applauso, tal como encetamos esta rapida noticia bibliographica e tal como temos o maior prazer em a encerrar.

Ao incangavel editor Sr. P. G. Leymarie, a quem devemos a obsequiosa offerta do exemplar que veio enriquecer a nossa bibliotheca, enviamos os nossos agradecimentos, de par com as maiores felicitações por essa valiosa publicação.

LAERCIO.

Experiencias do Dr. Paul Gibier

V

5ª EXPERIENCIA

Esta experiencia realizou-se em minha casa, na sala de jantar, onde Slade entrava pela primeira vez, a 27 de maio, ás 9 horas da noite. Estavam presentes só cinco pessoas: duas pessoas da minha familia, uma amiga, Slade e eu.

Esta sessão já foi mencionada mais acima.

Slade tomou uma das minhas ardosias munida de um pedaço de lapis e arrastou-a pela face inferior da mesa; ouviu-se o lapis a arrastar; a ardosia, examinada, tinha tres barras quasi rectilneas e parallelas. Pedi a repetição do phenomeno mas com uma só barra e eu mesmo larguei a ponta de lapis no meio da lousa, que colloquei de novo sobre a mesa. Outra vez ouviu-se o rumor do lapis e, trazendo-a á luz, vimos, sobre a linha do meio, um longo traço de 23 centimetros, occupando toda a extensão da ardosia; e o pedaço de lapis, do comprimento de 5 a 6 millimetros, se achava justamente na extremidade do traço que confinava com o pollegar de Slade. Para que essa ponta de lapis, collocada por mim sobre a parte média da lousa, fosse transportada para a extremidade opposta á mão de Slade, era preciso que ella tivesse percorrido

toda a sua extensão, ou 23 centimetros. Durante esse tempo não perdemos de vista a mão de Slade, nem a parte do quadro de madeira da pedra que estava em contacto com ella.

A sala estava perfeitamente illuminada; Slade tinha atraz de si e á direita, sobre um móvel, uma lampada com lucivelo e na sua frente uma outra lampada a gaz, de luz poderosa, tambem com lucivelo; nem um dos seus movimentos podia passar despercebido e elle estava n'um meio pouco credulo em que quatro pares de olhos prescutores o vigiavam de perto.

6ª EXPERIENCIA

Na mesma sessão peguei em duas ardosias e, depois de as haver enxugado convenientemente, colloquei entre ellas um lapis, como de costume; depois entreguei-as a Slade, que as recebeu com a mão direita sem as abrir e as apoiou sobre a espadua de uma das pessoas de minha familia, a qual se achava de modo tal que eu, me curvando um pouco, podia ver ambas as ardosias. Nós cinco tínhamos as mãos sobre a mesa formando a «cadeia»; Slade só tinha a mão esquerda entre as nossas, enquanto que com a direita segurava as pedras, nas quaes ouvimos pouco depois algumas pancadas e logo o ruido do lapis escrevendo no interior. Durou isso 30 segundos; nas lousas, depositadas depressa sobre a mesa, pudemos ler, escripta em uma d'ellas, a seguinte sentença:

« The truth will outshine error. (A verdade eclypsará o erro.) »

7ª EXPERIENCIA

Sempre na mesma sessão, produziu-se um facto ainda mais curioso do que os precedentes.

Tomando uma das minhas ardosias, bem lavada dos dois lados, perguntei a Slade se podia obter uma palavra que eu escrevesse sem elle ver. Respondendo-me affirmativamente, escrevi na minha ardosia, collocando me completamente ao abrigo do olhar de Slade, o nome de meu filho Luiz. Puz um lapis sobre a face opposta e, passando rapidamente a pedra sobre a mesa, entreguei-a a Slade que, sem a olhar, arrastou-a sob a borda da mesa, de modo a deixal-a visivel em uma pequena parte da sua extensão; por conseguinte, vimos toda a mão direita de Slade; a esquerda estava sobre a mesa junto ás nossas. Dez segundos ainda não haviam passado e a ardosia me era entregue, com as seguintes palavras:

« Louis is not here » (Luiz não está aqui), o que era verdade e estava escripto na face opposta áquella em que eu havia traçado a palavra Luiz.

Antes disso eu havia procurado obter um nome em que pensava, mas a resposta não foi muito exacta, n'este sentido: foi-me dado o nome de uma pessoa em quem havia pensado uma parte do dia; no momento, porem, em que formulei a pergunta, pensava eu em outra pessoa.

O Sr. Tremeschini, engenheiro, foi mais feliz do que eu a esse respeito.

Eis o que esse honrado sabio descreve em uma carta dirigida a um jornal espiritalista:

« ... Tendo o Sr. Slade me convidado a traçar sobre uma pedra, que me apresentou, uma pergunta qualquer, nella escrevi estas palavras: «Qual o nome da pessoa em quem penso n'este momento? » O Sr. Slade, tomando de novo a pedra, collocou-a na borda da mesa que estava do meu lado, retirando-a dali tres segundos depois. Constatei, então, juntamente com a pessoa que comigo assistia á sessão, que a palavra *Nechy* estava escripta com todas as letras, na ardosia, logo em seguida á minha interrogação. Esse nome era mesmo o do amigo em quem eu pensava e que havia perdido dez annos antes. »

O Sr. Tremeschini depois contou-me o facto que precede; elle não é spirita; é materialista, de feição a Gaúto.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que vivifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64).
«A letra mata, e o espirito viifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

«Quando se falou do espirito no estado de infancia e, por conseguinte, de innocencia e de ignorancia, quando vos disse-ram que o espirito era creado simples e ignorante, estava comprehendido que era a phase preparatoria para a humanidade; teria sido inconsequente então esclarecer a origem do espirito; notai que essa origem foi deixada na obscuridade; — hoje ainda era cedo demais para a desenvolver; usai, todavia, do que vos dizemos; porque, no tempo em que apparecerem os vossos trabalhos, aos olhos de todos, os espiritos incarnados estarão mais dispostos a receber o que então teriam tomado, e ainda hoje(1) tomariam por uma monstruosidade ou uma necessidade ridicula.»

«Chegados ao ponto preparatorio para a humanidade, os espiritos se preparam então, em mundos *ad hoc*, para a vida espirital, consciente, independente e livre. E' n'este momento que o espirito entra n'esse estado de inconsciencia e de ignorancia; a vontade do soberano senhor lhe dá a consciencia de suas faculdades, e, por conseguinte, de seus actos, consciencia que produz o livre arbitrio, a vida moral, a intelligencia independente e dotada de razão, a responsabilidade.»

«Chegado assim ao estado de espirito formado, de espirito prestes a ser humanizado se vem a fallir, o espirito está n'um estado de innocencia completa, tendo deixado em seus ultimos involucros animaes os instintos que devia ás necessidades da animalidade.»

«A estatua acabou de receber as formas; o espirito formado envolve-se, sob a direcção e a vigilancia dos espiritos prepostos, dos fluidos que o devem envolver e que chamais *perispírito*, — corpo fluidico que se torna, para elle, o instrumento e o meio, ou de seu progresso constante e mantido desde o ponto de partida do estado de innocencia e de ignorancia, até que tenha attingido a perfeição moral que o põe ao abrigo de toda queda, ou da queda, e, no caso de queda, de seu progresso, para se levantar com o auxilio de incarnações successivas, expiatorias a principio, depois, finalmente, gloriosas, até que tenha attingido essa perfeição moral.»

«O magnetismo, já vol o dissemos (n.º 31), é o agente universal; tudo está submettido á influencia magnetica; tudo é magnetismo na natureza; tudo, na ordem espirital, material e fluidica, é attracção dependente d'esse agente universal; é a grande lei que rege todas as coisas; os fluidos magneticos ligam, entre si, todos os mundos; nem todos os espiritos incarnados ou desincarnados; é um laço universal que Deus nos deu para nos envolver como um unico ser e nos ajudar a subir para elle, reunindo as nossas forças.»

«Quando sai do intermediario que precede a vida do livre pensador e entra na posse do livre arbitrio, o espirito opera a sua constituição fluidica que chamais *perispírito* e que é, para nos servirmos d'uma expressão que vos seja comprehensivel, o seu temperamento, com a differença de que o temperamento humano é,

(1) No mez de abril de 1897.

a vossos olhos, independente do genero de espirito que o corpo encerra, ao passo que o temperamento fluidico é a consequencia das tendencias do espirito.

« Os fluidos são attractivos, uns em relação aos outros, o que estabelece as relações entre os espiritos segundo a natureza de suas tendencias boas ou más, de suas inclinações, de seus sentimentos, bons ou maus. »

D'ahi resulta a influencia attractiva dos fluidos similares, sympathicos, que são o laço que attrahe um para outro dois espiritos, se não da mesma ordem, peo menos animados das mesmas inclinações, dos mesmos sentimentos. »

« Assim os espiritos, pela natureza de seus sentimentos e de suas inclinações, bons ou maus, attrahem a si espiritos similares, sympathicos a esses sentimentos e a essas inclinações, e com os quaes são postos em relação por essa influencia attractiva dos fluidos. »

« Entrados na posse do livre arbitrio e podendo escolher o caminho a seguir, os espiritos são submettidos a espiritos propostos ao seu desenvolvimento; é então que a vontade do espirito o leva a seguir uma via de preferencia á outra. »

« Chegados a esse ponto, os espiritos são mais ou menos docéis para com aquelles que são encarregados de os conduzir e desenvolver. »

« E' então que esse poder de vontade no exercicio do livre arbitrio toma uma direcção melhor ou peor; podem fallir, ou seguir, simples e gradualmente, a marcha que lhes é indicada para progredirem. »

« Muitos fallam; alguns resistem aos arrastamentos do orgulho e da inveja. »

« A perda de todos os espiritos é o orgulho, que tem por derivados a presumpção e a inveja. »

« O orgulhoso é invejoso, porque nada pode supportar acima de si; é egoista, porque tudo se lhe deve reportar; é presumptuoso, tendo uma confiança tão erronea como condemnavel em suas forças e sua intelligencia, revoltando-se muitas vezes contra a sabedoria d'aquelle que lhe interdiz os actos acima de suas forças. »

« Não vedes essas creancinhas, — espiritos, que têm soffrido ha tantos seculos expiações e reincarnações successivas, e não ainda purificados, — apresentando esses symptomas de orgulho, de presumpção, de egoismo, de inveja, signaes e

causa da queda primitiva, tentando executar todas as vossas obras, — jactando-se de o fazerem tão bem como vós, — tendo, em sua força e intelligencia, uma confiança tão erronea como condemnavel, — e muitas vezes revoltando-se contra a sabedoria do pae que interdiz ao temerario actos que estão acima de suas forças e podem arrastal-o a graves accedentes? »

(Continúa)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delaune

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMIDADES SENSORIAS — MEDIUNS VIDENTES E MEDIUNS AUDITIVOS

Vista mediumnica pelos olhos

Supponhamos que fazemos passar através de um prisma um raio de sol; se tomarmos sobre um cartão esse raio refractado, notaremos que elle forma um feixe luminoso composto de sete cores que se denomina o espectro solar. Os coloridos extremos são vermelho e violeta; além d'essas duas cores a vista não percebe mais sensações luminosas. Entretanto, se se collocarem saes de prata n'essa parte escura, elles se decomporão, o que prova que, além do violeta, existem radiações particulares que o olho não é capaz de perceber, a que o thermometro é insensível, mas cuja actividade chimica é poderosa. Além do vermelho existem ondulações calorificas invisíveis. Chegamos assim a esta conclusão necessaria: que o espectro completo, formado pelas irradiações solares, se prolonga além do violeta e além do vermelho, e que é sómente a parte media do espectro total que os nossos olhos podem distinguir.

Existe, portanto, luz que não vemos, vibrações luminosas inapreciáveis para a vista, porque a retina, que é o apparelho receptor, não pode registrar essas vibrações luminosas muito rapidas para ella. Calculos recentes demonstraram que as ondulações ethereas, tendo menos de quatrocentos trillões por segundo, ou mais de sete centos e noventa, são impotentes para affectar a. Acontece o mesmo a respeito do ouvido e dos outros sentidos,

rada pelo publico, á vista do seguinte facto, que o desolou:

Um dos seus mais intimos amigos, amigo de infancia, deu um baile, que foi um successo, e não se lembrou de mandar-lhe um convite.

Seria mesmo esquecimento?

O homem é sempre propenso a crer no que fala a seus desejos, e Muniz, não desejando que outro fosse o motivo da falta, acolheu com satisfação aquella hypothese, n'outras circumstancias bem offensiva.

Curto foi, porém, o seu desagradavel prazer, porque Elisa inconscientemente veio tudo esclarecer.

— Sabe dizer-me, Sr. meu pae, qual a razão de não nos ter convidado para seu baile o Sr. Antonio da Cunha, seu muito particular amigo?

— Sei tanto como tu: esquecimento, tão natural quando se tem o cerebro a arder em milhar de fogos.

— Esquecimento! E o Sr. entende que é pequena a offensa esquecer o amigo ao amigo intimo, e amigo da nossa ordem!

— Ora, minha filha, a memoria não depende da vontade, nem tem intelligencia para discernir as ordens sociais.

— E' verdade; mas attenda a que a memoria do seu amigo nunca nos esqueceu, collocando sempre, sempre que reunia seus amigos, in capite rolis o commendador Muniz e sua familia.

— Pois então? se confessas que elle nunca nos esqueceu, reconheces que o esquecimento actual foi um simples accidente.

— Seria assim, se não fora a circumstancia de excluir elle, tambem, do numero dos seus convidados o Sr. Carlos Teixeira, que é quasi um filho da casa.

— Mas que relação ha entre o facto de não nos ter Antonio convidado, e a de ter igualmente deixado de convidar o Sr. Carlos Teixeira, como tel-o-ha feito a meio mundo?

— O Sr. pergunta? Pois não sabe que os miseraveis assoalham que eu sou amante do Sr. Carlos Teixeira?

— O que me dizes, filha?! Tua honra na praça publica!

— E que me importa o que dizem de mim?

de sorte que o homem é uma machina animal dotada de appparelhos receptores que não funcionam senão entre certos limites muito fracos, se os compararmos á infinidade da natureza.

Esta idéa é capital para a comprehensão dos phenomenos spiritalis. Nós não percebemos, pela vista, a materia senão quando as vibrações d'essa materia não passam de setecentos trillões por segundo, mas, como vimos, ha vibrações mais rapidas que existem realmente e que nos escapam. Ora, os fluidos perispiritaes, sendo materia em estado de rarefacção extrema, possuem um movimento vibratorio muito rapido, de sorte que no estado normal os nossos olhos não podem ver os espiritos. Se pudessemos, porém, dividir o numero das vibrações perispiritaes, se conseguissemos trazel-as aos limites que comprehende a visão, veriamos os espiritos.

Este resultado pode ser attingido de dois modos: 1º diminuindo o numero das ondulações luminosas; 2º augmentando o poder visual do olho.

E' possível diminuir o movimento vibratorio de um raio de luz? Não hesitamos em responder affirmativamente, porque experiencias notaveis feitas ultimamente vieram pôr fóra de duvida essa verdade.

Os raios luminosos ultra-violetes do espectro, invisíveis até então, tornam-se visíveis quando se os deixa cahir sobre uma especie particular de vidro contendo silicato de um metal denominado uranio. Esse vidro tem a propriedade de tornar visíveis os raios que, sem elle, não feririam nossa vista. Se tomar-se um pedaço d'esse vidro na mão e se o illuminar successivamente por meio da luz electrica, de uma vela, ou de gaz, ou se se o collocar no campo de um espectro prismático de luz branca, ver-se-o ha brilhar *segundo a cor da luz que cai sobre elle*. Se o illuminarmos mediante raios ultra-violetes, vel-o hemos brilhar com uma cor mysteriosa que revela a presença de raios invisíveis até aqui aos olhos mortaes.

Examinemos o caso em que o poder da vista pode ser augmentado; essa operação terá ainda por fim fazer ver os espiritos. A alma, já dissemos muitas vezes, é uma essencia indivisível, immaterial e intangível, que constitue a personalidade de cada individuo; ella é cercada de materia quintessenciada que forma o seu involucro e mediante o qual entra em relação com o mundo exterior. Esse

— Não é assim. A mulher, mil vezes mais que o homem, deve muito se importar com o juizo da sociedade, e isto porque esta aceita o homem perdido, que se rehabilita, mas não admite rehabilitação para a mulher que cahiu, ou passa por ter cahido.

— Ainda bem que o Sr. justifica o meu desprezo pela sociedade, dizendo que ella aceita a rehabilitação do homem, mas não da mulher, o que envolve uma tyrannia moral e uma desprezível injustiça.

— Não é tanto quanto pensas. Do homem, a quem se presta menos reverencia, exige-se menos; da mulher, porém, a quem se rende culto especial, quasi divino, exige-se mais.

— Ora, isto são argucias dos homens, para opprimirem as mulheres!

— Não são; mas quando fossem, que remedio senão submetermo-nos á lei da sociedade?

— O remedio é não fazermos caso d'ella, nem de suas leis parciais.

Infeliz do que assim proceder, minha filha; porque a sociedade pode muito bem ser sem esse, mas elle não poderá ser sem ella.

— Pode, sim, e aqui estou eu, que posso.

— Pode-se, como podes tu, mas soffrendo o seu veredictum inatacavel, porque ninguém pode abafar o juizo do mundo, para fazer desaparecer o desprezo que delle procede.

— E o que me faz o juizo do mundo, se eu fôr contente e feliz, affrontando-o embora?

O commendador baixou a cabeça, para não romper com a filha amada, e duas lagrimas, que traduziam a dor de sua alma, por não ver que a filha era uma mulher perdida, lhe rolaram pelas faces.

— Cala-se, continuou a moça; é porque não pode rebater as minhas razões.

— Não é por isto, gemeu o pobre homem. De que tuas razões não partem de tua consciencia, a prova é que te sentes incommodada, humilhada, irritada, vendo-te... esquecida d'aquelles que sempre te cercaram de consideração. Não é porque não possa eu rebater as tuas razões, que me calo, mas sim porque agora conheço a verdadeira razão, que teve o meu bom amigo Antonio

corpo fluidico, em virtude da sua rarefacção, possui um movimento molecular mais rapido que o dos gazes e vapores que são já invisíveis pa a nós; logo elle não é visível tão pouco, senão porque o olho não contém no estado normal fibra que possa vibrar harmonicamente com elle. Mas, se um espirito quer manifestar sua presença, elle entra em relação fluidica com o incarnado, como vimos precedentemente, e, uma vez estabelecida a comunicação, accumula, pelo magnetismo espirital, no nervo optico uma quantidade de fluido nervoso maior que o ordinario, que sensibiliza certas fibras, que podem desde então entrar em vibrações correspondentes ás do involucro do espirito. Desde que esse phenomeno é produzido, o ser assim modificado vê o espirito e o verá enquanto este ultimo continuar a sua acção.

Pouco a pouco, renovando-se essa operação grande numero de vezes, as fibras adquirem uma aptidão vibratoria maior, as ondas luminosas se propagam no organismo, seguindo a linha a que Herbert Spencer deu o nome de *linha de maior resistencia*, de sorte que a onda caminha cada vez mais facilmente ao longo della, e que, afinal, essa linha mesma acaba por tomar naturalmente esse movimento vibratorio desde que a primeira molecula é agitada. O medium tem portanto na realidade um sentido novo que é devido á extensão do appparelho visual.

Nós o sabemos: quando o espirito quer se tornar visível a muitas pessoas é sempre obrigado a tomar fluido nervoso a um medium, mas a manifestação se opera sobre elle e não mais sobre os olhos dos assistentes. Vimos que uma simples mudança no movimento molecular de um corpo pode fazel-o passar de um estado transparente á opacidade. O mesino se dá com um vapor que se condensa, isto é, cujo movimento vibratorio diminue e torna-se rapidamente visível na forma de nevoeiro, finalmente, como o vidro de uranio, que permite ver os raios do espectro que, sem elle, seriam invisíveis.

O espirito pode, portanto, agir de um modo analogo. Esse phenomeno nos explica finalmente o que se passa no caso da photographia dos espiritos. Estudemos esse novo genero de manifestações.

(Continúa)

Cunha para não me admittir á sua festa, e isto me mortifica duplamente: por mim e por ti.

— Por mim! Por mim não se incomode.

— Pode falar assim quem não sabe e nem sequer imaginar pode o que seja o amor paternal. O pae é um louco, é um cego, é um surdo, é... é... é tudo isto ao mesmo tempo. Louco, se faz a illusão de que o filho ha de ser um rei na terra e um anjo no céu. Cego, elle jamais reconhece que o caminho seguido pelo filho leva-o a um abismo. Surdo, nunca ouve as vozes amigas que lhe dizem: teu filho vai perder-se. E, por esse amor louco, cego e surdo, elle accumula tremendas responsabilidades, quaes as de não ter todo o cuidado, toda a vista, toda a audição ao serviço de seu maior dever: dirigir e encaminhar o objecto de seu amor pelos caminhos do bem, vigiando-lhe os passos para corrigil-o do mal que fizer. E' por isso que eu me calei, minha filha, para me concentrar em mim mesmo, e ler em minha consciencia a responsabilidade que me cabe de ter concorrido, por minha fraqueza, para tua perdição, — perdição, na vida transitoria, perante os homens, e perdição, na vida eterna, perante Deus. Sim, meu Deus, eu sou a causa de ver hoje este anjo, que me destes, atafalhado no lódo, que, com apazamento meu, accumulou. Vai, filha desgraçada, e Deus se amerceie de ti.

Elisa quasi estourou de raiva e de desprezo por seu pae; deixando-o, foi monologando: este mundo é composto de parvos, e dahi mais uma razão para me parecer grande e luminoso o Carlos Teixeira, que não se prende n'essas teias de aranha!

O commendador Muniz, feito o seu acto de contricção, que acabamos de ouvir, retirou-se ao seu gabinete e escreveu uma longa carta a Martin, pedindo-lhe perdão de ter envenenado sua vida, unindo-o a uma mulher que não sabia comprehender o seu valor e o valor dos puros deveres da esposa e da mulher.

(Continúa).

FOLHETIM

(40)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAI

PRIMEIRA PARTE

XL

Seis mezes se passaram, sem que o moço desventurado desse noticias de si aos seus bons amigos, seis mezes durante os quaes Elisa deu escandalo a toda a sociedade fluminense, ao ponto de lhe recusarem accesso as casas de familia que rendem culto ao mais alto predicaço da mulher: a virtude.

A desgraçada, porém, longe de se retrahir diante de tão mortificante repulção, fazia, por capricho ou orgulho ferido, maior os tentações do seu desvairamento.

Nunca foi vista na rua do Ouvidor senão em rodas de rapazes libertinos e, nos theatros, seu camarote era sempre e exclusivamente visitado por gente da peor nota: corvos que sentiam de longe o cheiro da carnica.

Tambem, a alta sociedade, de que fóra ella, por sua peregrina balleza, distinctissimo e desejado ornamento, não mais incluiu no rol de seus convivas, para as alegres festas, o estimado commendador Muniz, para que lhe não trouxesse elle sua mundana filha.

Disto já suspeitava o bom homem, cujas occupações, menos que o cego amor de pae, não lhe permittiam ver no desbragamento da filha, mais do que algum excesso na liberdade que cabe a uma senhora casada.

Suas suspeitas, porém, se traduziram em dolorosa certeza de que algo de mais do que attribuia á filha, a fazia mal conside-

REFORMADOR



ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 63000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 78000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XVII

Brazil — Rio de Janeiro — 1899 — Dezembro 15

N. 403

EXPEDIENTE

Devendo o REFORMADOR, em 1.º de janeiro de 900, entrar no seu 18.º anno de existencia, pensamos em augmentar n'esse dia a sua edição, para commemorar essa data auspiciosa, passando desde então a imprimil-o em melhor papel, sem, por outro lado, negligenciarmos em mantel-o uma fonte de estudos e de informações variadas aos leitores, acompanhando o movimento spirita universal.

Ao encontro d'esses intuitos, secundando-os e estimulando-os, contamos que virá o auxilio que da parte dos nossos confrades não nos tem faltado e do qual necessitamos para levar a cabo esta penosa tarefa que nos impuzemos.

Em compensação, e como prova de reconhecimento a esse generoso concurso, a exemplo do que já anteriormente havemos feito, temos resolvido instituir os seguintes

PREMIOS

em favor de todos os que, nas condições abaixo, tomarem assignaturas do *Reformador* para o proximo anno, premios que escolhemos entre os livros mais novos, ou de mais interesse, que constituem a bibliotheca da Federação Spirita Brasileira, a saber:

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, nova edição nitidamente impressa, cuidadosamente revista, e encadernada;

ROMA E O EVANGELHO, por D. José Amigó y Pellicer, magnifico repositório de ensinios doutrinarios da nova revelação, pela primeira vez publicado no Brazil;

AS MANIFESTAÇÕES DO SENTIMENTO RELIGIOSO ATRAVEZ DOS TEMPOS, pelo marelhal Dr. F. R. Ewer-ton Quadros, preciosa brochura do mais alto interesse historico e philosophico.

As pessoas que obtiverem 10 assignaturas, enviando-nos o respectivo producto pelo correio, ou entregando-o n'esta redacção, terão direito a um exemplar d'O Livro dos Espiritos ou do Roma e o Evangelho, á escolha.

As que, nas mesmas condições, obtiverem 5 assignaturas, receberão um exemplar d'As manifestações do sentimento religioso através dos tempos.

A expedição dos premios será feita gratuitamente aos respectivos destinatarios.

O problema da evolução

XI

Com o que deixámos precedentemente escripto, não pretendemos de modo algum crear uma nova theoria do livre arbitrio, pelo mero prazer de originalidade, ou outra preocupação pessoal, á que felizmente não obedecem os nossos intuitos, no desenvolvimento d'este estudo, exclusivamente inspirado no desejo de conciliar os diferentes ensinios relativos á evolução dos seres, ou, quando não seja isso possivel, colher em cada um d'elles a porção de verdade que encerrem, excluindo as dubiedades ou infidelidades que n'ella se tenham porventura misceuido, no objectivo final de encaminhar e, se possivel, harmonizar a opinião dos spiritas acerca d'essa magna questão.

Alheio, por conseguinte, a toda preocupação pessoal, como dizemos, foi o nosso movel, ao abordarmos a theoria do livre arbitrio, do modo por que a deixámos esboçada no nosso ultimo escri-

pto, e supponmos haver tornado bem claro o nosso pensamento de que não se pode, á luz do raciocinio, como da observação imparcial, acceitar esse attributo como causa causal das acções humanas, limitada como se acha a sua função á escolha entre duas suggestões ou arrastamentos oppostos, por qualquer dos quaes que se decida, terá o espirito assumido a plena responsabilidade que d'essa livre opção decorre para elle.

Dir-se-ha que essa limitação annulla o principal caracteristico d'esse attributo individual—a independencia, sem a qual não poderá haver para o espirito uma responsabilidade completa dos actos que pratique, uma vez que, segundo a theoria exposta, nenhum d'esses actos escapa a uma razão anterior, que será tanto mais poderosa, de qualquer ordem que seja, quanto mais identificado com ella esteja o ser. D'ahi poder-se-hia concluir, com os materialistas, que, dependendo as acções humanas da influencia d'essas causas, internas ou externas, ás quaes teria sempre o homem que se submeter, o livre arbitrio ficaria reduzido a uma mera criação platonica, sem realidade funcional, espectador impassivel d'essas luctas moraes entre desejos oppostos, dos quaes os mais poderosos e mais fortes, pelo exercicio ou pela cultura anterior, triumphariam forçosamente sempre dos que menor resistencia offerecessem. Os que, porem, assim argumentassem, collocando-se no ponto de vista exclusivo das escolas materialistas, com o seu estreito fatalismo radicado na preponderancia dos órgãos, unico impulsor, a seu ver, dos actos individuaes, apenas modificado um pouco pelas influencias educativas ou mesologicas, teriam que desprezar, para chegar a taes resultados, outros attributos não menos essenciaes á creatura humana do que o livre arbitrio, como a consciencia e o raciocinio. Realmente, a não ser que se queira, do facto de limitar-se a acção funcional do livre arbitrio á escolha entre dois impulsos antagonicos, como ficou indicado, concluir arbitrariamente que fica o espirito privado de toda liberdade de acção e abandonado ás solicitações exclusivas da natureza, sem outra lei a não serem os instinctos, sem outro ideal a não ser o prazer egoistico dos sentidos, necessariamente se ha de convir que essa relativa dependencia não exclue o exame que todo individuo pode e deve fazer dos seus impulsos, de todos os seus actos, antes como depois de consummados, afim de, no primeiro caso, evitar aquelles que, no foro intimo de sua consciencia, lhe pareçam perniciosos, ou, no segundo, perseverar na sua pratica, se forem bons, reparando os

seus effectos ou se precavendo contra novas reincidencias, se porventura fôrem maus.

Essa consciencia, esse exame raciocinado que toda creatura póde fazer dos seus arrastamentos, são caracteristicos indispensaveis que concorrem em todos os seres da especie humana, preciosos attributos que a auxiliam na trajetoria que deve realizar em demanda dos destinos superiores que uma intuição mysteriosa lhe segreda no intimo estarem reservados a toda a criação de Deus. Que o neguem os materialistas obcecados pelo espirito de systema, que é uma dissimulada forma de fanatismo, comprehende-se, pois que tudo reportam ao jogo dos órgãos, reduzindo o individuo a simples juguete dos sentidos, segundo o seu desenvolvimento. Os que, porém, sabem, como nós, que nem sómente estimula o espirito a progredir essa mysteriosa intuição, á que nos referimos, e que é o sello da sua gloriosa predestinação, mas principalmente a revelação positiva d'esses destinos futuros, feita á humanidade em successivas epocas e sob formas compatíveis com o grau de sua cultura intellectual e moral, não têm o direito de concluir, com os materialistas, por conhecerem que a acção individual está subordinada á influencia de factores de ordens differentes, que o espirito não se pertence e que se acha na dependencia fatal e exclusiva dos seus impulsos instinctivos.

Não. De que as acções humanas não procedem do exercicio unico de um attributo independente, como se pretendeu que fosse o livre arbitrio, não se segue que o espirito não tenha por isso, como acima dissemos, a liberdade de acção, sem a qual não poderia existir a responsabilidade. O individuo não é menos livre por ter de escolher entre duas suggestões aquella que melhor consulta os seus appetites ou os interesses do seu dever moral, do que o seria sem nenhuma causa determinativa d'essa escolha. Antes da adopção definitiva da resolução a tomar, houve, ou devia ter havido, a lucta intima da qual sahio vencedora a idéa que teve maior preponderancia no individuo. Donde proveiu essa força preponderativa? — Do cultivo, da identificação que mais longamente manteve elle com essa idéa. Ora, essa idéa tanto podia ser um bem, como um mal, isto é, tanto podia representar a pratica de deveres moraes superiores, como a satisfação de appetites baixos da materia. E essa identificação significa o trabalho lento, paciente, accumulado do espirito, creando em si mesmo, por essa cultura, um elemento de preponderancia em favor

d'essa idéa, preponderancia tanto maior quanto mais extensa foi a cultura. Vê-se, pois, que, se ha no individuo sentimentos, paixões, impulsos e aspirações que n'elle actuam com mais força do que outros, essas manifestações são o resultado dos esforços do espirito em tal sentido, donde se deve concluir naturalmente que, sendo elle um ser consciente e dotado de razão, assumiu por esse exercicio consciente a responsabilidade do ascendente que em si mesmo creou a taes impulsos. Se estes se norteiam pelo bem, — na tranquillidade de sua propria consciencia e no bem-estar resultante da sua ascensão na hierarchia espiritual, encontra o espirito a recompensa natural do seu esforço e, ao mesmo tempo, uma fonte de novos estímulos para perseverar n'esse caminho. Se, porém, não cultivou o espirito senão as paixões egoisticas, que o levaram a sacrificar o direito e a felicidade alheia ao seu orgulho e ambição, se não se preocupou senão da pratica do mal, os soffrimentos d'ahi resultantes, tanto maiores quanto mais longa fór a sua reincidencia, o advertirão providencialmente do erro em que se acha. Isso e a assistencia moral dos espiritos superiores que, instrumentos, ás vezes invisiveis, mas sempre conscientes, da misericórdia de Deus, velam fraternalmente por seus irmãos mais fracos e delinquentes, serão os elementos estimuladores, para o espirito, da opção por novo rumo que o conduza á felicidade tranquillizada que o mal não lhe pudera dar. E a lucta continua n'elle. A cada nova suggestão para se abandonar ás más paixões, elle sentirá necessidade de appellar para o seu guia, pedindo-lhe forças, afim de não succumbir á tentação.

O receio de incorrer em novas punições o estimulará, por seu lado, a perseverar em taes disposições. E quanto mais se identificar com esses pensamentos, maior poder de resistencia irá adquirindo, mais facilmente conseguirá ir triumphando dos anteriores arrastamentos.

Julgamos desnecessario insistir mais demoradamente n'esta ordem de idéas, para tornar bem claro o nosso pensamento de que a limitação do livre arbitrio á escolha dos impulsos antagonicos que trabalham o espirito nos graus inferiores da evolução, não exclue de modo algum a liberdade que tem este, quando age n'um sentido ou n'outro, e de que não se pode, como o dissemos em começo, á luz do raciocinio e da observação, acceitar o livre arbitrio como causa causal das acções humanas, sujeitas como se acham sempre estas a uma causa previa determinativa. Não basta, por conse-

guinte, dizer que se, no início de sua evolução consciente, os espíritos agem no sentido do bem ou no do mal, o fazem por livre arbitrio, para estar explicada a razão d'essa preferencia. Porque, de facto, cabe perguntar, sendo todos simples, ignorantes e sem macula (antes de toda falta), creados na mais absoluta igualdade, dotados das mesmas aptidões, sem a menor distincção entre si, preferem uns espíritos o bem e outros o mal?

Se nos dissessem, como aliás se acha consignado nos ensinamentos fundamentais da nova revelação, já aqui citados, que, nascidos sob a forma de germen espiritual, precisando, para se individualizar completamente, elaborar-se no seio da natureza, promovendo, a principio inconscientemente, e depois com uma consciência vagamente accentuada, o desenvolvimento de todas as suas aptidões e faculdades, através das espécies que constituem os reinos naturaes, do minério bruto ao animal, os espíritos, ao chegar á condição de humanidade, tinham, nas aspirações de espiritualidade, em desabrochamento, os estímulos da ascensão na hierarchia espiritual, e nos sentimentos bons, desenvolvidos em muitas espécies animaes, os elementos primordiales d'essa ascensão, tendo, por outro lado, os impulsos violentos da animalidade igualmente desenvolvidos n'elles, e que entre essas oppostas suggestões é que se travaria a lucta de que lhes cumpriria sahirem vencedores por final, então, sim, comprehenderíamos porque nos dizem que agem os espíritos, uns no sentido do bem, outros no sentido do mal, sem embargo da exclusividade que essa formula reveste. Em boa logica, todavia, não pode ser ella impugnada. Por mais difficil que pareça que, no meio de taes complexos arrastamentos, possa um espirito se decidir sempre e invariavelmente em um mesmo sentido, no do bem, por exemplo, não se pode contestar essa possibilidade sem excluir a liberdade, característico indispensavel dos seres conscientes, posto que naturalmente limitada ao grau de capacidade que tenham attingido. Se, pois, os espíritos são livres, não é lícito recusar a hypothese da mais variada applicação d'essa liberdade, de que tanto podem usar uns no sentido exclusivo do mal, como outros no sentido mixto do bem e do mal, como, finalmente, outros no sentido do bem, sem nenhuma concessão ao mal. O essencial é admittir, em principio, que todos os seres espirituaes chegado á condição de humanidade reúnem as mesmas aptidões, no começo em germen, então em pleno desenvolvimento por igual em todos elles, para que, na lucta em que passa então a tomar parte a sua consciencia, com a responsabilidade correlativa, nenhum se apresente com uma vantagem, por menor que seja, sobre qualquer outro, a não ser que se queira attribuir inadmissivel parcialidade ao Creador, sob cujas vistas paternaes evoluíram taes seres, necessariamente submettidos, mediante a acção da sua justiça, ás mesmas vicissitudes, para chegarem, em condições perfeitamente identicas, ao início de sua existencia consciente e livre.

Procurámos já anteriormente demonstrar que todas essas aquisições do passado, todos esses elementos de lucta intima no espirito, se conservavam latentes no campo da sua consciencia, espe-

rando apenas o ensejo das existencias materiaes para entrarem em acção, e chegámos a essa conclusão, sobretudo depois dos notaveis estudos ultimamente emprehendidos, entre outros, por Gabriel Delanne, sobre a natureza e a funcção do perispirito, fidelissimo repositório de todo esse passado, impresso em forma de vibrações, n'elle indelevelmente conservadas.

O ensino, porém, dado a Roustaing, dissemos no final do nosso ultimo scripto, acerca da aquisição de um novo perispirito pelo espirito chegado á condição de humanidade, contradiz as nossas conclusões e renova e multiplica as difficuldades que offerece a solução d'este problema.

Não julgamos necessario reproduzir aqui a serie de argumentos que adduzimos sobre um tal ensino, quanto a esse particular, certo como estamos de que não os esqueceram os leitores que nos têm acompanhado n'esta longa investigação. Admittamos, todavia, por um momento que assim é, e que os espíritos, chegando áquella condição, são restituídos ao estado primitivo de simplicidade e ignorancia que os caracterizava como germen espiritual, no momento de sua criação, tendo se perdido por completo essas aquisições penosamente feitas através de todas as series naturaes. Que causa nos dá a Revelação da Revelação para as inclinações do espirito, no meio espiritual em que começa a viver? — O livre arbitrio. Mas já vimos que o livre arbitrio não é uma causa, é um attributo de opção. Se, pois, eliminadas todas as paixões grosseiras que adquirira na materia, não offerece o espirito affinidades intrinsecas com as suggestões do mal, como poderão ellas agir eficazmente sobre elle? No meio em que se acha, tudo lhe fala de espiritualidade, tudo o induz a subir, pondo-o cada vez mais ao abrigo dos sentimentos maus. Assim, pelo menos, deveria ser, e assim effectivamente nos diz que é a revelação roustainiana, n'estes termos:

« Tudo é tão bello nas regiões superiores! O espirito pode admirar tão grandes coisas, que se sente maravilhado, deslumbrado. »

Como poderá então elle, no meio de tantos esplendores, ceder ás suggestões do mal, cujos vestígios deixara, segundo essa mesma revelação, nos ultimos involucros materiaes que revestira nas series da animalidade? Onde, sem violar as leis de similitude que se observam em toda a criação, encontrar n'esse ambiente sideral os estímulos damoniosos que o façam cahir, se não existem n'essa pureza que o envolve, e se os que aninhara no seu intimo haviam desaparecido com o ultimo revestimento, na phase preparatoria á humanidade?

E, todavia, diz-nos o revelador que esse mal existe e se declara. Como? — D'este modo:

« Os instinctos então se desenvolvem: com a ambição nobre de aprender e de subir, se insinua *quasi sempre* (este grypho é nosso) o orgulho ou a inveja. »

De sorte que na obra do Creador, admiravel de harmonia e de logica, haveria esta assombrosa falha: o mal pode nascer do bem. E assim, segundo esse ensino, os espíritos vêm a fallir e se desviam do caminho de sua felicidade, não por cerrar ouvidos aos conselhos dos seus guias, para se abandonarem de preferencia ás so-

licitações das suas paixões, herança viva do seu passado na animalidade, mas por suscitarem, em si mesmos, instinctos de uma natureza opposta ás suas preoccupações espirituaes e antagonicos do proprio meio em que gravitam — planta exotica que inopinadamente surge, por uma especie de capricho que não se sabe ao que attribuir. Porque, de facto, se se comprehende que homens, na terra, isto é, creaturas apaixonadas e fracas, condemnadas ainda a evoluir através das vicissitudes da materia, possam se desviar por orgulho e, devassando o mysterio das sciencias, cheguem aos extremos da negação, não se comprehende que espíritos, no seio da espiritualidade, alheios a todas as paixões, harmonicos com o proprio ambiente de pureza que os envolve, possam succumbir a taes fraquezas que não têm para se justificar, como o dissemos, nem a propria affinidade dos sentimentos intimos do ser.

E porque *quasi sempre* succumbem elles a essas suggestões?

E' uma outra questão que examinaremos mais detidamente.

LEOPOLDO CIRNE.

NOTICIAS

Como uma satisfação a todos os nossos confrades que nos têm distinguido com a remessa de suas collaborações, bem como de narrativas de factos, entre outros, um caso interessante occorrido no Serrito, aqui julgamos dever consignar a promessa de que acolheremos esses trabalhos no nosso proximo numero, com a edição augmentada, visto que não temos podido dispor de sufficiente espaço para todas essas publicações, iniciadas, como estavam anteriormente, series de escriptos que não podem ser interrompidas.

Os que não puderem ser contemplados n'esse numero, serão publicados successivamente nas edições seguintes.

O jornal *La Scena Illustrata* trouxe, em uma de suas edições d'este anno, uma detalhada e curiosa narrativa do modo por que a mãe de Napoleão I, achando-se em Roma, de onde se correspondia com seu filho, na ilha de Santa Helena, veio a ter conhecimento do trespasso d'este, no proprio dia em que esse facto teve lugar, a 4.000 leguas da Europa.

Não reproduziremos na integra, em virtude de sua extensão, essa interessante narrativa, trasladada das memorias escriptas pela senhora de Sartrouville, secretaria de sua Alteza mãe de Napoleão, e, pois que nos escasseia o espaço, descreveremos apenas o incidente em suas linhas essenciaes.

No dia 5 de maio de 1821, a Sra. Letizia — era este, como se sabe, o nome da mãe do grande general, — que estava muito longe de suspeitar do grave estado de saúde de seu filho, demoradas como eram n'aquelle tempo as communicações, que necessitavam de 3 mezes para serem transmittidas de Santa Helena a Roma, foi, depois do jantar, procurada por um desconhecido que, vencendo, a poder de insistencia, os obstaculos oppostos pelo pessoal do palacio, e allegando necessitar falar com urgencia á sua Alteza, conseguiu ser introduzido ao pé d'ella.

Depois de a ter saudado respeitosa-mente, pediu para falar-lhe sem testemunhas. Retirados o camareiro e a dama de companhia, que estavam presentes, o desconhecido se aproximou da Sra. Letizia e, tendo lhe falado do imperador, como se o acabasse de deixar, accrescentou:

— N'este mesmo momento em que vos falo, Napoleão acha-se libertado dos seus soffrimentos e é feliz.

E pronunciando estas palavras levou a mão ao peito, não para tirar um pu-

nal, como receou sua Alteza, mas um crucifixo, ajuntando ainda:

— Alteza, abraçai o redemptor e salvador de vosso filho; tornareis a vel-o, depois de muitos annos, esse filho, objecto de vossos pezares. Antes, porém, do advento d'esse dia memoravel, muitas mudanças de governo haverá na França; haverá guerras civis; ondas de sangue correrão, e toda a Europa estará em fogo. Mas Napoleão o grande voltará para reerguer a França, e todos os paizes da Europa sentirão a sua influencia. Tal é a grande tarefa que Napoleão o grande é chamado a realizar, executando a vontade do Rei dos reis.

A senhora Letizia escutava em uma especie de extase o desconhecido, que parecia um propheta inspirado por Deus, ao vaticinar esses successos, que só têm realizado e se vão realizando ainda, e tão profundamente emocionada ficou que quasi não o viu sahir.

Tres mezes depois o segundo capellão de Santa Helena, o abbade Vignali, trazia a noticia da morte de Napoleão, occorrida precisamente no dia em que apparecera a singular visita. A pobre mãe, não comprehendendo o sentido dos avisos dados pelo desconhecido, suppoz que seu filho se fazia passar por morto, e todos os dias esperava vel-o aportar ás costas da França, até que, finalmente, adquiriu a certeza da dolorosa verdade.

Nota curiosa: o desconhecido, sobre o qual se fizeram depois inuteis pesquisas em Roma e nos seus arredores, tinha a mesma voz que o imperador, a mesma physionomia, o mesmo ar imponente, a mesma estatura, em summa, assemelhava-se a elle de um modo extraordinario.

Parece-nos claro que a volta de Napoleão, á que alludiu o mysterioso visitante, se refere a uma nova existencia d'esse assombroso guerreiro que, semeando a morte, ao mesmo tempo que, impavido, a affrontava, e invadindo os paizes vizinhos, perseguia o sonho gigantesco de fazer uma nação unica da Europa, sob a supremacia governamental da França, sonho tão alto como o seu genio, tão mal comprehendido pelos seus detractores. Voltará elle de facto a realizar a sua obra de confraternização, com as armas da paz, desenvolvendo a sua maravilhosa sagacidade tantas vezes evidenciada?

Para nós é indubitavel que a sua missão, não tendo ficado cumprida, ou fosse pela impropriedade e perigo dos meios empregados, ou porque a Providencia não parecesse opportuna a sua realização, deverá ser recommçada no futuro, em epoca á que já não pertenceremos decerto, mas que chegará fatalmente, pela necessidade de unificação dos povos.

E nenhum outro, como aquelle genio, poderá retomar a direcção dos destinos da França, para eleva-la á altura da sua missão redemptora, de que infelizmente se tem desviado, enfraquecendo o passo e recuando lentamente das conquistas do oitenta e nove.

Le Psychisme Expérimental

Já tivemos ensejo de, aqui mesmo, quando publicada esta obra, devida á penna do illustre escriptor Alfred Enry, externar a nossa despretenciosa opinião acerca do seu valor como documentação dos mais notaveis factos spirítas e como valioso subsidio de investigação nos dominios da nova philosophia. Agora que, porém, o autor n'um requinte de gentileza, acaba de conceder gratuitamente á Federação Spirita Brasileira os direitos exclusivos á sua traducção em lingua portugueza, julgamos opportuno consagrar-lhe uma nova referencia n'estas columnas, recommendando á attenção dos nossos confrades essa preciosa leitura, tanto mais proveitosa quanto a referida obra pertence ao numero das que, pela sua contextura superior e pelo poder de argumentação scientifica que de suas paginas resalta, impõem facilmente a convicção, mesmo aos mais refractarios, resolvendo admiravelmente alguns dos problemas essenciaes da moderna psychologia.

Os leitores que a desejarem compulsar no original francez, deverão dirigir-se á livraria Ernest Flammarion, 26 rue Racine, Paris, onde se encontra á venda pelo preço de 3 francos.

Eis aqui a tradução do documento que o autor nos enviou:

«Pelo presente documento, o abaixo assignado concede á Federação Spiritista Brasileira, do Rio de Janeiro, o direito exclusivo de fazer traduzir em lingua portugueza a obra *Le psychisme expérimental*, de que é autor, e de promover a impressão e a venda no Brazil, ou em outro qualquer paiz cujo idioma seja portuguez. — Paris, 24 de outubro de 1899. Alfred Emry, — 34 rue Labruyère.

Entre outros «factos psychicos espontaneos», relatados pelo *Religio-Philosophical Journal*, destacamos os seguintes, realmente interessantes:

Em uma noite tenebrosa, regressava á casa uma mãe com seus dois filhos, em carruagem, receosos de se transviarem no caminho e confiados apenas ao instinto do cavallo, habituado áquelles sitios. Esse receio augmentava com a idéa de passar em uma estreita ponte, sem guarções, e posto que o não communicassem entre si, todos se achavam vivamente apprehensivos. Eis senão quando, ao se aproximarem d'essa ponte, uma doce e radiante claridade a illuminou, assustando um pouco, ao principio, o cavallo que, porfim, a transpoz com segurança.

—O que é isto? — perguntou um dos filhos.

—E', accudiu sua mãe, a resposta á prece mental que ha meia hora envio ao céo.

O jornal que divulgou esse facto accrescenta que não se trata de um relampago, nem de uma projecção electrica, impossivel n'aquella região.

Eis o outro caso:

Achava-se, ha alguns annos, um gentleman inglez entretido a examinar uma peça mecanica, em uma fabrica que empregava a agua como força motriz, e trabalhava ao fundo de um cylindro, acreditando-se em perfeita segurança, pois que a represa estava muito bem fechada, quando ouviu que uma voz feminina o chamava.

Olhou para cima e não viu pessoa alguma; entretanto notou que as rodas do

machinismo giravam. E' que a represa estava mal fechada, e elle não teve tempo senão de pular e suspender-se fortemente a uma barra, até que o viessem socorrer. Um minuto mais, e elle estaria perdido.

No primeiro d'esses casos, se evidencia a efficacia da prece, poderoso elemento que todas as creaturas podem utilizar com segurança, assim o saibam fazer com um coração puro e uma fé sincera.

No segundo, ainda uma vez se demonstra a intervenção dos habitantes do mundo invisivel entre nós, toda vez que essa intervenção entra nas vistas da Providencia, como no caso narrado, para impedir que a nossa prova seja interrompida antes do seu termo natural.

Quem, de facto, n'aquellas condições, poderia ter intervindo tão providencialmente em favor do gentleman citado?

Experiencias do Dr. Paul Gibier

V

5ª EXPERIENCIA

Chamamos toda a attenção do leitor para esta experiencia, á qual deixamos, como á precedente, a redacção primitiva.

30 de junho de 1886. — Fiz hoje, ás 5 horas, em casa de Slade, uma observação mais curiosa do que as outras, porque o «phenomeno» da escripta se produziu em duas ardosias minhas, nas quaes Slade não poz as mãos.

Eu trouxe diversas ardosias, duas das quaes estavam embrulhadas em papel, amarradas juntas, selladas e presas por um parafuso. Desajava obter a escripta n'essas ardosias e indaguei de Slade se isso era possivel.

—Não sei, respondeu; vou perguntar.

Propuz-então recebermos a resposta em duas outras ardosias que eu trouxera envolvidas em uma toalha, no que concordou.

N'uma das sessões anteriores um visitante obteve em casa de Slade, disseram-me, a escripta em duas ardosias que elle prendia com os pés.

Pedi e obtive permissão, — depois de collocar entre ambas a pontinha de lapis já tradicional, — para sentar-me sobre as lousas. Tendo-as posto, então, sobre a minha cadeira, segurando-as sempre, sentei-me e não tirei as mãos senão quando senti sobre ellas todo o peso

Elisa era, pois, um anjo cahido, que porventura arrastaria em sua queda outro de muito maior grandeza: o meu amado Martin.

— Mas este? O que será feito d'elle? Seis mezes decorridos depois que d'aqui partiu, e nem uma carta, para mim ou para Julio, que, bem sabe elle, anciamos por ter noticias suas!

Um dia, achando-me em casa de Julio, conversavamos tristemente sobre as desditas do bom amigo e, principalmente, sobre as desastrosas consequências que d'ellas receavamos; e eis que a velha mãe Martha surgiu entre nós, de olhos fechados, n'aquelle estado de completo somnambulismo em que nos revelava o que as nossas pobres almas não podiam de-vassar.

— Meus filhos, disse-nos com uma voz tão doce de nos embriagar a alma em angelicos enlevos; meus filhos, demos graças ao Pai de amor que, deixando a seus filhinhos o livre arbitrio, para terem merito, não lhes fecha, contudo, as portas de sua sacrosanta casa, se elles mal usam d'aquelle sublime dom. Vosso irmão e amigo, já o sabeis, recebeu a graça de uma nova existencia, para remir nella suas passadas faltas, soffrendo o que fez outrem soffrer. Sua união conjugal, também o sabeis, não foi casual, mesmo porque nada é casual na vida humana; aquella união foi o meio offerecido ao seu espirito para lavar-se da macula que o privava de assentar-se á mesa larta da caridade divina. A mulher á que se ligou, tinha todas as condições, por indole e por educação, de vir a ser o que elle mesmo foi em sua passada existencia: esposa infiel. Elle, para mais sentir a dor do soffrimento que curasse a chaga cancerosa do mal de que inquinou sua alma, amou-a com extremos que lhe apuraram a susceptibilidade moral. Levou sua prova entre bem e mal, ora resignando-se, ora revoltando-se; mas assim mesmo, devido a seus merecimentos aliunde adquiridos, Deus lhe deu, em graças de perdão, a cem por um. Pouco faltava para o bom

do meu corpo. Colloquei as mãos sobre a mesa, ao lado das de Slade e senti e ouvi claramente que a escripta estava sendo traçada na ardosia com a qual eu estava em contacto.

Acabado isso, retirei — eu mesmo — as ardosias e li as dez palavras seguintes, muito mal escriptas, afinal, mas... escriptas e mesmo assim legiveis: «E' difficil influenciar as ardosias; faremos, porém, o que pudermos.»

Slade não lhes tinha tocado. Não pude obter mais do que isso.

(Continúa)

J. B. ROUSTAING OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos.

Evangelhos segundo Mathews, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o espirito que viveifica; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são espirito e vida.» (João, VI, v. 64).

«A letra mata, e o espirito vi-vifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corintheos, c. III v. 6).

GENEALOGIA DE JESUS (aos olhos dos homens)

(Continuação)

«Os espiritos que fallem, indocéis, rebeldes á influencia e aos conselhos dos espiritos que são encarregados de os conduzir e desenvolver, attrahem, pela natureza de suas tendencias más, de seus sentimentos e de suas inclinações más, espiritos maus, sympathicos e essas tendencias, a esses sentimentos e a essas inclinações; mas notai-o bem, porque as nossas palavras devem ser exactamente comprehendidas: A queda tem logar pelo proprio feito dos espiritos e não porque a ella são arrastados; os espiritos seguem, ha um instante que acabamos de vol-o dizer, *livremente*, uma via de preferencia á outra; é, pois, por sua propria vontade, seu proprio movimento, que por ella enveredam; e a sympathia que experimentam pelos espiritos inferiores e que os arrasta, provém de sua propria disposição; não é, pois, senão depois da queda que estabelecem com elles relações similares.»

«Aqueles, ao contrario, que, docéis a seus guias, seguem, simples e gra-

xito da empreza: faltava só que a fraca creatura, embalada na esperança de serem falsas as apparencias de prevaricação da mulher amada, supportasse corajosamente o golpe cruel do desengano. No espaço, milhares de espiritos, que o amam, quer d'esta, quer de outras vidas, em dorredor do seu anjo protector, elevavam ao Pai de misericordia ardentes preces, por que lhe desse forças para resistir ao tremendo choque, cujo momento fatal já soava no relógio da eternidade. Acaba de ter logar a dura prova. Foi o pai de sua mulher o instrumento, participando-lhe que a filha não era mais digna d'elle: — é uma mulher perdida para o mundo e para Deus, se alguém para Deus jamais se perdeu. O triste, que em vão tem esperado uma palavra de amor d'aquella a quem offereceu, á hora da partida, as mais mimosas flores de sua alma, lê, neste momento, a palavra de desengano, proferida pelo pai de sua amada, que lhe quebra as restantes forças, que lhe escurece os horizontes da alma, que lhe apaga a consciencia do dever! Oraí — oraí por elle, como nós aqui oramos, para que não desespere, não se revolte, não se prenda á funesta idéa, que lhe passa pelo pensamento, de pôr termo ás suas desgraças, que mal sabe serem esmolhas do amor infinito, — de pôr termo a tudo pelo suicidio.

A mãe Martha acordou em pranto, e com a consciencia de tudo o que lhe deram para dizer.

Cahiu, pois, de joelhos, e nós, com o coração traspassado de dor, acompanhá-mos a mais sentida prece que jamais subiu da terra ao céo.

Levantámo-nos alliviados; mas torturava-nos a alma a insciencia do que se dera ou ia dar-se com aquelle grande espirito, que tão caro nos era.

Mãe Marta nada mais nos disse, nem então, nem depois, como se tivesse esgotado de vez sua mediumnidade.

Ficámos quasi nas condições dos troyanos, a quem o sublime mantiano empres-tou estas expressivas palavras:

dualmente, a via que lhes é indicada para progredirem, attrahem os espiritos bons, sympathicos ás suas boas tendencias, aos seus bons sentimentos, ás suas boas inclinações.»

«Para o espirito conservado puro até que tenha chegado á perfeição, como para aquelle que falliu, e até que tenha chegado a essa perfeição, os fluidos do perispírito, sob a influencia attractiva dos fluidos, variam, de um modo incessante, para seguirem, em sua marcha progressiva, o espirito que revestem e que assimila os que estão mais em relação, — segundo a natureza de suas tendencias e o estado de seu progresso, — com a sua intelligencia e suas necessidades espirituas.»

«Quanto mais inferior é o espirito, tanto mais opacos e pesados são os fluidos do perispírito; na natureza do perispírito entram mais ou menos puros, segundo o espirito é mais ou menos elevado.»

«Assim os corpos fluidicos que constitue o perispírito, são mais ou menos fluidos, mais ou menos densos, segundo a elevação do espirito encerrado *nessa materia*, porque *para o espirito é materia*.»

«Para o espirito que falliu, como para aquelle que permaneceu puro, o perispírito se modifica forçosamente, segundo as phases da existencia e das provações.»

«Não é senão, e então somente, quando elle chegou á perfeição, que modifica VOLUNTARIAMENTE o seu perispírito, segundo as necessidades do momento, as regiões que tem de percorrer, as missões que lhe são confiadas pelo Senhor, permanecendo, porém, *a mesma a essencia purificada* do perispírito.»

«Entre os espiritos que fallem, ha os que, no decurso do seu desenvolvimento e, ás vezes, quasi em seu principio, abusam, com obstinação, do seu livre arbitrio, são obstinadamente orgulhosos, presumposos, invejosos, obstinadamente indocéis e rebeldes a seus guias, e se revoltam.»

«Esses espiritos presumposos e revoltados, que falliram no ponto de serem relegados ás condições mais materiaes da humanidade, são ENTÃO *humanizados*, isto é, incarnados nas terras primitivas, para serem domados e progredirem, sob a compressão da carne, n'essas terras primitivas, virgens ainda de toda appareição do homem, mas *preparadas e promptas* para essa appareição;

«Una salus victis: nullam sperare salutem.» Aos miseros vencidos, só um recurso: nada mais terem que esperar.

De facto, o que esperarmos, nós que vimos o pobre Martin fraquear diante do que nada era, comparado com aquelle golpe sem par, para uma alma como a sua?

Todas as noites nos reuniamos, para orar por elle, esperando, sempre e sempre em vão, uma palavra, por mãe Martha, que nos tirasse da duvida afflictiva, em que nos achavamos.

Aquelle silencio, que já se prolongava por tres mezes, e a falta de cartas de Martin, geraram em nosso espirito a convicção de que tudo estava acabado, e acabado desastrosamente.

Se assim não fora, os nossos amigos do espaço correriam a dar-nos a boa nova.

Era este o nosso pensar, e, n'elle engolhados, esquecíamos que o facto podia ser devido á perda da mediumnidade da mãe Martha, donde a impossibilidade da comunicação com os espiritos.

E razão havia para tal hypothese, visto como a boa velha teve da ultima vez a consciencia de tudo o que disse, coisa que nunca antes lhe fôra dada.

Logo, houve alteração em sua faculdade mediumnica.

Não ter Martin escripto, comquanto o caso fosse excepcional, não era coisa de causar-nos estranheza, conhecendo nós seu inveterado habito a tal respeito.

— Dir-nos-ha o que houve, quando vier, disse eu.

— Quando vier! exclamou Julio. Esperas acaso vel-o ainda? Não te lembras do que nos disse o espirito sobre passar por seu pensamento a idéa do suicidio? Martin poz fim a seus dias, Max, e é por isso que não nos escreve, e é por isso que nada nos vem do espaço.

Esta convicção gravou-se-nos no animo, e levava-nos a concluir: eis porque se diz que o casamento se talha no céo, bem como a mortalha.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

FOLHETIM

(41)

CASAMENTO E MORTALHA

POR

MAX

PRIMEIRA PARTE

XLI

Eu via muitas vezes a bella Elisa fulgurando no theatro, e nunca pude forrar-me ao pungir de acerba dor, vendo-a sempre rodeada de gente canalha.

— Eis um anjo cahido! Nasceu em dourado berço, e marcha por onde a mulher perdida acaba n'uma enxerga, tendo tido apenas alguns minutos de borboletear pelas flores da vida. Nasceu na alta sociedade, e eil-a a descabir das alturas, até chegar, perdidas as graças do corpo pela perversão da alma, ás mais despreziveis camadas da sociedade. A scena biblica do anjo decahido, pensava eu áquella vista, não é senão isto, e isto se repete na terra, em todo tempo e em toda parte. O anjo é o espirito humano creado para a perfeição; a queda é a transgressão das leis de Deus. Uns observam religiosamente aquelles leis e á sua sombra e á sua luz, atravessam o deserto das vidas, e chegam á terra da promissão. — São os anjos fieis. Outros se embrenham pelos desvios, attribuem-se o poder e o saber, esquecem, até negar, aquelle que os tirou do nada e lhes deu o ser; não pensam senão em gozar materialmente a vida, sem se lembrarem do *lendemain de la mort*, e apodrecem moralmente, e acabam na podridão. — São os anjos cahidos ou rebeldes.

No seio da propria humanidade, nas scenas de sua elevação e de sua degradação, é que o autor biblico tomou o tipo de sua lenda, impossivel, tratando-se de seres creados perfeitos; porque seria preciso, para que tal se desse, que não fosse o Creador infinitamente intelligente e poderoso,

são incarnados mais em substancias humanas do que em corpos, — substancias, cujos elementos estão espalhados na immensidade, no meio do planeta onde a incarnação deve-se operar, e são reunidos pela acção dos espiritos prepostos, — substancias chamadas a progredir e a se desenvolver pela procreação, segundo as condições estabelecidas para a execução da lei natural, immutável, em semelhante caso, de reprodução.

« O espirito, revestido do seu perispírito, atrai, como o iman atrai o ferro, e sob a direcção e a vigilância dos espiritos prepostos, esses elementos destinados a formar o seu involucro material; é ainda isso o resultado de uma atracção magnetica, prevista e regulada pelas leis naturaes e immutáveis, e que é uma de suas applicações. »

« Depois da queda e antes da incarnação, o espirito tem constituido o perispírito por suas tendencias naturaes; os fluidos que se assimilou, conservam a sua influencia; durante a incarnação, esses fluidos mudam de natureza, seguindo sempre os progressos ou as faltas do espirito: cada incarnação que traz um melhoramento no estado moral, traz igualmente um melhoramento nos fluidos que constituem o perispírito; é, para nos servirmos d'uma comparação humana, a filha do povo deixando os grosseiros vestidos que a cobrem, para revestir os elegantes e leves adornos da desposada. »

« Para o espirito humano, como para a essencia espiritual ou espirito em formação nos reinos mineral, vegetal e animal, a materia que elle auxilia o seu desenvolvimento. »

« Entre os espiritos que fallem, ha-os que não fallem senão depois de ter sido, por muito tempo e durante seculos, dozeis aos espiritos que são encarregados de os conduzir e desenvolver, e de terem seguido até um grau mais ou menos adiantado de desenvolvimento moral e intellectual, simples e gradualmente, a via que lhes estava indicada para progredir; são incarnados em planetas mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, segundo o grau de culpabilidade, para nelles soffrerem uma incarnação mais ou menos material, mais ou menos fluidica, nas condições apropriadas e proporcionadas á falta commettida e ás necessidades de progresso em relação com a elevação do espirito. »

« Na immensidade, no infinito e na eternidade, por uma progressão continua, Deus, do mesmo modo que tem creado, cria e creará essencias espirituales, espiritos, — tem creado, cria e creará mundos para servirem ás incarnações apropriadas aos espiritos que falliram, que fallem e que fallirão, — terras primitivas, mundos materiaes mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, mais ou menos superiores uns aos outros, cada vez mais fluidicos, até esses planetas fluidicos mais puros, que podem chamar mundo celestes, divinos, que só os puros espiritos podem abordar. »

(Continúa.)

O SPIRITISMO ANTE A SCIENCIA

POR

Gabriel Delanne

QUINTA PARTE

CAPITULO III

MEDIUMIDADES SENSORIAS — MEDIUNS VIDENTES E MEDIUNS AUDITIVOS

Photographia spirita

Estamos em presença de um phenomeno que suscitou muitas discussões e deu lugar a um processo celebre em 1875. Os jornaes de importancia, em geral adversarios declarados dos factos spiritas, não deixaram de aproveitar essa occasião para ridicularizar a nossa doutrina e seus defensores.

Apezar das allegações de mais de 140 testemunhas que affirmaram, sob palavra de honra, ter reconhecido pessoas mortas de sua familia e cuja photographia se obteve, aproveitaram a má fé do medium Buguet para fazer acreditar ao

publico que não havia n'essas produções, por um lado senão embuste, e por outro, credulidade e estupidez.

E' incontestavel que Buguet abusou da boa fé das pessoas que tinham confiança na sua honestidade; os manequins encontrados em sua casa o provam demais; não deixa, porém, de ser verdade que, quando elle principiou, era verdadeiramente medium. Quando se vêem pessoas tão serias como os Srs. Royard, chimico, Tremeschine, engenheiro, a condessa de Caithness, o conde de Pomar, o príncipe de Wittgenstein, o duque de Leuchtemberg, o conde Bullet, o coronel Devollet, o Sr. O. Siellivan, ministro dos Estados-Unidos, o Sr. de Tureq, consul, etc., etc., jurarem que reconheceram espiritos que eram a reprodução exacta da physionomia dos seus parentes ou amigos fallecidos, é preciso ser cego para duvidar da realidade das manifestações.

No entretanto os juizes não hesitaram em condemnar o Sr. Leymarie, gerente da Sociedade Spirita, a um anno de prisão e 500 francos de multa, porque esperavam attingir n'elle o spiritismo, doutrina que affecta profundamente o clero, para que não sinta a sua acção na penalidade infligida a quem representava o spiritismo francez.

Sobre esse assumpto pensamos como Eugène Nus, e diremos com elle:

« Nesta especie de causas, e em certas outras, desconfio do tribunal quasi tanto como do accusado. Se ha neste mundo intrigantes, charlatães, impostores, inimigos da propriedade, da religião, da sciencia e da familia, ha tambem sobre as curvas, de gorros vermelhos ou pretos, homens que de inteira boa fé prestam serviços, acreditando lavar sentenças. Estou convencido de que em França, antes de tudo, e em algumas regiões do mundo civilizado, a justiça está em progresso sobre as idades anteriores. Estou perfeitamente certo de que os nossos juizes poriam na rua, e talvez em Mazas, o gaiato bastante pétulante que lhes propuzesse, não importa por que preço, uma ordem de soltura em favor de um tratante. Não duvido um instante de que o mais pobre e o menos pago dos nossos magistrados não repellisse com indignação as offertas de um Artaxerxes advogando para roubar a fortuna de outrem; mas desde que entram em jogo as prevenções, as paixões politicas, religiosas, mesmo scientificas, creio firmemente que não ha mais juizes, mesmo em Berlim. »

Se tivemos de soffrer pela condemnação pronunciada contra nós, é que nos desviámos da via traçada pelo mestre Allan Kardec. Este innovador era contrario á retribuição dos mediuns e tinha para isso excellentes razões. Na sua época, os irmãos Davenport tinham feito falar muito de si, mas, como ganhavam bastante dinheiro para dar seus passes, Allan Kardec prudentemente conservou-se á parte, e fez bem, porque depois do escandalo que obrigou esses industriais a sahir da França, elle pôde continuar a ensinar o spiritismo, sem ser attingido pelo desretrato d'esses americanos fantasistas. Eis as normas traçadas pelo mestre no *Livro dos mediuns*:

« Como tudo pode tornar-se um motivo de exploração, não haveria nada de admiravel em que se quizesse tambem explorar os espiritos: resta saber como fariam a coisa, se uma especulação tentasse introduzir-se. Diremos antes de tudo que nada se prestaria mais ao charlatanismo e ao embuste do que semelhante officio. Se se vêem falsos somnambulos, ver-se-hia muito mais ainda falsos mediuns, e só esta razão seria um motivo fundado de desconfiança. O *desinteresse*, ao contrario, é a resposta mais peremptoria que se pode oppor aos que não vêem nos factos senão uma habil manobra. Não ha charlatanismo desinteressado; qual seria, portanto, o fim das pessoas que usassem do embuste sem proveito, com mais forte razão quando sua honra notoria os colloca acinza de toda suspeita? »

« Se o lucro que um medium aufera da sua faculdade pode ser motivo de suspei-

ta, não é uma prova para ser fundada essa suspeita; elle pode ter aptidão real e agir de boa fé, embora fazendo-se pagar. Vejamos se n'esse caso pode se esperar resultado satisfatorio.

« Se bem comprehendido ficou o que dissemos das condições requeridas para servir de intermediario aos espiritos, das causas numerosas que podem afastal-os, das circumstancias independentes da sua vontade, que são muitas vezes obstaculos á sua vinda, enfim de todas as condições moraes que podem exercer uma influencia sobre a natureza das communicações, como se poderia suppor que um espirito, por muito pouco elevado que fosse, estivesse, a toda hora do dia, ás ordens de um empreiteiro de sessões e submettido a essas exigencias para satisfazer a curiosidade do primeiro que chegasse? Sabe-se a aversão dos espiritos por tudo o que cheire á cupidez e egoismo, o pouco caso que fazem das coisas materiaes, e queriam que elles ajudassem a traficar com sua presença? Isso repugna ao pensamento, e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo spirita para que assim pudesse ser. Mas como os espiritos levianos são menos escrupulosos, e não procuram senão occasiões para se divertirem á nossa custa, d'ahi resulta que, se não se é mystificado por um falso medium, tem-se todas as probabilidades de o ser por um d'elles. Estas unicas reflexões dão a medida do grau de confiança que se deveria conceder a communicações d'esse genero. Alem d'isso, de que serviriam hoje mediuns pagos, pois que, se não se tem essa faculdade, pode-se encontral-a na familia, entre os seus amigos ou conhecidos? »

« Os mediuns interesseiros não são unicamente os que poderiam exigir uma retribuição fixa; o interesse não se traduz sempre pela esperança de um ganho material, e sim tambem por vistas ambiciosas de toda natureza, sobre as quaes se podem fundar esperanças pessoas; é ainda um empecilho que os espiritos zombeteiros conhecem muito bem e de que se aproveitam com uma destreza e sagacidade verdadeiramente incriveis, alincentando illusões enganadoras nos que se collocam assim sob sua dependencia. Em resumo, a mediumnidade é uma faculdade concedida para fazer o bem, e os bons espiritos se afastam dos que pretendem fazer d'ella um degrau para chegar seja ao que for que não corresponda ás vistas da Providencia. O egoismo é a chaga da sociedade; os bons espiritos o combatem, e não se pode suppor que o venham servir. Isto é tão racional que seria inutil insistir sobre esse ponto.

« Os mediuns de effeitos physicos não estão na mesma categoria; esses effeitos são geralmente produzidos por espiritos inferiores menos escrupulosos. Não dizemos que esses espiritos sejam necessariamente maus por isso: pode-se ser mariola e homem honesto; um medium que quizesse explorar sua faculdade, poderia encontrar quem o assistisse sem muita repugnancia, mas ali ainda se apresenta um outro inconveniente. O medium de effeitos physicos, como o de communicações intelligentes, não recebeu sua faculdade como instrumento de prazer; ella lhe foi dada para que d'ella fizesse um bom uso, e, se elle abusa, pode lhe ser retirada ou voltar-se então em seu prejuizo, porque, definitivamente, os espiritos inferiores estão ás ordens dos espiritos superiores.

« Os espiritos inferiores gostam de mystificar, mas não gostam de ser mystificados; se se prestam voluntariamente á brincadeira, á curiosidade, porque apreciam o divertimento, não gostam, tanto como os outros, de ser explorados e servir de compadres para augmentar a receita, e provam a cada instante que têm vontade, que agem quando e como bem lhes parece, o que faz com que o medium de effeitos mecanicos esteja menos seguro da regularidade das manifestações do que o medium escrevente. Pretender produzi-las, em dia e hora fixa, seria dar prova da mais profunda ignorancia.

« Que fazer então para ganhar dinheiro? Simular os phenomenos; é o que se pode dar, não só com os que disso façam profissão, como mesmo com os *simples em apparencia*, que acham esse meio mais facil e mais commodo do que trabalhar. Se o espirito não dá, suppre-se. A imaginação é tão fecunda quando se trata de ganhar dinheiro! O interesse, sendo um legitimo motivo de suspeita, dá direito a *exame rigoroso*, de que não se poderiam offender sem *legitimamente as suspeitas*. Mas tanto a suspeita é legitima n'esse caso, quanto offensiva para com pessoas honradas e desinteressadas.

« A faculdade mediumnica, mesmo restricta ao limite das manifestações physicas, não foi dada para ostentação em theatros de feira, e quem pretendesse ter espiritos ás suas ordens para exhibil-os em publico, deveria com justiça ser suspeito de charlatanismo ou prestidigitador mais ou menos habil. Que se tenha isso bem assentado, todas as vezes que forem annunciadas pretendidas sessões de spiritismo ou espiritalismo a tanto por logar, e que se lembrem do direito que se compra entrando.

« De tudo o que precede concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o charlatanismo; se não assegura a excellencia das communicações intelligentes, tira aos maus espiritos um poderoso meio de acção, tapando a boca a certos detractores.

(Continúa.)

LIVROS SPIRITAS

Vendem-se na livraria da Federação Spirita Brasileira, á rua do Rosário, n. 141, sobrado:

O LIVRO DOS ESPIRITOS, por Allan Kardec, encad. (peso 600 grams.)	5\$000
O LIVRO DOS MEDIUNS, por Allan Kardec, encad. (600 grams.)	5\$000
O EVANGELHO SEGUNDO O SPIRITISMO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.)	5\$000
O CÉU E O INFERNO, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.)	5\$000
A GENESE, por Allan Kardec, encadernado (600 grams.)	5\$000
OBRAS POSTUMAS, de Allan Kardec, brochura	3\$500
O QUE É O SPIRITISMO e NOÇÕES ELEMENTARES DO SPIRITISMO, por Allan Kardec, brochura (150 grams.)	2\$000
PRECES DO EVANGELHO, por Allan Kardec, brochura (50 grams.)	1\$000
DEPOIS DA MORTE, por Léon Denis, brochura (500 grams.)	3\$500
IDEM, cartonado (550 grams.)	4\$000
O PORQUE DA VIDA, por Léon Denis, seguido das CARTAS DE LAVATER, de um CATHECISMO SPIRITA e de um METHODO PARA INVESTIGAÇÕES SPIRITAS, brochura (150 grams.)	1\$500
GIOYANNA, bello e captivante romance spirita, por Léon Denis (folheto)	\$500
MIRETTA, romance spirita, por Elia Sauvage, cartonado (300 grams.)	3\$000
SPIRITISMO, estudos philosophicos, por Max, brochura (300 grams.)	2\$000
LE PROFESSEUR LOMEROS ET LE SPIRITISME, analyse feita no Reformador sobre as experiencias do professor Lomeros, brochura (150 gram.)	1\$000
DERNIERS JOURS D'UN PHILOSOPHE, por Sir Humphry Davy, traducção franceza de C. Flammarion	6\$000
LES FILS DE DIEU, por F. Jaccoliot	10\$000
LE LENDEMAIN DE LA MORT, por Louis Figuier	5\$000
AS MANIFESTAÇÕES DO SENTIMENTO RELIGIOSO ATRAVEZ DOS TEMPOS, pelo Marechal Everton Quadros, (150 grams.)	2\$000
OS ASTROS, Estudos da Crenção, pelo Marechal Everton Quadros, brochura (200 grams.)	2\$000
DIALOGOS SPIRITAS, brochura (150 grams.)	\$300
LA CASA EMBRUJADA, por Luz del Alma, brochura (150 grams.)	1\$000
EL NINO EXPOSITO, por Luz del Alma, brochura (150 grams.)	1\$000
FACTOS SPIRITAS OBSERVADOS POR CROOKES E OUTROS SABIOS, brochura (200 grams.)	3\$000
DEUS NA NATUREZA, por C. Flammarion, encadernado (700 grms.)	6\$000
PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.)	6\$000
OS MUNDOS IMAGINARIOS E OS MUNDOS REAES, por C. Flammarion, encadernado (700 grams.)	5\$000
URANIA, por C. Flammarion, encadernado (400 grams.)	3\$000
LUMEN, por C. Flammarion, encadernado (600 grams.)	5\$000
A CASA DE DEUS, por Julio Cesar Leal, brochura (200 grams.)	3\$000
O SPIRITISMO EM SYNTHESE, por Frederico Joffré, brochura (200 grams.)	2\$000
COLLECÇÕES ANUAES DO Reformador, desde 1887 a 1896, cada anno (450 grams.)	3\$000

Remessas de livros pelo correio pagam o porte de 20 rs. por 50 grams, além de 200 rs. para registro de pacotes até 2 kilos.

Os pedidos devem ser dirigidos a João Lourenço de Souza.